

Adriano Luiz Duarte

organização

# Literatura e Política no Estado Novo

Os concursos literários promovidos pelo  
Ministério do Trabalho, Indústria e  
Comércio em 1942 e 1944



editora ufsc

LITERATURA E POLÍTICA NO  
**ESTADO NOVO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

*Ubaldo Cesar Balthazar*

Vice-Reitora

*Alacoque Lorenzini Erdmann*

EDITORA DA UFSC

Diretora Executiva

*Gleisy Regina Bóries Fachin*

Conselho Editorial

*Gleisy Regina Bóries Fachin* (Presidente)

*Adriano Luiz Duarte*

*Aguinaldo Roberto Pinto*

*Carlos Luiz Cardoso*

*Eliete Cibele Cipriano Vaz*

*Ione Ribeiro Valle*

*Gestine Cássia Trindade*

*José Paulo Speck Pereira*

*Josimari Telino de Lacerda*

*Katia Jakovljevic Pudla Wagner*

*Luana Renostro Heinen*

*Luis Alberto Gómez*

*Mauri Furlan*

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88040-900 – Florianópolis-SC

Fone: (48) 3721-9408

[editora@contato.ufsc.br](mailto:editora@contato.ufsc.br)

[www.editora.ufsc.br](http://www.editora.ufsc.br)

Adriano Luiz Duarte  
organização

# LITERATURA E POLÍTICA NO ESTADO NOVO

Os concursos literários promovidos pelo  
Ministério do Trabalho, Indústria e  
Comércio em 1942 e 1944

Contém as seguintes obras:

*Pedro Maneta* (1942), de Paulo Lício Rizzo  
*Julho, 10!* (1942), de Leda Maria de Albuquerque  
e Maria Luisa Castelo Branco  
*Fundição* (1944), de Leão Machado

© 2019 Editora da UFSC

Coordenação editorial:

*Flavia Vicenzi*

Capa:

*Alicia da Costa Edwirges*

Editoração:

*Lais Tomaselli Krause*

*Alicia da Costa Edwirges*

Revisão:

*José Renato de Faria*

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

---

L776

Literatura e política no Estado Novo [recurso eletrônico] : os concursos literários promovidos pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio em 1942 e 1944 / Adriano Luiz Duarte, organização. – Dados eletrônicos. – Florianópolis : Editora da UFSC, 2019.  
466 p.

Contém as seguintes obras: Pedro Maneta (1942) de Paulo Lício Rizzo, Julho,10! (1942) de Leda Maria de Albuquerque e Maria Luisa Castelo Branco, Fundação (1944) de Leão Machado.

Inclui bibliografia

E-book (PDF)

Disponível em: <<http://editora.ufsc.br/estante-aberta/>>

ISBN 978-85-328-0837-0

1. Literatura – Brasil. 2. História – Brasil. 3. Política – História – Brasil.

I. Duarte, Adriano Luiz.

CDU: 82(81)(091)

---

Ficha técnica elaborada por Jonathas Troglio – CRB 14/1093



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

[br.creativecommons.org](http://br.creativecommons.org)

# SUMÁRIO

- 6 Chafurdando na ideologia
- 13 Nota do organizador
- 15 Texto e contexto dos concursos literários promovidos pelo MTIC em 1942 e 1944
- 109 **PEDRO MANETA**  
Paulo Lício Rizzo
- 267 **JULHO,10!**  
Leda Maria de Albuquerque  
e Maria Luisa Castelo Branco
- 310 **FUNDIÇÃO**  
Leão Machado
- 463 Anexos
- 466 Sobre o organizador

# CHAFURDANDO NA IDEOLOGIA

*Os governos trabalhistas brasileiros, neste começo do terceiro milênio da Era Comum, têm o orgulho de apresentar estes dois romances e esta peça de teatro, obras destinadas a exaltar a vida dos trabalhadores modernos. Flagrados em seu cotidiano, na fábrica e em casa, nas turmas de companheiros ou em família, eles são apresentados aqui em sua humanidade, que sai grandemente beneficiada pelas medidas governamentais recentes. A vida nas progressistas cidades brasileiras vai retratada de forma positiva no trabalho dos jovens autores premiados. Tendo agora reconhecidos os direitos a que faziam jus, os trabalhadores do Brasil terão melhores condições para construir o país que queremos e que todos merecem.*

*Salve a literatura trabalhista brasileira! Salve o governo que patrocina a nova literatura operária brasileira!*

Calma: os dois parágrafos acima e as situações mencionadas são ficção, fruto apenas da imaginação. Os governos reformistas que de fato ocuparam o poder federal no Brasil nos anos 2000 iniciais não patrocinaram dois romances e uma peça de teatro. Poderão ter tido iniciativas semelhantes, custeando festivais de arte que se destinavam a entreter aquilo que uma vez se chamou de classe operária. Mas não organizaram concursos literários destinados especificamente a premiar narrativas e obras teatrais que, ao contar alguma história, fizessem o elogio de ações governamentais, nem mesmo aquelas que reconheceram direitos aos trabalhadores.

Mas um processo bem assim aconteceu. Não, não estamos falando da União Soviética, no processo de ascensão do chamado Realismo Socialista, nem da Alemanha nazista; isso aconteceu no Brasil de Getúlio Vargas.

É desse tempo, desse fenômeno que se ocupa o presente livro.

Em 1942 e 1944, o então Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio resolveu instituir prêmios para “romances e comédias para operários”, tendo no horizonte a “elevação cultural dos trabalhadores do Brasil através de uma ação educadora e de uma assistência intelectual”. Oferecendo prêmios substantivos em dinheiro e tendo no corpo de jurados, além do ministro mesmo (o advogado Alexandre Marcondes Filho), dois escritores indicados pela Academia Brasileira de Letras, dois jornalistas indicados pela Associação Brasileira de Imprensa, dois representantes do Sindicato Nacional de Empresas Editoras e Publicações Culturais e, ainda, dois escritores representantes da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – estávamos no Estado Novo com sua política corporativista, tempo e situação em que a representação pelas categorias profissionais correspondia ao ideal –, os concursos resultaram na escolha dos três textos que aqui se reproduzem.

No ano de 1942, foram escolhidos o romance *Pedro Maneta*, do jovem paulista (de Campinas) Paulo Lício Rizzo, e a comédia *Julho, 10!*, das também jovens, mas cariocas, Leda Maria de Albuquerque e Maria Luisa Castelo Branco. Já no ano de 1944, apenas um romance foi premiado, *Fundição*, de Leão de Sales Machado, nascido em Itápolis, SP.

Acompanha o texto integral dos dois romances e da comédia um estudo acurado de Adriano Duarte, professor de História na UFSC e pesquisador do mundo do trabalho no Brasil, que dedicou parte de sua carreira justamente a entender os sentidos envolvidos no processo todo, de sua formulação política até a representação literária. Um espetáculo de trabalho acadêmico bem concebido e desenvolvido adequadamente, que agora encontra a forma do livro e assim devolve à circulação, com um ótimo aparato crítico, esses três objetos estéticos em que arte e ideologia se encontram às claras.

É claro que arte e ideologia sempre têm encontro marcado na realização de qualquer objeto estético. São muito variadas as circunstâncias e os graus desse encontro rotineiro. Pode haver trombadas, pode haver carícias recíprocas, pode haver rechaço, pode haver confluência. Pode resultar arte com alguma capacidade de transcender as condições de concepção e produção, assim como pode se dar o contrário, quer dizer, pode surgir arte que mergulha na irrelevância na primeira esquina do curso da história.



O leitor poderá lembrar uma série de casos, dos mais extremos aos mais delicados, em tempos mais remotos, como a Idade Média cristã, ou em momentos mais recentes, como ocorreu na Europa do século passado.

A cineasta Leni Riefenstahl, talentosa diretora do cinema alemão que colocou sua verve a serviço da divulgação do nazismo, é um caso conhecido de confluência entre arte, ideologia e poder assassino. O realismo socialista soviético também pode ser lembrado como um caso em que os mesmos ingredientes se encontraram; sirva de exemplo o caso de Vladimir Maiakósvki, entusiasta da revolução soviética, em favor da qual lutou com as armas de sua poesia, mas contra a qual se posicionou quando a censura comunista começou a atuar – seu suicídio depõe historicamente a seu favor nessa luta entre arte e política, essas duas dimensões da ação humana que o século 20 viu incontáveis vezes em choques estrondosos.

O Brasil viveu um turbilhão assemelhado. Também por aqui presenciamos cenas de confronto e de convergência entre a prática artística e o mundo do poder. Deixemos de lado o mundo da Guerra Fria, que se estendeu entre o final da Segunda Guerra (1945) e talvez a Queda do Muro de Berlim (1989); fixemos a atenção naquele tempo que engloba as duas guerras, aqueles escassíssimos trinta anos que vão de 1914 a 1945 e que definiram o rumo do Ocidente moderno.

Neste tempo houve no Brasil fenômenos de largo impacto, justamente porque pagaram para ver, no jogo entre arte e ideologia. O mais vistoso desses fenômenos, aquele de maior cartaz nos manuais de história da literatura, mas de muito menor alcance social, foi o Modernismo paulistano, com epicentro na mitológica (e descabidamente supervalorizada) Semana de Arte Moderna. O outro fenômeno é o da literatura engajada, dos anos 1930 e 1940, muito mais sólido em matéria de realização formal, como se vê na obra de Graciliano Ramos ou de Carlos Drummond de Andrade, exemplarmente.

Há incontáveis aspectos a considerar nessa fatia da experiência brasileira, como se pode ler em muitos estudos – para ficar em apenas um caso, veja-se a precisa descrição e os ótimos comentários do chamado “romance proletário” por Luís Bueno, em *Uma história do romance de 30* (livro de 2006).

Em resumo ultrabreve da questão, pode-se dizer que muito da vanguarda modernista paulistana envelheceu mal justamente pelo desbragado envolvimento ideológico nas pendengas imediatas daquele tempo – relembremos os excessos cometidos por Mário de Andrade em seu combate à hegemonia parnasiana na poesia –, ao passo que um romance como *Vidas secas* ou um livro de poesias como *A rosa do povo* sobrepujaram as constrações ideológicas vigentes em sua concepção e em sua produção, continuando a convocar leitores até hoje.

Como explicar o mistério da relativa morte do primeiro caso e a impressionante sobrevida dos outros dois? Não se trata de coisa simples. Uma fórmula corrente diz que justamente quando as intenções políticas e a matriz ideológica são superadas pelo resultado estético é que as obras sobrevivem: nós lemos o romance de Graciliano e os poemas de Drummond não *por causa* do que ia no ânimo e na mentalidade dos dois autores, mas de certa forma *apesar* disso. Talvez não esteja aqui toda a explicação, mas é este o caminho da discussão, parece.

Aqui chegamos ao ponto que interessa para encaminhar a apresentação desta publicação. Os dois romances aqui reproduzidos, bem como a peça de teatro, foram escritos e premiados no contexto exato do mundo mental que engendrou o nazismo e o comunismo soviético, em sua face brasileira: o tempo autoritário de Vargas, no Estado Novo. Interessava ao poder divulgar os feitos do regime; e este regime, numa dessas dialéticas incômodas para as visões lineares da história, havia de fato reconhecido direitos aos trabalhadores – auxílio e pensão na doença e na velhice, para dar apenas o exemplo diretamente abordado nos romances e na peça de teatro premiados –, enquanto reprimia sindicatos não tutelados e os partidos de esquerda internacionalista.

*Pedro Maneta* já no título conta a história de um operário que se feriu no serviço; *Fundição* também vai apresentar o cotidiano de uma fábrica moderna; a comédia *Julho, 10!*, sem ser exatamente uma comédia (e certamente não uma comédia de costumes), também se passa basicamente numa fábrica. Nos três casos teremos notícia da impressionante presença de imigrantes, sejam os europeus e os brasileiros do interior, sejam abnegados e conformistas ou revoltados,

tanto no cenário do trabalho quanto na vila operária e no bairro correspondente, tudo apresentado com vistas a confluir em desfechos narrativos pró-regime.

(E tudo vem narrado segundo enfoques possíveis no contexto, em estilos convencionais e serenos – mas em *Pedro Maneta* há uma notável mudança de ponto de vista, que passa da voz de um narrador externo, em terceira pessoa, para a de um narrador testemunhal, em primeira pessoa, quando o protagonista começa a escrever sua vida em um diário, que é o texto que lemos de certa altura em diante, justamente o capítulo intitulado “Eu sou Pedro Maneta”. Trata-se de uma mudança que o romance apresenta como fruto da tomada de consciência do personagem, antes uma espécie de fantoche do destino e, a partir daquele ponto, um sujeito decidido a tomar sua vida nas próprias mãos: de alguma forma – amplamente problemática, mas expressiva à sua maneira – o romance quis representar na forma do narrado uma alteração da percepção, atitude que não deixa de ter seu quê de vanguardista, num conjunto que é no fim das contas conformista.)

Um juízo sumário dirá que se trata, pura e simplesmente, de literatura menor, trivial, perecível como toda obra que submerge na água da ideologia. Sim, é disso que se trata. Mas há mais que essa dimensão. Dada a suficiente distância histórica entre nós e o contexto em que foram produzidos os textos, muito do que ali se lê tem um ar algo idílico – a simples força da indústria no Brasil dos anos 1930, por exemplo, vem envolta numa aura de passado remoto um tanto respeitável, para o leitor atual, que vive no ambiente globalizado e digitalizado que hoje desemprega talvez como nunca antes.

Por outro lado, o que dizer de um concurso que visava à celebração do regime varguista premiando duas formas artísticas como o romance e a comédia teatral, que hoje parecem coisa apenas disponível para as classes confortáveis e letradas, nunca para os de baixo? A alguém ocorreria hoje bajular o poder com romances ou comédias para teatro?

O mundo de 1940, lembremos, era não apenas anterior ao computador pessoal e à internet, mas anterior também à televisão, que reinventou o Brasil, homogeneizando, abolindo diferenças culturais, subordinando, numa experiência que foi, antes de tudo, antiletrada. Claro, isso ocorreu não só no Brasil, mas especialmente no Brasil, país que

naquela altura não tinha nem remotamente enfrentado o analfabetismo, nem a enorme distância dos pobres e até dos remediados em relação à escola regular. Como muitos haviam observado – entre eles Antonio Candido, em famoso artigo (“Literatura e subdesenvolvimento”, de 1970, que consta em *A educação pela noite*) –, a modernização acelerada e excludente ocorrida no Brasil de 1950 em diante bloqueou o acesso dos trabalhadores em geral ao mundo letrado, porque lhes sonegou o direito à educação, mesmo a mais elementar, e porque foi hegemônico pela telinha analfabeta e antiliterária.

Por isso tudo, a leitura das três obras reunidas e comentadas por Adriano Duarte nos leva a indagações talvez inesperadas, mas sempre relevantes, àquele tempo de Vargas. Afinal, que mundo era aquele? Como foi possível conceber peças literárias tão ingênuas ao tratar da vida daquela gente? Que sonhos e que utopias prosperavam à sombra dos prêmios concebidos no âmbito autoritário do varguismo do Estado Novo? Como era de fato sobreviver num tempo em que não se pagava salário quando o operário ficava doente em função do próprio trabalho?

Mas em seguida alteramos o sentido e perguntamos sobre nosso tempo: e agora, como é a vida dos trabalhadores, na indústria fordista que ainda resta assim como nas condições muito mais precárias, do campo e da cidade, em plena era da uberização das profissões? E como se relacionam hoje as massas urbanas com os objetos artísticos letrados? A escola que temos oferece quais interpretações sobre as condições de nossa vida social real? Restará alguma ilusão de que a escola e a leitura podem emancipar os trabalhadores, contribuindo para que entendam melhor sua condição?

Sem dúvida, comparando os anos 1940 com esta segunda década do século 21, podemos constatar que a literatura e o teatro no Brasil se emanciparam de uma tutela direta do Estado. Basta ler a obra de escritores como Luiz Ruffato e Fernando Bonassi, ou Paulo Lins e Ferréz, ou os mais jovens Jessé Andarilho e Jeferson Tenório, isso sem falar de grupos de teatro de norte a sul do Brasil, para ver que a vida dos de baixo é objeto de arte de grande qualidade. Mas quem os lê? Sonham esses escritores com leitores entre os de baixo?

Enfim, será que aquela utopia de conciliação, que está nas linhas e nas entrelinhas do processo todo – o concurso do Ministério do

Trabalho, os textos vencedores aqui republicados, os leitores que tais obras terão tido até aqui –, aquela ilusão de integração social sobrevive? Tem condições de sobreviver? Devemos nós também acreditar em alguma forma de integração positiva, no quadro de crise social que vivemos?

São perguntas duras, que o trabalho de Adriano Duarte nos ajuda a dimensionar e responder, criticamente.

Luís Augusto Fischer

Professor Titular de Literatura Brasileira da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

# NOTA DO ORGANIZADOR

Descobri o livro *Pedro Maneta* por mero acaso quando ainda pesquisava para o doutorado, provavelmente em 1999, mas não me lembro exatamente como. Em primeiro lugar, o livro me chamou a atenção porque se abria com uma comparação entre os bairros do Brás e da Mooca na cidade de São Paulo, que era meu objeto de estudo. Li o livro e confesso que fiquei meio desconcertado com seu conteúdo, mas não tinha a menor ideia do que fazer com ele. Mais desconcertado fiquei ainda porque o livro fora premiado num concurso literário promovido pelo Estado Novo, em 1942. Não demorei muito a descobrir que o concurso se repetira em 1944. A literatura, naquele momento, me parecia uma fonte muito problemática.

O livro voltou para a estante e lá ficou, entregue à crítica impiedosa das traças. Terminado o doutoramento, em 2003, fui a Brasília, onde ficava uma parte importante do acervo do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC); meu objetivo era localizar os demais livros que haviam participado desse concurso. Na ocasião eu pensava em comparar os premiados com os não premiados, com o objetivo claro de ler o Estado Novo por meio do cotejamento entre os livros. No fim de 2004, salvo engano, descobri um professor na universidade que tinha o mesmo sobrenome do autor de *Pedro Maneta*. Sem qualquer expectativa, mandei uma mensagem perguntado se, por ter o mesmo nome do autor, talvez fosse algum parente distante. A resposta veio rapidamente e o professor me disse que o vencedor do concurso era seu pai.

Talvez isso seja o que se costuma chamar de encontro dos astros. Animado com a descoberta, ele me apresentou sua mãe, Dona Cecília Borges Rizzo, viúva de Paulo Lício, com quem fiz uma longa entrevista em janeiro de 2005. Transcrevi a entrevista e, alguns meses depois, ao entregá-la a Dona Cecília, aproveitei e a entrevistei novamente. Sabendo

que Paulo Lício, depois de se tornar pastor, fora estudar em Princeton e estando eu às voltas com um projeto de estudos nos EUA, juntei as duas pontas e refiz na América do Norte o seu percurso. Porém, o mais estimulante foi ter tido acesso à documentação do FBI sobre sua passagem pelos EUA.

Em 2009, quando voltei ao Brasil, concentrei meus esforços na tentativa de fazer contato com as outras duas autoras premiadas em 1942. Bibliografias, manuais de estudos literários, nada! Leda Maria de Albuquerque e Maria Luisa Castelo Branco pareciam ter sumido do mapa. Em 2010, descobri um estudo sobre teatro que dizia que ambas eram operárias. Com essa informação investi numa busca na Biblioteca e no Arquivo Nacional. Descobri que ambas eram, na verdade, estudantes de Direito quando foram premiadas, mas tudo indicava que depois dessa peça nenhuma delas se aventurou novamente pela arte. Em 2011 recebi um *e-mail* de Myrian Massarollo, que eu não conhecia e que havia lido um resumo de um texto que eu apresentara num evento acadêmico sobre o concurso. Quando liguei para Myrian, esta me contou que conhecia Leda Maria, que vivia no Rio de Janeiro, e que me apresentaria a ela.

Novamente, talvez isso seja o que se costuma chamar de encontro dos astros. Myrian me disse que Leda Maria já estava com mais de oitenta anos. Marcamos um encontro em São Paulo e de lá iríamos juntos para o Rio de Janeiro. Dois dias antes do nosso encontro, ela me ligou informando que Leda Maria havia falecido naquele dia. Definitivamente os astros não desceram à Terra! Leda Maria faleceu sem filhos e, doente há algum tempo, já havia se desfeito do seu acervo. Sobre Maria Luisa, infelizmente, nunca consegui nenhuma informação. Restava ainda procurar pelo vencedor do romance premiado em 1944: Leão Machado. Descobri que fora membro da Academia Paulista de Letras, mas lá ninguém tinha qualquer notícia sobre onde ou como encontrar sua família; a única notícia que tinham é que Leão Machado havia falecido, mas nem eles sabiam exatamente quando.

# TEXTO E CONTEXTO DOS CONCURSOS LITERÁRIOS PROMOVIDOS PELO MTIC EM 1942 E 1944

Ainda que seja possível, ao estudar o passado, isolar os aspectos específicos da vida como se fossem únicos e independentes, é óbvio que isso é apenas o modo em que podem ser estudados, não como foram vivenciados. Examinamos cada elemento como um precipitado, mas, na experiência vivida do tempo, cada elemento estava em solução, era uma parte inseparável de um todo complexo. E parece ser certo, pela natureza da arte, que o artista retrata essa totalidade, que é na arte, principalmente, que o efeito total da experiência vivida é incorporado e expresso.<sup>1</sup>

## OS CONCURSOS

Em 12 de fevereiro de 1942, a portaria nº 794, assinada pelo então ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, Alexandre Marcondes Filho, instituiu o “Concurso Nacional de Romance e Comédia para Operários”. Ao que tudo indica, essa foi a primeira vez que o MTIC promoveu um concurso literário, que se repetiria apenas em 1944.<sup>2</sup> A portaria definia:

O ministro do estado, considerando que entre os mais altos objetivos do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio está o da elevação cultural dos trabalhadores do Brasil através de uma ação educadora e de uma assistência intelectual; Que ao homem que luta nas fábricas e nas oficinas para o desenvolvimento das forças e riquezas do país,

---

<sup>1</sup> Williams, Raymond. *Drama from Ibsen to Brecht*. London: Hogarth Press, 1987. p. 18. Tradução minha.

<sup>2</sup> *Boletim do MTIC*, Rio de Janeiro, n. 91, p. 74-77, mar. 1942.



nunca ou raramente se dirigiram as manifestações literárias acentando-lhe às esperanças e refletindo seus ideais; Que será da mais inteira justiça acentuar, através de obras literárias e peças de teatro as altas qualidades de bondade, energia e inteligência do trabalhador brasileiro, bem como sua capacidade e seu idealismo; Que romance e comédia são dois veículos poderosos para a difusão das ideias e constituem, ao mesmo tempo, uma das mais nobres atividades nas horas de repouso e lazer; Que incumbe ao MTIC não só o equilíbrio social e o melhoramento das condições de trabalho, mas, ainda, o aperfeiçoamento cultural do trabalhador.

O concurso literário tinha uma intenção educadora e uma finalidade assistencial. Apresentava-se também como uma retribuição àqueles que “produziam as riquezas do país”, mas nunca teriam sido agraciados com as “manifestações culturais”. O concurso era pensado, claramente, com o objetivo de incrementar e intervir nas atividades de lazer dos operários, e nada mais adequado para a sua “elevação cultural” do que inseri-los no espaço do qual se supunha estarem ausentes: a literatura e o teatro. Desse modo, esperava-se dos concorrentes que fossem capazes de dar voz a esperanças e anseios dos trabalhadores brasileiros, debatendo suas ideias, divulgando seus valores, apreciando seus sentimentos, refletindo seus ideais e, assim, engrandecendo suas experiências. De forma inequívoca, a portaria ministerial esclarecia que não se tratava de enaltecer e apreciar quaisquer valores e ideias oriundas das classes trabalhadoras, mas apenas aqueles que enfatizassem a “bondade, energia, inteligência e idealismo”. À literatura e ao teatro cabia exprimir os valores da classe trabalhadora e servir-lhe como estímulo e incentivo na medida em que ressaltassem e dessem forma artística a suas esperanças e anseios. Os termos da portaria aludem a certo desamparo e à possibilidade da disseminação de ideias desorientadoras no meio operário, justificando a ação do Ministério. Há, também, o reconhecimento do estado de abandono cultural ao qual estariam relegadas as classes trabalhadoras, por isso o desejo de reverter esse desamparo com a difusão de ideias e valores – “bondade, energia e inteligência” – supostamente naturais, mas talvez adormecidos no trabalhador brasileiro. A escolha da literatura e do teatro como veículos para a difusão de ideias e valores apropriados parece ter sido

ponderada com cuidado, visando, ao mesmo tempo, moldar a cultura e intervir no lazer.

O concurso de romance e teatro deu início a uma série de promoções culturais e esportivas dirigidas aos trabalhadores que culminaram na criação, em setembro de 1943, do Serviço de Recreação Operária, que, dentre outras iniciativas, promoveu os concursos da canção e da cartilha do trabalhador, excursões, torneios de futebol e sessões de cinema.<sup>3</sup> Subordinado ao MTIC, e ligado à comissão de imposto sindical, o serviço de recreação, com recursos oriundos do imposto sindical, tinha a tarefa de unificar e ampliar as iniciativas culturais e esportivas dirigidas aos trabalhadores. O concurso de romance e teatro é, portanto, parte de uma série de ações que se desdobrariam até 1945 e que podem ser pensadas como componente fundamental daquilo que foi denominado “a invenção do trabalhismo”.<sup>4</sup> Nesse sentido, o concurso de romance e teatro (bem como todas as promoções culturais e esportivas do SRO) pode ser interpretado como a assunção de que a simples força da repressão e do controle direto estaria com seus dias contados.

Em dezembro de 1941, o advogado paulista Alexandre Marcondes Filho foi nomeado ministro do Trabalho, posto que ocupou até a deposição de Getúlio em outubro de 1945. Por um lado, a gestão Marcondes Filho representou o ápice do projeto estadonovista, com um forte empenho em definir e controlar os canais através dos quais seriam discutidos os problemas relacionados à organização da produção e do trabalho; por outro, os anos da guerra – e mais especificamente o envolvimento de todo o continente, a partir de dezembro de 1941 – evidenciaram os limites desse projeto e colocaram no horizonte o seu fim. É nesse contexto ambíguo que o empenho na promoção de atividades culturais e de lazer para os trabalhadores adquire pleno significado. É possível, inclusive, sugerir que entre 1941 e 1945 as promoções relativas aos trabalhadores e ao mundo do trabalho assumiram aspecto central na redefinição do

<sup>3</sup> Uma excelente descrição do funcionamento do SRO está em Bretas, Ângela. *Nem só de pão vive o homem: criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária, 1943-1945*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

<sup>4</sup> Gomes, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: Iuperj, 1988.

próprio regime. Isso está expresso na nomeação, do mesmo Marcondes Filho, em julho de 1942, para ocupar também o Ministério da Justiça, centralizando as duas pastas.

O concurso foi aberto para todos os interessados, escritores profissionais ou não. A linguagem deveria ser simples, para ser “acessível aos meios proletários”, mas com “alto padrão estético e educativo”. Os problemas abordados (para os quais o MTIC dispensou especial atenção na redação da portaria) deveriam ter um claro sentido construtivo de “sadio otimismo e animação das virtudes humanas”. Os escritores poderiam se inscrever em ambas as categorias: romance e teatro. Os originais datilografados seriam enviados em envelope lacrado e rubricado com um pseudônimo. Em outro envelope, também lacrado, estariam registrados o nome e o endereço do autor correspondente ao pseudônimo. Os originais seriam enviados para a sede do MTIC, no Rio de Janeiro, e seriam recebidos até 1º de setembro de 1942. Em seguida, seria iniciada a fase de avaliação dos trabalhos, para a qual o Ministério convidaria “nomes conhecidos da literatura, jornalismo e teatro e um representante dos sindicatos de empregados”. O romance vencedor – cujo resultado final seria divulgado em 10 de novembro, no quinto aniversário do Estado Novo – seria publicado em edição popular e distribuído para todos os sindicatos do território nacional. A peça de teatro, além da mesma distribuição impressa, seria montada por uma trupe contratada pelo Ministério e encenada em turnê pelo território nacional. Seriam impressos dez mil exemplares de um livro reunindo os vencedores nas duas categorias: romance e comédia; além destes, seriam impressos outros cem exemplares em papel *vergé*, sendo os dois primeiros marcados com as letras A e B e os noventa e oito restantes numerados de 1 a 98 e colocados fora de circulação – embora não se especifique sua destinação, supõe-se que tenham sido distribuídos pelo Ministério.<sup>5</sup>

Para cada categoria, romance e teatro, o concurso previa três prêmios: o primeiro lugar receberia 20:000\$000 (vinte contos de réis); o segundo e o terceiro, 5:000\$000 (cinco contos de réis) cada um. Além dos prêmios em dinheiro, haveria também três menções honrosas para cada categoria, cujos prêmios seriam medalhas de ouro. Todos os prêmios

---

<sup>5</sup> Essa informação encontra-se na contracapa de todos os exemplares postos em circulação.

receberam nomes que homenageavam os responsáveis pela construção e consolidação do Ministério do Trabalho. O primeiro prêmio, na categoria romance, recebeu o nome Getúlio Vargas; na categoria teatro, Darcy Vargas. Os segundos e terceiros prêmios seriam, respectivamente: Lindolfo Collor e Salgado Filho, Agamenon Magalhães e Waldemar Falcão. As medalhas de ouro, por sua vez, homenageariam os seis institutos de aposentadoria e pensões das classes trabalhadoras: bancários, comerciários, estivadores, industriários, marítimos e transportadores de cargas. Por fim, para as finalidades de direito autoral, o MTIC reserva-se os direitos comerciais e de filmagem das respectivas obras.<sup>6</sup>

Em 24 de agosto de 1942, argumentando que a participação havia sido maior do que as expectativas e que havia uma demanda pela prorrogação dos prazos para entrega dos originais, uma nova portaria ministerial estendeu até 15 de setembro a data para recebimento dos originais; e tornou pública a comissão julgadora, constituída por onze membros. Sua presidência coube ao próprio ministro Marcondes Filho, seguido de Osvaldo Orico e Viriato Correia, indicados pela Academia Brasileira de Letras; Mário Nunes e Rafael Barbosa, indicados pela Associação Brasileira de Imprensa; Benjamin Lima e José Lins do Rego, indicados pelo Sindicato Nacional de Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais; Luiz Peixoto e Henrique Pongetti, indicados pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; A. G. de Oliveira Neto e Brígida Timóteo, indicadas pelo gabinete do MTIC, para secretariar cada uma das duas comissões.<sup>7</sup>

Na categoria Literatura, o primeiro lugar foi dado ao jovem Paulo Lício Rizzo, pelo romance *Pedro Maneta*. Na categoria comédia, as

<sup>6</sup> Todas as referências ao concurso promovido pelo MTIC estão no processo nº 5.302 MTIC de 1942. *Boletim do MTIC*, Rio de Janeiro, n. 91, p. 74-77, mar. 1942.

<sup>7</sup> *Boletim do MTIC*, Rio de Janeiro, n. 97, p. 80-81, set. 1942. Osvaldo Orico, aos 36 anos, ingressou na Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira 10, na sucessão de Laudelino Freire. Viriato Correia foi jornalista, contista, teatrólogo e autor de histórias e livros infantis. Ocupou a cadeira 32 da Academia Brasileira de Letras. Mário Nunes dedicou a vida jornalística ao teatro, foi colunista do *Jornal do Brasil*, sendo por décadas o principal crítico teatral do jornal. Rafael Barbosa, ao que tudo indica, era funcionário de carreira ligado à Academia Brasileira de Letras. Benjamin Lima foi teatrólogo, crítico literário, advogado, professor e jornalista. Foi um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras. José Lins do Rego Cavalcanti ingressou no Ministério Público

vencedoras foram as cariocas Leda Maria de Albuquerque e Maria Luisa Castelo Branco pela peça *Julho, 10!*

O concurso de 1944 foi lançado com a justificativa do “extraordinário interesse” despertado pela primeira edição, dois anos antes.<sup>8</sup> As considerações preliminares repetiam a portaria de 1942, sem novidades. Os prêmios continuavam com os mesmos nomes e valores da edição anterior e também se prometia a publicação, em volume único, da peça e do romance vencedores; bem como a montagem da peça no Natal do mesmo ano. Destacava-se que os premiados no concurso anterior poderiam se inscrever em ambas as categorias nessa nova edição. A novidade, que se confirmaria na divulgação final dos resultados, estava no fato de a portaria registrar a possibilidade de que, se a comissão do concurso “entender que em determinado prêmio não haja obra que se recomende ao mesmo, poderá não o conceder, acrescentando, então, a quantia respectiva, em rateio, aos demais prêmios”. De fato, a edição em livro dos premiados traz apenas o romance *Fundição*, de autoria de Leão Machado, não sendo premiada nenhuma peça de teatro.<sup>9</sup>

---

como promotor em Manhuaçu. Em Maceió, tornou-se colaborador do *Jornal de Alagoas* e passou a fazer parte do grupo de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, Valdemar Cavalcanti, Aloísio Branco e outros. Ali publicou o seu primeiro livro, *Menino de engenho* (1932), que mereceu o Prêmio da Fundação Graça Aranha. Em 1933 publicou *Doidinho*, o segundo livro do “Ciclo da Cana-de-Açúcar”. Luiz Carlos Peixoto de Castro foi teatrólogo, poeta, pintor, caricaturista e escultor. Teve várias atividades paralelas ao teatro, trabalhando em jornais e revistas, como redator e caricaturista. Henrique Pongetti, jornalista e dramaturgo. Escreveu para grandes atores como Procópio Ferreira, Manuel Pêra, Raul Roulien e Jaime Costa, nas décadas de 1940 e 1950. Foi também responsável pelos roteiros dos filmes *Grito da mocidade* e *Favela dos meus amores*, este último dirigido por Humberto Mauro. Assinou por trinta anos uma coluna com crônica diária no jornal *O Globo*, e dirigiu a revista *Radiolândia*. A. G. de Oliveira Neto e Brígida Peixoto, possivelmente funcionárias de carreira do MTIC, tiveram o papel de secretariar as duas comissões.

<sup>8</sup> Sobre o concurso de 1942, ver: Duarte, Adriano. “*Julho, 10!* As artes da política e a política das artes nos anos 1940”. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 544-570, jul./dez. 2015. E também: Duarte, Adriano. “*Pedro Maneta* e o concurso literário promovido pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio em 1942”. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 59, p. 687-706, set./dez. 2016.

<sup>9</sup> Sobre o concurso de 1944, ver: Duarte, Adriano. “*Fundição*: o concurso literário para operários promovido pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio em 1944”. *História e Perspectivas*, Uberlândia, v. 29, n. 55, p. 51-77, jul./dez. 2016.

## PEDRO MANETA

Paulo Lício Rizzo nasceu em Campinas, São Paulo, em 23 de outubro de 1922, filho do pastor presbiteriano Miguel Rizzo e de Maria Lício Rizzo. *Pedro Maneta* foi escrito quando Paulo Rizzo tinha dezenove anos e ajudava seu pai na escola dominical da igreja em que era ministro, no bairro paulistano da Mooca. A família Rizzo morava do outro lado da cidade, no elegante bairro de Higienópolis, e talvez essa distância – geográfica e social – tenha dado ao seu olhar um sentido aguçado para as características do bairro, que nem os próprios moradores, na maioria das vezes, pareciam perceber. Entre 1942 e 1946, Rizzo cursou a faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Campinas, sendo ordenado ministro em janeiro 1946. Quatro meses depois, seguiu para o Seminário Presbiteriano de Princeton, para aprimorar sua formação. Antes de seguir para os EUA, casou-se com Cecília Borges Rizzo. Terminado o curso em Princeton, atuou como jornalista, editando o periódico bimestral *Aurora Evangélica*, dirigido à comunidade de língua portuguesa da cidade de New Bedford, onde também foi pastor na Christ Presbyterian Church. Em 1948, recebeu uma proposta de trabalho na Escola de Línguas do Exército Estadunidense, em Monterrey, na Califórnia. No início de 1950, a família Rizzo retornou ao Brasil, instalando-se em São Caetano do Sul, no ABC paulista, onde Paulo Rizzo permaneceu como pastor da Igreja Presbiteriana Filadélfia até sua morte prematura em 1957, aos 34 anos de idade.<sup>10</sup>

*Pedro Maneta* tem um enredo simples, centrado na vida da família Martinez, de 1910, quando deixa a Espanha, pelo porto de Barcelona, ao início dos anos 1940, quando, finalmente, tem seus direitos sociais reconhecidos pelo Estado Novo. A narrativa tem início em julho, quando a família Martinez se instala no bairro paulistano da Mooca: os irmãos João e Augusto Martinez, D. Encarnação, mulher de João, e o pequeno Pedro Martinez, filho do casal. A família Martinez havia feito, na

<sup>10</sup> Todas as informações foram obtidas na entrevista com Cecília Borges Rizzo. Esta seção foi inspirada em Duarte, Adriano. “O enigma *Paulo Lício Rizzo* nos arquivos do FBI, 1949-1950: de estudante premiado a ‘pastor comunista’”. In: Fortes, Alexandre et al. *Cruzando fronteiras: novos olhares sobre a história do trabalho*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

verdade, um trajeto mais tortuoso, mas não incomum, antes de chegar ao bairro da Mooca. João e Augusto haviam se separado, ainda no porto de Barcelona, com o acordo de que, no menor espaço de tempo, aquele que estivesse em melhores condições financeiras chamaria o outro. Augusto seguiu para São Paulo e João para Buenos Aires. João era um exímio tecelão e Augusto um reiterado malandro. Com a morte da esposa de Augusto, D. Aurélia, os irmãos se reuniram na capital argentina, mas devido ao clima frio da cidade, e às seguidas crises de asma de Augusto, decidiram imigrar para o Brasil. Em São Paulo, a família instalou-se no bairro operário da Mooca, onde as moradias eram mais baratas e as fábricas têxteis cada vez mais numerosas. Aos quarenta anos, João, um tecelão muito experiente, começava vida nova no Brasil. A passagem pela Argentina, comum a diversos imigrantes espanhóis, foi, em vários aspectos, um preâmbulo à trama do romance.<sup>11</sup> A história começa, de fato, no início dos anos 1920, quando o jovem Pedro, o protagonista, então com dez anos de idade, é levado pelo pai para trabalhar como aprendiz de tecelão. Também nesse aspecto, os Martinez não foram exceção. A proletarização era uma experiência que envolvia toda a família, sendo comum que todos os seus membros trabalhassem na mesma fábrica, para onde as crianças eram levadas pelos pais, de tal modo que as ações e comportamentos de um afetavam todos os demais. Assim, a experiência fabril se tornava uma referência para todo o núcleo

---

<sup>11</sup> Os espanhóis responderam por 22% dos cerca de 5 milhões de imigrantes entrados no país entre 1820 e 1930. Do total de emigrantes espanhóis para as Américas, o Brasil recebeu “apenas” 15% do total, tendo o maior fluxo se dirigido à Argentina, cerca de 36%, e Cuba, cerca de 25% do total. A origem dos espanhóis entrados no Brasil variou ao longo do tempo. Antes de 1910, a maioria provinha das regiões costeiras do norte e leste do país: galegos, bascos, navarrenses. O segundo maior grupo provinha de postos mediterrânicos: Barcelona, Valência e Málaga. Em 1910, esse fluxo se altera com a proibição, pelo governo espanhol, dos contratos subsidiados. Uma característica singular da imigração espanhola, presente na família Martinez, é que, entre os anos de 1910 e 1920, 23% dos espanhóis entrados no porto de Santos provinham ou da Argentina ou do Uruguai. Ao mesmo tempo, 47% dos espanhóis que deixaram o Brasil se dirigiram para os mesmos países, número igual aos que retornavam à Espanha. Isso pode sugerir que, mais do que outros grupos de imigrantes, os espanhóis circularam intensamente pelas Américas. Para mais informações, ver Klein, Herbert. *A imigração espanhola no Brasil*. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 1994. p. 35-64.

doméstico e um balizamento para a constituição da identidade, tanto individual quanto coletiva.<sup>12</sup>

O recorte temporal operado pelo romance permite, sobretudo, destacar as transformações na sociedade brasileira entre os anos 1920 e 1940. Esse é um recorte transversal que divide o romance em duas partes quase simétricas, enfatizando o contraponto entre o *antes*, um momento de “total” ausência de preocupações sociais, e o *depois*, no qual elas ocupam o “lugar central” nos debates políticos. Assim, cada personagem é construído com características universalizadoras capazes de retratar, com grande força imagética e simbólica, os dissabores da sociedade liberal brasileira, que a construção do *Estado Nacional* viria resgatar. Cada cena apresentada, cada evento descrito e cada conflito problematizado reiteram essa polarização e têm o objetivo de reforçar suas contradições: de um lado, o abandono dos pobres à própria sorte; de outro, a constituição do “homem novo”, protegido e amparado pela mais sofisticada legislação social que o país já teve.

Logo nas primeiras páginas do romance, duas passagens significativas ligam o problema da imigração com a questão racial. João Martinez contrata os serviços de um carroceiro para transportar sua mudança até a rua Xingu. O “carroceiro negro de beiços volumosos” (p. 118) não tem nome, sendo descrito apenas como ladino para as possibilidades de ganho fácil, mas preguiçoso para o trabalho pesado. Manoel Monteiro, o português dono da venda, e o operário espanhol, João Martinez, são apresentados em contraposição aos atributos e defeitos do carroceiro sem nome. O primeiro é descrito como um trabalhador incansável, embora limitado em sua capacidade mental, rápido nos pequenos cálculos, porém lento e inepto nas operações abstratas mais sofisticadas. O segundo é mostrado como cheio

---

<sup>12</sup> “O que parece ocorrer não é a proletarização de indivíduos, mas a proletarização de toda a família, através do assalariamento de todos os seus membros válidos. Compelidos ao mercado de trabalho, os membros da família trabalhadora parecem ter adaptado suas formas referenciais de organização familiar às características do mercado de trabalho comandado pela indústria, e isso se deu de forma diferenciada, segundo as características de cada mercado de trabalho regional” (p. 21). Paoli, Maria Célia. “A família operária: notas sobre sua formação histórica no Brasil”. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 17-41, 1992.



de iniciativa, vigor físico, destemor e honestidade. O carroceiro, aparentemente servil em relação aos imigrantes estrangeiros, revela-se, de fato, dissimulado e esperto porque percebe rapidamente as limitações das condições reais em que está e, com facilidade, se adapta a elas, sendo flexibilidade e adaptabilidade suas características principais, ao contrário dos dois estrangeiros.

Se o “carroceiro negro” não é nomeado, o contrário acontece com o outro personagem negro da história, o Dr. Juca Brito, capaz de, com suas ações generosas, neutralizar os temores provocados pela broca no seu consultório dentário. O dentista se tornou amigo de Pedro – e uma espécie de conselheiro – quando ele tinha treze anos. Desde aquele momento, Juca Brito percebeu que Pedro era diferente dos outros rapazes: muito corajoso e determinado. Mas o Dr. Brito não era apenas um excelente dentista que atendia, muitas vezes sem cobrar, a clientela pobre do bairro da Mooca. Era, sobretudo, um espírito altruísta: nos dias de folga era comum vê-lo na Santa Casa de Misericórdia reconfortando os doentes e amenizando suas dores.<sup>13</sup> Ele é, sob todos os aspectos, um homem notável. Primeiro por ser o único personagem negro em meio à comunidade de espanhóis da Mooca. Segundo o narrador, ele era ridicularizado pelas crianças que o chamavam de Ju-cabrito. Contudo, o maior estranhamento, e todos eram unânimes em reconhecer isso, estava na sua imensa cultura e sabedoria incomuns, mesmo não tendo um curso superior, sendo apenas um prático em Odontologia. Era um leitor contumaz, lia e emprestava livros para toda a gente, além de ser poeta. Ao longo do romance o Dr. Brito se constitui como a principal referência moral para Pedro Martinez. O personagem mais otimista e sensato de toda a trama. Parte substancial da admiração de Pedro advém exatamente do fato de o dentista ser estranho, e de se adaptar e aceitar

---

<sup>13</sup> O Dr. Juca Brito será a segunda pessoa a visitar Pedro Martinez na Santa Casa de Misericórdia depois que ele sofre o acidente em que perde o braço direito; a primeira fora seu pai. Também D. Joana, a dona da Pensão Madrid (onde se instalam João e Pedro depois da viuvez), o ajudará, sendo extremamente maternal e responsável pela recuperação física de Pedro depois do acidente, embora, por outro lado, ela seja uma espécie de antítese dos espanhóis honestos, discretos e trabalhadores. D. Joana escuta atrás das portas as conversas de todos os hóspedes, é uma fofoqueira contumaz, avarenta, mentirosa e matreira.

resignadamente essa condição. Mas sobretudo a sua capacidade de articular Danton à Bíblia, e de citar ambos com a mesma desenvoltura, faz dele uma presença sempre desejável numa hora infeliz (p. 182). O Dr. Juca Brito será peça-chave ao longo do livro; será uma espécie de preceptor de Pedro. Não será apenas um homem sábio e abnegado; será pela sua boca que o tema da boa consciência religiosa modelará a trama do romance.

Paulo Rizzo constrói o seu enredo a partir de pares antitéticos e complementares. Ao carroceiro negro sem nome, espertalhão e preguiçoso, corresponde o Dr. Juca Brito, da boa consciência de Pedro, o amigo sempre presente, capaz de reconfortá-lo nas piores horas. Mas nem por isso ele escapava de experimentar os problemas que conectavam raça e nação. O Dr. Juca Brito tinha três filhos com sua mulher Maria, negra como ele. Depois da morte da esposa ele se casou com Norma, uma francesa branca, com a qual teve outros três filhos. Essa situação familiar produziu o seguinte diálogo:

- Olhe, Pedro. Nem quero falar! Norma e eu temos andado num aborrecimento doloroso. Os três filhos dela nasceram mulatos e deram para se julgarem superiores aos três da falecida Maria, que são retintos como eu. Nunca imaginei uma coisa dessas em meu lar. Parece que são duas famílias secularmente inimigas. Xingam-se mutuamente:
- Pretinho!
- Bode!
- Negra beijuda!
- Mulata pernóstica!
- Ih! Meu moço... Dá vontade da gente chorar. Nem queira ver. Às vezes tenho medo que Norma fuja de casa... (p. 219).

Essa estrutura por meio de pares antitéticos e complementares criou as condições formais para que *Pedro Maneta* escapasse do simples maniqueísmo: nacionais vs. estrangeiros ou brancos vs. negros. Bondade e maldade, sabedoria e esperteza, altruísmo e egoísmo informam os mesmos caracteres étnicos e as mesmas origens nacionais, em graus variáveis. Essa construção formal marcará todo o romance, dando-lhe complexidade e evitando as soluções simples.

O modo como são tratados os temas da imigração e da questão racial em *Pedro Maneta* parece oscilar entre a perspectiva “racialista”, inaugurada pela chamada “geração de 1870”, para a qual a nação seria resultado da unidade racial e cultural, a ser construída, e do consequente desdobramento do cruzamento das três raças – branca, negra e indígena – rumo ao progressivo embranquecimento (já que as duas últimas eram mais um obstáculo a ser superado do que um componente a ser plenamente integrado), única forma de superar nosso atraso histórico oriundo da escravidão e abrir o caminho rumo à modernidade,<sup>14</sup> e uma perspectiva “culturalista”, consolidada na década de 1930, que, recusando os conceitos de *natureza* e *raça*, em chave determinista, cede o passo a um conjunto explicativo centrado nas noções de *cultura* e *caráter* como marcas identitárias da nacionalidade.<sup>15</sup> A imagem da nação, então, passou a ser definida pela miscigenação de brancos, negros e indígenas e seus respectivos aportes culturais.<sup>16</sup> Não seria exagero dizer que os dois modos de pensar a questão racial, e por conseguinte o significado da nação, encontram sua forma literária no romance. É tentador sugerir que *Pedro Maneta* mantém uma perspectiva “racialista” residual, ao dar forma literária, nos anos 1940, aos temas centrais do debate político do final do século XIX.<sup>17</sup> Entretanto, essa proposição poderia sugerir

---

<sup>14</sup> Ventura, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Schwarcz, Lília. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Alonso, Ângela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

<sup>15</sup> Para uma abordagem cujo foco é o ensaio histórico e sociológico, ver: Mota, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira, 1933/1974: pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática, 1978. Para o foco centrado na literatura ver: Sussekind, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

<sup>16</sup> Obviamente, esse deslocamento para uma sociedade multirracial não foi aceito sem problemas. “O resultado não foi a formação de uma consciência coletiva, mas a emergência [...] de uma ambivalência psicossocial em que identidade cultural é percebida como um problema. Ambivalência que revela a tensão entre a integração à civilização e a gênese da nação.” Ventura, Roberto. Op. cit., p. 67-68.

<sup>17</sup> Sobre o movimento da cultura e suas transformações numa complexa interação entre forças residuais, emergentes e dominantes, ver: Williams, Raymond. “Dominant, residual

que a perspectiva “culturalista” já fosse dominante na década de 1940. O problema que essa hipótese talvez não considere é como essa passagem – simultaneamente cultural, social e política – foi percebida no *senso comum* das pessoas, em geral alheias aos debates acerca dos destinos da nação. Minha suposição é que o romance nos revele que, no dia a dia de uma cidade como São Paulo e no *senso comum* dos seus habitantes, predominava, de fato, uma mescla das duas perspectivas, combinadas ao sabor das circunstâncias e das necessidades concretas daqueles que a elas se referiam.

*Pedro Maneta* discute os problemas do seu tempo. Foi no período entre 1870 e 1914, portanto no momento da chegada dos Martinez a São Paulo, que se constitui “a ideia de nação como unidade racial e cultural, resultante do cruzamento das três raças, rumo ao progressivo embranquecimento”.<sup>18</sup> De um lado, temos a abolição da escravidão, o advento da República e a consolidação de uma nova forma de hierarquia social na qual todos seriam supostamente iguais perante a lei; portanto, as desigualdades deveriam ser remetidas a outra esfera que não a pública. Como sustentação teórica a essas novas formas hierárquicas, introduzem-se o naturalismo, o evolucionismo e o cientificismo no pensamento social brasileiro, tornando as noções de raça e natureza os fundamentos objetivos da investigação e explicação da sociedade. Aproximadamente até os anos de 1930, com raras exceções, tanto o pensamento social quanto a literatura se orientaram por essas balizas. É nesse caldo de cultura que se radica o ensaio literário e da investigação sociológica e histórica “como forma de expressão dos letrados e bacharéis, que tornava possível uma concatenação eclética de teorias e conhecimentos díspares, apresentados como saber universal”.<sup>19</sup> De outro lado, temos a Primeira Guerra Mundial e a desmontagem, lenta mas irreversível, das teorias raciais que sustentaram e justificaram a expansão imperialista sobre a Ásia e a África, separando o mundo entre superiores e inferiores, e a substituição da noção central de raça

---

and emergent”. In: *Marxism e literature*. New York: Oxford University Press, 1977. p. 121-127.

<sup>18</sup> Ventura, Roberto. Op. cit., p. 42.

<sup>19</sup> Ventura, Roberto. Op. cit., p. 41.

e natureza pela de cultura. Observam-se também os primeiros sinais de uma crise aguda, também ela lenta e irreversível, do chamado liberalismo clássico, responsabilizado não apenas pelos horrores da guerra, mas sobretudo pela ascensão do comunismo.

Tendo como parâmetros essas referências temporais, as discussões sobre o país procuravam refletir sobre a formação da nação e sua inserção na tradição de progresso herdada da ilustração. Como sugeriu Roberto Ventura, a nação seria percebida como o “movimento ambíguo entre *identidade e diferença*, entre a reprodução da experiência europeia e sua relativa diferenciação nos trópicos”.<sup>20</sup> O dilema dos intelectuais do final do século XIX foi o de construir a identidade nacional, o que supunha equacionar, simultaneamente, as ideias de raça, povo e cultura. Contudo, a despeito das reivindicações de originalidade e autonomia, o nacionalismo literário desse período jamais conseguiu romper com uma abordagem eurocêntrica da cultura:

[...] a incorporação da ideologia e das teorias climáticas e raciais levou à relação eurocêntrica com o meio local e à abordagem etnocêntrica das culturas populares. Os críticos brasileiros internalizaram a ambivalência do discurso europeu perante o mundo selvagem e as realidades exóticas, idealizando os padrões metropolitanos de civilização.<sup>21</sup>

Essa ambivalência produziu um movimento pendular: de um lado, os princípios liberais da igualdade formal perante a lei; de outro, o princípio racista da desigualdade inata entre os homens. O racismo científico se consolidou moldando o liberalismo e fornecendo argumentos contra as ideias igualitárias e democratizantes, e ao mesmo tempo nutrindo soluções políticas autoritárias. Ligado aos interesses dos grupos letrados, como estratégia de diferenciação das camadas populares, o racismo científico emergiu articulado aos interesses políticos das elites nacionais e identificado com os seus aspectos econômicos mais modernos. Essa matriz interpretativa do Brasil seria predominante até

---

<sup>20</sup> Ventura, Roberto. Op. cit., p. 43.

<sup>21</sup> Ortiz, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 37-38.

o final da década de 1910, quando os conceitos de *natureza e raça* – em chave determinista, darwinista e positivista – perdem força para outro conjunto explicativo centrado em *cultura e caráter*. Doravante, cultura/caráter passa a ser a marca identitária da nacionalidade.

Como desdobramento dessa equação, o pensamento social brasileiro deu duas “contribuições originais” ao racismo científico: a ideologia do branqueamento e a valorização da mestiçagem.<sup>22</sup> A conjugação de ambas, em doses variadas, permitiu escapar às armadilhas deterministas do racismo científico, cuja aplicação condenaria o Brasil à barbárie e ao atraso; mas também produziu uma peculiar convivência entre teorias opostas, em que raça e cultura podiam se alternar numa coabitação pacífica.

Como já demonstrou Antonio Candido, a literatura foi, por séculos, o principal veículo da investigação e reflexão sobre a sociedade brasileira, atribuindo-se uma missão social: intervir na política, orientada por um critério nacionalista e formativo.<sup>23</sup> Nesse contexto, o escritor se apresentava como um misto de naturalista e sociólogo. Essa verdadeira “militância política” tendeu a arrefecer-se com a estabilização da República, no governo Campos Sales, e a consolidação do sistema oligárquico a partir de década de 1890. Entretanto, mesmo se retirando dos debates estritamente políticos, os escritores deslocaram seus referenciais – positivismo, determinismo e evolucionismo – para a esfera estritamente literária.<sup>24</sup> Essa “retirada da política” talvez coincida com a crescente diferenciação entre sociologia e literatura como critérios de explicação da sociedade.<sup>25</sup>

Correndo o risco do exagero das continuidades, é possível dizer que, num certo sentido, o ideário da chamada “geração 1870” foi reatualizado pela geração modernista de 22. Mesmo que seus sentidos sejam muito diferentes, estavam lá: a redescoberta do Brasil, a modernização social, a crítica à oligarquia, a incorporação da cultura popular e dos elementos

<sup>22</sup> Ventura, Roberto. Op. cit., p. 62.

<sup>23</sup> Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

<sup>24</sup> Needell, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>25</sup> Lepenies, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: Edusp, 1996.

folclóricos, expressos na valorização dos elementos africanos e na exaltação da mestiçagem, tudo desembocando na atualização intelectual e cultural. Os dois momentos expressaram também andamentos distintos de crise econômica, marcada pela depressão internacional, abalando a agricultura de exportação. Os muitos pontos de contato perdem força quando se destaca que o Modernismo tinha como ponto de unidade a crítica à tradição bacharelesca – expressa na incorporação da fala cotidiana e das tradições populares nos seus textos – e à erudição empolada e pedante que marcou a geração de 1870.<sup>26</sup> Mas os anos 1920 são, substancialmente, anos de mudança na política, na cultura e na sociedade. Talvez o único consenso entre os analistas seja o diagnóstico da crise da república oligárquica e seu desdobramento “na decepção quanto à República realizar o ideal de uma sociedade nova”, decepção que nos anos 1920 tornou-se explosiva.<sup>27</sup>

É possível resumir os elementos da crise dos anos 1920 nos seguintes termos: insatisfação com o domínio das oligarquias e decepção com a República, ascensão das classes médias urbanas, crescente presença do movimento operário na cena pública. No âmbito internacional, a crise moral provocada pela Primeira Guerra Mundial colocou o liberalismo em xeque, trazendo à cena as discussões sobre a necessidade de um estado forte e centralizador. Não apenas as concepções tradicionais de sociedade são postas *sub judice*, mas as próprias instituições liberais e democráticas passam a ser questionadas. Essa conjugação deu origem a uma verdadeira crise de “identidade social” entre os intelectuais brasileiros, que os leva a problematizar sua condição de maneira cada vez mais radical. Eric Hobsbawm sugeriu que a mais espetacular transformação, no que chamou de “Era das catástrofes”, foi o colapso dos valores e das instituições liberais, valores como a desconfiança em relação às ditaduras, o compromisso com um governo institucional, com assembleias representativas livremente eleitas, com o domínio

---

<sup>26</sup> Roberto Ventura sugere que, mais do que a continuidade de ideias, o vínculo dessas duas gerações se dá na pessoa de Graça Aranha, que, como se sabe, foi figura de destaque na semana a convite dos próprios modernistas que o tomaram como uma espécie de precursor. Ver Ventura, Roberto. Op. cit., p. 130.

<sup>27</sup> Lahuerte, Milton. “Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização”. In: Lorenzo, Helena; Costa, Wilma (Org.). *A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Unesp, 1997. p. 93.

da lei e com o conjunto já aceito dos direitos do cidadão: liberdade de expressão, de reunião de publicação etc.<sup>28</sup> Tal colapso aprofundou a radicalização política à direita e à esquerda, de modo que ao longo dos anos 1920 essa polarização se consolidou e se aprofundou, configurando maneiras antagônicas e inconciliáveis de interpretar o mundo.

Em um texto de 1932, Mário de Andrade refletiu sobre como essa radicalização, cada vez mais aguda, impactou a intelectualidade brasileira:

[...] surgem os traidores dissolutos, convictamente injustos, socializados, revertendo tudo à sua fé católica ou à sua fé comunista [...] enfim todos nós estamos conscientes da nossa amarga posição de intelectuais e movidos pelos fantasmas que nascem desse medo. Uma situação maldita.<sup>29</sup>

Por outro lado, como desdobramento da guerra de 1914/1918, assistimos também ao deslocamento da Europa como referência central da civilização. É o mesmo Mário que complementa:

Hoje estamos preocupados em voltar às nascentes de nós mesmos e da arte [...] hoje nos debatemos sofredamente ante os problemas do homem e da sociedade, com uma consciência, com um desejo de solucionar, de conquistar finalidade [...] que jamais os artistas do passado brasileiro não tiveram.<sup>30</sup>

Os temas da formação da nação e do *povo* retornam ao centro dos debates políticos, e nação, povo e modernidade se constituíram em oposição a liberalismo, oligarquia e atraso, como instrumentos e canais para superá-los. A novidade, no contexto das décadas de 1920 e 1930, foi que o Estado emergiu como o desaguadouro de todas as inquietações.

<sup>28</sup> Hobsbawm, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>29</sup> Andrade, Mário de. “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974. p. 49.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 49.



A preocupação com a constituição da nação, com a definição de povo e com a busca da modernidade orientou a intelectualidade brasileira desde o início do século. Nos anos 1920 o “espírito de missão dos intelectuais” os impulsionou na direção de um mergulho radical na construção da *brasilidade*. Nos anos 1930, coube ao Estado dirigir essa tarefa. Contudo, a discussão sobre identidade nacional sempre nos remeteu a uma entidade abstrata, cuja compreensão depende da formação social que a sustenta enquanto discurso e prática, pois como construção política e social ela “dissolve a heterogeneidade da cultura popular na univocidade do discurso ideológico”.<sup>31</sup> E a formação social que nos interessa aqui é o Estado Novo brasileiro.

## I

Logo depois de instalados na nova casa, João e Augusto Martinez têm uma ríspida discussão, oportunidade para o narrador apresentar a fonte de inspiração do futuro operário Pedro. Os irmãos Martinez haviam começado a vida como operários têxteis ainda em Barcelona; contudo, Augusto, aos poucos, fora se distanciando da fábrica, aproveitando a presença de parentes na Argentina, e a cada nova viagem trazia um carregamento de peles de carneiro e sementes de cebola. Insatisfeito com esse contrabando, João tomou a decisão de confrontar o irmão perguntando, afinal, quando sairiam os dois em busca de emprego. “Que arranjar emprego, que nada! Nós vamos ganhar dinheiro comerciando [...] venderemos algumas sementes” (p. 123). João responde lamentando que há muito tempo não tecia.

– Ora tecer! Com os ordenados que dão por aí... E depois, além de ser difícil um lugar, aqui não há fábricas de caxemiras. Você precisa aprender a lidar com algodão e juta. Coisas baixas! [...] Quanto nós ganhamos neste meio mês de vida? 250\$000... São 500\$000 em um mês... Quando ganharemos isso na fábrica? (p. 123).

Entretanto, João Martinez, “operário com coração de aço”, recusa a proposta de se tornar “comerciante”. Sempre fora operário e somente

---

<sup>31</sup> Ortiz, Renato. Op. cit., p. 138.

assim era capaz de perceber seu lugar no mundo. O tom da conversa fica cada vez mais exaltado e João acaba expulsando Augusto de casa, usando de palavras exemplares que nortearão o futuro de Pedro: “Eu pagarei minhas dívidas, suando. Crescerei com dinheiro limpo [...] Dinheiro! Vocês só querem saber disso! Eu trabalharei. E depois: ‘No tira el mucho dinero la mancha de la verguenza’” (p. 124). João era um homem com princípios morais incontornáveis, mas cuja orientação básica era “obedecer aos superiores” (p. 128), princípio que Pedro herdará, como se fosse uma característica genética, tanto quanto a habilidade como tecelão: “O progresso do moço no conhecimento de fios, lançadeiras, teares, fusos, etc., far-se-ia também, ajudado por impulsos hereditários, com rapidez e regularidade” (p. 132). Pedro foi exposto a duas alternativas claras: o orgulho operário do pai; e o desejo de evasão da condição operária, através da ascensão social, do tio. Pedro Martinez tinha então dez anos de idade, mas a lição do pai o marcaria para sempre e determinaria sua relação com o trabalho fabril.

Pedro foi levado à Silva Salles & Cia pelo pai, em agosto de 1910, e seu primeiro dia de trabalho foi descrito como uma tortura interminável: “Aquela manhã lhe fora um suplício horrível [...] as quatro horas de prisão sem fazer quase nada (tudo o que fazia achavam que estava errado!), as risadas dos colegas e do próprio mestre, como essas coisas o deprimiam!” (p. 130). Seu primeiro dia de trabalho foi ainda pior quando Pedro se recordou da noite anterior em que dormira na “cama gostosa, alta e quente de seus pais” (p. 128), afundando a cabeça nos “travesseiros de fronhas claríssimas e bem bordadas” (p. 128). Ao longo do dia, a única coisa em que conseguia pensar era nos “seus planos de fuga arquitetados em momentos de revolta durante as horas de trabalho” (p. 133). Quando voltou para casa, Pedro não contou para os pais nenhuma das agruras do dia, ao contrário, inverteu completamente a lógica do dia e transformou em vitórias todas as pequenas derrotas e humilhações que sofrera. Essa mesma inversão orientou o comportamento de João Martinez, que não contou para o filho que conseguira apenas um emprego como faxineiro numa fábrica próxima à Silva Salles & Cia. Assim, a infelicidade da condição operária no chão da fábrica é mascarada por ambos. Talvez pelo orgulho operário, talvez pela teimosia espanhola.

Em uma conferência em 1941, em Marselha, a pensadora Simone Weil, que havia abandonado a Sorbonne para viver a experiência

como operária de fábrica na Renault, colocou-se a pergunta: o que é exatamente a condição operária? Percebeu que havia nela um desenraizamento, um exílio, uma tristeza, que não se tornava um conceito, não se explicitava como um problema. Pois a primeira reação à infelicidade era o desejo de evadir-se.<sup>32</sup> Para ambos, pai e filho, não havia outra alternativa na vida a não ser a fábrica. Mais do que isso, não havia alternativa possível para um filho de operário que não fosse a fábrica. Esse destino parecia estar entranhado em Pedro, mais uma vez, como uma inscrição genética.

Catorze anos depois, em 1924, Pedro se tornou mestre na Silva Salles & Cia, onde teve a oportunidade de mostrar seus dons para o comando e a liderança sobre os operários, obtendo o respeito dos chefes e dos colegas. No mês de julho, São Paulo, mais especificamente a zona leste da cidade – onde se encontrava a maior concentração fabril e industrial –, fora devastada pelos confrontos entre as tropas legalistas, comandadas pelo Gen. Eduardo Sócrates, e os rebeldes, comandados pelo Gen. Isidoro Dias Lopes. O bairro da Mooca foi assolado pelos canhões e morteiros da “brigada Potiguara”, comandada pelo Gen. Tertuliano de Albuquerque Potiguara, herói da Guerra do Contestado e da Revolta da Vacina. As fábricas foram devastadas, e por mais de vinte dias as máquinas ficaram paradas e a população, quando pôde, fugiu para áreas mais seguras da cidade.

Terminado o conflito, os operários retomaram a rotina e foram informados pelo Sr. Mendonça, um dos proprietários da Silva Salles & Cia, que os vinte dias parados no mês de julho não seriam pagos; o máximo que a empresa oferecia era uma ajuda proporcional aos salários. Além disso, se quisessem receber o salário no mês seguinte, os operários precisavam, rapidamente, deixar a fábrica em condições de funcionar. “Ninguém tugiou nem mugiu” (p. 136), apenas Pedro Martinez, em nome dos operários, perguntou qual a proporção da ajuda oferecida; mas isso, respondeu o patrão, só saberiam depois da fábrica em ordem. Sobre a vontade do patrão não cabia discussão! Pedro organizou e dirigiu os trabalhos de remoção dos entulhos, do ferro retorcido, o concerto dos

---

<sup>32</sup> Weil, Simone. “Experiência da vida de fábrica”. In: *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979. p. 129.

buracos nas paredes etc. “Quase cento e oitenta operários às suas ordens [...] como era bom dirigir um serviço daqueles!” (p. 136).

Por semanas os operários estiveram envolvidos na remoção do entulho, que era empilhado no pátio e depois removido pelas carroças de lixo. Encontrava-se de tudo: cartuchos detonados e virgens, baionetas, fuzis, estilhaços de granadas. Numa tarde de agosto, um dos operários começou a desencavar o que parecia ser uma das máquinas da fábrica e encontrou um pedaço de tira de aço azul, “encaixada num pequeno talho de ferro fundido” (p. 140), o que parecia uma laranja com uma pequena argola. Decidido a desenterrar a “máquina”, tentou puxá-la pela argola, mas não surtiu efeito, continuou cavando e “notou uns gomos quadrados na parte de ferro” (p. 140). Embora fosse um operário experiente, não conseguia identificar aquela máquina. Apoiou a chave inglesa entre as gretas dos gomos e forçou, “a laranja” cedeu um pouco e ele continuou cavando. Para facilitar seus movimentos, ajoelhou-se e com a mão direita segurou a peça enquanto a esquerda escavava o entulho à sua volta. De repente, alguém gritou: “é uma granada, vai explodir!”. O operário que cavava ficou estático, os outros correram. Sem pestanejar, Pedro pegou o artefato com sua mão direita e a jogou sobre a pilha de entulhos. Um forte estrondo sacudiu a fábrica e uma espessa nuvem de calíça cheirando a pólvora obscureceu tudo. Quando a caligem baixou, os operários viram uma poça de sangue que tingia os monturos imundos junto à parede e o corpo de Pedro Martinez sem o braço direito.

O acidente representa uma clivagem no romance. A perda do braço foi o momento de inflexão que colocou em cena a dimensão do desamparo e da desesperança à qual estavam submetidos os operários fabris de São Paulo e, por extensão, do Brasil. O acidente catalisou o mundo privado das relações familiares e dos afetos e o mundo público da experiência fabril. A terceira visita recebida por Pedro na Santa Casa de Misericórdia foi de sua noiva Julieta (as anteriores haviam sido do seu pai e do Dr. Juca Brito), que sem delongas terminou o noivado, tornando ainda mais penosa a sua recuperação. Sem amparo social, a perda do braço jogou Pedro na condição da mais acentuada precariedade; sem recursos materiais e sem sua noiva ele cogitou, por diversas vezes, o suicídio.

A precariedade da vida operária se revelou em toda a sua dimensão depois do acidente. Pedro, cujo salário era de duzentos mil réis mensais, conseguira guardar ao longo de dez anos como tecelão a irrisória quantia de seiscentos mil réis. Sem garantia de emprego e sem direitos trabalhistas, esse montante se esgotou rapidamente. Os operários da Silva Salles & Cia, aproveitando o momento em que as atividades fabris haviam se normalizado, encaminharam um abaixo-assinado para Sr. Mendonça, pedindo uma indenização para o mestre Pedro. Como o patrão não se dignou a responder, esboçaram uma paralisação: a primeira greve na história da Silva Salles & Cia. O empresário argumentou que já pagara as despesas com a Santa Casa de Misericórdia, mas os operários não cederam. Então, generosamente, ele ofereceu um mês de salário como ajuda, os operários persistiram e Mendonça elevou sua oferta a quatrocentos mil réis, exatos dois meses de salário. Os operários promoveram também uma cotização para a compra de uma prótese de braço que alcançou trezentos e vinte e três mil réis. A solidariedade dos colegas se revelou generosa (723 mil réis) mas pontual, porque dependeu da boa vontade do patrão.

O trabalho e o mundo do trabalho são tão centrais à narrativa de *Pedro Maneta* que, passados cinco meses de sua mutilação e estando totalmente recuperado fisicamente, Pedro “sentia um imenso vazio”, como se lhe faltasse a própria vida, “seu rosto magro teimara em permanecer pálido e seco” (p. 168), mas não era um problema de saúde, o vazio vinha da alma e só uma coisa seria capaz de preenchê-lo: “Era o tear, era o trabalho... Mas trabalho e tear pareciam incompatíveis com o aleijão... – Que fábrica haveria de aceitar um maneta como operário?” (p. 168). É nesse estado de angústia e ansiedade que Pedro irá recorrer aos conselhos, sempre judiciosos, do Dr. Juca Brito, que intermediará o contato dele com o “seu” Assunção, o empresário bondoso e sensível que em tudo é a antítese do Sr. Mendonça. (Ou seja, assim como há operários bons e maus, há patrões generosos ou egoístas, tudo como desdobramento de traços individuais, nunca como característica de comportamentos de classe.) Logo no primeiro encontro, num gesto simples mas decisivo, “seu” Assunção estende a mão esquerda para cumprimentá-lo. Ninguém, até então, havia tido esse gesto delicado mas ao mesmo tempo de grande aiosidade. Não se tornaram amigos, pois afinal havia um

desnível hierárquico entre ambos, uma distância, sob todos os aspectos, intransponível, mas com esse gesto simples “seu” Assunção pavimentou o caminho que, doravante, o uniria ao seu novo empregado. Pedro foi contratado como porteiro – a mesma função que seu pai ocupava há mais de vinte anos.

Sobrepondo-se aos conflitos de classe, a experiência de trabalho fabril de Pedro anuncia as possibilidades de um mundo no qual patrões e operários estivessem irmanados num projeto comum, de respeito mútuo e solidariedade ativa. Seja como for, essa adesão explícita ou implícita confirmava os princípios gerais do Estado Novo, e não é difícil entender por que, afinal, *Pedro Maneta* foi o livro premiado.

Não demorou muito para que Pedro reconquistasse sua condição de tecelão. No momento de reconduzi-lo à antiga função, o “seu” Assunção não perde a oportunidade de reafirmar os laços de dependência mútua entre patrões e operários: “A fábrica precisa de homens hábeis, que sejam capazes de apresentar tecidos perfeitos mesmo quando as condições de trabalho não forem perfeitas. Nós não sabemos o que pode vir por aí...” (p. 200). O retorno de Pedro à função de tecelão foi em 25 de julho de 1927, três anos depois do acidente. Seu retorno restabeleceu a harmonia natural na fábrica e na sua vida. Afinal, ele estava de volta ao “lugar para o qual nascera”. Nada mais adequado aos interesses propagandísticos do Estado Novo do que a vinculação quase genética de Pedro à fábrica, e seu submisso orgulho operário.

Entretanto, essa submissão era atravessada por uma insatisfação que beirava a revolta iminente. Embora ele estivesse feliz com a “nova” função, a fábrica não deixava de ser uma terrível prisão.

Afinal essa vida de ir à fábrica, sair da fábrica, carimbando o cartão de presença sempre à mesma hora tornava-se uma rotina esmagadora... Com o tempo a gente nem acredita mais na morte. Fica-se pensando que esse “vaivem” há de ser eterno, ou pelo menos que não parará antes que termine o “toc-tô-toc” das máquinas, que lhe serve de compasso e acompanhamento... (p. 230-231).

Pedro expressa essa constatação em diversos momentos da narrativa. Um dos mais tocantes é aquele em que relata a morte de seu

pai, João, em paralelo com seu dia de trabalho (outra forma de morte) e a marcação do tempo no relógio anunciando o fim do expediente:

O relógio de ponto, ao registrar as horas nas quatro colunas de sua ficha vermelha, parecia cravar em seu rosto mais uma ruga de apatia... Tirrin!... Sete horas – uma ruga horizontal na testa. Tirrin! Onze horas – um pé de galinha na empapuçada órbita ocular. Tirrin!... Doze e trinta – um tríplice crivo dispéptico entre as sobranceiras. Tirrin! Dezoito e trinta – rugas profundas na maçã do rosto. Ia mal “seu” Martinez! Todo mundo via. [...] Um padre, com rugas na maçã do rosto, ministra-lhe os últimos sacramentos. Era a hora de sair da fábrica, para o descanso do lar... (p. 231-232).

O espaço fabril é descrito reiteradamente como o espaço privado da vontade patronal, tanto nos argumentos de Mendonça, a expressão do mau patrão, quanto nas falas do Assunção, seu antípoda e bom patrão. Na essência, ambos partem da mesma lógica, exposta por Marx: vontade patronal absoluta no chão da fábrica e liberdade plena no mercado de compra e venda de mercadorias. A diferença central entre os dois é que Assunção reconhece a fábrica como uma unidade de partes inseparáveis, obviamente sob seu comando: “Todos os empregados estão aí porque me são necessários, muito necessários...” (p. 177), enquanto Mendonça não alcançou ainda essa noção corporativa.

O Estado Novo se constituiu com a promessa da transcendência e da integração dos elementos abstratos da realidade nacional. Portanto, é sua ação política que instituiria e constituiria, pela primeira vez na história do Brasil, a identidade nacional, integrando a nação. A novidade nos anos de 1930, mas sobretudo depois de 1937, é que a discussão acerca da identidade nacional estará umbilicalmente vinculada ao mundo do trabalho. A Constituição de 1937 estabeleceu o trabalho como um dever social e, conseqüentemente, criminalizou o não trabalho.<sup>33</sup> Não

<sup>33</sup> “O trabalho é um dever social. O trabalho intelectual, técnico e manual tem direito à proteção e solicitude especiais do Estado. A todos é garantido o direito de subsistir mediante o seu trabalho honesto e este, como meio de subsistência do indivíduo, constitui um bem que é dever do Estado proteger, assegurando-lhe condições favoráveis e meios de defesa.” Brasil. Constituição (1937). Artigo nº 136.

trabalhar nas condições e formas reconhecidas e estabelecidas pelo Estado significava permanecer à margem da sociedade. Além disso, a ausência de trabalho levaria à pobreza, sinônimo de inferioridade, porque resultado de uma opção pelo ócio.<sup>34</sup> Os indivíduos nessa condição estariam excluídos do exercício dos direitos da cidadania. Afinal, “pelo trabalho o homem conquista a prosperidade econômica, a cultura intelectual, o respeito e proteção do Estado”.<sup>35</sup> Ou seja, na esfera do trabalho, o homem encontraria paz, felicidade e prosperidade; fora dela, haveria o limbo social. Os direitos de cidadania emergiam subordinados ao universo do trabalho e regulados por ele. O pertencimento à esfera profissional, legalmente reconhecida pela burocracia estatal, fundaria os atributos do cidadão. Por isso, Wanderley Guilherme dos Santos enfatizou que o conceito-chave para compreendermos os anos 1930 é o de “cidadania regulada”.<sup>36</sup> Fica evidente que o mundo do trabalho é central para a configuração da noção de direitos e cidadania que se desenhou nas décadas de 1930 e 1940. Mais que isso, ele é uma espécie de prisma para o qual converge o tema da identidade nacional, e do qual refrata o tema da cultura popular.<sup>37</sup>

Mas é importante considerar que, mesmo nesses anos, a noção de cultura popular aplicada a pessoas, comportamentos, crenças, modalidades de entretenimento, formas de apreciação ou produção artística tem significados numerosos e sentidos muito imprecisos e, na

<sup>34</sup> Telles, Vera da Silva. *A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza, um estudo sobre trabalho e família na Grande São Paulo*. Tese de doutorado – Universidade de São Paulo, 1992. Mimeo.

<sup>35</sup> Andrade, Almir de. “A evolução política do Brasil”. *Cultura Política: Revista Mensal de Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, ano I, n. 01, mar. 1941.

<sup>36</sup> Santos, Wanderley Guilherme. *Cidadania e Justiça*. Rio de Janeiro: Campos, 1979. p. 75.

<sup>37</sup> É grande a bibliografia sobre o tema da identidade nacional. Menciono apenas alguns trabalhos recentes a título de exemplo: Nagle, Jorge. *Educação e sociedade na primeira república*. São Paulo: EPU, 1976; Ortiz, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985; Lauerhass Jr., Ludwig. *Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1986; Lorenzo, Helena; Costa, Wilma (Org.). *A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Unesp, 1997; Miceli, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; Capelato, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.



maior parte das vezes, contraditórios.<sup>38</sup> Dito de outro modo, o caráter enganoso do termo deriva, sobretudo, do seu sentido inescapavelmente ideológico, implicando certos comportamentos, crenças e valores que a ele deveriam corresponder, e supondo certos tipos de contato de classes que dele deveriam resultar. Entretanto, nem a identidade nacional nem a cultura popular correspondem a práticas sociais empiricamente observáveis.<sup>39</sup> Ambas dizem respeito, isto sim, ao “propósito ideológico” que as enuncia, e ao espetáculo que delas se espera. No caso específico do Brasil das décadas de 1930 e 1940, a veleidade de junção entre identidade nacional e cultura popular desencadeou um teatro pequeno-burguês que respondeu por dois desdobramentos, apenas aparentemente contraditórios. De um lado, uma aproximação entusiástica dos intelectuais com os que estavam abaixo. De outro, um esforço infenso de se diferenciar deles. Mas o que havia de comum em ambos era a aproximação das próprias representações do que imaginavam estar abaixo.

Num certo sentido, *Pedro Maneta* pode ser descrito como um longo processo de redenção, cujo ápice ocorreu dia 10 de novembro de 1940, no desfile que celebrava o terceiro aniversário do Estado Novo. Assistindo ao desfile, Pedro ilustrou: “A imensa peça de morim com dois metros de altura era sustentada por três mastros de madeira, um a quatro metros do outro. O da direita era levado por um desconhecido, o do meio pelo Felipe e o da esquerda, quase não o acreditei, pelo Assunção...” (p. 259). No estandarte do sindicato dos trabalhadores da indústria

---

<sup>38</sup> “A síntese político-literária operada pelo Estado Novo incorpora pensamentos e pensadores oriundos de diferentes vertentes. Não há escolha de um tipo de romance como sendo ‘oficial’. Não há o realismo estadonovista. Há espaço para todas as ‘literaturas’, embora o romance social do Nordeste ocupe um lugar de grande proeminência. Não há, igualmente, a escolha de um dos modelos regionais para compor a brasilidade. Todos, cada um de forma especial, passam a integrar o todo. Há uma divisão de trabalho e uma distribuição de espaços na qual intelectuais de diferentes correntes, representantes e divulgadores de matrizes regionais distintas, podem cooperar, a exemplo dos instrumentos musicais em uma orquestra e das vozes no canto orfeônico, como na proposta de Mário de Andrade de compor a brasilidade.” Oliveira, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 197.

<sup>39</sup> Clark, Timothy. *A pintura da vida moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 278.

têxtil, lia-se: “harmonia social”. Um ex-comunista, Felipe, também fora redimido e estava irmanado com seu patrão. Essa composição foi tão impactante que produziu transformações físicas. Ao iniciar o desfile, Pedro diz: “Levantei Encarnação nos braços [sic] e fiz Augusto e Manoela se aproximarem o mais possível do cordão de isolamento. A massa popular pesava atrás de nós” (p. 258). No dia seguinte ele foi o primeiro a chegar para o trabalho:

Nunca trabalhei com tanto vigor como nesse dia. À medida que o tecido se formava rapidamente sentia-me cada vez mais elevado a atmosferas de felicidade indescritível. Como era bom tecer! Como os desenhos da obra dirigida por minhas próprias mãos [sic] me embriagavam! [...] Você descobriu o paraíso no dia em que alcançou a significação profunda de viver no seu próprio lugar (p. 261).

No paraíso, as deficiências físicas desapareciam!

Somente o trabalho pode, agora, se constituir em medida para a valoração social dos indivíduos; somente o trabalho pode ser o critério para a distribuição da justiça social e único definidor dos contornos e limites da cidadania; portanto, é somente pelo trabalho que se obtém a cidadania. O concurso literário de 1942 e a premiação do livro *Pedro Maneta* foram momentos significativos na consolidação desses princípios.

Em 31 de agosto de 1942, o governo Vargas decretou o Estado de Guerra. No mesmo dia, o decreto-lei nº 4.639 autorizou a extensão da jornada de trabalho para dez horas nas empresas de serviços públicos e naquelas classificadas como de defesa nacional.<sup>40</sup> A situação geral das classes populares foi se deteriorando ainda mais, criando-se então as condições legais que justificaram a suspensão de vários dispositivos da legislação trabalhista e da Constituição Federal, principalmente aqueles

---

<sup>40</sup> “[...] ocorrendo *necessidade imperiosa*, poderá a duração do trabalho exceder do limite fixado nesta lei, seja para fazer face a *motivo de força maior*, seja para atender à realização ou conclusão de serviços inadiáveis. Nas empresas de serviços públicos, ou que interessem à produção e à defesa nacional, mediante prévia autorização do MTIC, poderá ser facultado o trabalho contínuo.” *Boletim do MTIC*, Rio de Janeiro, n. 98, p. 12, out. 1942. (Grifos meus.) Como definir exatamente o que seria “necessidade imperiosa” ou “motivo de força maior”, a não ser a partir das próprias alegações e exigências da direção das empresas?

relacionados aos direitos civis e sociais. A entrada do Brasil na guerra funcionou como uma espécie de ponto de virada, em vários aspectos. Aos poucos foi sendo pavimentado o caminho para a ampliação das “políticas de exceção”, estabelecendo-se a prioridade absoluta para as exigências da segurança nacional em relação às capacidades de produção industrial, pecuária e agrícola. O decreto nº 4.479, de 15 de julho, no seu artigo 1º, transferia a execução das leis de proteção ao trabalho e todas as atribuições que cabiam às delegacias regionais do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio diretamente para as mãos do interventor do estado de São Paulo, por intermédio do Departamento Estadual do Trabalho,<sup>41</sup> esvaziando-se, assim, as possibilidades de contestação jurídica das medidas impostas pelo esforço de guerra.

Respondendo à insuficiência dos “reajustes” salariais concedidos em 1942, o governo instituiu, no mês de maio de 1943, o *salário adicional para a indústria*. Na capital do estado de São Paulo, onde o salário mínimo em vigor era de Cr\$ 275,00 (duzentos e setenta e cinco cruzeiros), o salário adicional foi de Cr\$ 10,00; em Campinas, Cr\$ 5,00. Entretanto, no seu artigo 6º, o decreto do salário adicional estabelecia que, se o empregador tivesse “reais prejuízos”, devidamente comprovados, estaria, *temporariamente*, dispensado do seu pagamento a juízo do serviço de estatística da previdência e do trabalho. A duração da dispensa não poderia exceder a um ano, mas, persistindo as causas que a determinaram, poderia ser renovada indefinidamente.

A entrada do Brasil na guerra justificou uma série de medidas que afetaram ainda mais a já debilitada remuneração dos trabalhadores: o desconto de 3% sobre os salários e as comissões destinados à subscrição de guerra; o desconto de 0,5% dos salários destinados à Legião Brasileira de Assistência (LBA), a título de contribuição especial; além dos 4% já descontados como contribuição ao IAPS. “As contribuições praticamente dobraram a cifra deduzida dos salários, sem que isso

---

<sup>41</sup> *Boletim do MTIC*, Rio de Janeiro, n. 96, p. 27, ago. 1942. Esta curiosa medida pode sugerir que os canais oficiais instituídos pela justiça do trabalho podiam levar a ganhos efetivos, mesmo que limitados, por parte dos trabalhadores, mesmo num regime de exceção. Para um esclarecimento dessa questão ver: Pacheco, Jairo Queiroz. *Guerra na fábrica: cotidiano operário fabril durante a segunda guerra – o caso de Juiz de Fora – MG*. Dissertação de mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1996.

significasse alguma retribuição econômica real ou fictícia, do tipo que as taxas de previdência possibilitavam.<sup>42</sup>

Em novembro de 1943, o governo federal alterou o salário mínimo. Na cidade de São Paulo, ele passou de Cr\$ 275,00 para Cr\$ 360,00; no mesmo dia foi alterado o salário adicional para a indústria, que passou de Cr\$ 10,00 para Cr\$ 30,00. Alguns dias depois, o governo criou o *salário compensação*,

a que teria direito, pelo mesmo serviço prestado, todo trabalhador adulto [...] que perceba remuneração cujo valor se ache compreendido entre o salário mínimo – como limite inferior e o dobro do salário mínimo em vigor na respectiva zona ou região – como limite superior.<sup>43</sup>

Não é fácil avaliar o impacto de medidas como *salário adicional* e *salário compensação*. Do ponto de vista monetário, ele deve ter sido realmente muito pequeno. Esses “acréscimos” representavam apenas uma parcial reposição das perdas, num momento em que o custo de vida subia rápida e vertiginosamente. Acrescente-se a isso o fato de que, se o empregador comprovasse ao serviço de estatística da previdência e trabalho prejuízos ou dificuldades – o que, diga-se de passagem, não era muito difícil –, seria indefinidamente dispensado do seu pagamento. Portanto, o impacto dessas medidas foi muito mais simbólico e propagandístico, o que não é pouco. Talvez elas servissem para criar a impressão de que o governo estava atento à disparada dos preços e à crescente inflação.

Em setembro de 1943, o governo suspendeu os dissídios coletivos. Enquanto durasse o Estado de Guerra, eles só poderiam ocorrer depois de

<sup>42</sup> Alem, Sílvio. *Os trabalhadores e a ‘redemocratização’: 1942/1948*. Dissertação de mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1981. p. 6.

<sup>43</sup> Decretos nº 5.977, nº 5.978 e nº 5.979, respectivamente. *Boletim do MTIC*, Rio de Janeiro, n. 112, dez. 1943. Segundo Sílvio Alem, somente com este reajuste se alcançou alguma recomposição salarial, até então corroída pelo desrespeito aos tabelamentos e pelo crescente câmbio negro. As médias do salário compensação variaram entre Cr\$ 50,00 e Cr\$ 60,00. Alem, Sílvio. *Op. cit.*, p. 10.

uma audiência prévia com o ministro do Trabalho, Indústria e Comércio. Criou-se também uma tal Comissão Técnica de Orientação Sindical, diretamente subordinada ao Ministério, cuja função era promover e desenvolver o espírito sindical; divulgar a orientação do governo no tocante à vida e ao funcionamento dos sindicatos; organizar cursos de preparação e orientação para os futuros administradores sindicais, e de especialização para os administradores sindicais em exercício; prestar aos sindicatos toda a colaboração que fosse necessária. Por fim, proibiram-se as atividades e a fundação de quaisquer entidades, por pessoa física ou jurídica, com o objetivo de assistência, orientação cívica ou social, propaganda ou doutrina educacional dos trabalhadores.<sup>44</sup>

A situação se agravou ainda mais quando, em maio de 1944, a convite do comitê têxtil do Combined Production and Resources Board, formou-se uma comissão de empresários do ramo têxtil que foi a Washington negociar o rateio das cotas de tecido de exportação que caberiam ao Brasil. Segundo o acordo, o Brasil forneceria à United Nations Relief and Rehabilitation Administration e ao Conseil Français d'Approvisionnement um total de 137.100.000 metros de tecidos.<sup>45</sup> Em decorrência do acordo, o setor têxtil, principalmente o algodoeiro, foi declarado “indústria mobilizada”. Tanto os estabelecimentos de produção de fios naturais quanto sintéticos, tecelagens, malharias e acabamentos passaram a obedecer a determinações militares e, em muitas deles, nos bairros do Brás e da Mooca, oficiais das forças armadas determinavam o ritmo e a cadência do trabalho.<sup>46</sup>

A Comissão Executiva Têxtil, encarregada de fiscalizar o cumprimento da legislação de exceção, poderia transferir qualquer trabalhador de um estabelecimento para outro, de acordo com as necessidades do esforço de guerra. Além disso, nenhum empregado dos ramos industriais mobilizados poderia mudar de emprego sem a prévia autorização do órgão competente no MTIC, sob pena da acusação de deserção; e nenhum empregador poderia contratar qualquer traba-

---

<sup>44</sup> *Boletim do MTIC*, n. 110, out. 1943; *Boletim do MTIC*, n. 102, fev. 1943; *Boletim do MTIC*, n. 106, maio 1943, respectivamente.

<sup>45</sup> Stein, Stanley J. *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil 1850/1950*. Trad. Jaime Larry Benchimol. Rio de Janeiro: Campus, 1979. p. 167.

<sup>46</sup> Decreto-lei nº 6.688. *Boletim do MTIC*, Rio de Janeiro, n. 120, ago. 1944.

lhador sem o atestado liberatório concedido pela comissão. Essa mesma comissão autorizou o trabalho noturno para mulheres e menores de dezesseis anos, com duração de oito horas; o prolongamento das jornadas diárias, de todos os trabalhadores, para dez horas; turnos dobrados e a suspensão do direito de férias.

A Comissão Executiva Têxtil era composta por oito delegados sindicais e cinco representantes do governo (Ministério do Trabalho, Ministério da Fazenda, Ministério das Relações Exteriores, Coordenadoria de Mobilização Econômica, Carteira de Exportações do Banco do Brasil). Os oito delegados sindicais eram todos indicados pelos sindicatos patronais, de São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e demais estados do Norte e Nordeste. Na prática, a Comissão suspendia o que ainda restava da legislação social e trabalhista ao transferir sua vigilância e execução para as mãos dos próprios empresários têxteis, que passaram a contar com os meios coercitivos legais, além dos extralegais tradicionais, para a manutenção da ordem. Os resultados foram realmente impressionantes: em 1940, a produção total de tecidos foi de 840.168.000 metros; em 1943, chegou a 1.414.336.000 metros; em 1945, mais de 1 bilhão e meio de metros de tecidos. Esse *boom* foi sustentado pela legislação de exceção, por uma produção intensiva e ininterrupta, por salários arrojados, pela presença de soldados armados dentro das fábricas e por um fornecimento contínuo de mão de obra trabalhando no limite das suas forças e operando máquinas obsoletas.

Em 1945, o MTIC realizou um inquérito sobre o funcionamento das indústrias têxteis que abrangeu 94,2% das cardas; 78% dos fusos; e 94,25% dos teares do país. As seções de cardar funcionavam em média 14h55min por dia; as seções de fiação 15h30min; e as seções de tecelagem 12h20min, embora em alguns estados os números fossem ainda mais elevados.<sup>47</sup> Segundo *O Observador Econômico Financeiro*, a indústria têxtil brasileira ganhou, nestes anos de guerra, mais de 1 bilhão de cruzeiros, embora existissem ainda em pleno funcionamento máquinas de 1870, e a idade média do maquinário utilizado na fiação e tecelagem fosse estimada em 30 anos.<sup>48</sup>

<sup>47</sup> Stein, Stanley. Op. cit., p. 168.

<sup>48</sup> *O Observador Econômico Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 113, p. 6, jun. 1945. Apesar dos ganhos astronômicos, não havia a preocupação com o reequipamento e a modernização

O Estado de Guerra, além de ser um instrumento eficiente para estancar as pressões vindas de baixo e evitar quaisquer revisões nas escalas de vencimentos, forneceu as condições políticas necessárias para a suspensão dos direitos civis e sociais. Se as “conquistas sociais”, durante todo o Estado Novo, haviam sido mais legais que reais, o Estado de Guerra evidenciou que esse campo legal era uma arena de disputas. E a própria decretação da CLT, feita com toda pompa e circunstância, teve um significado imediato apenas ideológico e simbólico, no entanto poderoso. Foi em nome da unidade política, em nome da nação, em nome da família brasileira e, principalmente, em torno da ideia do inimigo comum, que se buscaram o consenso, a harmonia e a obediência. O Estado de Guerra levou ao paroxismo os princípios estadonovistas.

## II

Orgulho, inveja, arrogância e presunção tomaram conta de Pedro depois do acidente que lhe custou o braço direito. O personagem foi da depressão, beirando o suicídio, à violência física contra a esposa e os colegas de trabalho. Mas toda vez que essa profusão de emoções se avolumava era na religião que ele encontrava refúgio. A fé era a “vitória que vence o mundo” (p. 173). O narrador é enfático: era essa força na alma que deveria ser empregada no trabalho, era ela que o impulsiona na realização das suas necessidades. Profundamente em acordo com o ideal estadonovista, o narrador pondera: “É crime ir trabalhar sem amor à tarefa que lhe foi confiada. É crime contra a fábrica. É crime social porque prejudicará a ação harmoniosa do conjunto” (p. 173).

A fé aparece como sinônimo do envolvimento com o que se faz, do amor e da dedicação com que se desempenham as tarefas às quais cada qual está destinado. É aí que se encontra a harmonia que equilibra o conjunto social, cada indivíduo é uma peça importante para que o mecanismo fabril funcione com eficiência. “As peças pequenas também são necessárias” (p. 173), reitera o narrador. Cada um, cada elemento, é uma parte fundamental para o bom desempenho do conjunto. O corpo

---

do maquinário da indústria, porque a lógica da sua lucratividade estava centrada na superexploração da mão de obra.

fábril, parte fundamental do corpo social, é composto dos menores e aparentemente mais insignificantes elementos.

Tanto pode ser feliz um são como um doente, um rico como um pobre, um sábio como um ignorante. Mas ai desses aos quais a primeira coisa a fugir-lhes da alma é a fé, a coragem! Quem tem fé constrói a felicidade, usando qualquer coisa. O desacoroçoado veste tudo de preto. (p. 173).

Depois dessa digressão sobre a importância da fé para a harmonia social, feita pelo Dr. Juca Brito, segue seu bordão: “ânimo, ânimo e sempre ânimo”, atribuído a Danton. Há um otimismo religioso no comportamento de Pedro; mesmo nos momentos mais difíceis é sua fé em Deus, mas também, e talvez principalmente, sua fé na esperança, que o mantém caminhando.

Já se argumentou que o Estado Novo sacralizou a política, utilizando referências, símbolos e mesmo liturgias católicas como instrumento e mecanismo para a ordenação social.<sup>49</sup> *Pedro Maneta* nos mostra que a inspiração dessa sacralização não era exclusivamente católica. A tradição cristã estabeleceu uma percepção positiva acerca do trabalho humano. As mais importantes influências nessa imagem do mundo do trabalho devem-se, por um lado, à tradição monástica, especialmente ao pensamento de Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino; por outro, à tradição protestante, com Lutero e Calvino.<sup>50</sup>

João Calvino desenvolveu uma concepção teológica na qual a ideia de predestinação está diretamente relacionada ao mundo do trabalho, sendo por meio dele que se alcança a ascese. O trabalho e o uso comedido do bem-estar que a riqueza produz constituem o modo principal de render louvor a Deus. Nessa condição, e apenas nela, os valores materiais não se oporiam aos espirituais, desde que se

<sup>49</sup> Lenharo, Alcir. *A sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.

<sup>50</sup> Dada a formação presbiteriana de Paulo Rizzo, me ocuparei aqui apenas dessa vertente. Cf. Gasda, Helio Estanislau. *El sentido del trabajo. Los impactos de la reconfiguración del capitalismo contemporáneo sobre los trabajadores: por una nueva comprensión del trabajo en la Teología Moral*. Tese de doutorado – Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2010.



orientassem pelas virtudes da sobriedade, justiça e piedade.<sup>51</sup> O homem não pode mudar o seu destino, mas uma vida virtuosa e próspera anuncia a possibilidade da salvação, e o trabalho morigerado, árduo e feito com amor é um testemunho dessa possibilidade. O trabalho é um dever e, mais do que isso, é um sinal moral de que se está entre os chamados e, portanto, mais próximo de ser um dos eleitos.

Max Weber já havia chamado a atenção para o fato de ser possível, desde o início do movimento da Reforma, constatar o nascimento de uma “concepção espiritual do trabalho”, dando origem a uma “ética profissional”. Com Calvino, o homem converte-se em mero instrumento da vontade divina, ou seja, é através dele que se nota a ação de Deus. Esse é o pressuposto que faz o trabalho ganhar uma conotação moral específica e converte o êxito econômico em sinal da salvação. Essa seria a origem do “ascetismo laico”.

Esse ascetismo secular do protestantismo [...] opunha-se, assim, poderosamente, ao espontâneo usufruir das riquezas, e restringia o consumo, especialmente o consumo do luxo. Em compensação, libertava psicologicamente a aquisição de bens das inibições da ética tradicional, rompendo os grilhões da ânsia do lucro, com o que não apenas a legalizou, como também a considerou (no sentido aqui exposto) como diretamente desejada por Deus. [...] Combinando essa restrição do consumo com essa liberação da procura da riqueza, é óbvio o resultado que daí decorre: a acumulação capitalista através da compulsão ascética à poupança.<sup>52</sup>

O ascetismo laico é a noção central que dá sentido à vida e às ações de Pedro Martinez, principalmente depois do seu acidente. E quem vocaliza esses princípios é o Dr. Juca Brito. A própria distinção entre bons e maus operários, entre bons e maus patrões, está orientada pelos mesmos princípios.

A riqueza, desta forma, é condenável eticamente, só na medida que constituir uma tentação para a vadiagem e para o aproveitamento

<sup>51</sup> Gasda, Helio. Op. cit., p. 356.

<sup>52</sup> Gasda, Helio. Op. cit., p. 122-124.

pecaminoso da vida. Sua aquisição é má somente quanto é feita com o propósito de uma vida posterior mais feliz e sem preocupações. Mas, como o empreendimento é um dever vocacional, ela não é apenas moralmente permissível, como diretamente recomendada. A parábola do servo que foi desaprovado por não ter aumentado a soma que lhe foi confiada serve para expressar isso diretamente. Querer ser pobre, como repetidas vezes se disse, equivalia a querer ser doente, era reprovável do ponto de vista da glorificação do trabalho e derogatório à glória de Deus. Especialmente a mendicância dos capazes de trabalhar não constitui apenas um pecado de preguiça, mas ainda, de acordo com as palavras do apóstolo, uma violação do dever de amor ao próximo.<sup>53</sup>

O objetivo do narrador em *Pedro Maneta* – portanto o sentido do romance – parece ser o restabelecimento da “ascese cristã” como fundamentação da vida social, que o mundo moderno teria esgarçado.<sup>54</sup> Nesses termos, patrões e operários compartilhariam os mesmos princípios, e a mesma ascese seria esperada de ambos. Greves, conflitos trabalhistas, disputas orientadas por diferentes interesses simplesmente não teriam lugar. Desse ponto de vista, *Pedro Maneta* defende uma tese pastoral. O nome do protagonista não foi escolhido por acaso. O livro dá forma literária à ideologia do Estado Novo, encenando-a num enredo ordenado no qual a redenção social e a salvação da alma andam de mãos dadas com a ausência de conflitos sociais. Do ponto de vista do regime não se trata, obviamente, de transformar a ascese cristã em fundamentação do mundo social e da política. Para os ideólogos do Estado Novo, tratava-se, antes de mais nada, de ser pragmático: estabelecer os fundamentos da harmonia social e consolidar uma sociedade una, indivisa, coesa e harmônica.

<sup>53</sup> Gasda, Helio. Op. cit., p. 116.

<sup>54</sup> “Um dos componentes fundamentais do espírito do moderno capitalismo, e não apenas deste, mas de toda a cultura moderna: a conduta racional baseada na ideia de vocação nasceu [...] do espírito da ascese cristã. [...] os elementos fundamentais do que [...] se denominou espírito do capitalismo são justamente os que ora apresentamos como conteúdo da ascese vocacional do puritanismo, apenas sem a fundamentação religiosa, já desaparecida...” Weber, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Fronteira, 1967. p. 130.

A ideia do trabalho como fundamento da harmonia social não é um produto do Estado Novo. Desde a abolição da escravatura e do advento da República, permeando o debate sobre raça, nação e modernidade, esse é um problema fulcral. A noção do trabalho como único meio possível de superar a pobreza, e com ela o atraso em que estava mergulhada a sociedade brasileira, vai lentamente tomando corpo. A pobreza, que por muitos séculos fora vista como inevitável e até útil por funcionar como um estímulo ao trabalho, passou a ser considerada uma ameaça e um perigo ao desenvolvimento das relações capitalistas.<sup>55</sup> A crescente organização operária nos anos 1910 e o advento da greve de 1917 mostraram que a superação da pobreza tornava-se condição do progresso e da paz social necessária à realização desse progresso, e isso se faria por intermédio da intervenção do Estado.<sup>56</sup> A noção de cidadania passa a ser definida pelo trabalho, pela ocupação:

O trabalho passaria a ser direito e um dever do homem; uma tarefa moral e ao mesmo tempo um ato de realização; uma obrigação para com a sociedade e o Estado, mas também uma necessidade para o próprio indivíduo encarado como cidadão.<sup>57</sup>

A quebra da bolsa de valores de Nova York, em 1929, aparece em *Pedro Maneta* como um drama pessoal: a morte, por tuberculose, do tio Augusto, apresenta a possibilidade do reencontro do homem com sua verdadeira natureza, ou da ascese cristã como fundamentação do mundo. A iminência da morte é a oportunidade para a remissão do tio Augusto, que assume seu erro ao substituir o trabalho pela especulação. Afinal, essa escolha teria sido contrária à natureza; os Martinez haviam nascido para as fábricas. Essa constatação leva João Martinez a concluir que “todos têm um braço quebrado neste mundo” (p. 206), que sempre

---

<sup>55</sup> Telles, Vera da Silva. Op. cit.

<sup>56</sup> A percepção de que o liberalismo não resolveria esses problemas coloca a necessidade da intervenção estatal no mercado de trabalho para: 1º Controlar as ameaças de greve e conter os movimentos de trabalhadores; 2º Erradicar a pobreza e levar o país ao progresso. Gomes, Ângela de Castro. Op. cit., p. 152.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 153.

que um homem desempenha uma função contrária à sua natureza ele é maneta.

A diferenciação dos homens em camadas e vocações, estabelecida através do desenvolvimento histórico [...] tornou-se para Lutero um resultado direto da vontade divina, e conseqüentemente a permanência de cada um na posição e dentro dos limites que lhe foram assinalados por Deus, um dever religioso.<sup>58</sup>

Sem dúvida, o ascetismo laico como fundamentação do mundo pode levar à domesticação dos trabalhadores porque configura um mundo no qual as relações entre patrões e operários são harmônicas, não havendo possibilidade para disputas entre eles. Mas pode também educar os patrões, porque restringe seu poder no chão da fábrica, subordinando-o a uma lógica de respeito humano e reciprocidade desconhecida para uma classe habituada a mandar sem limites. Nesse sentido, domesticam-se os operários e civilizam-se os patrões! Seria meia verdade concluir que *Pedro Maneta* é um romance apenas conformista. A despeito de expressar um conjunto de valores morais convencionais, embasados na ética capitalista do trabalho, o romance, por esse mesmo viés, também expressa uma crítica à sociedade ao subordinar o lucro a um uso comedido, exigência fundamental para não se opor aos ganhos espirituais, dando vezo ao triunfo final das qualidades humanas sobre o dinheiro e o poder. Esta certamente não é das ambigüidades menores do romance.

### III

Foi o sempre generoso Dr. Juca Brito que apresentou sua paciente, Manoela, para Pedro: “Ela era mulher, mas mulher do trabalho” (p. 184). Manoela, como as moças da Mooca, busca sua independência e autonomia. Na sua primeira aparição ela deixa claro seu posicionamento:

Nada de amores burgueses, com filhos choramingando e adiposidade deformante! Isso não é vida! É escravidão... E eu sou alguém! Cento e cinquenta mil réis da fábrica! Mais uns aumentos e nunca

<sup>58</sup> Weber, Max. Op. cit., p. 114.

precisarei de me casar... Sim, casamento! Coisa humilhante em que o homem procura a mulher para esmagá-la destruindo a liberdade feminina. Amarram-nas, fazem-nas máquinas de dar filhos, almoço e café, tudo na hora, expresso! (p. 184).

Não será mera coincidência que um desabafo como esse estivesse no nível das manifestações mais radicais do *Parque industrial*, de Mara Lobo, publicado nove anos antes. Aliás, *Parque industrial* é considerado por muitos o primeiro “romance proletário” da literatura brasileira. Sua autora, Patrícia Galvão, o publicou logo depois de deixar a prisão por ter ajudado na organização de uma greve de portuários na cidade de Santos. É possível que Paulo Lício Rizzo tenha lido *Parque industrial*, seja pelo modo como contrapõe bairros ricos a bairros operários, seja porque ele reproduz no seu *Pedro Maneta* características, tipicamente modernistas, presentes naquele: as frases telegráficas, pontuação ligeira, diálogos ágeis, cortes abruptos e uma plasticidade vívida. Não seria exagero supor, aliás, que *Parque industrial* tenha sido uma fonte de inspiração para *Pedro Maneta*.

O ano da sua publicação, 1933, é um ano emblemático: pela publicação de *Casa-Grande & Senzala*, que rapidamente se tornou uma referência para os debates raciais no país; pela nomeação de Adolf Hitler como chanceler do Reich; pela eleição de Franklin Roosevelt, dando início ao *New Deal*. A radicalização política entre esquerda e direita tornou-se irreversível, no mesmo movimento que aprofundava o colapso do liberalismo. No caso específico do Brasil, além dessa ebulição internacional, havia ainda os desdobramentos da Semana de Arte Moderna de 1922, empurrando os intelectuais para um mergulho na realidade do país, em uma busca frenética pelos sentidos da brasilidade, pelos significados da cultura popular. É nesse contexto político que emerge o romance regionalista e sua temática social e seu contraponto: os romances de temática intimista – muitas vezes com franco viés religioso. Carlos Drummond de Andrade expressou essa polarização com elegância e sutileza no poema *Nosso tempo*.<sup>59</sup>

<sup>59</sup> Andrade, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000 [1945]. p. 29-37.

É nesse caldo de cultura que se pode falar de “romance proletário”, cuja definição é evidentemente problemática. Está muito mais ligado aos problemas que aborda – vida urbana, mundo do trabalho, condições de moradia, saúde etc. – do que à origem social de quem escreve, ou para quem se escreve. Nesse sentido, o chamado “romance proletário” é, antes de mais nada, um dos desdobramentos da radicalização política dos anos 1930 e menos uma característica da própria literatura. Seja como for, toda literatura produzida nesses anos foi uma literatura engajada:

Tratando-se de literatos e de Literatura, percebe-se imediatamente que o que está em causa no engajamento é fundamentalmente as relações entre o literário e o social, quer dizer, a função que a sociedade atribui à Literatura e o papel que esta última admite aí representar. No sentido estrito, o escritor engajado é aquele que assumiu, explicitamente, uma série de compromissos com relação à coletividade, que ligou-se de alguma forma a ela por uma promessa e que joga nessa partida a sua credibilidade e sua reputação.<sup>60</sup>

Todavia o único caminho para a possível liberdade e independência para Manoela, e possivelmente para as demais moças da Mooca, estava, paradoxalmente, no trabalho fabril. Manoela é apresentada como uma feminista: “Não! Eu não dependerei de homem. Eu sou eu! [...] Dominarei com a graça do meu corpo e com a malícia de minha superioridade” (p. 185). Todo seu ideal de independência e autonomia se esfarela ao entrar na fábrica: numa certa manhã chuvosa, absorta em seus desejos de liberdade e autonomia, Manoela entra na fábrica com lágrimas nos olhos. O porteiro Pedro a recebe com um comentário demolidor: “Esse é o mal das mulheres. Querem pensar um pouco e logo começam a chorar” (p. 185). Depois do portão não haveria qualquer espaço para as veleidades de liberdade feminina. Às mulheres são reservados quatro papéis: operárias, mães, esposas ou prostitutas. O máximo de “liberdade” a que podem aspirar é continuar a ser operárias

---

<sup>60</sup> Denis, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: Edusc, 2002. p. 31.

depois da maternidade e do casamento. É nessa chave que a trajetória de Manoela é descrita como

Carreira brilhante a de Manoela. Com a idade de nove anos torcia fio. Com treze era engrupina, com dezessete tecelã. Diziam que sustentava a mãe e até o pai, um homem de “altos negócios” na fértil imaginação... Começara a vida [de operária] no Assunção e lá se fizera um elemento necessário. Caso único! Uma operária excepcional! (p. 186).

Manoela não se submetia a modismos e nem era vaidosa. Entretanto, diante do pedido de casamento de Pedro, todos os seus discursos de independência esboroam e, alegremente, ela aceita o pedido, mas impõe uma condição, bastante conveniente aos propósitos atribuídos ao trabalho no contexto do Estado Novo: continuar trabalhando como tecelã. Aí estava sua realização e o epítome da sua independência. Afinal, como Pedro, Manoela nascera para o trabalho fabril (p. 193).

Como tantas outras vezes, foi o Dr. Juca Brito que socorreu Pedro nesse entrevero doméstico, defendendo a ideia do equilíbrio e da modernidade entre homens e mulheres expressa na condição imposta por Manoela. O ponto de equilíbrio entre homens e mulheres seria dado, afinal, pelo trabalho que modela e determina a ambos. Portanto, Pedro deveria aceitar sua condição, e arremata argumentando que apenas a natureza poderia alterar esse equilíbrio, pois as teorias da vida independente só caberiam às solteiras; quando chegam os filhos a natureza doméstica todas as ideias de independência.<sup>61</sup> A natureza falaria mais alto do que quaisquer veleidades feministas; entretanto, essas veleidades não foram condenadas em si mesmas, elas também eram parte da natureza – do mundo em guerra – que levou as mulheres ao mercado de trabalho. Portanto, eram demandas sem retorno.

---

<sup>61</sup> Por essas “pílulas de sabedoria” Pedro admirava incondicionalmente o Dr. Juca Brito, mas nem por isso deixava de observar, com certa dose de ironia e superioridade: “Há tempos eu me julgava possuidor da fleugma de Juca Brito. Agora via que isso era impossível. Nossas veias eram diferentes. Nas minhas corria o sangue de Dom Quixote. Nas dele o de Pai João” (p. 197).

Como antevira o Dr. Juca Brito, Manoela depois de casada abandonou todos os sonhos de independência, mas longe de acarretar tristeza ela se sentiu afinal realizada na sua condição de mulher quando se tornou mãe e dona de casa. Mas curiosamente foi Pedro, e não ela própria, que expressou toda essa felicidade doméstica:

Ali estava Manoela, uma dona de casa diferente das outras. Parece que o mesmo halo diáfano daquela janela da fábrica continuava a contorná-la [...] Moça de ideias (e que ideias!) deixar todos seus sonhos de independência para se casar comigo, um maneta... Comecei a sentir necessidade de crer em milagres. (p. 207).

Talvez, se a palavra fosse dada à própria Manoela, a felicidade não fosse assim tão incondicional. Há que se destacar que esse papel atribuído à mulher não é apenas um traço do um governo autoritário do Estado Novo. Por décadas, o movimento operário organizado apresentou como reivindicação a proibição do trabalho noturno para mulheres e se esforçou por retirá-las das fábricas – seja porque fosse evidente que elas eram as maiores vítimas (junto com as crianças) da violência fabril; seja porque sua presença contribuía para a depressão dos salários médios. Mas, como foi mencionado acima, sua presença era parte integrante da proletarização de toda a família e fundamental para a assunção da lógica calvinista do trabalho. Os prognósticos do Dr. Juca Brito, expressão mais acabada da ascese laica no romance, sempre reiteram que cada ser humano, independentemente do seu sexo, tem uma função social a cumprir e todas as funções são igualmente importantes para o bem coletivo da sociedade. Esta divisa – “todos os que não fazem aquilo para o que nasceram são manetas” – aparece reiteradamente nos argumentos do Dr. Juca Brito. E retornará quando Pedro, aproximadamente em 1930, reencontra Julieta, a namorada que o abandonara assim que perdeu o braço na explosão. Julieta é apresentada como o antípoda de Manoela:

O pó de arroz subia ao cabelo armado, borrando-o. A boca rebocada a alto relevo com batom de segunda. Na pele empoada duas manchas de *rouge* e uma pinta negríssima. [A despeito de toda produção, o narrador conclui que] Todo esse aparato não disfarçava um semblante de profunda fraqueza e prostração. (p. 208).



Julieta, não resta dúvida ao narrador, tornou-se prostituta. Ao que Pedro assevera, no mesmo tom do Dr. Juca Brito: “Ela também perdeu um braço...” (p. 209).

Os rapazes da Mooca viviam de forma dramática as diferenças com o vizinho bairro do Brás. Todas as noites as jovens espanholas da Mooca se dirigiam à movimentada avenida Rangel Pestana, principal rua do Brás, onde “circulavam automóveis do último tipo [pelo] asfalto uniforme e liso”, enquanto “sobre o esburacado calçamento da rua da Mooca trepidavam carros antiquados e feios” (p. 111). Os bares, confeitarias, ruas largas e bem iluminadas do Brás contrastavam com as vendinhas e biroskas em ruas de terra e sem iluminação pública da Mooca.

Vieram os ônibus luxuosos e modernos para o Braz. Na Mooca eram conservadas “jardineiras” piores que as usadas no interior do Estado. Quanto as companhias italianas de ópera, após a temporada oficial no Teatro Magno da cidade, se exibiam a preços populares no Braz Politeama, os cinemas da Mooca apresentavam filmes de segunda categoria para assistências constituídas quase que exclusivamente de operários mal trajados. (p. 111).

Por isso, as moças eram atraídas pelo lugar “refinado” e pelos moços mais elegantes do Brás onde todas as noites iam praticar o *footing*.

Tudo de melhor para o Braz! [repetiam eles] a Prefeitura é contra a gente. A Ligth nos desfavorece. As empresas de cinema e de transportes só nos mandam “calhambeques”... E agora até Cupido nos trai miseravelmente, levando para a Avenida o objeto dos nossos amores... (p. 112).

Ao menos era desse modo que o narrador de *Pedro Maneta* percebia os bairros da Mooca e do Brás. A descrição põe em cena o intenso e rápido processo de industrialização e urbanização pelo qual passava a cidade de São Paulo, em especial a região leste, desde o início do século XX, a maior concentração operária da cidade. Lentamente a zona industrial se deslocava ainda mais para leste, deixando o Brás com um aspecto cada vez mais residencial. Entretanto, ambos eram, nos anos 1940, bairros eminentemente operários e muito distantes da São Paulo elegante. É bem possível que as diferenças entre ambos se

referissem, na verdade, a uma relação entre *estabelecidos e outsiders*.<sup>62</sup> Ou seja, gente já estabelecida na região há algum tempo e gente recém-chegada; de um lado os que ocupavam os melhores empregos, mão de obra qualificada, de outro os não qualificados, ocupando os postos mal pagos; de um lado os que já podiam sonhar com as casas próprias, de outro os que precisavam morar longe dos locais de trabalho para aspirar ao mesmo desejo; de um lado os que já dominavam a língua, de outro os que ainda enfrentavam dificuldades para entender a cidade e para se fazer entender nela; de um lado os italianos, de outro os espanhóis.

O interesse das moças da Mooca pelas coisas do Brás era apresentado pelo narrador como mais do que uma simples atração pelas luzes e pelo *glamour* de uma vida mais urbana. Por trás do *footing* diário expressava-se sobretudo o “direito de amar quem quiser, de passear onde quiser, de fazer o que quiser” (p. 116). Esse era, segundo o narrador, “o brado candente de seus corações”. Clamor que havia sido aprendido num folheto comunista “que corria de mão em mão, de tear em tear, comprado não se sabe por quem e feito circular por todos, numa cumplicidade passível e inevitável”. Nenhuma das moças rasgaria o folhetim, talvez temendo alguma “ameaça anônima e invisível” (p. 116) Mas principalmente porque ele as estimulava com três noções inseparáveis: o amor, a liberdade e o direito. “A mulher é igual ao homem.” “Foi a invasão dos domínios domésticos e das profissões femininas pelo homem que acarretou a nossa revolta.” “Nós temos conseqüentemente o direito de invadir seu campo.” Afinal, se os homens podiam ser garçons e cozinheiros, as mulheres tinham todo o direito de se tornar operárias: “A fábrica é nossa; a rua é nossa; a Avenida [...] é nossa também! Nós aspiramos a ambiente mais largo e amores menos sem graça!” (p. 116), repetiam elas. Enquanto caminhavam em direção à avenida Rangel Pestana, lembravam-se excitadas das frases do folheto.

O panfleto comunista desempenhou para as operárias do bairro da Mooca um papel libertador, sendo através dele que elas foram capazes de dar forma às suas próprias aspirações, articulando a uma prática rebelde um discurso ordenado. Como em todos os problemas

---

<sup>62</sup> Elias, Norbert; Scotson, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

abordados no livro, aqui também não há uma mensagem simples. Todos os conflitos têm diversas facetas, o que leva o romance para longe do maniqueísmo e da adesão simples aos pressupostos do Estado Novo. No caso dos direitos das mulheres e sua relação com o comunismo, essa sutileza alcança seu ponto máximo: com o explícito elogio ao comunismo e sua possibilidade de oferecer às mulheres um mundo mais justo e igualitário.

#### IV

Logo no primeiro dia de trabalho na fábrica do “seu” Assunção, Pedro se desentendeu com Felipe, que há muito tempo desejava o cargo de porteiro para controlar o relógio de ponto “e se vingar de alguns colegas” (p. 175). Desde o início, Felipe tratara Pedro com sarcasmo e desdém; foi ele que o apelidou de “Chaleira”, pelo que recebeu um potente cruzado de esquerda no queixo, que quase custou a ambos o emprego. O desentendimento entre os dois possibilitou que o Assunção mostrasse toda sua bondade. Ele reúne os brigões e alerta:

[...] na minha fábrica [...] não há favores. Todos os empregados estão aí porque me são necessários, muito necessários. É por isso que não o mando embora neste instante. Eu preciso do senhor [...] o senhor é um elemento essencial para a boa ordem do serviço” (p. 177)

Há dois aspectos a destacar: primeiro, a percepção da fábrica como espaço privado da sua vontade, tratando-se nesse caso, para sorte dos operários, de um homem generoso capaz de reconhecer a importância de cada operário e de valorizá-los por isso; segundo, a reiteração da noção de corpo fabril harmônico, em que todos são necessários, pois cada um tem um papel específico e fundamental para o desenvolvimento do todo. Não há lugar para o conflito entre os operários, muito menos entre eles e o patrão, cujo papel fundamental é o de arbitrar os conflitos, pois a sua posição é o que tudo vê e tudo compreende.

Pedro tornou-se uma incontestável liderança entre os operários, não só da fábrica em que trabalhava, mas em todo o bairro da Mooca; liderança por suas qualidades no trabalho, por sua habilidade, probidade e energia. Num momento de admirável honestidade, em que o

personagem reflete sobre essa liderança, levanta uma séria dúvida sobre as razões pelas quais agia:

Fazia tudo isso com prazer, não sei bem ao certo se por uma vaidadezinha muito humana, se arrastado pelo exemplo de Juca Brito ou se impulsionado realmente pelo princípio do Bem, que luta em todos os corações contra as forças do Maligno (p. 210).

Em 1935 foi a vaidade, ele reconheceu, que o levou a se envolver “numa aventura que por pouco não se tornou desastrosa” (p. 210). Certa noite, a convite de Felipe, Pedro compareceu, sem saber bem ao certo do que se tratava, a uma reunião na venda do Gimenez. Logo percebeu que se tratava de uma reunião do diretório da Aliança Nacional Libertadora (ANL) do bairro da Mooca. “Vi a sala cheia de fumo e cerca de vinte homens sentados...” (p. 211). Nenhum dos presentes lhe era estranho, conhecia todos das fábricas e ruas do bairro. Alguns, ele não via desde a década de 1920: o Garciez, representando a gráfica paulista; Sumaquero, representante da Cia. Wilson. Um a um foram apresentando relatórios das suas respectivas fábricas. Concluída a exposição, discutiram o encadeamento para o levante. Ao recém-chegado, Pedro, caberia uma tarefa simples: neutralizar o “seu” Assunção – com o uso da força, caso necessário – e, com seu prestígio, sublevar a fábrica. O futuro governo revolucionário seria dividido em três comissariados – alimentação e saúde, divertimento e esportes, e moral e instrução – presididos pelo “camarada Martinez”.

Obviamente, a adesão de Pedro ao “levante” não resultou de uma conversão política consciente, ou da deliberação de construir um caminho alternativo para as difíceis condições de vida de seus companheiros de trabalho. Por um lado, sua adesão ao levante se dá pela vaidade de ser reconhecido como uma figura proeminente, e de forma um tanto autoritária pelo secreto desejo de mando, revelado pelo narrador. A distância de Pedro do comunismo é dada, por exemplo, nas avaliações irônicas e mordazes que lhe passam pela cabeça quando lhe são apresentados os futuros comissários. O camarada Gimenez cuidará da alimentação e saúde: “o maldito dono da venda – comentei comigo. Quando a revolução vencer vamos passar a feijão carunchado e arroz com areia!”. O inepto camarada Felipe, nocauteado por ele, cuidará dos divertimentos e esportes. O bígamo Garciez cuidará de moral e

instrução. Em resumo, os revoltosos são retratados como espertalhões, incompetentes, despidorados, aventureiros, violentos e ladrões.<sup>63</sup> Mas, por outro lado, ele pondera:

[...] homens cheios de entusiasmo [...] Está aí uma oportunidade de se melhorar as condições de vida desse povo [...] Minha mente povoou-se de fotografias da Rússia espalhadas pelos propagandistas do credo vermelho. Vilas para operários com higiene absoluta... Creches onde até o leite materno tornava-se comunizado... Navios carregados de trabalhadores em viagem de recreio... Campos de esportes para todos os sexos e idades... Saúde! Progresso! Entusiasmo! (p. 213-214).

Certamente, nessa digressão, há mais do que uma ambígua ingenuidade. Há também admiração e arrebatamento pela possibilidade de uma revolução social. No seu devaneio, Pedro reconhece que a única possibilidade concreta de melhorar a vida dos seus companheiros está no potencial transformador da revolução.

Agora me apresentam como o elemento de confiança para dirigir a execução de tudo isso aqui no meio de meus colegas! Aqui na Mooca que se tornou a minha própria vida. Sim! Arrasar aqueles cortiços insalubres e erguer arranha-céus para meus colegas! [...] Que grande oportunidade de fazer o bem!... Não deveria perdê-la. (p. 214).

De todo modo, sua “adesão” é autoritária e marcada pela vaidade: “É verdade que o comissariado é constituído de ineptos. Mas eu posso agir sem consultá-los [...] A tentação tornou-se forte demais...” (p. 213-214). Num certo sentido, trata-se de uma antiadesão:

Afinal era só fazer o Assunção ‘dormir’ com um soco. O resto segundo me afirmaram estava perfeitamente armado em todo o Brasil. Se eu recusasse e o movimento vencesse, iria para a parede de fuzilamento. Isso era inevitável... (p. 214).

<sup>63</sup> Quando terminam os arranjos para o levante no bairro da Mooca, os camaradas “Começaram a abrir garrafas e mais garrafas de vinhos relativamente caros e até ‘Champagne’ [...] Mais tarde vim a saber que tudo aquilo era roubado pelos ‘camaradas’, empregados em fábricas de bebidas ou em casas importadoras de vinhos finos” (p. 214).

Esse foi o único momento no romance em que o patrão foi retratado como um inimigo; mesmo que a “adesão” de Pedro seja equívoca e inconsistente, esse foi o momento em que sua revolta contra as desigualdades sociais vieram à tona, e o momento da radicalização política na sociedade brasileira orientou a radicalização do personagem.

Não é difícil compreender as possíveis simpatias comunistas do jovem estudante Paulo Rizzo.<sup>64</sup> O rápido crescimento do Partido Comunista do Brasil (PCB) no pós-guerra pode ser atribuído ao prestígio da URSS durante o conflito; à consideração pessoal a Prestes e aos comunistas presos, que teria crescido em proporção direta ao aumento das simpatias pela URSS após a invasão alemã na Operação Barbarossa, em junho de 1941; por fim, à ausência de uma organização de esquerda que pudesse concorrer com os comunistas.<sup>65</sup> O estudante Rizzo entusiasmou-se com a agitação cívica provocada, primeiro de forma subterrânea, mas depois à luz do dia, especialmente pelo PCB e seu combate ao nazifascismo. Mais do que isso, ele acompanhou a gestação dessa efervescência: conhecia os problemas do bairro da Mooca, as longas jornadas de trabalho, os problemas de moradia, sabia das carências materiais do bairro. Esse foi o contexto da sua formação política e da redação de *Pedro Maneta*.

## V

Em certa tradição interpretativa, muito disseminada, ambiguidades como as expressas em *Pedro Maneta* foram nomeadas simplesmente como *cooptação* de intelectuais desse período, que

<sup>64</sup> Em entrevista, Cecília Borges Rizzo relatou que, de fato, Paulo Rizzo nunca fora membro do PCB, mas simpatizante; e que, durante o período de legalidade do partido, de 1945 a 1947, contribuiu financeiramente com sua organização. Segundo ela, Rizzo sempre foi um homem de esquerda, preocupado com as desigualdades e injustiças sociais. Entrevista concedida ao autor em 20 de janeiro de 2005.

<sup>65</sup> “[...] um elemento deve ser aqui situado e desenvolvido. Malgrado suas análises estratégicas e táticas, suas palavras de ordem e todo o oportunismo, o PCB conseguiu concretizar fórmulas organizatórias, demonstrando, ao menos, durante algum tempo, extrema competência mobilizadora.” Alem, Silvio. Op. cit., p. 187.

[...] acabam negociando a perspectiva de levar a cabo uma obra pessoal em troca da colaboração que oferecem ao trabalho de “construção institucional” em curso, silenciando quanto ao preço dessa obra que o Estado subsidia de algum modo indireto. Na condição de presas da máquina do Estado [...] na medida em que não dispunham de recursos alternativos para minorar a servidão de intelectuais subvencionados, esquivaram-se de lidar com a questão das condições institucionais de que eram beneficiados [...] diante dos dilemas de toda ordem em que se debatiam por força de sua filiação ao regime autoritário que remunerava seus serviços, buscavam minimizar os favores da cooptação lhes contrapondo uma produção intelectual fundada em álibis nacionalistas [...] dando sequência à postura inaugurada pelos modernistas, esses intelectuais cooptados se definiam como porta-vozes da sociedade, passando a empregar como crivos de avaliação de suas obras os indicadores capazes de atestar a voltagem dos seus laços com as primícias do nacionalismo. Vendo-se a si próprios como responsáveis pela gestão cultura do espólio da nação...<sup>66</sup>

Em conhecido prefácio à obra de onde foi extraído o excerto acima, Antonio Candido apontou a necessidade de matizar essa lógica simples da adesão mencionada pelo autor, sugerindo uma distinção importante entre os intelectuais que “servem” e os que “vendem”. Sua referência fundamental para o primeiro caso são Carlos Drummond de Andrade e Cassiano Ricardo. O primeiro serviu como chefe de gabinete do ministro Gustavo Capanema sem nunca ter alienado “por isso a menor parcela da sua dignidade ou autonomia intelectual”. O segundo se enquadrou ideologicamente e “apoiou pela palavra e pela ação, porque o regime correspondia à sua noção de democracia autoritária e nacionalista”. No segundo grupo estariam os “escribas vendidos, sem alma nem fé”,<sup>67</sup> sobre os quais nem valeria a pena discutir.

Embora isso sirva para nuançar as diferentes formas de adesão especificamente referidas ao Estado Novo, creio que a noção de cooptação, a despeito da pertinente ressalva feita por Antonio Candido, continua dando sua chancela aos verbos “servir” e “vender”, de modo

<sup>66</sup> Miceli, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 216.

<sup>67</sup> Candido, Antonio. Prefácio. In: Miceli, Sérgio. Op. cit., p. 74.

que o problema da cooptação persiste. A cooptação supõe que, em determinado momento, os atores abandonem seus ideais políticos, ponham de lado seus planos, reneguem seus esforços e simplesmente adiram à ideia, projeto ou esforço de outrem. Na verdade, a noção de cooptação para se referir a ambiguidades como a dos intelectuais durante o Estado Novo é bastante inapropriada. Não se descarta o fato de que, em certas condições, os intelectuais possam ser cooptados (servindo ou vendendo); e certamente, em contextos variados, muitos o fizeram. O problema, entretanto, não é o que a noção de cooptação revela, mas o que oculta e dissimula: uma dimensão muito importante da experiência política que é o encontro, às vezes inesperado, de projetos antagônicos que passam pelas mesmas veredas discursivas sinuosas ou pelos mesmos atalhos práticos, produzindo ideias e ações semelhantes em atores muito diferentes. Candido sugere, na verdade, que há duas maneiras de servir (ou de ser cooptado): a primeira, aparentemente neutra, administrativa, meramente funcional; a segunda fortemente comprometida ideológica e politicamente. Mas de um chefe de gabinete de ministro de Estado (como Carlos Drummond Andrade) não se pode esperar apenas a neutralidade técnica e administrativamente funcional de um estafeta. Nesse caso, o verbo *servir* precisa de adjetivação e penso que o concurso literário nos ajuda a elucidar.

Dada a trajetória de Paulo Rizzo, não me parecem cabíveis nem a ideia de que tenha servido ao Estado Novo nem, muito menos, a de que tenha se vendido ao seu projeto político-institucional. Portanto, podemos descartar completamente a noção de cooptação. Penso naqueles que não se enquadram ideologicamente, como Cassiano Ricardo, mas operam com os mesmos referenciais, símbolos e linguagens do regime. Minha sugestão, no caso específico de Paulo Rizzo, o distancia tanto da bajulação – portanto recusa a ambiguidade suposta pelos investigadores – quanto da cooptação, seja servindo, seja vendendo.

Há a sua “simpatia” pelo PCB, bem como seus comentários políticos, num claro viés cristão, assentado no anseio muito concreto por justiça social, que se consolidou durante a guerra. Assim, Paulo



Rizzo pode ser considerado um “companheiro de viagem” do PCB.<sup>68</sup> E não há nada de contraditório, ou sinal de “instabilidade política” – como sugeriram o denunciante e os investigadores do FBI – ou de cooptação por ter vencido um concurso literário promovido pelo Estado Novo e ter simpatias pelo PCB.

Desde a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, e o surgimento da Aliança Nacional Libertadora (ALN), em março de 1935, o PCB exibiu uma confusa e indefinida política de alianças. Já se sugeriu que esse período foi

[...] uma etapa de transição entre a tática do ‘terceiro período’ (classe contra classe) e a das frentes populares. Seu programa é de frente popular, mas seu método insurrecional corresponde mais às tendências do terceiro período.<sup>69</sup>

É nesse contexto ambíguo que o levante de 1935 faz algum sentido. Em abril de 1938, o PCB lançou a palavra de ordem “união nacional pela paz e democracia”, isso antes do *putsch* integralista que ocorreu em 11 de maio. Segundo Marly Vianna,

É difícil entender tal posição dos revolucionários de 35. A falta de cultura política, o isolamento na prisão e a ausência de experiências de lutas verdadeiramente populares, levaram [...] à produção do raciocínio maniqueísta [...] já que a guerra era uma ameaça real do fascismo, todos os que lutassem contra ela ou que fossem suas vítimas deviam ser apoiados. Logo se os integralistas atacavam Vargas, era preciso apoiar Vargas sem restrições.<sup>70</sup>

<sup>68</sup> “Uma pequena fração dos escritores de esquerda era membro do Partido Comunista. Uma parte considerável poderia ser melhor designada como ‘companheiros de viagem’. Eu aplico essa expressão escorregadia e inexata àqueles que estavam no ‘movimento’, que simpatizavam com os objetivos do partido, escreviam para a imprensa do partido ou eram notoriamente ligados a associações patrocinadas pelo partido.” Aaron, Daniel. *Writers on the left: episodes in American literary communism*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1961. p. 9. Tradução minha.

<sup>69</sup> Löwy, Michel. *Le marxisme en Amérique Latine de 1909 à nos jours*. Paris: Maspéro, 1980. Tradução minha. p. 127. Ver também: Pinheiro, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 291.

<sup>70</sup> Vianna, Marly de Almeida Gomes. “PCB: 1929-1943”. In: Ferreira, Jorge; Reis, Daniel Aarão (Org.). *A formação das tradições, 1989-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 352-353.

Como se percebe, o apoio a Vargas foi crescente, a partir de abril de 1938, e anterior ao *putsch* integralista. O pacto Molotov-Ribbentrop, de 23 de agosto de 1939, pavimentou o caminho para os comunistas e os sipatizantes. Portanto, antes de junho de 1941 (ataque alemão à URSS), ou mesmo de dezembro 1941 (ataque japonês a Pearl Harbor), e agosto de 1942 (rompimento do Brasil com o Eixo), o apoio crítico a Vargas já estava consolidado entre os comunistas, “sem que em momento algum os comunistas tenham sido deixados de ser perseguidos, presos ou mortos pela ditadura varguista”.<sup>71</sup> O partido passou a uma linha clara de “união nacional contra o imperialismo e a guerra”, em apoio explícito a Getúlio Vargas.<sup>72</sup> Finalmente, em abril de 1942, realizou-se em Buenos Aires uma conferência para a reorganização do PCB – cuja direção fora toda presa em 1940 – em que se lançou a palavra de ordem: “união nacional em torno de Vargas”.<sup>73</sup>

Mas não se pode atribuir a posição de Paulo Rizzo a um desdobramento natural dos movimentos do PCB, embora seja plausível supor que ele conhecesse essas oscilações e fosse ele próprio parte delas. O mais provável é que ele – como parte significativa da intelectualidade brasileira – tenha percebido o governo Vargas e o Estado Novo, já em meados de 1938, também como vetor para a construção e consolidação da nação: uma nação *una, indivisa e coesa*, o canal para a realização do anseio, inaugurado pelos modernistas nos anos 1920, de conectar as partes fragmentadas da nação e aproximá-las da cultura popular.<sup>74</sup> Foi essa “estrutura de sentimento”,<sup>75</sup> muito peculiar às condições políticas

<sup>71</sup> Karepovs, Dainis. *Luta subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo: Hucitec/Ed. Unesp, 2003. p. 25.

<sup>72</sup> Dulles, John W. F. *O comunismo no Brasil: repressão em meio ao cataclismo mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 202.

<sup>73</sup> Vianna, Marly. Op. cit., p. 355.

<sup>74</sup> Lahuerta, Milton. “Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização”. In: Lorenzo, Helena; Costa, Wilma (Org.). *A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Unesp, 1997.

<sup>75</sup> *Estrutura de sentimento* “seria uma qualidade particular da experiência social e das relações sociais, historicamente diferente de outras qualidades particulares, que dá o senso de uma geração ou de um período”. Williams, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 133.

e culturais do Brasil, juntamente com o combate ao nazifascismo, que levou intelectuais de matizes políticos muito diversos a se aproximarem do Estado Novo e colaborarem em jornais e revistas que defendiam ideologicamente o regime, mesmo que eles, pessoalmente, não o fizessem. O nacionalismo, nesse contexto, não foi apenas um álibi.

*Pedro Maneta* foi escrito depois do ataque a Pearl Harbor, dois meses depois da conferência de Buenos Aires e um mês antes do rompimento brasileiro com o Eixo, portanto, no clima da “união nacional pela paz e democracia”, com Vargas. Quando o jornal oficial do Estado Novo, *A Noite*, informou os resultados finais do concurso, em 4 de novembro de 1942, descobriu-se que Paulo Rizzo havia se inscrito no concurso com o pseudônimo “Paris, 42”.<sup>76</sup> Pode-se especular por que, afinal, Paulo Rizzo teria escolhido esse nome? Em junho de 1940, Paris foi ocupada pela *Wehrmacht*, mas foi relativamente poupada, com o governo de colaboração instalado em Vichy podendo ter contribuído para essa preservação. Mas nos dias 16 e 17 de julho de 1942 (quando Rizzo escrevia *Pedro Maneta*) aproximadamente 13.000 judeus foram presos e deportados para diversos campos de concentração, no que ficou conhecido como o *Rafle du Vélodrome d’hiver*.<sup>77</sup>

*Pedro Maneta* é, sobretudo, um romance de paradoxos. O paradoxo do trabalho fabril: a fábrica é um infortúnio, uma desventura, uma infelicidade aterradora para todos que nela são obrigados a viver; mas, ao mesmo tempo, é apenas por meio dela que se pode construir uma visão positiva do trabalho, orientada pela noção de ascese laica e que dá forma ao orgulho de ser operário. O paradoxo da questão racial: entre, de um lado, a racialização; de outro, a culturalização, possivelmente pontuando o momento de produção do romance.

---

<sup>76</sup> Os demais premiados foram: *Faina*, sob o pseudônimo de Ícaro Martins; *Rosa dos Ventos*, sob o pseudônimo de Marcus; e *Algoadal em flor*, sob o pseudônimo de Zumar de Alencar. Respectivamente, os autores eram: Paulo Lício Rizzo, residente à rua Irmã Serafina, 187, Campinas; José Teles da Silva, avenida José Rufino, 276, Areas, Recife; Vinícius Meyer, Pousou Alegre, Minas Gerais; João Francisco de Lima, rua Rodrigo Monteiro e Barros, 159, casa 4, São Paulo. *A Noite*, p. 2, 4 nov. 1942.

<sup>77</sup> Laffitte, Michel. “The Vélodrome d’hiver Round-up: July 16 and 17, 1942.” *Online Encyclopedia of Mass Violence*, p. 1-12. Disponível em: [http://www.massviolence.org/IMG/article\\_PDF/The-Vel-d-Hiv-round-up.pdf](http://www.massviolence.org/IMG/article_PDF/The-Vel-d-Hiv-round-up.pdf). Acesso em: dez. 2014.

O paradoxo da condição feminina: entre a autonomia e a independência, marcadas pela inevitabilidade do trabalho fabril; e a submissão e dependência, via família tradicional. O paradoxo do comunismo: simultaneamente percebido como caminho para a libertação feminina e para a conquista de melhores condições de vida e de trabalho para os operários, e gerador da desagregação social, pois, ao se organizar sob a lógica do conflito de classes, impede a construção da harmonia entre operários e patrões. Diante de tantos paradoxos, não é difícil entender por que *Pedro Maneta* foi agraciado no concurso literário cujo objetivo era assegurar a legitimidade a um regime no momento em que ficava evidente o seu fim próximo.<sup>78</sup> Mas também não é difícil entender como, marcado pelas ambiguidades políticas do contexto, ele pode ser lido, em muitos aspectos, como o oposto do que pretendia o regime que o premiou.

## JULHO, 10!

*Julho, 10!* é uma peça em três atos, ambientada numa fábrica de pólvora, em um lugar não especificado. No primeiro ato os personagens principais são apresentados, delineando-se o papel que cada um desempenhará na trama. Os problemas sociais que a peça aborda estão explicitados logo no início, inclusive nos nomes dos personagens: Rodolfo, operário estrangeiro, é o potencial agitador, descrito como “um tipo atlético e louro, que fala carregando muito nos rr” (p. 272). É um leitor contumaz, culto e bem informado, por isso tem sempre um ar de desprezo em relação aos trabalhadores nacionais; é o personagem mais ambíguo da trama, porque portador de valores, ideias e comportamentos excêntricos (como o hábito de ler), em certo sentido incompatíveis com a generosidade dos nacionais. O seu contraponto é o operário brasileiro João Cera, “pequeno e magro e ainda parece menor e mais magro pelo contraste com Rodolfo” (p. 272). João não é exatamente preguiçoso, como a alcunha sugere; é na verdade um operário não especializado, uma espécie de faz-tudo, embora tudo o que faça consuma muito

<sup>78</sup> Essa busca de legitimidade por regimes fortes parece ter se repetido. Ver Pinto, Rui Pedro. *Prêmios do espírito: um estudo sobre prêmios literários da Secretaria de Propaganda Nacional do Estado Novo*. Lisboa: ICS, 2008.

tempo, já que é vagaroso porque é levado mais pela intuição do que pelo conhecimento. Não se incomoda que o chamem de “Cera”; já se acostumou com a chacota, é bem humorado, alegre, gentil e generoso.

Dr. Sérgio é médico e professor de higiene, o porta-voz da modernidade, da ciência e do conhecimento, ao mesmo tempo equidistante e crítico severo, tanto do despreparo do operário brasileiro quanto dos princípios dissolventes do trabalhador estrangeiro. Maria Teresa, a personagem principal, é a delicada e sensível bibliotecária da fábrica, estudante de Direito, filha de um operário morto pela polícia durante uma greve, enquanto se protegia da polícia – sem se envolver com a greve – um companheiro de fábrica. Ela é, em vários sentidos, a personificação da nova mulher brasileira, sonhada pelo Estado Nacional: altruísta, maternal e profundamente empenhada no aprimoramento da raça. É por meio das suas ações que todos os demais personagens encontrarão suas funções específicas, tanto no chão da fábrica quanto no meio social. D. Estefânia é “uma mulher de meia-idade, com roupas de corte masculino, óculos, cabelos lisos, curtos, penteados para trás das orelhas” (p. 274). Com aparência de mulher liberada e feminista, ela fuma e senta-se sobre a mesa, sendo descrita como tendo modos meio brutos da solteirona que, no fundo, tenta esconder um imenso e indisfarçável – mas sempre perceptível a todos – desejo de se casar. Por isso, o seu feminismo é a contrapartida do fracasso emocional, uma espécie de refúgio conveniente, como costumam ser, desse ponto de vista, todos os radicalismos. Caberão a ela e seu eterno pretendente, Artaxerxes, o auxiliar de enfermagem que ajuda o Dr. Sérgio na clínica da fábrica, os momentos que definem *Julho, 10!* como comédia.

No conjunto, os personagens secundários seguem o mesmo padrão de bipolaridade, sem nuances ou meios-tons, sendo bons e maus claramente identificados. Em linhas gerais, os personagens representam o conjunto da sociedade brasileira da década de 1930 em figuras dramáticas supostamente típicas. Também as situações retratadas são exemplares do que, supõe-se, sejam as causas dos males da sociedade brasileira, ao mesmo tempo que apresentam alternativas para a construção do Brasil Novo.

Os personagens são, desse modo, caricatos, não há densidade psicológica nem profundidade dramática, não há espaço para dúvidas

ou angústias. Suas ações não sugerem ambiguidade, nem conflitos ou contradições internas. Essa “simplicidade” pode nos remeter a duas ordens de questões. De um lado, pode sugerir que a peça se dirige a um público muito específico, nesse caso, os operários, e exatamente por isso a sua linguagem é simples, direta e objetiva. Nesse sentido, a peça seria documento de uma certa pedagogia empenhada na tessitura dos valores sociais hegemônicos no momento de sua elaboração. Neste caso, o possível valor literário do texto deve ser visto como elemento fundamental do seu objetivo pedagógico e de massa. De outro lado, mesmo que a peça, por seu aspecto caricatural e simplificador, não possa ser tomada como parte integrante da alta cultura, literária ou dramatúrgica do período, isso de modo algum a desqualificaria como documento histórico, uma vez que,

[...] para a história da cultura, pode ser mais útil o estudo de um escritor menor do que o de um grande escritor [...] se no grande escritor triunfa completamente o indivíduo que termina por não mais ser de nenhuma época, podendo assim se dar o caso – como já se deu – de atribuir ao século qualidades próprias do homem, no escritor menor, ainda que seja ele um espírito atento e autocrítico, pode-se ainda descobrir – com maior clareza – os momentos da dialética daquela particular cultura, na medida em que estes não conseguem, como ocorre no grande escritor, unificar-se.<sup>79</sup>

No final do primeiro ato, ocorre um incêndio na vila operária e, ao contrário de Rodolfo, que “não ajudou em coisa nenhuma. Quando viu o perigo, ficou parado na rua, inútil. E o fogo lambendo as paredes...” (p. 279) – embora o incêndio tivesse sido iniciado na sua casa, por obra de dois sobrinhos traquinas –, foi João Cera que entrou na casa em chamas, por três vezes, salvando os sobrinhos do operário estrangeiro, um dos quais, aliás, era o mais frequente trocista de suas características físicas. Como consequência do seu ato, João teve o corpo severamente queimado, correndo o risco, inclusive, de perder a visão. O incêndio e a tragédia pessoal de João Cera são os gatilhos que desencadeiam a trama da peça.

<sup>79</sup> Gramsci, Antonio. *Literatura e vida nacional*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

## I

Apresentados os principais personagens, o segundo ato se abre com os desdobramentos do incêndio na vila operária e com a notícia de que João Cera, a despeito da gravidade das queimaduras, ficará curado, mas terá de enfrentar três longos meses de convalescença. A essa boa notícia segue-se a notificação, entregue pela direção da fábrica, de que, como o incidente aconteceu fora das suas instalações e depois do expediente, não haverá nenhuma forma de indenização para João. Além disso, ele e sua família terão o prazo de dez dias para deixar a casa cedida pela companhia. A notificação provocou uma revolta geral entre os operários. Maria Teresa então tomou a iniciativa de escrever uma carta para o proprietário da fábrica explicando as condições em que ocorrera o acidente. Mais do que uma carta, ela formula uma teoria sobre o significado da justiça, propugnando um sentido civilizador e educativo para a legislação de proteção ao trabalhador. Afinal, ela crescera ouvindo que nada se podia fazer sobre a morte de seu pai, porque a lei estava do lado do soldado que disparou contra ele: “Cresci sempre querendo saber que coisa era a Lei, que coisa tão poderosa! Quando se estava ao lado dela até matar se podia” (p. 271). Então ela explica por que se interessa pelo estudo das leis:

Sei que a Lei [maiuscula no original] é uma grande força, mas também sei que ela não é tudo. Uma boa lei não é uma coisa abstrata. Não basta que o legislador se sente à sua mesa de trabalho, consulte tratados e tratados de direito e *fabrique* [itálico no original] uma lei cientificamente perfeita, teoricamente eficiente. É preciso que esta lei corresponda a uma aspiração do povo a que se destina. É preciso que os que vão pô-la em prática, que aqueles a quem ela beneficia, estejam aptos para recebê-la. (p. 272).

Maria Teresa é uma moça pobre, mas cheia de idealismo e orientada pela crença de que a razão seria capaz de solucionar todos os

problemas da desigualdade social; o simples conhecimento das dores e necessidades do outro bastaria para acionar a compaixão mútua e pavimentar o caminho para uma sociedade sem conflitos. A sua noção de justiça social e o significado que atribui à legislação trabalhista darão o tom dos encontros e desencontros da trama. É essa articulação entre justiça, legislação e pedagogia que dá sentido à sua personagem:

Por exemplo, há pouco tempo aconteceu um acidente com um operário aqui da fábrica e a direção cortou o auxílio à família. Mas eu tinha certeza de que o Dr. Guilherme [o capitalista dono da fábrica] ignorava que ele se queimara salvando uma criança. Por isso, escrevi-lhe uma carta. Desta carta surgiu uma complicação horrível e eu perdi o emprego. Muita gente aqui está com raiva dele, imaginando que se trata de um homem sem coração. Mas eu sei que não é verdade... Ou ele não recebeu a minha carta ou eu não fui bastante eloquente. Se ele conhecesse o João Cera, se soubesse como ele é bom, como ficou horrivelmente queimado para salvar o sobrinho de um homem que vivia zombando dele, garanto que tudo teria sido diferente. (p. 299).

Segundo sua teoria da justiça, são a distância do patrão em relação aos seus operários e o conseqüente desconhecimento das suas reais e efetivas condições, tanto de trabalho quanto de vida, os reais causadores dos inúmeros “desencontros” entre eles. Em sentido inverso, é porque os operários desconhecem as inúmeras obrigações e tarefas dos patrões que se lançam a greves, no mais das vezes, sem ganhos reais. Em resumo, o que daria origem aos conflitos entre patrões e operários, reiteradamente, seria o desconhecimento e a desinformação, de lado a lado. Portanto, sua mensagem é simples: conheçam-se mutuamente e a compreensão recíproca porá fim aos conflitos entre capital e trabalho. Assim sendo, o papel da lei – especificamente da legislação de proteção aos trabalhadores, do ponto de vista da teoria de Maria Teresa – seria, antes de qualquer outra coisa, aproximar patrões e operários, unindo-os num universo comum ajustado pelo conhecimento recíproco que, simultaneamente, os eduque e civilize:

[...] conhecer de perto os subordinados, verem os patrões que eles são



seres humanos, que vibram como qualquer um... Se não fosse essa ideia absurda de conseguir as coisas pela violência, se não fossem as greves, eu teria meu pai até hoje. Ele morreu, porque naquele tempo não se tinha ainda bem compreendido o espírito de solidariedade que deve, que tem que existir no trabalho. (p. 307).

A conclusão de Maria Teresa, diante do iminente despejo da família Cera e da recusa do Dr. Guilherme em arcar com as despesas de seu afastamento involuntário, só pode ter duas explicações: ou ele não leu sua carta, ou ela não foi suficientemente clara. Faltou ênfase, apenas isso!

Mas o incêndio na casa de Rodolfo teve um desdobramento inesperado. Sem ter onde guardar os panfletos que ele distribuía aos colegas, incitando-os à greve, o operário estrangeiro os escondeu (apenas por uma questão de oportunidade) numa gaveta de fichário sob responsabilidade de Maria Teresa, na biblioteca da fábrica. A impertinência da carta para o proprietário da fábrica, somada aos panfletos descobertos em sua gaveta, colocam Maria Teresa na iminência da demissão. Ao mesmo tempo são reafirmadas as qualidades dissolventes do elemento estrangeiro, reforçando o sentido geral da política de nacionalização, iniciada ainda em 1931.

Maria Teresa fica, de um lado, ameaçada pela demissão sumária; de outro, pela prisão iminente. Mas nem assim sua índole otimista se abala; ela continua reafirmando que tudo não passa de um mal-entendido e que a racionalidade e o bom senso logo esclarecerão tudo. Nesse momento Dr. Sérgio e Rodolfo, o operário estrangeiro, têm uma conversa esclarecedora sobre os possíveis danos da incompreensão mútua:

Rodolfo – Bem, mas o que fez nascerem as suspeitas não foram só os boletins. A resposta do Dr. Guilherme, recusando auxílio a João Cera, veio poucos dias antes dos boletins serem encontrados. A conclusão é fácil; D. Maria Teresa, para se vingar, queria levar os operários à greve [...]

Dr. Sérgio – [...] Mesmo porque, com a greve, sofreriam todos, operários e patrões, e maior ainda seria o prejuízo do Estado. O senhor já pensou nisto?

Rodolfo – Já pensei, sim. Que enorme dano teria o país com a greve de uma fábrica de pólvora! (p. 289).

O que mais chama a atenção no diálogo não é a obviedade do risco da dissolução social representada pelo operário estrangeiro nem, tampouco, a suposta unidade de interesses entre operários, patrões e Estado. O que realmente é desconcertante é a ideia de que os operários possam ser tão facilmente manipulados a ponto de ir à greve independentemente de seus próprios interesses. Ou seja, a possibilidade da greve aparece não como desdobramento da condição operária, mas como simples resultante da manipulação dos que sabem e podem usar seu poder de persuasão. Tanto do ponto de vista do operário estrangeiro quanto do racional e moderno médico imbuído do aprimoramento da raça, os operários não teriam vontade própria nem capacidade organizativa derivada dos seus próprios interesses e de sua própria condição. Apenas ideias extravagantes, exóticas, ou alienígenas, surgidas como um *deus ex machina*, seriam capazes de conduzi-los, apáticos e sem vontade que são, à ação violenta da greve.

## II

O terceiro ato se abre com o momento mais importante da peça: o encontro, por acaso, entre o Dr. Guilherme, o proprietário da fábrica de pólvora, e sua demissionária servidora Maria Teresa. O encontro é decisivo, em primeiro lugar porque confirma as teorias sobre justiça e lei de Maria Teresa; mas também porque é a partir dele que a peça se encaminha para seu desfecho; em terceiro lugar, porque se evidencia, afinal, para quem a peça se dirige.

D. Estefânia está sentada na mesa da biblioteca e, como “mulher liberada”, baforando um cigarro quando o Dr. Guilherme entra. Eles não se conhecem – ele não conhece nenhum de seus empregados, confirmando as hipóteses de Maria Teresa. Por isso, ele pensa que está diante de Maria Teresa. O diálogo que se segue entre os dois reafirma o lado cômico da personagem de D. Estefânia, mas revela um patrão ávido para saber, afinal, quem são seus empregados. O quiproquó se desfaz com a chegada da verdadeira Maria Teresa (que também não sabe que o homem que está na biblioteca é o proprietário da fábrica). D. Estefânia sai da sala e Maria Teresa tem a chance, mais uma vez,

de expor suas ideias sobre leis e justiça. Entusiasmada, ela explica ao curioso desconhecido:

[...] Primeiro, eu acredito na lei. Quer dizer: se o direito dos operários é menosprezado, não é com greves que se há de conseguir alguma coisa, e sim com leis inteligentes. Segundo, eu acredito no poder da simpatia humana, porque ela é uma das formas de beleza e a beleza é todo-poderosa. (p. 298).

Ela continua argumentando que a “simpatia humana prepara os homens para receberem as leis” (p. 298). Se um grande empresário sente que as leis de proteção ao trabalhador podem prejudicá-lo, ele faz tudo para que sejam revogadas. Mas se o patrão tiver “simpatia humana [...] compreenderá que as leis são justas e será o primeiro a praticá-las” (p. 298). Em seguida, ela conclui, com seu recorrente otimismo: “acho que todo o crime e toda a maldade do mundo são, no fundo, mal-entendidos” (p. 298). Compaixão é o centro da sua teoria da justiça, o sentimento capaz de produzir empatia pela dor e sofrimento de alguém.

Mas esse encontro é decisivo também porque nesse diálogo fica evidente que o objetivo pedagógico central da peça *Julho, 10!* é convencer os patrões do significado das leis de proteção aos trabalhadores. Eles aparecem no enredo do melodrama como os últimos e mais renitentes adversários da legislação de proteção social. Nenhum operário, em momento algum da peça, se opõe, ou critica, a legislação de proteção ao trabalhador, seja por qual motivo for; ao contrário, os operários já foram convencidos dos seus benefícios – com argumentos ou pela força. Desse modo, o sentido educativo e civilizador da comédia é endereçado, sobretudo, aos patrões; eles é que precisam, finalmente, ser convencidos da possibilidade de redenção social contida na “simpatia humana”, pregada por Maria Teresa. Embora a peça seja ambientada em 1934, pode-se inferir que esse convencimento ainda fosse necessário em 1942, quando a peça foi, ao que tudo indica, de fato escrita. Vencedora de um concurso literário para operários, a peça *Julho, 10!* tem a finalidade, o sentido, ao que parece, de educar os operários e civilizar os patrões, convencendo a ambos da necessidade fundamental de uma legislação de proteção ao trabalho.

O segundo momento mais importante desse terceiro ato ocorre com a revelação de que Rodolfo fora o verdadeiro responsável pelos panfletos na gaveta de Maria Teresa. Mas ao mesmo tempo ele é redimido, pois o verdadeiro responsável pela confecção e distribuição dos panfletos é o “agitador profissional” Leonardo. Não por acaso, esse personagem só aparece nesse momento da trama. Ele não é apresentado nem como brasileiro, nem como estrangeiro, nem como operário, aparecendo apenas como a encarnação do mal absoluto. Ele é o responsável pelo aliciamento de Rodolfo, que distribui os panfletos na fábrica premido por necessidades econômicas, e não por um efetivo envolvimento com alguma causa política. Amedrontado com os desdobramentos do incêndio acidental, com a ameaça de demissão de Maria Teresa – que, no fundo, admira e respeita –, Rodolfo hesita em continuar distribuindo os panfletos sediciosos, e o diálogo que mantém com “o agitador profissional” evidencia suas aflições:

Leonardo – Sei que não quer. Nenhum de nós quer. Mas, nesse nosso ofício, é uma das poucas coisas certas... É como a morte: não sabemos quando vem, só temos certeza de que vem um dia.

Rodolfo (Assustado) – Nunca pensei que fosse tão perigoso. (Mais assustado) Você me enganou.

Leonardo – O que importa isto, agora? Ninguém o acreditará. Aqui está o seu dinheiro. (Coloca sobre a mesa um maço de notas). [...]

Rodolfo – Você sempre fez pouco de mim, Leonardo. Eu sei que você é um agitador que já trabalhou em muitos países – e para muitos partidos, enquanto eu não passo de um pobre emigrante que vocês utilizam, por acaso, e aceitou por ambição. (p. 300-301).

Os operários estrangeiros não são, de modo algum, o problema. O perigo é o agitador profissional: sem pátria, sem partido, sem amigos, sendo que o que dá origem à sua existência é, novamente, a ausência de “simpatia humana”. Em última instância, o responsável pelo radicalismo político é o patronato que resiste à aplicação das leis de proteção aos seus trabalhadores. Os operários estrangeiros são, afinal de contas, apenas operários, facilmente manipuláveis, como todos os operários, seja pela força do dinheiro, seja pelas belas palavras. Há uma diferença fundamental em ser um operário estrangeiro e um agente da subversão,

e não se pode confundir os dois: o primeiro pode ser facilmente enganado como, aliás, qualquer trabalhador nacional, mas é por sua própria natureza inofensivo se não for enganado pelo segundo, este o verdadeiro vetor da dissolução social. Rodolfo pode ser recuperado, assim como o Dr. Guilherme é redimido no final, pelo patriotismo, pelo desejo de paz, harmonia e fraternidade, sentimentos naturais da “simpatia humana”, mas o “agitador profissional não tem recuperação”.

Quando finalmente Leonardo é desmascarado pelo Dr. Sérgio e pelo seu auxiliar Artaxerxes, que escutavam toda a sua conversa com Rodolfo, há um comentário categórico do médico: “... este senhor Leonardo está de saída. Ele pode se perder nas ruas da Vila Operária” (p. 302). Mais do que se perder no espaço físico da Vila Operária, Leonardo pode se perder porque, de fato, não conhece o mundo daqueles que tenta subverter. Esse desconhecimento reforça as teorias de Maria Teresa, sugerindo que os operários não lhe dariam ouvidos e que, no fundo, haveria uma ausência de comunicação entre eles, porque se desconhecem uns aos outros. Mais uma vez, o que fica patente é que, se os patrões continuarem a não reconhecer as necessidades reais de seus operários, existe a brecha pela qual eles poderão vir a ser percebidos pelos agitadores profissionais. Em resumo: ou os patrões se civilizam, humanizando as relações de trabalho no chão das fábricas e as relações sociais fora da fábrica, ou os riscos que correm serão infinitamente piores que um simples incêndio e alguns panfletos subversivos. Uma ameaça velada paira no ar!

No final, o bem vence o mal, repondo o mundo no seu devido lugar. Nesse sentido, a peça é um melodrama que cumpre seu papel fechando o ciclo. Dr. Sérgio e Maria Teresa se casam, mas ela continua trabalhando, porque só se sente bem ao se “sentir útil” (p. 291). A comicidade final da peça fica por conta da troca de papéis entre D. Estefânia e seu agora marido Artaxerxes. Ambos decidem que ele ficará em casa, cuidando do lar, e ela continuará trabalhando no escritório da fábrica. Esse congraçamento de todos os personagens acontece na sala do Dr. Guilherme, e o calendário na parede marca 10 de julho de 1934, simbolizando o dia em que ele aceitou a “simpatia humana” e os direitos dos trabalhadores foram enfim reconhecidos.

### III

Conforme o jornal *A Noite* do dia 4 de novembro de 1942, sob a presidência do próprio ministro Marcondes Filho, reuniram-se os membros da comissão julgadora e abriram os envelopes lacrados em que constavam os nomes (e endereços) correspondentes aos pseudônimos com que tinham sido até então avaliados os textos do concurso de literatura e teatro para operários. O primeiro lugar, prêmio Darcy Vargas, foi entregue a Leda Maria de Albuquerque, residente à avenida Nossa Senhora de Copacabana, nº 1110, ap. 35, e Maria Luisa Castelo Branco, moradora da avenida Pasteur, nº 467.<sup>80</sup> No dia 13 de novembro, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) organizou uma homenagem às jovens autoras em cerimônia na qual ambas foram filiadas à entidade. No dia seguinte, no Clube Ginástico Português, foi oferecido um almoço em homenagem a elas.<sup>81</sup> No dia 26 de dezembro de 1942, reuniu-se, no escritório da Livraria José Olympio Editora, a comissão julgadora do concurso de contos Humberto de Campos (Hernan Lima, José Lins do Rego, Aníbal Machado, Pelegrino Júnior, Almir de Andrade e Rachel de Queiroz). O segundo lugar nesse concurso, pelo conto *Maria Cachaça*, foi entregue a Leda Maria de Albuquerque.

Leda Maria de Albuquerque e Maria Luisa Castelo Branco eram completamente desconhecidas do meio literário e teatral da capital da República quando foram anunciadas como vencedoras do concurso promovido pelo MTIC. O crítico teatral Mário Nunes, que fora membro da comissão julgadora, destacou:

---

<sup>80</sup> O segundo lugar, prêmio Agamenon Magalhães, foi para a peça *O rei dos tecidos*, de autoria de Mário Magalhães e Mário Domingues. O terceiro lugar, prêmio Waldemar Falcão, ficou com *Novos rumos*, de autoria de J. Carlos Lisboa, residente à rua Bernardo Guimarães, nº 1827, em Cristiano Diniz. Para o quarto lugar, prêmio Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Comerciantes, foi escolhida a peça *Os dois Batistas*, de Aníbal de Mello Couto, residente à travessa Vital Brasil Filho, nº 5. E o quinto e último classificado, prêmio Instituto de Pensão e Aposentadoria da Estiva, foi para a peça *Operários a postos!*, de Regina Viana Borges, moradora da rua Senador Nabuco, nº 12, Niterói. *A Noite*, p. 2, 4 nov. 1942.

<sup>81</sup> No almoço também se fizeram presentes os jornalistas e teatrólogos Mário Magalhães

*Julho, 10*, classificada em primeiro lugar no primeiro concurso, além de nos revelar duas autoras novas, com possibilidades de triunfos mais decisivos, ajusta-se perfeitamente ao pensamento do titular da pasta do trabalho. É uma narrativa singela, mas tocada de emoção e desenvolvendo tema compreensibilíssimo para o proletariado que [...] se colocará dentro dele, substituindo-se aos personagens. As autoras fugiram habilmente ao que seria um defeito em trabalho de tal natureza: não fazem alarde da intenção. E a par da significação dos fatos que expõem com tamanha candidez defendem uma sua maneira de sentir os problemas humanos e sociais digna do maior apreço – a maioria dos conflitos e ódios que se levantam entre pessoas e classes deriva da falta de conhecimento pleno que uns têm dos outros. Muitas questões podem ser resolvidas pelo contato franco. Daí, além das leis defensoras dos interesses do capital e do trabalho, a necessidade de aproximar entre patrões e empregados, entre industriais e operários não só nos momentos de atividade, mas nas horas de alegria e tristeza também.<sup>82</sup>

Mário Nunes apresentou a peça como a “vulgarização da adiantada legislação social do nosso país” e, desse modo, ela cumpriria um objetivo pedagógico, “veículo de uma ideia feliz do Dr. Marcondes Filho”. Logo depois da divulgação do resultado do concurso, o repórter do jornal *A Noite* fez uma entrevista com Maria Luisa Castelo Branco, em sua residência, na avenida Pasteur, quando ela voltava de seu posto na Cruz Vermelha:

– Foi uma surpresa enorme! Diz Maria Luiza. Recebi a notícia por um dos membros da comissão, que gentilmente nos avisou do resultado. Logo depois recebíamos um telegrama de felicitações do Ministro do Trabalho. A nossa comédia foi um trabalho de equipe. Estudávamos os diálogos, vivamente, quase que representando. Procuramos assim fixar alguma coisa de vivo, de flagrante, de real... Já escrevamos teatro, continuou Maria Luiza, sentimos nela uma

---

e Mário Domingues, premiados com o segundo lugar no mesmo concurso com a peça *O rei dos tecidos* e também homenageados na SBAT. Todavia, nos seus arquivos só é possível localizar a ficha de inscrição de Leda Maria de Albuquerque, na qual se encontra apenas a data de seu nascimento em 19/08/1919.

<sup>82</sup> *Jornal do Brasil*, p. 6, 25 dez. 1942.

esplêndida forma de realização artística. Já apresentamos ao Serviço Nacional do Teatro uma comédia: ‘Rumo desconhecido’. Mas... sabe bem como é difícil fazer-se conhecido um autor no Brasil. Ainda esperamos o pronunciamento dos que a estão examinando... Sempre trabalhei com minha amiga e colega. *Desde que começamos a estudar a legislação trabalhista brasileira, sentimos estar diante de uma interessantíssima experiência social e humana, fora do excesso de individualismo do direito civil.* A portaria do ministro do trabalho, que com ela revelou um sentimento extraordinário da realidade psicológica do trabalhador, veio trazer-nos uma funda alegria: poderíamos unir a produção artística com essa esplêndida realidade que é a legislação do trabalho no Brasil. Daí surgiu o tema. Creio que o teatro deve ser uma verdadeira mensagem. Com o divertimento está claro. Porque há quem julgue que teatro é ‘apenas’ divertimento. Cairíamos na revista barata. Há quem nele queira ver ‘apenas’ mensagem. Cairíamos em um diálogo pesado, fora de todo o sentido cênico. Atrair e construir deve ser a missão do verdadeiro teatro, meio mais vivo de expressão que o romance. *O visto e o ouvido impressionam mais do que o lido.* Por isso escolhemos esse caminho. Já pensou no prêmio? – Está me lembrando uma coisa que ainda não pensei. Espere. Vou transformar a metade em bônus de guerra. O resto em livros... – O operário brasileiro é sensível – diz-nos a vencedora do concurso. Não seria difícil organizar, nos sindicatos, verdadeiros centros culturais onde os próprios trabalhadores pudessem representar as peças. Quantas vocações não surgiriam? De artistas e de escritores... Tínhamos confiança no concurso, acrescentou Maria Luisa. Vimos, no próprio ato da entrega da peça, que estava bem organizado. Mas nunca imaginávamos o primeiro lugar. Foi uma surpresa agradável! E agora são tantos os parabéns de colegas, de amigos, de parentes [...]”<sup>83</sup>

<sup>83</sup> *A Noite*, p. 2, 4 nov. 1942. Grifos meus. Agradeço a Caroline Alamino a localização dessa informação. A pesquisadora Kátia Rodrigues Paranhos sugeriu que Leda Maria de Albuquerque e Maria Luisa Castelo Branco fossem operárias, mas as informações do jornal *A Noite* deixam claro que se tratava de estudantes de Direito e solteiras, dado o pronome de tratamento usado pelo entrevistador. Ver Paranhos, Kátia. “Engajamento às avessas: textos e representações do mundo do trabalho no ‘Estado Novo’”. *ArtCultura*, v. 11, n. 19, p. 107-115, 2009. Em outra matéria, na noite de estreia da peça, no Teatro Serrador, em 23 de dezembro de 1942, a mesma informação é confirmada. *A Noite*, p. 8, 23 dez. 1942.



Duas questões se destacam na breve entrevista: a inovação e a importância crucial da legislação do trabalho, sobretudo quando contraposta ao individualismo exacerbado do direito civil (sua “interessantíssima experiência social e humana” foi em grande parte compartilhada também pelos operários aos quais se dirigia); e o papel do teatro como importante meio de educação popular na comparação com o romance, afinal “o visto e o ouvido impressionam mais do que o lido”.

Como havia sido prometido no edital do concurso, *Julho, 10!* estreou no Rio de Janeiro, no Teatro Serrador, no dia 23 de dezembro, com a presença de vários ministros de Estado e da primeira dama Darcy Vargas, que emprestara seu nome ao prêmio. O próprio Marcondes Filho subiu ao palco para parabenizar as autoras. A peça seguiu temporada com a apresentação de três sessões diárias, uma vespertal às 16 horas, e duas sessões noturnas às 20 e 23 horas. Montada pelo grupo Eva e seus Artistas, a companhia era dirigida por Luiz Iglezias. Segundo o crítico teatral responsável pela coluna Teatro no jornal *A Noite*, houve um grande afluxo de público:

Nossos autores de comédia nunca se preocuparam em tomar como temas e motivos de inspiração os aspectos da vida simples que vivem os menos favorecidos da fortuna. Assim, todas as nossas comédias são de feitio pequeno-burguês e mesmo quando os fatos não se passam na alta sociedade, ou no mundo dos que têm dinheiro, nunca tem lugar nos círculos proletários [...] Eva Todor faz a protagonista com o habitual desembaraço de atriz senhora dos recursos de sua arte e confiante nos seus encantos. Empresta à protagonista sua graça e sua ternura, representa todo o tempo com acerto de atitudes, gestos e inflexões. Elsa Gomes surpreendeu a plateia fazendo uma caricatura, e a fez inteligentemente, engraçada e grotesca a um tempo, perfeitamente dentro das rubricas do papel; Afonso Stuart, a seu lado, foi o excelente cômico de sempre; André Villon usou de sua costumada correção, o galã elegante *avec propriété*; muito bom também Ferreira Leite num personagem antipático, como Judite Vargas em papel de emoção, honestamente conduzido, sendo apreciável o concurso de Valter Louzado e

Paulo Rodrigues, sinceros, Armando Ferreira e Armando Braga satisfatórios.<sup>84</sup>

Embora nos anúncios de divulgação a peça constasse com os auspícios do MTIC, havia cobrança regular de ingressos.<sup>85</sup> Leda Maria de Albuquerque e Maria Luisa Castelo Branco, apresentadas como promessas para o futuro, ao que tudo indica, nunca mais escreveram peça alguma, ao menos não que tenham sido publicadas ou montadas. Os registros sobre ambas cessam com o anúncio do prêmio e a montagem da peça. Na SBAT, sobre as autoras, há apenas o registro da peça *Julho, 10!*

#### IV

O melodrama, como gênero teatral, tem sua origem nos finais do século XVIII e está associado, de um lado, à Revolução Francesa; de outro, à ascensão do Romantismo. É um gênero em que se dá destaque aos enredos sentimentais, sem descurar dos dramas históricos, nos quais se valoriza a ação dramática, destacando o conflito entre vício e virtude.

Os maus agem com maior ímpeto [...] aos bons incumbe o esforço para restabelecer os valores positivos [...] os maus têm em mira a satisfação dos próprios desejos; os bons sublimam os impulsos, porque colocam os interesses coletivos sobre aqueles particulares.<sup>86</sup>

Nesse sentido, o “melodrama pode ser tomado com uma espécie de denominador comum do estilo teatral romântico”<sup>87</sup>

<sup>84</sup> *A Noite*, p. 6, 26 dez. 1942. A peça ficou em cartaz até 2 de janeiro de 1943. Reis, Ângela de Castro. *A tradição viva em cena: Eva Todor na companhia Eva e seus Artistas, 1940-1963*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2013. p. 194. Infelizmente, não foi possível saber se a peça foi montada em outros estados, como prometia o edital, nem o número total de assistentes. Ver também Khoury, Simon. *Bastidores: Paulo Autran, Eva Todor, Milton Moraes, Vanda Lacerda*. Rio de Janeiro: Letras & Expressões, 2001. p. 218. Agradeço à professora Ângela de Castro Reis as informações sobre o grupo de Eva Todor.

<sup>85</sup> Conforme anúncio no *Correio da Manhã* de 24 de dezembro de 1942, p. 10.

<sup>86</sup> Huppés, Ivete. *Melodrama: o gênero e sua permanência*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. p. 34.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 10.

Sendo filho da Revolução Francesa, o melodrama está estreitamente ligado à ideia de um teatro popular, sem que isso signifique, necessariamente, a supressão do senso de hierarquia ou mesmo do reconhecimento do poder estabelecido, que são continuamente preservados, possivelmente até fortalecidos, nesse gênero teatral. Jean-Marie Thomasseau sugere que ao longo do século XIX foi se constituindo uma espécie de intercâmbio entre o gênero teatral melodramático e o gênero romanesco, sendo que, a partir da segunda metade do século XIX, os autores teatrais são também romancistas, de modo que os mesmos temas e problemas são encenados nos palcos e desenvolvidos nos folhetins. O gênero melodrama, como qualquer outra forma teatral, se transforma continuamente, em estreitíssima conexão com as transformações políticas e sociais do seu contexto. Sugeriu-se para ele uma periodização muito particular: o melodrama clássico, 1800-1823, corresponderia ao período da Revolução Francesa e à queda de Napoleão; o melodrama romântico, 1823-1848, corresponderia à queda do Império e à Monarquia de Julho; o melodrama diversificado, 1848-1914, corresponderia ao advento do Segundo Império. Contudo, a despeito das suas modificações técnicas e das peculiaridades dramáticas de cada período, o que nos interessa é a permanência do gênero. Sempre firmemente entrelaçado ao tecido social haveria, na década de 1940, uma retomada forte do gênero que, segundo Jean-Marie Thomasseau, “ganha novo viço nas épocas de crises sociais e nacionais, nos momentos em que os valores se redefinem e que se reencontra o gosto pelas oposições fortes e a necessidade de uma criação mítica e compensatória”.<sup>88</sup> O Estado Novo, com seu desejo de estabelecer o Homem Novo, teria sido campo fértil para vicejar as opções formais do melodrama.

Sua estrutura narrativa é, em geral, muito simples, e as situações encenadas são definidas sem ambiguidade, mesmo quando inverossímeis. De um lado, contrapõe personagens que representam valores morais opostos, mas sempre maniqueístas: o herói, o vilão, as vítimas inocentes, o cômico, o casal enamorado, o injustiçado e ofendido pai de família, cuja honra é restabelecida pela justiça final. Acrescente-se a isso o pitoresco visual: “incêndios, erupções vulcânicas, naufrágios preenchendo, pela

---

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 136.

surpresa, pelo encantamento, os espaços da emoção e da imaginação do público”.<sup>89</sup> De outro lado, alterna rápidas transformações cênicas que vão do desalento à esperança, da mais profunda aflição à euforia, levando o espectador de sobressalto em *sobressalto* ao desfecho. Talvez por isso, seus temas, em geral, estão ligados à reparação de uma injustiça social – à qual contrapõe-se a virtude pessoal ou o civismo – e à realização amorosa. Vale lembrar também que a realização amorosa é o corolário das vitórias da política e está reservada para os bons, mas apenas depois de encaminhada a solução para a vida prática. Os personagens são planos, sem qualquer espécie de dúvida, de sofrimento ou de contradição que lhes dê densidade psicológica; são depositários de bondade ou de maldade, sem meios-termos, provocando no espectador uma identificação rápida e fácil.

Já se argumentou que o melodrama ocultaria os conflitos sociais e reduziria as contradições da sociedade a “uma atmosfera de medo ancestral ou felicidade utópica”.<sup>90</sup> Embora somente estudos específicos, centrados na recepção dos espetáculos, possam confirmar esse papel de abrandar os conflitos sociais, parece razoável supor que o gênero melodramático chancele a ordem social e os valores do seu tempo. Não, é, portanto, mero acaso que sua difusão tenha se dado a partir de meados do século XIX, quando as aspirações igualitárias derivadas da Revolução Francesa haviam sido definitivamente substituídas pelo comando de uma burguesia que há muito deixara de ser progressista ou revolucionária. O melodrama foi o gênero teatral predominante nas décadas iniciais do século XX, não apenas nos teatros da capital federal, mas sobretudo nas cidades do interior. É bem possível que essa disseminação contasse com a força do rádio e suas novelas, com as andanças dos grupos circenses e com a crescente difusão das salas de cinemas.

Nas décadas iniciais do século XX, mas sobretudo no entreguerras, assistiu-se à emergência do que se convencionou chamar cultura de massa – de maneira simplificada, os produtos dos meios de comunicação

<sup>89</sup> Thomasseau, Jean-Marie. *O melodrama*. Trad. Claudia Braga e Jaqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Debates, 303, p. 7).

<sup>90</sup> Pavis, Patrice. *Dicionário de teatro*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 238-239.

de massa –, e com ela a configuração das convenções do melodrama se consolida em diversas manifestações, para além do teatro, no cinema, no rádio, na publicidade. Segundo Silvia Oroz, o melodrama com seu sistema de símbolos e convenções teria sido o gênero, por excelência, da cultura de massa no século XX. Parte da sua disseminação teria ocorrido com a constituição do chamado *sistema de estúdios* de Hollywood, baseado no princípio da máxima exploração dos recursos materiais, objetivando a maximização dos lucros. Seguindo o modelo da padronização dos produtos manufaturados, adotado pela economia industrial estadunidense, o sistema de estúdio teria usado os gêneros (*western*, musicais etc.) como forma de racionalizar o processo produtivo em função da busca do máximo de lucro possível. Assim, o sistema de grandes estúdios teria dado origem ao sistema de gêneros, que permitia a utilização e reutilização de cenários, decorações, argumentos, roupas e esquemas argumentativos. Nesse processo industrial, o *star system* contribuiria, por fim, para a fixação desses modelos, vendendo com enorme planejamento e eficiência a produção cinematográfica. Foi esse esquema industrial um dos principais responsáveis, junto com o rádio e suas novelas, pela institucionalização e disseminação das narrativas melodramáticas no século XX, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Como argumenta Oroz, “o cinema e o gênero melodramático converteram-se no veículo fundamental da comunicação de massa na América Latina”.<sup>91</sup> A partir de meados dos anos 1950, o melodrama alcançou a televisão, onde continua imperando soberanamente.<sup>92</sup>

Em *Julho, 10!*, a forma melodramática está posta a serviço da ação cívica. A justiça acaba tendo a última palavra, por meio de um triunfo moral guiado por uma força metafísica que pode responder pelo nome de providência, mas que alguns podem chamar de Deus. É por isso que o ateísmo – e seu homônimo, no contexto da peça: o comunismo – são marcas identitárias do mal e dos vilões. Com *Julho, 10!* estamos no centro das ideias de conciliação de classe, centrais para o regime instituído em

---

<sup>91</sup> Oroz, Silvia. *Melodrama: o cinema de lágrimas na América Latina*. Rio de Janeiro: Funarte, 1999. p. 54.

<sup>92</sup> Braga, Cláudia. *Em busca da brasilidade: teatro brasileiro na primeira república*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

novembro de 1937, sem que seja muito importante determinar se é a visão religiosa de mundo que produz o anticomunismo ou o contrário. Possivelmente, em *Julho, 10!*, a última opção parece fazer mais sentido!

Mas há que se tomar cuidado com qualquer afirmação peremptória de conservadorismo na forma melodramática nesse contexto dos anos 1930/1940. Arno Mayer já sugeriu que a contrarrevolução (também católica, mas sobretudo fascista), ao encenar uma proposta de reordenação geral da sociedade, emergiu intimamente ligada aos princípios, valores e imagens da própria revolução social.<sup>93</sup> Mesmo projetos políticos antagônicos, ao convergirem para temas e imagens comuns, acabam por articulá-los de modo similar, investindo, muitas vezes, contra os mesmos ideários e esgrimindo valores similares. Portanto, seria falso supor que se trata de um gênero meramente conformista e escapista. A despeito de expressar um conjunto de valores morais convencionais, o melodrama pode também ser veículo para a expressão de críticas à sociedade, e certamente o foi quando deu vezo aos valores humanitários, enfatizando o triunfo final das qualidades humanas sobre o dinheiro, o lucro e o poder. Essa talvez seja sua maior ambiguidade, claramente encenada em *Julho, 10!*

## V

É possível supor que o título da peça faça referência ao decreto nº 24.637, de 10 de julho de 1934, por meio do qual o chefe do Governo Provisório legisla sobre acidentes de trabalho, definindo salários, indenizações, assistência médica, farmacêutica e hospitalar. O capítulo I, “dos acidentes de trabalho”, estabelece:

Art. 1º Considera-se acidente do trabalho, para os fins da presente lei, toda lesão corporal, perturbação funcional, ou doença produzida pelo exercício do trabalho ou em consequência dele, que determine a morte, ou a suspensão ou limitação, permanente ou temporária, total ou parcial, da capacidade para o trabalho.

§ 1º São doenças profissionais, para os efeitos da presente lei, além

<sup>93</sup> Mayer, Arno J. *Dinâmica da contra-revolução na Europa 1870-1950: uma estrutura analítica*. Trad. M. Gonçalves. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977.

das inerentes ou peculiares a determinados ramos de atividade, as resultantes exclusivamente do exercício do trabalho, as resultantes exclusivamente especiais ou excepcionais em que o mesmo for realizado, não sendo assim consideradas as endêmicas quando por elas forem atingidos empregados habitantes da região.

§ 2º A relação das doenças profissionais inerentes ou peculiares a determinados ramos de atividade será organizada e publicada pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, e revista trienalmente, ouvidas as autoridades competentes.

Art. 2º Excetuados os casos de força maior, ou de dolo, quer da própria vítima, quer de terceiros, por fatos estranhos ao trabalho, o acidente obriga o empregador ao pagamento de indenização ao seu empregado ou aos seus beneficiários, nos termos do capítulo III desta lei.

§ 1º Não constitui força maior a ação dos fenômenos naturais quando determinada ou agravada pela instalação ou localização do estabelecimento ou pela natureza do serviço.

§ 2º A responsabilidade do empregador deriva somente de acidentes ocorridos pelo fato do trabalho, e não dos que se verificarem na ida do empregado para o local da sua ocupação ou na sua volta dali, salvo havendo condição especial fornecida pelo empregador.<sup>94</sup>

Cabe destacar que o parágrafo 2º, do segundo artigo, se lido ao pé da letra, eximiria o Dr. Guilherme de qualquer responsabilidade com o acidente de João Cera, porque sobreveio na Vila Operária e não na fábrica, e porque não decorreu “do fato do trabalho”. Por isso, é ainda mais significativo o mote reiterado por Maria Teresa: “simpatia humana”.

Mas há uma ironia na data que dá nome à peça. Afinal, 10 de julho de 1934 é também o dia da publicação do decreto nº 4.645, que estabeleceu medidas de proteção aos animais. Em seu artigo primeiro, o decreto estabeleceu: “Todos os animais existentes no País são tutelados do Estado”. O artigo 2º, § 3º, determinou: “Os animais serão assistidos em juízo pelos representantes do Ministério Público, seus substitutos legais e pelos membros das sociedades protetoras de animais”. Por fim, o artigo 3º, III, tornava crime “obrigar animais a trabalhos excessivos ou

---

<sup>94</sup> Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24637-10-julho-1934-505781-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 5 nov. 2014.

superiores às suas forças e a todo o ato que resulte em sofrimento para deles obter esforços que razoavelmente não se lhes possam exigir senão como castigo”.<sup>95</sup>

Não custa lembrar que os presos no levante de 1935 foram submetidos a um tribunal de exceção, o Tribunal de Segurança Nacional, criado pela lei nº 244, e subordinado à justiça militar. O Tribunal funcionou de dezembro de 1937 até o fim de 1945, quando as Forças Armadas depuseram Getúlio Vargas. Para representar dois dos mais conhecidos presos julgados pelo tribunal, Luís Carlos Prestes e Harry Berger, foi escolhido, *ex officio*, o advogado católico Heráclito Fontoura Sobral Pinto, porque vários advogados já haviam recusado a defesa dos réus. Em carta de 2 de março de 1937, enviada ao Ex.mo Dr. Raul Machado, juiz do tribunal encarregado do processo, Sobral Pinto invocou exatamente o decreto nº 4.645, para se referir ao tratamento dispensado a Harry Berger. Seus argumentos eram desafiadores para o contexto do período:

[...] metido no socavão do lance inferior de uma das escadas da polícia especial, passa Harry Berger os dias e as noites, sem ar convenientemente renovado, sem luz direta do sol, e sem o menor espaço para se locomover. Nem cama, nem cadeira, nem banco. Apenas um colchão sobre o lagedo [sic]. De alfaias nenhuma notícia. Absolutamente segregado de todo e qualquer convívio humano a ouvir, de momento a momento, as passadas dos soldados em trânsito pela escada [...] A roupa que traz, calça e paletó sobre a pele, ele não a muda desde meses [...] Tal é Sr. Juiz, a prisão que destinaram para Harry Berger. Tal é, eminente magistrado, o tratamento que lhe vem sendo dispensado.<sup>96</sup>

É conhecido o tratamento dispensado nas prisões do Estado Novo aos presos do levante de 1935. Olga Benário, mulher de Prestes, foi entregue ao governo alemão e morreu numa câmara de gás; Harry Berger foi continuamente torturado, sendo libertado em 1946, quando retornou à Alemanha, com graves problemas psiquiátricos, decorrentes das sevícias

<sup>95</sup> Disponível em: [http://www.apasfa.org/leis/decreto\\_34.shtml](http://www.apasfa.org/leis/decreto_34.shtml). Acesso em: 5 nov. 2014.

<sup>96</sup> Pinto, Sobral. *Por que defendo os comunistas*. Belo Horizonte: Comunicação, 1979. p. 74.



de que foi vítima.<sup>97</sup> É nesse quadro de total ausência do que Maria Teresa chamava de “simpatia humana” que a carta de Sobral Pinto continua:

[...] semelhante desumanidade precisa de cessar e cessar imediatamente, sob pena de deslustre para o prestígio desse Tribunal de Segurança Nacional [...] tanto mais obrigatoriamente inadiável se torna a intervenção urgentíssima de V. Exa. Sr. Juiz, quanto somos um povo que não tolera a crueldade, nem mesmo para com os irracionais como o demonstra o decreto nº 4.645, de 10 de julho de 1934, cujo artigo 1º dispõe: *todos os animais existentes no país são tutelados pelo estado*. Para tornar eficiente tal tutela, esse mesmo decreto estatui: *aquele que, em lugar público ou privado, aplicar ou fizer aplicar maus tratos aos animais, incorrerá em multa de 20\$000 a 500\$000 e na pena de prisão celular de 2 a 15 dias, quer o delinquente seja ou não o respectivo proprietário, sem prejuízo da ação civil que possa caber* (art. 2º) e para que ninguém possa invocar o benefício da ignorância nessa matéria, o art. 3º do decreto supracitado mencionado define: *consideram-se maus tratos [...] manter em lugares anti-higiênicos ou que lhes impeçam a respiração, o movimento ou o descanso, ou os privem de ar ou luz*.<sup>98</sup>

O advogado encerrou sua carta com a informação de que no Paraná um juiz havia condenado a dezessete dias de prisão celular e multa de 520\$000 um homem que havia matado a pauladas um cavalo de sua propriedade e conclui:

[...] Harry Berger [...] posto à disposição do Tribunal de Segurança Nacional [...] apesar dos esforços em contrário do suplicante, atenta contra todas as normas da civilização ocidental, pois conforme foi já localizado, infringe até dispositivos claros e terminantes da legislação existente no país em favor dos próprios animais.<sup>99</sup>

Seria tentador sugerir que a comédia *Julho, 10!*, premiada no

<sup>97</sup> Moraes, Fernando. *Olga: a vida de Olga Benário Prestes, judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>98</sup> Pinto, Sobral. Op. cit., p. 75. Grifos no original.

<sup>99</sup> Pinto, Sobral. Op. cit., p. 76.

Concurso Nacional de Romance e Teatro para Operários, promovido pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em 1942, com o primeiro lugar, referia-se não ao decreto nº 24.637, que legisla sobre acidentes de trabalho, mas ao decreto nº 4.645, que legifera sobre a proteção aos animais. Se assim fosse, a peça teria deixado de ser uma simples comédia melodramática que reitera ingenuamente os princípios e valores do estado autoritário – patriotismo, obediência, anticomunismo, negação da luta de classe, submissão das mulheres etc. –, para se tornar uma sátira sobre a própria ditadura estadonovista. Há uma vasta bibliografia sobre a sátira, seja como gênero, seja como modo<sup>100</sup> – para simplificar, por sátira entendo, *grosso modo*, uma forma de intervenção artística com o objetivo político explícito de ridicularizar indivíduos e instituições. Mas tomando Vladimir Propp como referência, seria possível sugerir dois gêneros de riso: os que contêm e os que não contêm a derrisão – aqueles, chamados de “riso de zombaria”, seriam os mais frequentes tanto na vida quanto na literatura, possibilitando um riso crítico “suscitado pelos defeitos daquilo ou de quem se ri”.<sup>101</sup> Portanto,

Se a origem etimológica do termo [sátira] permanece incerta; se há realizações satíricas artísticas e não artísticas, literárias e pictóricas, na ficção, na lírica e no drama; se seus alvos vão de indivíduos a nações; se o tipo de riso que provoca vai da gargalhada desbragada a um esgar cínico, há que se sublinhar que o que é permanente no discurso satírico é o ímpeto de defender a norma pela ridicularização do desvio.<sup>102</sup>

Embora instigante, acredito que essa sugestão seja um passo largo demais – mesmo reconhecendo que a peça permita numa leitura a contrapelo, enquadrando-se nas elásticas definições de sátira –, o que demandaria uma “leitura satânica” de todo o texto. Seria preciso

<sup>100</sup> Por exemplo: Hernández, G. E. *La satira chicana*. México: Siglo Veintiuno, 1993; Hodgart, M. *La sátira*. Madrid: Guadarrama, 1969; Hansen, J. A. *Anatomia da sátira*. Conferência apresentada na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 1991.

<sup>101</sup> Propp, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992. p. 151.

<sup>102</sup> Rocha, Rejane Cristina. *Da utopia ao ceticismo: a sátira na literatura brasileira contemporânea*. Tese de doutorado – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

encontrar evidências maiores do que uma mera coincidência de datas para levar a sério essa sugestão.

## VI

Não obstante, oito anos depois da premiação, em 1º de fevereiro de 1950, Leda Maria de Albuquerque [agora, Noronha] reapareceu no acervo do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), do Rio de Janeiro, sob a acusação de ligação com o proscrito Partido Comunista do Brasil (PCB). No prontuário nº 43.302, descobrimos que Leda Maria de Albuquerque Noronha, filha de Otávio Maria de Albuquerque e Maria Salomé Curvello de Albuquerque, nasceu em 19 de agosto de 1919, na cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião da acusação, residia ainda na avenida Nossa Senhora de Copacabana, nº 1.110, ap. 35, era casada e estava inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil sob o nº 5.300. Mantinha um escritório na avenida Antônio Carlos, 207, e trabalhava na Legião Brasileira de Assistência (LBA), onde ocupava o cargo de procuradora-geral. A acusação de vinculação ao PCB era bastante frágil – num certo sentido, reafirmava os exageros e paranoias dos anos iniciais da Guerra Fria – e sugeriu-se que

[...] a prontuariada figura registrada no S.Iv. (St-1), como adepta da ideologia comunista; foi designada para membro de uma delegação de mulheres brasileiras que participariam do 2º Congresso Internacional de Mulheres, realizado em Budapeste.<sup>103</sup>

Por conta desse registro, Leda Maria teve indeferido seu pedido de “certidão negativa de ideologias”. O pedido, na verdade, fora feito em fins de 1948 e, ao que parece, ela desistiu da viagem, entre o pedido e a recusa do órgão de segurança, por motivos de saúde. Em 31 de agosto de 1950, numa das folhas do seu prontuário, há um carimbo do Serviço de Informação sugerindo a possibilidade de haver “elemento de nome idêntico”, mas não há mais nenhuma indicação de que pudéssemos estar diante de homonímia. Tudo indica que Leda Maria apenas soube

<sup>103</sup> Departamento de Ordem Política e Social, prontuário nº 43.302 (Serviço de Investigação, Setor de Controle).

pesar contra ela a suspeita de comunismo quando, em 4 de novembro de 1950, solicitou uma nova “certidão negativa de ideologias”, justificando o pedido com a marcação de viagem para França, Itália e Espanha. O pedido foi negado! Em 7 de março de 1951, Leda Maria solicitou o “atestado de antecedentes ideológicos” para viajar à Argentina. No dia seguinte, foi acrescentada ao seu prontuário a seguinte observação: “em razão do despacho exarado pelo diretor desta D.P.S., em requerimento da prontuária datado de 28/08/1950, foi-lhe concedido por este S.I. o atestado de que não registra antecedentes desabonadores nesta divisão”. O último registro em seu prontuário data de 20 de julho de 1964, quando Leda Maria, mais uma vez, solicitou a “verificação de antecedentes para viagem à Áustria”; ao que tudo indica, as suspeitas sobre ela haviam cessado em 1951.

O certo é que ela mobilizou muita gente para obter o atestado. O primeiro a figurar em sua defesa foi o ex-secretário da LBA e, naquele momento, deputado federal, eleito por Minas Gerais, Lúcio Bittencourt, que afirmou que a conhecia bem e que ela não tinha vinculações com o comunismo.<sup>104</sup> Há também em seu prontuário uma carta assinada pelo capitão de corveta Joaquim Novaes de Castello Branco, atestando que a referida prontuária “é pessoa da mais perfeita idoneidade moral, desconhecendo o exercício, por parte da mesma, de qualquer atividade política”. Seguem mais dois atestados semelhantes, do seu chefe imediato na LBA, Hermes Afonso Bartolomeu, e de um certo João Gomes Carneiro Jr.

Em sua defesa, Leda Maria argumentou que o convite para participar do II Congresso Internacional Feminino, na Hungria, não fora dirigido especificamente para ela, mas para a LBA, pela presidente do Instituto Feminino do Direito Construtivo, Alice Tibiriçá, cuja carta-convite ela anexava ao pedido. O Instituto Feminino do Direito Construtivo, por sua vez, havia sido convidado pela Federação Democrática Internacional de Mulheres, sediada em Paris, a enviar

<sup>104</sup> Carlos Alberto Lúcio Bittencourt nasceu em Juiz de Fora (MG) no dia 19 de julho de 1911. Formou-se em Direito, no Rio de Janeiro, em 1932. Foi um dos fundadores do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Elegeu-se deputado federal por Minas Gerais em 1950 e senador com o apoio da aliança PTB-PSD em 1954. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em: 9 abr. 2014.

uma delegação de mulheres brasileiras para o congresso na Hungria.

A agitação política ocasionada tanto pelo fim da guerra na Europa quanto pela redemocratização do Brasil levou muitas mulheres a uma intensa mobilização política, em diversas campanhas. No Brasil, mobilizaram-se sobretudo contra a carestia de vida, ocasionada pelo processo inflacionário de meados dos anos 1940, bem como pela escassez de vários gêneros alimentícios, ainda em decorrência da guerra. Com forte apoio do PCB, surgiram, em vários estados, as Uniões Femininas contra a Carestia. Alice Tibiriçá não tinha vinculações com o Partido Comunista, mas, “sensível aos problemas do povo e com a paixão que a caracterizava, aderiu no movimento” de mulheres.<sup>105</sup> Desde 1946, ela dirigia o Instituto Feminino de Serviço Construtivo, tomando parte, em 8 de março do ano seguinte, das comemorações do Dia Internacional da Mulher. Em 1947, foi delegada pelo Brasil no Conselho da Federação Democrática Internacional de Mulheres, em Praga. E em agosto de 1949, foi presa ao participar, em São Paulo, de uma passeata organizada pela Associação de Mulheres de São Paulo, que divulgava o Congresso da Paz, a realizar-se naquele ano em Paris.<sup>106</sup> Que o PCB esteve presente em todas essas organizações é notório, mesmo que muitas de suas dirigentes não fossem, de fato, ligadas ao partido. Seja como for, não é possível afirmar a vinculação de Leda Maria com o PCB, mas tampouco é possível negá-la enfaticamente. A suspeita levantada pelos investigadores do DOPS eram muito vagas e inconsistentes, e ratificam muito mais o clima geral de caça às bruxas da Guerra Fria do que revelam sobre a investigada.

## VII

Independentemente de qualquer vinculação de uma ou ambas as autoras com o Partido Comunista, o que, reitero, me parece improvável, a importância da peça *Julho, 10!* está no fato de encenar o impacto, para

<sup>105</sup> Schumacher, Schuma; Vital Brazil, Erico (Org.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade – biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 31.

<sup>106</sup> Ribeiro, Jayme. “Os ‘combatentes da paz’: a participação dos comunistas brasileiros na Campanha pela Proibição das Armas Atômicas (1950)”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, p. 261-283, jul./dez. 2008.

todos os envolvidos – trabalhadores, patrões e Estado –, da legislação social no Brasil nos anos 1940. O fato de que tenha se concentrado na lei de acidentes de trabalho, de julho de 1934, enfatiza ainda mais o antes e o depois da implementação das leis de proteção ao trabalhador, e o fato de suas autoras serem estudantes de Direito reforça a “interessantíssima experiência social e humana” que ela representa, como destacou Maria Luisa na entrevista para o jornal *A Noite*, de 4 de novembro de 1942. Cabe ainda destacar um paradoxo: segundo a autora, a peça foi pensada como uma espécie de intervenção política nos debates sobre a legislação trabalhista, que se dirigia conscientemente aos operários, destacando os ganhos que a legislação representava para eles. Entretanto, para além dos desejos e planos de suas autoras, a peça se dirige, de fato, aos patrões. É para eles, cuja resistência à legislação de proteção aos trabalhadores era notória, que ela é posta em cena; é para convencê-los dos ganhos inerentes à legislação trabalhista – e dos riscos da sua rejeição – que a peça foi escrita. Os empresários são, na trama da peça, no tempo histórico e social que ela põe em cena e também no momento em que foi premiada, o centro da resistência a qualquer intervenção do Estado nas relações entre capital e trabalho que implicasse a redução ou contenção do seu secular e imperial controle, mando e domínio sobre a força de trabalho.

Acredito também que a peça se dirige aos futuros advogados, colegas das autoras, cujo liberalismo entranhado resistia à forte presença do Estado e à sua intervenção no chão da fábrica. Já se argumentou que os bacharéis formaram a linha de frente anti-Estado Novo em 1945.<sup>107</sup> Em parte, por sua formação fortemente ligada à tradição liberal, mas também porque desde 1930, mas sobretudo depois de 1937, o aparato do Estado cada vez mais tecnocrático tendeu a privilegiar as formações técnicas como as de engenheiros, agrônomos, geólogos, militares etc., de modo que os bacharéis em Direito foram perdendo espaço nos postos e funções públicas do Estado ao longo da era Vargas.<sup>108</sup> Quanto aos

<sup>107</sup> Adorno, Sérgio. *Aprendizes do poder: bacharelismo liberal na política brasileira*. São Paulo: Paz & Terra, 1988. Também Mattos, Marco Aurélio Vannucchi de. *Os cruzados da ordem jurídica: a atuação da Ordem dos Advogados do Brasil, 1945-1964*. São Paulo: Alameda, 2013.

<sup>108</sup> Coelho, Edmundo Campos. *As profissões imperiais. Medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro: 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 28-29.

trabalhadores, evidentemente, eles não desconheciam que o objetivo último da legislação era conter suas organizações autônomas, por isso resistiram a ela o quanto puderam, mas reconheciam também as novas possibilidades de organização e luta abertas com ela, os ganhos potenciais e as vantagens simbólicas e efetivas implicadas na contenção do mando imperial dos patrões no chão das fábricas. Do ponto de vista dos trabalhadores, a lei tem um papel civilizador fundamental (e eles tinham noção clara disso tanto em 1934 quanto em 1942). Para eles “o direito importa, e é por isso que nos incomodamos com toda essa história”,<sup>109</sup> principalmente “num mundo habituado a explorar em silêncio”.<sup>110</sup>

## FUNDIÇÃO

*Fundição* foi escrito por Leão de Sales Machado, nascido em Itápolis, São Paulo, em 7 de maio de 1904, filho de Venâncio Antônio Machado e Rita Amélia Machado. Estudou sociologia rural na universidade da Califórnia, nos EUA. Em 1929, fundou o *Jornal de Itápolis*. Estreou na literatura em 1928, com o conto *Cecília*, na feira literária de Herculano Vieira. Foi diretor administrativo do Instituto Agrônomo de Campinas, na gestão Teodoreto de Camargo, tornando-se seu chefe de gabinete quando ele foi alçado a ministro da Agricultura em 1945/1946. Foi também chefe de gabinete do governador Laudo Natel, em São Paulo, em 1966. Ocupou a cadeira nº 38 da Academia Paulista de Letras.<sup>111</sup>

<sup>109</sup> “Se supomos que o direito não passa de um meio pomposo e mistificador através do qual se registra e se executa o poder de classe, então não precisamos desperdiçar nosso trabalho estudando sua história e formas. Uma Lei seria muito semelhante a qualquer outra, e todas, do ponto de vista dos dominados, seriam Negras.” Thompson, Edward Palmer. *Senhores e caçadores: a origem da lei negra*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987. p. 359.

<sup>110</sup> Castels, Manuel. *Cidade, democracia e socialismo: a experiência das associações de vizinhança em Madrid*. Trad. Glória Rodriguez. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1980. p. 81.

<sup>111</sup> Leão Machado publicou várias obras, entre as quais as seguintes: *Espigão da samambaia*, 1939, romance pelo qual recebeu prêmio da Academia Paulista de Letras em 1940; *Fundição*, 1944; *Iperoig*, 1945; *Capa preta*, 1960; *Tempo, gente e ação*, 1971. Melo, Luís Correia. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954. p. 561. Também Menezes, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969. p. 746.

*Fundição* conta a história de Francisco, operário da empresa metalúrgica Fundição Jaraguá, localizada no bairro do Brás, na cidade de São Paulo, em um momento definido vagamente em torno de 1936, ano da criação do Instituto de Aposentadoria dos Industriários, através da lei nº 367, de 31 de dezembro. Por isso, o tema central do romance põe em destaque dois momentos: o primeiro, anterior à criação do Instituto, expressa o desamparo vivido pelos trabalhadores na velhice, abandono que pesa como um fardo para todos os membros da família; o segundo, quando o direito à aposentadoria passa a significar não apenas um reconhecimento pelos trabalhos prestados à sociedade, mas também um alívio para os demais membros da família.

É na passagem entre esses dois momentos que são apresentados Francisco e seu pai Bernardo, migrantes vindos de Pirassununga para a capital na década de 1920. Bernardo tem 65 anos (presume-se que tenha nascido por volta de 1871), está doente, sem forças para trabalhar e é sustentado pelo filho, Francisco, 26 anos (presume-se que tenha nascido por volta de 1910). Ambos moram na casa do irmão mais novo de Bernardo, Vicente, e sua esposa, Margarida. Bernardo foi operário na indústria têxtil tanto em Pirassununga quanto na capital paulista. Francisco e Vicente trabalham na Fundição Jaraguá, aquele como chefe de seção, este como torneiro mecânico. Vicente é um exímio mecânico que compreende todas as etapas de produção das máquinas que operam na fundição, é muito criativo, está envolvido com o planejamento e a produção de uma inovadora descaroçadora de algodão e de um novo tipo de fogareiro, trabalhos que renderão altos lucros aos proprietários da empresa e facilidades para sua mulher na condução da casa. As duas invenções cumprem um papel complementar na trama: a descaroçadora é a materialização da união, e de suas possibilidades criativas e inovadoras, do capital e do trabalho; em todas as etapas da execução da máquina os operários e o patrão trabalham juntos. O fogareiro, por outro lado, é planejado e executado apenas por Vicente e expressa suas habilidades individuais, mas que só podem alcançar uma dimensão significativa quando coordenadas por quem sabe coordenar: o patrão.

O enredo se concentra no projeto e realização dessas duas máquinas, suas dificuldades, as seguidas operações de ajuste, a descrição do dia a dia dos operários no chão da fábrica e o envolvimento de várias seções diferentes na produção dos dois novos inventos. Os



chefes são o espanhol Diego e Ítalo, o chefe da tornearia. Em paralelo ao progresso com as máquinas, o romance apresenta o círculo de relações de Francisco, onde vida de fábrica e de bairro se confundem: sua namorada, Teresinha; o irmão desta, Manuel, também operário da fundição; seu sogro, o motorneiro Antônio, e sua sogra, D. Augusta; e seus colegas de trabalho. Apresenta também as relações de vizinhança no bairro do Brás: Osvaldo, o farmacêutico mulhengo que protagonizará uma cena de crime ao se envolver com a mulher de Diego, D. Mercedes; Cristina, a vizinha que nutre por Bernardo uma paixão secreta; Caldas, o tintureiro que sonha se tornar cantor de rádio; e os frequentadores do bilhar. Há as domingueiras de dança no salão Lira, na avenida Rangel Pestana, e a festa de São Vito, na rua da Figueira. Enfim, a sociabilidade operária é pontuada dentro e fora da fábrica, tendo o bairro do Brás como cenário de sua efetivação.

## I

O problema mais recorrente no romance *Fundição*, que aparece em todos os capítulos e, de forma direta ou indireta, na boca dos mais variados personagens, é a alta do custo de vida. Vicente, tio de Francisco, decide fazer o novo modelo de fogareiro “para ganhar uns cobres extraordinários” (p. 316). Afinal, “a gente ganha pouco e a vida está por um preço da hora da morte [...] Quando eu vim do interior para cá, se ganhava um ordenado muito menor do que hoje, e dava. Hoje, é um horror de vida cara!” (p. 316). E conclui seu raciocínio imaginando como fariam os trabalhadores da indústria têxtil que ganhavam ainda menos do que os trabalhadores do setor metalúrgico. Francisco encontrava-se dividido entre o desejo de se casar com Teresinha e a necessidade de sustentar o pai doente e sem acesso ao recém-criado Instituto de Aposentadoria dos Industriários. Passando em frente a uma loja na avenida Rangel Pestana, Teresinha se enamora de uma combinação de jérsei cor-de-rosa exposta na vitrine:

- Você gosta daquela combinação, Francisco?
- É bonita. Quanto será que custa?
- No mínimo oitenta mil réis. Mais de metade do que eu ganho num mês na Tecelagem, trabalhando das sete da manhã às quatro da tarde! Vida besta! [...] As coisas estão por um preço louco! (p. 327-328).

Os preços de todos os produtos, do vestuário à alimentação, na opinião de todos os personagens, haviam aumentado exageradamente, mas era na hora de comprar medicamento que o impacto era mais sentido, de modo que, em várias passagens, os doentes simplesmente deixam de frequentar a farmácia, recorrendo a remédios caseiros: “remédio agora anda tão caro!”, disse Bernardo para D. Margarida, que respondeu: “Hoje fui comprar um remedinho para mim e fiquei espantada. Sempre custou quatro mil réis. Agora está custando cinco e quinhentos”. O diálogo entre eles continua: “Não sei por que o Governo não dá um jeito nisso. Que coisas de luxo custem dinheiro, vá – luxo é coisa só para gente rica. Mas remédio, pobre também não tem que gastar...” E D. Margarida conclui: “Olhem, esse macarrão que custava mil e duzentos, agora está a mil e quinhentos. É um horror! (p. 332). A sensação geral da alta do custo de vida era acompanhada pela constatação de que se trabalhava mais horas e mais intensamente. Vicente, um mecânico hábil e inteligente, comenta com seu irmão Bernardo: “[...] a vida está cara demais. E tudo encareceu de repente. Há quatro anos eu ganhava menos do que hoje e chegava para ir tocando. Hoje, não dá para nada...” (p. 372).

Muitos outros exemplos seriam possíveis. Certamente, esse é um tema que não apareceu no romance vencedor do concurso de 1942. Mas o que teria acontecido nesses dois anos para que o custo de vida vertesse das páginas do romance? Certamente, não havia nisso uma constatação equivocada. As exigências para o financiamento do Estado de Guerra e as restrições internacionais ao crédito e à circulação de mercadorias pressionavam os índices de custo de vida, ao mesmo tempo que criavam novas condições para a expansão da indústria e o aumento dos lucros. É nessa conjuntura que as restrições aos direitos sociais recentemente estabelecidos pela CLT contribuem para agravar ainda mais as já difíceis condições de vida.

Pesquisa realizada em 1944 sobre as condições de vida entre motoristas, operários e contínuos da prefeitura de São Paulo apontou que o custo de vida subira 88% entre 1939 e 1944. A alimentação consumia 54,12% das receitas totais de uma família operária; outros 15,33% eram gastos na habitação; 10,56% no vestuário; e a educação consumia 0,52% da receita familiar. Os 5,99%, restantes correspondiam a “despesas diversas”, aí incluídos os gastos com recreação. A pesquisa mostrava que as reclamações expostas em *Fundição* não eram exageradas. O aumento médio com alimentação, nesse quinquênio, foi da ordem de 100%; com

vestuário, foi de 111%; com artigos de limpeza doméstica, 133%; e com combustível – basicamente querosene para a iluminação das casas e carvão para a preparação dos alimentos, para aquecer a água do banho e para passar roupa – foi de 210%. A conclusão da pesquisa não podia ser outra: “Podemos afirmar que o nível de vida da classe operária de São Paulo, ao que se assemelha de motoristas, operários, contínuos e serventes da prefeitura, é baixo e que o seu custo duplicou nestes últimos anos”.<sup>112</sup> Uma apresentação mais completa das condições gerais de vida dos trabalhadores na cidade de São Paulo pode ser observada na tabela abaixo:

Relação das despesas entre operários e contínuos da prefeitura de São Paulo tendo os meses de junho de cada ano como referência e a base média dos preços de 1939 = 100<sup>113</sup>

Itens de despesa	Ano					
	1939	1940	1941	1942	1943	1944
Alimentação	101,5%	106,8%	127,2%	135,9%	146,4%	199,6%
Habitação	100,0%	100,0%	100,9%	101,2%	103,6%	103,6%
Vestuário	100,1%	106,3%	121,7%	142,8%	177,3%	210,7%
Combustível	97,7%	11,2%	107,1%	172,1%	196,6%	109,6%
Assistência médico-dentária	99,9%	106,3%	117,1%	134,0%	137,3%	182,6%
Fumo	100,0%	100,0%	119,0%	119,0%	100,0%	160,0%
Artigos de limpeza	101,7%	96,8%	105,1%	128,0%	208,2%	232,7%
Móveis	100,0%	111,0%	118,0%	124,0%	160,0%	246,0%
Transporte	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	104,2%
Despesas diversas	99,2%	104,6%	105,0%	117,6%	117,8%	117,8%
Total	100,8%	105,4%	117,6%	131,2%	146,6%	187,8%

Se as condições vinham se deteriorando ininterruptamente, seu agravamento foi acentuado a partir de 1943. Diante da disparada dos preços e da falta generalizada de produtos essenciais, o governo reagiu com duas medidas complementares: estabeleceu como preços máximos permissíveis os valores vigentes em 1<sup>o</sup> de dezembro de 1942; e reajustou,

<sup>112</sup> *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano VII, v. 82, p. 12, 1944.

<sup>113</sup> Araújo, Oscar Egídio de. “Pesquisa entre motoristas, operários e contínuos da prefeitura de São Paulo”. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano VIII, v. 82, p. 7 et seq., maio/jun. 1947.

nas capitais dos estados, no Distrito Federal e no território do Acre, em 25%, os valores do salário mínimo; e em 30%, nas demais localidades do país.<sup>114</sup> A situação era bastante difícil, principalmente se levarmos em conta as observações do insuspeito Roberto Simonsen apontando uma queda, entre os anos de 1935 e 1938, de 12,8% no valor médio dos salários em relação ao aumento do custo de vida no país. Tudo indica que entre 1935 e 1944 houve uma contínua e geral deterioração dos salários dos trabalhadores urbanos, agravada por uma forte repressão a qualquer movimento reivindicatório, sendo muito difícil que os trabalhadores mantivessem seu nível de remuneração salarial; e o “Estado não foi apenas conivente, mas eficaz promotor dessa situação”.<sup>115</sup>

Em *Fundição* não há problemas nas fábricas, não há insatisfação, excesso de trabalho, fadiga, superexploração ou maquinário obsoleto: “Na fábrica, não. Todos os dias tem novas encomendas [...] estão querendo ajustar mais três mecânicos [...] Indústria é coisa que dá muito [...] Os operários metalúrgicos até ganham bem” (p. 372). Nesse sentido, o romance é francamente industrialista, não estando os problemas e conflitos sociais na fábrica, mas em outro lugar: na alta do custo de vida. Mas o aumento no custo de vida aparece como um fenômeno da natureza, como as chuvas ou secas, não sendo causado por nenhuma contingência humana.

## II

Um aspecto que acompanhava o exasperante aumento no custo de vida era a constatação de que a cidade se dividia em duas partes irrevogavelmente separadas e que a qualidade de serviços e produtos

<sup>114</sup> Portaria nº 36, de 8 de janeiro de 1942. *Boletim do MTIC*, Rio de Janeiro, n. 102, fev. 1943.

<sup>115</sup> Alem, Sílvio. Op. cit., p. 237. Há uma longa controvérsia sobre o significado do decreto-lei nº 2.162, que estabeleceu o salário mínimo. Verificar: Oliveira, Francisco. “A economia brasileira: crítica à razão dualista”. *Estudos Cebrap*, n. 2, out. 1972; Vianna, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978. p. 239; Almeida, Maria Hermínia de. *Estado da classe trabalhadora no Brasil 1930/1945*. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1978. p. 163.

acompanhava essa divisão, e aparentemente uma coisa alimentava a outra. Quando sua namorada, Teresinha, enfim consegue um emprego no centro da cidade, nas Lojas Americanas, Bernardo faz a seguinte ponderação:

Entre a cidade e o Braz, aparentemente apenas há um riozinho, o Tamanduateí, prosaico e barrento correndo num canal. Mas na verdade, entre a cidade e o Braz, há separações mais profundas. É como se fossem duas cidades distintas. Quem vive sua vida no Braz nada sabe da cidade, de suas belezas e de seus confortos. Assim, quem vive na cidade, isto é, do outro lado do Tamanduateí, nada sabe da vida trabalhosa e infatigável do Braz, célula poderosa de trabalho que produz para o consumo da cidade, do Estado, do país [...] (p. 388).

Na proximidade do Natal, Teresinha e sua mãe Augusta, “uma portuguesa de olhos apagados, num semblante de humildade e tristeza” (p. 407), têm uma conversa motivada pelos altos preços que anunciavam um “Natal desolado para a família”. D. Augusta cozinhou as castanhas e constatou que renderam pouco: “estão quase todas podres. Decerto é por causa do ano que foi de muita chuva” (p. 407). Teresinha, que não se conformava com a pobreza, como sua resignada mãe, responde: “Ano de chuva nada. As castanhas estão podres, porque são baratas. Isso é exploração do comércio, porque na cidade tem muita castanha boa. É que são muito mais caras do que as do Braz...” (p. 407-408).

Aliás, é partindo dessa percepção de uma cidade cindida que emergem os dois problemas que configuram o mundo do trabalhador na trama do romance: de um lado, a escassa instrução dos operários, que pouco sabiam “das coisas que se passavam longe de sua existência e dos seus negócios” (p. 388); de outro, a ausência de direitos e benefícios, e as incertezas que essa condição impunha, pois “passavam a vida trabalhando e na velhice eram simplesmente jogados à miséria, porque o ordenado de operário nunca chegava para acumular economias” (p. 389). A questão que une essas duas dimensões, e dá sentido à trama do romance, é o corporativismo. Os direitos sociais não emergem no enredo como resultado da organização ou da ação coletiva dos

trabalhadores, mas como dádiva, como concessão generosa, sábia e espontânea daqueles que começaram a olhar para a condição operária:

Todavia, a verdade era que, esquecidos que haviam sido sempre, e resignados com esse esquecimento, o Governo finalmente se lembrara deles, sem que fosse preciso, como na Europa, fazer revoluções, matar gente, destruir fábricas, para conseguir o reconhecimento daqueles direitos. Haviam obtido uma melhoria sensível e essa conquista não lhes custara nada. A melhoria viera sozinha, espontaneamente, e tinha agora um caráter definitivo, pois ninguém mais no Brasil poderá desmanchar o que foi feito. (p. 389).

Ao que parece, as crescentes dificuldades relacionadas ao aumento do custo de vida e à intensificação do ritmo de trabalho, acompanhadas da deterioração geral das suas condições, acentuaram ainda mais a percepção de que a cidade era dividida em duas partes tão distantes entre si quanto a terra e a lua.

Quem mora no Braz e trabalha no Braz, não vem à cidade nunca, a não ser a passeio, quando deseja e pode. É que o Braz é uma cidade, com todos os seus órgãos normais e completos, funcionando independentemente do centro da Capital, ao qual ninguém precisa vir para fazer coisa alguma. (p. 350).

A cidade, ou seja, a contraface dos bairros operários, concentra diversos perigos. Em *Fundição* eles tomam forma no desejo de Teresinha, namorada de Francisco, de trabalhar nas Lojas Americanas e abandonar o bairro do Brás. O centro da cidade representa para ela a possibilidade de ascensão social, expressa no abandono do trabalho fabril, e a abertura a um mundo de novidades, de elegância, de luz e de velocidade. Comparando o Brás e o centro com suas luzes de neon, ela diz: “A rua era mal iluminada e na penumbra apareciam como seres fantásticos as pobres árvores esgalhadas que se erguiam num dos passeios” (p. 352). A imagem remete a uma contraposição entre o atraso (do Brás) e o moderno (do centro). E quanto maiores eram as

dificuldades enfrentadas por sua família, quanto mais intenso o trabalho fabril, quanto menores os salários pagos, quanto mais intenso o ritmo de trabalho, quanto mais altos os aluguéis, mais escuro ficava o Brás e mais claro e iluminado o centro da cidade.

Essa contraposição, curiosamente, é partilhada por todos os membros da família de Teresinha. Seu irmão, ante os olhos desconfiados dos colegas da fábrica, torna-se jogador de futebol, e seu pai, condutor de bonde e amante da velocidade, se envolve num acidente de trânsito por dirigir em alta velocidade. Assim, todos os desvios comportamentais, anseios de evasão da vida suburbana e fabril são concertados em uma única família, o que sugere que o inconformismo com a condição operária, com a pobreza e com a vida no subúrbio tem algo de hereditário.

As distinções entre centro e subúrbio emergem também, ao longo do romance, na oferta de possibilidades de consumo e serviços de um e na total deficiência e carência do outro, ligando ambos um sistema de transporte superlotado e ineficiente: “O bonde não soltava passageiros. Parava somente para recolher outros, que iam espremer os de dentro [...] Mas ninguém reclama, porque aquele aperto era de todos os dias” (p. 355).

### III

Em relação ao contexto no qual o concurso literário foi promovido pelo MTIC em 1942, há, à época da nova edição, algumas novidades importantes: a aprovação da CLT em 1º de maio de 1943, o aumento generalizado do custo de vida, a entrada do Brasil na guerra, o crescimento da onda migratória interna, e por fim, mas não menos importante, o deslocamento da indústria têxtil em relação à metalmecânica como setor industrial mais importante da cidade de São Paulo. No conjunto, esses temas modificam radicalmente a conjuntura política e social, dando ao romance *Fundição* suas particularidades de forma e conteúdo.

Os protagonistas – Francisco, seu pai Bernardo e seu irmão Vicente – vieram de Pirassununga na década de 1920. Em sua cidade natal eram operários têxteis, mas na capital tornaram-se metalúrgicos.

“Todos os anos se abriam novas fábricas e havia trabalho em quantidade sempre crescente para todos quantos entendessem de mecânica, serralheria, fiação, eletricidade” (p. 318). Sua mudança fora decidida não porque os salários fossem maiores, mas simplesmente pela maior oferta de empregos. Mesmo uma mudança nesses termos não parece ter sido uma decisão simples. Bernardo havia consultado seus amigos de Pirassununga e seus companheiros na fábrica têxtil, e todos foram “unânicos em aconselhá-lo a não sair do interior. Parecia-lhes uma terrível e fantástica aventura sair da fábrica de Pirassununga, para ir tentar a vida na Capital, uma cidade enorme, de vida caríssima e na qual uns não conheciam os outros” (p. 319).

Não estamos diante da clássica migração campo/cidade – em cuja origem estaria o trabalhador rural, seja como braço assalariado, seja como pequeno proprietário. A questão aqui é outra, e o ponto de partida já é uma família operária e com experiência fabril consolidada. Suas aspirações estavam centradas na valorização das virtudes redentoras do trabalho duro e morigerado, na centralidade da família, na luta pela conquista da casa própria, na crença nas virtudes da educação como o principal meio de emancipação social. Mas as condições reais que encontraram na capital não diferiam do que encontraram os imigrantes europeus no início do século: “havia famílias inteiras de dez e doze pessoas morando em casas de quatro cômodos e, às vezes, até de menos” (p. 320).

Paradoxalmente, o problema da moradia foi agravado com a decretação da nova lei do inquilinato em 1942 – a primeira havia sido criada em 1927 –, inaugurando o controle do Estado sobre os preços dos aluguéis, através de um congelamento por dois anos, [...] fazendo ainda retroceder aos preços vigentes em 31 de dezembro de 1941, todos os aluguéis que tivessem sido elevados a partir daquela data”.<sup>116</sup> O congelamento dos aluguéis foi renovado em 1944, 1945 e 1946. Avaliando seus efeitos, Nabil Bonduki constata que ele teve enorme

---

<sup>116</sup> Bonduki, Nabil. “Crise na habitação e a luta pela moradia no pós-guerra”. In: Kowarick, Lúcio. (Org.). *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988. p. 111-112. Essa discussão sobre moradia está desenvolvida no capítulo I, “Moradia: os signos da exclusão, uma cidade para poucos”, em Duarte, Adriano Luiz. *Cidadania e exclusão: Brasil, 1937/1945*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.



impacto sobre a produção, distribuição e consumo de moradias populares. Ressalta também a dificuldade de se compreender tal medida: ela tanto poderia expressar uma política deliberada, como apenas uma decisão com o intuito de ampliar as bases do poder.<sup>117</sup> De um modo ou de outro, as consequências para a população pobre – que já vinha sofrendo com as obras do prefeito Prestes Maia – foram danosas, para dizer o mínimo. A dimensão da população atingida pelo congelamento de 1942 pode ser percebida nas estatísticas do IBGE de 1940: 75% da população domiciliada na capital de São Paulo pagava aluguel.<sup>118</sup> Afinal, diversas pesquisas mostravam que os gastos médios das famílias paulistanas com moradia giravam em torno de 20% a 25% dos salários.<sup>119</sup> Se a medida tinha o objetivo de ampliar a base de simpatias do governo, ela obteve sucesso imediato, pelo menos junto aos inquilinos. Porém, as consequências negativas não tardaram a aparecer. Com os aluguéis congelados, as construções populares destinadas à locação retrocederam. Além disso, os proprietários dos imóveis locados esmeravam-se em encontrar modos de burlar a lei do inquilinato, aumentando os aluguéis.

Para se ter uma ideia do drama que envolvia a luta pelo teto, em 1941, sociólogos da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo realizaram um longo estudo sobre as condições de moradia na cidade.<sup>120</sup> A pesquisa comparava cem moradias de bairros pobres (Mooca, Canindé, Bexiga) com cem moradias dos bairros ricos (Higienópolis,

---

<sup>117</sup> Além de angariar apoio popular, o congelamento dos aluguéis talvez fizesse parte de uma medida mais ampla com o objetivo de dirigir os capitais investidos na construção de moradias populares para o setor industrial. Embora pareça que realmente tenha havido esse deslocamento, nada demonstra que tenha sido ele o objetivo primordial do congelamento e, sim, uma consequência.

<sup>118</sup> A população da capital em 1940 era estimada em 1.337.844 habitantes. Portanto, aproximadamente 1.003.383 pessoas viviam em casas alugadas. Cf. Berlinck, Manuel. *Marginalidade social e relações de classe em São Paulo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. p. 50.

<sup>119</sup> Blay, Eva Altermam. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985. p. 104.

<sup>120</sup> Pierson, Donald. “Habitações de São Paulo: estudo comparativo”. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano VII, v. 82, 1942.

Jardim América, Pacaembu). Para cada uma das casas foram feitas 118 questões, e as conclusões ilustram tristemente as condições de habitação da população pobre da cidade.<sup>121</sup> Das cem moradias pobres, 91 eram alugadas, sete eram próprias e duas cedidas por empréstimo de parentes e amigos. O número de cômodos, incluindo cozinhas particulares, era 2,5 por moradia. Foram encontrados seis casos com quatro moradores dividindo um único cômodo; outros três casos com cinco moradores por cômodo; cinco casos com seis pessoas ocupando um cômodo; três casos com oito habitantes; outros três casos com nove moradores dividindo um único cômodo; e, por fim, um caso onde onze pessoas dividiam o mesmo cômodo. Nesses “cômodos” estavam incluídas salas e cozinhas. Em 55 destas cem moradias, as famílias cozinhavam em fogão de tijolos, usavam carvão, lenha, gasolina, álcool ou querosene. Dessas famílias, 24 não tinham cozinha própria, muitas outras cozinhavam em seus próprios quartos de dormir, nos pátios internos e embaixo das escadas. Essas cem moradias contavam com um total de apenas 18 tanques. Na Mooca, 32 famílias diferentes dividiam o mesmo banheiro; no Bexiga, 27; no Canindé, 20. Em apenas três dessas cem “habitações” o papel higiênico era de uso corrente.

Em 1944, foi realizado outro inquérito, agora pelo Serviço de Saúde, no distrito de Santa Efigênia, abrangendo 116 cortiços, a forma de moradia mais comum entre os trabalhadores, com um total de 706 quartos. Concluiu-se que

a área de cada quarto era inferior a 10 m<sup>2</sup>; 654 dos quartos não tinham janelas; cada quarto abrigava em média 4 a 10 pessoas; em 225 moradias havia apenas seis leitos; em outras 370 as cozinhas localizavam-se nos dormitórios. Nesses 116 cortiços havia 2.129 pessoas dividindo apenas nove banheiros, o que perfazia uma média de 236,5 pessoas para cada banheiro.<sup>122</sup>

<sup>121</sup> As cem moradias dos bairros pobres estavam divididas em 50 na Mooca; 25 no Canindé e 25 no Bexiga. Embora o estudo não revele o número total de moradores, é possível imaginar cada moradia sendo habitada, em média, por cinco pessoas, o que abrangeria um total de quinhentas pessoas, pelo menos.

<sup>122</sup> Castro, Maria Antônia de. “Lares e casas”. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano VII, v. 82, p. 121, 1944.

## IV

*Fundição* é um romance “palavroso”, cheio de adjetivações e descrições, muitas descrições, bem de acordo com a tradição retórica brasileira, em que elas, para alcançar eficiência, têm que atingir todos os sentidos, a partir de figuras que intensifiquem e tornem mais precisos cada um dos aspectos destacados e mencionados.<sup>123</sup> Cabe aqui o comentário que Mário de Andrade teceu sobre o *Ateneu*, de Raul Pompéia: “estamos em pleno domínio do ‘como’ comparativo que, a gente percebe muito bem, menos que processo legítimo de pensamento e aproximação esclarecedora, é um mero cacoete de retórica, volúpia de brilhação”.<sup>124</sup> “Cacoete de retórica e volúpia de brilhação” descrevem bem os excessos de *Fundição*:

A brisa que soprava, levemente, agitava e perturbava os choupos do parque, manchados de ferrugem, e as folhas do choupo tremiam e giravam no eixo dos pecíolos, já tontas com a primeira embriaguez que a primavera trazia através do céu silente e cheio de estrelas, nas dobras de treva perfumada da noite erma, nas asas macias do vento leve que passava... (p. 370).

O romance é sobretudo descritivo, e as descrições podem ter uma importância grande na economia de uma obra, desde que acrescentem algo, que digam alguma coisa à trama. Não é o caso em *Fundição*, pois aqui as descrições vão e vêm sem qualquer acréscimo ao narrado. Assim sendo, elas parecem mais floreios retóricos:

Pombas alvas voavam no céu enfumaçado, às vezes sumindo-se atrás das casas, às vezes reaparecendo no fundo do firmamento. Um vento leve mexia com as folhas de um limoeiro no quintal vizinho. E o limoeiro estava salpicado de flores, que exalavam um aroma delicioso. (p. 371).

<sup>123</sup> Marques, Xavier. “A lei do estilo”. In: *A arte de escrever*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913. p. 200-207.

<sup>124</sup> Andrade, Mário de. “O *Ateneu*”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974. p. 182.

O que importa é saber como e por que o autor optou pela descrição como um princípio fundamental da organização dessa obra especificamente.<sup>125</sup> Descrevem-se as ruas do bairro, os prédios do centro da cidade, as flores do Parque Dom Pedro II, mas sobretudo a fundição: “o forno, com esses materiais e o ar violentamente soprado pelos ventiladores, começou a assobiar estridentemente, enquanto labaredas alaranjadas saíam pelo cimo da chaminé” (p. 362). Em vários capítulos essa cena se repete, com variações e colorações distintas. Fica a impressão de que o narrador deseja mostrar o quanto é dura, difícil e insalubre a vida na fábrica, porém ele não faz isso destacando as contradições e ambiguidades que organizam esse espaço, mas apenas descrevendo sua condição física geral: a fumaça, o ar carregado, as fagulhas do esmeril, o barulho e o calor. Esses aspectos físicos não são encarnados em pessoas, situações ou acontecimentos; portanto, o que há de ruim na fábrica não se deve às pessoas, nem aos acontecimentos, nem às condições gerais que organizam a vida do estabelecimento, mas apenas à natureza do lugar e ao tipo de produção que ali é feito. Essa escolha do narrador desloca as contradições e conflitos – que nunca são decorrentes das condições em que se trabalha – para a distinção “natural” entre homens e mulheres, entre casados e solteiros, entre pobres e ricos, entre centro e subúrbio.

No entanto, há uma contradição fundamental na trama de *Fundição*: de um lado, as inúmeras descrições do narrador da vida operária como cheia de orgulho e realizações individuais e coletivas (a descaroçadora de algodão e o fogareiro seriam suas materializações); de outro, as inúmeras tentativas de evadir-se dessa condição, da vida na fábrica e do subúrbio – Teresinha, nas Lojas Americanas, o Caldas com suas fracassadas tentativas de se tornar cantor de rádio, Manuel, irmão de Teresinha, tornando-se jogador de futebol. Quando Manuel anuncia que foi contratado para jogar futebol profissionalmente e vem se despedir dos colegas, o narrador menciona:

Os outros operários moços ficaram olhando com uma infinita inveja o colega que se retirava. O futebol não significa somente seiscentos

<sup>125</sup> Para um contexto muito diferente, ver Lukács, Georg. “Narrar ou descrever?”. In: *Ensaio sobre literatura*. Trad. Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

mil réis por mês – era o nome nos jornais e no rádio, a torcida nos gramados, a glória, aquelas coisas embriagadoramente deliciosas, que cem anos de fábrica e de trabalho bem feito jamais poderiam dar (p. 424).

Mas essas tentativas são, todas elas, de um modo ou de outro fracassadas: Teresinha “perdeu-se”; Caldas foi sempre um cantor frustrado, embora reconhecido pelos amigos; e Manuel, como jogador, deixou de trabalhar, pois, como destaca o narrador, futebol não é trabalho. O sentido do romance é, portanto, claro: a realização do homem está na sua capacidade de encontrar aquilo para o qual nasceu, sua própria natureza, contribuindo para o corpo social com suas capacidades; ao operário cabe trabalhar, produzir! Afinal, como diz um operário: “A vida é mesmo assim. Cada um nasceu para uma coisa...” (p. 458).

O que talvez falte a *Fundição* é a relação dialética entre forma estética e conteúdo social, aquilo que a tradição de crítica materialista e dialética insiste em descrever como a transmutação das condições sociais, políticas e culturais em forma literária. Mesmo quando lida com essas condições, *Fundição* o faz sem evidenciar as contradições que moldam o tempo. Essas condições não aparecem na narrativa como um precipitado ou como uma torrente de experiência vivida do tempo na qual os elementos isolados estariam em solução inseparável do todo. Por isso, no romance quase não aparecem contradições. Há divergências, diferenças de opinião, conflitos localizados etc., mas sempre sua solução depende da boa vontade de um ou da paciência de outro.

# **PEDRO MANETA**

Paulo Lício Rizzo

## BRAZ X MOOCA

Quando, há mais ou menos cinquenta anos, se intensificou a imigração europeia para São Paulo, o elemento italiano localizou-se, de preferência, na baixada úmida, que das fraldas da Colina Central se estende para Leste até alcançar o rio Tietê.

À medida que a umidade da várzea ia diminuindo pelas drenagens constantes, podia-se ver no largo do Palácio, através da neblina das noites, que novas linhas de luzes azuladas e baças bruxuleavam no horizonte.

O Braz crescia e com esse desenvolvimento assustador aumentava rapidamente, ruas afora, o número de postes para a iluminação pública. E o pobre acendedor dos lampiões a gás tinha de apertar o passo para evitar que os operários, na volta do trabalho, viessem a tropeçar fatalmente no calçamento irregular das mal iluminadas ruas do bairro.

E lá se ia ele, de vara ao ombro, acendendo aqui um lampião na calçada da esquerda, sessenta metros além outro à direita, logo adiante outro novamente à esquerda, num ziguezaguear atribulado, que lembraria em sua trajetória o passo gigante do marinheiro sobre o convés do navio.

– Daqui a uns dias não darei mais conta do serviço – exclamaria o pobre homem desacoroçado com a amplificação vultosa de sua esfera de trabalho.

A sudoeste do Braz criava-se outro bairro, no qual predominavam, especialmente em certos quarteirões, elementos imigratórios de procedência diferente. A Mooca estabelecia-se com forte contingente de espanhóis. Estes possuíam algo de semelhante aos italianos: originavam-se, tanto uns como outros, de penínsulas. Uma estreita e esguia qual bota fidalga de salto Luiz XV; outra quadrada e larga como as saias coloridas das camponesas. Aquela menor, porém, mais povoada que a Espanha.

Planalto de Castela batido ora pelo calor do Simum africano, ora pelo Norte, quase gelado, no contato com as neves dos Pirineus...

Itália, refrescada ao norte pelo Aquilão dos Alpes e fustigada ao sul pelo maldito Siroco, úmido e doentio.

De Nápoles ou de Barcelona, de Málaga ou de Trieste chegavam, então, inúmeras famílias, atraídas pelas riquezas que a Pauliceia parecia prodigalizar a todos os seus habitantes.

Em certo sentido a Mooca espanhola cresceu sempre à sombra do Braz italiano. Não se quer dizer que neste houvesse muito mais indústrias ou dinheiro. Não se trata disso.

A Mooca tornou-se inferior sob outro ponto de vista.

Pela avenida Rangel Pestana circulavam automóveis do último tipo, acariciando com os pneumáticos o asfalto uniforme e liso. Sobre o esburacado calçamento da rua da Mooca trepidavam carros antiquados e feios.

A Inglesa colocou seus trilhos atravessando as duas vias públicas. As porteiros do Braz foram, porém, sempre muito mais faladas (ou mal-faladas) que as da Mooca.

Vieram os ônibus luxuosos e modernos para o Braz. Na Mooca eram conservadas “jardineiras” piores que as usadas no interior do Estado.

Quando as companhias italianas de ópera, após a temporada oficial no Teatro Magno da cidade, se exibiam a preços populares no Braz Politeama, os cinemas da Mooca apresentavam filmes de segunda categoria para assistências constituídas quase que exclusivamente de operários mal trajados.

Hoje, na avenida Celso Garcia, larga e bem iluminada, estão duas enormes salas de projeções: o Universo e o Roxy. Na estreita rua da Mooca, só o Santo Antônio... e o Moderno, que teimava, até poucos meses atrás, em conservar na vetusta fachada esse nome anacrônico.

Na Avenida, os bares e confeitarias assumiam aspectos luxuosos. Na Mooca, quase só havia “vendas” sem qualquer aparato moderno.

Tudo isso se refletia na mentalidade dos habitantes dos dois bairros. Dir-se-ia que os espanhóis da Mooca sentiam uma espécie de complexo de inferioridade ao contemplarem o progresso social dos italianos no Braz.

Lembrando-nos a configuração das penínsulas acima referidas, diríamos que a fidalga bota italiana escolhera a planície de Piratininga para amarrotar num pontapé arrogante a saia sevilhana toda enfeitada de rendas.



O sangue quixotesco dos rapazes da Mooca começou a ferver de ciúmes quando as moças – colegas e irmãs – preferindo os “footings” na Avenida, retiravam do bairro espanhol todo o encanto feminino.

– Tudo de melhor para o Braz! A Prefeitura é contra a gente. A Light nos desfavorece. As empresas de cinema e de transportes só nos mandam “calhambeques”... E agora até Cupido nos trai miseravelmente, levando para a Avenida o objeto de nossos amores...

## O ÊXODO DAS EVAS

Dezembro de 1925. As Dolores, Carmencitas e Encarnações continuam a enveredar-se pela rua Piratininga em direção à Avenida e os rapazes da rua da Mooca tornam-se dia a dia mais enciumados. Em casa, censuram as irmãs que só querem saber dos Don Juans desconhecidos e exploradores do Braz. Mas a Avenida movimentada e clara as atraía cada vez mais intensamente. Assim, os conselhos sensatos dos irmãos – apresentados, às vezes, insensata e indelicadamente – eram repelidos: “Cuide de sua vida!”

Certa noite, Manecão acompanhara Rosária, guardando distância, como um cãozinho, tímido e desprezado. Ela afetava nervosismo. Aquela perseguição não lhe agradava absolutamente. Cabeça altaneira, braço dado à Maria, sua coleguinha, caminhava apressada como que fugindo daquele ambiente medíocre e detestável. Manecão nem conseguia ver-lhe o rosto. Pressentia, entretanto, uma casquinada de escárnio espalhada no rosto de Maria, que gargalhava também. Como lhe doía aquilo! Desde doze anos Rosária o namorava com o maior entusiasmo! Foi só começar o passeio na Avenida, levada por outras amigas bobas e fúteis, para tudo mudar! Ela deveria ter outro namorado! Um amigo lhe dissera isso. E ele já pensava em pedir a moça ao velho Sanchez, que gostava tanto dele – moço modesto, mas de futuro. Tudo isso lhe passou pela mente como se a cabeça fosse imensa tela cilíndrica, girando em volta de um projetor rápido, de cenas vivas, da sua própria vida. Ele estava tonto. Chegaram logo à rua Piratininga e Rosária lhe disse, indiferente, sem mostrar o rosto:

– Manecão, é melhor você voltar daqui...

Nuvens de ciúme turvavam a visão do moço.

– Por favor, Rosária. Não me deixe fazer uma loucura.

Ela riu com superioridade, de boca aberta e olhos sensualmente elípticos.

Manecão quis tocar-lhe o braço. Ela o evitou, fazendo-se zangada.

– Sai daí, atrevido... (Atrevido, ele que se julgava dono daquele pedaço moreno de carne!)

Apalpou no bolso um canivete branco e brilhante. Branca e brilhante julgara ele, há tempos, ser a alma de Rosária. Seu rosto encheu-se de ódio. Agarrou o braço gostoso da moça, torceu-o, fazendo Rosária virar-lhe as costas e cravou-lhe com força a lâmina brilhante.

Quando o sangue jorrou, Manecão já estava agarrado por curiosos, atraídos pelos gritos histéricos de Maria.

Quis dar mais uma canivetada, mas teve de contentar-se com berrar louco de raiva:

– “Traideira.” Você é uma “traideira”.

## TRÊS MOSQUETEIROS DA ESQUINA

Na tarde que se seguiu a essa rápida cena a opinião geral dos tagarelas da esquina Piratininga-Moooca era a de que Manecão agira bem. Os moços o elogiavam com ardor, dizendo:

– Aquilo é que é homem! Ele resolveu o grande problema! Decerto, as moças não queriam saber tão cedo, pensavam eles, de uma canivetada e assim voltariam a considerar melhor os guapos “manciebos” da Moooca.

– Hoje estive com Dr. Brito – comentava o Garciez. Ele disse que o único meio de solver o problema é nós também irmos à Avenida e namorarmos as moças do Braz. Tem graça! Só mesmo um negro poderia dizer esse disparate! Eu lhe disse que agora as coisas vão mudar. Já proibi minhas irmãs, Joana e Carmen, de passearem a não ser no nosso bairro... É preciso acabar com essa sem-vergonhice de Avenida! Avenida! Só Avenida!

– Eu também vou falar à Gloria e à Encarnação à hora do jantar. Se quiserem namorar, que namorem nossos colegas, nossos amigos e conhecidos –acrescentou o Sumaquero.

– Pois eu já disse em casa que, se a Helena sair com aquela sapeca da Heloisa Dias, eu não voltarei a entrar lá. Dormirei até na rua se preciso! – completou o Joaquim.

– Uma ideia – disse o primeiro dos Três Mosqueteiros. – Vamos fazer uma liga e proibir esse trânsito mesmo que seja à força?!

– Muito bem!... – disse o Sumaquero.

– Muito bem!... – acrescentou o Joaquim.

– Muito bem – completou o Manoel Monteiro, da porta da venda.

– Vejam lá se não me inventam mais barulho por aqui.

– Desta vez o barulho vai ser grosso! Nenhuma passa, “seu” Manoel. Nenhuma! – disse entusiasmado o Garciez. Virou-se para os dois e continuou: – Vamos falar com os outros para proibirem as suas irmãs também.

– Ei! Oh! Antônio, venha cá... Você não deixe mais a Consuelo nem a Dolores irem à Avenida. Fale com elas ao jantar...

O acendedor do lampião, empurrando um dos moços, veio fazer-lhes lembrar que, apesar da importância do assunto, o jantar já deveria estar pronto.

Escurecia quando os três debandaram para avisar os outros.

Quanta discussão houve ao jantar nas ruas Xingu, Ana Nery, Mooca, Mem de Sá, Carneiro Leão e outras nessa noite ninguém sabe até hoje. O fato é que às sete horas e meia um grupo enorme de rapazes, alguns em manga de camisa, outros de camisetas “sport”, se apertava no café do “seu” Monteiro. Este, que não queria saber de desmoralizar o seu conceituado “estabelecimento de secos e molhados finos”, havia feito um passeiozinho até a Delegacia, onde pediu providências.

Com efeito, quando os rapazes falavam da revolta das irmãs e da suspeita de que elas tentariam ir até a Avenida, um guarda civil veio chegando, pela rua da Mooca. O zum-zum das discussões diminuiu sensivelmente e alguns componentes do grupo se dispersaram antes de qualquer palavra. Tudo parecia prefixar tremenda derrota para os Mosqueteiros revoltados. “Seu” Manoel antegozava uma vitória com V maiúsculo.

O guarda, de fato, não queria prosa. Dirigiu-se apenas a “seu” Monteiro:

– Pinga com limão. Traga na mesa...

Sentou-se, descobriu a cabeça suarenta e tragou a “cana”... Depois estendeu o braço direito à cadeira, colocando o pé na cruzeta da armação de ferro e ficou a balançá-la indiferente, enquanto enxugava o beíço com o indicador esquerdo.

Seriam oito horas. O grupo estava perplexo e desconcertado. “Seu” Manoel radiante. Súbito surgiram atravessando a rua da Mooca uma porção de moças. Vinham aos pares. “Seu” Manoel, com o diabo nos olhos, virou-se para os rapazes.

– Quem são elas?

A Joanna e a Carmen, irmãs do Garciez.

– E tu não sabes aonde elas vão, “seu” Garciez?

– Ao raio que o parta, seu português burro! – o Manoel não ligou.

– Vejam só aquelas outras duas! Não serão por acaso tuas irmãzitas, Gloria e Encarnação? Será, Sumaquero? E tu vais deixá-las ir à Avenida?

– Ora, lá vem a Heloisa de braço com a Helena. “Seu” Joaquim, decerto vai dormir esta noite ao relento!

Que pena!

“Seu” Manoel chicoteava vitoriosamente o orgulho dos rapazes.

– “Uns poltrões, os tais” – caçoava ele aos ouvidos da esposa. Depois ria com hálito acebolado e meneava a cabeça com desdenhosa superioridade.

– Ó Antônio! Quem são as outras que lá vêm? Não sabes?! São a Dolores e a Consuelo.

E assim o português, certo de que estava fazendo espírito, ia nomeando:

– Lá vem a Judite... A Concepción... Ora vejam D. Mariquinhas. Não é sua irmã, “seu” Rodriguez?

A alegria do vendeiro chegava ao auge. Consumava-se sua “revanche” sobre aqueles tagarelas que não gastavam um tostão na venda durante as infundáveis horas de prosa fiada nas mesas do bar.

As moças afundaram livremente pela rua Piratininga e os defensores do prestígio da Mooca lá ficaram, cada vez mais revoltados na sua inferioridade.

## MANETA

Íamos já nos esquecendo de narrar alguma coisa. Mesmo porque as moças, tendo saído do bairro da Mooca, não estariam mais no círculo de nosso interesse.

O pequeno batalhão em coluna de duas marchava triunfante e rapidamente. Dir-se-ia mesmo que tinha certa cadência, lá à sua moda. Elas falavam alto, muito alegres. Se “seu” Manoel gozava uma vitória nacionalista, elas gozavam a vitória do sexo.

Mal sabiam que toda essa marcha tinha se tornado possível pelo passeiozinho que “seu” Manoel fizera até a Delegacia.

“Direito de amar quem quiser, de passear onde quiser, de fazer o que quiser” – era o brado candente de seus corações.

Elas tinham lido isso num folheto comunista, que corria de mão em mão, de tear em tear, comprado não se sabe por quem e feito circular por todos, numa cumplicidade passiva e inevitável. Ninguém rasgaria o papelucho, pois temia qualquer ameaça anônima e invisível.

Agora a memória excitada e avivada trazia-lhes à mente trechos inteiros do folheto vermelho.

“A mulher é igual ao homem.” “Foi a invasão dos domínios domésticos e das profissões femininas pelo homem que acarretou a nossa revolta.” “Nós temos conseqüentemente o direito de invadir seu campo.” Se o homem pode ser garçon e cozinheiro, por que se zangam quando nós ocupamos os lugares vagos na Indústria e no Comércio?! A fábrica é nossa; a rua é nossa; a Avenida, sim, a Avenida, com os carcamanos alinhados, cheios de “grana” e de olhares fulminantes, é nossa também! Nós aspiramos a ambiente mais largo e amores menos sem graça!

Imaginavam-se qual enorme exército, o grande exército das mulheres célibes, de que falava certa escritora russa. Mas, quando se olhavam e contavam duas dezenas de mocinhas, muito atraentes, é verdade, mas sem dinheiro, sem instrução, sem apoio, suspeitavam de que a grande marcha do feminismo não se realizaria naquela noite de verão, ali, na comprida e larga calçada da rua Piratininga.

Como espécie de compensação, começavam a dizer bobagens umas às outras e a rir debochadamente para prolongar a alegria da

pequena vitória, que teimavam em exaltar, na imaginação, às alturas alcandoradas de verdadeira apoteose.

Lembraram-se então de mostrar seu desprezo aos rapazes da Mooca, virando o rosto a todos aqueles bobos, parados à beira da calçada, com ar de quem espera o bonde.

– Esperar bonde no meio do quarteirão! Só mesmo esses tontos...

Elas imitavam Rosária (esta melhorava na Santa Casa), acompanhando cada virada do rosto com sonora e desrespeitosa gargalhada – canivetada que penetrava mais fundo no orgulho dos operários moços do que a lâmina afiada da arma de Manecão nas costas de Rosária.

Iam nessa disposição de caçoar, quando a vanguarda constituída por Joana e Carmen deu alarme:

– Olhem que bonitinho!

Encostado num lampião, na esquina da Visconde de Parnaíba, estava um moreno lindo e alto, com um sorriso simpático, sombreado à luz do lampião.

Heloisa Dias, a mais sapeca, gritou da terceira fila: – É meu!...

– Uhn! Ela gosta tanto de homem! – censuraram as outras despeitadas.

A vanguarda deu novo alarme: – Que esquisita a manga dele!...

O moço olhava-as bondosamente, contente com a atenção.

– Que belo lote! – pensava ele. – E como me admiram!

Lambeu os lábios másculos e engatilhou um gracejo. Não foi preciso dispará-lo.

Uma das mais saídas berrou com repugnância:

– É maneta!...

As outras riram e correram chacoteando:

– Ih! Maneta!...

Foram vinte bocas a repetirem a mesma troça: – Maneta... Maneta... Maneta...

Logo adiante a Dolores explicou: – Vocês não o conhecem? É o Pedro, porteiro da Fábrica do Assunção. Um bobão que gosta de andar com ternos alinhados para disfarçar a falta do braço.

Enquanto isso Pedro, sem saber o que fazer, abaixara a cabeça profundamente humilhado. Apertou os dedos com força, desejando

que entre os mesmos estivesse o crânio de uma daquelas “futricas” para esmagá-lo como o fizera com as tampinhas de cerveja que ainda há pouco deixara dobradinhas sobre a mesa de um boteco. Quis reagir, mas desanimou, ruborizando. Sentia-se pequeno diante do peso daquele adjetivo ecoado vinte vezes ao ouvido: Maneta!...

Terrivelmente triste ficou ao recordar que a causa daquele defeito físico fora muito diferente do que alguém poderia supor.

## COMEÇOU ASSIM...

Cerca de 1910 (e isso não foi nenhuma surpresa), mais uma carroça de mudança entrou, desequilibrando-se toda, na barrenta rua Xingu.

O carroceiro, negro de beijos volumosos, desceu da boleia, agarrou a rédea junto ao freio, e dando valentes puxões gritava ao animal:

– Vamos, Princesa!

A Princesa refugou, arregalou os olhos, levantou as orelhas, encolheu as pernas traseiras e empinou.

O carroceiro, com ar sonolento, judiou do queixo da besta, deu-lhe com o cabo do relho, e a carroça não andou sequer meio centímetro.

“Seu” João Martinez, que se conservava pacientemente na boleia, gritou ao carroceiro: – Ei ! Homem ! Não judie da coitada. Eu desço e ajudo a empurrar o carro.

O carroceiro consentiu prontamente e o imigrante juntou o ombro à grade traseira.

– Ôôôô – gemeu em solfejo baixo-profundo. O carro balançou, os varais chacoalharam a coalheira, fazendo a gamarilha afrouxar, enquanto a retranca, comprimindo a traseira do animal, fez com que ele se acorrasse no barro.

– Para, para! Se empurras mais um pouco fazes o varal quebrar.

Com efeito, o solavanco dado pelo *cachaço* musculoso de João Martinez fizera a carroça inclinar, e o varal enterrado no barro arcava com todo o peso que a Princesa repudiara.

– Vem cá!...

O imigrante, meio barreado, não estranhou o ar autoritário do carroceiro e foi executando as ordens.

– Vamos ver se levantamos os varais sem quebrá-los.

Pegaram cada qual numa das pontas e, ao som de outro ôôô baixo-profundo, já realizavam o intento, quando a correia do dorso conteve o impulso. A Princesa havia deitado e para erguer os varais era necessário que ela se levantasse primeiro. Foi o que Martinez tentou, dando-lhe forte pontapé na ilharga. A mula bufou e abaixou completamente a cabeça junto às patas dianteiras.

O carroceiro olhou desanimado, enquanto João Martinez aplicava outro pontapé, agora no peito da besta. Estranho esse espanhol, a princípio com tanto dó, e agora nesse frenesi incontido de bater!

– “Velho assanhado” – pensou o carroceiro, e gritou: – Para com isso que não adianta.

– Não adianta como? – inquiriu o imigrante.

– A Princesa é assim mesmo. Quando abaixa a cabeça, não há quem a faça levantar. O melhor é tratar de levar a carga até sua casa, porque a roda não desatola mais. Veja como afundou...

Com efeito, o eixo de ferro já estava quase tocando o chão.

Martinez não quis esperar e afundando os pés nas poças barrosas foi pondo nas costas os badulaques mais acessíveis.

Seriam quatro horas da tarde. A rua estava quase deserta de gente grande. Apenas alguns moleques brincavam na enxurrada. A carroça atolara uns cento e cinquenta metros aquém da casa que João alugara. Ninguém poderia ajudá-lo; “Melhor!”, pensou o espanhol decidido, “ninguém também para atrapalhar”.

Como o carroceiro estava vendo se dava jeito na besta, João foi continuando o transporte, na expectativa de um breve auxílio.

Sua surpresa foi bem grande quando, voltando pela terceira vez de sua casa para o local do desastre, viu a Princesa em pé e o carroceiro sentado na sarjeta, suarento, encostado a um poste, a descansar indiferente.

– Quem sabe poderemos chegar agora até mais adiante?

– “Num diana” – resmungou o negro. – A carroça só sai para trás.

João que, durante o trajeto na boleia, notara o cinismo e a moleza do carroceiro, desistiu de pedir-lhe qualquer auxílio e continuou seu trabalho.



Na oitava viagem, conseguiu levar todo o resto da carga. O negro olhava-o com despeito. Que camarada forte! E ele ali sem fazer nada. Era vergonhoso! Mas também não tinha culpa do espanhol arranjar aquela rua para morar!... Ora!

João entrou com dois enormes caixotes sobre o ombro e não apareceu mais à porta. Foi então que o preto se lembrou de que ainda não recebera os dez tostões do serviço. Só agora teve forças para se levantar, correr cento e cinquenta metros e berrar à janela do freguês.

– Ei! Espanhol! Meus “deis tustão”?

Lá de dentro ninguém responde. O carroceiro entreabre a porta e vê o homem atarefado armando o colocando os móveis.

– Ei! Espanhol! Os meus “deis tustão”?

– João virou-se lentamente com o rosto carrancudo.

– “Que quiere usted”?

– O meu dinheiro.

– Fique sabendo que não sou nenhum idiota! Não dou dinheiro nenhum! Você não me trouxe até aqui, por isso não tem direito. Vá saindo antes que eu...

João pronunciou um “Yo” tão cheio, numa voz tão trovejante, que o negro achou melhor escapular mesmo sem o dinheiro...

Instalava-se assim naquele grupo vetusto de casas mais um imigrante de Castela. Seus próprios patrícios não se importaram muito com o fato. Apenas uma Dona Concepción (havia tantas delas!) veio saber se não necessitava de nada. João soube mais tarde que era a mulher do vendeiro e que se ele tivesse querido alguma coisa teria ou de correr os cobres ou então de abrir uma caderneta no armazém do seu marido. E só Deus sabe o que isso representaria para o estreito orçamento do modesto lar.

## A HISTÓRIA DE JOÃO MARTINEZ

João Martinez esperou até as vinte horas e a família nada de chegar! Ele viera adiante para tomar conta da mudança e deixara D. Encarnação e o filho Pedro, para virem com o mano Augusto. Este, há dois anos, insistia com ele para deixar Buenos Aires. Porque, é bom que se diga, João Martinez não vinha diretamente da Espanha,

e sim da Argentina. Quando embarcaram em Barcelona, combinaram João e Augusto tentar a sorte. Ou São Paulo ou Buenos Aires. Quem vencesse exigiria a companhia do outro. Ambos venceram como operários e Augusto começava pequenos negócios, quando lhe morreu a esposa, D. Aurélia. Desconsolado, juntou alguns mil réis e partiu para a Argentina. Desejava ficar com o irmão o resto da vida, desistindo assim de chamá-lo a São Paulo. Isso foi em maio de 1910. Quando desembarcou em Buenos Aires, o frio intenso provocou-lhe crises de asma que o impossibilitaram de trabalhar.

Agora foi a vez de João vender grande parte do que possuía, a princípio para tratar do irmão e, depois, vendo a impossibilidade da cura naquele clima, para embarcarem rumo ao Brasil.

O consulado os favoreceu com alguma coisa e, em fins de julho, os quatro espanhóis deixavam Buenos Aires num navio costeiro.

Augusto, apesar de doente, quis dar um golpe para defender uns cobres.

Pediu ao João que arranjasse dinheiro a juros com algum patrício, e fez grande sortimento de lãs, sedas e sobretudo sementes.

Agora João, em pé, encostado à parede na nova residência, olhava aquela carga clandestina com certo remorso. Primeiro por ter levantado empréstimo. Depois por ter enganado a Alfândega. O pior ainda é que nada sabia do valor daquele material. Peles de carneiro não valiam nada na Argentina! Enfim, ele consentira no negócio, confiado no irmão.

O clarão amarelo da lâmpada de querosene tornara-se triste. A casa só tinha os poucos móveis e caixotes vindos na carroça. Lá fora, sapos coaxavam metalicamente.

Em tudo uma sensação de abandono e solidão.

– Seria isto São Paulo? E o mano que não chegava? Como procurá-lo? E a esposa? E o filho?

Além de tudo, aquele negro carroceiro e aquela Concepción a lhe darem a impressão de abutres gananciosos do dinheiro alheio. Não seriam todos os vizinhos a mesma coisa? Venceria em São Paulo? Pela primeira vez a sombra da dúvida pairou sobre aquele coração de aço.

Felizmente não foi por muito tempo:

Os três perdidos chegaram daí a pouco e explicaram. Augusto não quisera deixar de fazer seu negócio naquela mesma tarde. Foram de

tílburi até a rua Nova de São José. Ali procurou ele antigos conhecidos, que não se interessaram pelo negócio.

Felizmente, quase às 18 horas, um deles lhe indicou a casa do Manuel da Paiva, negociante por conta própria e que não fazia muita questão de entrar em negócios duvidosos.

Depois de muita conversa, Manuel da Paiva disse que ficaria com toda a carga, após exame a ser feito na manhã seguinte.

Enquanto Augusto negociava, D. Encarnação mostrara a Pedro as variadas vitrines da cidade.

– Não era justo, “hermano”, que comemorássemos o fato? Além do mais Pedro tinha fome. Fomos ao “Cavalo de Ouro” e jantamos. Aqui nos tens “fuertes e bien comidos”.

João fê-los entrar e mandou que D. Encarnação arranjasse algum comestível. Sugestionado pela descrição que Pedro com entusiasmo lhe fizera do cardápio do Restaurante, sentia o estômago faminto.

Enquanto D. Encarnação encontrava um pedaço de pão e queijo, João e Augusto conversavam sobre o golpe do dia. João, porém, ainda um tanto incrédulo, resolveu deixar parte dos comentários para a manhã seguinte, quando visse o dinheiro.

Pedro já se acomodara, quando a espanhola trouxe o queijo, o pão e o vinho. Augusto e ela só quiseram o último. João comeu a valer e quando esvaziou o quinto copo do Málaga achou que deveriam deitar-se.

Augusto estendeu-se sobre as peles de lã ao pé da cama do casal, que nesta noite serviu para os outros três.

Não queria dizer nada. Com o frio era até muito gostoso dormirem assim amontoados. Daí a pouco Augusto soprou a agonizante chama de querosene e trevas quase completas encheram o quarto silencioso.

Pela bandeira da porta entrava a claridade branca da lua hibernal.

## OS NEGÓCIOS DO TIO AUGUSTO

A cena anterior foi muitas vezes narrada por João e Pedro por uma outra causa. Apesar do êxito de Augusto e do fato do negócio com Manuel da Paiva ter sido fechado na manhã seguinte, João achava qualquer coisa de esquisito, de errado, nas atividades do irmão. Tinha medo de dizer-lhe, e ele julgá-lo invejoso. Por isso, calara-se. Mas mesmo

nessa primeira noite que passou em São Paulo, quase não sossegou, com medo daquela aventura.

Certo dia chamou Augusto e perguntou quando iriam arranjar emprego.

– Que arranjar emprego, que nada! Nós vamos ganhar dinheiro, comerciando. Hoje você sairá comigo. Vamos mandar pagar seu empréstimo e depois venderemos algumas sementes.

João não reagiu. Apenas lamentou que há muito tempo não tecia.

– Ora tecer! Com os ordenados que dão por aí... E depois, além de ser difícil um lugar, aqui não há fábricas de casimiras. Você precisa aprender a lidar com algodão e juta. Coisas baixas! Não. Deixe de histórias e ouça o meu plano:

– Quanto nós ganhamos neste meio mês de vida? 250\$000... São 500\$000 em um mês... Quando ganharemos isso na fábrica? Nosso serviço de hoje em diante vai ser mais interessante. Nós vamos dar de visitar os parentes na Argentina. Ao menos isso a morte de Aurélia me ensinou!

– Que é isso, Augusto!

Este, porém, sublimemente possesso continuou eloquente:

– Você irá em junho e dezembro. Eu em setembro e março. E, cada volta, já se sabe. Sementes, muitas sementes. 500\$000 em sementes de cebolas! E casimira para uso pessoal, além de outras miudezas.

João desta vez protestou: – Se você quiser, vá fazer isso; eu vou aprender a tecer fio de juta e de algodão. Qualquer dia você cai nas mãos da Polícia e adeus sementes com lucros de 200%.

– Medroso – foi a resposta desdenhosa.

João ferveu. Era o mal dos Martinez de Catalunha. Ferviam, chegavam logo à ebulição. Não esquentavam apenas.

– Saia já desta casa! Irmão desnaturado. Sórdido! Crápula infame. Pegue o que é seu e desapareça! Eu pagarei minhas dívidas, suando. Crescerei com dinheiro limpo. Seu indecente! Rua!

– Deixa de bobagem, João; olha que eu estou querendo dar-lhe um auxílio.

– Não preciso de auxílio dessa maneira! Rua!

– Bem – e então Augusto assumiu um ar sério, meio ameaçador. – Mas lembre-se de que eu só lhe quis fazer bem. Se alguém tem a perder com nossa separação é você. Insensato!

Augusto foi ajuntando algumas coisas na mala. Não esqueceu de pôr as sementes. Nisso, voltou-se para João.

– Quem sabe você gostaria de ficar com elas?

João explodiu...

– Eu não fico com coisa nenhuma, seu crápula! Leve-as depressa! Vamos antes que eu me desespere!

D. Encarnação voltava do Mercado. Ela e Pedro carregavam a cesta cheia de verdura e peixe. Quando iam entrando, encontraram João com o braço direito indicando a porta, o esquerdo sobre o quadril, a gritar esbaforido:

– Rua, seu cão ganancioso. Você quer é dinheiro de qualquer forma! Você traiu sua profissão! No comércio você há de ser sempre um gatuno. Não nasceu para isso e quer se meter de qualquer jeito. Um dia trocará os pés pelas mãos e tudo rodará.

D. Encarnação compreendeu o significado da cena e intercedeu com meiguice.

– Que é isso? Dois irmãos brigando!

– Não se meta, mulher. Eu estou expulsando de casa uma víbora cruel e diabólica...

– Que quer ajudá-lo a vencer – interrompeu Augusto.

João trovejou:

– Já lhe disse que não preciso desse auxílio! Trate de ir saindo! Não o quero pôr lá fora à força!

Augusto abraçou D. Encarnação, dizendo: um dia ele ainda cria juízo.

Depois pegou a mala e acariciou a cabeça de Pedro, indo até a porta.

– Até logo...

– Até logo, tio.

D. Encarnação começou a soluçar.

– Deixe de história, mulher. Você sabe bem como é mau esse meu irmão.

– É, João. Mas ele é teu irmão. Isso não se faz. E como você vai arranjar dinheiro agora?

– Dinheiro! Vocês só querem saber disso! Eu trabalharei. E depois: “No tira el mucho denero la mancha de la verguenza”.

Não foi esta a única frase que João dissera em espanhol. A discussão toda fora feita num misto castelhano-português. Pedro, amedrontado e excitado, ante o olhar cintilante do pai, guardou, retinindo ao ouvido, aquelas frases marteladas:

– Usted quiere é dinero de qualquiera forma! Has traído tu profesión! En el comercio serás siempre un gatuno! Usted no nació para esso!

## UM TECELÃO COMEÇA A VIDA AOS 40

Pedro tinha dez anos, D. Encarnação trinta e um, João quarenta e Augusto trinta e quatro, quando se separaram os dois irmãos.

Na manhã seguinte, 28 de agosto de 1910, João bateu até a avenida Rangel Pestana, disposto a pegar qualquer serviço, em qualquer lugar.

Voltou para o almoço e encontrou Pedro, sentado com as pernas esticadas e a cabeça para trás. Sobre o olho direito, uma compressa feita com a meia de D. Encarnação.

– Que foi, meu filho? – perguntou cansado e sem ânimo.

– Nada...

O pai levantou a meia úmida e coalhada de sal. Uma elipse roxa contornava o olho do pequeno.

– Andaste brigando? – João falava suavemente. Pedro estranhou aquela tonalidade tão meiga e animado foi contando o acontecido.

Dois moleques, famosos na vizinhança, o Toschi e o Celito xingaram-no, quando fora comprar pão. Foi bastante olhar para os dois com certa indignação para que eles o ameaçassem.

– Quer apanhar, mariquinha?

Pedro tratou de correr, mas eles sendo maiores o alcançaram facilmente. O tranco traiçoeiro jogou-o ao chão. O embrulho dos pães rolou para o meio da rua. Sim! Isso é o que o revoltou a ponto de tentar esmurrar o Celito. O Toschi, porém, lhe mandara o “direto” ao olho. Teve que desistir e chorar. Os dois ficaram caçoando:

– Olha a mulherzinha! Como chora a coitada.

Depois, aplicaram-lhe conjuntamente duplo pontapé, e deixaram-no ir, sem o pão, que eles embolsaram. “Dois vinténs de pão perdidos só porque ele era pequeno!”

Levantou os olhos para o pai:

– O senhor sem emprego e eu jogando fora o seu dinheiro – começou a chorar... Manha feia de menino feio. A mancha nos olhos deixava-o ridículo, quase repugnante.

João o consolou:

– Qualquer hora você me mostra esses dois malvados. Eu lhes quero dar uma boa sova! Covardes!

Apertou a cabeça do filho junto ao peito, sentindo aquele arfar soluçante das costas do menino. Achou-o pequenino entre suas mãos. Teve dó.

Ia resolvendo não lhe falar nada sobre certo assunto, quando D. Encarnação apareceu, vindo do tanque.

– Pois é. Esse menino se tivesse o que fazer, não andaria por aí a arranjar brigas.

Pai e filho continuavam abraçados. D. Encarnação virou-se para o esposo.

– Como é? Arranjaste alguma coisa?

João titubeou.

– Arranjei.

A esposa pulou de alegria! – Você é um colosso, meu marido. Eu já sabia.

Pedro sorriu através das lágrimas, mostrando-se solidário com a vitória do pai.

– Espere um pouco. Isto é... Propriamente arranjar, não arranjei.

– Ora... Decerto você está achando o emprego muito humilde.

Conte. Qualquer coisa nos serve.

João chupou os lábios meio sem jeito.

– Eu fui à fábrica chamada Silva Salles & Cia. Não havia emprego nenhum. Apenas esta tabuleta: “Precisa-se de aprendizes”. Quase que me oferecia para ao menos ter uma oportunidade. O mestre, porém, me dissuadiu. Seria ridículo, disse ele: – Isso é coisa para criança de doze anos.

– Criança de doze anos – pensei eu. O meu Pedrinho tem quase essa idade. Pedi um lugar. O mestre esclareceu: – É só trazer o menino. Damos cinco mil réis por mês. Mas tem que experimentar uma semana sem ganhar nada. Serve?

– Serve... – interrompeu Pedrinho, integrando-se à narrativa.

– Ora se serve! – fez D. Encarnação meio desapontada, forçando um sorriso desses que mostram a dentadura inteira. – Quer dizer que o nosso Pedrinho já vai começar a ser homem. Que bom para nós. Não, João? Mais um homem em casa! O pai já pôs dois marmanjos na rua neste primeiro meio-mês de vida no Brasil, mas em compensação ganhou um homem que vale por dez. Não é assim, João?

– É – resmungou o marido com espanto e repreensão no rosto. Não gostava de brincadeiras. Enquanto isso aquela mão varonil passeava pela cabeça do filho. Este a empurrou juntando seus dois braços contra a munheca cabeluda do pai.

– Que pesada! – disse o garoto meio contrafeito.

Pai e mãe entreolharam-se, compreendendo que pesada, muito mais pesada que a mão do imigrante, seria a tarefa que naquele momento, por força de circunstâncias imprevistas, caíra sobre os ombros infantis de seu filho.

– Bem, deixa-me ir buscar o almoço – D. Encarnação virou-se, passou o avental molhado no rosto umedecido e entrou na cozinha.

Quando voltou com os dois pratos feitos na mão, seus olhos estavam meio vermelhos. Quis justificar aquelas lágrimas:

– A lenha do seu Manoel é tão ordinária!... Dá uma fumaça horrível!

## **PEDRINHO VAI À FÁBRICA**

– Afinal de contas, quem começou a vida foi Pedro, com dez anos, e não o tecelão com quarenta, exclamará o leitor.

De fato, João ficou esse dia na tentativa de começar. Para ele, porém, desde que se estivesse fazendo esforço no sentido de realizar alguma coisa, estar-se-ia na realidade iniciando essa obra. Isso aprendera numa conferência que certo moralista fizera aos operários de sua fábrica, em Buenos Aires. Sua vida confirmou e ilustrou essa verdade. Uma vez parou o tear onde trabalhava. Enquanto ia comprar a peça, a mando do mecânico, sua imaginação levava o tear consigo. Estudou parte por parte no caminho. Quando voltou já havia descoberto o defeito, com surpresa para o mecânico, que há duas horas lutava com a máquina.

– Nem era preciso esta peça – disse com autoridade.



- Então por que foste comprá-la?
- Porque preciso obedecer aos superiores.

No íntimo, porém, ele pensara sempre: foi porque eu fiz um esforço sério com a cabeça. Isso é que valeu quase tudo...

Agora, quando tinha que andar de fábrica em fábrica, a consciência de que essa procura desesperada e desanimadora era parte integrante de seu êxito fazia-o prosseguir. Logo após o almoço saiu outra vez, acompanhado desses pensamentos.

– Até logo, filho. Brinque bastante hoje, que amanhã a vida vai ser diferente.

– Que brincar o quê! – atalhou D. Encarnação. – Ele vai é para a cama curar esse olho.

Quando João dobrou a esquina da rua Barão de Jaguará e os dois entraram, a mãe tomou o menino pela mão e fê-lo olhar num espelho redondo, pendurado em ângulo à parede.

– Meu Pedrinho não pode ir com o olho feio assim para o trabalho. Trate de deitar. Vou arranjar-lhe uma compressa.

Pedro deitou-se na cama gostosa, alta e quente de seus pais, afundou a cabeça nos travesseiros de fronhas claríssimas e bem bordadas, suspirou sofregamente e cobriu-se. Daí a pouco D. Encarnação lhe colocou a compressa e fechou a janela de madeira. Era um meio-dia acinzentado, com pouca luz e muito frio. Pedro começou a sentir-se mole. Talvez tivesse comido demais. – O feijão no Brasil é tão mais gostoso! De repente estrebuchou com súbito calafrio, encolheu-se e virou para o canto. A compressa escorregou para as cobertas quando os lábios semicerrados do garoto já anunciavam que o sono se apoderara do futuro tecelãozinho.

Lá de dentro vinham ruídos de louças e panelas a se baterem sob o jato chiante da torneira.

...

No dia seguinte, seriam cinco horas, os três estavam de pé, a lamparina acesa e o fogo da lenha também.

Às cinco horas e trinta, João e Pedro saíram na escuridão fria da madrugada. Quando eram seis e quinze chegavam ao portão da Silva Salles & Cia.

Nenhum operário ainda! Esperaram. O portão logo se abriu. O guarda os cumprimentou. Começou a chegar gente. Em cinco minutos tinha entrado todo o pessoal.

– Que pontualidade!... – pensou João. O mestre também já chegara. Vira a João, mas não o cumprimentou. Daí a pouco apareceu novamente.

– É este o menino? – mediu-o e começou a rir. Pedro e João ofenderam-se. O mestre continuou rindo.

– Uai! O menino andou jogando pau com alguém?

– João reparou então que a órbita de Pedro estava mais inchada e mais roxa. Teve ímpetos de levá-lo para casa. Deteve-se porém, com medo de perder nesse ato irrefletido o emprego do filho. Era melhor acostumar o pequeno a essas observações humilhantes, mas inevitáveis. Não sabia aquele pai amoroso quantas chacotas muito piores do que essa estavam reservadas a Pedro Martinez.

– A que horas posso vir buscá-lo para almoçar?

– Mais ou menos às dez e meia todos saem. Mas seu filho pode muito bem voltar sozinho.

– Isso é apenas no primeiro dia para ensinar o trajeto – explicou João meio vexado com sua excessiva demonstração de carinho paternal.

– E o senhor, já arranjou emprego? – Estou procurando. Se souber de algum, queira avisar-me pelo Pedro.

– Sim, sim. Isso não é coisa muito fácil. Até logo.

– Até logo. Até logo, filho.

Pedro despediu-se e meio sonolento acompanhou o mestre. Entraram numa enorme sala. O menino não enxergava coisa alguma. Quando começou a compreender os vultos, notou que uns meninos, pouco maiores do que ele, caçoavam:

– Que taponá! Porca miséria!

Passou a mão na pálpebra intumescida e só então se lembrou de que a mamãe se esquecera de lhe pôr compressa durante a noite. Sua pálpebra superior direita pesava, querendo cerrar-se com a de baixo. Os cílios grudavam-se uns aos outros. Quase não podia descerrar o olho.

## FILHINHO DA MAMÃE

Às dez horas e meia, os operários saíam apressados. Pedro choramingava encostado ao muro alto do pátio da saída, quando o porteiro o avisou:

– Sua mãe está aí.

O menino não queria que os outros aprendizes o vissem com ela. Certamente iriam berrar em coro: olha o filhinho da mamãe...

Aquela manhã lhe fora um suplício horrível. A timidez do novato, a maldita dor na testa, as quatro horas de prisão sem fazer quase nada (tudo que fazia achavam que estava errado), as risadas dos colegas e do próprio mestre, como essas coisas o deprimiam! – “Além de tudo, mamãe vai logo falar com o porteiro. Ele também vai caçoar de mim! Bem podia ter me esperado na esquina! Não fosse a fome terrível e a ausência de dinheiro no bolso, não vê que eu sairia deste pátio agora!”

Esperou mais um pouco. Os operários que ficaram já estavam desamarrando as marmitas. Um deles, que João vira trabalhando junto ao tear, perguntou: está servido?

O menino quase aceitou. Pelo menos assim não teria que procurar a mãe. Agradeceu formalmente percebendo a impossibilidade de se repartir aquele minúsculo almoço pessoal. Alguém lhe ofereceu uma banana. Aceitou. Mas só aquilo não daria para nada. Sentia tonturas e sabia que eram causadas pela fome.

Viu bem que ninguém o estava espreitando e, fingindo olhar indiferente ao céu, foi escapulindo para a rua.

– Meu filho! – disse a mãe radiosa de bondade.

– “Logo isso que ela inventou de gritar!” – Pedro franziu a testa sobre o olho machucado.

– Que feio, meu filhinho. Não enrugues assim o rosto!...

– Fique quieta! A senhora não vê que os outros reparam?! – Pedro estava carrancudo e mal-humorado.

D. Encarnação não precisava de duas palavras. Compreendeu tudo, mas continuou provocadora.

– O nosso homenzito está tão bravo!

– Cale a boca! – falou Pedro subterraneamente.

A mãe lhe deu o prato, compreendendo que não valia a pena discutir. “Pedro Martinez, igual ao avô, no nome e no gênio. Igual ao pai. É tudo uma coisa só!”

O menino queixou-se de toda a comida, mas tragou-a sem deixar nada. Se pudesse abandonaria um pouco no prato, resmungando: intragável!... Mas o estômago não lhe permitiu que poupasse nada. Arroz, feijão, pão, couve e peixe foram devorados com voracidade.

– Por que a senhora não trouxe carne de vaca? – reclamava indignado.

– Ora, meu filho. Seu pai não tem dinheiro para isso!

– E eu? Não vou ganhar cinco mil réis por mês?

– Vai... a começar daqui a uma semana – disse a mãe semi-irônica.

Isso tornou o menino ainda mais nervoso. Levantou-se empertigado.

– A senhora amarra os pratos com o guardanapo. Eu preciso ir entrando.

– A que horas começa o serviço? – o ar da espanhola não era para brincadeiras.

– Daqui a pouco...

A mãe segurou-lhe o braço com violência e vociferou!

– Então ainda dá tempo de você limpar os pratos com a casca da banana e amarrá-los. Vamos depressa com isso, antes que eu lhe dê uns tabefes em frente de todos esses homens aí.

Pedro num rezingar impotente obedeceu.

– Agora você aprenda que apesar de tudo “yo soy su madre”.

Os novos emigrantes, quando queriam dar ênfase a suas expressões, usavam inevitavelmente o castelhano.

O rapaz voltou chorando para a fábrica. Tinha a impressão de que todo mundo o estava vendo. Virava o rosto e procurava conter as lágrimas. Quis pensar em coisas alegres, mas a cabeça não queria, insistindo em criar as mesmas cenas: ele fugido de casa, procurado angustiosamente pelos seus, achado e reconduzido ao lar depois de muita relutância de sua parte e lágrimas dos pais arrependidos. Só ele sabia quantos atos de heroísmo realizou nesses minutos, até que o mestre, cujo nome era Júlio, lhe chamou a atenção.

– Estou vendo que o menino não serve para o trabalho. Parece manteiga derretida!

Pedro reuniu todas suas energias:

– Não estou chorando, não senhor. Meus olhos é que estão machucados. O senhor bem está vendo...

Seu Júlio cortou o assunto apressado:

– Vamos! Ajude a torcer aquele fio ali! – Pedro tomou o fio e notou que já o torcia com mais rapidez e regularidade.

O progresso do moço no conhecimento de fios, lançadeiras, teares, fusos, etc. far-se-ia também, ajudado por impulsos hereditários, com rapidez e regularidade.

## O “TECELÃO” MARTINEZ

Quando Pedro voltou para jantar, um frio terrível cortava-lhe as pernas. Tinha medo de não conseguir chegar até em casa. Lacrimava agora, mais por causa do vento que lhe penetrava os olhos e lhe gelava o nariz do que propriamente devido a lembranças torturantes do primeiro dia de trabalho. – E nós não viemos de Buenos Aires fugidos do inverno e por causa do tio Augusto, que nos abandonou?!

Seu pai já estava na sala esperando o jantar. Dessa vez D. Encarnação resolveu comer junto com o marido e pusera as panelas sobre a mesa. O menino sentiu-se confortado com o calor da sala abafada. Não tinha mais vergonha de enfrentar a face da mãe. Aliás, foi esta quem primeiro lhe afagara o rosto, abraçando-o demoradamente.

Sentaram-se à luz da lamparina, que batida por um resto de vento projetava na parede a silhueta oscilante de três gigantes glutões.

D. Encarnação se encarregou de contar a nova do dia.

– Sabes, Pedro? Papai já arranjou emprego.

– Ué – fez o menino meio displicente. – Que bom! E aonde?

– Pertinho da Silva Salles, onde você trabalha.

Pedro não perguntou mais nada. – “Afinal de contas deviam falar algo do seu emprego! O pai ainda nem começara a trabalhar”.

E o rapaz foi narrando uma porção de experiências do dia, todas muito melhoradas pela imaginação. Fizera tudo perfeitamente. Estava descansado. Bocejou, porém, profundamente, contradizendo

a afirmação. O mestre já lhe falara em melhorar o ordenado. “Que mentira!” – disseram pai e mãe com os olhos. – “Não acreditam? Pois não de ver” – pensou indignado o menino.

Não sentira fome e na volta gastara muito menos tempo do que quando foi com o pai. No estômago, agulhadas doloridas pareciam dizer-lhe:

– Você daqui a pouco desmaia de fraqueza...

A alegria confortadora do lar fizera-o ver algumas inconveniências de seus planos de fuga arquitetados em momentos de revolta durante as horas de trabalho. Mas era preciso mostrar que já se tornara um verdadeiro valente. Tinha necessidade de extravasar o reservatório de seu orgulho.

– Pedrito, agora que arranjei emprego, se você não quiser mais trabalhar, não precisa. Talvez seja muito longe e você não goste de lá... – aconselhou João.

– Que o que, meu pai! Aquilo é “canja”! – fez um gesto de desprezo. Seus olhos, entretanto, revelavam cansaço.

– Não se esqueça da compressa do Pedro. Ouviu, Encarnação?

– Está bem.

Pedro sentia muito sono. Quis resistir mais um pouco e não aguentou. Entrou para o quarto, estirou-se no colchão colocado no mesmo lugar onde tio Augusto dormira sobre as peles na noite anterior e adormeceu com roupa e tudo.

D. Encarnação veio daí a pouco, desapertou-lhe a cinta das calças, tirou-lhe os sapatos, colocou a compressa sem acordá-lo e voltou para a sala.

– Nosso filho tem sangue basconho... – comentavam orgulhosos.

– João, estive pensando: desde que vocês vão trabalhar tão longe daqui, seria bom nós nos mudarmos. Assim poderiam comer o almoço em casa.

– Será que você anda com preguiça de andar até lá uma vez por dia?

– Não. É que temo ficar o dia inteiro no meio desta vizinhança antipática. Nem parece que são nossos patrícios.

– Mas todas as mulheres ficam sozinhas e não acontece nada. Em todo caso, se você está querendo mudar, previno-a de que isso não

demorará muito. Lembre-se de que só pagamos um mês do aluguel e o senhorio quer os trinta mil réis adiantados. Dizem que ele faz o despejo sem dó nem piedade.

– Mas você está agora empregado!...

– Com apenas quarenta mil réis por mês.

– Mas isso não é ordenado de tecelão!

– E eu não sou tecelão. Não conte isso ao Pedro, por favor.

Empreguei-me como varredor das salas de fiação e tecelagem. Era o único lugar vago, em todas as fábricas de tecidos. Você sabe: sempre é melhor ficar no nosso meio ainda que mal localizado. Qualquer hora um tecelão, ou ajudante morre e eu me ofereço para substituí-lo. Mas por favor, o Pedro não há de saber disso. Eu preciso servir de modelo profissional para ele. Logo que puder voltarei a ser um hábil tecelão. É por isso também que não quero morar perto da fábrica. Seria mais fácil para ele descobrir pelas conversas dos vizinhos a minha humilhante posição. Os colegas dele nem devem saber que eu sou seu pai. Quando você levar o almoço tome cuidado: ninguém perceba que a mesma pessoa traz nossa comida.

– Está bem. Eu de qualquer forma me orgulho de ter João Martinez por esposo.

– E Pedro Martinez, o maior tecelão da Mooca, por seu filho...

– concluiu o esposo num misto de tristeza e orgulho. Enquanto D. Encarnação caminhava para o quarto, carregando a lamparina, João tomou-lhe a cabeça entre as mãos, fazendo a mulher parar. Virou-a de frente para ele e penteava-lhe carinhosamente os cabelos com os dedos. A outra mão, pousou-a no ombro magro, coberto com o lindo chale de lã argentina.

Depois de muitos anos, João sentia necessidade de agradar a esposa. E foi nessa noite que notou no meio de cabelo abundante compridos fios esbranquiçados. A luz da lamparina sombreava na testa clara de D. Encarnação os crivos de rugas sucessivas.

E ela contava apenas trinta e um anos.

## QUATORZE ANOS DEPOIS

A cidade quase cercada pelas tropas do General Potiguara. Algumas ruas caíram totalmente nas mãos dos revoltosos. Êxito estratégico sem precedentes foi assinalado na avenida Celso Garcia. Escondidas suas forças no porões das casas e no interior das fábricas, o General Isidoro esperou o momento em que um batalhão legalista passasse quase que em formação de desfile no meio da rua. Então das duas calçadas um metralhar baixo e cerrado arrasou completamente a tropa.

O revide não demorou muito. A notícia do feito correu até além do Alto da Penha, onde se assestara a artilharia legalista. As bocas dos canhões desceram apontando para o Braz. Às quatro horas da tarde foram disparados os primeiros tiros e até escurecer sucederam-se com pequenos intervalos os estouros de sucessivas detonações.

Muitas casas foram atingidas. Entre elas a Fábrica de Tecidos Silva Salles & Cia. constituía, talvez, o melhor alvo. Alto, largo, sombranceiro às pequenas habitações particulares, seu telhado parecia servir para estas de anteparo providencial. Uma granada, que se não lhe fora propositadamente destinada pelos canhões federais deveria sê-lo, atingiu-o em cheio. Com efeito, se houve trincheira útil aos revoltosos foram aquelas grossas paredes com seus respiradores gradeados, quais modernas barbacãs. Por eles funcionaram várias metralhadoras e dezenas de fuzis dos revoltosos. Também eram trinta buracos ao todo, um para cada janela!...

Quando terminou o assédio e a cidade voltou à vida normal, a fábrica permanecera quase vinte dias parada. Estava na mais completa desordem. Tinha servido de tudo para os soldados: paiol de pólvora, quartel general, dormitório, trincheira, cozinha e etc...

Os diretores da firma acharam que os próprios operários conseguiriam pôr tudo em ordem. Pouco serviço de pedreiros e assim, sem muitos gastos, poriam tudo a funcionar novamente. Os chefes da Silva Salles & Cia. eram enérgicos... e econômicos. Ótimas qualidades para o comércio...

No princípio de agosto – agosto fora sempre na vida dos Martinez o mês do desgosto –, alguns operários se agruparam junto ao portão da fábrica. O gerente, seu Mendonça, apareceu nas alturas do seu



Fordeco, buzinando seguidamente. Abriam-se as folhas de ferro e o carro entrou no pátio, rodeado de operários. Seu Mendonça ficou de pé sobre a almofada da frente e, com uns ares de candidato à Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, começou guturalmente esta arenga:

– Nós resolvemos não pagar nada dos dias de julho. Ninguém trabalhou e tivemos muitos prejuízos. Se os senhores quiserem pôr a fábrica em condições de funcionar terão uma ajuda proporcional aos salários perdidos.

Ninguém tugiou nem mugiu. Afinal a firma não tinha culpa daquilo. Alguém falou em nome dos operários. Era Pedro Martinez que tentou explicar o seguinte: seria necessário boa reparação, pois, além de perderem muito, foram também prejudicados com a carência de gêneros provocada pela revolução. Se não fosse muito incômodo que dissesse a proporção da ajuda.

Mendonça percebeu que lidava com um tipo sabido e disse maldosamente: – Será proporcional ao prejuízo que tivermos. E esse só poderemos saber depois da fábrica estar em ordem. Por isso, se tiverem vontade de ver o cobre, tratem de trabalhar depressa.

Os operários estavam meio boquiabertos.

– Só trabalhando – cochicharam.

Daí a pouco o serviço estava organizado e dirigido por Pedro Martinez, agora mestre no lugar de Júlio, que mudara de fábrica em busca de melhor salário.

Havia rombos na parede. Tijolos tinham sido atirados pelas explosões para o meio das máquinas... “Fazer isso funcionar não vai ser sopa” – pensava Pedro.

Os vidros lisos estavam todos despedaçados no ladrilho. Os fundidos com tela conservavam-se nas armações de ferro, abaulados uns, rompidos outros.

Pedro ia ordenando: – Vocês aí, comecem com o tijolo. Pegue uma pá, na portaria. Não tem!? Como que não? O “seu” Mendonça disse que comprou meia dúzia delas. Ora, fale com ele!

O moço animava-se. Daquilo é que ele gostava. O Mendonça não prestava, mas dava-lhe liberdade para mandar. E como era bom dirigir um serviço daqueles! Quase cento e oitenta operários às suas ordens. Ele, o tímido Pedrinho de 1910!

– Quem disse que não ponho isso em ordem? – perguntava entusiasmado a si mesmo.

O serviço já estava até bem adiantado. – Amanhã virão os pedreiros e com a parede sem rombos poderemos trabalhar melhor. O mais difícil será o telhado. Mas isso os pedreiros que façam! “Seu” Mendonça irá naturalmente bancar o engenheiro nessa hora. Se eu quisesse armaria aquelas vigas com alguns homens. Nem seria preciso gastar dinheiro com pedreiros e carpinteiros. Enfim, a responsabilidade ficará com eles...

O fato é que Pedro não se conformava com a ideia de alguém se tornar mais útil do que ele nessa ocasião.

E nessa azáfama terrível, em que o pó se levantava alto e os berros também, a sereia apitou. Era hora do almoço.

Todos saíram correndo. Pedro, porém, dirigiu-se ao chuveiro da fábrica.

Daí a pouco, todo alinhado, encontrava-se com Julieta. Foram caminhando de braços. Iriam almoçar num restaurante italiano logo adiante: o Viareggio Napolitano.

– Então, trabalhou muito hoje?

– As freguesas ainda não criaram coragem – Julieta era ajudante dum “atelier” de costura frequentado pela classe média. – Você melhorou o vestuário – observou a moça. Isso fazia parte do ofício. O tom profissional e indiferente de sua observação não satisfez a Pedro.

– Você está linda... – foi sua vingança.

Entraram no Viareggio. Pedro cumprimentou sobriamente o velho Giuseppe. Julieta saracoteou em passo lépido, cumprimentando a todos. Alguém comentou quase audivelmente: – Que peixinho!...

Sentaram-se perto do gracioso, que continuou devorando a moça com os olhos. O Giuseppe não vinha servir. Julieta aproveitou a ocasião e gritou: – Ó! Giuseppe! Será que você não me arranja um peixinho fresquinho para esse engraçadinho?... Apontou com o polegar para o moço logo atrás dela. Falou bem alto para que ninguém perdesse a tirada. A freguesia toda riu. E durante a gargalhada houve outro comentário: – Essa pequena tem veneno – isso Julieta não ouviu, pois o atrevido foi mais cuidadoso. Pedro fez força para rir. Efetivamente não lhe agradavam muito os modos de Julieta. Aquelas gargalhadas não eram normais!

Quase todo dia a moça o convidava para almoçar e sempre no Viareggio. Ela dominava aquele ambiente. Conhecia cara por cara. Além do mais, sabia muito bem que o operário não pode pagar almoços de 2\$000 todos os dias.

Pedro entretanto gostava dela. Se lhe perguntassem por que, explicaria em bom português: – Ela tem sal..

E Pedro não suportava uma vida insípida.

Conversaram pouco. Julieta não tinha capacidade de concentrar a atenção por muito tempo. Pedro nem acreditava que ela fosse capaz de fazer algo num “atelier”. Dizem tanta coisa dessas costureirinhas!

– Julieta, nós precisamos pensar no nosso casamento...

– Ora, Pedro... seu braço serpenteou sobre a mesa, buscando o do moço. Segurou-o e fingiu-se enternecida. – Você deseja mesmo casar-se comigo?

– Lógico, meu amor – o moço sentia forte compressão na garganta, triste presságio; Julieta não queria compreendê-lo!...

– Eu já sou mestre. Logo terei aumento.

– Deixa-me pensar um pouco...

Silêncio entre os dois.

– Pronto! Já pensou?

– Ainda não!...

– Então deixe-me ir. Já são quase horas de entrar.

O braço de Julieta o deteve.

– Tome vinho do Porto comigo...

– Ora, Julieta. Mas nós nunca tomamos vinho após o almoço.

– Hoje só... Sente-se.

– Eu tenho hora de entrar.

Giuseppe trouxe o vinho e encheu dois copos. Pedro bebeu meia dose de um trago e deixou o resto.

– Vou indo.

– Bem, eu deixo. Mas tem de ir comigo ao cinema.

– Qual?

– Colombo.

– A que horas?

– Sete e trinta.

– Não posso. Vamos trabalhar até tarde.

– Paciência. Arranja-se outro companheiro.

– Por favor, Julieta.

– Então venha.

– Está bem. Encontramo-nos lá dentro.

Pedro disparou pela rua movimentada.

Julieta comentou a Giuseppe: um bobo...

– E no entanto você o namora há dois meses.

– Apesar de tudo é bom partido. Talvez nos casemos logo.

– É o que você dá a entender a ele e a todo mundo – completou Giuseppe com severidade meio cômica.

## A TARDE AZIAGA DE AGOSTO

Pedro chegou suando à fábrica. Apesar disso, estava tão lindo que o porteiro comentou.

– Esses meninos bonitos logo começam a chegar tarde!

Leu o cartão de Pedro, 12,08. Doze horas e oito minutos, repetiu. Pela primeira vez atrasado, hein, “seu” Pedro? Andaste “costurando” um pouquinho? Essas notícias correm logo. Não precisa admirar-se, não!

O Mendonça o esperava na entrada cheia de trens e material de pedreiro: – É assim que o senhor vai dar conta disto?

Pedro corou, ao mesmo tempo que matracava internamente: intolerantes, esses danados em questão de horário. Afinal de contas estamos num período irregular!

No íntimo a voz da consciência lhe dizia: não tinha nada que ir almoçar com Julieta. Agora é isso...

– Schúa!... – Pedro escorregou num amontoado de pedras e sentou-se de pernas abertas sobre elas.

O Mendonça ainda o viu levantar-se com o terno azul-marinho todo manchado e entrar no lavatório espanando a roupa com a mão.

Pedro já estava no seu posto, de macacão cinzento, a dar ordens. Como havia entulho! Só chamando a carroça de lixo. Procurou “seu” Mendonça. Havia saído. – Por que não saiu antes de minha chegada? Aposto que ficou esperando só para notar o atraso! Velho ranzinza! Bem... Vamos pôr essa calça no pátio. Talvez ainda se venda alguma coisa...

A poeira calcárea começou a subir em nuvens revoltas que desciam pela vizinhança. Não tardaram as reclamações. Pedro mandou aguar a montanha...

O porteiro ouviu a ordem e comentou: – Onde você arranjará água para molhar tudo isso? – ele, que era porteiro desde 1910, sempre se julgara com direito de corrigir a Pedro.

– No seu nariz... – respondeu o moço.

Quando o pó se assentou mais um pouco, Pedro entrara novamente para prosseguir o desentulhamento.

Junto à parede que dava para a rua os trabalhadores encontravam cartuchos detonados e alguns ainda virgens. Tinham medo. Poderiam estourar com uma batida da pá.

– Qual nada! Isso não acontece. Tratem de trabalhar.

Pentes usados e por usar iam surgindo. Apareceram baionetas. Talvez os revoltosos tivessem saído de lá às pressas, pois até um fuzil encontraram. Estilhaços grandes de granada denunciavam que o tal batalhão legalista reagira um pouco.

Nisto ia chegando o Mendonça. Um operário tentava desenterrar alguma coisa. Era um pedaço de ferro, possivelmente parte duma das máquinas. Tinha uma tira de aço azul, encaixada num pequeno talho no ferro fundido.

– Sua conformação geral deve ser de uma laranja – calculava o operário. De repente apareceu uma argola. Quem sabe se ele o ajudaria. Puxou. Nada! Cavou mais um pouco e notou uns gomos quadrados na parte de ferro. Apoiou a chave inglesa num dos regos entre os gomos e forçou. A laranja começou a ceder. Cavou mais um pouco e puxou-a pelo anel de segurança com a mão direita enquanto a esquerda arrancava-a do entulho. Ajoelhou-se.

– Isso é uma granada de mão! – berrou o Mendonça. – Vai estourar! Corram todos!

Pedro não correu. Um clarão alumiu-o-lhe a mente. Saltou como gato sobre o operário, que ficara estupefato e parado. Tomou-o a granada, apertou-a com força na mão direita e jogou-se sobre o entulho a uns três metros de distância.

Um estrondo terrível sacudiu os ares. Cento e oitenta operários precipitaram-se pelas portas da saída. Uns pisavam os outros num tropel satânico.

Lá dentro o pó esbranquiçado da calíça manchou-se de caligem negríssima, cheirando a pólvora... Uma poça vermelha começou a tingir um dos monturos imundos, junto à parede. Empapado de sangue, o rosto chamuscado de fuligem, num *ritus* horrível e terrivelmente impressionante, estava o corpo de Pedro Martinez sem um braço.

– Cadáver?...

– Quem sabe...

## MEIO DIA DE SERVIÇO PERDIDO

– Imaginem qual foi a primeira visita que Pedro recebeu na Santa Casa?...

D. Encarnação? Não! A boa senhora morrera em 1918. E não foi da gripe espanhola. Dizem, e eu quase acredito, que os espanhóis estavam imunizados dessa doença que lhes era homônima.

(Entender-se a gramática e nada saber de medicina é um buraco!)

Durante oito anos a esposa fidelíssima e mãe carinhosa levava o almoço de marido e filho sem que ninguém percebesse ser ela o ponto de união dos dois operários. Verdadeiro prodígio de pontualidade essa mulher de trinta e oito anos! Nunca atrasou um almoço sequer.

Infelizmente o seu coração não queria acompanhá-la nessa atividade incessante. D. Encarnação começou a sentir falta de ar. Não podia parar quieta. Mas, logo que começava a andar, um cansaço terrível caía-lhe sobre o peito. D. Encarnação arquejava... O marido a viu certo dia nesse arfar angustiados, descobrindo naquele olhar dolorido e assustado o espectro de inevitável calamidade.

– Mulher, é bom tu ires ao médico.

Naquela tarde, após entregar os almoços, D. Encarnação alisou o coque durinho atrás da cabeça e tomou um bonde. Só apeou na praça da Sé. Subiu ofegante a escada alta dum casarão cor-de-rosa e sentou-se na sala de espera do Dr. Almeida, médico conhecidíssimo dos operários.

À hora do jantar, João e Pedro encontraram a mesa bem servida como sempre.

– Como foi de consulta?

– Bem... Não era nada. “O Dr. Almeida bem que me receitou uma porção de remédios e ordenou que eu nem me movesse! Isso, porém, deve permanecer oculto...” – pensou ela querendo fazer-se de forte.

– E esses pés inchados? Você os mostrou ao médico?

– Sim, ele disse que é passageiro. É dos rins. Mentira; aquilo era do coração. O ar contrafeito do Dr. Almeida ao resmungar: “a senhora está se matando” avivou-se-lhe na memória.

– Ainda que bem... – disse o filho desconfiado.

D. Encarnação ia saindo para a cozinha. Então ela haveria de atrapalhar a atividade dos dois só por causa do susto passado pelo Dr. Almeida?! Isso nunca!

Sentiu uma pontada do lado esquerdo. “Já senti outras ontem...” Nada de fraquezas! – ordenou-lhe a vontade corajosa. A tal falta de ar veio mais forte. Parou tonta, a mão esquerda à testa e a direita apoiada ao batente.

João segurou-a.

– Tu não me enganas, mulher.

Carregou-a para a cama.

Pedro foi chamar o médico. Era uma noite de agosto. O frio atravessava suas calças compridas, fustigando-lhe as pernas. Lembrou-se daquela primeira noite de volta da fábrica... Sentiu-se pequenino. Parece que voltava aos seus dez anos. Um temor súbito arrepiou-o todo.

Quando voltou com o médico, D. Encarnação agonizava.

Na manhã seguinte correu à fabrica para avisar que não iria e na volta passou no serviço do pai. Falou ao porteiro.

– O mestre João Martinez não vem hoje.

– Mestre nada! O João Martinez é simplesmente ajudante de tecelão, e por sinal que muito mole... – riu, mal-humorado e desdenhoso. Pedro quis estourar. Suas mãos fecharam-se firmes.

Não! O porteiro não tinha ar de quem estivesse mentindo! Raciocinou um pouco e completou: – A senhora dele morreu hoje. Era minha mãe...

– Oh!... Eu vou avisar ao mestre... Esteja sossegado.

O porteiro tornara-se carinhoso. Pôs a mão nas costas do jovem.

– De que morreu ela?

Pedro apressou-se: – Então está avisado. Não? Até logo...

Um pensamento o preocupava, e matutando sobre ele ia desenrolando o drama pungente escondido por João. Só então compreendeu por que seu pai, “tecelão” hábil e competente, recebia um mísero ordenado de apenas 150\$000. Ele, quase criança, já ganhava 200\$000 mensais. Em horas de dúvida havia pensado que seus pais o estavam enganando...

Pedro se fizera rapidamente. Com 16 anos já ganhava mais do que o pai. Este continuava esperando um tecelão morrer para tomar-lhe o ambicionado posto. Sua parte fora feita: progredira até ficar o imediato do Vasquez. Era só morrer este patricio... Mas isso estava custando tanto!...

...

– Então foi João o primeiro a visitar o filho mutilado?

– Lógico! Pai é pai. Na primeira quinta-feira após a explosão que se dera numa segunda, seu João Martinez deu sua segunda falta ao serviço. A primeira fora em 1918. Perdera um dia inteiro para enterrar a esposa. Um absurdo! Hoje viera logo após o almoço. Perdera meio dia, o que já era muito!

O João Martinez que agora visitava o filho aleijado tinha 54 anos, alguns cabelos grisalhos e sorria confiante, mostrando os dentes meio tapados por um vasto bigode. Estranha a vitalidade desse espanhol! Após a morte da mulher começara a rejuvenescer... E daí para cá seu sorriso se tornava cada vez mais claro, seu bigode mais viçoso e seus olhos mais brilhantes.

Pedro, do fundo branco do leito, sentiu-se humilhado com aquela amostra de vigor.

O rapaz estava esgotado. A hemorragia exaurira-lhe as últimas reservas de energia. Cada curativo nas queimaduras generalizadas em todo o corpo era acompanhado de sofrimentos consumidores. Até à véspera só podiam mexer nas gazes emplastadas, com a total narcotização do doente. Durante as primeiras quarenta e oito horas sua vida esteve por um fio. Hoje cedo tentara falar. Deram-lhe caldo de carne. Animara-se um pouco. Mexeu os olhos. Estes reagiram: não estava cego.



João acenou-lhe com a mão. O filho pareceu ter compreendido e esboçou um sorriso que não chegou a desabrochar, abortando na face pálida, quase completamente coberta de gazes.

Tinha que sair. O aceno servira ao mesmo tempo de “boa tarde” e “até logo”. Consultou o relógio quando chegava à saída. Doze horas e vinte minutos. Que pena! Se não tivesse que tomar dois bondes ainda daria tempo de apanhar o período da tarde na fábrica. Levantou os olhos e começou a descer a escada... De repente quase perdeu o equilíbrio. Ia entrando pelo portão um homem macilento dentro duma capa de lã estrangeira. João o reconheceu sem demora...

## UMA CAPA PRECIOSA

Era Augusto.

Deveria cumprimentá-lo? Tinha certa curiosidade, mas essa cortesia parecia-lhe humilhante.

“Mas é teu irmão!” Era como se D. Encarnação lhe estivesse à frente qual um fantasma que não cansasse de repetir, como em 1910: “Mas é teu irmão!”

“Um crápula!” – retrucava outra voz.

Olharam-se. Augusto sorriu suplicante.

João passou firme com um breve cumprimento. Depois lembrou-se:

– Ei! O que você vem fazer aqui? – temia que fosse ver o sobrinho...

Augusto – seria ele mesmo? – mostrou-lhe uns olhos grandes muito vítreos. Falava fracamente. O nariz muito fino parecia algo de porcelana.

– Vou tomar uma injeção.

– Você sabia que o Pedro está aí?

– Não. O que aconteceu com ele? (Como mudara a voz de Augusto!

Estava cavernosa e rouca...) Vamos sentar, tenho ainda algum tempo.

João relutou, para logo ceder, vendo o irmão imensamente pálido e cansado. Teve uma cisma: tub... Isso mesmo; tuberculose! Quase perguntava. Antes deveria, porém, contar a história do filho. Quando acabou Augusto bocejou:

– Uma desgraça... uma desgraça... E você sabe? Minha vida tem sido outra grande desgraça... Eu estou muito doente...

– Do peito?

– Sim, do peito e da laringe... Foi em Buenos Aires. Logo na terceira vez que viajei para lá. Você é quem deveria ir em junho, segundo o meu plano. Lembra-se? Eu não podia desistir da viagem senão perderia os vendedores. Parti com medo, lamentando que não houvesse você para me substituir. Fui de terceira classe, como sempre. Ao desembarcar, um oficial do porto comentou: “É a terceira vez que esse homem vem a Buenos Aires, para visitar os parentes...” Fiquei estarelecido. Ao tomar o automóvel senti falta de alguém para me auxiliar. Hospedei-me na casa do Diez. Ele como sempre perguntou de você. Menti inventando notícias.

Quis contar-lhe minhas dificuldades. Ele, porém, pouco poderia me ajudar. Confiei-as mais tarde a um dos meus vendedores. Ele devia ter interesse em que eu passasse de volta na Alfândega, pois me escrevera para São Paulo insistindo na minha vinda. “Arranje-se” – foi a resposta do bandido. Pensei que poderia vir por terra. Informaram-me que demoraria muito e as fronteiras eram bem controladas. Só se eu quisesse chegar até o Paraguai e daí entrar em Mato Grosso. Onde iria parar isso?! Enquanto eu hesitava, sem saber que rumo tomar, o frio ia chegando. Meu medo começou a aumentar. Lembrei dos horrores da asma no ano anterior. Eu precisava sair de Buenos Aires! Estava disposto a embarcar sem contrabando nenhum. Nas horas de crise asmática, o remorso fazia que eu tomasse dessas resoluções. Tinha temor da morte. Comprei passagem pelo primeiro navio. O consulado visou meu passaporte. Animei-me e arrependi de sair sem nada. Nas vésperas de embarcar fiz um fantástico sortimento de sementes e tecidos. No porto, o mesmo oficial da chegada olhou-me de maus bofes: “Abra a mala!” Obedeci. Revolveu-a toda.

– Esse frasco de perfume?

– Um presente para minha mãe...

– Isso não é presente de gatinha da terceira classe! E esse corte de seda? Quem sabe o senhor vai fazer ceroulas dele?...

– Um presente também...

O oficial bateu no fundo da mala. Chacoalhou-a. Ouviu-se um pequeno ruído de papel. Havia descoberto tudo!... Fui parar numa cadeia gélida e molhada. Ali passei todo o inverno, com acessos terríveis. Não havia ninguém por mim. Só saí na primavera. Tratei de arranjar

dinheiro. Corria o dia todo até que uma tarde, ao amparar uma tossida, meu lenço se borrou de vermelho.

Pedi abrigo na Santa Casa. Fui examinado. Minha bronquite asmática provocara a tuberculose. Desde então tenho lutado. Treze anos de desespero! Se não fosse meu organismo – disse-me um médico – não viveria há muito tempo. Ainda tive forças para ganhar uns cobres e vir até São Paulo... Ah! É bom que lhe diga. A injeção que vou tomar não é propriamente injeção. Chama-se: pneumotórax...

– Pneu, o quê? – João estava comovido.

– Pneumotórax. É injeção de ar nos pulmões. Tratamento de tuberculose.

– E essa capa bonita? – perguntou bondosamente.

– Ia-me esquecendo. Foi o único objeto que sobrou naquela revista da Alfândega Argentina. Eu estava vestido com ela. Não puderam provar que não fosse de uso pessoal. Foi-me muito útil... Hoje pode abrigar dois de mim... Estou tão magro!...

– Mas ainda parece nova!...

– Mandei virar o pano. É casimira inglesa. Contrabando do Uruguai... Bem, deixa-me ir tomar a “injeção”...

Levantaram-se.

– Até à vista...

– Eu te espero.

– Não é preciso...

– É, sim senhor. Deixa por minha conta...

João sentou-se desolado esperando o irmão. Uma dor profunda subiu-lhe à garganta. Esquecera-se completamente do meio dia de serviço que perdera.

## SEGUNDA E TERCEIRA VISITA DE PEDRO MANETA

O Dr. Juca Brito que, em 1925, iria aconselhar os rapazes da Mooca a conquistarem as italianinhas orgulhosas da Avenida, tinha o hábito de ir todos os domingos à Santa Casa. Se houvesse um conhecido, ele o visitaria. Caso contrário, visitava todo mundo, dando pães doces aos homens, flores às mulheres e balas às crianças. Um negro simpático... Toda a aversão que produzia a broca manejada por seu pulso firme na

boca dos clientes, durante a semana inteirinha, não suplantava a atuação magnética da camélia que, tomando entre seus dedos, colocava ao lado do leito de uma enferma.

Pedro fora uma noite com um grupo de coleguinhas da fábrica ao gabinete do negrão. Teriam todos de onze a treze anos.

– Vocês são da Fábrica Silva Salles, não é? Pois bem: os que tiverem que arrancar dente fiquem sentados; os que vão extrair fiquem de pé.

Os garotos, uns quatro ou cinco ao todo, esperaram de pé. O dentista demorava, atendendo um adulto. Cansados, foram-se encostando e sentando. De repente a sombra enorme do Dr. Brito projetava-se na porta de vidro. Todos se levantavam rapidamente. “Nada de arrancar dentes” – raciocinavam eles. Isso se repetiu várias vezes, até que numa delas a maçaneta virou. Um cliente saiu com o lenço na boca e “seu” Brito foi dizendo:

– Quer dizer que todos vão extrair?

– Sim, senhôr – o ô ecoou nas cinco bocas.

– Agora eu quero saber quem tem mais coragem para vir primeiro.

Pedrinho, que nessa época já perdera a timidez de novato, desejando manter seu prestígio de líder, adiantou-se:

– Eu vou...

E quando o dentista fechou a porta concluiu sem que os outros ouvissem: – “Mas é para extrair, ouviu?”.

Quando a porta se abriu de novo, os quatro garotos, aturdidos com o berreiro de Pedro, viram-no sair chorando para avisá-los soluçante:

– Não... a... dianta... dizer que é pra ex... trair, que o ne... gro... arranca mesmo.

Desde esse dia Juca Brito criou uma grande simpatia por Pedro. E até quanto essa amizade influiu na vida do Maneta, qualquer um perceberá no fim deste romance.

Nesse domingo, o dentista tinha, portanto, um motivo especialíssimo para entrar no “hall” claro e limpo da Santa Casa de São Paulo.

A primeira visita foi naturalmente a Pedro. Encontrou-o ainda envolto em gaze. Haviam-lhe extraído uns estilhaços do peito.

– Estava mais forte – explicou. Já podia comer melhor e as dores diminuíram. O braço direito naturalmente doía mais... (notou certo ar de espanto no rosto do dentista. Não durou segundos. Um sorriso

dourado voltou a brilhar-lhe no beijo espesso. Acostumado com doentes, o dentista compreendeu logo a ignorância do Maneta). Perguntou do pai.

– Sim. Ele esteve em casa. Mandou dizer que não poderia vir hoje. Embarcou ontem à noite com seu tio Augusto para Campos do Jordão.

– Tio Augusto?!

– Sim – Juca Brito narrou-lhe tudo e concluiu: – Amanhã de madrugada seu pai estará de volta para o serviço. Quinta-feira talvez venha vê-lo. Bem... eu já preciso ir-me indo. Ainda tenho outras visitas.

– O Senhor sempre visitando os doentes...

– É. “A verdadeira religião é essa”, diz São Tiago. Ia-me esquecendo. Fique com este livro. É o romance “Sórdida”. O autor é espanhol. Talvez lhe interesse.

– Não posso ler com esses panos grudados na testa.

– Logo poderá. Os livros sempre são úteis.

– “Mania que esse sujeito tem de livros” – pensou o operário.

...

O bom homem esbarrou numa pessoa ao sair do quarto. Esta empertigou-se toda. Reconheceram-se.

– Julieta. Talvez não seja bom você visitá-lo agora.

A moça tremia. Tinha medo de ver o namorado. Ao mesmo tempo soavam-lhe ao ouvido as imprecações de algumas colegas: “Ela nem foi visitá-lo. Só queria aproveitar do coitado!” Muitas lhe perguntaram mesmo como ele ia passando. Ela inventara respostas. Nem procurou saber alguma coisa.

Quis fazer-se de forte. Arregalou os olhos negros e sussurrou romanticamente em sotaque espanholado:

– É um duro dever imposto pela amizade.

...

Juca Brito fez uma careta e apressou-se.

A moça abriu a porta devagarinho.

Que ambiente estranho para ela! Já visitara algum doente? Não. Não se lembrava...

Ora, pensar essas bobagens!... Ela não era mais criança. Em todo caso quem lhe garantiria coragem para aquele transe difícil?

– Entre, Julieta...

Ela conheceu a voz. Não mudara muito. Isso lhe deu certo conforto.

– Boa tarde, Pedro.

– Sente-se.

Era isso que ela estava querendo. A brancura da sala já começava a tonteá-la.

– Melhor?

– Bastante – respondeu o doente.

“Como deveria ter estado então?!” O moço era irreconhecível com sua cara repugnantemente despelada!

Julieta sentiu náuseas. Levou a mão em concha contra as sobrancelhas. Fechou os olhos. Trejeitou-se.

– Não esperava sua visita. Você é muito boa...

– Ora, Pedro... – esse “Ora, Pedro”... não tinha mais aquele gosto apimentado da mesa do Viareggio. Havia algo de contrariado na expressão da moça.

– Você ainda me ama? – a pergunta subiu com ar suplicante, de um sorriso feio e sem graça de Pedro.

– Ora, Pedro... – agora ela criou coragem, diante da humildade do rapaz. – Nós nunca nos amamos!

Pedro mexeu-se na cama. Só então, Julieta percebeu uma falha no ombro direito do moço. Que esquisito! Sim! Que horrível! Lá não havia braço!

Pedro notou uma contração de horror no rosto da namorada.

Olhou-a sério: – Nunca?

– Nunca! E desista de gostar de mim...

Era melhor acabar tudo de uma vez! O que poderia valer um homem, deformado no rosto, fraco, afundado numa cama e além de tudo maneta? Não! Ela possuía um rumo a seguir! Não podia deixar-se prender a um inválido!

Outra voz lhe martelava: “Você tem é medo! Bem que gosta dele!...”

– Que é isso, Julieta. Você mudou tanto. Eu logo vou sair daqui e trabalhar.

“Será que ele não percebe que não tem um braço?!”

– Nós poderemos ser tão felizes, meu bem.

Julieta estava arrogante. Levantara-se e passeava nervosa pelo quarto.

– Desista. E não espere que eu o visite mais – seus olhos chamuscavam...

– Já vou indo. Adeus...

Um pensamento iluminou a mente de Pedro. “Os livros sempre são úteis” – dissera o Juca Brito ainda há pouco, antes de sair.

– Julieta! – chamou. – Faça-me um favor antes de ir embora. Aceite um presente meu. Tome esse livro que está sobre a cadeira.

A moça apanhou o volume.

– Veja que título sugestivo! – Pedro fervia dentro da gaze. Julieta leu: “Sórdida”.

Compreendeu a indireta. Nunca esperara que o operário fosse capaz dessa resposta ferina. “Ela não tinha sido sempre a monopolizadora das tiradas no Viareggio Napolitano?!” Exasperou-se.

Todavia uma sombra de sentimentalismo a impedia de gritar. Fez-se bondosa.

– Mas Pedro! Você não sabe o que aconteceu?!

Dobrou o braço direito junto ao rosto e soluçando infantil e desesperadamente saiu do quarto.

Só então uma suspeita horripilante invadiu a alma do rapaz...

Sentiu fulminar dentro de si uma nota estridente tocada por todos os instrumentos de ciclópica orquestra.

Gritou: – Irmã, Oh! Irmã!

Nada...

Tentou tocar a campainha. O braço não subiu da cama...

Seus olhos cintilaram dolorosamente parecendo compreender a terrível desgraça oculta nessa frase:

– Você não sabe o que aconteceu?

## A PROMOÇÃO

Na manhã de segunda-feira, João Martinez chegou mais cedo que de costume ao portão da Tecelagem Milanese. Íamo-nos esquecendo

de contar que o Vasquez ainda não morrera, mas, como o número de fábricas de tecidos estava crescendo muito, não lhe fora difícil arranjar ordenado bem superior. As tecelagens conservadoras, em matéria de maquinismos, eram-no também na questão de salários. Esse espírito conservador não provara, porém, ser muito eficiente na conservação dos operários hábeis em seus postos. Assim, em 1920, João Martinez obtivera a almejada promoção. O mestre e o gerente pareciam não ligar muito ao júbilo do espanhol. Este vingava-se, filosofando: – “A perseverança tudo alcança...”

O novo posto deu-lhe novos estímulos para a prática de seus princípios. Agora sim, capricharia no horário! Era de vê-lo, todas as manhãs, firme no serviço! O porteiro, que, depois do incidente com Pedro na morte de D. Encarnação, procurava tornar-se muito amigo dos dois, brincava:

– Pelo que vejo, “seu” João ainda vai tomar o meu lugar! Ele chega sempre antes de mim ao portão.

Se alguém dissesse que tinha ciúmes, a resposta semiespiritosa estava pronta: Sim! Do portão... Porque do velho amigo Martinez nunca teria algum sentimento odioso. Em absoluto!...

Ora, o conceito do porteiro numa fábrica sempre adianta alguma coisa. E o Barrero, assim se chamava ele, parece que estava disposto a expiar com elogios o pequeno mal involuntário cometido contra os dois. Consciência sensível! Ótima para o homem que, além de porteiro, ainda era guarda da fábrica.

Dois anos de observação levaram o gerente quase a crer nas bazófiás do Barrero. Com efeito, João era consumado na arte de tecer... É pena não ter sido experimentado antes!...

O tempo enorme que o afastara do ofício não conseguira tirar-lhe a habilidade. Havia qualquer coisa de espantoso na maneira como o novo tecelão trabalhava. Sorria com os olhos brilhando e o rosto colorido. Dir-se-ia que o sangue de tecelão lhe brotava nas faces, pululante de alegria.

– “Agora ninguém me tira daqui! É meu! É meu este lugar!”

Conhecia todos os segredos da máquina. Não era preciso mecânico para consertá-la. É desnecessário acrescentar que o gerente achava muito boa essa economia... Algumas peças da máquina foram renovadas em



outras ocasiões pelas suas próprias mãos. João não tinha medo disso. Gostaria mesmo de trabalhar num tear armado inteiramente por ele. E enquanto não pudesse construir um, iria reconstruindo aquele em que o Vasquez trabalhara com tanta má vontade nos últimos anos.

Quando João começou seu trabalho naquela manhã, foi bastante o matracar dos teares e o buliço dos auxiliares apressados para apagar-lhe na mente uma série tenebrosa de pensamentos calamitosos. Não dormira essa madrugada no vagão de segunda da Central. Fora horrível a viagem em que deixava ao partir o irmão tuberculoso para encontrar, na chegada, o filho aleijado.

A noite parecia querer esmagar todas suas esperanças de vitória. O peso era enorme! Só a pensão de Augusto ficaria em cento e cinquenta mil réis por mês. Informaram-lhe que os tratamentos seriam caríssimos.

Ainda se Pedro pudesse trabalhar! Mas qual! O filho ficaria imprestável para o resto da vida. Tecer sem um braço?! Só mesmo um milagre... Essa palavra fê-lo pensar no sobrenatural. Sim! – Será que, além da escuridão impenetrável, haverá um Deus? Aprendera isso em criança. Mas...

O trem sibilava serpeando sobre os trilhos. O gemido esquisito de ferro contra ferro o acordou quando ia começando a dormir. Ficou com dor de cabeça para o resto da viagem. Terrível começo de semana...

Desceu na estação do Norte às seis e trinta. Chovia melancolicamente. A cabeça pesava. Não podia movê-la, sem que um estalo profundo o fizesse fechar os olhos e caretear dolorosamente.

...

Sentiu-se revoltado ao lembrar-se do dia de sua promoção. Se aquilo fosse promoção! Chamaram-no ao escritório e explicaram o caso. Seria ele capaz de substituir o Vasquez?

“Como não?” – dissera triunfante.

Nada falaram sobre o ordenado.

No fim do mês recebeu os mesmos cento e oitenta mil réis. Ousou reclamar: o Vasquez ganhava duzentos e cinquenta! – Bem!, mas ele era veterano na casa... Em todo caso, iriam dar-lhe duzentos mil réis... Mas isso só no fim do mês seguinte. Agora, quatro anos após, a fábrica crescera muito, mas seu ordenado não passara de duzentos e cinquenta.

Tudo isso ele esqueceu quando se concentrou observando um “rayon” delicado que se ia formando à sua frente.

## DIAS DIFÍCEIS PARA O VELHO MARTINEZ

Tanto Pedro como Augusto começaram a apresentar sensíveis melhoras daí a um mês.

João recebeu um cartão de Campos. Uma série de montanhas ao fundo e um chalé, junto a cerca de cedrinho com pinheiros de troncos muito altos, no primeiro plano.

Leu o agradecimento bombástico do irmão. Este invadira a parte destinada ao endereço para escrever todas as letras do “reconhecidíssimo”, com que adjetivara “O mano” final. Assinara escantilhado e nem pusera data. O carimbo sobre o selo de cem réis estava legível: 28 de setembro de 1924.

– Ora! Escrever coisas dessas num cartão que todo mundo lê!...

Ele pensava em D. Joana, a proprietária da pensão. Ela não perdoava a correspondência dos operários, todos eles solteiros ou viúvos, abrigados no casarão amarelo da rua Ana Nery, onde até há poucos anos se liam estas grossas letras de azeviche colocadas em semicírculo: PENSÃO MADRID. Embaixo, servindo de diâmetro moralizador, um respeitável FAMILIAR. Lá dentro, a única família que então havia nem era completa: um pai, João, e um filho, Pedro. A Pensão Madrid não passava de modesta república de operários.

O ar de família era ali emprestado pela figura cevada de sua dona. Até os empregados eram homens, que trabalhavam na mais humilhante sujeição ao vulto volumoso da espanhola.

João compreendeu logo que o local seria muito impróprio para o tratamento do filho. Mas que fazer? Na Santa Casa não poderia mais ficar. O Augusto lhe sugerira Campos do Jordão. Havia lá uma espécie de pensionato em que não se aceitavam doentes. O clima era ótimo. O rapaz iria recuperar todo o sangue perdido!

Muito bonito! Mas de que jeito, ele, João, com 250\$000 por mês, iria sustentar os dois? Se ainda fosse só o filho!... Um pensamento mau ocorreu-lhe... Passou, porém, como sombra de gaivota, riscando a

praia. “Se pudesse eliminar Augusto!... Não! Era seu irmão...” “Mas é seu irmão!” A cena de 1910 voltou-lhe mais forte à memória.

Era preferível lutar. Conversou com Pedro. Este andava numa apatia desoladora. Através da palidez morena de suas faces apontavam dois malares salientes. E naquelas maçãs de rosto, chupadas sobre o maxilar, se estampava o desânimo do operário.

– Nada de Campos do Jordão! Chega um, lá! Eu vou ficando por aqui. Se não posso fazer nada, pelo menos não lhe vou pesar muito... E isso não vai ser por muito tempo.

João segurou de leve o pescoço do filho entre as mãos. Fixou os olhos semicerrados sobre o moço, que abaixara a cabeça...

– Por Deus, menino! Cria coragem! Para tudo há esperanças... Não vá fazer alguma loucura!...

– Não sei, meu pai... É muito duro...

. . .

Juca Brito subiu suarento a escada da pensão. Passou a sala de refeições e entrou no corredor.

Um vulto enorme curvava-se junto à porta do quarto dos Martinezes. Apesar da obscuridade o dentista adivinhou.

Não podia ser outra! D. Joana estava espiando a vida dos dois hóspedes...

Deu-lhe um tapa com certa força na anca montanhosa.

– Espiando, hein?

D. Joana espevitou-se e saiu arrastando os chinelos...

– Negro sem-vergonha. Nem parece dentista!

Dr. Brito entrou sem bater. Já fizera isso muitas vezes antes.

– Bom dia, João. Já almoçou?

Dirigiu-se a Pedro.

– E o menino... Como vai?

Para ele Pedro era sempre o menino corajoso de quem “extraíra” um dente em certa noite em 1913.

Pedro enxugou os olhos na manga, conservando o braço junto ao rosto.

– Vamos! Será possível que ele esteja chorando! Ora gente!...

Fez sinal a João.

– Vá almoçar...

O pai saiu deixando-os a sós.

– Então... Vá contando aqui para o negro velho a razão dessa tristeza. Pedro não achou muito simpática essa entrada.

– Eu também preciso almoçar. Deixe isso para outra hora.

– Por favor, menino. Eu sou seu amigo. Desabafe!

– Já desabafei bastante com meu pai... Em todo caso, como o senhor quer se intrometer muito... – o moço exaltava-se com lágrimas nos olhos e gesticulação apressada... – Fique sabendo que eu quero me suicidar...

Juca espantou-se. A mesma nuvem de dúvida, que Pedro notara, aquele domingo, na Santa Casa... Depois deu uma gargalhada, puxando os braços para trás...

– Ora... Ora... Essas crianças me arranjam cada uma! Você já devia ter se suicidado há muito tempo!...

– Há muito tempo?! “Negro besta” – completou no pensamento.

– Sim... – a seriedade apossou-se do dentista. – Você deveria ter tomado veneno na Santa Casa, naqueles dias em que estive meio lá meio cá. Agora, que os médicos conseguiram cicatrizar-lhe a ferida. Agora, que seu pai já sofreu tanto na incerteza de suas melhoras. Agora, que Deus (ele frisou esse Deus) o reconduziu a esta adorável pensão (o “adorável” foi dito com chiste). Agora, “seu” Pedro inventa de querer morrer! Não, meu moço! Você agora está condenado ao mundo dos vivos... É melhor desistir desse suicídio e tratar de encarar a vida na sua realidade.

– Eu sei o que ela é – retrucou Pedro. – Um inferno.

– Que há demais em viver nesse inferno? Muitos têm vivido. Você ainda se dê por contente. É solteiro. Inferno é a gente aturar mulher e filharada: “Você nunca chega cedo em casa!” “Onde andou até estas horas?” “Me dá um tostão, pai êê...” Ora bolas! Quer saber duma coisa? Você me envergonha. Nem parece o Pedrinho que não temia arrancar os dentes...

– Dente não é braço.

– Pinhões! Isso não é novidade. “Dente não é braço”... Ora, “seu” Pedro! Vamos que eu tenho mais a fazer do que ouvir sua choradeira... Tome lá e trate de ir para o almoço, sem esse ar de nenê chorão...

Juca bateu a porta deixando Pedro meio atônito, com uma nota de 50\$000 na mão.

## D. JOANA TEM DUAS ALMAS

Ao passar para a sala de refeições, um cubículo mais ou menos decente, com janela para a área interna, Juca Brito tornou a direção do velho Martinez. Este era o único pensionista na mesa. Os outros já haviam regressado ao serviço. O horário de sua fábrica para o período da tarde era doze e trinta. A maioria dos outros voltavam ao meio-dia.

Juca sentou-se junto ao amigo, passou um braço sobre o espaldar da cadeira onde aquele estava sentado, e apoiou o cotovelo direito sobre a toalha de manchas ferrugíneas.

– O rapaz já desistiu do suicídio – foi dizendo. João não respondeu. Apenas o olhou com gratidão.

Juca desviou o olhar fitando a parede.

– Amigo Martinez, eu tenho sentido muito o sofrimento que lhe tem pesado ultimamente...

– Ora! Neste mundo todos sofremos... Uns mais, outros menos...

– É verdade. Mas eu queria ver se lhe poderia ajudar.

– O senhor já fez muito...

– Que o quê! Eu sei como é caro um tratamento de tuberculose. Enquanto não posso fazer mais nada, peço-lhe que aceite isto – era outra nota de cinquenta mil réis.

– Não. Não é preciso. O Pedro tem um dinheirinho na Caixa.– Pedro ajuntara quase seiscentos mil réis num esforço sistemático, inspirado pelo desejo de se casar com Julieta, que era por outro lado o maior tropeço de sua vida econômica.

– É preciso sim – cortou Juca. – Até logo.

Ao levantar-se, o olhar rápido do dentista percebeu atrás da cortina no vão que dava para a cozinha o vulto buliforme de D. Joana. Virou-se para o amigo e disse alto:

– Antes que me esqueça. Encontrei aquela curiosa de D. Joana espiando pela fechadura no seu quarto. É bom tomar cuidado com ela. Dizem que tem uma língua!

A mulher balançou a cortina e veio como uma fera.

– Eu não estava espiando nada, seu intrometido! Só queria saber por que eles ainda não tinham vindo almoçar! Ficas entrando aqui na pensão para arranjar desavenças. Seu explorador!

O preto riu folgadoamente quando escapuliu pela escada, dizendo:

– E o que é que a senhora fazia agora mesmo atrás da cortina! Hein?

A espanhola bateu o pé, dobrou os braços sobre as ilhargas e resmungou:

– O mundo está perdido com esses pretos sem-vergonha!

João corrigiu-a: –“Não fale bobagens”.

D. Joana entrou neurastênica na cozinha preparando uma vingança.

O operário consultou o relógio. Meio-dia e dez. Estava atrasado. Saiu às pressas.

. . .

Mesmo cenário. Pedro entra para comer qualquer coisa. Não pretendia propriamente almoçar. Vira o prato. Um papel cor-de-rosa sem pauta. Lê, adivinhando os garranchos:

*Sinhor pedro martinez:*

*Saudades.*

*Previna-o que, estando nós ao fim de mais um mês de setembro. e sabendo que o Senhor não está. mais trabalhando, não permitirei a sua permanência nesta Pensão, caso o Senhor? não liquide seu débito até esta data!*

*Sem mais, sou figadalmente*

*Joana Fuertes Heredia.*

*Proprietária da Pensão Madrid,*

*(e em letras maiores) Familiar.*

D. Joana resolvera vingar-se à altura. Então ela não tinha espírito? Uma espanhola sempre sabe dar um jeito. Iria ministrar uma lição aos Martinez para que eles a transmitissem ao Juca Brito.

Arranjou a folha rosa de papel de embrulho, e... Então lembrou-se de que não sabia escrever. Mas tinha o Juquinha, filho do copeiro. Não seria excelente? O Juquinha dar uma lição no Jucão?! Ela era mesmo um espírito brilhante! Mandou o pai chamá-lo na rua. Juquinha o recebeu com um nome feio.

– Por favor, meu filho. É para a patroa.

Juquinha ia estourando de raiva daquele medo permanente do pai, mas achou melhor dar uma demonstração de seus progressos no Grupo. D. Joana gostava tanto! Tomou o papel e foi escrevendo. Ele era um “bicho” na escrita. D. Joana ditava com muito mais pompa do que qualquer professora. Quando terminaram, ela exaltou o garoto. Um prodígio! O oposto desse palermão do pai que nem a própria esposa conseguira dominar, deixando-a fugir com outro.

O único lugar onde o garoto errara, o que ninguém percebeu, foi no “figadalmente”. A patroa ditara com ares de dama da corte castelã: “fidalgamente”.

Pedro não pensou em nenhuma dessas coisas engraçadas ao ler o bilhete.

Levantou-se rápido e passou pela cortina. D. Joana não se postava atrás dela.

– Onde está aquela mulher dos diabos?

Francisco, o copeiro, informou timidamente: – Não sei não, senhor. Deve estar no tanque – o moço desceu a escada cimentada escorregando os dedos pelo corrimão de ferro.

– Sua cachorra! Então a senhora não tem vergonha de escrever um papelucho desses?!

As banhas dorsais de D. Joana se ondularam comprimidas. Ela desenclinava-se lentamente sobre o tanque.

– Meu pai é quem paga a pensão e ele nunca atrasou um dia nestes seis anos em que moramos nesta baiuca!

A mulher começou a compreender que havia algo errado naquilo tudo. Quem sabe o Juquinha escrevera coisas que ela não mandara?

Achou melhor explicar. “Uma espanhola sempre sabe dar um jeito”, pensou novamente.

– Mas... Se eu não sei escrever, seu Pedro?!

– Então a senhora mandou alguém!

– Não. Não mandei. Isso deve ser brincadeira de outra pessoa.

Os senhores foram sempre tão bons hóspedes! Quem sabe se foi seu Francisco, o copeiro?

Este, que acompanhava a discussão do alto da escada, fez menção de protestar. D. Joana obrigou-o, porém, a desistir intimidando-o com um olhar leonino.

– Sim – pensou o tecelão. – Bem que a cara dele era meio denunciadora. Entretanto essa espanhola costuma mentir por todos os poros!

Sentiu-se subitamente fraco.

Faltavam vinte minutos para uma hora.

Aquela corrida escada abaixo, a revolta que o bilhete lhe causara, a incerteza de saber qual o autor do mesmo, tudo lhe começou a girar caleidoscopicamente, cada vez com maior velocidade, em torno da cabeça...

D. Joana livrou-o da queda e gritou para “seu” Francisco:

– Anda palermão! Parece que só sabes mentir e ficar parado... Enquanto carregavam o rapaz para o quarto, a espanhola olhou aquele rosto abatido e sentiu-se confrangida.

“Há dois meses atrás era outra coisa! E tudo isso por causa daquela maldita granada. Podia bem ter deixado a bomba estourar nas mãos do Soto, um velho que não faria falta a ninguém. Esse Pedro era assim mesmo... Gostava sempre de se arriscar. Um dia tomou o dele. É a vida...”

De repente parou sua filosofia espinhosa.

– O que você está fazendo nessa porta, “seu” Francisco? Vá à venda e me traga um pacote de maisena.

Pedro voltara a si após valentes solavancos aplicados por D. Joana. Antes do desmaio ela fizera um treino involuntário para os músculos do braço esfregando roupas na beira inclinada do tanque... Agora aplicava a energia exercitada momentos antes. Suas mãos frias descansavam sobre a cabeça do Maneta.

– Cheire um pouco disto...

O moço aspirou e desmaiou.

A mulher tampou o vidro e colocou-o no parapeito da janela, longe de qualquer novo perigo. No rótulo lia-se em letras vermelhas: Éter. Sacudiu o moço novamente. Esfregou-lhe o pulso. Daí a pouco ele voltava outra vez a si. Agora não cheirou nada e continuou acordado.



- Deixa-me cobri-lo. Espere um pouco... Onde está a capa de seu pai?
- No prego. Atrás da porta... Aí...
- Bem. Agora o senhor vai ficar bem quietinho...

O rapaz sentiu a mão fria da mulher sobre sua fronte. Logo foi retirada. Lembrou-se da compressa de salmoura, que também era fria e ficava pouco tempo, escorregando logo para as cobertas... Será que aquela “massa bruta” ali em sua frente tinha jeito de mãe?

- Não durma não, meu filho! Vou trazer-lhe um mingau. Pedro ficou esperando, a cismar uma porção de coisas.

Daí a quinze minutos os chinelos de D. Joana arrastavam-se no corredor.

- Posso entrar?

A porta se abriu.

- Uai! A senhora nunca pediu licença para entrar nos quartos... Uhn! O mingau cheirava de longe.

- Eu, senhor Pedro? O senhor está brincando. Isso tiraria o prestígio de minha pensão. Tome lá... Não... Assim com a mão esquerda é muito difícil. Deixa que eu mesmo lhe ponha na boca... Um travesseiro a mais sempre é melhor.

Tirou-o da cama de João... acomodando-o às costas de Pedro.

- Agora sim. Vamos! Uhn! Deve estar gostoso! Eu pus duas gemas!... Mais?... Assim... Vá comendo... Isso é bem para quem está fraco...

...

Por muitos dias D. Joana continuou a dar na boca do rapaz, às duas horas da tarde, pontualmente, um mingau de maisena com duas gemas... Não iria cobrar nada. Aquilo era até bem agradável.

Fazia-a sentir-se como se fosse mãe...

## “SEU” SOTO FICOU VALENTE

No domingo seguinte o Soto apareceu para visitar a Pedro.

D. Joana, que conservava o rapaz num repouso rigoroso, foi logo avisando:

– Entre, mas não demore muito. E tire o chapéu que isso aqui não é mercado.

O velho passou minúsculo, em direção ao corredor da esquerda.

– Posso entrar?

– Quem é?

– Ora, o Soto...

Pedro resmungou qualquer coisa. Estava achando um tanto atrasada aquela visita. O velho entrou com o chapéu à frente na mão.

– Meu grande Pedro. Peça desculpas de só ter vindo hoje.

– Muito ocupado? Foi a pergunta mal-humorada.

– Muito. Estive organizando uma coisa que você nunca realizou na vida... Uma greve... Uma greve com cento e oitenta paredistas.

– Por quê?

– Por sua causa, menino. Primeiro fizemos uma lista pedindo que a Silva Salles lhe desse uma indenização. Eles começaram a demorar e eu então organizei a greve. Foi difícil! Muitos não queriam se arriscar. Outros achavam melhor que esperássemos. Mas aqui o velho amigo disse: “Não”. O Pedrinho está sofrendo e é por causa de todos nós. Então eu haveria de esquecer o chefe?! A fábrica estava funcionando há uns quinze dias. O Mendonça ordenara mais duas horas de serviço por dia para poder dar conta de encomendas atrasadas. Eu expliquei aos colegas que era do interesse deles, pois no momento a firma precisava de nós. Nessa manhã todos haviam aderido. Resolvemos não entrar para o segundo período, que agora vai do meio-dia às oito da noite, revezando-se as turmas para o jantar.

O Mendonça chegou no “Fordeco” ali pela meia hora. Nós combinamos de não dizer nada. Ele fez outra arenga ameaçadora. Suas palavras parece que não ecoavam.

Começou a ficar nervoso ante o nosso silêncio. “O que vocês querem? É aumento de salário? Mas a fábrica está quase estourando.” Não obteve resposta alguma. Nós o olhávamos com certo dó. O coitado fazia uma força para falar que só vendo! Seus olhos mexiam de um lado para outro.

– “Mas o que é que vocês querem afinal?”

Nós respondemos a uma só voz, pois eu ensaiara bem o coro: – Uma indenização para Pedro Martinez, que salvou a tua vida e a nossa.

O homem parece que tonteou. Segurou-se ao para-brisa. Recobrou o ânimo para murmurar meio gago: “Eu já disse que vocês a terão...”

– Nós queremos agora! – esta vez o coro estava ainda mais afiado.

Ele estremeceu novamente: – “Pois bem. Mandem receber no escritório e tratem de começar o serviço”.

Quando estávamos lá dentro trabalhando, o sem-vergonha do Diez berrou para mim:

– Ei, Soto. Que ótima oportunidade nós perdemos de pedir um aumentozinho. O Mendonça estava tão humilde!

Pedro meneou a cabeça meio indiferente, enquanto o Soto tomava fôlego.

– Mas não ficou só nisso. À tarde fui receber os cobres. Imagine que ele queria dar duzentos mil réis, ou seja, um mês de ordenado!... Zanguiei e estrebuchei. Afinal de contas era um absurdo! Ninguém poderia saber quanto tempo você ficaria sem trabalhar! O Mendonça disse que a fábrica já pagara despesas na Santa Casa. Que eu não abusasse só porque ele cedera na hora do almoço. Fiquei irretorquível, “seu” Pedro! Afinal ele consentiu em dar dois meses. Aí estão quatrocentos mil réis.

– Obrigado... – Pedro viu o colega pousar um envelope sobre a mesa, que separava sua cama da do pai.

– É preciso assinar – respirou. – Agora o principal. Nós fizemos esta lista para o senhor comprar um braço. Hoje em dia existem uns de madeira e ferro muito bem feitos. O nosso Pedro, bonito e forte, não quererá decerto andar sempre como está agora.

A franqueza do velho não agradou muito ao tecelão, que, já cansado daquela loquacidade, franziu a testa, contrafeito.

Soto emendou-se: – Mas o nosso Pedro poderá fazer o que quiser. É seu este dinheiro: quinhentos e vinte e três mil réis. Contadinhos.

Um embrulho de notas desceu junto ao envelope.

– Sente-se um pouco, “seu” Soto...

O velho estava ofegante. Nunca fizera um discurso como aquele durante toda a vida.

– Como vê não esqueci do meu salvador. Se não fui à Santa Casa é porque não posso andar muito. Meu pé...

– Já sei. O senhor o deslocou na queda que lhe dei.

– É. E até hoje não entrou nos eixos. Manquejo um pouco.

– Você também merece indenização.

– Qual o quê! Se eu for pedir eles me põem para fora. Não valho nada. Sou um simples engrupinador. “Seu” Pedro sim, que merece. Para o senhor eu tive coragem de pedir. O senhor valia muito para eles.

Esse “valia”, assim no passado, provocou novas rugas em Pedro. Evidentemente “seu” Soto não estava muito feliz nessa visita.

– Quer dizer que eu recebi novecentos e vinte e três mil réis, tudo levantado no mesmo lugar, onde perdi meu braço!

– Sim. O senhor deve estar contente. Não?

– Não, velho Soto. Não estou. Eu nunca poderia ser sincero dizendo que estou contente. Tenho muito, não resta dúvida, mas me falta tudo. Tenho amizade na fábrica, mas eu aspiro viver lá dentro, trabalhar, tecer!... Não me contento com o aroma que os colegas me enviam por seu intermédio. Quero embriagar-me na vida que lhes rodeia. Quero sentir pulsar meu coração junto a eles e junto às máquinas. Mas isso eu não posso!...

– Como que não, caro Pedro. Tenha paciência que tudo se arranja.

D. Joana bateu à porta:

– O senhor já está há vinte minutos aí dentro, “seu” Soto!

O velho estremeceu e balbuciou:

– Bem, eu vou indo. Queira assinar o recibo.

– Dê-me um caderno.

Não havia nenhum. Felizmente Dr. Juca Brito deixara um livro... Pedro sentou-se na cama e colocou-o sobre os joelhos. Tomou um lápis-tinta e tentou escrever.

– Não vai...

Soto embasbacou-se. Por fim resolveu:

– Deixa que eu assino no nome do senhor.

Tomou o lápis e escreveu com a máxima naturalidade: Pedro Martinez.

– Parece com sua assinatura?

– Não!

– Também não quer dizer nada. “Seu” Mendonça nem perceberá.

Até logo!...

– Passar bem. Agradeça aos outros.

. . .

Quando passou por D. Joana na sala de jantar, ousou perguntar a razão daquela pressa.

– Então o senhor não percebe que está na hora dele tomar seu mingau de maisena com duas gemas de ovo?!

Mostrou-lhe a língua. Soto pulou manquejando e desapareceu na escada.

## JOÃO X JOANA

Tio Augusto escreveu outra vez em 2 de novembro daquele mesmo ano de 1924. Carta comprida, com agradecimentos efusivos. Estava certo de que nunca poderia pagar o sacrifício do irmão e do sobrinho. Iria fazer tudo para sarar e poder assim ajudá-los com algum negociozinho...

João não gostou desse trecho. Achava Augusto um tanto pretencioso com seus negociozinhos.

D. Joana notou a contrariedade do hóspede e indagou logo o que era. Este, como sabia que a espanhola conhecia muito de sua vida particular, através das leituras feitas pelo Juquinha, lamentou: – É uma pena Augusto ter essa mania de querer nos auxiliar com seus negócios...

– O melhor auxílio que ele podia fazer para os senhores era comprar uma passagem para o outro mundo!

D. Joana tomara tal interesse nos negócios de João e Pedro que os outros pensionistas, um tanto enciumados, comentavam:

– Veja o amor dela pelo Pedro. Se aquilo não for uma paixãozinha pelo pai do rapaz.

Quando João lhe respondeu: “Não diga tolices, D. Joana!”, ela começou a choramingar numa expressão ridiculamente juvenil.

O velho Martinez teve a infeliz ideia de consolá-la com um tapinha no braço. A mulher segurou-lhe os pulsos e, chegando a pobre vítima para junto de si, discursou:

– Eu te amo, eu sempre te amei. Eu te amarei sempre. Casa-te comigo, João, ou morrerei.

Virou a queixada para cima, esperando um beijo do velho. Nesse êxtase ela se descuidou. O pombinho fugiu para o quarto e ela, mudando completamente de expressão, comentou para si mesma: “Que homem bobo! Perder uma oportunidade dessas!” Ainda mais que ela tomara cuidado de constatar a absoluta falta de espionagem em toda a sala...

– Também se alguém visse, o bom nome da Pensão Madrid – Familiar ficaria um pouco comprometido – pensava ela.

Lá dentro João, depois de trancar bem a porta, continuou, ainda trêmulo do susto, a leitura interrompida.

“Os tratamentos aqui são a última palavra. Isso me dá grandes esperanças! Recebi o cheque de trezentos mil réis. Gastei-os assim, assim e assim...” (A enumeração longa e especificada também não lhe agradava. Afinal Augusto não era mais criança! Gastasse, como gastasse, o dinheiro tinha que ir mesmo!) Sim, tinha que ir... Ele é que sabia quanto isso custava.

Pedro ajudava o tio com cinquenta mil réis todo mês. Seu pai lhe dissera para não fazer isso. Que ele, Pedro, necessitava também.

– Não sou inválido! – respondera arrematando a discussão.

Batidas na porta do quarto interromperam seu pensamento.

– Entre, Pedro!

– A porta está trancada – respondeu D. Joana. O homem contraiu o rosto, como se tragasse um xarope com todos os gostos ruins deste mundo.

– O que a senhora quer?

– Chegue um pouco perto da porta... Abra, sim Joãozinho? – ela tentou pôr açúcar nessa frase, mas a garganta traiu o intento de seu coração apaixonado. “Joãozinho” – Santa Bárbara! A mulher terá enlouquecido?!

– Não abro nada, D. Joana!

– Então chegue perto da porta, que eu preciso muito conversar com o senhor. O senhor compreende. Eu nunca fui amiga de encostar nas portas dos quartos, mas agora preciso. O senhor está bem junto à porta? Uhn! Amor...

Os dois começaram a cochichar e daí a pouco a espanhola armava o cerco contra o patrício:

– Eu sei que os senhores estão passando apertados. Eu gosto muito do Pedro. Tenho servido de verdadeira mãe para ele. Por que o senhor

não se casa comigo? Os senhores terão roupa lavada e uma parte nos lucros da pensão. Se o senhor quiser dirigi-la, poderá ampliá-la muito e ganhar dinheiro. Se não, seu ordenado na fábrica e o pagamento dos pensionistas dá muito para manter o Augusto e nós três. Que tal, hein, meu anjo?

Do outro lado João temia que a porta se arrombasse sob o arfar apaixonado da mulher. Uma tentação muito grande subiu-lhe à consciência. Afinal, ele já morava ali há tanto tempo!... Sua índole conservadora impelia-o a aceitar a proposta. Teve, porém, uma escapatória:

– Só posso resolver depois de conversar com Pedro – disse em voz baixa.

– Ora! (A porta voltou à posição natural...) O senhor precisa consultar o filho para isso!

Tornou-se meiga: – João... Até nossos nomes são iguais: João e Joana. Parece que fomos feitos um para outro. Decida agora. Sim, Joãozinho?

– Não. Já disse que só quando o Pedro chegar...

...

O maneta chegou do cinema às onze horas. Encontrou D. Joana na sala.

– Acordada até essa hora?

– Oh, sim, Pedrinho (havam informado a espanhola que os diminutivos cativam os homens). Estou à tua espera com uma coisa muito gostosa.

– Algum doce?

– Não! É um mingau de maisena com quatro gemas. Sente-se aí para eu lhe dar de comer.

Uma tijela enorme comportava a papa amarelada, coberta de canela em pó.

– Não é preciso. Eu como melhor sozinho... – disse o rapaz meio desconfiado.

Tomou a primeira colherada. Que horror! Não havia açúcar. D. Joana esquecera do ingrediente. Pedro ia se levantando.

– Não, meu filho! Coma um pouco mais! Tem tanto...

Lá se foi a segunda colherada. O moço não queria desfeitear a boa mulher, mas não pôde resistir.

– A senhora não pôs açúcar, D. Joana! Deixa-me ir dormir!

– Ora! Eu me esqueci. Mas não custa, filhinho. Tenho um açúcar branco muito fino. A gente põe agora.

O mingau estava esquisitíssimo. Pedro chegou ao quarto tonto. O pai despertou com um trambolhão na cadeira.

– Boa noite, meu filho. Foi bom você me acordar. Acenda a luz.

Expôs ao filho a proposta de D. Joana e disse que estava inclinado a aceitar o casamento pelo peso das circunstâncias.

O filho, com um enjoo terrível subindo do estômago, ainda pôde raciocinar.

– Se é essa questão, é preferível aguentar o peso das circunstâncias do que os noventa e cinco quilos de D. Joana.

– Um Martinez – pensaram ambos – nunca se casaria a não ser por amor.

– Obrigado, filho. Foi um bom conselho. Amanhã comunicarei o caso a ela.

Não era, porém, necessário. D. Joana, que para não perder o hábito grudara os ouvidos à porta, esbravejou:

– Pois vocês não sabem o que perdem!...

Alguns pensionistas acordaram, outros remexeram-se na cama com pesadelo, mas ninguém ficou sabendo até hoje o significado daquele berro...

## **NÃO PODE CONTINUAR ASSIM...**

“Não sabem o que perdem!”

A frase ameaçadora da espanhola voltou novamente à lembrança dos Martinez na entrada de 1925.

O tratamento de Augusto consumia com voracidade metódica as economias de João e de Pedro. A confiança transbordante do rapaz, com mais de um conto de réis na Caixa, diminuiu sensivelmente à medida que os meses passavam e o dinheiro voava para as alturas saudáveis de Campos do Jordão... O tio insistira novamente na subida do rapaz para a tal pensão que não aceitava doentes. Pedro, mesmo reconhecendo sua



fraqueza, não achava graça na proposta. Lá em cima não haveria teares a matracar, nem operários em passos apressados, andando “a toda” para chegarem no horário. Era bem verdade que o ambiente da Mooca só lhe provocava desgostos. Muitos amigos não mostravam mais nenhum interesse em conversar com ele. Sentia que seu prestígio diminuiria muito. Fora sem dúvida grande derrota a perda do braço. Ele, porém, se esforçava por negá-la. Conversava no bar do Gimenez com toda a vivacidade de que dispunha. Percebia logo que os companheiros se desinteressavam de sua prosa para atender a alguma piada maliciosa, partida do outro lado da mesa.

Faltava-lhe qualquer coisa. Não era propriamente o braço... Algo como se fosse a própria vida... Ao olhar seu rosto magro, que durante aqueles cinco meses teimara em permanecer pálido e seco, Pedro acreditou que era sangue o que lhe faltava. – “Não” – corrigia por outro lado. “De fato perdera muito, mas um pouco de sangue Martinez seria capaz de sustentar todo seu organismo!” Logo notava que não era sangue a sua necessidade. As faces até que anunciavam indícios de breve saúde. Começavam lentamente a corar. Havia, contudo, um vazio na alma e uma só coisa seria capaz de enchê-lo. Era o tear, era o trabalho... Mas trabalho e tear pareciam ser incompatíveis com o aleijão... – Que fábrica haveria de aceitar um maneta como operário?!

O desânimo caiu-lhe novamente sobre o coração combalido e dessa vez com terrível poder depressor. Julieta voltava-lhe à memória em imagens vivas e satânicas. Apesar de tudo ainda gostava dela. Certa noite se surpreendeu chorando... Era incapaz para o casamento! – pensava. E Julieta o abandonara só por causa do braço. Na manhã seguinte eliminara de seus sonhos o plano de constituir família. Em noites sucessivas, ao pensar na triste realidade que tinha de enfrentar, foi cortando da imaginação quase todos os ideais, acalentados em áureos dias de anos anteriores.

Quando veio o inverno, seus anseios de triunfo aniquilaram-se. Ele era agora na imaginação e na realidade unicamente isto: um maneta.

De uma feita, subiu desanimado as escadas do gabinete de Juca Brito. Custou chegar lá em cima!

O dentista estava lendo na única poltrona de couro da sala de espera.

– Sem trabalho, seu Juca?

– À tarde não vem quase ninguém. Os operários só podem vir à noite. Sente-se, Pedro.

– Então, como vai a vida?...

– Vai-se tocando.

– Muito dinheiro?

– Qual! Estou quase deixando de trabalhar durante o dia. Não vem mais um cliente sequer. Os diurnos sempre deram mais. Você sabe: de operário, não se pode cobrar nada... E você? Sempre em apertos? Boas notícias do tio Augusto? Ele parece bem melhor. Não?

– É, seu Juca. Mas eu vim aqui para conversar sobre outro assunto. Esta situação não pode continuar assim. Tenho já vinte e cinco anos e estou a depender de meu pai. O velho anda cansado... Estou resolvido a pegar qualquer serviço, desde que renda alguma coisinha...

– E a Silva Salles?

– Está com o quadro completo. “Seu” Mendonça me disse que não adiantava mais ir lá. Eu queria que o senhor tentasse falar com o Assunção. Dizem que o homem é muito bom...

Conversaram mais um pouco. Juca aceitou de boa vontade a incumbência e Pedro caminhando vagarosamente voltou para a pensão.

– Então o senhor se refere àquele moço da Silva Salles? Mas disseram-me que ele se vitimou quando queria atirar a bomba contra o patrão!...

– Onde o senhor ouviu isso, “seu” Assunção?! Eu sei do caso. O rapaz perdeu o braço para salvar a vida de um companheiro.

– Uhn!! Coisa estranha... Conte-me lá como foi.

Quando o dentista, gastando toda sua eloquência, acabou a narrativa, já conseguira o efeito desejado. O Assunção estava indignado.

– E a Silva Salles nem arranjou um lugar para o coitado?! Isso está errado! Muito errado! Você me mande o moço aqui, amanhã mesmo...

A porta de mola bateu três pancadas, cada vez mais fracas, repousando, afinal, no batente. O dentista saíra...

Às nove horas da manhã seguinte a porta repetia o mesmo movimento. Pedro entrava no escritório.

O Assunção levantou-se fazendo a cadeira de mola gemer. Estendeu o braço esquerdo.

Pedro estranhou o cumprimento cheio e bem dado. Todo mundo lhe dava a mão direita e ele tinha que torcer o braço para a saudação. Agora ele sentia aquela mão enérgica encaixar-se com veemência na sua canhota. As mãos unidas sacudiram-se por algum tempo.

– Então, o senhor é “seu” Pedro Martinez? Prazer em conhecê-lo.

Pedro já ouvira falar da bondade do Assunção. O modo afável superou, porém, a sua expectativa.

– Sente-se. O industrial indicou-lhe uma poltrona de vime.

– “Seu” Juca já me falou de seu caso. Eu gostaria de lhe dar um cargo na tecelagem. Mas no momento a única vaga que temos é a portaria. O senhor aceita esse serviço?

Pedro achava humilhante a vida de porteiro. Aquilo era serviço para velho. Ele ainda tinha juventude! “Ou...” – pensava meio em dúvida. Às vezes, sentia-se de fato tão acabado! Não fosse aquela gentileza nunca esperada acrescida ao fato do bolso estar completamente vazio e teria recusado, “Enfim – concluiu – eu já nem sei ao certo o que quero. O homem me julga um incapaz... Bem que deve haver vagas de tecelão”. De fato, Pedro começava a se tornar na expressão de Juca Brito um “manancial de contradições”. Não era para menos... Aquele ano sem trabalho fora como que incompreensível pesadelo do qual sentia não poder livrar-se com muita facilidade. Uma ideia quase o consolou: o pai. Sim, João ficara muitos anos sem tecer, à espera do lugar!... Ele poderia fazer o mesmo... Sua cabeça estava em ebulição. Parecia adolescente.

– Comece amanhã. Hoje é o último dia do rapaz que trouxemos da outra fábrica.

Não falaram de ordenado.

Na hora do almoço conversou com o pai. Este continuava com a ideia fixa de sustentar irmão e filho. Sua conta com D. Joana subia mais do que as barras dos vestidos ditados pela moda.

– Uma sem-vergonhice essas mulheres de hoje... – verberava a espanhola, mostrando a canela pela rua afora! Um escândalo!

O débito do velho Martinez não a melindrava tanto. Sabia das dificuldades do homem. E depois, isso lhe dava certas esperanças... Ficou contente quando os dois a chamaram, terminado o almoço. Estava certa de que se haviam rendido às suas constantes imposições de casamento.

– D. Joana, a senhora acha que o Pedro já pode trabalhar?

– Como não. É só não ser coisa muito pesada...

– Pois eu não o aconselho, meu filho. Em todo caso já descansou bastante.

Saiu para o serviço. D. Joana foi com ele até a porta da rua, meio desapontada com a laconicidade daquela palestra, e Pedro, entrando no quarto, começou a sentir uma revolta cheia de suspeitas.

O pai queria era amarrá-lo. Não bastava o toco de braço? Não bastava a chacota do povo, nem a perspectiva de um futuro obscuro na pobreza? Pedro Martinez não nascera para ser derrotado! Ainda queria triunfar. Com o braço ou sem ele! Com saúde ou sem saúde! Tinha algo dentro de si bastante para vencer a tudo. Era homem! E homem de ideal! Capaz de queimar as pestanas sobre os livros (lera muito ultimamente) e poderoso para dobrar um adversário com a canhota. Não! Nada o impediria de prosseguir. Dissemos os outros o que dissemos, ele não era inválido, um inferior. O que os outros tinham de melhor? Um braço? Um braço não era nada em face do seu esforço, em face de...

O moço parou subitamente. “Afim de contas para que pensar em tudo aquilo?” O monumento megalítico da imaginação caiu-lhe completamente por terra. Entristeceu-se profundamente e sentiu um torpor de espírito mais pesado ainda do que nos outros dias. Ele não se compreendia. Achava-se, porém, um fraco.

## **EU SOU PEDRO MANETA**

Até hoje não sei o que seria de mim, se houvesse entrado para o serviço na fábrica do Assunção, sem primeiro fazer uma visita de agradecimento a Juca Brito. Devo dizer que o meu grande amigo enviudara há dois meses e a doença da esposa fizera-o contrair dívidas pesadas. Mesmo assim, pusera na minha mão, várias vezes, uma nota. Eu nem reparava de quanto eram, pois nunca as aceitei. Recolocava-as no seu bolso dizendo:

– É inútil insistir...

...

Ah, aquela tarde em que mal disposto subi a velha escada de degraus tão gastos do seu consultório! Eu não sabia o que era, mas tudo me oprimia. Tinha certeza que não voltaria jamais a ser o Pedro

Martinez de outrora. Estava plenamente convencido de que a glória e a honra não foram feitas para mim. Eu iria ser permanentemente um porteiro. Quem cai nesse cargo são os que não mais almejam subir na vida. Não me conformava com a ideia, mas estava certo, e isso havia bastante tempo, de que não poderia conseguir algo mais elevado.

Não sei se o leitor me compreende. Eu constituía, por assim dizer, uma peça no tear e a melhor máquina no conjunto da fábrica. Julgava que ninguém seria capaz de me substituir. Eu era o único! Se sáisse, o serviço desmoronaria por completo. Achava que tudo se edificara sobre as minhas capacidades. Fazia esforço para ser grato ao Assunção. A oportunidade que ele me oferecia pareceu-me contudo humilhante em vista do meu passado.

A antiga pujança de meus setenta quilos se reduzira a cinquenta e cinco. Era verdade que havia um braço a menos, para fazer peso. Mas mesmo assim era muito pouco... Eu era agora feio e fraco. A doença do tio Augusto começou a ser um espectro, rondando-me a imaginação. Com o tempo gostava até de acariciar a ideia sinistra de morrer tuberculoso. A vida era também sinistra.

Havia pouca coisa a me segurar neste mundo! Como dissera brincando “seu” Juca, eu estava condenado ao mundo dos vivos. Sim, eu vivia por causa de meu pai, do Juca Brito e de D. Joana. O tio Augusto que morresse... Pouco me importava! Outro inútil!

Quanto a mim, só queria coragem para viver. A prostração melancólica que se seguiu ao “estouro” após o almoço me levou a concluir que de nada adiantariam os meus últimos acessos de entusiasmo para a vitória.

“Seu” Juca estava sentado na mesma poltrona de couro. Lia. Olhou-me por sobre uns aros negros e grossos...

Seu semblante carregado desfez-se num sorriso.

– Então como foi o Assunção!

– Bem. (Eu estava desanimado e sem vontade de falar...)

– Bem, só? Ele não te deu emprego?

– Deu. De porteiro...

Logo lhe expus todas as minhas lamúrias.

Ele virou a cabeça para o lado do “vitraux” e começou meio zangado sem me olhar:

– Pedro. Eu acho que você está num perigo muito grande. A gente pode perder muito neste mundo e ainda ter tudo, se não perder a confiança em si mesmo. Quando essa acaba, adeus viola! Alguém escreveu na Bíblia: “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”. Fé vem a ser confiança. Eu sei que você ainda acredita em alguma força dentro de sua alma. Às vezes, eu também já duvidei. Olhe que tenho lutado!... Passam-se os anos e depois eu nem sei como foi possível vencer. Deus tardou muitas vezes, meu amigo, mas não falhou.

Ele me enfrentava agora: – Há uma coisa mais séria nisso tudo. Você conseguiu emprego por meu intermédio. É crime ir trabalhar sem amor à tarefa que lhe foi confiada. É crime contra a fábrica. É crime social porque prejudicará a ação harmoniosa do conjunto. Você já foi uma peça importante no mecanismo fabril e funcionou com eficiência. As peças pequenas também são necessárias. Se você está querendo entrar para a tecelagem sem o interesse que ela exige de sua parte, é melhor ficar de fora. Eu me entendo com o Assunção.

Percebeu que eu estava comovido e prosseguiu mais solene: – A vida, meu caro, é muito engraçada. Há gente por aí derrotada sem saber por que. É que um dia deixou de ter fé. Entendeu? De ter fé... Tanto pode ser feliz um são como um doente, um rico como um pobre, um sábio como um ignorante. Mas ai desses aos quais a primeira coisa a fugir-lhes da alma é a fé, a coragem! Quem tem fé constrói a felicidade, usando qualquer coisa. O desacoroçoado veste tudo de preto.

– Não, meu caro Pedro. Se você quer um conselho fique só com este: “Ânimo, ânimo e sempre ânimo”. Foi Danton, homem de grande coragem, quem falou isso. Você não esteve este ano num período normal da existência. De agora em diante tudo há de recomeçar. E para isso é preciso muita coragem.

Desci as escadas, depois de mais um pouquinho de prosa, sentindo-me ajudado por todos os santos do calendário. Parecia que Juca Brito, cirurgião-dentista, operara em mim a extração de um dente fistulento: a falta de coragem.

E por que – perguntará o leitor – essa mudança na maneira de escrever? Por que Pedro Maneta agora é “eu” e não “ele”?

É que nessa tarde cheguei sorridente à pensão. Deitei-me alegre, esperando meu pai e, enquanto assobiava uma dança espanhola, ligeira

e leve, a poesia tomou-me conta da imaginação. Comecei a crer no meu valor. Talvez eu deva escrever um diário! – pensei. “Seu” Juca faz isso... Por que eu não poderia? Ainda mais agora que vou ser porteiro. Levantei-me, desci à venda do Gimenez e comprei uma caderneta de seiscentos réis. Escrevi com inesperada facilidade: “Pedro Martinez” (em arco); e com letra mais grossa em linha reta: “Diário”. Era assim mesmo que D. Joana mandara pintar; Pensão Madrid – Familiar.

A confiança infundida por Juca Brito tornou-me envergonhado daquele ano de existência sem ânimo. Acreditei que o Pedro Maneta daquele momento em diante seria novo homem. “Ele” subiu a escada do gabinete, “eu” a desci...

## A TORNEIRA POLIDA

O enorme prédio da fábrica com seu telhado denteado em ângulos agudos, um lado de telha, outro envidraçado, amanheceu sob forte umidade. Chovera durante a noite e os tijolos aquecidos pelo sol espargiam odores de evaporação. Enchia a rua um hálito de terra molhada. Música desencontrada dos teares. Muita luz. Poças de água, espalhando o sol quase a pino. Água suja e barrenta com reflexos brilhantes e dourados.

Levantei a tranca de ferro, escancarando o portão.

“Seu” Assunção engatou a primeira e desceu o bigode do acelerador. O “Ford” avançou para a saída e eu lhe ouvi a voz vigorosa ofuscada pelo ronco do motor.

– Olha a proa, Barão!...

O carro roçou minhas calças e, como que zangado comigo, bocejou pelo escapamento negras bolotas de fumo. O cheiro do vapor, a subir dos paralelepípedos, deu lugar ao da gasolina carburada.

Seriam dez e quinze. Daí a pouco iria sair a primeira turma de operários. O pátio de entrada estava enlameado. Tive vontade de limpá-lo. Não dava tempo, porém. A torneira da qual os operários bebiam água no almoço não estava menos suja. Resolvi areá-la. Era afinal de contas uma superfície bem menor do que a entrada toda.

Talvez assim os operários teriam mais simpatia por mim. Meu posto, apesar do desprezo com que o encarara inicialmente, era cobiçado por muitos... Minha entrada não agradou a todos, especialmente ao Felipe que, segundo me informaram, gostaria muito de controlar o relógio de ponto, para se vingar de alguns colegas. Não era muito apreciado esse tal Felipe.

Comecei meu serviço mas daí a pouco tive de interrompê-lo para dar o sinal de saída. Voltei à torneira depois de abrir o portão. Logo os operários teriam necessidade de água, e eu não queria que eles encontrassem o serviço por fazer. Seria pior do que como estava antes.

Continuei polindo a torneira com energia. Meu braço parecia estranhamente revigorado. Dizem que por uma lei de compensação, quando se tem só um braço, este acumula a força do que falta. Eu quase acreditava nisso, tal a disposição com que trabalhava.

O pátio começou a tornar-se buliçoso. Estranhei aquilo. Parecia que aquele rumor se prolongava por minha causa, caminhando para junto de mim.

Ao endireitar-me para observar melhor, topei com Felipe, tendo atrás de si uns cinco operários.

– “Chaleira!” – rangeu com sarcasmo. – Só para bajular o patrão ficas aí bancando a lavadeira.

Lembrei-me de D. Joana no tanque e do meu esbravejar por causa do bilhete. Uma recordação veio mais forte: Toschi, Celito, o olho preto e a compressa caída nas cobertas bordadas...

Desorientara-me quase completamente, quando a memória, depois de vaguear por tão longe, fez-me encontrar cara a cara com Juca no gabinete: “Ânimo, ânimo, sempre ânimo!” Felizmente a ameaça de Felipe só veio depois de terminada a série de imagens. Eu estava mais preparado para enfrentar o adversário.

– Se você tivesse dois braços...

– Se o quê? – trovejei, admirando eu mesmo o volume da voz.

– Se você tivesse dois braços eu lhe daria...

Não terminara a frase, e já meu punho, elevado por força descomunal, atingia o queixo do homem. Os companheiros ampararam o corpo de Felipe, que desfalecia com o braço escondendo a região ofendida.



Borrifaram-lhe o rosto com água da mesma torneira que dera pretexto à briga. O danado não voltava e eu, temendo que ele morresse, tive ímpetos de auxiliá-lo. Uma voz segredou-me, porém: “Banca o forte. Não se preocupe, aconteça o que acontecer”.

– Dei as costas ao grupo e continuei polindo a torneira.

Ao abaixar-me, nublou-se-me a visão. O brilho dourado do cobre rodopiou estranhamente em volta de meus olhos. Agarrei-me ao cano para evitar a queda. Ia desmaiando...

...

Felipe, que me chamara de “Chaleira”, agiu de uma forma completamente diferente da minha expectativa.

Não voltou para o período da tarde. Cerca das três horas ele entrou pela portinhola, rasgada no ferro do portão. Passou depressa sem olhar para mim. Eu poderia pedir satisfação da entrada, sem consultar ao porteiro. Ele, porém, já ia longe. Achei melhor não fazer nada, pois não queria mais encrencas.

Daí a pouco chamaram-me ao escritório. O Assunção estava zangado. Não era, porém, homem de estrondos.

Falou-me sério.

– Então o senhor mal entra para a fábrica, já começa com desordens?

Lamentei naquele momento o hábito democrático do Assunção, tratando os empregados diretamente. Se na minha frente estivesse o gerente, nem sei quanta coisa lhe diria...

Tentei explicar como se dera a briga. De vez em quando, Felipe me interrompia. Eu nem olhava para ele. Seus apartes foram, entretanto, me irritando.

O Assunção teimava em não me dar razão. Aquilo me exasperava. Parecia que o homem fazia de propósito. Sentia-me no ar, sem proteção. Queria uma testemunha, mas tinha medo de apelar para aqueles cinco que assistiram à luta. Todos me pareciam inimigos, até o Assunção. Elevei a voz.

– O senhor não quer acreditar?! Então não sabe que o Felipe tem inveja de mim? (Falar isso diante do patrão poderia ter efeito justa-

mente oposto. O Assunção pensaria que o despeito era de minha parte. Eu não sabia, contudo, o que me convinha falar no momento.) Ele foi quem me provocou! Ele é que foi o culpado!

– Não... – interrompeu-me o Assunção. – Não havia motivo para que o senhor o agredisse...

– Agredir não senhor! – agora fui eu quem o interrompeu. – Eu me defendi. Se o senhor pensa que por me ter feito um favor, dando-me o emprego...

– Cale a boca – disse ele decidido, sem alterar muito a voz.

Seu olhar me dominou. Uma serenidade leonina.

– Na minha fábrica, seu Pedro Martinez, não há favores. Todos os empregados estão aí porque me são necessários, muito necessários. É por isso que não o mando embora neste instante. Eu preciso do senhor. Volte para a portaria e não se esqueça disto: o senhor é um elemento essencial para a boa ordem do serviço.

Fiquei atônito. Não sabia se pedia minha demissão, se continuava a falar, se agradecia ao homem... Felipe deveria estar gozando atrás de mim!... Abri a boca, mas não articulei som algum. “Seu” Assunção me cortara a palavra com o gesto leve da mão.

Saí pela porta de mola, que bateu três pancadas, cada qual mais fraca, enquanto um misto de pensamentos heterogêneos povoou minha mente. “Quantas vezes eu quisera que ‘seu’ Mendonça falasse de minha necessidade para o bom andamento da Silva Telles! Agora o próprio dono de uma fábrica muito maior que aquela me dizia isso no segundo mês de serviço!” Senti-me pleno de alegria. Uma pequena dúvida ponteava esse júbilo: o Juca Brito. “Não teria ele contado ao Assunção os meus pontos fracos?” Aquela atuação do industrial fora tão surpreendente que dava para desconfiar.

Sentei-me e comecei a escrever no “Diário”.

Estava já adiantado, quando o Felipe passou de volta. Desta vez consegui notar no seu queixo uma cruzeta branca, formada de duas tiras de esparadrapo.

Não sentia ódio dele.

Mais ou menos às cinco e meia fui chamado outra vez ao escritório.

– Foi o senhor quem limpou aquela torneira do pátio? – perguntou-me o Assunção, tendo ao lado “seu” Silva, o gerente.

– Fui.

– Está muito bem limpa. Sábado, quando o senhor fechar a fábrica, dê uma chegada até em casa. Tenho algumas que nunca dão brilho. Talvez o senhor consiga. É só...

Quando saí ouvi um comentário dirigido ao Silva. Mais tarde o Assunção me contou o que dissera:

– Tanta gente com duas mãos nessa fábrica e nenhum se lembrou ainda de limpar a tal torneira...

## UM ACONTECIMENTO SOCIAL

Estamos em dezembro de 1925.

Lembram-se daquelas mocinhas que me apuparam na rua Piratininga? Pois bem. Isso se deu exatamente na noite de ontem, dia 12. Eu de fato beberei cerveja com uns amigos e lhes exibira a força de minha canhotoa, dobrando as tampinhas vermelhas das garrafas.

Estes três meses de trabalho haviam me trazido mais benefícios do que os doze de descanso.

Estava novamente forte e corado. Meu peso voltara rapidamente: sessenta e cinco quilos.

Assim mesmo eu me irritei ao ouvir o eco daquele “Maneta” pronunciado pelas vinte bocas das campeãs do feminismo.

Era o ponto nevrálgico de minha sensibilidade. Tocava-se nele e eu logo me irritava. Quinze meses naquela situação não me haviam feito conformar com ela. O leitor quer saber? Eu até acreditava na possibilidade de restaurar minha falta, por meio de um braço mecânico ultramoderno. Cheguei a sonhar várias vezes com um Pedro Martinez, usando perfeitamente ambas as mãos. A saúde que me enchia o corpo parecia sofrer um hiato ao chegar à extremidade do ombro direito.

A concentração de meus poderes no mister de porteiro, seguindo o sermão de Juca Brito, fazia-me esquecer o defeito.

O grito das moças, justamente no momento em que eu me julgava alvo de suas mais lisonjeiras atenções, foi um choque de água fria na fervura do meu renascente entusiasmo pelas coisas da vida.

Quis reagir contra o acabrunhamento e a irritação. Fui incapaz para tanto. Andei os cinco quarteirões que me separavam da Pensão Madrid, sentindo a atmosfera de verão pesada, quase irrespirável.

Percebi então que o meu triunfo sobre aquela deficiência física e moral ainda não se realizara completamente.

Felizmente, hoje cedo, um acontecimento extraordinário veio distrair-me um pouco. Começo a compreender que a vida tem de tudo e, se a gente não aproveita os seus pequeninos gozos legítimos, o tremedal horrível de negros insucessos e dissabores sorverá nossa felicidade.

D. Joana desistira, após várias tentativas infrutíferas, do casamento com papai.

Preparou, porém, uma vingança ainda mais “fidalga” que a do ano passado.

Todos nós notávamos há já algum tempo maneiras diferentes na patroa. Ela parece que vivia rindo de qualquer coisa inexistente, ou pelo menos invisível.

No fim do mês passado, porém, tudo se esclareceu. Era hora do jantar. Havia sobre cada prato um pequeno envelope. Ao abrir nem acreditamos no conteúdo. “Joana Fuertes Heredia, proprietária da Pensão Madrid – Familiar, e Francisco Sanchez Del Cano, convidam V. Excia. e Exma. Família para seu enlace matrimonial, a realizar-se no dia 18 p.f. às dez horas, na Matriz da Mooca.”

Embaixo um traço de lápis inutilizava a clássica hora impressa: “Os noivos despedem-se na Igreja”.

Alguns dos hóspedes, e meu pai foi o primeiro deles, apressaram-se em cumprimentar D. Joana, invadindo a cozinha. Eu fiquei na sala a olhar o Francisco, miúdo e tímido, limpando com uma faca o farelo sobre a toalha.

Ele me olhou suplicante como quem diz: “O que o senhor quer? Ela me obrigou...”

Nisto as saudações dos pensionistas cobriram-no à minha frente. Fui abraçar D. Joana.

– Está contente, mãezinha? Vai ter um belo esposo...

– Sim – respondeu ela com ingenuidade. – É tão meigo... Mas eu não deixarei de te considerar meu filho. Ouviste, Pedrinho?

Os proclamas já estavam prontos quando ela convidou meu pai e “seu” Juca Brito para padrinhos. “Seu” Francisco pediu permissão à futura consorte para escolher outro pensionista e eu.

No quarto, papai esbravejava:

– Não basta ter amolado quase um ano a minha paciência! Ainda, vai me dar essa despesa dos seiscentos!...

– Console-se comigo, meu velho. Os padrinhos do noivo gastam ainda mais.

...

Como ia dizendo, na manhã de hoje aconteceu algo de sensacional. Eu não assisti à cena porque estava na fábrica, mas a ausência de Francisco à hora do almoço confirmou o ocorrido.

Pelas nove horas aparecera um oficial do Fórum, procurando o copeiro. Vinha acompanhado de um guarda.

– É esse o homem? – perguntou apontando o noivo.

– É – confirmou D. Joana.

– Então o senhor querendo embrulhar a Justiça? Seu safado! Felizmente sua mulher protestou em tempo. O senhor vai se casar é com a Cadeia! Salafrário! Vamos! Acompanhe o guarda.

Francisco não sabia o que fazer. Esqueceu-se de ir buscar o paletó. Saiu de avental mesmo.

Ao passar pela noiva, esta carregou o sobrolho pestanudo e exclamou com os lábios molhados de saliva:

– Bígamo!

No fundo sentiu um remorsozinho.

Afinal ela sempre soubera que o parvo do copeiro vivia separado da mulher!...

Quando meu pai se inteirou do acontecido ficou também contente:

Há dois dias enviara mais um cheque de trezentos mil réis para o tio Augusto...

## A MUDANÇA DE HORÁRIO

Iniciei por essa época um tratamento de dentes. Tinha assim de estar quase todos os dias em conversa com Dr. Brito. Ele me pedira que “desse um jeito” de ir ao gabinete durante o período do almoço. À noite tinha muito serviço. Como não me costumava cobrar quase nada, marquei com prazer a hora: onze em ponto. Não me lembro de haver chegado atrasado uma só vez.

Fiquei então compreendendo melhor a razão do fascínio exercido por esse homem extraordinário.

Quando trabalhava, quer examinando uma coroa entre os dedos, quer ordenando que eu abrisse a boca, sua presença irradiava cativante simpatia.

Não sei bem o que era, mas tentarei explicar. O homem parece que vivia num mundo diferente. Um negro na Mooca, principalmente naqueles quarteirões espanhóis, era coisa rara, quase impossível. O povo ridicularizava a raça, embora, no fundo, reconhecesse seu valor. Os moleques (alguns deles tinham sido muito beneficiados pelo dentista) costumavam gritar, quando o bom homem passava: Olha o Ju. Cabrito. Ele filosofava com profunda ironia: Se negro é cabrito, como é que mulato é bode? Isso não está certo!...

Mas não era só pelo fato de ser negro que ele parecia um tanto exótico naquele ambiente.

Embora não fosse formado, sua cultura, pelo menos para nós, era descomunal. Lia muito e emprestava muitos livros. Eu soube que escrevia poesias. Deu-me uma de presente naquele meu período de desânimo. Transcrevo-a:

*Ps. CXX*

*A um alto monte elevo os olhos meus  
Em busca de socorro e de alegria,  
E além do monte eu olho para Deus,  
Pois Ele me protege noite e dia.*

*E ainda além meus olhos levantando,  
Abrindo do Infinito novos véus,  
Do Deus Excelso eu vou me aproximando,  
Do Deus que fez a terra, o mar e os céus,*

*Do Deus que guarda a rola no seu ninho,  
Que é forte e que vigia a criatura,  
E determina todo o seu caminho.*

*À sombra desse Deus, eu, confortado,  
Por Ele olhado sempre com ternura,  
Jamais me sentirei desamparado.*

Perguntei-lhe o que queria dizer o título *Ps. CXX*.

Ele me explicou: – Foi onde me inspirei para escrever o soneto.

É um Salmo da Bíblia. Começa assim: “Levantei os meus olhos aos montes donde me virá o socorro. O meu socorro vem do Senhor que fez o céu a terra”.

Achei certo conforto nessas palavras. Decorei-as com facilidade e muitas vezes têm me vindo à mente, junto com o tríptico “Ânimo”! de Danton. Soam como se fossem polos opostos do mesmo eixo: – confiança, – em Deus e em nós mesmos.

Devo dizer que nem todos os seus clientes estavam dispostos a elogiá-lo. Muitos diziam: “Seu” Juca Brito é assim: A gente está perto dele e tem a impressão de que vai amanhecer milionário... No dia seguinte levanta-se na mesma “pindaíba” e então fica-se lamentando o tempo perdido a ouvir seus conselhos. Se falasse menos, seu trabalho renderia mais.

Parece, entretanto, que para nenhum deles a presença do dentista seria indesejável numa hora infeliz. Muitos o procuravam para pedir coragem e dinheiro emprestado. O que mais tarde me fez admirar superlativamente essa personalidade foi sem dúvida alguma seu grande poder de adaptação ao meio semi-hostil que o rodeava. Custei muito a compreender como seria possível viver naquela perene bonomia com todos e com tudo. No dia, porém, em que cheguei a essa compreensão, minha vida tomou um aspecto bem diferente.

Quando lhe narrei a cena daquele involuntário e inesperado rompimento do noivado de D. Joana, terminei com estas palavras: “Pois é. E assim nós perdemos a oportunidade de assistir a esse belo casamento...”

– Casamento?! Um colosso daqueles unir-se ao pobre do Francisco! Isso nunca foi casamento. É puro infanticídio... – observou soltando gostosa gargalhada.

Para tudo esse homem arranjava uma resposta à altura. Talvez isso lhe valesse algumas inimizades. Estas, porém, eram sempre passageiras. O dentista “dava logo um jeitinho” de desnublar os horizontes...

– Pedro, você conhece lá na fábrica uma menina chamada Manoela?

– Conheço. Ela mora perto do Mercado. Vem todos os dias a pé. Por quê? Hein?

– Bem, eu só perguntei se você a conhecia. É muito boa moça. Está tratando dos dentes comigo. Vem todas as noites.

Ele procurava no armário qualquer coisa que nunca aparecia. Percebi um ameaço de sorriso pela entonação de sua voz.

Mudei de assunto querendo vergastá-lo:

– Que negócio é esse do senhor com a enfermeira da Gota do Leite?

– Muito menos do que dizem, “seu” Pedro. Eu tenho de ir lá todas as manhãs buscar leite para os meus meninos. A moça tanto me viu nesses passeios paternais, que teve dó de meus filhinhos. Propôs-se vir tomar conta deles, casando-se comigo. Eu não aceitei o negócio. Está satisfeito?

– Estou.

– Então pode ir indo. Aperte bem o algodão entre os dentes.

Levantei-me. Cheguei até a porta de vidro. Juca a abriu. Ia me retirando, querendo, porém, dizer qualquer coisa antes disso. Criei coragem:

– “Seu” Juca. O senhor não me pode arranjar uma hora à noite?

– Se quiser pagar cinquenta mil réis por hora...

– Pago até mais... – respondi entusiasmado.

Ele riu.

– Não é preciso, menino. A sala de espera é pública. Manoela estará aqui pelas sete e quarenta e cinco. Eu atrasarei um pouco a entrada da moça no gabinete. Fique sossegado, que terá muito tempo para conversar com ela.

Por várias noites, “seu” Juca prendia propositadamente um cliente no consultório até as oito horas. Manoela não gostava muito. O dentista estava, além do mais, prolongando o tratamento e ela morava longe. Quando, pelas oito e quinze, a moça descia da cadeira, “seu” Juca apenas trocara um algodãozinho com desinfetante. Recomendava todo sisudo:

– Volte amanhã e tome bastante cuidado para não cair o algodão.

Então ela dizia um “boa-noite” rápido, meio desconfiado e eu entrava no gabinete.

O serviço reservado para mim era ainda menor. “Seu” Juca me perguntava:

– Como é?

Eu respondia meio vencido:



– Não houve tempo, “seu” Brito...

Na sexta ou sétima noite, ele me repreendeu:

– Isso não pode continuar assim. A moça já ameaçou não voltar mais! Veja se a conquista logo, porque nesse assunto quem tem que dar jeito é você mesmo...

Foi outra noite de desânimo. A imagem diabólica de Julieta apareceu seguidamente fulminando-me os nervos com sua pergunta aterradora:

– “Você não sabe o que aconteceu?”

Achei que talvez o melhor seria não tentar outra desilusão. Senti-me aleijado de algo mais importante que um braço. O mundo do amor me fora vedado.

## DO PARQUE PEDRO II AO PORTÃO DA FÁBRICA

Eram manhãs lindas e ditosas em que o vento da primavera contorcía a silhueta das árvores, cobrindo o verde tapete do parque com um sem-número de pétalas multicores.

E quando Manoela por ali passou, caminho à fábrica, sua alma moça e viçosa sonhava com alguma coisa diferente. Ela era mulher, mas mulher do trabalho!...

O mesmo vento que espalhava as pétalas tornava-se-lhe um estímulo fagueiro no rosto corado, carícia gelada nos olhos brilhantes... E ela marchava, plena de energia, cabelos fustigados para trás, colo ereto num arfar cadenciado marcando as golfadas oxigenadas de ar, que inspirava com voluptuosidade. Seus passos largos e firmes balançavam a saia vermelha, que ondulava qual bandeira empunhada num campo de batalha, pelo pulso másculo de um cavaleiro em corcel a toda brida. E rua afora, Manoela idealizava em compasso militar seus planos de operária: “Nada de amores burgueses, com filhos choramingando e adiposidade deformante! Isso não é vida! É escravidão... E eu sou alguém! Cento e cinquenta mil réis na fábrica! Mais uns aumentos e nunca precisarei de me casar... Sim, casamento! Coisa humilhante em que o homem procura a mulher para esmagá-la destruindo a liberdade feminina. Amarram-nas, fazem-nas máquinas de dar filhos, almoço e café, tudo na hora, expresso! Por falar nisso, o Café Expresso do ‘seu’

Joaquim estava rendendo dinheiro! Bom negócio! Mas quem aguentava os dez filhos em escadinha de degraus miúdos a berrarem em todas as escalas, no fundo da venda naturalmente para não atrapalhar a freguesia, era D. Maria. Sabão feito em casa! Roupa lavada em casa! (Mexerico também... Isso lá é). E D. Maria cada vez mais feia e mais inchada. Não tivesse casado e hoje teria tudo. Tudo! tudo! Tudo!... Fora tão linda! Ela poderia... Cruz-credo! Isso não! Nem seria preciso. Era só trabalhar. Trabalhar como eu vou trabalhar!...”

Seu passo mais vivo ainda deixava a venda do “seu” Joaquim na esquina e soava diante da porta humilde do Baldomero.

“Outro explorador! Aposentado há dez anos, cheio de cobre ganho na pinga e dizem que em outras coisas piores... Mas D. Concepción, que merece muito mais, ainda não teve aposentadoria... Às seis horas de pé, pois seu ‘protetor’ (ó ódio!) precisava do café às sete, para depois ficar o dia inteiro sentado à porta da rua. Uma judiação! Não! Eu não dependerei de homem. Eu sou eu.”

O ruído infernal de máquinas, bondes e caminhões acelerava o ritmo de seu pensamento.

“Dominarei com a graça do meu corpo e com a malícia de minha superioridade! Porque os homens são uns bandidos, uns bandidos, uns ban...”

– É favor não entrar chorando no serviço – fui eu quem a surpreendi lacrimejando de comoção pelos ideais feministas.

Manoela tomou a ficha, carimbou-a no relógio e recolocando-a no quadro respondeu:

– É o frio...

– Frio neste tempo? Esse é o mal das mulheres. Querem pensar um pouco e logo começam a chorar.

– Bem-aventurados os que choram! – foi a resposta pronta e altiva.

Manoela requiebrou-se com fogo nos olhos molhados e seus passos mudaram de ritmo ao compasso animado dos cinquenta teares: Toc, tô, toc... Toc, tô toc...

Desapareceu na obscuridade da sala de tecelagem e eu fiquei a cismar por muito tempo...

## UMA CARREIRA BRILHANTE

Carreira brilhante a de Manoela. Com a idade de nove anos torcia fio. Com treze era engrupina, com dezessete tecelã.

Diziam que sustentava a mãe e até o pai, um homem de “altos negócios” na fértil imaginação... Começara a vida no Assunção e lá se fizera um elemento necessário. Caso único! Uma operária excepcional!... Conhecia tudo e a todos em todas as salas... Quando D. Mercedes, a mestra, ficava doente, Manoela a substituía com vantagens. Por isso D. Mercedes não gostava de faltar... Apesar de todo seu bom humor alemão, a mulher deixava transparecer uns laivos de ciúme, aos quais Manoela, como boa espanhola, fazia questão de responder, em escala maior. Com um sorriso meio disfarçado de despeito, D. Mercedes terminava as pequenas discussões: “D. Manoela foi sempre minha melhor aluna...” D. Manoela (“Dona” exigido pelo Assunção e usado por todos os operários) respondia para arrematar. “Nunca fui aluna de ninguém...”

Eu via Manoela todos os dias ativa, diferente das outras. Trabalhava séria e rapidamente. Dava ordens, e quando tecia era a agilidade e a graça em pessoa. O sol espargia raios abundantes de luz através da enorme janela envidraçada... Manoela até nisso era superior às outras. Estas trabalhavam na sombra; ela radiosamente iluminada. Cheguei a divisar um halo diáfano em torno de seu corpo moreno. Era natural: todo o resto da sala parecia feio e pesado sem a suficiente claridade... Manoela era o “requiebro” andaluz. Seu passo era pinicante como a castanhola e seus olhos acompanhavam o progresso da textura com a languidez de uma “canción” de Castela, enquanto o tear teimava no seu compasso a três tempos, qual fandango caprichoso de Valença: Toc, tô, toc... Toc, tô, toc...

Eu via tudo isso e o sangue se me esquentava nas veias. Lá estava ela perfeita e indiferente! E eu... Maneta. Sim, era desse modo que todos me chamavam. Sabia disso. Mas ninguém, ninguém me diria “Maneta” ao alcance da canhota! Isso, em lugar de consolar, mais me afligia. Meu braço esquerdo era respeitado, ou antes, temido, desde que Felipe apareceu durante três dias com a cruzeta de esparadrapo. Ficava-me a impressão cada vez mais desfavorável sobre a hipocrisia humana.

Os únicos que me diziam claramente o defeito humilhante eram os moleques, que eu espantava do pátio calçado de pedras. “Desgraçado de Maneta!” – xingavam eles escapando, ora pelo muro, ora pelo portão. Esses mesmos só faziam isso quando tinham certeza de que eu não os alcançaria. No dia seguinte voltavam para trazer o almoço do pai ou do irmão e passando por mim cumprimentavam cinicamente:

– Bom dia, “seu” Pedro Martinez...

Percebia que eles gostariam de trocar pelo cognome “Maneta” o sobrenome Martinez. Ainda hoje me lembro de lhes haver disparado, mais de uma vez, insultos bem pesados. Eu nunca tive controle perfeito da língua.

O fato é que ao pensar em Manoela vinha-me concomitantemente ao espírito a imagem daquela extremidade de meu ombro roxo, cascudo, repugnante.

Nos dias de calor, eu nunca me apresentara de camisa de meia como os outros. Meu braço esquerdo vivia, entretanto, se mostrando de manga arregaçada. E que braço! Eu mesmo nem acreditava ser o dono daqueles feixes de músculos salientes e roliços. Uma pele bronzeada coberta de bem distribuídos pelos negros que a sombreavam agradavelmente. Mão cheia e resoluta. Um verdadeiro braço de atleta.

– “Esta mão ainda aprenderá muita coisa” – pensava eu. – “Já escrevo perfeitamente. Quem sabe em breve voltarei a tecer, tecer com destreza, tecer como... Como Manoela, sim senhor!... Porque ela era a única, depois de Pedro Martinez (com dois braços, naturalmente). Essa ideia ‘dois braços’ fazia-me lamentar com surda blasfêmia minha situação atual...”

Em todo caso havia uma coisa mais importante a fazer. O relógio marcava dez e trinta. Dirigi-me para a cadeira, puxei a corrente dourada do apito e voltei para inspecionar a saída.

Josefina... Rita... Felipe... Os operários saíam, não me ligando importância. Eram perfeitamente correspondidos em sua indiferença.

Manoel... Este casara-se anteontem com a Olga e dera uns “comes” aos colegas. Merecia um comentário de gratidão.

– Quando teremos mais doces? – perguntei.

– Ainda há um resto na casa do velho. Vamos chegar?

– Espera um pouco... Você convida, mas vai andando!...

Manoel sorriu sem querer saber de esperar (era melhor levar em brincadeira porque eu poderia aceitar o convite): – Chiau!...

– Chiau não! Mas Manoel já desaparecera com pressa de pombinho arisco. Se ele e Josefina foram dos primeiros a sair, não o fizeram sem razão.

O noivo desta, há cinco minutos, esperava do outro lado da rua. Desceram juntos para o lado do parque. Outro Manoel, o Sanchez... Outra Josefina, a Diez... Outros, mais outros e assim todos rápidos, passaram mais de duzentos operários no portão largo e negro da fábrica. O sol esquentara e o apetite dobrara. Só uma hora e meia para o almoço e muitos moravam longe...

Notei falta em alguém. Manoela não saía. Quis estabelecer alguma relação entre a cena da entrada e essa anomalia. Meu processo mental não chegou, porém, ao fim, pois Manoela apontou à saída da sala n. 2 e se dirigiu para meu lado com um sorriso quase tímido:

– Seu Pedro hoje caçou de mim... – disse meio sem graça.

– Uhn! E a senhora também não caça de mim?

– Oh! Eu! Nunca. Até o aprecio muito.

Não respondi, meio encabulado, sem saber por quê.

Manoela olhou-me sorratamente e perguntou com um sorriso de olhos virados:

– Quer me acompanhar até a primeira esquina?

– Por que não?

Bondes passavam, apertando o povo nas estreitas calçadas. Todos corriam, menos nós dois que dialogávamos pensativos, desviando-nos intuitivamente daquela chusma formigante de trabalhadores azafamados.

– Por que a senhora chorava hoje cedo?

– Ideias – na fábrica Manoela era considerada a única moça de ideias. Ela sabia disso.

– “Bem-aventurados os que choram”... A senhora falou isso, não?

– É. O Dr. Brito costuma recitar essa frase aos clientes quando chega a hora de passar o motor nos dentes. Ele disse que está na Bíblia.

– Mania que esse homem tem de Bíblia! Será protestante?

– Diz que não...

– Mas é uma frase bonita...

- Muito bonita. Bem-aventurados...
- Que quer dizer isso? – perguntei.
- Felizes. Felizes os que choram porque serão consolados.
- É lógico. Quem não chora, não precisa de consolo.
- É uma frase dita para nós, os operários.
- Especialmente para as operárias.
- Por quê?
- Homem não chora.
- Às vezes (Manoela torceu os olhos e os lábios com ar insinuante).
- Nunca!...

– O senhor nunca chorou? – Manoela parou para dar ênfase e um rapaz que vinha em passo apressado esbarrou maliciosamente na perna de minha colega. Passou escondendo com o antebraço um sorriso debochado. Ela o repreendeu. “Desculpas, de vez em quando. Sim?” Voltou-se depois para meu lado: Responda!...

- Nunca.
- Mentiroso...

Andávamos novamente em silêncio até que tornei a palavra fingindo-me indiferente:

- Chorar, por quê?
- Porque a gente sofre. O senhor não sofre?
- Um pouco.
- Então, é isso...

Manoela percebeu que a prosa não sairia desses monossílabos e como devia ter pressa foi dizendo:

- Bem. Já chegamos à esquina e o senhor tem que fechar as portas da fábrica... Até logo. Obrigada pela companhia.
- Até logo...

Voltei, meio intrigado, sem saber ao certo o que poderia significar esse meio quarteirão de prosa rápida. O fato é que eu gostaria muito se pudesse ter andado mais uns duzentos metros na agradável companhia de Manoela. Por outro lado, não ficaria bem o Assunção me encontrar fora da portaria quando saísse no seu Ford. De fato daí a dez minutos o carro passou tremelicando-se todo pela saída da fábrica.

## UMA NOITE NA RODA-GIGANTE

Não sei se o leitor percebeu que, com nosso pulo para a primavera, estamos em outubro de 1926.

Tio Augusto regressou das montanhas, contando maravilhas dos pessegueiros de Campos do Jordão.

Afirmou-nos estar curado. Iria nos ajudar, custasse o que custasse.

– Mas não com negocinhos... – atalhou papai.

– Você quer dizer negociatas, João!

– Mais ou menos.

– Ora, mano! Minhas próximas transações serão muito sérias.

Ainda iremos ter muito dinheiro.

– Mas se você nada entende de comércio?!

– Ora, não entendo. Então vocês pensam que eu fiquei parado lá em cima? Conversei com gente de todo canto. Pessoal sabido e experimentado. Tenho planos bem feitos. Eu não sou mais criança.

– Olha que arquitetar planos na atmosfera leve da serra e executá-los nas ruas abafantes desta cidade são duas coisas muito diferentes. É melhor você arranjar um emprego, qualquer coisa mais modesta. Você não quer mais tecer?

– Não quero e nem posso. Já perdi o gosto por isso e a posição exigida para o serviço não convém à minha saúde. Além do mais você não precisa temer o abafamento das ruas desta cidade porque não vou trabalhar nelas. Meus planos levar-me-ão ao interior do Estado para comprar café...

Lembro-me de que papai não respondeu. Vi rodar-lhe os olhos uma expressão de cansaço e tristeza. Pareceu-me que se sentia vítima de grande ingratidão.

Eu não entrei na conversa dos dois. Fui para o quarto e enquanto me apertava ia apalpando minha musculatura. Sentia-me pleno de poder. Minha coxa era abaulada e bem feita. Os gêmeos na perna podiam com toda a razão ter esse nome: eram iguaizinhos em tamanho e na forma.

Olhei-me ao espelho. Meu peito saliente e denteado pelos músculos apresentava uma uniformidade surpreendente. No tempo em que eu usava o braço direito, esse lado se desenvolvera muito mais

do que o esquerdo. O uso forçado da canhota parece que corrigira em dois anos aquela desarmonia natural. Tudo em mim irradiava saúde e energia. Vesti um traje novo sobre a camisa bem limpa. Uma sensação de conforto contornava meu ser. Arrumei bem na cabeça uma palheta branca e daí a pouco descia as escadas da pensão, jogando as pernas com vivacidade.

D. Joana conversava com o Juquinha sentada à porta da rua.

Manoela me esperava pronta. Saímos juntos. Eu com certa timidez e ela levantando os ombros para o pai, que, sentado, fumava um cachimbo de tampa metálica.

Iria ser inaugurado naquela noite, junto ao Parque Pedro II, na rua Glicério, um circo de cavalinhos, cuja propaganda feita em papéis das mais variadas cores anunciava-o como a oitava maravilha do mundo moderno.

Era rodeado por um verdadeiro arsenal de diversões. Tiro ao alvo. Tiro com estilingues. Soube-se mais tarde que este se fechou na segunda noite, pois os garotos do bairro já não erravam mais uma “estucada” nos maços de cigarros, colocados numa espécie de poleiro, a quatro metros de distância. Cavalinhos de pau girando eternamente num galopear de autômatos. Certas mães, entretanto, tinham medo de que os filhinhos caíssem daqueles corcéis! Uma pagou duas entradas para acompanhar o filhão de nove anos. Quando o estrado começou a girar ela rodou para o chão, deixando o menino no arreo de pano de couro, convencido de que disparava por alguma Campina do Texas.

– Bem feito – resmungou o maquinista, sem parar o motor. – Eu disse tantas vezes que aqui não é permitida a entrada de adultos!

Alguns rapazes tentavam fazer subir um canhãozinho por um trilho inclinado. Com a mão esquerda atarracavam-se a um ferro de apoio para o impulso, e com a direita seguravam uma alça atrás do brinquedo. Depois avermelhavam o rosto e impulsionavam os oito quilos de aço para frente. O canhão subia até certo ponto e depois dava marcha a ré chegando ao ponto de partida com mais velocidade do que saíra.

– Vou experimentar aquilo! – disse eu a Manoela. Quase me arrependia dessa ideia demais arrojada para um maneta.

– Quero ver... – desafiou-me.

Paguei quatrocentos réis, que me davam direito a duas tentativas.



Segurei a alça decidido e, só então, notei que não poderia contar com um ponto de apoio para o impulso: faltava-me o braço. Ia desistindo, revoltado. Espreitei em volta. Olhares semipenalizados. Manoela cochichou-me ao ouvido:

– Experimente. É fácil...

Prendi a perna num dos ângulos formados pelas tiras de ferro que sustentavam o trilho. Quando me senti firme, disparei o canhãozinho. Por pouco eu não caía para a frente. Lá no fim da subida, houve um estouro acompanhado de fagulhas. O pequeno bólido atingira o alvo e já voltava velozmente, por pouco não me apanhando o braço. Notei que Manoela tinha os olhos diferentemente vivos e brilhantes. Quis declarar-lhe naquele mesmo instante todo meu amor. Ela desviou o olhar e eu fiquei outra vez sem assunto.

“Quem tem que dar jeito é você!” O espectro de Juca Brito repetiu-me esse conselho. Danton tornou a falar: “Ânimo, ânimo, sempre ânimo”.

Continuamos a percorrer os divertimentos. Uma profusão de lâmpadas por toda parte. Na roda-gigante enorme círculo de luzes vermelhas girava com uma estrela luminosa de seis pontas dentro dela. Parecia anúncio da Antártica. Manoela passou na minha frente e pediu ao bilheteiro:

– Duas, faz favor...

Quis zangar-me com aquilo.

– Esta vez sou eu... Você paga outra coisa.

Uma alavanca desceu junto ao motor de óleo cru. Barulho de corrente. A roda parou depois de um ligeiro vaivém. Sentamos no banco enquanto um velhote baixo fechava-nos com a barra de segurança. Começamos a subir lentamente. Olhamos para baixo. Que formigueiro de gente! Uma porção de barquinhos pendidos dos outros eixos cruzavam nossos olhos. De repente só a noite ficou como panorama. Chegávamos bem ao alto. A roda parara. Alguém iria subir. Manoela agarrou-se ao meu braço.

– Medo? – perguntei.

– Não. Eu tenho confiança em você.

O gozo encheu-me plenamente para logo dar lugar a uma ânsia aereoide. Descíamos velozmente.

Outra vez nas alturas, pudemos divisar à distância o brilho do rio Tietê. Havia luz e sempre que nos elevávamos novos pormenores eram descobertos.

Uma linha de luzes saía logo abaixo de nós e se prolongava para muito longe. Era a rua da Mooca. Acreditávamos ter enxergado as faces envidraçadas do telhado da fábrica.

Daí a pouco nos acostumamos com aquelas sensações provocadas pela mudança rápida de altitude. A banda de música tocava polcas animadas e alegres. Foi então que me desabafei:

– Manoela. Queria dizer-lhe uma coisa...

Ela olhava distante. Os cabelos descobriram sua orelha. Gostava de andar fora da moda. Todas as moças empastavam a cabeça e enchiam-na de grampinhos para conservarem o penteado bem fixo. Manoela se descabelou ao primeiro sopro de vento no alto da roda.

– Não sei se é pedir demais... Eu gostaria de me casar com você... Voltou para mim um olhar ingenuamente assustado.

– Por favor – disse eu – continue olhando para a esquerda... Assim não tenho coragem...

Seu olhar perdia-se novamente sem se fixar em nada.

– Você deseja mesmo casar-se comigo? – perguntou numa serenidade meio cômica.

Veio-me cruel lembrança: Julieta me fizera a mesma pergunta no Viareggio!

– Quero. É lógico. Há tanto tempo estou procurando dizer-lhe isso!

– É para quando? – interrompeu-me com naturalidade.

Numa das barquinhas um casal se abraçava escandalosamente. Receberam uma vaia quando desceram à vista do povaréu. Nesse momento meu braço apertou o ombro de Manoela.

– Quando você quiser.

– Logo que tivermos dinheiro. Está bem?

– Tivermos? Por que “tivermos”? Quem precisa arranjar os cobres não sou eu?...

– Não, não e não – fez ela. Eu só caso com um trato: não largar meu emprego.

– Você está doida?...

Manoela ofendeu-se com a pergunta e não me respondeu. Descemos na prancha de desembarque. Eu quase ordenava ao velhote:

– Deixa mais dez minutos por minha conta.

Compreendi, porém, que minha companheira não estava de muito boa veneta. Nem quis ficar para assistir à pantomima.

## A NORMALIZAÇÃO DE DUAS VIDAS

Por esse tempo algo de sensacional ocorrera na vida de Juca Brito. Ele não o considerava, todavia, assim. Lembra-se o leitor de que o dentista rejeitara uma proposta e tanto da enfermeira da Gota de Leite? Pois bem, o meu amigo logo percebeu que não fora muito acertada essa resolução. Seus três filhinhos berravam o dia inteiro e à noite tinha muitas vezes que deixar o cliente com a boca cheia de algodão e correr lá dentro para aquietar os pimpolhos.

– Eu preciso normalizar minha vida... – queixava-se aos amigos.

Um dia anunciou no “Diário Popular” que necessitava de governante para os três guris. Apareceu uma francesa moça e bonita. Sorriu, muito disposta, dobrando todos os “erres” ao falar.

O bom homem teve até vergonha de mostrar seus filhos. Surpreendeu-se ao ouvir o comentário da futura ama-seca:

– Tão bonitinhos os três...

Ele mesmo sempre achara aqueles negrinhos horríveis. O fato é que a francesa chamava-se Norma e não demorou muito apaixonou-se pelo patrão.

Casaram-se logo e contam as más línguas que de vez em quando ele a acaricia dizendo:

– Ora! Quem diria que a Norma houvesse de normalizar minha vida?!...

Apesar desse feliz casamento o dentista continuava quase sem clientes no período diurno.

– Não vá embora, não. Eu almoço mais tarde, sente-se para uma prosinha.

Resolvi aceder ao convite. O almoço na Pensão Madrid andava atrasando todos os dias. Não queria dizer nada eu me demorar um pouco.

Nessa “prosinha” contei-lhe a zanga de Manoela. Ele me cauterizou com energia:

– Até hoje ainda não resolveu esse negócio? O que mais você quer que eu faça?

– Um sermão – confessei-lhe. – Um sermão sobre o casamento...

– Bem, Agora não é hora disso. Ainda nem almocei... Escute, entretanto, uma coisa. Eu creio que você não compreende Manoela. Aliás essas mulheres de hoje ninguém compreende mesmo! Mas ia dizendo...

Ele falava com pose, talvez satisfeito pela oportunidade de discursar.

– Manoela é pessoa de muito valor. Que moça ganha mais do que ela nessas fábricas por aí?

– Nenhuma...

– Pois é. Você compreende que cento e cinquenta mil réis não é ordenado desprezível. Eu em seu lugar abandonaria essa história de querer sustentar tudo sozinho. É espanholada dos Martinez... Olhe seu pai. Não o segurou ano e tanto fora do trabalho sem necessidade? Manoela por enquanto não tem, também, precisão de abandonar o serviço. Você se case com ela e pode ter a certeza de que o primeiro bebê fará a moça mudar de opinião. Um filho, mesmo feio como os meus, encanta de tal modo o coração feminino que todas essas teorias de vida independente rolam por terra na mente da mulher. Pense bem. A Manoela até já fez muito mostrando desejo de se casar com você.

– Eu também acho. Até hoje nem descobri o porquê dessa preferência.

– É que ela conhece sua vida...

– O senhor andou lhe contando?

– Alguns pedaços. A história de Julieta, por exemplo.

– Logo isso... O que adiantou?

– Ela ficou revolta. Disse que sempre ouvira falar das baixeiras dos homens no terreno do amor. Nunca pensara, porém, que o belo sexo pudesse agir de maneira até inferior à nossa. Desconfio que ela também sofreu desilusões. Vocês têm um ponto de contato: desconfiam do sexo oposto. Se dessa desconfiança nós conseguirmos fazer surgir confiança entre vocês dois, será uma grande coisa.

– Nós?

– Sim nós. Eu e você. Estou disposto a ajudá-lo, se não me considerar um intruso.

E arrematou muito sério.

– Eu já normalizei minha vida. Agora é preciso normalizar a sua.

## A GRANDE VITÓRIA

A grande vitória da minha vida não se deu no dia do casamento. Este foi sem dúvida um fato soberbo. Até o Assunção entrou pela velha escadaria da Pensão Madrid, nessa tarde de sábado, ensolarada e quente. D. Joana se multiplicara em preparativos com dias de antecedência.

Como o Francisco sofreu naquela semana! O coitado deve ter lembranças bem tristes relacionadas com a palavra “casamento”!... Uma prisão há poucos meses e agora a trabalhadeira imposta pela ex-noiva!... A patroa dava-lhe ordens sem a mínima compaixão.

– Amarra esses papéis de seda no pendente!

– Mas o fio está dando choque, D. Joana!

– Que choque, nem meio choque! Trata de trabalhar que ainda tens de ajudar a mexer o tacho.

Durante o bródio, o Assunção pronunciou pequeno discurso e o Juca Brito, como sempre, um sermão de meia hora.

Passamos quatro dias em Santos e, na volta, papai nos alugara um fundo de casa na rua Xingu, a mesma onde viéramos morar em 1910.

Ele ficou sozinho na Pensão Madrid, a uma quadra de casa. Tio Augusto resolvera viajar, na execução de seus planos comerciais...

Certa manhã fui dar um recado a Manoela na sala de tecelagem. Surpreendi minha esposa tentando trabalhar com o braço esquerdo. Passei-lhe uma repreensão.

– Você vai estragar o tecido! Que é isso, Manoela?

Ela não se atrapalhou.

– Na saída te explico...

Dei-lhe o recado. Era a vizinha que mandara pedir a chave de nossa casa para tirar uma panela de ferro emprestada. Essa panela eu conservava como lembrança de minha mãe. Manoela me entregou a chave com displicente contração dos ombros:

– Não gosto... Mas vá lá...

...

– Temos poucos quarteirões até chegar em casa. Explique logo...

– Mas temos hora e meia para o almoço. Nada de pressa.

Ela hesitava. Por fim expandiu-se com firmeza:

– Tenho imaginado se eu não tivesse um braço e gostasse realmente do tear, o que faria...

Não foi preciso Manoela gastar mais palavras. Sempre me considerei capaz de ler nas entrelinhas. Daí esse meu estilo rápido, sem pormenores. No dia seguinte, numa hora de folga, aproximei-me do tear de Felipe.

– Melhor que seja o dele! – pensei eu. – Assim mato dois coelhos numa cajadada. Experimento tecer e reconquisto a amizade do colega. Nem no meu casamento ele deu ar de sua graça!...

– Bonito tecido... – fui dizendo.

Ele não falou nada.

– O fio é bom de lidar?

– O que você está querendo? – pronunciou azedo por entre os dentes.

– Aprender a tecer. “Não é uma bela resposta?” – perguntei para mim mesmo, admirando essa delicadeza, que por certo cativaria o coração do meu inimigo.

– Sua avó é morta ou viva? – fez ele sério.

– Morta.

– Então vá aprender com sua mãe.

Queimei-me com a referência, mas quis manter as estribeiras.

– Ora, Felipe! Estou procurando tornar-me seu amigo!

– “Senhor” Felipe, manda o regulamento...

Notei que ele gozava suas tiradas abusando de minha humildade.

Aquilo me descontrolou. Há tempos eu me julgava possuidor da fleugma de Juca Brito. Agora via que isso era impossível. Nossas veias eram diferentes. Nas minhas corria o sangue de Dom Quixote. Nas dele o de Pai João.

– “Senhor medroso”... – foi a minha resposta indignada.

– É a segunda vez que você me provoca! – rugiu como que prevenindo.

– “Que crápula!” – pensei. – Além de tudo ainda deixou o Assunção na crença de que sou eu o desordeiro! Lembrei-me do Assunção: sim! Ele me falara sentado à escrivaninha: “Nada de barulho! Quer um conselho? Quando tiver que discutir com alguém diga-lhe tudo aos ouvidos, assim não perturba a ordem”.

Sim! Ainda é tempo de me dominar!

– “Seu” Felipe – perguntei com calma fingida. – Deixa-me dizer uma coisa ao seu ouvido?

Ele estranhou mas virou o rosto.

Cochichei-lhe certas palavras, fazendo com a mão uma parede de meus lábios à sua orelha a fim de que não se perdesse sequer a mínima dose do ódio incontido no meu coração.

Retirou a cabeça, vermelho e vociferou:

– Vá você, seu aleijão...

Fervi, encolerizado... Qualquer alusão a esse defeito provocava-me intensa revolta.

Aquele queixo maxiloso atraiu pela segunda vez, com irresistível magnetismo, minha canhota pesada. O homem dobrou-se sobre o tear.

Pressenti horrível desastre. Em minha mente brilhou este aviso:

– O tecido vai estragar-se todo!

Tomei o adversário pela roupa e tentei pedir socorro. A lançadeira funcionava com rapidez colocando o fio de seda completamente desordenado. Deixei o corpo de Felipe cair ao chão. Quase nem acreditei ao ver-me corrigindo a textura com tal presteza que todo o pano se salvou. O mestre acudiu. Nem olhou para o ferido. Desligou a chave da máquina e começou a examinar através da lente o pano azul-marinho brilhante. Tinha o corpo encostado à minha perua, quando levantou os olhos e balbuciou, balançando a cabeça em sinal de aprovação!

– Perfeito...

...

“Seu” Assunção estava quase elétrico.

– Mas eu quis aplicar seu conselho, patrão. Falei tudo ao ouvido. Não adiantou nada!

– Mas o que o senhor falou?

– Ah! Isso não posso contar...

– Pois fique sabendo que se desta vez ainda o aturarei aqui dentro não é porque preciso de seu concurso. Tenho dó de sua esposa, uma senhora que nunca me deu o menor motivo de queixa em doze anos de serviço. Coitada! Casada com um desordeiro, provocador de brigas! Trate de ir para a portaria e veja se não envergonha mais esta fábrica.

Sentei-me no meu posto terrivelmente acabrunhado. Desorientara-me por completo. Chorei. Não sabia ao certo o que me acontecera e muito menos o que ainda havia de suceder. Quis ordenar o pensamento. Não foi possível. Parecia que minhas ideias dançavam nas labaredas de uma fogueira.

– “Ânimo, ânimo e sempre ânimo!” Ora, vá lamber sabão, seu Den... Den... como é mesmo o nome do sujeito? Ah! Dante. Não. Esse é o da “Divina Comédia”. Inferno de Dante... Sim! Eu estava no inferno. Não havia a menor dúvida... E o Diabo é o Felipe... Não. É o Assunção! Ele vai ver quando sair à rua!

Levantei um pouco a cabeça de sobre o braço cruzado que escondia meu rosto e nele minhas mágoas. Divisei com os olhos umedecidos moças trabalhando na sala de tecelagem. Lembrei-me de Manoela. Ela aprecia tanto o Assunção! Que fossem os dois para o Inferno! Hoje, nem Assunção, nem Felipe saem inteiros desta maldita fábrica!

Súbito lembrei-me estarecido de uma coisa. Eu começava a parecer o Pedro Maneta do tempo de desânimo! O “manancial de contradições”!... Assim me chamara Juca Brito. Eu só adotei a frase como D. Joana que perfilhara o “dá-se um jeitinho” do dentista. Seria “eu” mesmo quem fizera todas essas ameaças criminosas, ou fora “ele”?

Parece que não me identificava a mim mesmo.

Em todo caso – teimei – é necessário um revide a essas injustiças. Ensaiei o pedido de demissão. Consultei o relógio. Dezesseis e vinte. O Assunção sairia daí a dez minutos! Não podia perder tempo! Hesitei um pouco. “Ânimo, ânimo...” Ora, seu Danton (agora me veio o nome!), esse rifão pode ser usado de tantas maneiras diferentes!... Ânimo para fazer o mal, ânimo para fazer o bem e ânimo até para ser covarde!

Surpreendi-me batendo à porta de mola.

– Entre.

– “Seu” Assunção. Desejo pedir-lhe muitas desculpas mas não posso permanecer num cargo e nele envergonhar esta firma, só por



questão de caridade. O senhor queira mandar arranjar outro, que estou resolvido a não ser mais seu porteiro.

O homem não se abalou.

– Pois o senhor não será mesmo. Acabo de arranjar um novo porteiro.

Titubeei. Quis fazer-me de forte e ficar quieto. A pergunta, porém, escapou espontânea mas fracamente de meus lábios:

– Quem é?

– Seu Felipe, meu caro. O senhor não sabe que há tempos ele almeja ocupar esse posto? O senhor está, portanto, dispensado. Até logo...

A fábrica parece que afundou uns cinquenta metros com telhado e tudo. Quase não achei o caminho da porta.

– Espere um pouquinho, “seu” Pedro.

Ele ria. – Cinismo! – verberei intimamente.

– O senhor não se esqueceu de nada?

Silenciei com rancor.

– O senhor não me perguntou quem vai ficar no lugar do “seu” Felipe!...

– “Nem quero saber” – disse para mim mesmo.

– A fábrica precisa de homens hábeis, que sejam capazes de apresentar tecidos perfeitos mesmo quando as condições de trabalho não forem perfeitas. Nós não sabemos o que pode vir por aí...

Pausou ligeiramente.

– Sua atuação, esta tarde, provou que Pedro Martinez é o homem do tipo de que carecemos. Amanhã o senhor pode tomar conta de seu novo posto.

Senti a fábrica elevar-se uns quinhentos metros e eu quase escapular pelo telhado, voando em direção ao Céu. O vulto das coisas se deformou à minha frente. Lacrimejava.

Mesmo assim escondendo os olhos e enxergando pouco percebi que o Assunção me acompanhou até a porta com o olhar. Esta bateu três pancadas em “diminuendo”, enquanto eu saía pelo comprido corredor.

À noite registei o ocorrido no “Diário”:

– Hoje ganhei a maior vitória de minha vida: o tear. O Assunção me nomeou para começar amanhã.

Lembro-me como se fosse hoje que Manoela segurou o lápis junto comigo e nossas mãos juntas traçaram aquelas duas linhas.

A caligrafia saiu meio ilegível. Tiritávamos de frio. Nem pusemos a data.

Não era preciso.

Essa noite de 25 de julho de 1927 nunca mais saiu de nossa memória.

## A CRISE FOI MUNDIAL!

Desde a manhã de 26 de julho em que Felipe, com nova cruzeta de esparadrapo sobre o queixo, sentou-se na cadeira de encosto exageradamente côncavo da portaria, e eu, numa radiosa e incontida satisfação, assumi o seu antigo lugar, nossas desavenças e desconfianças cessaram quase que por completo.

Parece que se processara na organização da fábrica um reajustamento felicíssimo de funções: Pedro e Felipe voltaram a ocupar o posto para o qual haviam nascido.

Por essa época, apesar dos conselhos de papai, tio Augusto iniciara uma série de compras de café na Alta Mogiana. Seus negócios não iam mal. Nas últimas vezes que voltou a São Paulo, nem veio mais para a Pensão Madrid. Hospedava-se no Hotel d'Oeste em companhia de colegas do comércio.

Certo sábado papai nos convidou para almoçar na Pensão Madrid. A boa D. Joana preparou respeitável ajantarado.

Sentamo-nos. Eu de frente para Manoela e tio Augusto face a face com papai.

Manoela deixara nosso filhinho na cama de papai. O pimpolho era já de quatro meses. Comentou ao lado, para titio, querendo agradá-lo:

– Ele se chama Augusto... Será que vai ser ativo como o senhor?

O homem não deu muita importância. Percebi que minha esposa ficou meio ofendida.

– Os meus negócios – continuou ele dirigindo-se a papai – vão otimamente. É preciso fazer um pouco de esforço, isso lá é, mas compensa. Você imagina que neste mês tirei dois contos de réis livres de toda despesa de viagem.

Eu estranhava esse Augusto, que devia sua vida ao nosso suor, falar em dois contos de réis livres e nem ao menos nos convidar para

um almoço no Hotel, sendo preciso papai nos reunir na humilde sala de D. Joana.

– Você tem que ver, “hermano”, como me trato nesses hotéis do interior. Já sei onde há do melhor. Essa mesa aqui é até ridícula perto das que eu frequento.

Abaixamos os olhares estupefatos. – Será que o homem delirava?

– E depois de comer fartamente eu nunca deixei de fazer uma hora de repouso. É conselho médico. Você nem imagina como me sinto forte. Veja como estou gordo.

Olhei para os dois. Meu pai com o rosto magro refletindo energia de ferro. Seus cabelos, quase todos brancos, contrastavam lindamente com o moreno da pele. Tio Augusto possuía uma gordura flatulenta e branca. Não tirava o “cachecol” que tampava todo o pescoço. Papai tinha o peito vermelho, quase à mostra, num triângulo colorido pela camisa colorida.

– De fato – disse meu pai com paciência forçada. – Você está gordo, sim. Nem parece o mesmo de quatro anos atrás.

– Eu – continuou titio, sem querer olhar o passado – sei me tratar. Se não jamais chegaria onde estou.

“Esse sujeito só fala ‘eu’... Parece que não existe mais ninguém para ele neste mundo!” – pensei para depois perguntar: – O senhor ainda faz “pneu”?

– De mês em mês, menino. Mas isso não impede a realização de meus planos...

Papai observou:

– Dizem que não é bom muito trabalho...

– Ora, mano. Eu me controlo muito bem. Você sabe. Tenho facilidade em resolver as coisas.

Francisco trouxe várias sobremesas. “Será possível” – pensei comigo – “que nos tais hotéis do interior ainda houvesse maior variedade?!”

Terminávamos o almoço quando começou a chover.

– Feche a janela, Francisco! – ordenou D. Joana.

Titio consultou o relógio.

– Preciso estar às duas na cidade. É – resmungou contrariado. – Hoje, meu repouso vai ficar para mais tarde. Aqui na pensão há telefone? Não? Então mande o Juquinha pedir um táxi para mim...

- Não é preciso, Augusto. O bonde passa logo na esquina.
- Ora, João. Eu tenho pressa.
- Está bem, está bem...

Daí a poucos minutos descíamos a escada. D. Joana nos acompanhou. Titio olhou a chuva mal-humorado. Conservou-se à saída, resguardando-se. Fui abrir a porta do cabriolé.

– Sai da frente menino! – era Augusto, a empurrar Juquinha na corrida. Apertava uma mão a gola do paletó, que se empinara em volta do pescoço. Afundou-se na almofada traseira.

- Que chuva!
- Largo de São Bento – indicou ao chofer.

Bati a portinhola, notando que o homem nem dava conta de minha presença.

- Até logo, tio.
- Ah... Até logo, Pedro – exclamou indiferente.

Voltei à entrada. Papai comentou.

- Esquisito esse Augusto!...
- Esquisito, não! – emendou D. Joana. – Explorador!

Passados alguns dias recebíamos uma carta assinada pelo gerente da pensão onde tio Augusto se tratara durante dois anos. Acusava o recebimento de duzentos e cinquenta mil réis, com os quais saldávamos nosso débito. O recibo, que logo foi para a cesta do lixo, era datado de 14 de junho de 1928.

...

- “Seu” João Martinez está?
  - Está dormindo. Para que chamar o homem a uma hora dessas?
- D. Joana, do alto da escada, respondia ao empregado do

Sumaquero.

- Telefone. Dizem que é urgente.

A porta do quarto de papai quase arrebentou com as pancadas da mulher.

- Já vou! Que é isso?!
- Telefone. No depósito do Sumaquero. Dou minha orelha cortada como é aquele animal do seu irmão...

– Ora, D. Joana, não fale asnices. Mande dizer que já vou...

Papai contou-me mais tarde que saiu à rua só com o capotão sobre as ceroulas. Chovia muito. A escuridão da noite e a rua deserta agouravam-lhe coisas tremendas.

– É ali – indicou o Sumaquero.

João tomou o fone.

– Pronto!

– É o João? – a voz rouquenta de titio soou meio inaudível.

– Sou, que é que aconteceu?

– Nada, meu mano. Apenas a crise. Você não ouviu falar nela? Começou na Europa há dois anos. Estourou em Nova York e veio fazer-nos uma visitinha nesta primavera. Chegou em má hora. Estou com duzentos contos de réis parados em Santos. Os vendedores me apertam. Você sabe duma coisa? Comecei a escarrar sangue novamente.

– Onde está você? Dê um jeito de voltar para Campos!

– Que Campos! Desta vez não adianta. É recaída fulminante. Eu conheço essa doença. Olha, João: nem me interessa mais a vida. Perdi a minha “chance”. Agora só me restam “cadáveres” e eu prefiro viver junto a defuntos verdadeiros. Já me pareço bem com eles.

– Por favor, Augusto! Diga-me onde você está!

– Olhe o maninho dedicado... Quem sabe você pretende pagar os meus débitos? Sossega, João. Não vá gastar dinheiro por minha causa. Eu não duro mais uma semana. Meu consolo é que vou passar um logro nessas aves de rapina que não largam de me cobrar noite e dia, acreditando que tiram de mim alguma coisa.

– Mas você é meu irmão, Augusto! Meu irmão! Eu preciso salvá-lo...

– Ainda não desistiu de suas quixotadas?

Tossiu repetidamente.

– Augusto! Augusto!

O telefone silenciou deixando nos ouvidos de João um barulho semelhante ao produzido pelos caracóis... Chua!...

Era como se ondas enormíssimas o sufocassem no oceano do desespero.

Chamou a telefonista e perguntou onde fora feita a ligação.

– Posto público de Franca – informou em tom arrastado e profissional.

...

Na manhã seguinte embarquei com papai na estação da Luz. O velho já completara cinquenta e nove anos e sua ansiedade era tal que temi não fosse capaz de se orientar sozinho.

A certa altura na longa viagem notei que balbuciava balançando a cabeça ao chocalhar das rodas:

“Mas é seu irmão... Mas é seu irmão...”

Tinha os olhos parados. Nos dedos meio largados, apagava-se um cigarro...

...

O aviso de tio Augusto não fora dramatização. Encontramo-lo num pavilhão da Santa Casa destinado aos tuberculosos. Brilho intenso iluminava-lhe o rosto.

– Quis morrer num lugar condigno – explicou num esforço doloroso. – Pelo menos aqui não me vêm cobrar...

– Você não vai morrer nada... Tenha um pouco de paciência. Já não venceu uma vez?

– Venci porque pensava poder realizar alguma coisa. Ganhar uns cobres... Entendeu? Uns cobres que nesse “craque” mundial me fugiram das mãos... Você se lembra daquela manhã de 1910 em que o chamei de medroso?

– Oh! Isso não tem importância...

– Tem sim... O medroso sou eu. Tenho medo de viver! Tudo é incerto e tenebroso...

Tossiu, magríssimo, naquele fundo de franhas brancas.

– Acalme-se, Augusto. Não fale tanto...

– É só mais um pouco... Tenho dó dos que ficam. Há de vir muito sofrimento, muita dor a este mundo. Não serão, porém, para mim. Não me alcançarão. Não me alcançarão! Ouviram! Eu fugi das sombras. Que elas fiquem para os trouxas que ainda querem viver!...

Falara demais. Um fio vermelho de saliva e sangue corria-lhe pelo canto da boca.

Subitamente vomitou mais uma bolota vermelha. Novas golfadas se seguiram convulsionando-lhe o tórax.

Gritamos pelo enfermeiro. Este chegou com umas toalhas e ordenou a alguém que chamasse o médico.

Olhou para Augusto e fez, meio indiferente, um sinal negativo com a cabeça...

## CAMINHOS DIVERGENTES

Manoela esperava mais um bebê. Em maio de 1930 nasceu a menina. Encarnação, o seu nome, em honra da avó.

Sugeri a papai numa tarde em que contemplávamos a garota:

– Por que o senhor não larga o serviço e fica se divertindo com os netinhos? Eles gostam tanto do vovô. Eu lhe pago a pensão, ou se achar melhor o senhor virá morar conosco...

– Nada disso, meu filho. Nem vinte crianças chorando e rindo substituem o encanto do matracar das máquinas.

– Mas o senhor já tem sessenta anos!

– Que é que tem isso? Pensa que eu sou pior do que você com seus trinta? É pena que não trabalhemos na mesma fábrica. Queria ver quem estaria melhor.

– Olha que eu com dezesseis anos já ganhava mais que o senhor...

– Isso são coisas passadas...

– É verdade. Naquele tempo eu tinha dois braços...

– Ora, meu filho. Eu não me referia a isso. Eu também tive um braço quebrado a me atrapalhar a vida: a asma do Augusto.

– E a tuberculose também... Todos têm um braço quebrado neste mundo.

– Foi isto que o Augusto não quis compreender... Também ele, coitado, perdeu-o duas vezes!...

Manoela nos interrompeu:

– Que prosa séria para domingo!

Papai almoçava conosco aos domingos, deixando D. Joana meio enciumada. Um dia Manoela tentou acabar com os despeitos e insistiu junto à espanhola para que acompanhasse papai.

– Não, D. Manoela... Imagine eu não tomar conta do almoço na Pensão... O Francisco me deixa virar tudo em bagunça... Tiraria todo o meu prestígio...

Sentamo-nos para o almoço. Augusto, então com dois anos, já tomava parte nas refeições, em pé sobre os joelhos de Manoela. Estava gordo, com um blusão de lã vermelha sufocando-lhe o pescoço. Tomou a colher com a canhota. Pensei... Não! – corrigi logo. Todas as crianças começam a usar as duas mãos indiferentemente. A causa daquilo não era o pai ser maneta. Manoela tocou-me o braço.

– Sirva o macarrão...

Era um meio-dia silencioso. Coisa rara naquele fundo de casa. Parecia haver muita paz. Todos nós tínhamos apetite e alegria.

Fui recordando uma porção de coisas. Juca Brito tivera razão. Ali estava Manoela, uma dona de casa diferente das outras. Parece que o mesmo halo diáfano daquela janela da fábrica continuava a contorná-la. Um gozo quase que infantil se extravasava de meu coração. Manoela me tornara tão feliz! Moça de ideias (e que ideias!) deixar todos seus sonhos de independência para se casar comigo, um maneta... Comecei a sentir necessidade de crer em milagres...

Meus filhos tinham tanta saúde!

Papai, apesar de meio enrugado, parecia forte e disposto a não se aposentar tão cedo. Encarnação choramingou no quarto.

– Ah! – exclamou Manoela levantando-se. – Ia me esquecendo da mamadeira...

Saiu com o mesmo passo firme de certa manhã primaveril de 1925. Ouvi-a afagando o bebê com um estalar de lábios.

Sentimo-nos sonolentos quando saímos para o quintal. Abusáramos daquele almoço avantajado. Chamei Manoela.

– Deixa a cozinha para mais tarde. Venha conversar um pouco.

Sentamo-nos fazendo o tronco da amoreira de encosto. Papai acomodou-se numa banquetta, à sombra da mesma árvore.

Tomei a mão de minha esposa e fiquei a batê-la molemente sobre seus joelhos.

Nisso o Juquinha, agora um rapaz de quatorze anos, apontou no portão da entrada comum do prédio.

– “Seu” Pedro! – gritou ele.

– Estou aqui, Juquinha.

Ele se aproximou.

– D. Joana mandou chamá-lo. Disse que é para já.



– Que será? – perguntei meio rindo a Manoela.

Sai rápido. D. Joana me esperava na esquina.

– Essa “coisa ruim” na casa da gente. O que vai ser da Pensão Madrid, meu Deus do céu?!

– Que “coisa ruim”?

– Sei lá. A diaba disse que é sua amiguinha. Onde foi o menino arranjar dessas coisas?!

Subi a escada de três em três degraus, adivinhando tudo.

Sim, era ela! Mas que coisa horrível. O pó de arroz subia ao cabelo armado, borrando-o. A boca rebocada a alto relevo com batom de segunda. Na pele empoadada duas manchas de *rouge* e uma pinta negríssima.

Todo este aparato não disfarçava um semblante de profunda fraqueza e prostração.

– Ainda me conhece?

Afirmei lentamente com a cabeça.

– Pois é, foram os homens que me fizeram assim... Feia, empapada e acabada. Nem dizer gracejos sei mais. Lembra-se do “engraçadinho” do Viareggio?

– Lembro-me. Eu nunca quis que você se tornasse o que é hoje...

– Por isso o estou procurando. Soube que está bem agora.

O Assunção costuma dar bons ordenados...

– Que quer dizer com isso? – perguntei sério.

– Ora, você já me pagou tanto almoço... Será que não poderia me dar uma ajuda por mês?...

– Por mês?!

– Sim, por mês. Ninguém ficará sabendo.

– “Menos D. Joana” – pensei comigo. – “Dou a mão esquerda para ser queimada se ela não estiver escutando na cozinha.”

– Vou consultar minha esposa.

– Esposa? Como anda ele!... – sua voz estava rouca e sarcástica, igual à do tio Augusto.

– Onde poderei mandar entregar o dinheiro se por acaso ela consentir?

Escreveu o endereço num papel, enquanto eu afundava a mão no bolso da calça. Saiu uma nota de dez mil réis.

– É o que tenho. Futuramente talvez você receba mais. E agora até logo!

Ela parecia comovida. No segundo degrau parou e voltou-se para mim com humildade.

– Você me desculpe, mas eu preciso demais.

– Tem andado doente?

– Não. Tenho andado com fome.

Desceu o resto da escada, contando, cabisbaixa, os degraus.

Voltei correndo à cozinha. Agarrei D. Joana pelo braço gordo. Ela afastou-se assustada.

– A senhora não diga nada do que viu para alguém. Entendeu?

– Mas, meu filho! Se eu não vi nada?...

– Se não viu, ouviu.

– Ouvir, ouvi mesmo. Mas não é preciso ficar zangado só por causa disso. Você sabe tão bem que eu não conto nada para os outros...

Em casa expus o acontecido, perguntando o que achavam da ajuda em dinheiro. Fiquei admirado quando ambos concordaram. Papai levaria todos os meses vinte mil réis a certa rua suspeita no centro da cidade.

Estávamos, sem saber por que, muito tristes.

– Péssima história para uma tarde de domingo – comentei. – Essa Julieta, depois de seis anos ainda aparece para aborrecer a gente!

– Contudo devemos ajudá-la, meu filho. Ela também perdeu um braço...

– E braço muito mais valioso que o meu – completei.

Na rua passava uma procissão. O hino entoado pelo povo chegou aos nossos ouvidos:

*Vestida de branco ela apareceu,  
trazendo no cinto as cores do céu  
Ave, ave, ave Maria  
Ave, ave, ave Maria.*

Contrastei no pensamento:

*Alvura santa na roupa de Maria...  
Brancura decaída do rosto de Julieta...*

## O “BAR” DO GIMENEZ

O tempo e, modéstia à parte, algumas qualidades para o trabalho foram-me tornando respeitado no meio dos colegas. Mais do que isso. Mesmo entre pessoas de outras ocupações, Pedro Martinez passou a ser olhado como exemplo de probidade e energia.

Surpreendeu-me várias vezes a confiança de certos homens, alguns mais velhos do que eu, depositando em minhas mãos tarefas bem delicadas. Uns me incumbiam de indagar sobre a vida do futuro genro. Outros pediam-me que conversasse com o patrão se não seria possível um aumentozinho no ordenado. Outros ainda me entregavam a desagradável incumbência de acompanhar um doente à Santa Casa.

Fazia tudo isso com prazer, não sei bem ao certo se por uma vaidadezinha muito humana, se arrastado pelo exemplo de Juca Brito ou se impulsionado realmente pelo princípio do Bem, que luta em todos os corações contra as forças do Maligno.

O fato é que me achava superior ao Pedro Martinez de dois braços no sentido de ser mais útil aos que me cercavam. Dez anos após meus dias de apogeu na Silva Salles, sentia-me muito mais integrado à sociedade, muito mais dono de mim mesmo, muito mais feliz.

Não sei por que cargas d’água meti-me por essa época numa aventura que por pouco não se tornou desastrosa para minha carreira.

– Foi vaidade – explicou-me mais tarde Juca Brito. Você é um indivíduo que não pode receber elogios. Fica logo emproado como pavão.

Hoje compreendo quanta profundidade havia nessas palavras do amigo.

Foi Felipe, de cuja amizade eu não tinha mais quase nenhuma dúvida, quem me levou certa noite ao “Bar do Gimenez”.

Digo “bar”, porque a venda do Gimenez nunca me fora desconhecida.

A clássica lâmpada de quarenta velas, num pendente preto de moscas; vários sacos de juta expondo os mantimentos; um armário envidraçado tendo em cima seis boiões de balas e dentro três prateleiras com doces, pães e chocolates, tudo velho; o balcão coberto de mármore esburacado com cálices em desordem na pia de ágata; linguças penduradas num cabo de vassoura seguro ao teto alto e encardido por

dois longos fios de arame qual trapézio de circo; mesas de ferro pintadas de marrom e poucas coisas mais.

Venda sem higiene como as outras, na qual Manoela pouco comprava, temendo os preços variáveis e o péssimo estado dos produtos.

Naquela noite de 1935, não parei na venda humilde do homem. Ele me olhou com certa admiração pouco amável, quando seguindo a Felipe passei a porta de vidro remendada com pedaços de madeira, que me conduziu a um corredor mal iluminado, muito úmido.

Descemos alguns degraus e subitamente brilhou aos meus olhos uma lâmpada dez vezes mais forte que a da venda.

Felipe escancarara a porta no fim do corredor de modo que a claridade nos enfrentou subitamente.

Alguém anunciou com voz forte:

– Camarada Felipe!

Aquele “camarada” me fez entender tudo. Quis recuar, mas duas coisas me detiveram: curiosidade e medo.

Vi a sala cheia de fumo e cerca de vinte homens sentados em cadeiras junto às três paredes. Na quarta, atrás de uma mesa, dois indivíduos debruçavam-se sobre a mesma, sentados em poltronas de madeira preta entalhada.

Havia um lugar vazio no meio dos assistentes. Felipe dirigiu-se para lá e sentou-se.

Quando passei a soleira todos se levantaram e juntos fizeram uma espécie de “hurrah”, que me intimidou bastante.

Um dos que estavam à mesa falou em tom firme:

– O Diretório da Aliança Nacional Libertadora na Mooca convida Pedro Martinez, cidadão espanhol, a tomar assento conosco na direção desta assembleia.

Estranhei duas coisas: primeira, o português correto daquele desconhecido e segundo aquele “cidadão espanhol” com que me adjetivara. Há anos que me julgava brasileiro para todos os efeitos...

Só então notei que a poltrona do seu lado direito estava vaga. Sentei-me, admirando minha falta de cerimônia. A casa toda me imitou, exceto o tal desconhecido.

Percorri os presentes com o olhar.

Nenhum me era estranho.

– Continuemos os trabalhos – ordenou o presidente. – Camarada Garciez, representante da Gráfica Paulista!

Levantou-se aquele rapaz, cheio de disposição e sem-vergonhismo, referido como um dos três mosqueteiros da esquina Piratininga-Moooca, em 1925. Grande felicidade para quem escapou de se casar com ele! Formidável elemento para “a ação” aventureira do núcleo comunista. Sem alguém para lamentar sua morte, ele poderia agir com muito mais “desprendimento”.

Deu um relatório lacônico mas completo:

– Contamos com isso, esses e essas...

– Camarada Sumaquero, representante na Companhia Wilson!

Levantou-se Ramon, filho de Francisco Samaquero, dono do Depósito.

– “Outro dos três mosqueteiros!” – pensei. Estou mais aliviado. Se é com esse povo que contam!...

Vinte relatórios foram apresentados. Vinte representantes. Vinte fábricas! Comecei a temer novamente.

O presidente expôs então o plano no seu conjunto. Coisa perfeita, como todos os planos... Quando terminou a concatenação das diretrizes para o levante, fez uma pequena pausa.

– Só nos resta – disse com calma – determinar a função do camarada Pedro Martinez.

Desejei protestar contra aquele excesso de “camaradagem”. A fisionomia impassível do homem deteve-me, porém, numa hesitação dominadora.

– O senhor trabalha com o Assunção. Não é?

Continuei calado.

– O camarada Felipe já nos contou das suas formidáveis qualidades de “boxeur”. Que tal uma “aplicaçãozinha” no cangote do Assunção?

Prossigui sério:

– Já sei que o senhor aceita. Mesmo porque nosso amigo Felipe estará acompanhando sua brilhante atuação.

Virou-se para Felipe.

– Não é, camarada?!

Este riu, abrindo o paletó. Na cinta brilhava um revólver.

Entendi a ameaça.

– Sua função não vai ser só essa, camarada Martinez. O senhor tem capacidades de outra natureza.

– Secretário Barrinuevo, mostra-nos o mapa do Diretório – ordenou à esquerda para o companheiro.

Foi-lhe entregue um canudo de cartolina, que ele desenrolou sobre a mesa.

– Aqui. Veja...

Debrucei-me e li num retângulo bem desenhado a tira-linhas:

Presidente – Camarada Martinez.

De meu nome desciam várias linhas que terminavam em outros retângulos de cor diferente:

1º) Alimentação e Saúde – Camarada Gimenez. “O maldito dono desta venda – comentei comigo. Quando a revolução vencer vamos passar a feijão carunchado e arroz com areia!”

2º) Divertimentos e Esportes – Camarada Felipe. “O coitado em questão de esportes só deve entender de boxe!”

3º) Moral e Instrução – Camarada Garciez. “Será que estão querendo trazer a poligamia para a Mooca?!”

Havia ainda outros comissariados. Dos lados do meu retângulo vermelho duas linhas da mesma cor ligavam-no a quadrados traçados em tinta verde. No da esquerda lia-se: Tesoureiro – Camarada Ramon Sumaquero. (O pai, dono de um depósito de ferro-velho, não permitia que ele lá trabalhasse para evitar desfalques...)

No da direita estava escrito: Secretário – Camarada Barrinuevo. (Ora, o Barrinuevo é sapateiro. Em todo caso dizem que escreve mais ou menos...)

– Que tal? – perguntou o desconhecido presidente. – O camarada Martinez dirigindo o povo de dez quarteirões da zona Mooca?

Medi bem aqueles homens cheios de entusiasmo e não sei por que razão comecei a pensar: “Está aí uma oportunidade de se melhorar as condições da vida desse povo. É verdade que o comissariado é constituído de ineptos. Mas eu posso agir sem consultá-los. Minha mente povoou-se de fotografias da Rússia espalhadas pelos propagandistas do credo vermelho. Vilas para operários com higiene absoluta... Creches onde

até o leite materno tornava-se comunizado... Navios carregados de trabalhadores em viagem de recreio... Campos de esportes para todos os sexos e idades... Saúde! Progresso! Entusiasmo!...

Agora me apresentam como o elemento de confiança para dirigir a execução de tudo isso aqui no meio de meus colegas! Aqui na Mooca que se tornou a minha própria vida. Sim! Arrasar aqueles cortiços insalubres e erguer arranha-céus para meus colegas! No dia da inauguração fazerem-me um discurso de agradecimento e Manoela cortar a fita simbólica na entrada suntuosa do edifício! Que grande oportunidade para fazer o bem!... Não deveria perdê-la. Mas... Quando ia começando a raciocinar, cortaram-me o pensamento.

– Nós contamos com a sua colaboração, presidente Martinez!

A tentação tornou-se forte demais. Afinal era só fazer o Assunção “dormir” com um soco. O resto segundo me afirmaram estava perfeitamente armado em todo o Brasil.

Se eu recusasse e o movimento vencesse, iria para a parede de fuzilamento. Isso era inevitável... Se o movimento não vencesse, estávamos combinados de nenhum acusar o outro. Eu mandaria queimar aquela cartolina e o próprio Assunção seria capaz de se responsabilizar pela minha liberdade, caso eu fosse preso.

Por outro lado tive dó daqueles homens pobres e sem instrução. O Juca Brito de certo colaboraria comigo para elevá-los a uma situação melhor.

– Lógico que aceito – disse meio sem firmeza.

Todos se levantaram e ouvi o mesmo “hurrah” da chegada.

Começaram a abrir garrafas e mais garrafas de vinhos relativamente caros e até “Champagne”.

Nunca pensei que o “bar” do Gimenez contivesse tanta coisa! Mais tarde vim a saber que tudo aquilo era roubado pelos “camaradas”, empregados em fábricas de bebidas ou em casas importadoras de vinhos finos.

Ao sair, olhei para o grupo de casas, velho e alto, que abrigava aquele “bar” comunista.

Fiquei estranhando como até então não tivera sequer desconfiança de existência desse Diretório, ali, a meio quarteirão de minha residência.

## A TERCEIRA CRUZETA

Ficou combinado que daí a dois dias, às nove horas da manhã, dar-se-ia o motim.

– “Melhor” – pensei eu. Assim não terei tempo de me arrepender...

Nós, os operários, deveríamos apenas tomar conta das fábricas e nelas prender patrões, gerentes e elementos contrários.

Informaram-nos de que em todas as maiores indústrias de São Paulo o sucesso seria completo. A parte militar não falharia também de maneira alguma. No Rio de Janeiro, o nome de Luís Carlos Prestes parecia garantir a vitória da revolução.

Felipe estava sério fiscalizando a entrada para o primeiro período.

Alguns passavam indiferentes. A outros ele dirigia um movimento de expressões faciais como que querendo dizer:

– É hoje, camarada...

Quando eu carimbava a ficha ele me puxou pelo macacão.

– Às nove horas você desligue a força das máquinas e da luz. Eu trancarei o portão e as portas da saída...

– É para isso que você queria tanto ficar porteiro? – perguntei com ironia.

– A hora não é para brincadeira – emendou ele.

Entrei junto com outros para a sala.

Iríamos trabalhar com luz acesa, pois a manhã tinha-se escurecido pela chuva. Há tempos que eu trabalhava num novo tear enormíssimo. Alguns oficiais foram experimentados para tomar conta do mesmo e não conseguiram. Vários deles se feriram com o braço da lançadeira de aço, que funcionava a grande velocidade em socos trepidantes. O gerente temia colocar-me à frente daquela máquina possante.

– Se com duas mãos ninguém consegue dominá-la, quem dirá com uma...

Não havia, porém, mais tecelões para experiência. Fui chamado com certo cuidado e provei ser capaz de manejar o conjunto.

Agora, sentando-me ao comando, continuei a peça iniciada na véspera. O rolo da madeira ia se engrossando rapidamente com as camadas concêntricas de pano multicolor. Um belo e original padrão!

O gerente passou ao meu lado, inspecionando o andamento do serviço.



– “Ingênuo!” – pensei eu. Nem sabe o que lhe está reservado!

O braço da lançadeira resvalou em meus olhos. Quase me fere a testa!

Começaram a assaltar-me pensamentos esquisitos. Achei até engraçado o motim, que daí a meia hora iríamos realizar. Que estupendo prender aquela porção de inimigos na fábrica e deixá-los sem comida e sem comunicação! Não havia dúvida: o plano fora bem ideado. Para provocar o pânico, nada melhor! E um soco bem dado no Assunção, apesar de toda a bondade do homem, não seria desmerecido. Depois era só um murro... O patrão nem perceberia de onde viera.

Tive prazer naquela ideia de revolta. Estava no meu sangue o ferver, o exaltar-se, o movimento e a luta.

O relógio elétrico, comprado há poucos dias, marcava cinco para as nove. “Quando eu desligar a força ele vai parar exatamente com o ponteiro grande sobre o doze e o pequeno sobre o nove. Ângulo reto!” – exclamei admirando a felicidade de meu pensamento.

Alguns colegas principiaram a dirigir suas vistas para o meu lado. Aquilo me aborreceu um pouco. Sempre achei que poderia fazer tudo sem ser vigiado...

Não obstante encaminhei-me para as chaves. Abaixei-as e virei os interruptores da luz. As salas escureceram por um instante. Logo começamos a perceber os vultos. O primeiro a entrar na nossa seção para cientificar-se acerca daquele súbito silêncio foi o gerente, seu Silva. Dois tecelões o esperavam atrás da porta. Derrubaram-no com uma paulada e amordaçaram-no.

O Felipe entrou apressado pela mesma porta. Empunhava um revólver.

Nisso os “camaradas” já haviam segurado os colegas suspeitos e os encostavam a um canto.

O porteiro ordenou num berro:

– Ninguém tente reagir senão lá vai fogo!

Aproximou-se do meu tear.

– Desce daí. Trata de agarrar o homem.

Sai da plataforma. Felipe tomou o meu lugar.

– Nota bem, que daqui domino a sala toda. Não vá querer fazer uma traição...

Fui andando por entre pesado silêncio. Sentia todos os olhos concentrados na minha pessoa.

Passei uma fila de máquinas. Passei outra e então meus ouvidos distinguiram uma pancada de madeira sobre madeira. Mais três passos, ouvi outra mais fraca. Mais dois e ainda percebi, não sei se já na memória, ou se na realidade, uma terceira batida quase surda. Não podia haver dúvida! Era a porta do escritório do Assunção que se abria para lhe dar passagem!

Uma série de recordações impressionaram-me furiosamente.

Aquelas três pancadas... Juca Brito arranjando meu lugar de porteiro. O convite para polir torneiras na própria residência do Assunção, coisa que até esse momento continuava fazendo... A minha grande vitória em 25 de julho de 1927...

Senti passos arrastados no corredor.

– Eu atacar um velho reumático, que confiou tanto em mim e hoje nem pode andar direito?!

Várias cópias da imagem do Assunção moço ainda, como ele o fora há dez anos, apareceram-me a um só tempo rodeando a mente:

– O senhor é um elemento essencial para a boa ordem do serviço!

– Eu preciso do senhor!

– Eu preciso do senhor! – dizia em crescente imperativo o rasto de seus pés doentes, cada vez mais perto de mim.

Quis recuar. A boca niquelada do revólver firmou-se na mão de Felipe como que avisando: “Nota bem. Daqui domino a sala toda. Não vá querer fazer alguma traição.”

Os passos do Assunção cada vez mais claros e pertos!...

– Se ele aparece à porta, o Felipe o liquida de cima do tear... “De cima do tear!” – repeti iluminado. Não é lá que funciona o braço da lançadeira?! E as chaves não estavam ali a dois metros de meu braço?

Olhei para trás. Exatamente! A alavanca de ferro recuara e a cabeça de Felipe estava bem na trajetória de seu movimento, com os olhos fitos em mim.

Mais um passo e alcancei a chave que ligava a força para os teares da minha seção. Os motores assobiaram e dez máquinas começaram a matracar.

Felipe não aparecia mais por cima do “monstro” metálico. Deveria ter sido atingido!...

Corri para seu lado, derrubando dois amotinadores que tentaram impedir a minha fúria.

Levantei o homem do chão e quis soquear-lhe o queixo. Só então notei uma coisa. Este sangrava e Felipe desmaiara: o braço da lançadeira se incumbira de minha “função”.

Alguns operários correram para me enfrentar. O revólver de Felipe salvou-me a situação.

– Todos à parede! – ordenei...

O Assunção entrava na sala.

. . .

À tarde sabíamos pelo rádio que o movimento estava quase sufocado na Praia Vermelha e na Escola de Aviação do Rio.

Nas fábricas de São Paulo falhara completamente, bem como nos quartéis.

Seu Assunção não comunicou nada à Polícia. Ele com o Silva averiguaram os fatos e o serviço continuou na mesma. Apenas as dez máquinas da minha seção tiveram o motor queimado devido àquela “partida” súbita executada por todos os teares ao mesmo tempo.

Mais duas coisas dignas de nota:

Felipe voltou ao serviço com a terceira cruzeta de esparadrapo no queixo e nós ficamos desapontadíssimos quando no fim do mês os pagamentos vieram com um aumento de cinco por cento para todos...

Esse Assunção tinha cada uma...

## DOIS OUTONOS DE VIDA

O gesto do Assunção granjeou-lhe tal respeito por parte dos empregados, que daí a meses, quando as greves se sucediam quase diariamente em todas as tecelagens, nós trabalhávamos na mais perfeita ordem.

Procurei novamente Juca Brito em uma tarde ao sair da fábrica e contei-lhe todas essas ocorrências.

– Por que você não veio conversar comigo antes de se meter com esses mazorqueiros? Se o tivesse feito, garanto-lhe como nunca teria querido saber de se tornar presidente de diretório comunista.

– É por isso mesmo que não vim. Nunca tive dúvidas de que o senhor reprovaria minha conduta...

– E o Assunção deu uma lição em vocês... Pois é, meu Pedro. Às vezes estou lendo minha Bíblia (Esse homem não pode ficar sério sem falar em Bíblia!) e fico pensando que ela não é um livro muito inútil. Olhe esses industriais apertados com o problema de operários e o Assunção produzindo para um mercado de preços excelentes. Dizem que tem ganho um colosso!... Ele aprendeu a vencer o mal com o bem. É o único jeito de se acabar com revoltas e greves. Isso está na Bíblia. “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem...”

– Ora, seu Juca. O Assunção nunca leu a Bíblia!...

– Isso lá é. Nem você. Quem sabe você gostaria de ler um pouco.

– Eu não. Nem tenho tempo...

– Bem – disse ele, notando ironicamente o meu susto. – Mudemos de assunto. Como vai o Augusto?

– Agora em 36 vai começar o grupo. Já tem sete anos. A Encarnação está cada vez mais comilona. Briguenta como o pai. Bate em moleques muito maiores do que ela. Agora deram os dois para comer “pizza” toda tarde. Mal o “seu” Domênico aparece com a lata às costas, eles se agarram ao avental da mãe: “Duzentão, só... Vá, mãe...”

Manoela teme que assim demais faça mal, mas tem dó de recusar.

– Qual! Criança pode comer até parafuso...

– É mesmo. E os seus?

– Olhe, Pedro. Nem quero falar! Norma e eu temos andado num aborrecimento doloroso. Os três filhos dela nasceram mulatos e deram para se julgarem superiores aos três da falecida Maria, que são retintos como eu. Nunca imaginei uma coisa dessas em meu lar. Parece que são duas famílias secularmente inimigas. Xingam-se mutuamente:

– Pretinho!

– Bode!

– Negra beijuda!

– Mulata pernóstica!

– Ih! Meu moço... Dá vontade da gente chorar. Nem queira ver. Às vezes tenho medo de que Norma fuja de casa...

– E ela?

– É muito boa, a coitada. Diz que tem culpa tanto como eu... Que deve aguentar até o fim... Estou dando um jeito de mandar Antônio, o mais velho, estudar fora. Ele, porém, é o que menos briga!

– Se eu puder ajudar em alguma coisa.

– Não adianta. Desta vez quem precisa dar um jeito sou eu...

Tive que sair para o almoço. Ao descer a escada perguntei subjetivamente:

– Será que D. Norma normalizou de fato a vida de Juca Brito?

Uma voz muito íntima me repreendeu como se falando em nome da experiência.

– Então você não sabe que para Juca Brito tudo é normal?

Na esquina da rua da Mooca com Ana Nery encontrei papai voltando do serviço.

– O senhor veio a pé?

– Não. Vim de automóvel – disse brincando. – Está me achando com jeito de tio Augusto, menino?... Há vinte anos que faço esse trajeto e não me canso.

Já era noite e eu me sentia fraco de fome. Comecei a imaginar como não deveria estar meu velho pai que nem almoçava na Pensão. D. Joana, com carinho maternal, mandava-lhe todo santo dia, na marmita de alumínio, a comida gelada, que ele devorava com banana, pão e muito apetite.

– O senhor deve estar com fome...

– Fome, não! Posso ter apetite. Isso, todo sujeito de saúde tem.

– Papai, o senhor não é mais criança. Quem sabe nós poderíamos arranjar-lhe um lugar na portaria da fábrica... O senhor deixaria a Milanesa. Aquilo deve cansar muito. “Eu sei como ficar debruçado o dia inteiro sobre um tear acaba com a gente!”

– Quem não é mais criança e por isso deveria medir melhor o que fala é você. Então eu vou largar um serviço para o qual nasci, do qual gosto a ponto de não poder viver sem ele, para ir trabalhar em portaria? Ora, Pedro!... Você desista porque ninguém me desgruda mais do tear.

Chegávamos à porta da Pensão.

– Quer jantar comigo?...

– Não.

Ele passou a mão nos meus cabelos e riu com bondade. Seus dentes apareceram quase perfeitos.

– Então vá matar a fome e veja se tira isso da cabeça. Eu ainda estou forte. Diga a Manoela para me preparar um chá, logo à noite.

Aquele sorriso bondoso sombreava-se de velhice.

Lembrei-me de mamãe em 1918: – “Como foi a consulta? – Bem... Não era nada”.

Será que papai não estaria querendo seguir o exemplo da esposa heroica até o último cartucho, nessa batalha que se chama vida?

Aquele sorriso sombreado de velhice...

## MARTINEZ & SUMAQUERO

O ano de 1940 foi outro marco na minha existência.

Fui então procurado pelo Sumaquero, proprietário do depósito de ferro-velho e pai do Ramon, o candidato à tesouraria no falido plano comunista.

Começamos nossa conversa em casa e fomos acabá-la numa das mesas da venda do Gimenez, com várias garrafas de cerveja esvaziadas.

– O senhor sabe, “seu” Pedro Martinez. A guerra está fazendo o preço do ferro subir vertiginosamente. O estanho e mesmo o chumbo vão, do mesmo modo, alcançando preços fabulosos. Hoje ganha quem tem material. O senhor repara meu depósito como vive vazio. Tudo que tenho voa nas mãos dos compradores ao preço que eu determinar. Lucro bastante, mas idealizo um plano pelo qual nós dois juntos poderíamos ganhar muito mais. O senhor está vendo essa porção de vagabundos?

Indicou num gesto envolvente aqueles assíduos frequentadores da venda do Gimenez.

– Pois bem. Eles são as fontes de material para os nossos negócios.

– “Eu já sei disso há muito tempo” – pensei meio intrigado com aquela história tão comprida.

– O povo os chama de “ferro-velhos” e faz muito bem. Eles têm faro para metal. Descobrem um alfinete num paiol de milho. Quem possui esses camaradas possui material. Eles, porém, têm muitos compradores. Deixam às vezes de aceitar minhas propostas por mais duzentos réis que lhe ofereçam em outro depósito. Estou perdendo muito desses pequenos vendedores por causa disso. E nestes quarteirões só há um homem capaz de reconquistá-los. É o senhor. Não há outro. O prestígio de Pedro Martinez e o depósito do Sumaquero poderão dar dinheiro,

meu caro!... O senhor sozinho poderia comprar muito ferro. Mas onde guardá-lo?! Guardar! Esperar! Aí é que está o segredo. Esta guerra vai longe e o preço do material muito mais. O pequeno comprador não pode esperar porque precisa de seus vinte mil réis para comer amanhã. Mas nós que temos algum dinheiro acumulado podemos gastá-lo, enquanto acumulamos ferro que não se gasta! Que tal?

– Um plano muito bem feito para o qual o senhor não deve contar comigo – respondi.

– Por que não, “seu” Martinez?!

– Porque eu não sirvo para negócios. Não nasci para isso.

“Usted no nasció para esso.” Com que força singular essa frase de trinta anos repercutiu no meu coração!

– Não nasceu para isso! É. Não nasceu mesmo. O senhor veio ao mundo para ser eternamente um operário com quinhentos mil réis por mês e nenhum tostão no banco! Para viver naquele fundo de casa sem a menor comodidade! Para fazer a esposa se esgotar trabalhando na cozinha e na fábrica! (Manoela voltara a tecer numa turma que trabalhava até as quatorze horas.) Para no fim de tudo deixar o filho no trabalho e a filha casada com algum pobretão! Foi para isso que o senhor veio ao mundo, “seu” Martinez?! Pense bem...

Sumaquero falava convincente e entusiasmado:

– Eu nem estou lhe pedindo que abandone o emprego. Restrinja o tempo de trabalho apenas. O senhor fará as compras à tarde. Dou-lhe dez por cento sobre o material que conseguir colocar no meu depósito. Quinhentos mil réis, um conto de réis por dia, aparecem com pouco esforço! Veja quanto o senhor irá lucrar! Pelo menos dois contos por mês! Faça-me o favor, “seu” Pedro! Eu não estou exigindo demais em vista do que lhe ofereço!

Confesso ter me enchido de súbito entusiasmo com a história dos dez por cento à vista. Fiz-me, porém, de rogado.

– Quem sabe o senhor poderia arranjar outra pessoa para efetuar essas compras?

– Não. Não existe outro Pedro Martinez neste São Paulo inteiro. É preciso alguém que possua a simpatia e a confiança dos “ferro-velhos”.

– Terei eu tantas qualidades?

– Muito mais do que imagina. Espero que não venha desprezar essa confiança e sobretudo abandonar a oportunidade, que agora lhe ofereço, de garantir para os seus um futuro próspero e feliz.

. . .

Desde essa noite uma dúvida insidiosa começou a trabalhar em minha mente.

Afinal de contas há trinta anos eu entrara para o serviço de tecelagem e até então o que fizera de grande, de permanente?

Meus filhos eram vivos e saudáveis. Mereciam, por isso mesmo, melhores oportunidades para seu desenvolvimento.

De repente pensava em tio Augusto. Parecia-me um aviso aterrador. – Mas o coitado sempre se metera em transações ilícitas! Eu iria ganhar porcentagem justa, negociando ao lado daquele homem bem conceituado na praça – aconselhava o interesse.

Foi com esses pensamentos latejando na cabeça que entrei em nossa cozinha para o jantar. Seriam sete horas da noite e a comida ainda não estava pronta. Tive ímpetos de gritar e mesmo de bater em Manoela.

Lá estava minha esposa encostada ao fogão. Sorriu, como se me cumprimentasse. Fechei o rosto. Será que ela não percebia o atraso no horário?!

– Manoela. Devo sair logo. O Sumaquero me espera às sete e meia.

– Uhn. Espere um pouquinho enquanto eu frito estes ovos. São de quintal. Quem sabe você queria aproveitar para tomá-los cru?

Não respondi. Achei antipático o cuidado de Manoela.

– Os meninos foram visitar o avô no hospital. Estão demorando...

Comecei a me impacientar enquanto minha mão, tremendo, fazia a colher tocar uma desafinada melodia de encontro ao prato.

Avancei o braço até a panela de ferro e a coloquei sobre a mesa.

– Pedro. Por que você não deixa o arroz para misturar com o ovo?

Exasperei-me.

– E por que a senhora não apronta esse jantar na hora?! Onde passou a tarde toda?!

– Estive com seu pai no hospital. Ele não está nada bem.

Olhei Manoela junto àquele fogo agonizante e triste do fogareiro a carvão. Ventre caído, vestido largo sobre os ombros magros, parecia



profundamente contagiada pela melancolia da noite. Fiquei surpreso quando, em vez de simpatia, senti por ela forte repugnância e ordenei-lhe brutalmente.

– Veja se põe mais óleo em cima desse ovo! Isso vai ficar pronto hoje?!

Manoela estremeceu e eu continuei possesso.

– Vagabunda! Atrasa tudo! A gente nem pode mais atender aos negócios em tempo!

Largou a frigideira sobre o fogo e me enfrentou humilde e suplicante.

– Pedro. Você precisa largar esse negócio de comprar ferro-velho. Toma muito tempo e lhe dá tanta amolação!...

Quando me lembro do que se seguiu a estas palavras brandas de Manoela fico acreditando na possibilidade do demônio tomar conta da gente.

– Quem sabe do que eu preciso sou eu! Veja se não se intromete mais em minha vida e cuide melhor de suas obrigações!

Ela me olhava medrosa como uma criança.

– Que é isso, Pedro?!

– Fingida! – vociferei raivoso e antes que pensasse mais alguma coisa meu punho caía-lhe pesado sobre o rosto. Ela juntou as mãos escondendo a face e principiou um choramingar infantil, o que ainda mais me revoltou.

Saí correndo. O Sumaquero me esperava na venda do Gimenez.

Mais tarde Manoela me disse que nesse momento ela se sentou desanimada estendendo os braços sobre a mesa. Na cabeça pendida sobre eles uma série de pensamentos ferviam negros e funestos:

– Esses negócios... Essas facilidades que o Sumaquero oferece... Tudo assim de uma vez dá para desconfiar!... E depois que fiz eu para merecer tanta brutalidade?

Sumaquero me esperava alegre e bondoso.

– Então, o que lhe disse? Duzentos mil réis em poucas horas de trabalho. Você é um colosso, seu Martinez.

Esse elogio e a confiança no sucesso, demonstrada pelo negociante, pareciam uma nova luz a brilhar em minha vida naquela hora de aborrecimentos domésticos. Senti-me bem ao ver que poderia ganhar

muito e mostrar assim a Manoela que não eram necessários choros nem temores pelo fato de eu me embrenhar no ramo comercial. Ingênua a minha esposa! Se for me amarrar às suas ideias acabaremos os dois na pobreza. Nem parece a avançada feminista de 1925...

Sumaquero entregou-me uma nota de vinte mil réis.

– Sua comissão. O senhor sempre se esquece de ficar com ela.

– Oh! Obrigado. Eu preferia receber tudo no fim do mês. O senhor vai ficando com o dinheiro.

– Não. Nosso trato foi de eu lhe pagar à vista. Nunca deixo de cumprir a palavra empenhada.

Aquela demonstração de seriedade pareceu-me algo ensaiada. Apesar disso continuei a ouvi-lo com simpatia.

– Meu caro Martinez. O senhor parece que já viu a facilidade e a seriedade do nosso negócio. Creio que não seria pedir demais se o convidasse para o seguinte: o senhor abandonará as seis horas que ainda lhe restam de serviço na Fábrica e dará todo seu tempo para a compra do ferro-velho. A experiência de duas semanas feita pelo senhor autoriza-me a repetir que com um pouco mais de esforço e tempo essas compras poderão lhe garantir não só a subsistência como também a riqueza. Estou verdadeiramente empolgado com sua capacidade de trabalho! O senhor tem “bossa” para o comércio e isso é quase tudo!...

Raciocinei antes de responder: vinte mil réis vezes vinte e cinco dias são quinhentos mil réis. Para ganhar isso eu preciso trabalhar oito horas diárias a dois mil réis. Se eu concentrasse todas as minhas energias no negócio, poderia na pior das hipóteses tirar uns quarenta mil réis por dia, ou um conto por mês. Ia dando o “sim”, quando o Sumaquero ansioso pela minha demora prosseguiu:

– Talvez minha proposta não o agrade plenamente. Vou fazer-lhe outra melhor. Que tal mandarmos pintar na placa do depósito, em vez de Francisco Sumaquero, esta outra firma: Martinez & Sumaquero? O senhor, além dos dez por cento nas compras que fizer, terá uma participação nas nossas vendas. Não fica melhor assim?

– Ótimo – afirmei. – Está feito... Amanhã mesmo vou-me despedir do Assunção.

## UMA NOITE DE INSÔNIA

Manoela recebeu-me sorridente. Achei intragável aquele servilismo. Não estava de acordo com os meus pensamentos de conquista, com minhas ideias de grandeza.

– Os meninos já chegaram?

– Chegaram. Augusto saiu. Foi ao clube. Disse que iria jogar bola ao cesto. Encarnação já se deitou.

– Eu só perguntei se tinham chegado. Será possível que você não saiba dizer nada sem tagarelar desse jeito?!

Entrei para o quarto disposto a dormir. Aquelas caminhadas de casa em casa à procura dos vendedores encandeceram-me os pés. Estes parece que respiraram satisfeitos, livres dos sapatos. Estendi-me sobre as cobertas sentindo súbito alívio. Mas efetivamente eu não deitara essa noite para dormir. Logo cansei-me daquela posição e comecei a experimentar outras maneiras. “Sobre o lado esquerdo, não. Força o coração... Sobre o direito... Isso sim. Mas para a gente que não tem braço fica tão descômodo! De braços tem que se virar o pescoço atrapalhando a respiração. Que falta de ar!” Levantei-me e abri a janela. Noite bonita de verão. “Quem sabe se valeria a pena eu sair e dar umas voltas? Dizem que o ar noturno é bom para dar sono.” Inspirei fortemente. Meu tórax cresceu volumoso. Repeti o exercício. “Agora sim o sono vem mesmo.” Deitei-me. Pousei o braço sobre o travesseiro de Manoela. “O que será que ela está fazendo? Decerto espera o Augusto. Já sei que quando entrar no quarto vai me acordar.” Quis chamá-la. “Isso não! Então irei me humilhar?! Seria bem melhor se eu pudesse gozar um sono ininterrupto, mas Manoela faz tudo de propósito para me esquentar os nervos! Que mulher eu fui arranjar! Nossa Senhora!” Sua figura pequenina e suplicante perseguia-me ferozmente. O tapa... Aquele choramingar de criança indefesa... Como sentia ódio da passividade demonstrada por minha esposa. Aquilo não é mulher para me acompanhar na vida dinâmica e rica, que nesta noite me abre suas portas!

Retirei o braço de seu travesseiro. Senti repugnância. Pela primeira vez um pensamento me veio à mente, desde o casamento: Manoela não me satisfazia. “Eu tenho direito a outras mulheres. Outros amores menos sem graça.” Sim, “outros amores menos sem graça”. Não era esse

o anseio daquelas “futricas” na noite de verão de 1925? As mulheres são tão ruins ou piores que os homens. “Quando tiver dinheiro saberei como me aproveitar delas...”

As molas do estrado gemiam a cada movimento de meu corpo sobre o colchão. Deitara sem camisa e as costas suarentas colavam-se ao lençol.

Comprimi a cabeça com o braço. Minhas fronte latejavam. Senti fome. Será por isso que não concilio o sono? Não deve ser. Estômago vazio não será até bom para se dormir?

Sentia-me exausto. Temi desmaiar.

...

– Você não podia se deitar sem fazer barulho?! – resmunguei.

Manoela me acordara, justamente quando eu estava nesse estado de semi-inconsciência que precede o sono.

Ela não respondeu. Tratou de se cobrir depressa.

Senti um ameaço de dor de cabeça. A cama sacudia com o arfar suspirante de Manoela.

– Pare com isso que eu quero dormir!

Minha esposa conteve um soluço na garganta.

– “Ora!” – pensei. – “Afim de contas quem trabalhou a tarde inteira fui eu. Será que não tenho direito a uma soneca?!”

Aconcheguei-me às cobertas. Pela janela penetrou, balançando a cortina de renda, uma lufada quase fria do vento noturno.

Levantei-me para vestir o paletó do pijama. “Agora não há mais nada para me atrapalhar.”

Espirei. “Será que me estou resfriando?” Com febre pelo menos eu devia estar, tal a confusão de imagens fervilhando na cabeça. E doía cada vez mais. Uma leve sensação de bem-estar apossou-se, todavia, de meu corpo. Deitei-me.

O gemido da porta que se abria veio tirar-me novamente com sobressalto assustador dos braços de Morfeu.

Augusto acendeu a luz, que me fez doer a vista. Virei o rosto fingindo não estar acordado.

“Se eu tivesse mais dinheiro poderia dar quarto particular para cada um de meus filhos... Não teria assim essa amolação...”

Sumaquero surgiu no movimentado cenário da minha mente.

– O senhor veio ao mundo para viver naquele fundo de casa sem a menor comodidade!

“Sim. Felizmente isso não iria durar muito. Questão de semanas; no máximo dois meses.”

A luz continuava acesa. Augusto assobiava, quando o relógio da igreja anunciou meia-noite.

“Pouca vergonha! Um menino de quatorze anos voltar a essa hora da rua e ainda fazer esse barulhão!...”

– Cala a boca, Augusto! (O meu berro acordou Manoela e Encarnação.)

Augusto parou a modinha num “staccato” medroso. Apagou a luz antes de se despir completamente.

Meu coração palpitou desencontrado. O grito me excitara bastante.

Fiz novo esforço para dormir. “Dizem que contar é muito bom... Um, dois, etc... Cheguei até cinquenta e nove e sem notar pulei para setenta. Quando balbuciei o cem lembrei-me de que errara por uma dezena. “Só começando de novo!” Desta vez fui até os trezentos e pouco... Desanimei. “Qual o quê! Isso é tapeação... O melhor é a gente largar de pensar e o sono vem logo...” Mas largar de que jeito?! Daí a pouco as cifras enunciadas por Sumaquero subiam embaralhadas ao meu pensamento. Eu tinha que pensar: “O estanho a sessenta mil réis; o chumbo a oito. E o ferro isso nem se fala!... Trezentos por cento de lucro! Um depósito bem grande... Sim! O do Sumaquero só não daria. Seria necessário algo muito maior. Vinte e cinco mil metros quadrados entulhados de ferro-velho... Ofertas excelentes e nós vendendo a preços fabulosos. Dez por cento nas compras... Quanto mesmo por mês? Ah! Pelo menos um conto de réis...”

Dão!... O sino bateu uma pancada sonora.

“Esses planos precisam ficar menos vivos, senão eu terei muitas noites assim... Mas afinal eu devia gozar o meu triunfo. Como os vendedores aceitaram com rapidez as ofertas de compra! Será que eles não percebiam o nosso intuito. Esse Sumaquero é um ‘bicho’ no negócio!...”

Minha memória ia recompondo as cenas dos afazeres passados e a imaginação os ia colorindo com o matiz do entusiasmo.

“Que Importa perder o sono.” Meus sonhos gananciosos de comerciante astuto impediam o sono necessário ao tecelão cansado.

. . .

– Que será isso! – perguntei semiacordado.

As portas quase se abriam sob o peso de fortes batidas.

Nem reconheci a voz do Sumaquero!

– “Seu” Martinez! Oh! “Seu” Martinez!

Levantei-me e fui até a porta tropeçando na cama de Augusto.

– O que houve? Entre...

Um pressentimento horrível me atribulava:

“Teria o negócio rodado por terra? Algum roubo? Alguma falcatura?”

– Telefonaram do hospital – explicou ofegante. – “Seu” João Martinez está muito mal.

Pausou um pouco.

– Quer que eu chame um carro?

Manoela, que já se levantara, respondeu por mim:

– Faça o favor... Chame logo.

O Sumaquero saiu e enquanto Manoela se aprontava às pressas eu fiquei meditando surpreso: “Esquisito! Até agora eu nem me lembrava de papai...”

Augusto perguntou da cama: – Que foi?

Olhei para meu filho e liguei o seu nome a tétricas recordações.

Augusto... Tio Augusto... Sim, tio Augusto estava vibrando ganancioso no meu peito. Ele se encarnou em mim!... Estou possesso como ele... Egoísta... Indiferente até a meu pai, que agoniza abandonado!

Sorri com a mão ao queixo. – Que ingenuidade! Nem que existisse reencarnação isso poderia acontecer!... Tio Augusto viveu junto comigo! Qual! Só deixando de sentimentalismo, ou melhor, de sonambulismo... E pena ter que perder horas e horas junto a um leito de morte!... Mas em poucos dias eu recuperarei o dinheiro perdido... Tempo é dinheiro...

– Vamos, Pedro?

A voz de Manoela ressoou com redobrada antipatia.

– Não. Você vai com o Sumaquero. (A solicitude do meu futuro sócio era extrema...) Eu não dormi quase nada. Irei de manhã cedo.

Ela me olhou terrificada.

– Para que esse ar de boba? – perguntei de maus bofes.

Percebi uma lágrima em seus olhos quando Sumaquero anunciava o carro.

– O senhor não vai, “seu” Martinez?

– Não.

Ele tomou Manoela pelo braço e balbuciou meio atônito uma exclamação:

– Uai!...

Sáiram. Atrás deles correu com rapidez um vulto de rapaz.

– Volte, Augusto! – ordenei.

Meu filho não me obedeceu.

– Quero ver o vovô antes dele morrer! – gritou na carreira.

Ja me sentindo envergonhado mas reagi. Lá fora o carro deu a partida e roncou valentemente.

## A MONOTONIA DA ROTINA

Seriam cinco e trinta quando, desistindo das tentativas inúteis para dormir, resolvi ir também ao hospital.

Escrevi um recado para Encarnação dizendo que fosse ao Grupo e almoçasse com a vizinha.

Ainda estava escuro quando entrei no quarto em que papai agonizava. Manoela não havia parado de chorar.

– “Pamonha! Dando espetáculo para o Sumaquero! O que ele não vai pensar de nós!” – comentei cá comigo.

Meu futuro sócio estava junto ao leito.

Confrontei-o com meu pai.

O Sumaquero cheio dos “cobres” aos cinquenta anos. Papai, sem tostão, aos setenta. Ambos não vieram ao mesmo tempo para São Paulo? Por que essa diferença? Não podia ser outra coisa. Foram as quixotadas de meu pai teimando em ser tecelão a vida toda... Fui raciocinando friamente:

Afinal essa vida de ir à fábrica, sair da fábrica, carimbando o cartão de presença sempre à mesma hora tornava-se uma rotina esmagadora... Com o tempo a gente nem acredita mais na morte. Fica-se pensando que esse “vaivém” há de ser eterno, ou pelo menos que não parará antes

que termine o “toc-tô-toc” das máquinas, que lhe serve de compasso e acompanhamento... João Martinez não fora uma vítima dessa monotonia? Nunca melhorara seu nível de vida. Quando D. Joana teve que fechar a Pensão, ele veio dormir num quarto sem janela, contíguo ao meu. Gastava todo o dinheiro em médicos e remédios. Não se rendia ao leito porém. Desistimos de toda tentativa para tirá-lo do serviço. Os últimos tempos daqueles trinta anos de batente levaram as derradeiras reservas de sua senilidade. Ele, porém, teimava em carregar até o fim a cruz de seu ofício. O relógio de ponto, ao registrar as horas nas quatro colunas de sua ficha vermelha, parecia cravar em seu rosto mais uma ruga de apatia...

Tirrin!... Sete horas – uma ruga horizontal na testa.

Tirrin!... Onze horas – um pé de galinha na empapuçada órbita ocular.

Tirrin!... Doze e trinta – um tríplice crivo dispéptico entre as sobranceiras.

Tirrin!... Dezoito e trinta – rugas profundas na maçã do rosto.

Ia mal “seu” Martinez! Todo mundo via.

Mas se alguém lhe perguntava: – “O senhor não anda doente, seu João?”, ele respondia com sua valentia castelã: – “Hombre, jo voy bien!”

Agora, ali no fundo do leito, seu sorriso pálido parecia replicar aos olhares inquiridores: – “Não se aflijam! Eu vou indo tão bem...”

Dir-se-ia que seu último dia passou-se quase igual aos demais do final de sua vida operária.

Às sete horas a enfermeira lhe trouxe o chá. Ele bebeu só um pouco. – Melhorzinho, “seu” Martinez? – perguntou enrrugando a testa com bondade. – “Muy bien” – parecia dizer aquele ar desprotegido de alguém que recebesse o gole de chá como uma esmola.

Às onze horas veio a Irmã puxando a mesinha de rodas, com um pequeno almoço. Olhar meio nervoso atrás dos óculos de metal, que escondiam dois “pés de galinha” em alto relevo.

– Almoce um pouco, “seu” Martinez.

Papai não possuía forças para isso.

O Hans, um alemão brutíssimo, foi quem tentou fazê-lo comer. A boca de João Martinez não se movia quase.



Doze e trinta. Chegou o médico da fábrica, que ainda não almoçara. Acariciou rapidamente a testa do operário. Aquela mão fria e agradavelmente odorizada fez sair dos olhos parados de papai o último lampejo de movimento e vida. O doutor tinha também entre as sobrelhas um profissional e desinteressado crivo de três dobras...

Dezoito horas. Um padre, com rugas na maçã do rosto, ministrava os últimos sacramentos. Era a hora de sair da fábrica, para o descanso do lar...

Ao término desse dia, sentia-me revoltado contra esse jugo que meu pai teimava levar pela existência afora. Ele podia ter negociado como... Como tio Augusto? Como tio Augusto não seria necessário. Nem morrer como ele, expectorando sangue... Era só saber aproveitar as boas ocasiões... Uma oportunidade como essa que ontem Sumaquero me ofereceu... Com o bom senso demonstrado durante toda a vida, João Martinez teria morrido milionário! Comigo vai ser diferente... A lição está aí patente aos meus olhos. Como Sumaquero tinha razão: o senhor veio ao mundo para ser eternamente um operário com quinhentos mil réis por mês e nenhum tostão no banco! – Não! Embora maneta, tenho muito sangue para deixar minha vida ser uma derrotosa rotina como a de papai!...

...

Não gostei nada quando, no momento de depositarmos o caixão numa das covas do Cemitério da Quarta Parada, Juca Brito pediu-nos licença para dizer algumas palavras.

– Será que ele não vê esses diretores da Tecelagem com pressa de voltar ao escritório?

Tivemos porém que consentir.

– João Martinez morreu – começou ele, dentro do fraque brilhante, muito fora de moda. – Que morte serena! Que fulgor naqueles olhos setuagenários. Pareciam crisar palavras de louvor ao trabalho: – Fui um herói do tear! Trabalhei com afinco, sem esmorecimento. Morro vitorioso, alegre com o dever cumprido. Nasci para a fábrica, por ela vivi e nela fiz questão de morrer. Eu poderia talvez conquistar muito mais dinheiro em outra carreira, mas isso seria trair a minha profissão.

Balancei a perna incomodado. Será que Juca aprontara esse discurso para mim? Os olhos do dentista lacrimejavam e seu rosto brilhava mais que o fraque.

– O meu amigo não foi talvez para muitos mais do que um imigrante pobre e de pequena instrução. Se me perguntassem quem foi João Martinez (“mas ninguém lhe perguntou nada!” – pensei intrigado), eu diria apenas isto: um verdadeiro operário... Ser alguma coisa realmente já não é pouco. Existem por aí muitos doutores que deviam ser açougueiros, muitos dentistas com jeito de engraxates, muitos advogados mais sujos que um lixeiro e assim por diante...

Abaixei a cabeça, calculando o efeito ridículo dessas palavras – “Esse negro há de sempre meter o nariz onde não é chamado!”.

– João Martinez não foi muito grande. Mas o que fez na vida foi feito com real amor e com férrea persistência. Isso é o que vale. O indivíduo viver as suas próprias aspirações. Ele nasceu para operário e morreu como verdadeiro operário. Tenho dito.

– “Até que enfim” – suspirei. – “O que não estará esse povo pensando de tal palhaçada?!”

Desapontei-me quando notei que muitos, entre estes alguns dos diretores, se haviam comovido com a arenga.

Manoela encostou-se a meu ombro e comentou:

– Um verdadeiro operário. Não achas lindo, Pedro?...

Virei o rosto e respondi num ríctus de aborrecimento:

– Conversa mole...

Na minha cabeça ainda pululavam os números: sessenta mil réis o quilo... Trezentos por cento de lucro... Um conto de réis por mês. Vinte por cento nas vendas e dez nas compras...

– Eu bem poderia ter ganho uns cem mil réis nestes dois dias, não fosse a morte e o enterro de papai... – concluí desgostoso.

## EL NEGRO QUE TENIA L'ALMA BLANCA

Na manhã seguinte o Assunção, que comparecera ao enterro de papai, aconselhava-me paternalmente:

– Eu compreendo a dor produzida pela perda de um ente querido. Isso não é, porém, motivo para abandonar seu posto. Descanse uns dias e depois volte ao serviço, cheio de ânimo...

Poderia deixar o Assunção na certeza de que a morte de papai motivara o meu pedido de demissão. Aquele semblante impunha-me, porém, o dever de explicar a realidade. Contei-lhe tudo. Quando acabei ele me disse:

– “Seu” Pedro. Não é por lamentar sua perda que vou dizer o seguinte: eu nunca me dedicaria completamente ao comércio, porque não tenho jeito para isso. Deixo essa parte por conta de outros sócios. Admiro-me do senhor, muito menos enfronzado em negócios do que eu, arrojar-se com tanta facilidade numa empresa de ocasião...

A voz da ganância cochichou no meu íntimo: – “Não estás vendo que esse homem é um decadente. Ele ainda te quer segurar como nas outras vezes... Trata de escapulir e fazer tua carreira... O mundo é dos fortes, dos que se atiram... Nada de sentimentalismo. (Como essa frase começava a me parecer sublime: nada de sentimentalismo...) Depois, olha só a presunção do homem! ‘Muito mais enfronzado do que eu!’ Dou minha vida como o Sumaquero entende mil vezes mais do que ele em questão de comércio. E eu não sou mais criança para precisar de conselhos! Daqui a uns anos quando minha fortuna exceder em muito a dele irei perguntar-lhe a razão de seus temores.”

– Mas, “seu” Assunção, o negócio de ferro-velho é coisa firme, com lucro fácil! – respondi, querendo fazer-me de polido.

– Desconfio de tudo que é muito fácil. Em todo caso vou lhe dar umas férias de quinze dias para tratamento de saúde. É isso que o senhor está precisando...

– Eu quero minha demissão – repliquei autoritariamente. Ele me olhou com simpática seriedade.

– Pois bem. Está dada. Mas se por acaso algum dia o senhor quiser voltar o lugar está às suas ordens.

“Se o senhor precisar voltar!” – foi o que julguei ter ele querido dizer com esse “se o senhor quiser”.

Daí a uma semana mudávamos para uma casa toda nossa. Trezentos mil réis por mês. Manoela achou um absurdo.

– Não pagávamos cento e sessenta pelos três cômodos na rua Dom Bosco? (Este é o novo nome da rua Xingu.)

– Ora! Mas aqueles cubículos, de cômodos só tinham o nome. Veja agora os quartos como se enchem de luz. Você vai ter prazer em passar o dia nesta casa.

Disse essa última frase em tom ameaçador, o que fez Manoela entender logo a minha intenção.

– Por favor, Pedro! Eu não quero deixar a fábrica!

Começou a chorar assustada. Irritei-me.

– Onde já se viu a esposa de um negociante se humilhando em serviço de tecelagem o dia inteiro?!...

– Mas não trabalho o dia todo. São só seis horas. Por favor, Pedro! Quando foi preciso deixar o serviço para tratar de meus filhos, bem que deixei. Mas no momento não há necessidade. Trabalhando poderei ajudá-lo, como tenho feito até agora.

– Não preciso do auxílio de ninguém!... Você vai é pedir ao Assunção que arranje outra para o seu lugar.

– Por favor, Pedro! – implorou lacrimosa.

– Já são três vezes que você choraminga: “Por favor, Pedro”! Veja se para com isso que não adianta nada.

Augusto nos interrompeu, perguntando a Manoela sobre sua camisa.

– Como é, meu filho? Está gostando da nova casa?

– Estou – foi a resposta seca, enunciada sem me dar muita atenção.

– Esse menino anda com ares de quem se julga homem feito!

Ainda há pouco precisei entrar em seu quarto e encontrei a porta fechada. O sem-vergonha saíra com a chave e ainda não gostou muito quando mandamos que a deixasse doravante na fechadura. Por que estaria agora pedindo uma camisa limpa? – resolvi indagar.

– Vou ao cinema.

– Que fita você vai ver?

– O senhor não sabe? – perguntou ele como se eu me tivesse feito de ignorante. “O preto que tinha alma branca.” Dizem que é cheia de música espanhola.

Eu não me fizera de ignorante. Não conhecia de fato qualquer programa cinematográfico. Minha mente estava toda ocupada com números.

– Se me falassem dessa fita ontem, não teria arranjado compromisso para esta noite. Poderia ir com Augusto...

Olhei para meu filho. Como crescera nestes últimos meses! Calças compridas, bigodes querendo romper, ombros de homem e olhos vivos de criança... Não! Eu não deveria ir com ele. Talvez até fosse se encontrar com a namorada e eu poderia incomodá-los. Depois no cinema perderia dois mil réis e na venda do Gimenez ganharia pelo menos uns vinte, fechando alguns negócios...

Isso é que é profissão! A gente pode trabalhar a qualquer hora e sempre se tira alguma coisa!

Jantamos numa sala que servia também para receber as visitas. Augusto estava muito bem vestido e Encarnação chorava por não poder acompanhá-lo.

– Você irá amanhã na “matinée” com mamãe – disse para consolá-la e ao mesmo tempo para judiar de Manoela.

– “Sim! Ela poderia ir às quatorze horas ao cinema, porque a fábrica não a seguraria mais! Quem determinava seu horário de agora em diante era eu...” – pensei com prazer tirânico.

Não quis olhar para minha esposa. Fiquei acariciando os cabelos de Encarnação.

Augusto levantou-se mastigando.

– Espere! Hoje tem sobremesa...

– Não quero, não... Tenho pressa.

Minha filha comentou indignada:

– Ainda são sete horas. Ele quer é chegar antes da Anita, sua namorada. Tem medo de precisar pagar a entrada dela.

Será que essa Anita é uma Julieta em miniatura? As vidas dos Martinez parecem cópias umas das outras... Eis-me como papai começando a vida aos quarenta... Qual! Augusto é muito criança para isso. Em todo caso ele parece mais esperto do que eu. Pelo menos sabe como evitar as despesas com mulheres. Eu gastei tanto “cobre” à toa, pagando os almoços de Julieta no Viareggio!

...

Passados quinze minutos cheguei à esquina do bar do Gimenez.

Conversava com um “ferro-velho”, quando notei a molecada cantando este estribilho: “Jo fui a Paris... para ver el negro que tenia l’alma branca...”

– Deve ser da fita que Augusto foi assistir. Se for só essa repetição constante da mesma frase, o cinema deve mais uma vez ter assassinado a música espanhola!

Logo notei, entretanto, que os moleques haviam transformado a composição em um prolongado apupo contra alguém. A vítima, percebi logo, era Juca Brito. – “Bem feito! Quem manda dar confiança para todo mundo.” Escondi-me atrás de meu interlocutor. O dentista me descobriu assim mesmo e veio para meu lado. Senti vergonha do meu proceder. Afinal, por que fizera aquilo? Não sei. A ameaça dos moleques, talvez...

– Boa noite, Pedro... – disse humilde e sorridente. Li em seu semblante encanecido estas palavras:

– “Fugindo do Velho Juca, hein?...”

Ele, porém, continuava a sorrir sem nenhum ar condenador.

– Apresento-lhe um dos meus vendedores... (Não disse o nome de um, nem de outro.)

– Já conheço o doutor. Minha filha trata dos dentes com o senhor.

Juca Brito não deu muita atenção e virou-se delicadamente irônico para mim:

– Você não dizia sempre que nunca se meteria com os “ferro-velhos”? Que essa gente não servia?

Fez uma pausa e concluiu num muxoxo de triste reprovação:

– Você está em decadência, meu Pedro.

Foi saindo em passo lento de gordo sexagenário. O pequeno vendedor, sentindo-se ofendido, mediu o velho pelas costas e resmungou impertigado:

– Chalau!... \*

---

\* Bobo – gíria espanhola.

## “E O FERRO CONTINUA SUBINDO...”

Até hoje não sei explicar ao certo a sociedade que Sumaquero me propôs. Foi mais ou menos assim. Certa manhã ele me chamou ao seu escritório. Este sofrera algumas modificações. Havia uma escrivaninha a mais, justaposta à dele.

– É sua – explicou-me. – De hoje em diante quero vê-lo trabalhando à minha frente.

Sentei-me, pela primeira vez, numa cadeira de mola. Achei agradável. Era como se eu fosse o Assunção ou mesmo muito mais que ele.

...

– Como foram os negócios hoje cedo?

– Pior que ontem. Estão querendo preços muito elevados. Parecem saber que eu ganho sobre o preço de compra. Não acho isso justo. Quem sabe poderíamos fazer um trato diferente?

– Qual, por exemplo? – perguntou. – O senhor não está ganhando bem?

– Não. Estou na verdade roubando do senhor. Esta maneira de negócios não me agrada. Nunca soube de algum depósito ou casa comercial que desse comissão sobre as compras. O senhor me havia falado de participação nos lucros. Eu prefiro isso.

– Pois não. O senhor percebe que em tudo tenho querido lhe ser favorável.

– Eu reconheço...

– Então proponha o trato, que aceito.

– O senhor me dará um ordenado de oitocentos mil réis mensais. Assim nenhum “ferro-velho” me exigirá preços absurdos. Depois o senhor me dará cinco por cento sobre as vendas.

– “Seu” Pedro Martinez sempre com seus humildes sonhos de operário... Peço licença para modificar um pouco sua proposta. Um conto de réis por mês e vinte por cento nos lucros. Sua perspicácia e facilidade para os negócios valem mais do que imagina!

Pensei comigo: “Isso é ironia... Eu banquei o bobo contando a todo mundo sobre minha comissão de dez por cento e os ‘ferro-

velhos' aumentaram escandalosamente os preços de venda... Agora o Sumaquero me vem com esses elogios!..."

– Mas, “seu” Sumaquero! Eu fui até muito pouco perspicaz deixando o povo saber das comissões ganhas sobre as compras.

– Mas foi inteligente para perceber em tempo. O erro foi cá de minha parte. Eu o cometi por causa da pressa e por querer estimulá-lo... O senhor ainda é moço...

Ele falou essa frase com tal simplicidade que todas minhas dúvidas sobre suas intenções desapareceram.

– Obrigado. O que posso fazer para retribuir tão grande favor?

– Muita coisa. O senhor vai corrigir a opinião dos pequenos vendedores acerca dessa história de comissões. Quero que em poucos dias o senhor me encha o depósito, com o mínimo de gastos. Isso não é difícil para um homem como Pedro Martinez. Está feito?

– Sim senhor – respondi com sincera gratidão.

Lembrei-me de 1924 quando me entregaram a limpeza da Silva Salles & Cia. Eu ia iniciar um serviço de fato! Uma obra que exigiria todos os meus esforços! Um esforço que consumiria todo meu sangue! Era essa a minha necessidade. Obcecar-me por alguma coisa de valor. Algo que desse resultado, que aparecesse.

Uma sombra de dúvida riscou o céu de meus ideais, entusiastas. Foi no meio desse serviço consumidor que a granada me pulverizara o braço em 1924...

Qual! Já estou parecendo Manoela com suas crises de choro.

Ainda hoje ela me recomendara, quando lhe perguntei o que o Juca Brito fora fazer em casa naquela noite: “Não faça sociedade com o Sumaquero. Dr. Brito disse que ele é ruim como uma cobra! Por favor, Pedro! Não continue esses negócios. Volte para a fábrica. Eu volto com você. Era tão bom irmos juntos todas as manhãs!...” Foi preciso eu lhe dar uns tabefes para ela acabar com a choradeira.. “Por favor, Pedro!” Então para fazer favor a ela, vou deixá-la, com Augusto e Encarnação, na miséria?! Será que ela não reconhece o favor que lhe presto levando todas as noites mais de quarenta mil réis para casa? “Por favor, Pedro!” Como se eu lhe estivesse fazendo algum mal! Ora, sim senhor! Estou vendo a hora em que darei uma lição definitiva a essa mulher... A gente com boa vontade para lhe proporcionar mais conforto e a tonta achando tudo errado. Quem sabe Manoela ainda por cima não vai pensar que



me ando metendo em negócios ilícitos! Coitado do Sumaquero! Um homem tão direito sendo caluniado por aquele negro velho e palpiteiro! Eu preciso é impedir que Juca Brito penetre em casa, para ensinar tolices à minha esposa!

Foi isso que pensei durante os poucos minutos passados na cadeira rotatória. Levantei-me logo, pois desejava procurar uma boa parte dos vendedores naquele resto de tarde. O pedido de Sumaquero me entusiasmara. Ele precisava de mim! E não precisava como o Assunção, que no fim do mês me corria uns magros quinhentos mil réis. Ia me dar o dobro disso para eu trabalhar a meu gosto, desenvolvendo minhas próprias iniciativas! “É formidável esse Sumaquero! Isso que é espírito moderno! Atirado e dinâmico! Não tem dó de gastar dinheiro! Vinte por cento nos lucros! Assim dá gosto a gente trabalhar!”

– Bem, “seu” Sumaquero. Já vou indo. Quero ver se corrijo hoje as asneiras cometidas neste mês.

– Asneiras, não. O senhor não pode dizer isso! Então conseguir dez contos de compras é asneiras?! Absolutamente... Nem pense nisso. Saia confiante e volte vitorioso. Lembre-se sempre: Martinez & Sumaquero vai em poucos meses ser o mais rico depósito de São Paulo graças à atividade incansável de Pedro Martinez...

– E ao tirocínio do velho Sumaquero – concluí cheio de orgulho ao mesmo tempo que admirava a prodigalidade daquele espírito adiantado.

Nunca em minha vida me julguei mais capaz para o trabalho do que naquela tarde cheia de sol. A rua da Mooca estava movimentadíssima. Todo mundo parecia correr impulsionado pelo imperativo da luta para as conquistas do mundo financeiro. “Quantos anos – lamentei eu – não perdi entre as paredes de uma fábrica! Aqui fora está a vida real! A vida de movimento incessante, com dinheiro rodando à grande, com nervos exaltados por magníficas perspectivas e com cérebros exercitados em planos complicados.” Agora tudo isso faria parte de minha existência! Eu iria também correr como os outros, em busca de riqueza, o caminho do poder. Tudo graças a esse extraordinário Sumaquero, um velho que sempre descobria negócios novos e férteis!

Com que afincio trabalhei naquelas horas! Só cheguei em casa para jantar, às vinte e duas horas. Havia feito quatro excelentes compras e preparado terreno para conseguir preços muito menores.

Encontrei a comida fria. Chamei Manoela que já se recolhera e pedi uma explicação.

– O fogo acabou. Você não me disse a hora em que voltava e a lenha anda cara...

– Pois fique sabendo que não precisamos fazer economias. Deitasse bastante lenha nesse fogão e eu não precisaria esperar agora...

Manoela intimidou-se.

– Você quer mesmo que faça fogo a esta hora?

– Lógico, imbecil. E frite isto para mim.

Pus sobre a mesa da cozinha um embrulho de linguiças, comprado num bar da rua da Mooca.

Sentei-me e só então percebi que minha fome era enorme. Comecei a dizimar um pão em grossas fatias.

– Manoela – fui dizendo entre as mastigações. – Eu não quero mais que você receba o Juca Brito aqui em casa. Aquele negro lhe põe ideias bobas na cabeça!...

– Por favor, Pedro. Ele é tão seu amigo. E depois o coitado só fala coisas tão boas. É um consolo para as minhas amarguras...

– Você não me fale mais esse “Por favor, Pedro!” E largue desse negócio de amarguras. Você tem tudo o que quer nesta casa.

– Não tenho tudo não! Eu não sei viver sem ir à fábrica – disse ela com ousadia.

Lavantei-me furioso.

– Você quer é viver no meio de outros homens! Uma velha querendo se fazer de “coquete”! Tem graça! Quem sabe se você pensa que seus trezentos mil réis por mês podem pagar a vergonha de vê-la trabalhando como operária...

– Mas não é vergonha ser operário. Nós o temos sido até há pouco...

– Mas não seremos mais! Veja se as mulheres dos outros comerciantes fazem isso! Você quer ter dinheiro seu, para dizer que não depende de mim! É isso! Suas ideias de feminismo! Cozinhar que é bom, você não sabe direito... Nunca nos aprontou um almoço que prestasse! E agora esse jantar gelado! Porcaria!...

Manoela não respondeu. Daí a pouco a comida estava quente. Quando bateu meia-noite no relógio da sala de jantar (nós o havíamos comprado há duas semanas), eu já estava no leito quase dormindo.

Tive um pesadelo. O ferro havia caído de preço e nós perdêramos tudo. Uma falência terrível.

Na manhã seguinte procurei o Sumaquero e com certa timidez indaguei das condições do mercado...

Ele notou a minha apreensão e sorriu mostrando um boletim da Bolsa.

– Mercado firme, meu caro. Tendência para melhorar muito...

– Ah! Deve ter sido a linguíça... – comentei, procurando encobrir a razão de minha cisma.

O mercado continuou de fato melhorando e eu cada vez mais ativo. Em quinze dias alugávamos mais outro pátio, que servira até então de carvoaria. Na quinzena seguinte já o havíamos locupletado.

Sumaquero levantou um empréstimo de cinquenta contos para continuar as compras e abrimos o terceiro depósito. Os vendedores me davam preferência, pois, apesar de termos diminuído os preços de compra, nós ainda os mantínhamos superiores aos dos outros depósitos. Modéstia à parte, minha maneira de negociar, procurando-os todos os dias e mandando buscar onde quisessem o material vendido, por menor que fosse a sua quantidade, era quase toda a razão do aumento prodigioso do material comprado...

Tudo corria muito bem, até que um dia...

## ATÉ QUE UM DIA

Até que um dia resolvi dar opiniões sobre aquele negócio de só abrir depósitos e entulhá-los de “ferro-velho”. Paralamas e chapas de latão, peças de toda e qualquer máquina, lataria e até tampinhas de garrafas. Tudo na redondeza que contivesse estanho, ferro, alumínio e mesmo chumbo haveria de nos pertencer! Era esse o grito de guerra de Martinez & Sumaquero.

Eu andava um tanto ofendido em minha vaidade pelo fato da placa do depósito continuar com a inscrição: “Francisco Sumaquero

– Depósito de Ferro-Velho. Todo tipo de peças para automóveis e máquinas”.

– Afinal de contas, não fora eu quem havia arranjado a maioria do material ali depositado?

Minha vaidade se tornava cada vez mais sensível. Certa noite, em que por grande coincidência nós quatro jantamos juntos em casa, Manoela me perguntou por que ainda não mandara colocar meu nome ao lado do de Sumaquero. Eu, meio perturbado, quis fazê-la acreditar que isso era questão secundária. Augusto, porém, não me perdoou. Virou-se com ar de palhaço e disse a Manoela:

– Ora! Então a senhora ainda não viu o nome do papai, juntinho com o do Sumaquero?

– Não, meu filho. Seguindo o nome dele, vem só: Depósito de Ferro-Velho...

– Pois então. Papai é o depósito de ferro-velho...

Tive vontade de espancar Augusto. “Um fedelho de quatorze anos, só porque pôs calças compridas, pensa que pode caçoar do pai!”

Não sei por que, mas já há algum tempo não me sentia na posição privilegiada de chefe daquela casa. Parece que não me respeitavam tanto e nem me davam a devida importância. “Eu agora, às portas da riqueza, não devo merecer muito maior apreço dos meus?”

Foi com a mente meio embaralhada por esses pensamentos que me dirigi ao Sumaquero:

– Como é? Quando se vai começar a venda?

Meu sócio não levantou a vista do papel que estava lendo.

– Uhn? O senhor disse alguma coisa?

Repeti a pergunta. Ele abaixou o papel e me olhou com o semblante carregado.

– “Seu” Pedro. Deixe-me dizer-lhe com franqueza. Essa questão de venda fica a meu cargo. Eu nunca interfiri em suas compras. Não posso permitir que o senhor peça explicações sobre a parte confiada ao meu tirocínio comercial.

Estranhei essa maneira de falar. Ele sempre procurara me explicar tudo!... Ao mesmo tempo senti cócegas na canhotas. – “Será que esse velho não conhece a fama de meus ‘diretos’?”

Por outro lado achei-me repentinamente numa falta de segurança tremenda. Aquela atitude tão fora do comum justamente no momento em que falei da venda! Sim, a venda daquele material, que me daria pelo menos cem contos de réis, segundo nosso trato. Ali havia material no valor de pelo menos quinhentos contos, tudo de venda fácil e imediata. E eu não tinha direito a vinte por cento?!

Pensei em procurar alguém para me aconselhar – “O Juca Brito, não. O coitado não entende de comércio. O Assunção, seria humilhar-me demais. Quem será que me pode auxiliar nesta hora?”

Começou a dominar-me um temor infantil. Ia fazendo uma pergunta ao Sumaquero. Não querendo, porém, que ele percebesse o meu estado de dúvidas, silencieei.

Daí a pouco saía para efetuar novas compras. Um dos fornecedores me fez duas perguntas aterradoras:

– Então você é sócio do Sumaquero? Em que tabelião firmaram o contrato?

Desejei evitar ainda desta vez que alguém percebesse a crise da minha alma. Procurei mostrar que até o momento não havíamos ajustado bem as bases da sociedade, mas que breve tudo se regularizaria.

O homem se despediu com um sorriso cético.

Sentei-me meio apavorado numa das mesas da venda. “Seu” Gimenez olhou cinicamente para mim...

– Então? Continua a arranjar fornecedores para o Sumaquero?

Minha cabeça se esquentava cada vez mais e eu menos compreendia a significação daquilo tudo à medida que os minutos se passavam.

O Gimenez sentou-se ao meu lado. Era o único homem a quem eu pudesse indagar sobre a ameaça que escurecia minha visão das coisas. “Um crápula esse homem, mas vá lá...”

– Quer dizer que eu estou arranjando a vida do Sumaquero, hein, “seu” Gimenez?

– Todo mundo sabe disso. O senhor!... – estalou a língua desdenhosamente e fez uma pausa. – Até o homem vive a contar pelo bairro inteiro que nunca viu um tonto como Pedro Martinez!

Fiz esforços sobre-humanos para manter a calma.

– Quantos fornecedores o senhor tem em sua lista?

Abri a caderneta e quase sem enxergar os números respondi:

– Só aqui sessenta e oito. Há outros melhores que deixei por conta do Barrinuevo, o chofer...

– ... que já conhece todos esses sessenta e oito vendedores – completou o Gimenez.

– É lógico. Ele é quem vai buscar o material com seu caminhão. O que tem isso?

– Será possível que o senhor seja tonto mesmo?! Cada pessoa que ele visita torna-se um freguês do Sumaquero. Daqui a umas semanas é só ele mandar o Barrinuevo com o caminhão, que vendedor e material não faltam... O que o homem queria era usar o prestígio do senhor para conseguir a confiança dos vendedores. Não se lembra como seu depósito vivia sem nada? O senhor em dois meses fez com que ele monopolizasse os pequenos vendedores de toda a Mooca, enchendo assim nada menos que três depósitos!...

Agarrei o homem pela camisa. Ele diminuiu junto a meu braço.

– Seu sem-vergonha! Então por que o senhor não me falou isso antes?!

Empurrei-o sobre os sacos de mantimentos. Ele deu espetacular cambalhota por cima destes e ao levantar-se pegou uma faca no balcão.

– Já para a rua! – vociferou. – Diabo de maneta!

Levantei a cadeira para me defender, mas desisti. Faltava-me energia, disposição para a luta. Sai completamente abatido e medroso.

Muitos fornecedores presenciavam minha derrota, enquanto o espanhol continuava orgulhoso:

– Um bobão desses metendo-se a valente comigo! Nem braço ele tem e quer se fazer de grande coisa! Vagabundo!...

Pareceu-me ouvir um monstro gargalhando furiosamente atrás de mim.

– Derrotado, derrotado!... Fraco! Ih! Tapeado desse jeito! “Chalau”! Fiu ú ú ú!

Senti-me alvo dos olhares maldosos de todos. Fui caminhando em direção ao depósito.

Entrei no escritório. O relógio marcava cinco horas. Sumaquero, ao contrário do seu costume, não me perguntou sobre os negócios da tarde.

– Tome...

Entreguei-lhe dois talões – novecentos e poucos mil réis de compras que o Barrinuevo iria buscar no dia seguinte. Leu as notas e com o lápis na boca foi dizendo:

– “Seu” Martinez. O senhor há tempos que não aparece com nomes novos. Já procurou todos os seus conhecimentos no bairro?

Entendi o significado da pergunta. Em todo caso raciocinei: “O Gimenez bem poderia ter feito toda aquela revelação sobre as intenções do Sumaquero querendo tirar proveito para si! É melhor eu bancar o humilde, já que estou mesmo nas mãos deste homem”.

– Já, “seu” Sumaquero. Olha que são quase noventa fornecedores...

– Pois bem – disse ele, como que compreendendo a minha prostração. – O senhor demonstrou grande capacidade de trabalho nestes meses. Mas em questão de comércio o meu caro amigo não passa de um doloroso fracassado! Diga-me uma coisa: o senhor acreditou mesmo que eu lhe daria lugar de sócio só por esse “servicinho” de percorrer casa a casa os “ferro-velhos”?

Eu continuava quieto, procurando me preparar para o baque.

– “Seu” Martinez, sua missão neste negócio está finda. Não me precisa aparecer aqui amanhã.

Com um sorriso medroso, repliquei-lhe:

– O senhor se engana, seu Sumaquero! Não sou tão grande negação para negócios. O amigo se esquece de que meu prestígio entre os vendedores continua. Eu posso abrir um depósito muito maior que o seu...

– Com que dinheiro? – perguntou irônico.

– Sua experiência me permite responder. Levantarei um empréstimo em algum banco. Talvez não seja de cinquenta contos como o seu, mas em todo caso servirá para principiar...

– O senhor pensa que crédito em bancos é a mesma coisa que bom nome entre os “ferros-velhos”?

Senti que me faleciam novamente as forças. O homem ria sarcástico e superior. Descontrolei-me por completo. Quase chorei e lhe pedi compaixão. Mas isso não ficaria bem a um Martinez! Se tio Augusto não se curvou, eu também não me curvarei! A voragem está me tragando. Hei de chegar até o fim do precipício com revolta e altivez ao mesmo tempo! Irei blasfemar contra o Destino, mas não me humilharei aos pés de quem quer que seja. É preferível me entregar à morte, ou

então ao Diabo... Sim, eu poderia me vender a Satanás e por que não começar logo ali no escritório? Aquele livro de contas-correntes!...

Arremessei-o sobre o Sumaquero. Este se desviou e puxou o revólver de uma gaveta da secretária.

– Pare com isso! – ordenou. – Eu não tenho dó em atravessar-lhe os miolos com uma bala, seu cachorro!

A arma enfrentava-me inexorável. Hesitei. Manoela, Augusto, Encarnação, os três dependiam de mim... Larguei sobre minha escrivaninha o segundo livro que já empunhara, e quase pedindo perdão ao homem retirei-me cabisbaixo.

## UMA NOITE NA “CHUVA”...

Quando cheguei à rua não sabia para onde ir.

Tudo me rodeava com ares adversos. A buzina dos automóveis e o vozerio da molecada juntavam-se numa terrível vaia contra minha pessoa.

Escurecia e esfriava rapidamente. Lembrei-me do jantar preparado por Manoela. “Mas como eu entraria em casa após essa derrota?!” Augusto parece que já adivinhara minha posição incerta, quando disse aquela piada do depósito. Sim! Eu era um depósito de ferro-velho! Pior que isso. Um amontoado de desilusões! Tudo me fugira na vida: o braço, o tear e o dinheiro. Com este me abandonara a última coisa que, na opinião de Juca Brito, o homem pode perder: a fé. Senti falta do dentista. Por que será que os amigos viram sorvete nessas horas de aperto? Também se ele aparecesse pouco adiantaria. Passei em frente à sua porta e quase entrei. Deteve-me, porém, a vaidade.

Mais adiante apareceu a Matriz da Mooca, com os tijolos ainda à mostra. Cheguei só até a porta. Aquela grandeza me assustou. O teto era tão alto! Ninguém nos bancos. Quis rezar e minha oração parou gelada na garganta. Eu perdera a visão de Deus ou Ele não me olhava mais? Comecei a enxergar em todos os santos caretas horríveis de fetiches africanos. “É Deus, tenho a certeza. É Deus quem me acossa em sua ira!”

De repente mudei de pensamento como doido. “Ou será o Demônio? Minha vida parece cheia da peçonha do Mal. O Diabo quer me acompanhar em tudo!”



Acalmei-me um pouco... “Qual o quê! Não existe Diabo. Nem mesmo Deus a gente sabe se existe...” Proferi esta blasfêmia com certo temor e continuei descendo a rua da Mooca...

A Fábrica apareceu diante de meus olhos. “Felizmente – pensei comigo – os operários já devem ter saído.” Tive medo de passar em frente daquelas quarenta largas janelas envidraçadas. O portão de ferro pintado recentemente refletia nas quinas o brilho da lâmpada de iluminação pública. “O Felipe deve estar logo atrás da portaria!” Entrevi um vulto pela portinhola. Virei o rosto e apertei o passo com medo de ser reconhecido. “Como o Felipe irá gozar a minha derrota ao saber do acontecido...” Mas verei poucas pessoas a rir do meu infortúnio – pensei com prazer diabólico. Logo na outra esquina há uma farmácia...

Entrei. Desejaria que o farmacêutico percebesse meu estado e aconselhasse qualquer coisa. Assim, antes de me suicidar, eu desabafaria todas as mágoas contra este mundo de maldade. O homem apenas me perguntou, quando lhe pedi o pó-de-joana:

– Seus cachorros andam com muito piolho?

Forcei um sorriso e esperei que ele voltasse com a caixinha rotulada. Uma caveira vermelha sobre dois ossos cruzados e em letras bem visíveis: VENENO! Despedi-me e o boticário velhusco continuou a leitura do jornal da tarde; “Dunquerque está sendo evacuada rapidamente! Cem mil aliados foram feitos prisioneiros!”

– “Prisioneiros” – pensei. Não é isso que todos somos? Obrigados a viver num mundo cheio de contratemplos, eivado de injustiças e saturado de maldade, muitos não renunciam à existência por estarem, não se sabe por que, acorrentados a ela? Bem fez tio Augusto em abandonar a vida, esta pocilga infame, onde os homens se devoram mutuamente das maneiras mais torpes apenas para viver... Vida, que não vales nada! A gente com quinhentos réis deste pozinho vermelho pode liquidar-se para sempre. Por que será que se luta tanto por um lugarzinho em teu seio?

Fui tirado de minhas lucubrações pelo barulho de algumas meninas, as quais, batendo com os punhos cerrados sobre a palma da outra mão, repetiam gritando:

– Apanhei um bobo, na casca do ovo!

Isso deve ser comigo! Quase esbofeteava uma das crianças que me impediam o caminho. Como deve ser bom bater num corpinho desses

até tirar sangue!... Depois esmagar-lhe a cabeça sob o peso do braço! Dizem que o crânio infantil se parte com certa facilidade... Chamas de maldade aqueciam meus desejos. Dei com o pé numa das meninas. Ela saiu chorando! – Igual a Manoela – pensei. Uma sova de pau naquela mulher não será mau fim para minha vida! Augusto também merece umas cintadas pelo seu cinismo e Encarnação uns socos por aquele permanente estado de “bobeira”. Fiz uma pequena pausa no meu solilóquio.

Isso seria muito bom, mas não posso me esquecer do suicídio. Aqui... neste bar... em frente ao cinema... Belo lugar, embora eu não queira propriamente dar um espetáculo.

Pedi um copo d’água. O rapaz do balcão me tratou com a mesma indiferença que o farmacêutico:

– Tire da torneira...

Eu mesmo lavei o copo, enquanto matutava: será que eu faço falta ao mundo? Ninguém dá importância ao meu suicídio... Tirei a caixinha do bolso. Olhei a caveira: as órbitas pareciam buliçosas e o maxilar movia-se. Meu Deus do Céu! Era o Assunção quem falava! – Eu preciso do senhor! O senhor é um elemento essencial para a boa ordem do serviço!

Ora! Esse camarada me vem importunar até neste momento! Já me tirou a coragem novamente! Tomei o copo de água pura e debrucei-me sobre o balcão. – Puxa! Não tenho forças nem para ingerir esse pó...

Do mármore cheio de cálices vazios subia um odor alcoólico.

– Com pinga talvez vá melhor!

Bebi o primeiro cálice sem misturar o veneno... O segundo e o terceiro também...

O rapaz do balcão perguntava mal houvesse terminado uma dose:

– Mais?

Eu estendia a mão, que voltava com o cálice cheio... E o moço ia fornecendo prodigamente novas porções de combustível...

O vento assobiava frio aos meus ouvidos. Quis apanhá-lo e ele deu várias voltas ao redor de mim. – Não faz mal. Eu também vou corrupiar atrás dele.

...

Comecei a perseguição. A rua da Mooca levantava-se iluminada à minha frente... Eu fazia esforços para subi-la correndo... Quando quase agarrava o vento, as luzes embaçadas pela neblina desciam rapidamente muito abaixo de meus pés... Sentia-me meio desequilibrado nas alturas, mas tenteava o corpo e encetava nova perseguição abismo abaixo. – Os postes passavam velozes ao meu lado... Pareciam vir ao meu encontro... Crescem, crescem e desaparecem riscando-me os olhos.

Um, dois, três... quantos? Agora eu pego o danado! Só mais um passo... Então a rua se elevava outra vez e eu tinha que iniciar cheio de cólera nova subida.

No fim desta nova ascensão o vento corrompiu assobiando outra vaia e, pulando por cima de mim, começou a açoitar-me pelas costas. – Será que a rua está brincando comigo? Eu não sou nenhum palhaço! Sim, e ela está mesmo. Ela brinca de roda-gigante... Roda-gigante que sobe e desce. Luzes da rua da Mooca embaraçadas pela neblina... Manoela comigo na barquinha, encostada no meu braço... A barquinha está descendo outra vez... Para que tanta velocidade?! Nossa! A rua gira agora horizontalmente... “Chicote”... Naquele Parque de 1925 havia “Chicote”? Não! Havia só cavalinhos de pau... Aquela mulher que foi acompanhar o filho e caiu no chão... Engraçado!... Vou dar uns socos no chão desta rua para ela aprender a não brincar comigo... Lá vai!...

– Bum!

– Fui eu quem lhe bati com o punho ou ela quem se jogou sobre minha cabeça?! A rua não para de balançar?! E essa linha brilhante de aço que parece refletir a claridade das luzes lá do alto? Ou será lá de baixo? Não sei. A linha de aço levanta-se e deixa a rua a perder de vista...

– Que barulheira será essa, minha gente?! No mínimo é o vento correndo atrás de mim!... Não, o vento só sabe assobiar. Esse “den-de-lén-den” é barulho de ferro... Bater poste no dia de Ano-Bom!... Ferro-Velho... Ano-Bom? Que bom o quê! Ano miserável...

Um monstro chiou pertinho de mim. Do trilho de aço vieram umas fagulhas... O homem vestido de uniforme desceu e me disse um nome feio. – Saia da frente, seu bêbado.

Ouvi mais um “den-de-lén-den” e resolvi reagir.

– “Seu bobo! (Upa! Um azedo me subiu do estômago.) – Eu não estou bêbado, não senhor!”

Ele agarrou meu braço e queria me arrastar: – “Veja se sai da linha do bonde. Nós temos pressa!...”

– Uhn! Bruto! Olha, quer saber duma coisa?! Não é assim que se trata um cavalheiro.

– Vamos logo, bêbado!...

– Bêbado, não. Já disse! Alcoolizado...

Minhas calças se molharam numa poça d’água. – Será que eu vou morrer afogado? Isso é o dilúvio, o fim do mundo! Qual! O mundo vai acabar queimado. É melhor eu tratar de agarrar o vento, antes que seja tarde. Coitado do vento! Ele está tão molhado e frígido! Diabo! Nessa rua não há ninguém?! As crianças não estão cantando “Senhora Dona Sancha, coberta de ouro e prata”?!... Os adultos não conversam sentados em grupos de cadeiras à porta das casas?! Esquisito, muito esquisito! Uai! Ali não é o cinema?! Já está com as luzes apagadas! Ainda é tão cedo...

Tudo começa a girar novamente rápido como cavalos açoitados impiedosamente!... Tigres bramem junto às minhas pernas. Cães uivam furiosos. Leões ágeis escancaram suas fauces, querendo tragar-me. Rugidos ameaçadores... Gatos miam lugubrememente junto aos postes, que revolteiam como as hélices de um avião... Este ronca estrepitosamente... Súbito, um poste para instantaneamente sua carreira. Encontro-me com ele, num estrondoso altissonante... A bomba de 1924!...

Tudo parou de girar. Não vejo mais nada. Trevas profundas como o breu. Silêncio sepulcral.

## A ORQUESTRA DESAFINOU...

Raios de luz abundante entrando pela janela faziam doer minhas pálpebras. Pensei a princípio tratar-se de uma labareda atingindo meu rosto. Estaria no inferno? A cabeça me pesava terrivelmente, revolvendo-se sobre o travesseiro. Imagens esquisitas disformes e amedrontadoras incursionavam desencontradas em minha mente, como guerrilheiros espertos que se aproveitassem da fraqueza e da imprudência do adversário. Meu braço levantou-se com a palma da mão anteparando os tais inimigos insidiosos... (Na realidade, eu me protegia dos raios do sol.) Uma ânsia estertorosa sufocava meu peito, comprimindo as artérias e forçando-me a levantar o corpo sucessivamente, como em forte acesso de tosse!

Tio Augusto... naquela cama da Santa Casa... em Franca... vomitando sangue!... Que horror!... Estarei também tuberculoso?!

Pus a mão em frente à boca e cuspi esperando borrá-la de vermelho...

– Veja se não me molha – protestou alguém.

Quase reconheci a voz. Hesitei um pouco, querendo adivinhar onde me encontrava. Não o conseguindo achei melhor pedir auxílio daquele intrometido, cuja voz não era por sinal muito antipática.

– Onde estou?

Uma gargalhada gostosa antecedeu a resposta.

– Esse Pedro parece que nunca tomou um “pileque”!... Como é isso, homem?

Não podia ser outro. Juca Brito junto aos pés da cama, gordo e pachorrento como sempre, exibia nos lábios espessos e vermelhos seu eterno sorriso paternal.

Aproximou-se com pose de médico e tomando-me o pulso numa das mãos colocou a outra sobre a testa. Senti certo prazer confortador ao contato daquela epiderme sanguínea e fresca.

Quis estabelecer qualquer semelhança entre a sensação agora experimentada e aquelas produzidas pelos afagos de papai quando ainda eu era criança. Achei, porém, a comparação meio absurda.

– Um negrão desses parecer-se com papai!...

Tive vergonha de fazer nova pergunta, pois isso denunciaria ainda a minha ressaca. Não sei qual a razão desse receio, uma vez que Juca Brito parecia estar a par de tudo...

– Onde está D. Norma?

O dentista riu de novo.

– Não precisa ter medo, “seu” Pedro. Ninguém de casa nos viu entrar...

Mais sossegado, pedi que me explicasse como fora parar naquela cama.

Ele contou: Manoela o procurara às onze da noite indagando sobre o meu paradeiro. Quando ela lhe narrou a notícia do desastre financeiro, novidade essa que em poucas horas havia corrido pelo bairro todo, ele pressentiu algo trágico com respeito à minha pessoa.

Procurou-me por todas as vendas e botequins do bairro até finalmente me encontrar deitado junto a um poste, na rua da Mooca.

Continuava caçoando e isso me excitou ainda mais. Não perceberia ele a dor abrasadora que, comprimindo meu cérebro, queimava os últimos resquícios de paciência contidos no mesmo? Ressabiei aborrecido por aquela atitude meio cínica.

– Veja se para com essas gargalhadas!...

Juca Brito mudou de fisionomia fazendo-se de irônico.

– Pensei que você ainda estivesse “alegre”!... Meu Pedro é muito ingrato. Eu tive tanto trabalho em trazê-lo incógnito até este quarto, evitando que sua família e principalmente seus conhecidos soubessem dessa carraspana! Agora você nem me permite rir um pouquinho de sua cara insonsa de criança que tomou purgante! Ora, “seu” Pedro!

– Por favor! – repliquei, lembrando a frase de Manoela. – Não ria mais. Eu preciso conversar a sério. Estou acabrunhado, compreende? Sou um vencido.

Pensei que Juca fosse gargalhar novamente. Isso, porém, não se deu. Ele não me pediu também para desabafar as mágoas, como em 1924. Naquela expressão de cativante simpatia percebi o homem que procura compreender o seu semelhante.

– Pois bem. Conversemos a sério.

– Eu fui um estúpido – comecei...

– Parece que o álcool fez despertar sua capacidade desconfiativa...

– notou maldosamente.

– Não me interrompa. Já sei que todo mundo está rindo de mim. Não há de ser nada. Tenho um plano para arruinar o Sumaquero. Por um lado foi até bom não ter ingerido esta droga.

Procurei a caixinha de veneno, trejeitando-me todo.

– Já guardei o pó-de-joana para aplicar nas carapinhas dos meus filhos. Vocês brancos nem deviam usar aquilo. Mancha muito o couro cabeludo.

– Não caçoe... Aconselhe-me apenas. Desta vez meu golpe não há de falhar... Eu vou correr todos os vendedores que consegui para aquele bandido e abrindo um depósito...

– Deixe dessa história, “seu” Pedro. Não há mais tanta abundância de ferro-velho. A corrida dos grandes depósitos esgotou o material ajuntado pelos pequenos vendedores. O ferro da Mooca já está quase todo nas mãos do Sumaquero. É engraçado!... Sempre pensei que o

sangue de seu pai fizesse de você um devotado servidor da fábrica... Agora, quando o contemplo, tenho a impressão de ver o Augusto, ganancioso, sacrificando tudo por uns contos de réis, voláteis como borboletas. Vocação, sossego, paz na consciência, tudo pelo prazer de amarrotar algumas notas, que nunca pertencerão de fato à gente!...

Interrompi o homem com indignação.

– O senhor com essa mania de discursos pensa ter permissão para falar o que entende. Sossego, paz de consciência! Quem pode ter essas coisas, com a família na miséria?! Foi por sossego e conforto que eu me meti nesse negócio! Foi por querer gozar a consciência tranquila de quem provê a todas as necessidades dos seus que trabalhei até alta noite, entabulando negócios! Agora, o senhor me vem com esse sermão não encomendado!

– Bom. Se você não está disposto eu não discurso mais. Quero apenas lhe fazer uma pergunta: você conseguiu, na realidade, o sossego e a paz pela qual lutou?

– Está visto que não... Mas ainda posso conseguir, se continuar a lutar...

– Não. Você não conseguirá. E não o conseguirá justamente por ter esquecido a coisa mais importante enunciada no meu discurso: a vocação. Você disse que lutou pelo conforto e pela paz de consciência. Essa porfia travou-se, porém, num campo que lhe é desconhecido e impróprio... Uma zona fora dos limites de sua vocação. Você nasceu para o tear... A família dos Martinez parece ter sido destinada a morar eternamente em fábrica de tecidos. Um de seus membros não quis compreender essa verdade. Responsabilizou o Destino pela asma sufocante, que lhe serviu de pretexto para abandonar o posto. Pensou que em outra atividade poderia ganhar, embora ilicitamente, muito mais dinheiro... Seu erro foi esse... Há algum mal no comércio? Absolutamente... Quando, porém, um homem nascido para uma profissão vende esse chamado divino por questões secundárias, ele será sempre um desajustado na Vida. Nunca se sentirá em seu lugar. Nunca terá prazer em suas atividades. Jamais viverá realmente! Um terceiro Martinez está à beira desse mesmo precipício, que é o desertar das fileiras onde foi colocado. O fogo adversário toma às vezes aspectos interessantes numa mesma batalha. Ora é o fogo de barragem monótono, paulificante. A luta em qualquer profissão possui

seus momentos de acabrunhadora monotonia. Ora são obuses enormes que estouram a poucos passos de nossos ouvidos assemelhando-se aos terríveis abalos, aos grandes desgostos da carreira que, porventura, tenhamos abraçado. O fato, porém, meu amigo, é que o comandante nos colocou naquele setor... Não sabemos por que mas é melhor para nós mesmos. Se sairmos da trincheira as balas se crivarão em nossa carne: se permanecemos não morreremos sozinhos. Resta-nos sempre a certeza de que não traímos nossa vocação.

– “Usted quieres es dinero de qualquiera forma! Has traído tu profesión! En el comercio serás siempre un ladrón! Usted no nació para eso!...” – o eco daqueles “on” retumbaram aos meus ouvidos, produzindo o mesmo temor infantil sentido em 1910.

Juca Brito continuou, enquanto eu mesmo me desconhecia por não o interromper outra vez.

– Este mundo, “seu” Pedro, foi muito bem feito. Os homens rebelaram-se contra a ordem preexistente e implantaram essa anarquia, que até hoje domina o planeta. Poucas coisas restam daquela harmonia inicial. Uma delas tem seu reflexo justamente no fato de haver vocações para esta ou aquela profissão. É como se o próprio Deus nos destinasse àquele determinado mister...

– Então quer dizer que eu estou condenado a ser sempre um tecelão pobre e sem vintém?! – perguntei, fazendo-me sarcástico.

– Não é bem isso. Você deve saber melhor do que eu se está ou não gloriosamente destinado a executar nesta vida passageira a função nobre e altamente bela de um homem que achou o seu lugar. Você não é tio Augusto, que vendeu o posto mal a doença o atacou. Sem o braço, Pedro Martinez conseguiu voltar a tecer! Isso representa muito! Prova mesmo que fora da tecelagem não existe lugar para a satisfação de suas aspirações. Pedro, desculpe-me o que vou dizer; sua bebedeira acabou hoje, mas não teve início ontem à noite. Há dois meses o Sumaquero lhe colocou na língua as primeiras doses de uma “caninha” terrível...

– Qual? O desejo de ganhar dinheiro?

– Não. O desejo de ganhar dinheiro sem pensar nos princípios mais elevados que devem dirigir a vida... Você não ganhou dinheiro. Este foi quem tomou posse de Pedro Martinez. Você não usou as notas. Elas o embrulharam... Os níqueis não rolaram de suas mãos



para exercer caridade, mas tornaram-se rodas de negro carro fúnebre, conduzindo o meu Pedro para um mundo que não lhe pertencia... O que aconteceu com você nestes dois meses passou-se durante dezenove anos na vida de Augusto e tem sido para muitas existências o pântano no qual desaparecem todas as felicidades anteriormente sonhadas. Veja que diferença entre a morte de seu pai e a de seu tio! Um morre alegre, conformado. Outro foge da vida, como se esta o açoitasse furiosamente. É a triste sina dos que negam sua profissão!... São Paulo está cheio desses infelizes, desses insatisfeitos!...

Fiz o homem parar, pois já previa a extensão monstruosa daquela alocução.

– Deixe-me falar um pouco também!... Ora essa!

– Se não for para exposição de novos planos, tenha a palavra...

– Não – comecei visivelmente comovido. – Eu creio haver compreendido sua repreensão. Veja se não é isto que o senhor me quis explicar.

Fechei os olhos e fui recordando.

– Lembro-me ainda de nossa viagem para a América em 1908. Vínhamos na terceira classe do “Cervantes”. Lá de cima chegavam todas as noites aos nossos ouvidos os acordes agradabilíssimos de uma orquestra. Eram os passageiros ricos, que dançavam nos salões da primeira classe. Eu sempre gostei de música e, por isso, sentia-me embriagado e atraído por aqueles sons inigualáveis. Desejava ardentemente conhecer os instrumentos que os produziam. Um camponês me ensinara tocar alguma coisa na gaita. Papai me presenteou com uma bem pequena e eu a usava na viagem, chamando a atenção dos passageiros.

– Com oito anos e já toca tão bem! – exclamavam. Sentia-me orgulhoso ao ouvir essas opiniões.

Em certa madrugada, subi pelas amarras do convés, temendo precipitar-me na escuridão brilhante do oceano. Temor infundado, pois se eu caísse não seria dentro d’água, mas num dos patamares logo abaixo. Cheguei à janela do salão, que deveria, segundo meus cálculos, estar mais próxima do local onde os músicos se assentavam. Divisando na obscuridade uma porção de instrumentos, encaminhei-me para eles.

– Se eu toco tão bem minha gaita, por que não poderei executar uma “musiquinha” naquele violão maior do que um homem?

Aproximei-me do violoncelo. Tirei-lhe a capa de pano marrom. Assoprei nos buracos de som. Houve apenas um rumor semelhante ao bater das asas de um pequeno pássaro. Estiquei uma das cordas, largando-a em seguida. Produziu-se um ruído pouco agradável!... Fui torcendo um dos botões das cordas, que rangia espremidamente. Virei mais esperando que produzisse melodia mais agradável. Então a corda que eu, sem o saber, retesara, arreventou-se com um assobio esquisito. Fiquei desanimado. Como estivesse com medo de ser pilhado no salão, nem experimentei os outros instrumentos. Enquanto descia para a terceira classe fui pensando: – Qual! Eu só sirvo para a gaitinha... Não é isso que o senhor me quer ensinar? Eu me intrometi em coisas altas demais para mim?

– Não é bem isso. O mundo constitui de fato harmoniosa orquestra entoando um hino ao Criador. Nesse conjunto musical, tanto vale a gaita como o violoncelo ou o violino. Se um desses instrumentos não estiver funcionando com perfeição, é o bastante para o conjunto perder a beleza. Quando Pedro Martinez, especialista em tecelagem, quer se meter a negociante de “ferro-velho”, a dentista, ou mesmo a sapateiro, ele está abandonando a gaitinha, que sabe tocar tão bem, para se atrapalhar todo com o violoncelo enormíssimo. Não é feio executar este ou aquele instrumento, mas sim tocar mal e erradamente. É preferível ser bom lixeiro do que péssimo doutor. Há uma frase muito sábia que ensina essa grande verdade.

– Aposto como está na Bíblia – atalhei.

– Não sei. Mas se lá não a puseram foi por esquecimento. A sentença é esta: cada macaco no seu galho... Sim! No dia em que todos os homens descobrirem a nobreza de sua carreira, no dia em que a função social posta a seus cuidados for executada com amor, no dia em que existir de fato na consciência de cada um a certeza de estar em seu lugar, então, esta música desafinadamente executada pelo mundo de hoje será a mais perfeita das harmonias. O Pedro só serve, de fato, para a gaitinha... Mas não existe nisso rebaixamento algum. Todos nós só podemos tocar perfeitamente um “pito”. Felizes os que já descobriram o pito que podem tocar.

Juca levantara o queixo para terminar eloquentemente o discurso. Abaixou-o agora, convincente e arrematou:

– Está bem, “seu” Pedro. Eu preciso ir tocar o meu “pito”. Ultimamente tem aparecido uns clientes para o período da tarde. Agora, às treze horas, vem um deles. Vá se preparando para tocar novamente sua gaitinha, logo amanhã. Vou conversar com o Assunção ainda hoje. E não se esqueça de que em sua casa ignoram essa “farrinha”. Manoela, Augusto e Encarnação pensam que você foi a Santos tentar um arranjo de negócios... Continue descansando mais um pouco. Logo lhe trarei o cafezinho...

Saiu.

## POR QUE ESCREVI MINHA VIDA

Na manhã seguinte, 8 de novembro de 1940, entrei meio hesitante no escritório do Assunção. A velha porta de mola bateu as três pancadas, que soaram aos meus ouvidos acompanhadas de intensas recordações.

Quinze anos se passaram desde aquela manhã na qual, às nove horas em ponto, eu recebia o cumprimento enérgico e bem dado pela canhota do Assunção. Agora, às mesmas horas, ele assumia a mesma atitude bondosa e afável. No seu rosto não se desenhava qualquer ressentimento. A cadeira repetiu o mesmo gemido quando o homem se levantou para me receber. Tudo era, ali, como em 1925. A vergonha que me oprimia antes de passar os umbrais da porta desfez-se naquele ambiente encorajador. Senti tal bem-estar transbordante e imensurável que me vieram à alma impulsos quase incontroláveis de chorar.

O Assunção me perguntou brevemente sobre o sucedido e completou:

– Promessa é dívida. Seu lugar continua à disposição. Começará terça. Segunda é feriado. Diga a D. Manoela que volte logo que puder.

...

Os sons marciais da banda militar anunciavam o início do desfile. Levantei Encarnação nos braços e fiz Augusto e Manoela se aproximarem o mais possível do cordão de isolamento. A massa popular pesava atrás de nós. Havia um vibrar de entusiasmo por toda a avenida São João.

Os músicos efetuaram ordenada evolução, fazendo os clarins

desprenderem, à luz do sol, reflexos fugazes mas uniformes. Formaram junto ao palanque das autoridades. O Hino Nacional rompeu os ares fragorosa e gigantescamente. Arrepiei-me por dentro e por fora sentindo a epiderme contrair-se de emoção.

Crianças de grupos escolares cantavam, compenetradas, estas notas rápidas e incisivas:

*Entre outras mil  
És tu, Brasil  
Ó pátria amada!...*

A atmosfera leve da manhã parecia estremecer agitada pelo volume poderoso daquelas vozes de cristal...

Fiz instintivamente a seguinte comparação: o Brasil é a criança que marcha firmemente cômico de seu papel no futuro da humanidade. Aí estão esses petizes arrebatando o povo com as esperanças e as glórias que seu canto gorjeante nos faz antegozar. Assim o mundo de hoje contempla esse país, cuja maturidade prodigiosa se delineia nos traços púberes de sua adolescência prometadora.

Aquela atitude do Assunção para comigo, no sábado, enchera-me a alma de transbordante disposição. Tudo agora me sugeria pensamentos luminosos, cheios de otimismo. Sentia-me feliz, imensamente feliz.

Vários clubes esportivos sucederam-se aos colégios no desfile. Depois chegou a vez dos operários. Cartazes em profusão apresentavam dizeres entusiastas:

“Os operários metalúrgicos saúdam o Estado Novo.”

“Congratulamo-nos com a Nação pelo Terceiro Aniversário da Nova Ordem.”

Naquela confusão de letreiros, apareceu um dístico que, mal eu o divisei, excitou-me intensamente a curiosidade:

“O Sindicato dos Tecelões da Mooca integrado no Novo Regime saúda o Chefe da Nação.”

A imensa peça de morim com dois metros de altura era sustentada por três mastros de madeira, um a quatro metros do outro. O da direita era levado por um desconhecido, o do meio pelo Felipe e o da esquerda, quase não o acreditei, pelo Assunção.

Censurei intimamente a atitude do industrial. Misturar-se com operários nessa parada cansativa. Logo ele, velho reumático e acostumado a sair sempre de automóvel!...

A boa vontade para encarar as coisas voltou-me, porém, ao coração:

– Que indivíduo formidável, esse Assunção! Esquecer as dores na perna para trazer em praça pública seu testemunho de solidariedade às alegrias do País! Fazer-se, junto com seus empregados, uma só voz de confiança nos destinos da Pátria!

Súbitos laivos de ciúme toldaram-me a vista ao fixá-la sobre Felipe.

– Eu bem podia estar em seu lugar arvorando aos olhos da multidão delirante aquele estandarte patriótico. Eu merecia bem mais que ele.

Tive inveja de Felipe e de todos os colegas que em passadas rápidas cruzaram pela minha frente cheios de transbordante energia.

...

Quando, às seis horas e meia da manhã seguinte, 12 de novembro de 1940, passei o portão da fábrica, alguém me dirigiu este gracejo:

– Primeirão, hein?!

Era Felipe, grisalho e bondoso, quem observava essa estranhável madrugada.

Julguei a principio adivinhar naquela atitude de simpatia o reflexo sarcástico destas palavras desdenhosas:

– Voltando ao ninho antigo, aleijão ambicioso?! Então não conseguiste o depósito de ferro-velho com suas vendas fabulosas? Tu és o primeiro a chegar para o serviço... Naturalmente queres com isso bajular o Assunção até poderes, um dia, fazer qualquer negociata com o homem. Tu te quiseste fazer superior a nós que mourejamos neste serviço ingrato. Agora tomaste a recompensa.

Olhando melhor para a fisionomia do veterano trabalhador percebi certa expressão de humilde e sincera solidariedade. O homem parecia dizer alguma coisa, talvez a palavra benévola de regozijo pela minha volta. Comoveu-me essa metamorfose daquele rosto duas vezes ferido pelos socos poderosos de minha canhota. Lembrei-me das cruzetas de esparadrapo. Entabulamos hesitante conversação, na qual

ambos procurávamos evitar qualquer referência a fatos desagradáveis de nossa vida passada. Excessiva indecisão nas expressões encobrendo duas almas ansiosas por se compreenderem.

A chegada de outros operários impediu-nos de continuar a prosa.

Entrei radiante para a sala de tecelagem. Felipe me informara que eu deveria operar num tear recém-comprado para o qual seu Silva ainda não conseguira oficial competente.

Examinava a máquina, quando o gerente se aproximou acompanhado do técnico.

– Então. Está disposto a fazer funcionar esta “belezinha”?...

– Claro – respondi num sorriso mal articulado.

O perito, um inglês cheio de saúde, muito avermelhado dentro do macacão azul, sentou-se ao comando e ligou a força. Teceu alguns centímetros de pano e então passou-me a direção. Notei seu rosto desenxabido ao verificar através da lente a superioridade notável do meu tecido sobre o dele. Retirou-se com seu Silva, comentando apenas:

– As máquinas de nossa fabricação nunca falham mesmo!...

O gerente, que também entendia de tecidos, e também olhara de soslaio os fios da textura amplificados pela lente, não disse nada. Sorriu apenas para mim como se motejasse do técnico e aprovasse a minha capacidade.

Nunca trabalhei com tanto vigor como nesse dia. À medida que o tecido se formava rapidamente sentia-me cada vez mais elevado a atmosferas de felicidade indescritível. Como era bom tecer! Como os desenhos da obra dirigida por minhas próprias mãos me embriagavam!

– Será possível que esteja mesmo numa fábrica?!

– Não – respondia a imagem de Juca Brito. –Você está no Céu. Você descobriu o Paraíso no dia em que alcançou a significação profunda de viver no seu próprio lugar.

Lembrei-me de Deus ao ouvir essas invocações da memória.

– Que diferença entre a Divindade aterradora daquela noite de desespero e o Deus paternal desta manhã de alegrias!

– Aquelas comemorações da véspera! Não significavam elas a ilustração claríssima da filosofia de Juca Brito, “Cada macaco no seu galho”? Ali não estiveram representados, em harmoniosa ordem, os diversos elementos constituintes da grandeza do País? Militares,

escolares, universitários, comerciários, bancários, elementos representativos de todas as profissões liberais, operários de todas as indústrias não marchavam naquele desfile com o sentimento unânime de sua missão específica no engrandecimento do Brasil?

Fiquei a pensar no milagre que se operara na mentalidade da nossa gente nesses três anos de Estado Novo.

O Felipe, traiçoeiro e extremista, não estava, como ainda há pouco minutos me confessara, com o coração repleto do inflamante desejo de cooperar no seu humilde posto para a boa ordem e progresso dessa maravilhosa organização que se tornou a família brasileira?

– Aqueles cartazes dos diferentes sindicatos de classe não constituíam resposta cabal à pretensão extremista de que a defesa dos interesses operários só se tornaria possível mediante a revolta?

Felipe se apossara dessa convicção e por isso ajudou a carregar entusiasmado o estandarte dos tecelões da Mooca nas comemorações de 10 de novembro. Não tínhamos agora privilégios garantidos os quais a anarquia do sonhado Diretório bolchevista jamais nos poderia proporcionar?

O matracar dos teares aquecia e multiplicava meus pensamentos.

Trabalhava com voracidade numa ânsia febril de produzir. Dir-se-ia que eu estivesse desejoso de descontar em duas horas os dois meses e meio perdidos fora da fábrica.

– Teria de fato perdido esse tempo?

– Talvez. Mas a lição aprendida nesse período desorientado será para Pedro Martinez mais profunda do que pretenderam os enciumados rapazes da Mooca ter sido a canivetada recebida por Rosária em dezembro de 1925. Eu não quererei jamais pular em galho que não me pertence.

Parecia repetir-se no meu coração o mesmo sentimento de vitória experimentado em 25 de setembro de 1927.

...

O inverno de 1942 encontrou-me abrigado em nova residência. O Instituto dos Industriários mandara construir a dois quarteirões da Fábrica, na esquina da rua Barão de Jaguará com Dom Bosco, um grupo moderníssimo de casas para seus associados. Fui dos primeiros a

procurar esse benefício oficial. Pagando menos de trezentos mil réis por mês, estou morando em casa própria otimamente construída.

Manoela voltou a trabalhar meio dia no Assunção. Não seria pecar contra a modéstia dizer que nós dois ocupamos nas respectivas salas de serviço posições destacadas. Ela continua tecendo com superioridade e graça. Eu comandando a valente máquina ultramoderna, que ninguém conseguiu manejar perfeitamente.

Minha esposa cumpre todos os deveres domésticos e ainda me ajuda grandemente na execução do orçamento financeiro.

Augusto entrou para o Curso Preliminar da Escola Profissional Masculina. Esse curso tem o nome de Vocacional, porque nele se procura descobrir a tendência inata de cada aluno. Tudo indica ter Augusto nascido para a mecânica, tal o entusiasmo com que se dedica aos trabalhos escolares. O educador da escola nos procurou há poucas semanas e dele nos falou. Ficamos extasiados vendo que o homem conhecia o rapaz quase melhor do que nós. Augusto não estava em casa essa noite. Fora ao Clube de Menores Operários, mantido pelo Departamento de Cultura do governo de nossa cidade, no Parque Pedro II. O técnico de profissões pôde assim tirar todos os dados necessários sem que o maior beneficiado com esse trabalho o soubesse. Ele mesmo nos preveniu:

– Não contem nada ao menino. Se percebe que há alguém procurando auxiliá-lo na escolha da carreira profissional, revolta-se e a obra se torna muito difícil. O Augusto é desses tipos que gostam de fazer tudo sozinho.

– Como esse aí... – comentou Manoela apontando-me.

– Como eu, é? – protestei. – O rapaz tem mais do seu sangue que do meu, D. Manoela!

Quando o educador se retirava assaltou-me esta ideia:

– Estamos agora com bons rendimentos. Poderíamos mandar Augusto para um ginásio e depois fazê-lo médico, advogado ou engenheiro.

Logo raciocinei melhor:

– Meu filho não parece ter nascido para isso. A frase de papai – “Usted no nasció para eso” – dita ao falecido Augusto parecia adaptar-se perfeitamente ao Augusto que começava a viver.

Não. Não valeria a pena colocar nosso filho em posição que lhe não fora destinada.



Senti profunda simpatia pelo vulto resoluto daquele descobridor de vocações, que da porta da rua se despedia delicadamente.

. . .

Encarnação, que deveria se levantar cedo para as aulas do grupo, dormia profundamente quando Augusto voltou radiante, ali pelas onze horas da noite.

– Papai. O senhor não sabe como estou contente. Hoje fizeram as eleições para constituir o Conselho de Menores e eu fui eleito.

– Eleito para quê?

– Para Conselheiro da Comissão de Boxe.

– Comissão de quê?

– De boxe.

– Logo para boxe meu filho?! “Em todo caso” – pensei comigo – “talvez essa tendência de esmurrar seja reflexo do sangue paterno.”

– Por quê?! – protestou o menino valentemente. – Seu Araújo falou no discurso de posse que só eu seria capaz de dirigir com eficiência esse posto.

– Aposto como seu Araújo disse o mesmo de todos os eleitos – observei com ironia, enquanto pensava intimamente: “Está aí outro homem que sabe fazer o indivíduo amar a sua função...”

– De fato – respondeu Augusto confirmando, sem querer, o meu pensamento. – Ele disse isso de todos os novos conselheiros, bem como dos que terminaram o mandato. Mas disse grande verdade. O senhor não acha? Os conselheiros das outras pastas são todos especialistas. Na de ping-ping, está o Zequinha, o melhor “cortador” do Clube. Na de bola ao cesto, o Alfredo, que nos últimos jogos tem sido a garantia do time...

Meu filho nomeou outros cargos e nomes para depois concluir:

– Se o senhor não acreditar que eu sou competente no boxe, apara lá... Ameaçou-me com a esquerda e quando procurei desviar o golpe ele me acariciou o rosto com a direita.

– Pronto! – exclamou triunfante. Era só eu pôr energia nesse direito e o senhor estaria “knock-out”.

Ele entrava para o quarto, o aposento particular do qual eu sempre o achara merecedor, quando Manoela perguntou:

– Você não quer tomar leite?

– Não é preciso. Já nos deram bastante no parque. Que soneira! – concluiu estendendo os braços num bocejo profundo.

A porta agradavelmente esmaltada de branco fechou-se atrás dele.

Manoela retirou-se também, e eu, sozinho na sala de jantar, comecei a encadear esta série de ideias: de fato não me foi possível desviar o “direto” de meu filho. Eu sei bem por quê: – Pedro Martinez nunca deixará de ser Pedro Maneta. Mas quantos “manetas” existem por aí com dois braços perfeitos. São aleijões sob outros pontos de vista. Neste mundo ninguém possui tudo que quer. O sofrimento, queiram ou não queiram os homens, visita a todos. Pais que morrem, maridos que abandonam os lares, filhos libertinos e perversos, são todos braços a faltarem na vida de alguém.

Eu olho com simpatia meus companheiros de existência. São também companheiros de sofrimento.

Poderia bem contar-lhes a minha biografia, para que vejam nela a sua própria história.

Não faltam por aí mutilados de corpo e do espírito. E quantos deles conseguiram vencer a batalha da vida!

O meu caso constitui apenas pálido reflexo da energia moral desses heróis anônimos, cuja confiança e cuja fé os salvaram do estigma da inferioridade. O Brasil, na marcha gloriosa que a História lhe destina, precisa de homens capazes de fazer das próprias doenças e misérias motivos para o desempenho eficiente das funções nobilitantes que lhes foram confiadas.

Se a narrativa da minha humilde carreira de tecelão puder levantar alguma vontade abatida, não será nada inútil escrevê-la.

...

Na noite seguinte quando iniciei a leitura do meu diário disposto a compor este relato, chegou-me por intermédio de Manoela a notícia da venda fabulosa efetuada pelo Sumaquero.

O homem ganhara mais de mil contos nessa transação.

A princípio senti pequena inveja do amigo sócio. Depois, não sei por que, todo o rancor desapareceu. Olhei a sala arrumada com tanto gosto, as cortinas balançando suavemente ao sopro do vento noturno, a fruteira sobre o “étagère”, repleta de bananas e laranjas apetitosas, o pequeno quadro de aço, representando a Ceia do Senhor, todo

o ambiente iluminado abundante e alegremente pelo globo moderno pregado ao teto, e fiquei duvidando de que Sumaquero ou qualquer outro homem pudesse ser mais feliz do que eu.

Manoela sentou-se junto de mim encostando a cabeça ao meu ombro...

Encarnação, cansada de estudar, adormecera do outro lado da mesa.

O soprar contínuo do vento ia virando as páginas do livro abandonado, dando-nos a impressão de que nossa própria filha o folheava.

Na minha memória passaram, uma a uma, as páginas de minha existência, e na imaginação elas se foram encadernando sob este título: Pedro Maneta.

Foi então que Manoela me interrompeu a série de ideias, suspirando languidamente... Seus olhos buliçosos de felicidade fitaram-me com meiguice.

– Como me sinto feliz! – murmurou baixinho.

*FIM*

# **JULHO, 10!**

Leda Maria de Albuquerque  
Maria Luisa Castelo Branco

## PERSONAGENS

(pela ordem da entrada em cena)

MARIA TERESA: bibliotecária e encarregada do fichário do ambulatório da fábrica. Entre 20 e 25 anos.

TIÃO: operário brasileiro. Entre 16 e 18 anos.

SÉRGIO: médico e professor dos operários da fábrica. Entre 25 e 30 anos.

RODOLFO: operário estrangeiro. Entre 30 e 35 anos.

JOÃO CERA: operário brasileiro. Entre 40 e 45 anos.

ARTAXERXES: enfermeiro do ambulatório da fábrica. Entre 45 e 50 anos.

D. ESTEFÂNIA: professora, ridiculamente feminista. Entre 45 e 50 anos.

ADÉLIA: mulher de João Cera. Entre 40 e 45 anos.

GUILHERME: capitalista, dono da fábrica. Entre 45 e 50 anos.

LEONARDO: agitador estrangeiro. Entre 40 e 45 anos.

## PRIMEIRO ATO

*CENÁRIO – Uma sala simples, com janelas ao fundo, portas à direita e à esquerda. Estantes encostadas à parede do fundo. À direita, uma mesa redonda, com cadeiras em volta e revistas em cima. À esquerda, uma mesa coberta de livros e papéis. Ao levantar-se o pano, Maria Teresa está sentada à mesa da esquerda, escrevendo. Ouve-se tocar uma campainha, depois ruídos de cadeiras arrastadas, passos, vozes dizendo: “Boa noite, boa noite”. Sérgio entra pela esquerda, acompanhado de Tião.*

TIÃO (Um adolescente desengonçado e de ar inteligente) – Boa noite, D. Maria Teresa.

MARIA TERESA (Levantando a cabeça) – Boa noite, Tião.

SÉRGIO – Arranje-me um bom livro para este menino.

MARIA TERESA (Sorrindo para Tião) – O que é que você quer desta vez? Um livro de Julio Verne?

TIÃO – Como a senhora quiser. Eu prefiro um livro que tenha muitas aventuras.

MARIA TERESA – Parece que sei o que você deseja. (Caminha até uma estante, escolhe um livro. Tião continua perto da mesa, Sérgio aproxima-se de uma das janelas e acende um cigarro) Aqui tem. (Voltando com o livro para perto de Tião) Se não gostar, pode vir trocá-lo no meio da semana.

TIÃO – Sim, senhora. Muito obrigado. (Sai pela direita).

SÉRGIO (Indiferente, tirando uma baforada do cigarro) – Que livro lhe deu?

MARIA TERESA – A *Ilíada*.

SÉRGIO – A *Ilíada*?! E você pensa que a *Ilíada* pode interessar a este menino?

MARIA TERESA – E por que não? Não é exatamente o que ele queria? Um livro que fale de terras distantes e que tenha muitas aventuras?

SÉRGIO (Ainda não convencido) – Mas a *Ilíada*...! Nem sabia que havia um exemplar em nossa “grande” biblioteca. Quem teria tido a absurda ideia de trazê-lo?

MARIA TERESA – Fui eu.

SÉRGIO – Você?

MARIA TERESA – Eu sim. Se há alguma coisa na qual eu acredite sinceramente, é no poder persuasivo da Beleza. Seja a de um quadro, de um livro ou de um raio de sol. Beleza, felizmente, não é privilégio de ninguém. (Rindo) Depois, a *Ilíada* que eu emprestei é apenas uma edição infantil.

SÉRGIO (Pensativo) – Você é engraçada...

MARIA TERESA – Engraçada? Por quê?

SÉRGIO – Por uma porção de coisas. Não é bem engraçada que eu quero dizer. É diferente. Por exemplo, o que é que você está fazendo aqui?

MARIA TERESA (Fingindo não entender) – Estou tratando do meu serviço. Não devo ficar até a hora de fechar, para atender aos que desejam um livro ou queiram ler um jornal?

SÉRGIO – Não se faça de desentendida. Sei que é o seu serviço. Mas por que escolher este, tão pouco agradável, quando existem tantos outros que lhe poderiam servir?

MARIA TERESA – Gosto deste. Sinto a utilidade do meu esforço e isto me basta. E você, por que é que está fazendo praticamente o mesmo que eu, se isto não lhe agrada?

SÉRGIO (Encolhendo os ombros e caminhando para perto dela) – Oh, isto é só o começo. O começo para um rapaz que tem dois diplomas e que ainda não encontrou o que fazer. Mas você trabalha como se fosse ficar aqui para sempre.

MARIA TERESA – Talvez seja do meu feitio fazer todas as coisas assim – como se tudo estivesse destinado a durar para sempre.

SÉRGIO (Olhando-a admirado) – Há muito tempo que trabalhamos juntos e eu sei tão pouca coisa sobre você. Sei que estive estudando direito, não é verdade?

MARIA TERESA – Ainda estou. Interrompi o curso este ano, por umas tantas dificuldades... Mas vou recomeçar assim que puder.

SÉRGIO – Posso perguntar por quê? Não me parece uma profissão muito boa para quem tem urgência de dinheiro.

MARIA TERESA (Sorrindo) – Aparentemente você tem razão. Mas é porque não conhece ainda os meus motivos.

SÉRGIO – Se você nunca me contou... Mas eu gostaria muito de saber.

MARIA TERESA – Para quê? É uma história longa e nem sequer alegre. E o pior é que, no fim, você vai achar que eu sou uma tola.

SÉRGIO – Que diferença faz o que eu possa pensar?

MARIA TERESA – É verdade. Que diferença faz o que os outros possam pensar de nós? O importante é estar de acordo consigo mesmo. (Encostando-se à mesa, voltada para a plateia e falando mais para si mesma do que para Sérgio) É também uma história antiga. Tudo aconteceu junto a uma grande fábrica. Há dias que havia agitação por toda parte. Uma questão de salários punha os operários contra os patrões. Havia também o caso de um operário que morrera e cuja família estava na miséria. Era a lembrança do companheiro morto e o medo que cada um tinha de que aquilo acontecesse à sua própria família que tornava os ânimos tão exaltados. Meu pai saiu muito cedo, no último dia da greve, e às 11 horas da noite ainda não voltara. Minha mãe...

SÉRGIO (Interrompendo, admirado) – Seu pai...? Mas D. Estefânia me contou que ele era um advogado de muito nome e que você e sua mãe perderam a herança por culpa de uns parentes.

MARIA TERESA – D. Estefânia tem veia de romancista. Não me roubaram nenhuma herança, Sérgio, pela simples razão de que eu não tinha o que herdar. Meu pai não me deixou nada que pudesse ser furtado. Dele só me ficou uma imensa saudade e este desejo de procurar o lado belo de todas as coisas. Porque de certo modo meu pai era um artista. Nunca deixou passar um dia de sol sem o admirar. Dele me veio o culto da Beleza, por causa dele é que acredito que todos possam admirá-la também... (Passa a mão pela testa, como quem quer afugentar uma ideia importuna) Hoje estou falando demais. Acho até melhor não contar o fim da história. Você deve estar cansado de me ouvir.

SÉRGIO – Pelo contrário. Estou cada vez mais interessado.

MARIA TERESA (Continuando) – Às 11 horas chegou um de nossos vizinhos. Nunca esqueci este momento. Sempre que falo nele, parece que está tudo acontecendo outra vez. Bateram à porta e eu fui abrir. Gritei para dentro: “É o ‘seu’ Daniel, mamãe”. Ela apareceu à porta do quarto e, quando o viu, parou assustada e perguntou: “Aconteceu alguma coisa a meu marido?” “Seu” Daniel rodou o chapéu nas mãos. Levou um tempo enorme para dizer: “Um soldado atirou nele. Um dos nossos estava fazendo um discurso. O soldado apontou a arma e o mandou calar-se. Ele não ouviu e continuou. Seu marido viu o perigo e correu para avisar o companheiro. A bala que era destinada ao outro o apanhou em caminho”. Ainda me lembro de que mamãe nem sequer perguntou se papai havia morrido. A ideia de morte estava presente na atitude de nosso vizinho. Só no dia seguinte soubemos que a morte havia sido instantânea. Caiu com os braços abertos e quando tocou o chão já estava morto.

SÉRGIO – Pobrezinha! Que coisa terrível!

MARIA TERESA (Sem o escutar) – Quando “seu” Daniel acabou de falar, mamãe começou a chorar baixinho. Depois perguntou, e no seu rosto havia tristeza e ódio misturados: “É este soldado, não se pode fazer nada contra ele?” “Não, senhora. Ele está do lado da lei”. Isto nunca mais me saiu da cabeça. Cresci sempre querendo saber que coisa era a Lei, que coisa tão poderosa! Quando se estava ao lado dela até matar se podia... Foi por isso que entrei para a Faculdade: precisava saber o que era a Lei.

SÉRGIO – E agora, você já o sabe?



MARIA TERESA (Pensativa, sacudindo a cabeça) – Mais ou menos. Sei que a Lei é uma grande força, mas também sei que ela não é tudo. Uma boa lei não é uma coisa abstrata. Não basta que um legislador se sente à sua mesa de trabalho, consulte tratados e tratados de direito e *fabrique* uma lei cientificamente perfeita, teoricamente eficiente. É preciso que esta lei corresponda a uma aspiração do povo a que se destina. É preciso que os que vão pô-la em prática, que aqueles a quem ela beneficia, estejam aptos para recebê-la. Compreende, Sérgio?

SÉRGIO – Não muito bem. Compreenderia melhor se você fosse uma revoltada, se pregasse agitação e vingança. Ou se procurasse uma situação na qual pudesse “fazer” leis. Com você aqui, neste trabalho rotineiro e calmo, confesso que não consigo compreender.

MARIA TERESA – E, entretanto, é tão fácil! Meu pai era bom demais para que sua morte pudesse gerar um desejo de vingança. Leis, outros as farão por mim. Sinto que se aproxima a época das boas leis, quando não mais serão necessários tiros nem greves para que o direito dos operários esteja assegurado. Minha tarefa, aquela que eu impus a mim mesma, é outra. Quero fazer o possível para que, quando este dia glorioso chegar, estas leis encontrem homens dignos delas. Por isso, quando entrego ao Tião um bom livro para que ele o leia, eu me sinto muito mais útil do que D. Estefânia com todos os seus discursos e todo o seu exagero. (Entram Rodolfo e João Cera. Um caminha para junto de Maria Teresa, outro para a mesa das revistas).

RODOLFO (Um tipo atlético e louro, que fala carregando muito nos rr) – Boa noite, D. Maria Teresa.

MARIA TERESA – Boa noite, Rodolfo. Deseja um livro, não é verdade?

RODOLFO – Exatamente. (Irônico) O que eu duvido é que haja ainda nesta biblioteca um livro que eu não tenha lido.

JOÃO CERA – Então releia. Ou, se não, passe lá em casa que eu lhe empresto um. (João Cera é pequeno e magro e ainda parece menor e mais magro pelo contraste com Rodolfo).

RODOLFO – Você? Você só lê jornais, e assim mesmo muito por alto. E depois, eu não acredito que tenhamos o mesmo gosto.

JOÃO CERA – Por isso não, que o gosto não foi meu. Quem me deu os livros foi o Dr. Eduardo, aquele que nos ensinava antes do Dr. Sérgio chegar.

SÉRGIO (Rindo) – E você não teve preguiça de carregá-los para casa?

MARIA TERESA – Eu não sei por que todo mundo tem a mania de dizer que você é preguiçoso, João.

JOÃO CERA – Deixe, D. Maria Teresa. Eu não me incomodo, eles um dia hão de ver quanto vale este caboclo. (Rindo) Depois, se Dr. Eduardo me deu os livros é porque eu engraxava os sapatos dele e fazia outros servicinhos. Já vê que não sou assim tão preguiçoso.

RODOLFO (Com pouco caso) – Você sempre gostou de biscates, não é? Fazer cera é do que você gosta. Nunca vi apelido tão bem posto: João Cera.

JOÃO CERA (Muito calmo) – Pois é, nem todos podem ser especializados, como você. Eu sei fazer de tudo um pouco.

SÉRGIO – Uma pena que você faça tudo tão devagar.

MARIA TERESA (Rindo) – Não fosse ele João Cera. (Pensativa) Às vezes acho que é um crime chamá-lo assim. Ele vai ficando cada vez mais preguiçoso.

RODOLFO – Qual! Este nem que se chamasse João Ventania. Não viu o que ele disse agora – que faz de tudo um pouco? Preguiça de aprender a fazer uma coisa até a perfeição. (Olha com desprezo para João Cera).

JOÃO CERA (Encolhendo os ombros) – Eu não sou máquina.

MARIA TERESA – Deixe o Cera sossegado. A verdade é que ele faz tanto ou mais do que vocês. O que acontece é que ele trabalha devagar e não vive contando vantagem (olhando significativamente para Rodolfo), o que, infelizmente, não se pode dizer de todos aqui. (Entra Artaxerxes pela direita).

SÉRGIO – Você por aqui Artaxerxes? Aconteceu alguma novidade?

ARTAXERXES (É um homem entre 45 e 50 anos, cabelo ralo e grisalho, vestido com um avental branco de enfermeiro. Desembaraçado e pernóstico, caminha para junto de Sérgio) – Aproveitei para vir buscar um jornal. Hoje é minha noite de plantão.

MARIA TERESA – Aproveitou o quê? Os jornais estão aqui desde sete horas.

RODOLFO (Formalizado com a última observação de Maria Teresa) – Com licença. Tendo de ir embora. (Vai sair pela direita, mas se detém para ouvir “seu” Artaxerxes).

ARTAXERXES – Como o glorioso rei da Pérsia, do qual tenho a honra de usar o nome, eu procuro evitar o inimigo quando sei que ele é mais forte do que eu.

RODOLFO – Quando “seu” Artaxerxes começa a se confundir com o rei dos Persas, eu não entendo mais nada. Aliás, prefiro não entender.

JOÃO CERA – Pois eu, apesar de só ler jornais, entendo muito bem. Ele está falando de D. Estefânia, que deu para andar atrás do coitado. Pior que carrapicho.

RODOLFO (Ainda mais formalizado) – Agora, vou mesmo embora.

MARIA TERESA – E o livro, “seu” Rodolfo, o senhor desistiu dele?

RODOLFO – Fica para outra vez. Certas conversas tiram a vontade da gente se distrair. (Sai pela direita. João Cera coloca o jornal sobre a mesa e ri silenciosamente).

SÉRGIO (Caminhando para perto de Maria Teresa) – O Cera achou graça na saída do Rodolfo. Os dois vivem implicando um com outro.

MARIA TERESA – Eles não podem mesmo combinar, Sérgio. O João é simples e bom. O Rodolfo é inteligente e tem ambição, mas por isso mesmo é orgulhoso e irascível. Confesso que às vezes ele me impacienta. (Enquanto ela fala, Artaxerxes caminha para perto de João Cera. Os dois conversam animadamente).

SÉRGIO – Pela saída do Rodolfo, parece que ele tem especial simpatia por D. Estefânia.

MARIA TERESA – Isto não sei. O certo é que D. Estefânia tem muita simpatia, mesmo muita, pelo “seu” Artaxerxes.

SÉRGIO (Rindo) – “Simpatia é quase amor.” Pelo menos assim pensava Casemiro de Abreu. Eu... (Entra D. Estefânia, pela esquerda. É uma mulher de meia-idade, com roupas de corte masculino, óculos, cabelos lisos, curtos, penteados para trás das orelhas. Caminha para Sérgio e Maria Teresa e aperta-lhes as mãos, dizendo enérgicos “Alô”, depois se dirige para junto da mesa redonda. Artaxerxes, que tem estado conversando com João Cera, só neste momento dá pela presença dela).

ARTAXERXES (Espantado) – Será possível? Creio que já vou indo.

D. ESTEFÂNIA (Batendo-lhe no ombro, no momento em que Artaxerxes vai se levantando, com tanta violência que ele é obrigado a sentar-se outra vez) – Não vai nada. É muito cedo. Não sei por que este homem, mal eu chego, vai logo embora.

JOÃO CERA (Com um ar de perfeita ingenuidade) – A senhora não sabe? Eu creio que é porque ele é muito tímido. Quando gosta de uma pessoa fica tão cheio de dedos que não sabe nem conversar.

D. ESTEFÂNIA – Cera, você acha que ele gosta mesmo de mim? (Enquanto ela fala Artaxerxes vai se esgueirando em direção à porta. Mas antes de alcançá-la, D. Estefânia se volta bruscamente) Ora vamos, “seu” Artaxerxes, deixe de timidez.

MARIA TERESA – A senhora não aprecia a timidez, D. Estefânia? (Rindo) É um sentimento muito louvável.

D. ESTEFÂNIA – Eu, minha filha? Não faça de mim este mau juízo. Sou uma criatura evoluída. Ouviu bem? (Separando as sílabas) E-vo-lu-í-da. Se não admito timidez nem nas mulheres... Por que a pessoa que ama não há de tomar a iniciativa, qualquer que seja o seu sexo? Por que desperdiçar energias com suspiros e lágrimas, em vez de decidir logo a questão? (Aproximando-se de Maria Teresa e esticando o braço, com o dedo indicador em riste) Por exemplo, se você gosta do Dr. Sérgio...

MARIA TERESA (Muito depressa) – Mas quem foi que disse que eu gosto?

D. ESTEFÂNIA (Sem se perturbar) – Se você gosta do Dr. Sérgio por que há de ficar aí feito uma estátua, em vez de tomar logo uma decisão? Exponha-lhe o caso objetivamente, como se se tratasse de outra questão qualquer. Se ele concordar, muito bem, estão os dois felizes.

ARTAXERXES (Aniquilado com o rumo que tomou a conversa) – Ou infelizes. (Suspira).

MARIA TERESA (Irônica e irritada) – Mas, D. Estefânia, pensei que o casamento não fizesse parte de suas teorias.

D. ESTEFÂNIA (Atrapalhada) – Bem... Mas é que... (Com súbita inspiração) Isto depende. (Olha significativamente para Artaxerxes, que se encolhe todo numa tentativa inútil para desaparecer).

JOÃO CERA – Bem, eu já vou indo. Minha velha está me esperando e eu sempre gosto de ver os garotos antes de irem para a cama.

D. ESTEFÂNIA (Dando no desesperado Artaxerxes uma cotovelada ao mesmo tempo decidida e carinhosa) – Como é doce a vida no lar!

SÉRGIO – Eu aproveito para ir com você, Cera. Vou dar umas pinceladas na garganta do Joãozinho. (Para Maria Teresa) Você não quer vir também? Ele sempre fica mais dócil quando você está presente. No que aliás tem toda a razão.

ARTAXERXES (Horrorizado com a ideia de ficar sozinho com D. Estefânia) – Não precisa a senhora se incomodar, D. Maria Teresa. Eu vou. Eu é que sou enfermeiro.

SÉRGIO – Mas não é com você que o menino se acalma. Fique tomando conta da sala com D. Estefânia.

D. ESTEFÂNIA – Pois é. (Suspira) Ficamos nós dois. Eu e ele. Ele e eu.

ARTAXERXES (Obstinado) – Aqui é que eu não fico. (No entanto, já está sozinho com D. Estefânia. Sérgio, Maria Teresa e João Cera saíram pela direita. D. Estefânia, de pé no meio do palco, tira os óculos e guarda cuidadosamente no bolso do casaco, de onde tira um espelhinho. Mira-se, arruma o cabelo. Depois caminha para junto de Artaxerxes, que parece interessadíssimo na leitura de uma revista. D. Estefânia suspira outra vez).

D. ESTEFÂNIA – Pois é... Bem que todo mundo acha... (Artaxerxes finge não ter ouvido e vira nervoso as páginas) Todo mundo acha, ouviu, “seu” Artaxerxes?

ARTAXERXES (Desanimado) – Todo mundo acha o que, D. Estefânia?

D. ESTEFÂNIA – Que eu sou a cara da Hedy Lamarr. (Pausa, novo suspiro) Com a vantagem de que eu não uso artifícios.

ARTAXERXES – Não blasfeme, D. Estefânia.

D. ESTEFÂNIA (Ameaçadora) – Como, “seu” Artaxerxes?

ARTAXERXES – Eu disse: “Não blasfeme”. (Amedrontado) Quer dizer: não se compare com ela porque a senhora é muito, mesmo muito, mais bonita.

D. ESTEFÂNIA (Aliviada) – Ah! (Artaxerxes suspira e volta outra vez a atenção para a revista) Que é que o senhor está lendo?

ARTAXERXES (Sem levantar a cabeça) – Um artigo muito interessante. (Mentindo sem convicção) Escrito por um médico... Mesmo muito interessante... Interessa à minha profissão.

D. ESTEFÂNIA (Que se aproximou e está espiando por cima do ombro do “seu” Artaxerxes) – Ora, a revista está de pernas para o ar...

ARTAXERXES (Atrapalhadíssimo) – É uma macumba que me ensinaram, D. Estefânia.

D. ESTEFÂNIA – Macumba?

ARTAXERXES – Pois é, uma macumbinha muito eficaz. Quando a gente quer se ver livre de uma pessoa e não consegue, pega um livro ou uma revista, põe de pernas para o ar e começa a ler, mas ler com muita fé.

D. ESTEFÂNIA (Indignada) – Que história de se ver livre é esta? Isto é comigo?

ARTAXERXES (Irônico) – Absolutamente...

D. ESTEFÂNIA (Calma outra vez) – Não sei por que vocês homens são assim. Desprezam uma mulher como eu, sensata, inteligente, evoluída, e correm atrás de outras que não têm sequer uma ideia que se aproveite.

ARTAXERXES (Rindo) – Bem, D. Estefânia, é que ideias não são tudo na vida.

D. ESTEFÂNIA (Outra vez zangada) – E se é questão de físico (dando uma voltinha) também não acho que deixe muito a desejar.

ARTAXERXES (Pegando novamente a revista) – Bem, não se pode negar que a senhora tem uma qualidade muito rara hoje em dia.

D. ESTEFÂNIA (Muito alegre e esperançosa) – Qual?

ARTAXERXES – A modéstia. A senhora até parece uma violeta (Recomeça a ler).

D. ESTEFÂNIA – O senhor me chamou de violeta! Não tente disfarçar agora com a revista. O senhor me fez um galanteio. Ai... Ai... Que bom a gente ouvir um galanteio. (Artaxerxes continua lendo, impassível) Largue essa revista. (Puxando-o pela manga) Vamos, largue de uma vez que eu preciso muito ter uma conversinha com o senhor.

ARTAXERXES – Está bem, eu capitulo. Pode começar a conversa.

D. ESTEFÂNIA – Há muito tempo que eu estou para lhe explicar uma coisa. Como o senhor sabe, eu gosto muito do senhor. (Avança para Artaxerxes, que se encolhe medrosamente, e toma-lhe a mão) Gosto muito do senhor. Acho uma tolice esta convenção que estabelece que a mulher não pode ser a primeira a falar. Eu (bate no peito) gosto do senhor (bate no ombro de Artaxerxes). Por que devo calar-me? Gosto e sou bem intencionada. Se eu for aumentada, podemos casar no mês que vem.

ARTAXERXES (Horrorizado) – Tenha um pouco de paciência, D. Estefânia. Amanhã eu lhe dou uma resposta definitiva. Foi tudo tão súbito...

D. ESTEFÂNIA (Imperturbável) – Fingidinho... Então você não sabia que eu queria casar com você?

ARTAXERXES (Desanimado) – Bem que andaram me avisando. Mas eu não quis acreditar... Por que logo eu, D. Estefânia?

D. ESTEFÂNIA – Não sei. Acho você tão engraçadinho... Vi, falei, gostei. Por falar nisso, o senhor sabe cozinhar, não sabe?

ARTAXERXES (Atrapalhadíssimo) – Um pouco.

D. ESTEFÂNIA (Implacável) – E costurar?

ARTAXERXES (Desanimado) – Também um pouco. Mas eu não tenho tempo para essas coisas. O trabalho não deixa.

D. ESTEFÂNIA (Pensativa) – É, quanto a essa história do senhor trabalhar fora, eu ainda vou resolver. Não gosto muito de maridos que vivem fora de casa. (Entram Sérgio e Maria Teresa pela direita).

MARIA TERESA – Espero que o tempo tenha passado depressa, numa companhia tão amável.

D. ESTEFÂNIA – Muito, muito depressa. Até depressa demais. Não deu para nada. Agora “seu” Artaxerxes vai me levar até em casa, não é?

ARTAXERXES – Que remédio... (Saem os dois).

MARIA TERESA – Você emudeceu, Sérgio?

SÉRGIO – Mais ou menos. Aliás, perto de D. Estefânia, é difícil alguém encontrar oportunidade para dizer alguma coisa. (Pausa) Depois daquela nossa conversa de hoje, estive pensando...

MARIA TERESA – Que conversa?

SÉRGIO – Aquela que começou com o livro que você emprestou ao Tião. Você... (Ouvem-se gritos de “fogo”, “socorro”, passos e vozes. Sérgio e Maria Teresa correm para a janela).

MARIA TERESA – Parece um incêndio.

SÉRGIO – E o clarão vem do lado da Vila Operária. Vou ver o que aconteceu.

MARIA TERESA – Vou com você. (Caminham para a direita, mas param quando Tião entra em companhia de Adélia, mulher de João Cera, grisalha e magra).

TIÃO – Depressa, doutor. Pegou fogo na vila. (Sérgio sai com Tião. Maria Teresa quer acompanhá-los, mas é impedida por Adélia que a segura pelo braço).

ADÉLIA (Desesperada) – Não me deixe sozinha.

MARIA TERESA – Então venha comigo. Eu preciso ir ajudar.

ADÉLIA – Não posso... É horrível demais... Se a senhora tivesse visto o que eu acabo de ver... (Sacudindo o braço de Maria Teresa) Fogo por toda parte. (Soluça).

MARIA TERESA – Acalme-se, Adélia. (Leva-a para uma das cadeiras à direita) Afinal, que aconteceu? Como começou o incêndio?

ADÉLIA (Fazendo um esforço para deixar de soluçar) – Ainda não... se sabe. Foi na casa de “seu” Rodolfo. Eu sempre disse que aqueles sobrinhos dele são uns demônios. Parece que viraram um lampião. O fogo alastrou-se pelos jornais velhos que “seu” Rodolfo guarda e...

MARIA TERESA – Mas a casa do Rodolfo não é pegada à sua? Onde é que estão os seus filhos?

ADÉLIA – D. Estefânia levou as crianças para o ambulatório. Os meus e os de “seu” Rodolfo. Menos o menorzinho... (Enquanto ela fala, os clarões na janela vão se tornando mais fortes e ouvem-se a todo momento vozes, gritos, chamados, rumor de passos) Quando vim para cá não o haviam encontrado ainda. E o Cera (soluça mais forte), o Cera entrou para procurar mais uma vez. “Seu” Rodolfo, coitado, não ajudou coisa nenhuma. Quando viu o perigo ficou parado na rua, inútil. E o fogo lambendo as paredes... (Aterrorizada) E quando o Cera entrou na casa pela última vez, já quase nem se enxergava a porta, de tanto fogo e fumaça. (Maria Teresa põe, compassiva, a mão no ombro de Adélia).

MARIA TERESA – Para que o Cera foi fazer isso? É muito perigoso.

ADÉLIA – Pois é. Coitado do Cera! Todo mundo chama ele de Cera. Até eu acabei me acostumando. No princípio, bem que reclamei, mas depois... (Animando-se) Mas não faz mal, não. Ele hoje mostrou



que não tem medo e que no momento do perigo sabe agir melhor do que qualquer um. Não gosto de andar elogiando meu marido, mas que ele é decidido lá isso é. Hoje, quando começou o incêndio, ninguém sabia o que fazer. Ficou todo mundo desorientado. Ele pegou as nossas crianças, tirou umas coisinhas melhores, mandou o Tião chamar o Dr. Sérgio e correu para salvar os meninos na casa de “seu” Rodolfo. (Olhando ansiosa para Maria Teresa) Que será que está acontecendo agora?

MARIA TERESA – Eu vou ver. (Caminha até a janela, abre-a e olha para fora) Parece que o incêndio está sendo dominado. Diminuíram as labaredas. Se não fosse a fumaça, eu poderia ver melhor. Mas está tudo tão escuro... Só vejo vultos que passam correndo de um lado para outro.

ADÉLIA (Chorando outra vez) – Consegue ver o meu Cera?

MARIA TERESA – Não fique nervosa, Adélia. (Olhando para fora outra vez) Não, não consigo vê-lo. Mas alguém está vindo para cá!

ADÉLIA (Ansiosa) – Quem é?

MARIA TERESA – Espere. Ainda está um pouco longe. Vem correndo... Agora vejo melhor: é o Tião (Sai da janela e caminha para o meio do palco. Tião entra ofegante, pela direita).

TIÃO – Pronto. Acabou o perigo. Apagaram o fogo e os sobrinhos de “seu” Rodolfo já estão todos no ambulatório.

ADÉLIA – E o João? Está bem?

TIÃO (Falando muito depressa) – Aquilo está um berreiro de criança que ninguém se entende lá dentro. O Dr. Sérgio mandou chamar a senhora, D. Maria Teresa.

ADÉLIA (Levantando-se, segurando a beira da mesa com as mãos crispadas e olhando fixamente para Tião) – E o meu João, ele está bem?

TIÃO (Sem olhar para Adélia) – Eu achava bom a senhora ir de uma vez, D. Maria Teresa. Dr. Sérgio disse que havia urgência (Maria Teresa caminha para a porta, acompanhada por Tião. Mas antes que possam sair, Adélia pergunta outra vez).

ADÉLIA – O que aconteceu ao João? (Gritando) Diga de uma vez: o que foi?

TIÃO (Atrapalhado) – Nada não, D. Adélia. Ele só se queimou um pouquinho. Quando ia saindo com o sobrinho de seu Rodolfo nos braços... (Rápido) Mas não foi nada de grave.

ADÉLIA – Eu quero ir vê-lo.

TIÃO – A senhora não pode, não. Dr. Sérgio está fazendo um curativo urgente, enquanto o médico da cidade não chega. Ele quer ver se salva os olhos porque...

MARIA TERESA (Horrorizada) – Os olhos?

TIÃO (Desistindo de disfarçar) – Pois é. Como ele ficou muito queimado no rosto, Dr. Sérgio acha que há perigo dele ficar cego. Por isso é que mandou chamar o outro médico para...

MARIA TERESA – Cale-se, Tião. (Olha para Adélia que continua em pé, agarrada à mesa. Tião também se volta a tempo de perceber o que está acontecendo. Os dois correm para amparar Adélia que desmaia sem um grito nem uma lágrima).

FIM DO PRIMEIRO ATO

## SEGUNDO ATO

### PRIMEIRO QUADRO

*CENÁRIO – Ambulatório da fábrica. Paredes brancas, mesa, fichário, duas cadeiras, mesa de exames, dois armários com vidros de remédio, ataduras, etc. Aqui Dr. Sérgio recebe os operários, examina-os e receita. Janela à direita, portas à esquerda e ao fundo. Ao levantar-se o pano, está em cena Maria Teresa, olhando pela janela. Adélia entra pelo fundo. Ouvindo os passos de Adélia, Maria Teresa se volta.*

MARIA TERESA – Ah! É você, Adélia?

ADÉLIA (Inquieta) – Acha que eles ainda vão demorar muito?

MARIA TERESA – Penso que não. Dr. Pereira prometeu a Sérgio que os receberia assim que eles chegassem.

ADÉLIA – Estão demorando tanto... Será que isto é mau sinal?

MARIA TERESA – Que tolice é esta, Adélia? Provavelmente o exame demorou um pouco mais. O Dr. Pereira é um especialista muito consciencioso, examina cada doente detidamente. Isto leva tempo.

ADÉLIA – A senhora acredita que ele cure os olhos do João? (Angustiadada) Desde a hora em que o Tião chegou dizendo que ele tinha

sido queimado no rosto, eu não tive um minuto de sossego. Não é tanto por mim, a senhora sabe, mas pelas crianças. Como é que eu vou sustentar aos três e ainda mais um homem cego? (Chorando) O João, coitado, tão bom, tão alegre, apesar de toda a luta que a gente tem tido. E agora acontece isso.

MARIA TERESA – Pois você deve seguir o exemplo dele e não desanimar. A fábrica, com certeza, vai auxiliar vocês.

ADÉLIA – A senhora acha? Hoje de manhã recebi este papel, lá da secretaria. Trouxe para a senhora ler porque não entendi bem.

MARIA TERESA – Deixe ver. (Toma-lhe o papel das mãos e lê. Adélia continua no meio do palco, desanimada, os braços caídos ao longo do corpo. A fisionomia de Maria Teresa se transforma à medida que ela lê) Não admira que você não tenha entendido, Adélia.

ADÉLIA – É alguma coisa importante?

MARIA TERESA – Não. Ou melhor, é importante, mas pode deixar por minha conta, que tudo se resolverá do melhor modo possível.

ADÉLIA – Mas eu queria tanto saber do que se trata...

MARIA TERESA – É um aviso de que, como o acidente não ocorreu durante as horas de trabalho, a fábrica não lhe pagará nenhuma indenização.

ADÉLIA – Nem o tratamento, ao menos?

MARIA TERESA – Quanto a isto, não se preocupe. Sérgio se encarregará dessa parte. E eu vou escrever ao Dr. Guilherme explicando as circunstâncias em que seu marido se queimou. Tenho a certeza de que ele lhe dará todo o apoio (Ouve-se o ruído de um automóvel. Adélia e Maria Teresa correm para a janela).

ADÉLIA – Até que enfim, meu Deus (Entra Sérgio, depois João Cera, com a cabeça envolta em ataduras, auxiliado por Tião. Maria Teresa interroga Sérgio com os olhos. Adélia olha angustiada para o marido).

TIÃO – Pronto “seu” Cera, chegamos.

ADÉLIA – Foi tudo bem, João? O que foi que o Dr. disse?

JOÃO CERA – O Dr. me animou bastante. Eu não quis perguntar muito para não incomodar. (Suspirando) Estou tão cansado!

SÉRGIO – Leve seu marido para casa, Adélia, e faça-o repousar. Ele precisa de muito sossego (Tião conduz João Cera para a porta, enquanto Adélia se aproxima de Sérgio).

ADÉLIA – Que foi que o médico achou, Dr. Sérgio? Meu marido vai ficar curado?

SÉRGIO – Vá sossegada. Ficaré completamente bom dentro de dois ou três meses.

ADÉLIA – Obrigada, Dr., muito obrigada. (Sai rapidamente).

MARIA TERESA – Isso que você disse é verdade?

SÉRGIO – A verdade pura. Dr. Pereira garantiu que o restabelecimento é certo. Como você vê, este episódio desagradável encerrou-se da melhor maneira possível.

MARIA TERESA – Parece que não. (Apanha sobre a mesa a carta que Adélia lhe entregou) Veja isso.

SÉRGIO (Lendo) – “Prezada senhora – Tendo chegado ao nosso conhecimento o acidente sofrido por seu marido sentimos ter de lhe comunicar que, visto não ter ele ocorrido durante as horas de serviço, não lhe ficamos devendo nenhuma indenização. E como, segundo informes de nosso médico, sabemos que ele, na melhor das hipóteses, não poderá voltar ao trabalho durante meses, a casa n. 26 da Vila Operária não mais ficará à sua disposição, devendo as chaves ser entregues até o dia 30, nos escritórios da fábrica. Sem mais...” (Revoltado) Mas é impossível! Deve haver algum engano.

MARIA TERESA – Infelizmente, não há nenhum engano. É verdade que você fez esta comunicação?

SÉRGIO – Fiz. Mas esperava justamente o resultado contrário. Pensava em obter para o João meios de subsistência, até que ficasse completamente curado. E agora acontece isso! E você ainda quer que eu não me revolte! (Agitado) Enquanto nós discutimos aqui onde alojar três crianças e um homem doente, o Dr. Guilherme está se divertindo em Buenos Aires.

MARIA TERESA – Pois para mim é justamente esta circunstância que o inocenta. Com certeza ele não sabe o que está acontecendo aqui. Vou escrever-lhe detalhando o caso e ele certamente me atenderá.

SÉRGIO (Mais calmo) – Quisera ter a sua confiança.

MARIA TERESA (Sorrindo) – Mas se isto faz parte de minhas teorias... Não pode haver ódio entre duas pessoas que realmente se conheçam, porque não existe ninguém absolutamente mau. O que pensamos que é maldade, não passa geralmente de indiferença. Acredito

que o Dr. Guilherme não queira saber o que aconteceu ao João, mas não acredito que, uma vez sabendo, deixe de ajudá-lo. E eu vou gritar tão alto que ele não poderá deixar de me ouvir. (Sorrindo outra vez) Quem sabe se a situação que nos parece tão horrível não acabará nos trazendo benefícios? Talvez faça com que o Dr. Guilherme se interesse por nós.

SÉRGIO – Se você quer escrever-lhe, escreva. Mas eu não acredito que essa medida vá surtir efeito.

MARIA TERESA – Também, tentar não faz mal a ninguém.

SÉRGIO – Você acha? Eu estou quase fazendo uma tentativa.

MARIA TERESA – Vai escrever também ao Dr. Guilherme?

SÉRGIO – Não se faça de desentendida. Você sabe o que eu estou querendo tentar.

MARIA TERESA – Eu, Sérgio? Se soubesse, não disfarçava. A sinceridade é um de meus princípios mais arraigados.

SÉRGIO – Olhe que eu tomei bem nota do que você disse. Daqui por diante não poderá negar que (intencional, aproximando-se dela) a sinceridade é um de seus princípios mais arraigados. Agora vai entrar em confissão.

MARIA TERESA – Confissão? Mas se eu não tenho segredos, nem pecados...

SÉRGIO – Não acredito. Por exemplo, você não tem nem um amor em sua vida?

MARIA TERESA – Eu? Nem tenho tempo para pensar nisso. Trabalho tanto que, quando me deito, meu sono é pesado demais até para sonhar.

SÉRGIO – Mas você não tem nem vontade de ter um amor?

MARIA TERESA – Nãããã.

SÉRGIO – Sinceramente, não?

MARIA TERESA – Sinceramente, não.

SÉRGIO – Neste caso, desisto. Mas não vou ficar aborrecido. Como você mesma disse, tentar não faz mal a ninguém. (Caminha para a mesa e senta-se) Tenho de verificar algumas fichas. Você me poderia trazer a segunda gaveta do fichário, já que está de pé e perto dele?

MARIA TERESA (Num ar exageradamente profissional) – Pois não, doutor, pois não. (Rindo) Mas você desiste depressa. Ou será que não fazia muita questão?

SÉRGIO – Fazer questão de quê? Há coisas que não se pedem nem se dão – acontecem.

MARIA TERESA – Não é esta a teoria da D. Estefânia. (Apanha a gaveta).

SÉRGIO – Mas acontece que eu também não sou o “seu” Artaxerxes.

MARIA TERESA – Disso eu tinha uma ligeira desconfiança. (Olham um para o outro e a zanga se desfaz em duas risadas). Aqui estão as fichas. Agora é hora de serviço. Mais tarde discutiremos melhor este assunto.

SÉRGIO – Às oito horas fica bem? Parece que vamos ter uma lua maravilhosa.

MARIA TERESA – Fica ótimo.

D. ESTEFÂNIA (Que entrou enquanto Sérgio falava e ouviu o fim da conversa) – O que é que fica ótimo para as oito horas? Que é que a lua tem que ver com isso?

MARIA TERESA (Atrapalhada) – Nada. Eu é que... Isto é, o Dr. Sérgio...

D. ESTEFÂNIA – Eu compreendo. (Com grande solenidade) Parece que as minhas doutrinas estão começando a ser adotadas. Eu sabia que você, inteligente como é, havia de acabar percebendo que a razão está comigo. Nada de esperar que os homens se declarem – tomar logo a iniciativa. Avançar – é a ordem do dia.

SÉRGIO – Está vendo, Maria Teresa? Você é uma mulher fora de sua época. (Rindo e abrindo os braços) Avance também.

MARIA TERESA – Não posso. É uma questão de gênio. Certas pessoas só sabem recuar.

D. ESTEFÂNIA – Qual! Diga antes que é uma questão de hábito. Eu a princípio também era muito tímida...

MARIA TERESA e SÉRGIO (Ao mesmo tempo, espantadíssimos) – Tímida? A senhora?

D. ESTEFÂNIA (Sem se perturbar) – Era muito tímida, sim. Aos poucos, com o estudo e a reflexão, é que consegui vencer este preconceito e, com este triunfo, vencer na vida.

SÉRGIO – E a senhora está certa de que venceu na vida?

D. ESTEFÂNIA – Certíssima. Espero ficar noiva de “seu” Artaxerxes muito breve. (Entra Tião pela esquerda).

TIÃO – Dr. Sérgio, D. Adélia mandou pedir para o senhor ir até a casa dela, porque o “seu” João Cera está se queixando de muitas dores.

SÉRGIO – Vou imediatamente. (Sai pelo fundo).

MARIA TERESA – Eu também tenho que ir embora. O serviço de ambulatório está terminado por hoje. Mal tenho tempo de jantar antes de começar o serviço na escola noturna.

D. ESTEFÂNIA – Então é a hora de Artaxerxes começar o plantão, não é verdade?

TIÃO – É, sim senhora.

D. ESTEFÂNIA – Eu vou esperar por ele. Não o tenho visto muito, ultimamente. Parece que ele anda fugindo de mim. (Pensativa) Será para não dar uma certa resposta que está me devendo?

TIÃO – Eu acho que não adianta esperar, D. Estefânia. Ele mandou avisar que hoje vem mais tarde. (Olhando significativamente para Maria Teresa) Tem umas injeções para dar na Vila Operária.

MARIA TERESA – Você se importa de ficar tomando conta do ambulatório até que ele venha? Se chegar alguém, peça para esperar um pouco.

TIÃO – Sim, senhora. Sabe, D. Maria Teresa, estou gostando muito daquele livro que a senhora me emprestou. Aquele que conta as lutas dos gregos para vencerem uma cidade chamada Troia...

MARIA TERESA – Vê, D. Estefânia, como a teoria do poder da Beleza está dando resultado?

D. ESTEFÂNIA – Já que o Artaxerxes não vem agora, eu vou com você para discutirmos melhor este assunto. (Saem as duas pelo fundo. Tião fica sozinho. Vai até a janela da direita, volta assobiando. Abre o armário dos remédios, mexe nos vidros, torna a fechar muito depressa o armário, põe as mãos nas costas e fica olhando para a porta da esquerda. Rodolfo entra com um grande maço de papéis na mão. Tião continua assobiando, para disfarçar).

RODOLFO – Pensei que não houvesse ninguém aqui.

TIÃO – Ora essa, “seu” Rodolfo, então quando o senhor pensa que não há ninguém no ambulatório é que resolve vir? Quem é que havia de atender o senhor, então?

RODOLFO (Atrapalhado) – Bem, é que... (Resolvendo brincar) Também, você ou ninguém é a mesma coisa. Você não serve para resolver nada.

TIÃO – O senhor acha? Pois para tomar conta bem que sirvo. D. Maria Teresa me deixou aqui até que “seu” Artaxerxes venha.

RODOLFO – Ele vai demorar? Eu estou precisando de uma injeção contra gripe.

TIÃO – Qual o quê! Daqui a um pouquinho ele deve estar chegando. Creio que o pobre não veio antes com medo de encontrar D. Estefânia.

RODOLFO – Então eu vou esperar. (Senta-se com o pacote nos joelhos) Você pode ir me comprar um maço de cigarros. Quando eu sair daqui, é capaz da cantina já estar fechada.

TIÃO – Posso, sim. Não convém mesmo o senhor apanhar muito sereno. Dr. Sérgio diz que é o pior para gripe. Mas tem de ficar tomando conta até eu voltar.

RODOLFO – Pode ir sossegado. Aqui está o dinheiro. (Dá-lhe o dinheiro. Tião sai assobiando pelo fundo. Rodolfo fica ainda um momento sentado, depois vai à janela e fecha-a, olhando suspeito para todos os lados. Fecha também a porta da esquerda, depois caminha para o fichário. Abre a primeira gaveta, torna a fechá-la, faz o mesmo com a segunda. Finalmente, a terceira parece satisfazê-lo, porque ele a abre toda, e coloca dentro o maço de papéis. Torna a fechar a gaveta, olha outra vez cuidadosamente em volta, abre as portas e dirige-se para a janela. Vai abri-la quando Tião entra).

TIÃO – Pronto, “seu” Rodolfo, os cigarros.

RODOLFO – Obrigado, Tião. Sabe de uma coisa: acho que não vou esperar pelo Artaxerxes. Estou me sentindo um pouco melhor e prefiro não tomar nenhuma injeção.

TIÃO – Como o senhor preferir. Não veio ninguém, nem aconteceu nada, enquanto eu estive fora?

RODOLFO – Não, não veio ninguém. Nem aconteceu nada. (Dirige-se para a porta, mas para, antes de sair). Isto é, não aconteceu *quasi* nada... Tião fica olhando admirado, sem entender, enquanto cai o pano).

FIM DO PRIMEIRO QUADRO DO SEGUNDO ATO



## SEGUNDO QUADRO

*CENÁRIO – O mesmo do quadro anterior.*

*Ao levantar-se o pano Sérgio está sentado, com o cotovelo sobre a mesa e a mão no queixo. Rodolfo está de pé, ao lado de Sérgio.*

RODOLFO – Mas como pode o senhor afirmar com tanta segurança que não foi D. Maria Teresa a autora dos boletins, se todas as aparências são contra ela?

SÉRGIO – Por todas as razões do mundo e mais precisamente por esta: porque as aparências estão demais contra ela.

RODOLFO (Triunfante) – O que interessa é que a responsabilizada foi ela e é ela quem vai ser demitida.

SÉRGIO (Surpreso) – Eu não compreendo este seu ar de triunfo... Maria Teresa foi sempre tão boa para o senhor, e está me parecendo que o senhor tem raiva dela.

RODOLFO (Muito atrapalhado) – Absolutamente. Ao contrário, tenho-lhe até muita simpatia. (Veementemente) Acho, porém, que ela procedeu muito mal, querendo concitar os operários à greve.

SÉRGIO – Não acredito que tenha sido ela. (Pausa) Maria Teresa não proporia nunca uma greve, uma violência. Ela está tão longe disto tudo, de ódios, de rancores...

RODOLFO (Irônico) – É? Mas dizem que ela escreveu uma carta bastante violenta ao Dr. Guilherme, reclamando indenização para João Cera.

SÉRGIO (Indignado) – Fantasia! Ela me deu a carta para ler antes de mandá-la e pediu minha opinião. A carta era escrita em termos muito brandos, e apelava para os sentimentos humanitários do Dr. Guilherme. Dizia que, realmente, ele não tinha se queimado em serviço, mas que mesmo assim merecia todo o auxílio. Ele tinha se portado como um herói e que além disso, embora muito indiretamente, a culpa do incêndio cabia à direção da fábrica.

RODOLFO – Cabia à direção da fábrica?! Mas o senhor e D. Maria Teresa sabem muito bem que o incêndio começou em minha casa, e o culpado foi meu sobrinho que derrubou o lampião de querosene.

SÉRGIO – Pois é justamente o que Maria Teresa explica na carta. Ela diz que se a fábrica já tivesse mandado instalar luz elétrica no bairro operário, coisa que vem prometendo há alguns anos, o sinistro não teria ocorrido.

RODOLFO – Mas o senhor não acha que esta responsabilidade é muito indireta? Nenhum advogado ousaria ir tão longe.

SÉRGIO – É justamente isto, não há propriamente responsabilidade, a carta de Maria Teresa não está se apoiando em leis, é toda ela um apelo aos sentimentos de humanidade.

RODOLFO (Irônico) – Pois parece que não deu muito resultado. Dr. Guilherme já disse a diversas pessoas que pretende demiti-la, e quando souber diretinho da história dos boletins...

SÉRGIO (Indignado) – Mas, afinal, de que culpam Maria Teresa? Só porque os boletins foram encontrados na gaveta do fichário do qual é encarregada, entendem que foi ela quem mandou imprimi-los e ia distribuí-los aos operários. Isto é um absurdo! Eu também mexo no fichário. Por que não suspeitam então de mim?

RODOLFO – Bem, mas o que fez nascerem as suspeitas não foram só os boletins. A resposta do Dr. Guilherme, recusando auxílio a João Cera, veio poucos dias antes dos boletins serem encontrados. A conclusão é fácil; D. Maria Teresa, para se vingar, queria levar os operários à greve. (Pausa) Aliás, como vingança, seria das melhores. Que prejuízo enorme iria ter o Dr. Guilherme!

SÉRGIO – Quem a conhece, como eu, sabe perfeitamente que ela seria incapaz de coisa tão baixa. Mesmo porque, com a greve, sofreriam todos, operários e patrões, e maior ainda seria o prejuízo do Estado. O senhor já pensou nisto?

RODOLFO (Entusiasmado) – Já pensei, sim. Que enorme dano teria o país com a greve de uma fábrica de pólvora! (Contendo-se) Que coisa horrível um decréscimo na produção de pólvora!

SÉRGIO – Maria Teresa não faria nunca uma coisa assim. Prejudicaria em primeiro lugar sua Pátria, em segundo seus próprios companheiros de trabalho e depois a ela mesma, pois como o senhor sabe é ela quem ajuda a família a viver.

(Entra Maria Teresa).

MARIA TERESA (Caminhando para Sérgio) – Bom dia. (Vendo Rodolfo que recuara um pouco) Bom dia, Sr. Rodolfo. (Virando-se novamente para Sérgio) Você sabe, Sérgio, que será provavelmente hoje o último dia em que trabalharemos juntos?

RODOLFO – A senhora diz isto com um modo perfeitamente calmo. (Irônico) O emprego não lhe faz falta?

SÉRGIO (Indignado) – Os seus gracejos, neste momento, são dispensáveis.

MARIA TERESA (Acalmando-o) – Não se incomode, Sérgio. Tenho a certeza de que tudo acabará bem. Está claro que não sou inconsciente e sei que minha situação, atualmente, não é nada boa. (Pausa) O que há é o seguinte: Dr. Guilherme recebe minha carta num dia de mau humor. Interpreta meu pedido como uma ousadia e fica me vendo com maus olhos. Chegando aqui a primeira coisa da qual tem notícia é de que andam espalhando boletins entre os operários, procurando semear a greve. Quase que ao mesmo tempo são encontrados maços desses boletins dentro de minha gaveta (aponta para a gaveta do fichário). (Tristemente) A conclusão é fácil: eu, revoltada, quero prejudicar o Dr. Guilherme de qualquer maneira, ainda que à custa do sacrifício de centenas de pessoas. (Pausa) Mas eu tenho fé, eu não hei de desanimar nunca. Hei de lutar até o fim. Ainda hei de descobrir quem fez tudo isto.

SÉRGIO (Animado) – Nós vamos descobrir isto juntos.

RODOLFO (Irônico) – É... Sempre quatro olhos veem mais do que dois... (Pausa) Bem, eu já vou embora. Até logo (sai).

SÉRGIO – Este homem tem qualquer coisa que não me agrada, qualquer coisa de dissimulado, de falso.

MARIA TERESA – Não seja assim, Sérgio, não desconfie de toda gente.

SÉRGIO – Você é admirável, sabe? No meio de todas as atribulações você continua encarando serenamente a situação, tendo confiança em todos.

MARIA TERESA (Rindo) – Você está me chamando de boba. (Pausa) Talvez eu seja mesmo boba, mas agora não é mais tempo de mudar.

SÉRGIO (Com veemência) – Não, meu bem, não mude nada em você. Você, como é, é perfeita.

MARIA TERESA (Entre espantada e alegre) – Você disse “isto”?

SÉRGIO (Encabulado) – O quê? (Encabuladíssimo) Que você é perfeita? (Animando-se) Disse sim.

MARIA TERESA (Rindo) – Isso, vindo de você, é espantoso, mas o que mais me espantou foi o “meu bem”.

SÉRGIO – Foi preciso tanto tempo para eu dizer uma coisa tão simples e tão verdadeira. Foi preciso que você tivesse todos estas atrapalhões para que eu afinal me decidisse. (Levanta-se e vai para junto de Maria Teresa) Eu sempre pensei em você, Maria Teresa, com muito carinho, mas só agora é que realizei tudo o que você é para mim. Eu gostaria de me casar com você, ainda este mês, amanhã, se fosse possível.

MARIA TERESA (Muito comovida) – Não, Sérgio, tão cedo não. Só depois que passar esta tempestade, só depois que estiver tudo explicado, tudo claro. (Pausa) Eu quero me casar com você, mas quero continuar trabalhando aqui no ambulatório, quero ajudar os doentes, quero tomar conta de minha querida biblioteca, quero me sentir útil.

SÉRGIO – Pois então, meu bem, faremos tudo como você quer. Vamos tratar primeiro de esclarecer este caso dos boletins, se é assim que você prefere.

MARIA TERESA – Eu vou procurar falar ao Dr. Guilherme, ainda hoje, e... (Entra D. Estefânia, ofegante e gesticulando).

D. ESTEFÂNIA (Quase gritando) – Se vocês soubessem o que me aconteceu agora, agora mesmo... (Dá um risinho espremido) Eu vinha vindo para cá... (Outro risinho) Disseram-me uma gracinha, imaginem só, uma gracinha...

SÉRGIO – Quem foi que disse uma gracinha para a senhora?

MARIA TERESA – Sente-se D. Estefânia, acalme-se. (Senta D. Estefânia na cadeira).

D. ESTEFÂNIA – Ai, meu Deus, estou nervosa. Imaginem só quem foi...

MARIA TERESA – Diga logo, diga logo, senão a senhora sufoca.

D. ESTEFÂNIA – Foi o “seu” Tibério, aquele senhor alto, bonito. Ele me conhece desde menina (um risinho nervoso) e só agora me disse uma gracinha. Acho que ele não me reconheceu. (Levantando-se da cadeira e gesticulando animada) Também isto de conhecer não faz mal. O importante é que ele me disse uma gracinha (novo risinho).

(Maria Teresa fica pensativa e puxa Sérgio para um canto, enquanto ele procura conter uma gargalhada. D. Estefânia tira um leque da bolsa e começa a se abanar).

MARIA TERESA (Baixo para Sérgio) – O “seu” Tibério não é aquele que você operou o mês passado de catarata?

SÉRGIO – É justamente ele. (Rindo) E como não é minha especialidade, o resultado foi triste: o homem anda dizendo graças até para D. Estefânia.

MARIA TERESA (Rindo também) – É, positivamente a operação não foi um sucesso. Parece que o homem não está vendo mesmo nada...

D. ESTEFÂNIA (Abanando-se furiosamente) – Fiquei tão comovida que vim logo contar a vocês. Uma novidade assim é preciso que os amigos saibam logo...

(Entra Tião).

TIÃO – Bom dia. Dr. Sérgio, o “seu” Artaxerxes...

D. ESTEFÂNIA (Aproximando-se de Tião e interrompendo-o) – Artaxerxes? Onde está o Artaxerxes?

TIÃO – Está aí fora, D. Estefânia.

D. ESTEFÂNIA (Enquanto se vai dirigindo para a porta) – Com licença, com licença, preciso falar com ele. (Sai).

MARIA TERESA – Coitado de “seu” Artaxerxes...

TIÃO – D. Maria Teresa, é verdade que a senhora vai embora?

MARIA TERESA (Sorrindo tristemente) – A verdade, Tião, é que estão me mandando embora...

TIÃO – Não diga isso, nós queremos tanto bem a senhora. (Pausa) Até ia me esquecendo de dar o recado ao Dr. Sérgio. João Cera mandou pedir para o senhor passar na casa dele assim que fosse possível.

SÉRGIO – Está muito bem. Eu vou agora e não demoro a voltar. Até já, Maria Teresa. (Sai).

MARIA TERESA (Preocupada) – O João está sentindo alguma coisa?

TIÃO – Não, senhora. Eu acho que eles estão querendo conversar com o Dr. Sérgio sobre o caso da senhora. Os operários estão aborrecidos porque o Dr. Guilherme vai mandar a senhora embora. O João está aflitíssimo. Ele diz que, se não fosse a senhora ter escrito a carta para arranjar dinheiro para ele, não teria acontecido nada.

MARIA TERESA – Não é assim como ele pensa. O pior foram os tais boletins encontrados na gaveta do meu fichário. Eu não posso imaginar quem os pôs lá, ninguém está autorizado a mexer naquilo. O ambulatório não fica nunca abandonado... (Pausa) Você não viu no outro dia? Tive que sair um minutinho e deixei você tomando conta.

TIÃO – Pois é. Eu também saí um instante para comprar cigarros para “seu” Rodolfo, mas ele ficou em meu lugar.

MARIA TERESA – “Seu” Rodolfo? (Pausa) Você deixou “seu” Rodolfo sozinho aqui? (Pausa) Bem, eu acho que a doença do Sérgio pega, eu também já estou desconfiando de toda gente. (Pausa) Vou arrumar tudo, pois amanhã talvez já não possa mais voltar. (Cai o pano enquanto ela se dirige para os armários).

## FIM DO SEGUNDO ATO

## TERCEIRO ATO

### PRIMEIRO QUADRO

*CENÁRIO – O mesmo do primeiro ato. Ao levantar-se o pano, Maria Teresa está escrevendo ativamente, sentada à mesa. Adélia coloca os livros na estante.*

ADÉLIA – Assim está bem, D. Maria Teresa?

MARIA TERESA (Levantando os olhos do papel) – Muito bem. Hoje terei tudo pronto e já amanhã poderei ir embora.

ADÉLIA – A senhora tem que ir, mesmo? (Aproxima-se da mesa).

MARIA TERESA (Pondo a caneta de lado e sorrindo tristemente) – Você sabe que sim. Se de mim dependesse, garanto que não ia. Gosto tanto de todos aqui...

ADÉLIA – Nós também gostamos muito da senhora. E o Dr. Sérgio mais do que todos.

MARIA TERESA (Admirada) – Você também sabe disso, Adélia?

ADÉLIA – Ora, D. Maria Teresa, quem é que não sabe? Ele não faz mistério nenhum. Por onde a senhora anda, lá está ele. Se a senhora ri, ele ri, se a senhora está triste, ele fica triste. Se isso não é amor...

MARIA TERESA (Radiante, mas querendo disfarçar) – Exagero...

ADÉLIA – Exagero nada! Olhe, se a senhora promete não caçoar, eu lhe conto uma coisa.

MARIA TERESA – O que é? Eu não caçoo, não.

ADÉLIA – Pois até me lembro o tempo em que meu João e eu éramos noivos. Naquele tempo ele não era feio e velho como hoje, e ninguém chamava ele de Cera. (Suspirando) Era um bom tempo, aquele... Ele vinha me buscar aos domingos, nós íamos passear. Ele punha um terno branco, e eu o meu vestido mais novo, uma fita prendendo o cabelo... No caminho, nós encontrávamos outros rapazes de terno branco e outras moças de fita no cabelo. A gente era feliz, tão feliz que o João chegava a falar na lua e nas estrelas.

MARIA TERESA – Mas você ainda é feliz. Principalmente agora que sabe que o João vai ficar curado.

ADÉLIA – Sim, graças à senhora e ao Dr. Sérgio. Mas eu não estou me queixando, não. Estou só me lembrando. Também a gente não pode ficar namorando a vida inteira. Precisa casar, ter filhos. Não faz mal que depois tenha mais trabalho e mais luta. É a vida.

(Através da janela um crepúsculo vermelho começa a ensanguentar o céu).

MARIA TERESA – É mais do que a vida, Adélia: é a beleza da vida. Sofrer quando eles nascem, trabalhar e lutar para criá-los, mas ter sempre a infinita alegria de perpetuar-se, de sentir-se útil à Pátria e à humanidade... Você queria recompensa maior?

ADÉLIA (Juntando as mãos) – Quanta coisa bonita a senhora sabe dizer, D. Maria Teresa! E o melhor é que são coisas que a gente sempre sentiu, mas que nunca soube explicar.

(Entra D. Estefânia, sempre de costume, mas desta vez com uma espalhafatosa gravata vermelha).

D. ESTEFÂNIA (Agarrando e sacudindo a mão de Maria Teresa) – Minha querida, vim hipotecar-lhe minha inteira solidariedade. Isto tudo não passa de um infame conluio capitalista para privar a classe trabalhadora de todos quantos tentam auxiliá-la.

ADÉLIA – Cruzes! Como a senhora fala! Não entendi patavina. Mas se estas palavras difíceis querem dizer que a senhora está triste porque D. Maria Teresa vai embora, então eu digo que é tudo verdade.

D. ESTEFÂNIA – Vai embora só? Pois a senhora ainda não sabe? Querem prendê-la, prendê-la...

ADÉLIA – Prender a senhora, D. Maria Teresa? Por quê?

MARIA TERESA – Não se preocupe, Adélia. Não é nada de importância. Um mal-entendido, que logo se esclarecerá. (Para D. Estefânia) Deixe de andar assustando os outros. Não adianta nada.

ADÉLIA – Então, se a senhora não precisa mais de mim, vou até em casa preparar o jantar. (Sai pela direita).

D. ESTEFÂNIA (Quase gritando) – Não compreendo você. Escorraçam-na, caluniam-na, prendem-na, e você fica aí parada feito uma estátua, sem reagir.

MARIA TERESA – Em primeiro lugar, ninguém me prendeu ainda. Em segundo, sei que posso provar minha inocência, ou pelo menos penso que posso prová-la, o que já é muito. Em terceiro, o que é que você acha que eu devia fazer? Sair gritando pela rua? Arrancar os cabelos?

D. ESTEFÂNIA (Aproximando-se da mesa e sentando-se na ponta, num gesto que ela quer tornar gracioso, mas que só consegue ser ridículo) – Todos aqui gostam muito de você. Se você quisesse, poderíamos manifestar o quanto a decisão do Dr. Guilherme nos desagrada e...

MARIA TERESA – Manifestar, como? Fazendo passeatas? Ou a senhora acha que eu devo provocar uma greve? Supondo-se que eu tenha influência suficiente para consegui-lo, não serviria senão para justificar tudo o que dizem contra mim.

D. ESTEFÂNIA (Procurando uma posição mais cômoda na ponta da mesa) – Você se incomoda que eu fume? (Tira um cigarro da carteira e acende-o).

MARIA TERESA – Não. Principalmente porque vou precisar sair agora. Tenho que apanhar lá dentro umas folhas do relatório. Ficaram na sala de aula.

D. ESTEFÂNIA – Relatório?

MARIA TERESA – Sim, do material que passou por minhas mãos, do emprego do dinheiro que recebi para comprar coisas para a escola e o ambulatório. (Sorrindo tristemente) Não se esqueça de que eu acumulava várias funções. Agora, que tenho de deixar tudo, é que compreendo quanta coisa fazia.



D. ESTEFÂNIA – Pois isso ainda torna pior a ingratidão. Eu...

MARIA TERESA – Não recomece. (Rindo) Voltarei num minuto.

D. ESTEFÂNIA – Não se apresse. Eu esperarei. Não tenho muito que fazer hoje.

MARIA TERESA – Hoje? (Ri e sai pela esquerda. D. Estefânia continua sentada na ponta da mesa. Tira baforadas do cigarro. Procura um espelho no bolso, e consegue encontrá-lo. Mira-se, faz poses, torna a guardá-lo. Dr. Guilherme entra pela direita e no primeiro momento ela não o vê. Dr. Guilherme é um homem de mais ou menos cinquenta anos, grisalho, distinto, bem vestido. Para assombrado junto à porta, quando vê D. Estefânia sentada na mesa. Ela, por sua vez, quando o vê, fica bastante admirada, o cigarro a meio caminho da boca, o braço imóvel no ar).

D. ESTEFÂNIA (Desembaraçada) – Alô! O senhor deseja alguma coisa?

DR. GUILHERME (Cuja estupefação é grande demais para que possa pensar no que diz) – Desejava falar à senhora.

D. ESTEFÂNIA (Coquete, completamente esquecida do pobre Artaxerxes) – Não quer sentar-se?

DR. GILHERME – Não... Sim... Eu...

D. ESTEFÂNIA (Com uma careta que pretende ser graciosa) – Decida-se de uma vez. Sim ou não?

DR. GUILHERME – Não, obrigado. Queria apenas que a senhora me apresentasse um relatório de suas atividades...

D. ESTEFÂNIA (Espantadíssima) – De minhas atividades?

DR. GUILHERME – Sim. Para ser positivo, tenho provas de que a senhora exerce uma propaganda digamos... subversiva e estou interessado em...

D. ESTEFÂNIA (Interrompendo-o, toda ela um sorriso de pura delícia) – Propaganda subversiva? (Desce da mesa e se aproxima de Dr. Guilherme) O senhor não pode saber o quanto me alegra. Nunca fui levada a sério por ninguém, até agora. Até discursos em praça pública eu já fiz, para ver se me prendiam. Eu ambiciono a palma do martírio, o senhor sabe, não é? Mas a polícia apenas riu de mim. E, quando falo com os operários, eles ou riem ou se afastam com indiferença. É horrível, não é? (Aproximando-se dele e fazendo menção de segurá-lo pela gola do casaco) E agora aparece o senhor e está interessado em minhas

atividades. É tão maravilhoso... O senhor vai colaborar comigo, não é? (A cada “não é?” corresponde um forte empurrão dado no aturdido Dr. Guilherme) Até agora não obtive muito sucesso. Os operários aqui desta fábrica parecem ainda menos interessados que os outros.

DR. GUILHERME (Consigo mesmo) – Nunca pensei que meus operários tivessem tanto senso comum.

D. ESTEFÂNIA – O quê? (Dá-lhe outro empurrão).

DR. GUILHERME (Conseguindo desvencilhar-se dela e colocando o chapéu e a bengala sobre uma cadeira) – O Amorim devia estar louco quando me recomendou esta criatura. (Alto, para D. Estefânia) Escrevi ao Amorim sobre a sua despedida, não queria que ele ficasse sentido.

D. ESTEFÂNIA (Indignada) – Amorim? Não conheço nenhum Amorim e depois quem é o senhor para me despedir? É verdade que quem me recomendou para o lugar de professora nesta escola noturna foi a Maria Teresa, mas só porque ela vai embora...

DR. GUILHERME (Visivelmente confuso) – A Maria Teresa?... Mas então...

MARIA TERESA (Entra pela esquerda) – Quem é que está falando em mim? (Dando com o Dr. Guilherme) Desculpe. Pensei que fosse algum conhecido.

D. ESTEFÂNIA – É este homem que apareceu aqui com uma conversa incompreensível. Não posso estar perdendo tempo com bobagens. Entenda-se você com ele, que eu vou procurar o Artaxerxes. (Sai pela direita, com grande pose, depois de lançar um olhar de desafio para o Dr. Guilherme).

DR. GUILHERME – Então a senhora é que é a Maria Teresa?

MARIA TERESA (Sorrindo) – Sou. O senhor deseja alguma coisa? Estou para abandonar minhas funções aqui, mas como ainda não tenho substituto...

DR. GUILHERME – Quer dizer que vai deixar o serviço? Não está satisfeita? Por acaso arranjou coisa melhor?

MARIA TERESA – Ao contrário. Estava muito satisfeita. E não arranjei coisa melhor. Para ser franca, não arranjei coisa alguma.

DR. GUILHERME – Então por que vai embora?

MARIA TERESA – Os motivos só interessam a mim e ao doutor Guilherme Macedo, que é a dono da fábrica.

DR. GUILHERME (Experimentando o terreno) – E não se revolta pelo fato de mandá-la embora assim, de um momento para outro, talvez injustamente?

MARIA TERESA – Eu sei que não é justo, mas, enquanto não houver uma lei que o impeça, ele tem o direito de fazê-lo.

DR. GUILHERME (Pensativo) – Estranha opinião.

MARIA TERESA – Assim isolada ela parece estranha, mas para quem conhece minha teoria ela é até bem natural.

DR. GUILHERME – E que teoria é esta?

MARIA TERESA – É muito simples. O senhor quer realmente saber como é? (Dr. Guilherme faz sinal que “sim” com a cabeça) É o seguinte: primeiro, eu acredito na lei. Quer dizer: se o direito dos operários é menosprezado, não é com greves que se há de conseguir alguma coisa, e sim com leis inteligentes. Segundo, eu acredito no poder da simpatia humana, porque ela é uma das formas da beleza e a beleza é todo-poderosa.

DR. GUILHERME (Surpreso, interessado, mas sem conseguir entender muito bem) – Mas o que é que a simpatia humana vem fazer no meio de tudo isto?

MARIA TERESA – A simpatia humana prepara os homens para receberem as leis. Por exemplo, se o senhor é dono de uma grande fábrica e surgem leis que protegem os operários, o senhor pode revoltar-se contra elas, fazer tudo para que sejam revogadas, para que se mostrem inúteis ou prejudiciais.

DR. GUILHERME – Decerto.

MARIA TERESA – Mas se o senhor tiver simpatia humana, não fará nada disso. Compreenderá que as leis são justas e será o primeiro a praticá-las.

DR. GUILHERME – Estranha, muito estranha sua teoria...

MARIA TERESA – Nenhum homem pode odiar outro homem desde que o conheça bem. Acho que todo crime e toda maldade do mundo são, no fundo, mal-entendidos.

DR. GUILHERME – E você acredita sinceramente nisso?

MARIA TERESA – Sinceramente. Mas não pense que comecei a acreditar assim, de repente. Precisei sofrer um pouco. Meu pai morreu em circunstâncias horríveis, numa greve... Eu cresci dizendo que devia odiar o soldado que o matou. E então, muitos anos depois, eu o encontrei um dia... Mas não havia nada do verdugo que minha imaginação criara... Era um homem cansado, gasto, tuberculoso, que me confessou ter sido toda a vida atormentado pelo remorso daquela morte. Tive de perdoá-lo e foi esse o dia em que me senti mais perto de meu pai... Depois disso, como posso acreditar que se conheça e se odeie uma pessoa ao mesmo tempo?

DR. GUILHERME – Se eu pudesse acreditar que isto é mesmo verdade...

MARIA TERESA – Acredite, que não se engana. Eu não deixo de acreditar em minha teoria mesmo quando se dão coisas que parecem contradizê-la. Por exemplo, há pouco tempo aconteceu um acidente com um operário aqui da fábrica e a direção cortou o auxílio à família. Mas eu tinha certeza de que o Dr. Guilherme ignorava que ele se queimara salvando uma criança. Por isso, escrevi-lhe uma carta. Desta carta surgiu uma complicação horrível e eu perdi o emprego. Muita gente aqui está com raiva dele, imaginando que se trata de um homem sem coração. Mas eu sei que não é verdade... Ou ele não recebeu minha carta ou eu não fui bastante eloquente. Se ele conhecesse o João Cera, se soubesse como ele é bom, como ficou horrivelmente queimado para salvar o sobrinho de um homem que vivia zombando dele, garanto que tudo teria sido diferente.

DR. GUILHERME – Eu também garanto. (Apanhando o chapéu) Agora, preciso ir. E sabe: em seu lugar, pararia com essas arrumações finais. Alguma coisa me diz que a senhorita não irá embora.

MARIA TERESA – O senhor já vai? Mas eu falei o tempo todo... (Rindo) Não deixei o senhor dizer o que desejava...

DR. GUILHERME – E, no entanto, já consegui o que queria – e até muito mais... (Sai pela direita, enquanto Maria Teresa fica olhando um momento sem compreender. O pano desce lentamente).

FIM DO PRIMEIRO QUADRO DO TERCEIRO ATO

## SEGUNDO QUADRO

*CENÁRIO – O mesmo do primeiro ato: sala da escola noturna. Ao levantar-se o pano Rodolfo está fumando junto à janela do fundo. A sala está quase inteiramente às escuras, iluminada apenas por uma pequena lâmpada acesa na mesa onde Maria Teresa costuma trabalhar. Rodolfo atira ao chão o cigarro e pisa-o com raiva. Dá alguns passos, de um lado para outro, com evidentes sinais de inquietação. Volta para junto da janela e espreita para fora. Enquanto ele está nesta posição, de costas para sala, um vulto assoma à porta da esquerda. Está vestido de escuro, com a gola da capa levantada e chapéu caído sobre os olhos. Fica um momento parado, observando Rodolfo, depois tira do bolso uma carteira de cigarros e apanha um.*

LEONARDO – Tem um fósforo. (Assustado, Rodolfo volta-se).

RODOLFO – Você? Como entrou?

LEONARDO – Pelos fundos. Ou você queria que viesse pela porta da frente, fazendo-me preceder de criancinhas tocando trombeta?

RODOLFO – Eu me assustei.

LEONARDO – Também acredito. Você estava tão absorto na sua contemplação... que poderia ser preso sem mesmo perceber o que estava acontecendo.

RODOLFO – Ser preso, eu?! Mas eu não quero ser preso.

LEONARDO – Sei que não quer. Nenhum de nós quer. Mas, neste nosso ofício, é uma das poucas coisas certas... É como a morte: não sabemos quando vem, só temos certeza de que vem um dia.

RODOLFO (Assustado) – Nunca pensei que fosse tão perigoso. (Mais assustado) Você me enganou.

LEONARDO – O que importa isto, agora? Ninguém o acreditará. Aqui está o seu dinheiro. (Coloca sobre a mesa um maço de notas) Trouxe também outra remessa de boletins para você distribuir. (Tira pela primeira vez o braço esquerdo de sob a capa e coloca sobre a mesa um embrulho grande, retangular, de papel pardo).

RODOLFO (Ainda mais assustado) – Eu não posso distribuir mais nada agora. Com a última remessa tive grandes aborrecimentos.

LEONARDO – Isto não me interessa. (Para de repente e vai até a janela) Parece que ouvi ruído de passos. Você tem certeza de que não há perigo de sermos surpreendidos?

RODOLFO – Nenhum. É domingo e ninguém virá ao edifício da escola. Para quê?

LEONARDO – Qualquer dos empregados poderá vir tratar de algum serviço extraordinário.

RODOLFO (Triunfante) – Também pensei nisto. Não há mesmo perigo. A escola, por enquanto, está sem secretária. A moça que trabalhava aqui foi acusada de distribuir boletins entre os operários, incitando-os à greve...

LEONARDO (Admirado) – O quê!?

RODOLFO – Foi acusada de distribuir os nossos boletins. (Orgulhoso) Você sempre fez pouco de mim, Leonardo. Eu sei que você é um agitador que já trabalhou em muitos países – e para muitos partidos, enquanto eu não passo de um pobre imigrante que vocês utilizaram, por acaso, e aceitou por ambição. Mas, desta vez, eu fiz um serviço...

LEONARDO – Sim? E o que foi que você fez?

RODOLFO – Minha casa se incendiou, de modo que fiquei sem saber onde esconder os boletins que ainda não havia distribuído. E sabe que ideia tive? Escondi-os no fichário do ambulatório. A moça que cuida do fichário de lá é a mesma que toma conta da biblioteca aqui. Pensei que os boletins fossem encontrados, lá, ninguém iria suspeitar de mim. E foi exatamente o que aconteceu. Depois, ela havia escrito uma carta meio zangada para o diretor da fábrica, e foi a conta. Já foi demitida. Correu até um boato de que o Dr. Guilherme ia mandar prendê-la, só não o tendo feito a pedido do nosso médico. (Vitorioso) Então, foi ou não foi um serviço bem feito?

LEONARDO – Não posso negar que foi. Mas de que adianta isso, se você se acovardou e não quer mais nem distribuir uns boletins?

RODOLFO – Eu me acovardei, não! Mas é que se aparecerem boletins, agora, toda gente vai ficar sabendo que D. Maria Teresa está inocente. E se começarem a procurar, são bem capazes de dar comigo. (“Seu” Artaxerxes e Dr. Sérgio entram pela direita).

ARTAXERXES (Exageradamente alegre e natural) – Boa noite, Rodolfo. Está mesmo uma noite maravilhosa, não é? Tantas estrelas...

SÉRGIO (No mesmo tom) – Você está virando poeta, Artaxerxes. É pena que D. Estefânia não esteja aqui para ouvir. (Voltando-se para Rodolfo) Mas vejo que você está recebendo visitas. Parece que viemos interromper...

RODOLFO (Atrapalhadíssimo) – Não... Que tolice... Eu apenas estava... É que...

LEONARDO (Com desembaraço) – Não interromperam, absolutamente. Eu já ia mesmo me retirando.

RODOLFO (Fazendo um esforço para se dominar) – Sim, ele veio me fazer uma visita rápida. Trabalhávamos juntos noutra fábrica. Ele passou por aqui... resolveu conversar um pouco... (Dr. Sérgio e Artaxerxes trocam olhares de entendimento e não dizem nada. Rodolfo mexe as mãos, inteiramente descontrolado) Viemos olhar os jornais da tarde... Já vamos embora.

SÉRGIO (Secamente) – Hoje é domingo. Não há jornais da tarde.

ARTAXERXES – Depois, desde que D. Maria Teresa deixou o serviço a gente só tem os jornais com atraso. Nunca mais isto vai ficar como no tempo dela...

RODOLFO (Obedecendo a um olhar de Leonardo) – Deixe de ser saudosista, Artaxerxes. Você nem deu tempo de apresentar meu amigo. E, agora, nem vale a pena. Ele já vai embora. (Leonardo cumprimenta com a cabeça e dirige-se para a porta à esquerda. Depois de dar alguns passos hesita, volta e dirige-se para a direita).

SÉRGIO – Terei sempre muito prazer em conhecer seus amigos, Rodolfo. Aproveito a oportunidade e vou acompanhar este senhor... Como é mesmo o seu nome?

LEONARDO (Secamente) – Leonardo.

SÉRGIO – ... este senhor Leonardo até a saída. Ele pode se perder nas ruas da Vila Operária. (Segue Leonardo. Este, antes de sair se volta).

LEONARDO – Então, até à vista, Rodolfo. Não esqueça o meu presente. (Olha significativamente para a mesa. Sérgio e Artaxerxes acompanham esse olhar, depois trocam, entre eles, um olhar de inteligência. Sérgio e Leonardo saem. Rodolfo, procurando parecer indiferente, apanha o embrulho e põe disfarçadamente o dinheiro no bolso. Artaxerxes não afasta dele os olhos).

RODOLFO – Bem, eu também já vou indo. Você fica, Artaxerxes?

ARTAXERXES – Não, eu vou com você.

RODOLFO (Inquieto, mas procurando disfarçar) – Vem comigo? Olhe que eu vou dar um longo passeio a pé. E você não gosta de fazer exercício.

ARTAXERXES – Quem foi que disse? Eu vou com você.

RODOLFO – Mas vai ser um passeio demorado, sob a luz das estrelas.

ARTAXERXES – É? Pois ou eu muito me engano, ou você não vai dar nenhum passeio sob a luz das estrelas, por um certo tempo.

RODOLFO (Agora francamente assustado) – O que é que você quer dizer com isso?

ARTAXERXES – Seu amigo a estas horas já deve estar bem preso. E você...

RODOLFO – E eu?

ARTAXERXES (Segurando-o pelo braço) – Vai pelo mesmo caminho.

(Pano rápido)

## FIM DO SEGUNDO QUADRO DO TERCEIRO ATO

### TERCEIRO QUADRO

*ÉPOCA – Uma semana depois.*

*CENÁRIO – Escritório do Dr. Guilherme. Móvelia de luxo e bom gosto. Ao fundo, duas sacadas, com pesadas cortinas. À esquerda, “bureau” com poltrona. Sobre o “bureau”, peso de bronze para papéis, ditafone, telefone. Poltronas à direita. Entre as sacadas, uma estante com livros encadernados. Duas poltronas à esquerda, perto do “bureau”. Na parede do fundo, em lugar bem visível, uma folhinha, com a data feliz da promulgação de leis trabalhistas (10 de julho de 1934).*

*Ao levantar-se o pano Dr. Guilherme está sentado, escrevendo. Entra Sérgio, pela direita.*

SÉRGIO – O senhor mandou chamar-me?

DR. GUILHERME (Levantando a cabeça e sorrindo) – Mandei, sim, Dr. Sérgio. Queira fazer o favor de sentar-se. (Sérgio senta-se numa



das poltronas, próximo à escrivadinha) Chamei-o para dizer que pode fazer uma lista de tudo de que necessita para o ambulatório. Aproveito também para dizer que pretendo melhorar sua situação.

DR. SÉRGIO – Melhorar minha situação? Muito obrigado. Mas por quê? Eu nada fiz de excepcional.

DR. GUILHERME (Estendendo o braço num gesto conciliador) – Isto depende do que se considere excepcional. O especialista que mandei examinar aquele operário... Como é mesmo o nome dele?

SÉRGIO – João. Chamam-no, porém, de João Cera.

DR. GUILHERME – Isto mesmo... Eu tinha ideia de que era um nome engraçado. Pois o especialista que mandei para tratar dele disse que só conseguiu curá-lo completamente pela habilidade com que o senhor ministrou os primeiros socorros.

SÉRGIO (Atrapalhado) – Bondade dele. Qualquer um teria feito o que eu fiz.

DR. GUILHERME – Bem, o fato é que o Dr. vai ser aumentado. Vou reformar seu contrato, e de um modo tal que você não terá do que se queixar.

SÉRGIO (Ainda mais atrapalhado) – Depois, se consegui alguma coisa, foi porque a Maria Teresa me ajudou muito.

DR. GUILHERME (Sorrindo) – Ah! Sim, a Maria Teresa. Isto é outro assunto que quero discutir com você. Graças a sua presença de espírito, domingo passado, conseguimos prender um agitador perigoso. Trata-se de um tal Leonardo, que já era procurado pela polícia de mais de um país. É um desses homens sem dignidade nem convicções, que fazem da violência modo de vida e que vendem seus serviços a quem primeiro os compre ou melhor pague. Já está sendo processado e vai ser expulso do país.

SÉRGIO – E o Rodolfo? Também vai ser expulso?

DR. GUILHERME – O operário aqui da fábrica? A sorte deste ainda não está decidida. É um caso bem diferente do outro. Trata-se de um pobre-diabo, que o Leonardo facilmente iludiu. Foi inofensivo até o dia em que o outro soube aproveitar sua idiotice, para cumprir ordens que seu patrão de momento lhe ditava. Um caso triste. Dele deve-se ter antes pena do que raiva.

SÉRGIO – Quando eu me lembro como ele caçoava do João Cera... De que valeu a ele toda a sua sabedoria e especialização? (Pensativo) É bem como diz a Maria Teresa: o que importa, antes de tudo, é o coração. Porque se me derem um homem bom, com o tempo poderei fazer dele um sábio, mas se me derem um sábio perverso, em nenhum tempo poderei fazer dele um homem bom. E o desenvolvimento intelectual, sem que o acompanhe o desenvolvimento do espírito, é antes um mal e um perigo do que um bem.

DR. GUILHERME – Esta Maria Teresa parece ter ideias muito interessantes. Não admira que tenha deixado aqui tantas saudades, nem que eu tenha recebido tantos pedidos para reconsiderar o caso dela.

SÉRGIO (Ansioso) – E o senhor vai reconsiderar?

DR. GUILHERME – Eu já reconsiderarei. Praticamente, ela está readmitida. E em melhores condições – é preciso que se note. (O ditafone chama, Dr. Guilherme se inclina para ouvir) Mande entrar imediatamente. (Olhando para Sérgio) É justamente a pessoa de quem estávamos falando. Mande-a chamar para ajustar uns detalhes. (Maria Teresa entra pela direita, alegre, com um jornal na mão).

MARIA TERESA – O senhor mandou me chamar? (Sem dar ao Dr. Guilherme tempo para responder, voltando-se para Sérgio) Sérgio, estou tão feliz!

SÉRGIO – Eu também. Dr. Guilherme já me contou.

MARIA TERESA (Admirada) – Já contou? Como é que ele sabe? Acabei de ler agora mesmo no jornal. E os jornais chegaram neste minuto.

DR. GUILHERME (Sem entender) – No jornal? Mas o que é que o jornal tem que ver com isso?

MARIA TERESA – Pois se é o acontecimento mais importante dos últimos anos. Aquilo por que tantos homens têm lutado, aquilo por que tantos homens morreram, como seu pai.

SÉRGIO (Também sem entender) – Mas de que é que você está falando? Não é da sua readmissão? Não lhe disseram nada lá fora?

MARIA TERESA – Readmissão? (Lembrando-se de repente) Sim, disseram-me. (Voltando-se rápida para Dr. Guilherme) Não pense que sou ingrata, Dr. Também estou feliz por causa disso. Mas a “outra coisa” foi tão maravilhosa que me deixou tonta.

DR. GUILHERME – Que outra coisa?

MARIA TERESA (Mostrando o jornal) – Isto, Dr. Guilherme: leis trabalhistas. As mais adiantadas de toda a América do Sul. (Apertando o jornal contra o peito e olhando para a frente, para alguma coisa que só ela consegue ver) Agora nós é que estamos “do lado da lei”. Nada de greves, de lutas ou mortes. Agora temos esta coisa forte, misteriosa, que trabalhará por nós: a lei (Olhando para a folhinha e lendo vagarosamente a data) 10 de julho de 1934! (Num transporte, voltando-se para Sérgio) É por isso que eu me orgulho enormemente do meu Brasil: nós conseguimos em paz o que os outros só conseguem com sangue e luta.

DR. GUILHERME (Emocionado) – Cada dia que passa eu mais me alegro por ter resolvido vir, pessoalmente, administrar minha fábrica. Só lamento não ter tomado esta resolução mais cedo.

MARIA TERESA – Por que o senhor se lembrou disto, agora?

DR. GUILHERME – Porque tenho aprendido muita coisa desde que cheguei, mas a melhor lição de todas eu a recebi neste momento. Estas leis e sua carta despertaram minha consciência. E eu só perdoarei a mim mesmo fazendo o que me for possível para que elas sejam bem executadas.

(João Cera entra timidamente pela direita).

JOÃO (Inclinando a cabeça à medida que vai cumprimentando as pessoas) – Boa tarde, Dr. Guilherme, boa tarde, D. Maria Teresa, boa tarde, Dr. Sérgio.

DR. GUILHERME – Boa tarde, João. Alegro-me por vê-lo forte outra vez.

JOÃO – Muito obrigado. Pois é... (Pausa) Eu já devia ter vindo aqui há mais tempo agradecer ao senhor a sua bondade... (Pausa) Mas é que eu não dou para esse negócio de palavras bonitas... (Pausa) O que eu quero que o senhor saiba é que sou muito grato e que o senhor praticou uma boa ação. Se Deus quiser, a semana que vem já posso trabalhar.

SÉRGIO – Eu também acho. Você já está bem mais forte, e, quanto à vista, está perfeita. Não é verdade?

JOÃO – Felizmente, Dr., felizmente. Foi um susto que meus olhos me pregaram...

DR. GUILHERME – Mas há males que vêm para bem. Se você não tivesse sofrido o acidente, eu não teria tido ocasião de conhecê-los de perto, nem a você nem a Maria Teresa, nem a Sérgio.

MARIA TERESA – Realmente, Dr. Guilherme, este ponto é o ponto mais importante: conhecer de perto os subordinados, verem os patrões que eles são seres humanos, que vibram como qualquer um... (Pausa) Se não fosse essa ideia absurda de conseguir as coisas pela violência, se não fossem as greves, eu teria meu pai até hoje. Ele morreu porque naquele tempo não se tinha ainda bem compreendido o espírito de solidariedade que deve, que tem que existir no trabalho.

SÉRGIO – É verdade. Quem vai aproveitar bem, quem vai realmente lucrar com este espírito novo, com esta colaboração que agora se tornou uma realidade, é a geração nova. Esta, sim, encontrará leis que regulam o assunto de maneira mais humana e mais lógica, além de homens já preparados para aplicá-las.

DR. GUILHERME – A geração do Tião é uma geração feliz... É mais uma coisa que eu quero agradecer a você, Maria Teresa: o ter-me feito conhecer este menino, que é realmente admirável.

JOÃO – É sim, Dr. Guilherme, o Tião é um menino de ouro. Quando eu estive doente ele me prestou uma porção de serviços. (Pausa) Bem, Dr., eu já vou embora. Muito obrigado por tudo. Eu posso voltar para meu lugar a semana que vem, não posso?

DR. GUILHERME – Naturalmente. O lugar é seu.

JOÃO – Então, até logo. (Sai).

MARIA TERESA – Como o João está forte... E como a Adélia está contente... Ontem estive em casa deles para combinar os bordados do enxoval e ela parecia outra criatura. Está animadíssima com o restabelecimento do marido.

DR. GUILHERME – Então o casamento de vocês vai ser breve?

SÉRGIO – Muito breve. Aliás, espero que o senhor nos dê o prazer de ser nosso padrinho.

DR. GUILHERME – O prazer será todo meu.

(Entram Artaxerxes e D. Estefânia, que quase o arrasta pela mão).

D. ESTEFÂNIA (Alegíssima) – Boa tarde, Dr. Guilherme. O senhor deve estar estranhando o nosso súbito aparecimento, mas é que a secretária nos disse que podíamos entrar.

(Maria Teresa e Sérgio vão para um canto da sala onde começam a conversar, esquecidos do resto do mundo).

DR. GUILHERME – Está muito bem. Vieram tratar de algum assunto importante?

D. ESTEFÂNIA – Im-por-tan-tíssimo.

ARTAXERXES – O senhor sabe que nós vamos nos casar?

DR. GUILHERME – Não, não sabia, mas já que me participam dou-lhes meus parabéns.

D. ESTEFÂNIA – Mas a quem o senhor está dando os parabéns: a mim ou a ele?

DR. GUILHERME – Mas aos dois, naturalmente.

D. ESTEFÂNIA – Não, porque quem merece os parabéns sou eu. Nunca se viu noivo tão bonzinho... O meu Artaxerxes é um anjo de ternura, de docilidade, de obediência... Resumindo: é o marido ideal.

ARTAXERXES – Nada, quem merece os parabéns sou eu. Não há mulher mais enérgica, mais decidida, mais desembaraçada do que minha noivinha.

D. ESTEFÂNIA – Ora, também não é tanto, queridinho. (Pausa) Bem, mas não vamos mais tomar o tempo do Dr. Guilherme, vamos logo ao assunto. Nós viemos aqui para tratar da demissão.

DR. GUILHERME – Bem, se a senhora vai se casar é muito natural que queira deixar o trabalho.

D. ESTEFÂNIA – Eu? Deixar o trabalho? O senhor não entendeu. Quem vai se demitir é o Artaxerxes. Não quero que o pobrezinho se mate. Ele está tão magrinho...

AETAXERXES (Encabulado) – Mais tarde talvez eu volte, mas por enquanto a Estefânia insiste em que eu repouse uns meses.

D. ESTEFÂNIA – Pois é. Mais tarde, quando você estiver mais forte, talvez eu deixe você trabalhar um pouco, dar umas injeções de vez em quando. Mas nada de inventar de trabalhar fora de casa, hein? (Ameaçadora) Já preveni que não deixo.

SÉRGIO (Que vem se aproximando de mãos dadas com Maria Teresa) – O que é que a senhora não deixa, D. Estefânia?

DR. GUILHERME – Ela não quer que o marido trabalhe. Disse que homem, só dentro de casa... Pois está muito bem, senhor Artaxerxes, a demissão está concedida. Se o senhor escolheu assim...

D. ESTEFÂNIA – Ele não escolheu nada. Eu é quem resolvi. E está muito bem resolvido, não está Artaxerxes?

ARTAXERXES (Resignado) – Está. Está sim.

D. ESTEFÂNIA – Está mesmo. Não tome estes ares de vítima. Tudo que eu resolvo dá certinho. Você lembra, Maria Teresa, quando

o Rodolfo andou querendo casar comigo? Imagine se eu resolvo casar com ele? Eu, Estefânia Rosalina de Melo Cavalcante, mulher de preso, e ainda por cima de preso por crime contra o Estado. Nossa Senhora...

MARIA TERESA (Rindo) – É, eu me lembro bem das quedas que ele teve pela senhora. Mas eu também acho, sem desfazer de seus encantos, D. Estefânia, que ele estava principalmente querendo fazer da senhora minha inimiga.

SÉRGIO (Baixo, para Maria Teresa) – Não tire as ilusões da pobre senhora...

D. ESTEFÂNIA – Bem, eu me despeço agora de todos. Estou tão contente, tão contente... (Sai arrastando Artaxerxes, que tenta em vão se despedir dos outros).

DR. GUILHERME – Esta senhora é um caso patológico. Ela consegue ensinar alguma coisa aos alunos?

MARIA TERESA – Consegue, sim. Ela não é má, coitada, e tem alguma instrução. Acontece que não soube assimilar as ideias modernas e pretende ser a mais evoluída das criaturas.

(Tião mete a cabeça pela porta).

TIÃO – Dá licença, Dr. Guilherme?

DR. GUILHERME – Pois não.

TIÃO – Eu vim convidar o senhor, D. Maria Teresa e Dr. Sérgio para a manifestação que vai começar agora, na praça. Nós vamos festejar o dia de hoje, e como é um dia de festa para patrões e operários eu vim, em nome de todos os camaradas, convidá-los a assistir à comemoração.

(Ouvem-se dezenas de vozes que se aproximam cantando o “Hino ao Trabalho”, ou outro hino patriótico).

TIÃO – Agora tenho que ir, mas estamos esperando por todos lá embaixo.

(As vozes já estão muito próximas. Dr. Guilherme, Maria Teresa e Sérgio chegam à sacada. Depois de alguns instantes, em que acenam para a multidão, Maria Teresa volta-se emocionada, olha para a folhinha, enquanto Dr. Guilherme e Sérgio seguem seu olhar).

MARIA TERESA (Lentamente) – 10 de julho de 1934... (Pausa) Dia que o Brasil não há de esquecer nunca mais!

*FIM*

# FUNDIÇÃO

Leão Machado

*I*

Francisco, de pé, o olhar concentrado nos movimentos de vaivém da plaina limadora, aguardava pacientemente a ferramenta terminar o passo, desbastando a superfície da peça de ferro fundido. Quando a peça ia, enfrentava o corte. A ferramenta entrava no metal cortando-lhe uma porção e largando na parte cortada uma finíssima fita de ferro, que se enrolava. A passagem do gume deixava uma faixa mais escura. E a fita enrolada caía da peça, tombando no chão enegrecido da fábrica.

Mas a peça voltava, apanhava o outro lado da ferramenta, sem cortar, e lançava um chiado áspero e metálico. Uma poeira negra de ferro se erguia da plaina, turbilhonava no ar e descia engrossando o pavimento cimentado.

Francisco vigiava atentamente a plaina, funcionando em ritmo normal. Ao seu lado, outros operários, de pé, também vigiavam o andamento de plainas, tornos e fresas.

Na outra ala, estavam os grandes tornos girando. Voavam fitas enroladas, uma poeira negra também se erguia dessas máquinas e diante de cada uma delas se curvava um operário, com a atenção concentrada, o olhar fixo, em silêncio, no seu trabalho de responsabilidade e precisão.

Pela ampla sala da tornearia se derramava um rumor confuso, que era a mistura do barulho de cada uma das plainas, dos tornos e das fresas, somado ao ronco surdo dos motores elétricos, ao chiado dos eixos e das transmissões, rodando nos mancais, e ao tataral das correias, fendendo o espaço e comunicando a energia de umas rodas a outras rodas.

Quando terminou o passo da ferramenta, Francisco deteve o andamento da plaina. As rodas chiaram levemente e o monstro de ferro negro parou e ficou como se fosse coisa morta. O operário mediu a superfície da peça em que trabalhava com uma escala de ferro, conferiu a medida num desenho em papel ozalide e, não satisfeito com o desbaste já realizado, acertou a ferramenta para cortar mais uma fração de milímetro na superfície da peça. Acionou novamente a alavanca de comando. A plaina, como se subitamente despertasse, estremeceu ligeiramente, recomeçou a rodar e a ir e vir com a peça, sob o gume cortante da ferramenta.

E começou outro passo do desbaste.



...

Era ainda de manhã. Desde as sete horas, o trabalho vinha agitando naquele rumor de atividade a Fundição Jaraguá. Uma poeira negra evolucionava no amplo salão, envolvendo homens e aparelhos. Por vezes, passava por uma faixa de sol, que entrava pelo vidro da janela encaixilhada de ferro. E então aquela poeira negra lampejava como se fosse centelhas de ouro que se levantassem das máquinas.

Da Seção de Montagem, em outro pavilhão, além do pátio de manobra dos caminhões, vinham repetidas e sonoras as batidas de martelos nas chapas de ferro. O barulho das máquinas e rodas do pavilhão dos tornos grandes e de outras seções da fábrica chegava à sala tão confuso e misturado que mesmo os melhores ouvidos não poderiam dizer qual era o dos ventiladores, roncando e jogando ar no forno de fundição de ferro, qual o das soldas sibilando na ponta dos maçaricos e qual o dos motores, zumbindo agachados sobre seus sólidos pedestais de cimento. Às vezes um som áspero e distinto se erguia no recinto da fábrica. Era o grito das ferramentas passadas no esmeril, que acendia em torno da banca um vistoso fogo de artifício de limalhas incandescentes.

...

Francisco terminou o desbaste da peça. Parou a plaina, conferiu as medidas com o desenho, jogou a peça ao chão e, como o Ítalo, chefe da Turma de Tornearia, lhe tivesse dito havia pouco que iria trazer-lhe um serviço especial, ficou um instante, olhando a sala onde uns cinquenta homens como ele ganhavam o pão com o suor do rosto, como Deus mandou. E aquele suor, misturado ao negrume da poeira de ferro, ia tingindo os rostos de preto, ora em dedadas, ora em manchas, ora em estrias.

Cinquenta homens, como ele, ali trabalhavam, naquela dependência da Fundição Jaraguá, colosso rumorejante que se erguia numa rua do bairro do Braz, na cidade de São Paulo, e dava trabalho a mais de quinhentas pessoas em suas diversas seções. Todos os dias, das sete da manhã às dezoito horas, ali estavam, sem faltar nunca, umas com o semblante alegre e despreocupado; outras de semblante enérgico

dos que amam o trabalho, têm consciência de que estão fazendo alguma coisa neste mundo e se comprazem com as obras que esse trabalho realiza; outras ainda com o semblante sombrio dos que se revoltam com o trabalho, com o dever, com a pobreza, com a vida...

A alguns Francisco somente conhecia de vista, tão distantes da sua andavam as vidas deles. Outros ainda conhecia de perto, como Felipe, um filho de italiano, que trabalhava no torno, o Manuel, seu futuro cunhado, o João Sombra, alemão, que tomava conta do Almoxarifado de ferramentas, preso do lado de dentro de uma parede de grades metálicas, como se fosse uma gaiola, na qual ele vivia misturado com tesouras, chaves, martelos, serras e limas.

O chefe da seção se aproximou trazendo uma peça de bronze e um desenho.

– Esta é a peça de que falei. É de uma máquina de fabricar gelo. Desbaste e acerte, mas repare nas medidas, porque têm de ser muito exatas. Passe para a fresa do fundo.

Francisco atentamente considerou os riscos roxos do desenho. Depois, olhou à roda. E fez um gesto de quem achava a coisa difícil.

Ítalo entendeu a cara e o gesto do operário.

– Eu falei para o Doutor que a coisa é difícil. Mas ele disse que precisa experimentar.

Francisco não disse mais nada. Aquilo era uma ordem e as ordens devem ser cumpridas. Pegou a régua, o calibre e o graminho que estavam sobre a plaina e se encaminhou para a fresa, onde ia começar o trabalho de desbastar e acertar aquela complicada peça de bronze.

Um velho de macacão azul, cheio de remendos, servindo na Seção de Carregamento e Transporte, veio com um carrinho de ferro, cheio de rodas recentemente saídas da rebarbação e descarregou-as diante de um torno, onde outro operário já desbastava mais rodas iguais, da mesma produção e série.

Pelo chão cimentado e cheio de buracos feitos pela queda de pesadas peças de metal, se viam rodas, eixos, polias, chapas, peças diferentes e estranhas que ninguém poderia dizer para que serviriam. É que o trabalho de produção em série é uma articulação de operações diversas, realizadas em pontos diferentes, afinal coordenadas e sintetizadas na Seção de Montagem, de onde saem as máquinas montadas e funcionando.

Um operário, torneando um eixo, dobrou o torno. Mas o torno não aguentou e parou com um guincho que parecia um gemido de dor de máquina fatigada. O Romeu desligou a alavanca da correia, desapertou alguns parafusos e apertou outros. Depois, ligou de novo o torno. O maquinismo ainda chiou, mas começou a trabalhar com esforço dobrado cortando mais fundamente o ferro do eixo.

...

Um silvo agudo riscou o barulho confuso da fábrica. Os operários desligaram rapidamente as máquinas e saíram disparados, correndo por entre as plainas e os tornos, saltando por cima de peças jogadas no pavimento, procurando quase aflitivamente a saída. Parecia que aquele silvo era um sinal de alarma de fogo ou de qualquer outro perigo e desencadeara formidável e irresistível pânico na fábrica, da qual todos queriam sair o mais rapidamente possível.

Era o sinal do almoço, aqueles curtos sessenta minutos destinados à refeição e a escasso descanso. Por ser pouco o tempo, os operários necessitavam aproveitá-lo ao máximo, principalmente porque tinham que se enfileirar no pátio central para, à saída, marcarem o cartão nos relógios de ponto, colocados nas paredes do corredor de saída. Quinhentos homens, por muito que o desejem, não saem de uma só vez e quem ficasse para trás teria menor tempo para o almoço.

E eles vão saindo pela porta, sob o olhar do vigia. Um ou outro toma sua bicicleta e vai para o lar. Alguns vêm à rua, onde a mulher ou uma filha os esperam com a marmita. A mulher entrega a comida, sem dizer palavra ao homem que silenciosamente a recebe e vai para um canto comer quietamente. Outros se encaminham para uma vendola situada na esquina.

Francisco sempre trazia almoço de casa. Saiu do pavilhão dos tornos, entrou e ficou esperando seu tio, o Vicente, mecânico da Fundação, com quem morava e que chegou com sua refeição num embrulho debaixo do braço. Juntaram-se os dois e foram sentar-se num tubo de ferro encostado a uma parede. E enquanto comiam a pobríssima merenda de pão, salame e banana, iam conversando:

– Meu pai hoje amanheceu pior.

– Olhe, Francisco, de repente, quando a gente menos esperar, seu pai vai morrendo...

– Mas não tem idade para morrer.

– A morte não pergunta quantos anos a gente tem.

Vicente tinha os olhos fitos num operário que lavava a cabeça debaixo duma torneira. E mastigando vagarosamente uma rodela de salame, ia dizendo:

– Nosso pai quando morreu não tinha nem a minha idade. E olhe que o seu pai é quase dez anos mais velho do que eu!

Francisco não disse nada. Quebrou um pedaço de pão em pequenos fragmentos, que ia atirando ao chão poeirento do pátio e murmurou:

– Que se há de fazer? É a vida...

E depois de um silêncio, continuou:

– O Ítalo me deu agora um serviço novo. É uma peça de bronze para desbatar. Está mesmo um fumo forte!

– A fábrica esta aumentando. Cada dia eles pegam mais encomendas.

– Isso é bom.

– É bom, sim, mas está ficando pesado. O pessoal cada dia tem serviços mais difíceis.

Ítalo se aproximou, comendo um pedaço de queijo, e perguntou, na sua língua mista de português e italiano:

– Como vai a coisa, Francisco?

– Vai indo. É duro, Ítalo.

– Eu sei, mas precisa fazer. Deu um trabalho bruto para fundir. O Ângelo disse que perdeu dois dias para fazer a fôrma.

– Mas por que fizeram de bronze?

– *Chi lo sa?* Era melhor de aço... Mas não somos nós que mandamos...

Manuel, irmão da namorada de Francisco, veio chegando com o almoço. Sentou-se e puxou conversa com Francisco:

– Você viu o joggo de ontem? O Palestra ganhou por quatro a um. Mas podia ganhar por mais, se não fosse a sujeira.

– Que sujeira? – perguntou Francisco, que não se preocupava com futebol e não estava a par dos acontecimentos esportivos.

– A sujeira do juiz. Eu não tenho confiança nesse casca. Não é a primeira vez que ele faz o que fez. Ladrão!

– Ladrão, não; juiz muito bom! – disse um fundidor que ia passando e ouvira a conversa.

Manuel redarguiu prontamente:

– Isso é para você, que é da qualidade dele!...

O fundidor continuou andando, sem dar ouvidos à provocação. Chegaram-se mais dois operários e a conversa sobre o jogo da véspera se animou. Vicente e Ítalo, indiferentes ao esporte, se afastaram um pouco e continuaram a conversar sobre o serviço.

– Olhe, Ítalo, eu ando pensando em fazer um trabalho para ganhar uns cobres extraordinários aqui na fábrica.

– O que que é?

– Um modelo novo de fogareiro.

– Será que dá certo?

– Dá. Já fiz um modelinho em barro e deu. Quero ver se vendo o modelo para a Fundação. Ando precisando de dinheiro, Ítalo!

– E quem que não anda?

– A gente ganha pouco e a vida está por um preço da hora da morte. Agora ainda a gente tem que pagar o Instituto de Aposentadoria, essa novidade que o Governo inventou. Sempre são uns cobres por mês, que fazem falta para o pobre. Antigamente não tinha nada disso e tudo era bem melhor. Ah, no outro tempo!... Quando eu vim do interior para cá, se ganhava um ordenado muito menor do que hoje, e dava. Hoje, é um horror de vida cara! Imagine como vive o pessoal das tecelagens, que ganha menos ainda do que nós!

– Eu pago dezesseis bagarotes por mês ao Instituto e até hoje ainda não vi resultado nenhum nessa coisa do Governo.

– Também não vi ainda nenhum resultado desse Instituto. Acho que o Governo não ia inventar uma coisa dessas para tirar dinheiro dos operários. Em todo caso, a vida está cada mês mais cara. No interior é bem melhor.

Mas depois de um silêncio, Vicente concluiu:

– Também, no interior, um operário como nós não tem trabalho...

Ítalo se levantou. Esgaravatou um dente com a extremidade da unha suja de carvão e de poeira de ferro, cuspiu e disse:

– Porca miséria! Preciso ver o Ângelo agora mesmo.

Ia sair, mas olhando para Francisco perguntou:

– Quando fica pronta a peça?

– Não sei, não, mas acho que ainda leva mais de uma hora.

É desgraçada para cegar a ferramenta! Volta e meia a gente tem que ir no esmeril.

Ítalo resmungou qualquer coisa. Passou a mão pela barriga, suspendeu as calças pela cinta estragada pelo uso e se encaminhou para o pavilhão da fundição. Manuel continuava entusiasmado, falando aos outros:

– Se vocês vissem que pontaria que tem o diabo do negro! Deixa a gente besta! Nunca vi ninguém assim num clube varzeano.

– Quando começa o campeonato? – perguntou um da roda.

– No mês que vem. Quero ver se desta vez não perderei nenhum jogo, como no ano passado.

No grupo que se formara perto, o assunto era outro. Dizia um:

– Joguei dez tostões no milhar. Era um palpito seco. Não deu nada!

Dizia outro:

– Se eu tivesse dinheiro, hoje ficava rico. Tenho um palpito colosso num número...

– Que número?

– Não conto. Dá azar!...

...

Pelo amplo pátio da fábrica, tinham se formado vários grupos de operários. Haviam eles terminado o almoço e vinham aproveitar aqueles minutos restantes para conversarem, sem preocupações. Os mais moços estavam de pé, os mais idosos, sentavam-se em qualquer lugar, numa pilha de madeira, em cima de um tambor vazio, sobre uma peça de ferro ali deixada. É que para estes a folga propiciava a oportunidade de sentar e descansar as pernas do trabalho, obrigatoriamente realizado em pé.

O trabalho recomeçou ao meio-dia, com outro agudo e cortante silvo. E pelo resto do dia prosseguiu ininterruptamente, na fábrica, envolvida por aquela nuvem de poeira negra, que manchava a cara dos homens de macacão azul e abalada por aquele rumor confuso e

indefinível que não se poderia dizer se era do ronco dos ventiladores, atirando ar no ventre incandescido do forno de fundição, se do estridente chiado dos bicos de solda autógena, se do sonolento zumbido dos motores elétricos, agachados sobre seus sólidos pedestais de cimento. E rompendo aquele rumor igual e monótono, se destacavam nitidamente as pancadas repetidas e retumbantes dos malhos, batendo em chapas de ferro, na Seção de Montagem.

...

Às dezoito horas, o apito silvou de novo. Os operários foram largando o trabalho. Vagarosamente passavam grossos punhados de estopa embebida em gasolina nas mãos e braços, limpando o óleo e a graxa que os sujavam de negro. Depois, iam se lavar na torneira comum. Desvestiam os macacões e se encaminhavam com andar cansado para os lares onde as esposas e os filhos os aguardavam com o jantar e o repouso de um dia de fadiga, honestamente conquistado à existência.

## II

Francisco chegou em casa com o tio Vicente. Viviam na rua Campos Sales, a poucos metros da rua Piratininga, encravada mesmo no centro do Braz.

Francisco e Bernardo, seu pai, moravam em casa do irmão deste, o tio Vicente. Bernardo e Vicente haviam começado sua vida em Pirassununga, quando foi instalada na cidade a fábrica de tecidos. Vicente entendia de máquinas e, desde o primeiro dia, trabalhou como mecânico. Bernardo se orientou para o lado da tecelagem e lá viviam pacatamente sua vida parada de operários numa cidadezinha sossegada do interior.

Com o decorrer do tempo, Vicente veio aperfeiçoando os conhecimentos técnicos e, quando se sentiu capaz de enfrentar um meio maior, mudou-se para São Paulo, onde a Guerra Europeia de 1914-1918 iniciara a organização do grande parque industrial paulistano. Todos os anos se abriam novas fábricas e havia trabalho em quantidade sempre crescente para todos quantos entendessem de mecânica, serralheria, fiação, eletricidade.

Vicente encontrou trabalho facilmente e andou de fábrica em fábrica, até acabar ali na Fundição Jaraguá, onde trabalhava como mecânico, nos serviços especializados de tornearia. Bernardo, aprendendo também seu ofício, se fizera excelente tecelão. Ganhava pouco, é verdade, mas tinha somente mulher e um filho, e a vida em Pirassununga era baratíssima. Além disso, a mulher também trabalhava, de modo que iam tocando a vida.

Mas Francisco crescia e Bernardo começou a pensar seriamente no futuro do rapaz. Pirassununga era uma cidade pequena e a única possibilidade de trabalho existente era a Fábrica de Tecidos. São Paulo oferecia, naturalmente, campo muito mais vasto a um rapaz ativo. Além disso, Vicente, que já morava na Capital, escrevia sempre chamando o irmão para o grande centro, onde tinha a certeza de que poderiam viver bem e com melhor futuro.

Bernardo, depois de pensar seriamente no problema, consultou os amigos da cidade e os companheiros da fábrica. Foram todos unânimes em aconselhá-lo a não sair do interior. Parecia-lhes uma terrível e fantástica aventura sair da fábrica de Pirassununga, para ir tentar a vida na Capital, uma cidade enorme, de vida caríssima e na qual uns não conheciam os outros.

Mas Bernardo era teimoso e a mulher animava-o diariamente a irem para São Paulo. Era uma mulher de fibra, pois, nascida no interior, não tendo conhecido nunca outra cidade senão a sua cidadezinha natal, possuía ânimo para enfrentar o desconhecido numa Capital e ainda lhe sobrava coragem que dava ao marido para vencer os conselhos dos amigos.

Um dia, Bernardo resolveu-se e veio para São Paulo. Nesse tempo, Francisco tinha dezoito anos e trabalhava em serviços de mecânica.

Em São Paulo, Bernardo foi trabalhar numa tecelagem do Ipiranga. Francisco logrou matricular-se na Escola Profissional, onde pôde frequentar o curso de tornearia, à noite. Por intermédio de Vicente, que já então trabalhava na Fundição Jaraguá, recentemente fundada, Francisco arranhou emprego. Trabalhando de dia e estudando à noite na Escola, em breve se tornou um bom torneiro, com apreciáveis conhecimentos de mecânica.

A mulher de Bernardo, apesar das obrigações domésticas, costumava camisas de homem para uma casa de roupas brancas da avenida Rangel Pestana.



Assim, sendo três a trabalhar, a vida lhes corria bem, embora fosse realmente muitíssimo mais cara do que a do interior.

Mas, quatro anos depois, um sucesso triste veio modificar a monotonia daquela existência. A mulher de Bernardo apanhou pneumonia e morreu em uma semana. Francisco já era homem feito, de modo que a falta da mãe era apenas sentimental. Os dois homens, porém, teriam que morar em pensão, em qualquer parte.

Vicente, que não tinha filhos, convidou o irmão e o sobrinho para residirem em sua casa. Pagariam uma pensão para o ajudarem na despesa e seriam até uma companhia, na vida monótona que ele e sua mulher levavam.

A casa da rua Campos Sales era modesta, casa de pobre, mas chegava bem para quatro pessoas, dormindo duas em cada quarto. Pois, ali mesmo, a dois passos, na rua Caetano Pinto, não havia famílias inteiras de dez e doze pessoas morando em casas de quatro cômodos e, às vezes, até de menos?

Instalados todos, a vida reencetou seu curso normal. Bernardo, pouco depois da morte da mulher, adoeceu de reumatismo. Dizia ele que era a mudança do clima quente de Pirassununga para o clima frio e úmido de São Paulo. Podia ser, também, já o peso da idade, que começava a trazer suas complicações. Fosse o que fosse, sem possibilidades financeiras de tratar-se como exigia a doença, foi ficando cada vez pior, até que se viu na necessidade de interromper o trabalho, pois caíra de cama.

Ganhava Francisco pouco mais do que para o seu próprio sustento. Não podia Bernardo pagar médico e farmácia sem trabalhar. Vicente, embora ganhasse um salário de mil e oitocentos réis por hora, então razoável para um operário especializado, também não poderia arcar com o ônus dos remédios.

Então, Bernardo se internou na Santa Casa, onde esteve quase três meses. Saiu, mas saiu definitivamente inválido para o trabalho regular. Voltou para a casa de Vicente, onde veio agora para pedir um prato de comida. Não tinha economias (que economias poderia ter um operário tecelão?) e não poderia ganhar mais nada para o seu sustento. Portanto, teria de viver do trabalho do filho, que pagaria sua pensão.

Francisco, nesse tempo, estava ganhando melhor. Já era um torneiro de boa experiência e vencia um salário de mil e duzentos réis por hora e muitas vezes trabalhava por tarefa, quando então tirava um

pouco mais. Porém, bom filho que era, aceitou alegremente o fardo, e a vida de novo se ajustou em suas novas formas.

Bernardo passou um ano inteiro quase sempre de cama. Quando não estava na cama, ia de uma cadeira para outra. Foi aquele um ano bem pesado! Mas a doença cedeu um pouco e no ano seguinte o tecelão começou de novo a andar. Não era de forma nenhuma o andar antigo, elástico e vigoroso de homem que tem vitalidade e coragem para enfrentar a vida. Contudo, era sempre um andar que lhe tornava possível vender alguns bilhetes de loteria ou fazer cobranças para um médico do centro da cidade, percebendo nisso pequenas comissões.

Tudo isso dava para pouco, mas o que dava sempre era lucro e aliviava o esforço que fazia o filho, com vinte e poucos anos e condenado a sustentar duas pessoas, por isso mesmo impedido de casar, como é o legítimo desejo dos moços dessa idade.

...

– Está pronto o jantar, Francisco! – gritou Dona Margarida da cozinha.

Francisco saiu do quarto, onde estava se vestindo, e foi para a cozinha, e ali já encontrou Bernardo e Vicente, sentados à mesa, diante da modesta toalha de algodão alvejado, na qual pousavam os pratos com a sopa fumegante.

D. Margarida, casada havia trinta anos com o Vicente, não tivera filhos. Mas, nem por isso, deixara de criar cabelos brancos. Tinha a cabeça inteiramente coberta de fios prateados que cintilavam. Era morena, alta, magra, de olhos grandes e doces. Andava pela casa dos cinquenta, mas era ainda sadia, desempenada e decidida.

D. Margarida sorriu para Francisco e disse:

– Hoje trouxeram um presente para seu pai, mas ele não quis comer sem você chegar.

– O que é?

– Dois abacates – disse Bernardo, levando a colher à boca.

Francisco indagou, cortando um pedaço de pão:

– Quem deu?

– Foi a Cristina, nossa vizinha.

Vicente, sem levantar os olhos do prato, disse:

– Esse presente para o Bernardo é como aquela história de quem beija o altar por não poder beijar o santo...

E riu com malícia. Francisco se limitou a dizer:

– Cristina é uma boa menina. Conheço-a desde criança, mas eu sou um homem comprometido. Já estou quase noivo da Teresinha...

Bernardo, que comia em silêncio, comentou:

– Foi uma boa ideia dessa menina. Abacate faz muito bem para pessoas doentes como eu.

Repartiram os abacates. Veio o café. E quando Vicente puxou cigarro, o rapaz se levantou da mesa.

. . .

Francisco vestiu seu paletó de casimira azul, comprado feito numa loja da avenida e saiu para a rua. Desceu a rua Campos Sales até a esquina da rua Caetano Pinto e enfiou por esta, rumando para a avenida Rangel Pestana.

Os passeios da rua Caetano Pinto estavam àquela hora cheios de gente. Um grupo andava de um para outro lado, outras quedavam-se à porta dos cortiços. Operários descansavam do dia de trabalho, sentados às soleiras, conversando e fumando sossegadamente, sem pensar em nada. À porta das pequenas quitandas, com tomates, molhos de salsa, de couve e de chicória, outros grupos conversavam ou discutiam animadamente futebol ou falavam de namoros. Meninos e meninas brincavam de pegador, correndo em zigue-zague pela rua escassamente iluminada. Rapazolas, que mal se haviam acostumado com a voz grossa da adolescência, juntavam-se em bandos, em redor das mocinhas, que haviam saído de suas casas para a rua. Casaizinhos de namorados, retraídos na escuridão dos batentes e pilares de portões, se conchegavam, ternamente, mãos com mãos, joelhos com joelhos, numa aproximação de amor exaltado. Os velhos, que já não namoravam, nem tinham vontade de conversar e discutir, jaziam sentados em caixões encostados às paredes e pitavam seus pachorrentos cachimbos em silêncio, ou se deixavam ficar, de olhar mortiço e vontade extinta, contemplando a rua movimentada. Um guarda-civil passeava enfasiado de um lado para

outro, fiscalizando aquela ordem pública, que nunca exigia intervenção da polícia para se manter tranquila, pois sua paz exemplar era a pacata tranquilidade de quem repousa de um dia bem trabalhado.

Francisco chegou à esquina da avenida Rangel Pestana, que a essa hora ainda estremecia com o fragor de seu tráfego intensíssimo de bondes, automóveis, ônibus e colossais caminhões cobertos de encerados a caminho do Rio de Janeiro ou de lá vindos. E os veículos iam para Belém, para a Penha, para a Vila Maria, para o Alto da Mooca, ou vinham desses distantes bairros para a cidade, que ardia em luzes coloridas de *neon* para além do canal do Tamandateí.

Francisco, ao chegar à esquina dobrou-a e, alguns passos depois, entrou na Farmácia Avenida. Seu Osvaldo, o farmacêutico, estava conversando com um moço bem vestido.

– Me dá um vidro daquela água-de-colônia que o senhor faz.

– Vidro de quanto? – perguntou o farmacêutico, atendendo Francisco.

– De três mil réis.

– Um momento.

E o farmacêutico se retirou até o laboratório, falou alguma coisa ao empregado e voltou à conversa com o moço.

– Sente-se um pouquinho. Daqui a cinco minutos estará pronta.

Francisco sentou-se no banco de madeira e o farmacêutico reencetou a conversação. O operário, com os olhos passeando pelos anúncios coloridos de remédios que enchiam as paredes da farmácia, ia ouvindo a conversa. O assunto era de mulheres, e seu Osvaldo dizia:

– O que a gente leva deste mundo é só o que come e o que goza. O mais é besteira.

– É mesmo, confirmou o rapaz.

– Eu por mim não importo de gastar com mulheres o que posso. Mas, a saber, não há de ser com mulher da vida. Mulher paga não me interessa...

– Ué, então gastar o quê?

– Ora, gastar com presentes, passeios, entradas de cinema, um chá de vez em quando.

– É bom, sim, mas não deve ser fácil cavar mulheres assim...

– Não é fácil? É facilímo! É só ter lábia. Mulher é um bicho que cai à toa. E qualquer delas – solteira, casada ou viúva.

– Casadas, também?  
– Essas são as melhores, porque têm experiência.  
– Pode ser – disse o rapaz, acendendo um cigarro – mas é perigoso.  
– Perigoso, nada! Numa cidade grande como São Paulo, um marido nunca fica sabendo de coisa alguma; bom, é lógico que a gente precisa ter cuidado. Mas isso eu tenho...

O empregado veio do laboratório com o vidrinho de água-de-colônia, que acabara de preparar. Seu Osvaldo pegou o vidro, embrulhou-o no papel-manilha verde da bobina que havia no balcão de mármore e entregou-o a Francisco, que se aproximara.

– Este rapaz – disse seu Osvaldo falando com o moço e mostrando Francisco – conhece uma pequena que é uma lindeza.

E sorriu com ar malicioso. Francisco não se importou de ser apontado diante do moço desconhecido. E perguntou:

– Quem é?

– A mulher do Diego, chefe das oficinas da Fundação Jaraguá, onde você trabalha.

– Ah, sim, Dona Mercedes. É mesmo muito bonita...

– Mas que mulher! É clara como leite. A pele dela não tem uma manchinha sequer. Tem os cabelos pretos, pretos, como carvão. E que olhos! E que pernas! E os pés? Eu nunca vi pés assim tão pequenos e tão bem feitos, o calcanhar cor-de-rosa, os tornozelos torneados, a barriga da perna... É um colosso!

Francisco achou graça naquele deslumbramento. Sabia ele, toda a gente do bairro sabia, que seu Osvaldo tinha um fraco decidido pelas mulheres. O farmacêutico estava casado havia uns cinco anos com D. Marta, filha do Ângelo, mestre fundidor da Fundação Jaraguá e pai, também, da Cristina, a menina dos abacates. D. Marta fora uma das mais lindas moças do Braz, no seu tempo de solteira, dessas que fazem os homens se voltarem na rua. Seu Osvaldo estava estabelecido com a Farmácia Avenida, na avenida Rangel Pestana, e se enamorara da mocinha, que trabalhava numa fábrica de caixas de papelão. Ele já tinha fama de conquistador, mas era bom partido, pois a farmácia tinha grande movimento. Além disso, Ângelo supunha que, depois de casado, o rapaz, como tantos outros, sossegasse. Mas seu Osvaldo, depois de casado, não sossegou. Não sossegaria jamais. Ficou até pior. Era mesmo um conquistador legítimo.

Francisco, apesar de conhecer bem seu Osvaldo e ter com ele certa liberdade, ficou ligeiramente desconcertado diante da sem-cerimônia com que o outro se referira a D. Mercedes, pessoa sua conhecida. E por isso, defendeu-a:

– D. Mercedes é uma mulher direita...

– Pois são as mulheres direitas as que mais me interessam...

E seu Osvaldo riu gostosamente. Francisco também riu, pagou a água-de-colônia e saiu para a avenida, rumando em direção às porteiros da São Paulo Railway.

Os bondes rodavam cheios para cima e para baixo. Os automóveis passavam quase voando no asfalto liso da avenida. E os caminhões, pesados e cobertos com grandes lonas, seguiam para o Rio de Janeiro ou se dirigiam para o centro da cidade.

Na esquina da rua Domingos Paiva, Francisco parou e esperou. E, enquanto esperava, se distraía, olhando o movimento.

...

Uma mocinha, de andar airoso, vestida de saia xadrez azul e vermelho e blusa branca, se aproximou de Francisco. Era loura, de um louro quente; tinha o rosto oval e claro, os olhos azuis e os lábios pintados. Os seios redondos tremiam perturbadoramente dentro da blusa. Os quadris cheios ondulavam graciosamente ao andar. E as pernas, sem meias, eram brancas, roliças e bem torneadas, terminando em pés alvos, calçados em um par de sapatos abertos, com correias azuis.

– Esperou muito?

– Cheguei agora mesmo, respondeu Francisco.

– Trouxe a água-de-colônia?

– Trouxe... Está cada vez mais cara! No mês passado comprei por dois mil e quinhentos. Hoje tive que pagar três mil réis.

E os dois estenderam as mãos. Francisco olhava a moça extasiado. Teresinha sorria simplesmente para o namorado, mostrando os dentes muito brancos e iguais.

Mãos nas mãos, quase abraçados, a ponto de sentirem o calor um do outro, os dois quedaram-se alguns instantes em silêncio. Depois ele perguntou:

- Para onde vamos hoje?
- Andar na avenida. Quer?
- É a mesma coisa. Para cima ou para baixo?
- Para cima.

E os dois viraram-se para atravessar as linhas da São Paulo Railway. Mas nesse momento tintilou uma campainha, enchendo de sons finos todo um trecho da avenida, e as portei­ras começaram a se fechar vagarosamente. Os veículos que iam para a cidade e os que vinham da cidade se detiveram diante das portei­ras fechadas. E num instante, de cada lado, se formou uma extensa fila. O trânsito, até ali intenso, terminara, como se detém o sangue na artéria, obstruída por uma embolia. Tudo correr­a suavemente e sem atropelos, como se fosse de antemão combinado e bastasse apenas aquele breve tilintar de campainha para cessação de todo o movimento. Mas num instante a fila crescia extraordinariamente. Quem vê o trânsito normal da avenida não percebe que é tão numeroso, senão diante das portei­ras fechadas. Aquele obstáculo, represando as duas correntes, de ambos os lados da via férrea, é que demonstra que o mais elementar bom senso jamais poderia aconselhar alguém a interrompê-los. E, no entanto, somando-se todas as paradas determinadas pelo fechamento das portei­ras num só dia, dizem que esse trânsito permanece interrompido assim durante um total de oito horas, em cada vinte e quatro...

Teresinha convidou:

- Vamos ver o trem de cima da ponte?

E os dois subiram a ponte de passagem que transpõe o leito da via férrea por cima dos trilhos e se debruçaram no parapeito. Na avenida, do lado da Estação do Norte, havia uma fila enorme de veículos parados. Outra fila, igualmente enorme, se estendia para cá da porteira, no lado da cidade.

Na escuridão da linha de ferro, na direção do Pari ou da Mooca, luzes verdes e vermelhas marcavam coisas que somente a gente da estrada entendia. E, dentro da cabine da avenida, um empregado de boné contemplava a porteira fechada com um ar de imenso fastio. O trem vinha vindo de Santos e avançava rapidamente. A locomotiva bufava e lançava uma fumarada grossa. Veio vindo, veio vindo, até que uma nuvem de fumaça envolveu a ponte. E quando a fumaça se

dissipou, Francisco e Teresinha viram a coberta de zinco dos vagões de carga passando sob a ponte, passando, numa sucessão que parecia interminável, a caminho da Luz.

Quando o trem acabou de passar e a porteira, com o fino retinir da mesma campainha, se abriu e os veículos, de lado a lado, se precipitaram, como se somente então se lembrassem de ter pressa, os dois desceram as escadas e se dirigiram para o Largo da Concórdia.

– Como vai o seu pai, Francisco?

– Não vai bem. Hoje mesmo não pôde fazer nada. Coitado do velho!

– Quantos anos mesmo que ele tem?

– Fez sessenta e cinco no mês passado.

– Se ele ainda trabalhasse, nós podíamos casar...

Francisco não respondeu nada no mesmo instante. Mas, depois de um silêncio, disse:

– Olhe, Teresinha, você sabe que eu sustento meu pai, que não tem recursos, e por isso não posso casar. Mas espero que meu ordenado melhore na Fundição. Agora já estão me dando trabalho de responsabilidade. Quem sabe no ano que vem?

– Mais um ano ainda?

– Que que vamos fazer? Tenho que pagar a pensão do velho, porque o tio Vicente também é pobre.

– Eu sei disso, mas já estou com vinte anos...

– Você é uma menina!

– Mas é assim que a gente vai ficando tia...

Teresinha parou diante de uma vitrina que expunha peças de *lingerie*. A vitrina era iluminada com essa latescente luz das lâmpadas de mercúrio e as roupas, lindíssimas roupas íntimas de mulher, apareciam sob aquela luz de sonho, como se fossem encantadoras vestes de fada. A moça ficou um largo tempo namorando uma combinação de *jersey* cor-de-rosa, com rendas.

– Você gosta daquela combinação, Francisco?

– É bonita. Quanto será que custa?

– No mínimo oitenta mil réis. Mais da metade do que eu ganho num mês na Tecelagem, trabalhando das sete da manhã às quatro da tarde! Vida besta!

– Todos nós temos de trabalhar, Teresinha. Até os ricos...



– Os ricos, não sei... Mas ao menos a gente podia ganhar um pouco mais, que desse para comida, casa e roupa. As coisas estão por um preço louco!

– Agora, imagine você casar ganhando pouco! Para passar apertado, é melhor passar sozinho.

– Também, por que você não procura outro emprego?

– Emprego onde? Para fazer o quê? Eu sou um operário torneiro...

– Meu irmão Manuel anda querendo sair da fábrica.

– O que ele vai fazer?

– Não sei. Diz que não é difícil arranjar ordenado maior.

Os dois estavam parados diante da vitrina. Um bêbado veio vindo aos zigue-zagues pelo passeio, cantando, com voz pastosa, uma canção cuja letra ninguém entendia. Ao passar esbarrou em Teresinha.

– Puxa! – exclamou a moça esquivando-se com o corpo. – Quase me derruba esse bêbado.

Francisco franziu as sobrancelhas.

– Parece de propósito...

E foi para o lado do bêbado. Teresinha segurou-o:

– Deixe o homem. Ele não sabe o que está fazendo...

– Não sabe? E por que que não veio esbarrar em mim? Cachorro!

Teresinha sorriu.

– Bom, eu sou muito mais bonita...

Vieram voltando. A noite de março estava quente e limpa. As estrelas cintilavam esplendidamente no céu distante. Um vento de leve farfalhava nos flabelos das palmeiras solitárias e melancólicas plantadas no Largo da Concórdia. E os bondes carregando gente para a Penha, para o Belenzinho, para a Mooca, para a Vila Maria.

Teresinha morava na rua Corrêa de Andrade, com o pai, que era motorneiro de bonde da Light, a mãe e o irmão, o Manuel, também operário torneiro da Fundação Jaraguá.

Francisco foi com a namorada até a porta da casa. E à despedida, na pouca luz da rua, protegida ainda pela sombra da árvore mirrada que se erguia no passeio, se enlaçaram num abraço, enquanto os lábios sofregamente se procuravam, beijando-se com amor.

Quando Francisco se deitou, o pai ainda estava acordado.

– O senhor está sentindo alguma coisa?

– Falta de sono. Faz mais de uma semana que não durmo. Eu já ando sem apetite; agora com falta de sono, estou mesmo ruim...

– É o cigarro...

– Pois que seja, mas não largo. Fumando já vivi sessenta e cinco anos. Agora hei de morrer fumando.

– Bom, faça como quiser...

### III

Cristina morava ali mesmo no fim da rua Campos Sales, perto da casa do Vicente. Era uma mocinha de dezoito anos, morena, desse moreno queimado dos calabreses. Tinha as curvas do corpo bem acentuadas e por isso os moleques da rua Caetano Pinto e imediações chamavam-na de gorducha. Não era gorducha, nada, era sim muito bonita, simpática e elegante. Tinha os cabelos escuros e ondulados em largas ondas, e uns olhos verdes, muito claros, que se destacavam no rosto moreno e que ninguém saberia dizer de quem puxara, pois os parentes conhecidos eram todos do sul da Itália e de olhos castanhos.

O pai achava-a linda e dizia que se parecia com a mãe. A mãe achava que ela se parecia com a Marta, a mulher de seu Osvaldo, e no bairro todos confirmavam que ela era a cara de D. Marta em solteira. Enfim, eram todos gente muito bonita e simpática.

Ângelo, quando Cristina completara dezesseis anos, empregara-a na Malharia São Jorge, ali mesmo no bairro do Pari. Cristina era inteligente e ativa, de modo que alcançou logo o nível mais alto que as operárias comuns podiam alcançar. Chegava a tirar, às vezes, até cento e trinta mil réis por mês, trabalhando por tarefa. Era uma mocinha sossegada, de muito juízo e muitas prendas, pois sabia cozinhar, bordar, fazer tricô e mais uma porção de coisas. Frequentava muito a Igreja do Braz, onde ia assistir à missa nos domingos e às vezes novena à noite.

Não tinha namorado. Nunca tivera nenhuma história com qualquer rapaz, o que era raro naquele bairro e com aquela lindeza do rosto e do corpo. É que não permitia intimidades a ninguém.

. . .

Naquele dia, Cristina não fora trabalhar. Tinha que ir à cidade comprar lã que não encontrara no Braz, para fazer um certo trabalho sobre o qual não queria conversar com ninguém. E pretextara uma doença.

Pela manhã saiu para comprar umas coisas num empório da rua Piratininga, onde Ângelo tinha caderneta. E ao passar pela casa de Vicente, voltando com os embrulhos, parou diante de Bernardo, sentado numa cadeira no passeio.

– Bom dia.

– Bom dia, Cristina.

– Como vai o senhor de saúde?

– Não vou bem. Faz mais de uma semana que não posso sair de casa.

– Vou fazer uma promessa a São Vito para o senhor sarar.

– Nesta idade, nem São Vito pode me dar remédio...

– Não diga isso, que é pecado! O senhor ainda pode ficar bom.

Bernardo, com seu olhar amortecido pela doença, contemplou por um instante a formosa moça que mostrava no semblante um ar de felicidade. Conhecera-a menina ainda e a vira crescer.

– E enquanto eu cada dia fico mais velho e mais doente, você cada dia fica mais moça e mais bonita!

– Não diga isso! – exclamou ela sorrindo. E para disfarçar, perguntou:

– D. Margarida está aí?

– Está lá dentro.

A moça chegou-se à porta e gritou para o interior:

– D. Margarida! D. Margarida!

– Já vou! – gritou uma voz no fundo da casa.

Os chinelos de D. Margarida vieram se aproximando.

– Quem é?

– Sou eu, D. Margarida. Olhe, ali naquele empório da rua Piratininga, achei feijão a dez tostões o quilo. É de segunda, mas é muito bom. A senhora quer ver?

E Cristina tomou um punhado de feijões do pacote que tinha no braço. D. Margarida tomou-os, examinou-os com ar entendido.

– Esse feijão é bom mesmo. Será que ainda tem mais?

– Tem, sim. Eu vi agora mesmo um saco cheio.

E depois de um silêncio:

– Mas preciso ir indo. Até logo, D. Margarida.

– Até logo, seu Bernardo.

E a moça se afastou, batendo no cimento do passeio esburacado os saltos de madeira dos sapatos ordinários.

...

À tarde, vinha Cristina da cidade, a pé, atravessando o Parque D. Pedro II. A mocinha era contemplativa e, quando podia, gostava de ir andando para casa. Ao passar na ponte do Tamanduaté, parou. A água avermelhada corria lá embaixo no canal. Os salgueiros das margens molhavam a ponta dos ramos verdes de leve naquela correnteza sem poesia, que sem poesia e canalizada vinha do Ipiranga e canalizada e sem poesia se lançava no Tietê, lá para baixo da Ponte Pequena.

Os bondes vinham cheios da cidade e cheios iam para os bairros. Os ônibus subiam a ladeira do Carmo, com o escapamento aberto, lançando fumaça negra e malcheirosa. Os prédios grandes do centro da cidade, localizados no cimo da colina, projetavam sua massa de cimento no azul límpido do céu. O parque D. Pedro dormia silenciosamente à sombra dos jacarandás e das palmeiras esbeltas. Moitas de hibiscos, pintalgadas de flores vermelhas, amarelas ou cor-de-rosa, pousavam quietamente sobre o verde da grama aparada. Alguns biris florescidos alegravam um canteiro orlado de buxo. E no alto do céu, para os lados distantes da Penha, uma grande nuvem batida pelos raios do sol que entrava no ocaso era uma larga mancha cor de prata grudada na superfície polida do firmamento.

Cristina olhou ainda alguns momentos em torno de si, concluiu qualquer pensamento bom, porque sorriu e recomeçou a caminhar. E tão distraída ia indo com seus pensamentos que nem percebeu um rapaz que deixara o passeio, cruzara a rua da Figueira e viera para o lado dela. Ao defrontarem-se os dois, ele perguntou:

– Como vai, mocinha bonita?

Cristina continuou caminhando sem olhar para trás.

. . .

– Amanhã quero ver se vendo alguns bilhetes de loteria, disse Bernardo, à hora do jantar. Hoje estou bem melhor.

– Se o senhor ainda não estiver bom, não convém forçar...

– Estou melhor, sim. Depois, preciso ganhar uns cobres. Remédio agora anda tão caro!

– Caro mesmo! – confirmou D. Margarida, enchendo o prato do marido. – Hoje fui comprar um remedinho para mim e fiquei espantada. Sempre custou quatro mil réis. Agora está custando cinco e quinhentos.

Vicente se levantou da mesa com um copo na mão e foi até a talha, no canto da cozinha. Enquanto enchia o copo, ia dizendo:

– Isso é uma vergonha! Remédio é quase só água. Nem curam nada essas porcarias! Mas vão ver o preço! Não sei por que o Governo não dá um jeito nisso. Que coisas de luxo custem dinheiro, vá – luxo é coisa só para gente rica. Mas remédio, pobre também tem que gastar...

– A vida está cada vez mais cara – monologou D. Margarida, traçando riscos na toalha com o cabo de uma colher. – Olhem, esse macarrão que custava mil e duzentos, agora está a mil e quinhentos. É um horror!

Bernardo tossiu e comentou:

– Bom tempo foi antigamente. No interior a vida era bem barata. Se eu pudesse ter guardado um pouquinho...

Fitou a xícara de café com semblante melancólico e continuou:

– Mas guardar como, se a gente ganhava tão pouco?...

Calou-se outra vez. Acendeu um toco de cigarro e continuou:

– Se não fosse o Francisco estar me ajudando com sacrifício onde eu estaria hoje? Tinha que estar num asilo.

– Ora, papai...

– Que asilo, nada, interrompeu Vicente. Você estava aqui mesmo, porque onde comem dois comem três. Minha casa é de pobre, mas não sou usurário.

– Eu sei, Vicente, mas se eu não tivesse o Francisco eu mesmo tinha ido para o asilo.

E os olhos de Bernardo se umedeceram. Ele os limpou com um lenço, sorriu para o irmão, olhou depois para Francisco:

– Não tem nada, filho, isto está por pouco. Espero que você poderá logo casar.

– Eu não tenho pressa, nem me queixo.

– Todo moço tem pressa de casar, principalmente quando alguém está estorvando.

– Que conversa, papai!

Ouviram-se passos. Era Ângelo que entrava, com familiaridade.

– Oh, ainda jantando?

– Gente rica é assim – disse Vicente gracejando. – Sente-se. Quer jantar?

– Já comi. Mas bebo um café.

D. Margarida trouxe a xícara e o açucareiro, e foi servindo o hóspede.

– Chega de açúcar?

– Mais um pouquinho.

– Como vai o nosso negócio? – indagou Vicente.

– Vai bem. Já tenho os desenhos e amanhã vamos começar a fazer o molde em madeira. O gerente da Fundição gostou muito e mandou dizer que vale uns duzentos mil réis.

– Isso é o fogareiro, Vicente?

– É, sim, Margarida. Acho que vou ganhar os duzentos mil réis.

– Que bom! Então este ano poderei comprar um capote novo. O meu já tem cinco anos e eu sou tão friorenta...

Vicente indagou:

– Você falou com o Diego do negócio da máquina?

– Falei. Ele quer conversar com a gente hoje, à noite.

– Onde? Aqui?

– Não, no Bilhar Universo. Ele espera lá às oito e meia. gostou muito do modelo que eu mostrei.

Vicente sorriu envaidecido. Diego, o chefe geral da Fundição Jaraguá, era um espanhol competentíssimo em tudo quanto dizia respeito à metalurgia. A opinião dele, pois, valia bem um elogio.

– Está vendo, Francisco? – perguntou Vicente. – Você disse que o Diego não ia gostar do modelo.

– Eu pensava mesmo. É um espanhol muito orgulhoso e para elogiar um operário é duro.

– Orgulhoso é – confirmou Ângelo. – Ele custou a reconhecer que eu sou um bom mestre fundidor.

– De onde veio esse Diego?

– Não sei. Ele começou a trabalhar quando a fábrica foi fundada. É um homem meio esquisito. Fala pouco, tem um jeito de olhar...

– Mas é um colosso de competente! Entende de fundição, de tornearia, de montagem, de mecânica, de tudo. É um operário completo!

– E ganha bem? – perguntou Bernardo.

– Também não sei – respondeu Ângelo. – Deve ganhar muito mais que nós. E tem família pequena – é só ele e a mulher. Mas a mulher gasta!...

E Ângelo faz uma careta. D. Margarida, que cuidava de arrumar a cozinha, um pouco desinteressada da conversa, sentiu-se curiosa.

– Gasta muito, hein?

– Os conhecidos, vizinhos deles da rua Visconde de Parnaíba, dizem que ela gasta até o que o marido não ganha... Não sei se é verdade. Mas sei que é uma moça muito bonita. Podia bem morar em qualquer daquelas casas ricas do Jardim América, sem fazer figura feia...

– Então, duzentos paus pelo modelo, hein, seu Ângelo? – interrompeu Vicente, que estava meio embriagado pela notícia e não se interessara muito pela vida doméstica do Diego.

– Pois é; duzentos paus!

...

Francisco saiu e foi se encontrar com Teresinha no lugar de sempre, na esquina da avenida Rangel Pestana com a rua Domingos Paiva.

– Preciso falar uma coisa séria com você.

– O que é?

– Ando com vontade de largar o emprego na fábrica.

– Você está maluca?

– Não estou. Acho que posso arranjar coisa melhor.

– Onde?

– Numa Loja Americana da cidade.

– Mas que ideia foi essa?

– Vamos andando – propôs Teresinha. – O negócio é este. A Marina, que era operária da Tecelagem, no mês passado saiu da fábrica.

Hoje me encontrei com ela e me contou que arranjou emprego numa Loja Americana. Imagine você que ela está ganhando cento e cinquenta mil réis por mês e gratificação de meio ordenado no fim do ano. Não é uma beleza?

– Quanto você pode tirar na Tecelagem?

– Trabalhando o dia inteiro e por tarefa, quer dizer, sem parar um minuto, o mais que se pode ganhar é cento e vinte mil réis. E de pé, e que serviço! É duro, Francisco!

– Eu sei. Também trabalho de pé o dia inteiro!

– Mas você decerto não procurou emprego noutra lugar.

– Não procurei, nem procuro. Sou um operário torneiro e não vou deixar minha profissão. Tenho futuro na fábrica. Poderei ser chefe da seção e até da fábrica.

– Mas quando?

– Bom, um dia...

– Pois eu estou por aqui de fábrica! Aquilo não é trabalho de gente!...

Francisco sorriu com a expressão de desdém de Teresinha e perguntou:

– E o que que precisa saber para trabalhar numa Loja Americana?

– Nada.

– Nada como? É muita esmola...

– Nada, porque a gente trabalha só numa seção. Tudo tem preço marcado. O trabalho é só receber o dinheiro do freguês e embrulhar a compra.

– Mais nada?

– Mais nada.

– E como pagam tão bom ordenado por tão pouco trabalho?

Teresinha gaguejou:

– É que... Você compreende, as Lojas Americanas são lugares sempre cheios de gente... Eles precisam escolher o pessoal... Por isso exigem que as moças sejam bonitas e vistosas...

Francisco parou. Estavam defronte da estação de bondes, na esquina da rua Bresser. Um bonde marchava devagar, andando para trás, a fim de entrar no desvio. Dois empregados, aos berros, fiscalizavam a manobra.

– Ah! – exclamou Francisco. – Logo vi que esse negócio tinha alguma coisa...



– Mas é tudo muito sério e direito. As Lojas Americanas são casas de muito bom nome.

Francisco não falou nada. Teresinha esperou e disse:

– Você então não gosta?

Francisco permanecia mudo.

– Responda o que perguntei.

Francisco não respondeu.

– Você zangou?

O rapaz continuava silencioso.

– Ih, que coisa! Não precisa zangar só por isso!

Francisco permanecia quieto. Teresinha começou a ficar nervosa.

– Não fala mais comigo?

Francisco estava olhando a manobra do bonde e era como se não fosse com ele a conversa. Teresinha exaltou-se:

– Vamos voltar para casa?

Ele continuou olhando o bonde. Outro bonde foi saindo da estação. E Francisco calado.

Aí Teresinha também emburrou. E se pôs a andar. Francisco acompanhou-a silenciosamente. E silenciosamente vieram desde a rua Bresser até a esquina da rua Corrêa de Andrade. Andavam como dois estranhos que estivessem caminhando juntos por acaso. Às vezes um olhava para o outro. O que era olhado fingia não perceber, para daí a pouco, também, olhar por sua vez.

Ao chegarem à esquina da rua Corrêa de Andrade, Teresinha disse apenas:

– Agora eu vou sozinha. Até amanhã.

Francisco disse, finalmente:

– Olhe, Teresinha, eu te peço que pense bem antes de fazer isso. Você sabe que uma moça bonita na cidade está muito exposta... Lá tem muito sujeito desocupado e não falta um para fazer alguma coisa.

– Eu sei tomar conta de mim. Você pensa então que na fábrica os homens não mexem comigo?

– Mas, na fábrica, estão todos trabalhando e é diferente.

– Não é diferente, nada. Não seja bobo.

E Teresinha sorriu. Aproximou-se de Francisco.

– Então, nem um beijo para fazer as pazes?

Francisco não resistiu. Sua zanga não era ódio; sua zanga era amor. Como poderia resistir ao demônio daquela lourinha tão bonita e tão picante? E depois a esquina estava completamente deserta àquela hora da noite...

...

Quando Vicente e Ângelo chegaram ao Bilhar Universo, na avenida Rangel Pestana, já encontraram Diego à espera deles.

O salão estava inundado de fumaça e todas as pessoas e objetos eram vistos sob uma nuvem azulada. Havia ali umas vinte mesas de bilhar e *snooker*, iluminadas por lâmpadas que desciam quase até o feltro verde, não deixando passar luz pela parte superior, de modo que uma claridade crua banhava os bilhares, cintilava nas bolas polidas, brancas e coloridas, e alumia o corpo dos jogadores, do pescoço para baixo. A parte mais alta do salão e a própria cabeça dos jogadores se escondiam numa penumbra azulada. Os rapazes, manejando os tacos, falavam e fumavam. Quase todos tinham presos à cintura pequenos aventais para proteger a roupa do giz que, passado de encontro à ponta dos tacos, se pulverizava no ar. Uns carambolavam com três bolas, outros jogavam com as numerosas bolas do *snooker*.

Sentados ao longo das paredes, estavam os “sapos”, sujeitos de extraordinária pachorra, que ali vinham todas as noites depois do jantar e por ali ficavam até tarde, simplesmente olhando e criticando as tacadas, como gente que não tem mais nenhuma outra missão neste mundo senão trabalhar de dia e “sapear” bilhar à noite...

Diego, que estava de pé à porta, juntou-se aos dois e o grupo atravessou o salão de bilhar, transpôs uma porta nos fundos e foi instalar-se numa das mesas que se espalhavam no quintal, sob uma alta e vasta parreira. Sentaram-se e um garçom veio atendê-los.

- O que que vocês querem beber?
- Eu quero uma guaraná.
- Aqui um *fernet*.
- Dois, então.

O garçom se afastou para encomendar as bebidas. E os homens começaram a conversar.

- Como é, seu Diego, então gostou do trabalhinho?

– Muito – respondeu o espanhol, que falava meio português, meio castelhano. – A mi me gustó muito sua ideia.

– O Vicente tem sempre boas ideias.

– Só penso no meu trabalho. Se eu tivesse uma oficina, mesmo que fosse pequena, viveria fabricando novidades bonitas. E tenho certeza que venderia tudo.

– Pero la indústria de hoje, Vicente, tem de ser grande, para poder aguentar la concorrência. La fabricacion em série fica muito barata, oficina pequena non pode trabalhar em série. Em muitas partes da Europa se trabalha individualmente. Cada obrero és dueño de sua própria oficina. El trabajo en tales condiciones resulta muito más interessante do que em la fabricacion de qualquer cosa em série.

– É mesmo. Na fabricação em série ninguém vê a máquina completa. Cada um só conhece o serviço que faz.

– E es por esso que cada vez son más raros los hombres capazes de dirigir uma oficina grande. Hace falta a los obreros el conhecimento de todas las fases de la producción.

– Eu mesmo – confessou Ângelo – sou mestre fundidor, mas entendo muito pouco de tornearia.

– El sistema es excelente para la dirección de las fábricas. És muito fácil e rápido enseñar-se um muchacho a trabajar em un torno ou em uma fresa que enseñar-lhe modelagem, fundición, acabamento e montagem. Sin embargo, usted (e Diego se dirigiu a Vicente) tiene bons conocimientos generales de mecânica.

– Trabalho nisto há mais de vinte anos. E se tivesse tempo havia de fazer alguma coisa nova, em matéria de máquina.

– Aqui ainda non se cria nada em mecânica. La indústria do país se acha em la fase exclusiva de imitación. O que se hace es desmontar máquinas estrangeiras e copiar sus peças.

– Mas eu sou capaz de fazer coisa nova.

– Usted tiene alguma ideia?

O garçom veio com bebidas. Encheu os copos e se afastou.

– Então, à saúde!

– À saúde!

E beberam em silêncio o primeiro gole. Vicente limpou os lábios com a manga do paletó e disse:

– Tenho, sim. Há uns dois anos ando pensando em modificar as máquinas de descaroçar algodão. As máquinas americanas, que serviram de modelo para as nossas, estão preparadas para trabalhar com algodão de fibra desigual. O nosso algodão tem fibra igual e eu penso que seria bem bom modificar as serras para fazer um benefício melhor.

Diego pensou um pouco. Bebeu um trago de *fernet* e disse:

– Es una idea buena. Usted já habló a alguma pessoa sobre isso?

– Não; agora é a primeira vez.

– Pois a mi me parece que la cosa és possible e resultará utilíssima se chegar a conseguir el mejoramento.

– Garanto que seria capaz de descobrir o segredo.

– Hablaré mañana com el gerente de la fábrica. Es possible que ele aprobará la idea de usted.

E foi assim que começou a nascer a máquina Jaraguá, hoje afamada em todo o país.

...

No outro dia, quando ia para a fábrica, no bondinho sacolejante, que corria desimpedido pelos trilhos uma corrida desabalada, somente cheio de operários encaminhando-se para o trabalho, Vicente disse a Francisco:

– Ontem de noite falei com o Diego sobre o negócio de modificar os descaroçadores de algodão.

– E o que ele disse?

– Disse que hoje vai falar com o gerente da fábrica. Se a coisa estiver com bom jeito, precisa fazer o estudo na Seção Técnica e preparar os desenhos.

– Pois, se der certo, o senhor pode contar comigo para o que precisar.

Vicente ajeitou a bolsa de couro em que levava o seu almoço, recostou-se no banco do bonde e sorriu um sorriso de quem estava quase feliz. Afinal, se a ideia fosse adiante, sempre era uma coisa útil que ele realizava, e lhe traria possibilidades melhores dentro da fábrica.

...

Francisco, debruçado na plaina limadora, embora atentamente vigiando a ferramenta, pensava em Teresinha. Parecia-lhe uma grande tolice aquela ideia da namorada de abandonar a fábrica, que era o meio em que eles sempre haviam vivido. Era uma vida de trabalho e uma vida de cansaço, era mesmo uma vida de pobreza, pela exiguidade dos salários. Mas era uma vida cheia, em que não havia tédio. E ali estava o tio Vicente entusiasmado com a ideia de poder aperfeiçoar uma máquina, que seria uma fonte de riqueza para outros. Era um grande motivo de animação e de coragem para a luta!

A fábrica trepidava de animação. O zumbido dos motores se misturava ao resfolegar dos foles e ao tatar das correias. Batidas de martelos em chapas de ferro atroavam o pavilhão inteiro. E o sibilar contínuo do forno, em dia de fundição, parecia sublinhar o rumor total da fábrica, com aquele barulho esfuziante, de ar comprimido, saindo com violência.

É verdade, pensava Francisco, que Teresinha na tecelagem não teria oportunidade de criar nada. Seu trabalho, no tear, era decerto um trabalho monótono. Pano vai, pano vem, pano vai, pano vem, devia ser uma tarefa aborrecida...

Colocavam uma peça grande num torno. A peça vinha num guincho e era descida com trabalho e cuidado, fazendo um barulho fino da ferragem dos elos das correntes batendo uns nos outros.

Por outro lado, o trabalho numa Loja Americana deve ser divertido, em todas as horas entrando caras diferentes, de homens, de mulheres, uns bonitos outros feios, outros nem feios nem bonitos. Contudo, o trabalho na cidade tinha riscos. Uma moça nova, formosa e de pouca experiência no meio daquele pessoal sabido...

Um operário soldava um pedaço de ferro. A solda esguichava esfuziando numa chama azul, que branqueava o ferro. E o ferro ia se soldando pouco a pouco, sob a mão hábil do trabalhador.

Também, que diabo! Por que seu Antônio, o pai de Teresinha, não abria os olhos da filha? Esse negócio de ser pai de moça obriga um homem a olhar por ela com atenção. O pai devia dizer-lhe que o trabalho na fábrica, se era fatigante, pelo menos não oferecia perigos...

– Francisco – gritou um rapazola –, seu Diego está chamando você na Modelagem.

Francisco parou a plaina. Tirou um maço de cigarros do bolso, apanhou a caixa de fósforos, que deixara em cima da máquina, acendeu o cigarro e saiu do pavilhão. Atravessou o pátio e entrou na Seção de Fornos Grandes. Estavam ali acabando um pistão na retífica.<sup>2</sup> Um operário afiava uma ferramenta no esmeril, envolvido num halo cintilante de fagulhas. Uma plaina grande estava limando vagarosamente uma base de máquina. A massa enorme de metal ia e vinha sob o corte duro do aço, que ia pouco a pouco desbastando o ferro.

Na forja, de que se desprendia uma nuvem de fagulhas, como borboletas vermelhas voando, um operário temperava uma ferramenta, que enrubescia em seu ardente leito de brasas, lambidas por tênues labaredas orladas de azul. O operário retirava o ferro em fogo e enfiava-o de chofre numa tina de água. A ferramenta chiava, como se lhe doesse a água fria. Da superfície da água, se desprendia um rolo de fumaça...

Ao lado do depósito, perto dos montões de ferro T, de cantoneiras, de canos, de eixos, uma serra automática serrava sozinha e pacientemente um eixo. A serra ia e vinha rangendo sobre o ferro, com um rangido arrepiante. E ia pouco a pouco se afundando no metal que era atorado. Ali perto, estava assentada a galga, moendo terra. E suas duas rodas, uma compacta e maciça em toda a grossura, a outra entrecortada de dentes, rodando sobre os torrões, nas extremidades do mesmo eixo, davam a impressão de que uma perseguia a outra, sem nunca poder alcançá-la.

Ao fundo, na rebarbação, limpavam peças de ferro, recentemente vindas da fundição, com talhadeira de ar comprimido, fazendo um barulho ensurdecedor de metralhadora. Ao seu lado, tiravam rebarbas no esmeril, do qual jorravam esguichos de fagulhas, que tombavam no chão e salpicavam as calças do operário que segurava a peça e nem sequer dava atenção àquele fogaréu que o inundava de centelhas. Num canto se enfileiravam, erectos, alguns botijões de ar comprimido.

Na Modelagem, incessantemente, serravam madeira, pregavam pregos. Um cheiro amargo de peroba enchia o ar, onde bailavam poeiras finíssimas de serragem. Estavam construindo o modelo de fundição para um grande volante de uns dois metros de diâmetro. E aquela almanjarra de madeira avermelhada de peroba atravancava o espaço já inteiramente tomado pelos bancos de carpinteiro.

---

<sup>2</sup> Os operários chamam de retífica a máquina de retificação.

. . .

Da Seção de Montagem continuavam a vir repetidas e sonoras as batidas de martelos em chapas de ferro.

#### IV

Era domingo. A manhã nascera embrulhada em um nevoeiro cinzento, que esbatia as linhas das casas na avenida Rangel Pestana, as massas dos altos prédios do centro, as árvores do Parque D. Pedro e o cimo das chaminés das fábricas.

D. Margarida fora à missa cedo e já voltara. Francisco se levantara mais tarde e, depois de fazer a barba, foi até a avenida comprar um jornal para Bernardo. A avenida estava quase deserta de gente a pé. Apenas da Igreja do Braz saía um magote de povo, que fora assistir à missa. Uns se afastavam caminhando pelos passeios. Outros iam postar-se nos pontos de bondes e de ônibus, em busca de condução para voltar ao lar.

Os bondes e ônibus corriam quase vazios. Meninos vendiam jornais aos berros. No jardim do Grupo Escolar, os pardais voavam, pousavam nos canteiros, voavam de novo, de novo pousavam. E no céu, envolvido em nuvens de cerração que o vento começava a desmanchar, ronronava um aeroplano, que não se podia ver.

Cristina atravessou a rua, com um embrulho de macarrão e conserva de tomate, vindo do pastifício da rua Jairo Góis.

– Como vai, belezinha? – saudou Francisco.

– Bom dia, Francisco.

– Vai comer macarronada hoje, hein?

– Todos os domingos... Mas eu gosto mais de macarronada do que de arroz feijão...

– Não é arroz feijão que se fala, Cristina; é feijão com arroz...

– Bobo; é a mesma coisa.

– Faz tempo que eu não te vejo.

– O tempo não dá mesmo para ver toda a gente... Mas a namorada você tem visto?

– Bom, ela...

– Então não tenho feito falta.

- Falta, não, mas antigamente eu gostava de conversar com você.
- Isso era antigamente. Hoje, não...
- Gosto sempre. É que ando ocupado.

E foram andando pelo passeio da avenida, às vezes batido pelo sol que conseguia furar as abertas do nevoeiro.

– Você já viu essa fita que estão passando no Babilônia?

– Não vi. Ela passou no Olímpia no começo do ano. Será a mesma ou cópia nova?

– Não sei. Sei que vou hoje.

– Com a Teresinha?

– Lógico!

Cristina mudou de assunto:

– Como vai seu pai?

– Não vai bem. Um dia tem uma coisa, outro dia tem outra. Na semana passada ele comprou um remédio na farmácia do seu cunhado. Não adiantou nada. Acho que é a idade.

– Estou fazendo um pulôver para ele.

– Ele encomendou?

– Não; é um presente. Um dia destes joguei no bicho, e ganhei numa centena. Então comprei lã e estou fazendo o colete de tricô. Só posso trabalhar de noite, por isso está demorando. Mas antes de começar o frio ele fica pronto.

– Que trabalho!

– É prazer.

– Tem, também, o valor da lã.

– Ché! Cinco novelos de quarenta gramas! O que é isso para quem ganhou cento e cinquenta mil réis sem fazer força?

Francisco riu e indagou com interesse:

– Como vai de trabalho, na malharia?

– Vou bem. Continuo trabalhando por tarefa.

– Agora com o frio o serviço aumenta, não?

– Aumenta, sim, porque tem mais procura. Mas pagam a mesma coisa aos operários.

Francisco perguntou finalmente o que desejava perguntar desde o princípio:

– Você nunca teve vontade de trabalhar numa Loja Americana do centro da cidade?



– Agora, não. Também não tenho competência.  
– Não diga isso!  
– É muito difícil tratar com o povo. Um tempo andei pensando nisso. Depois deixei de pensar. As Lojas Americanas deixam as moças muito antipáticas.

– Por quê?  
– Não sei, mas acho que elas pensam que arranjaram emprego porque são mais bonitas do que as outras e fazem uma bruta pose para cima da gente... Vá ver quem são elas – é tudo gente daqui da rua Caetano Pinto e Carneiro Leão. Muitas delas até têm vergonha de contar que são filhas de operários, como se operário fosse gente à toa!

Cristina estava apenas exprimindo em palavras singelas o que Francisco pensava de maneira mais complicada. Também ele achava que era assim mesmo, mas não sabia explicar claramente suas ideias.

– Por que você pergunta isso?  
– Por nada. Pensei que uma moça bonita, que sabe fazer tricô, poderia arranjar trabalho melhor do que numa fábrica.

Depois do almoço, Francisco foi encontrar Teresinha para irem ao Babilônia. Teresinha esperava no lugar de costume. Estava vestida de seda artificial amarela e de sapatos brancos. Parecia mais bonita do que nunca, com seus olhos azuis, rosto muito alvo e cabelos surpreendentemente louros.

Chegaram um pouco tarde. Havia uma fila enorme para comprar entradas. Afinal entraram e ainda acharam lugar bom no vastíssimo salão.

Durante a exibição – aquelas intermináveis quatro horas de vespéral domingueira – quase não se falavam. Às vezes enlaçavam as mãos, às vezes ele pousava a mão na coxa dela e sentia-a roliça, macia, morna e excitante. Às vezes rodeava-lhe o busto com o braço esquerdo. E sua mão, passando pela axila de Teresinha, vinha pousar no seio. E o seio era duro, redondo e ainda mais excitante do que a coxa.

No intervalo, Francisco foi comprar balas no bar.

E, quando voltou, estendendo o saquinho de papel para a namorada, perguntou, como quem não tinha nenhuma curiosidade:

- E aquele negócio de Loja Americana?
- Está de pé. É só arranjar a vaga.
- E o seu pai?

– Meu pai não diz nada. Ele sabe que a filha de motorneiro de bonde tem que tratar de seu futuro e estou cuidando do meu.

– Você não tem medo?

– Medo de quê?

Francisco não disse de quê. Estendeu o olhar para os anúncios grudados no pano de boca que escondia a tela do cinema e não falou mais nada.

– Olha, Francisco, a vida para uma moça bonita está para lá do Tamanduatéi.

– Para lá?

– É, na cidade, nos bairros de dinheiro. Lá é que a gente vive. Você é homem e não repara em certas coisas. Mas mulher repara.

– Repara em quê?

– Em muita coisa. Um homem rico vale mais do que um homem pobre. Mas com mulher a coisa é diferente. Uma mulher pobre e bonita vale tanto como uma mulher rica e bonita. Homem gosta de mulher bonita, seja pobre, seja rica.

– Você é bonita.

– Eu sei que sou. Também sou elegante e não sou besta. Não tenho roupas bonitas, porque sou pobre, mas você sabe quem é que faz as roupas finas para as mulheres ricas do lado de lá vestirem?

– Quem?

– Nós, as operárias do Braz.

Francisco pensou consigo que também eram eles os operários do Braz que fabricavam as máquinas com que os industriais de São Paulo ganhavam dinheiro e ficavam milionários. Pensou também que era com o suor e o trabalho deles, todos os dias, dez horas em pé, diante dos tornos, das fresas, dos motores, das bancas, que se construía e se engrandecia, ano após ano, o famoso parque industrial do Estado, o maior da América do Sul, com a sua fértil fonte de produção, de energia e de riqueza.

Mas Francisco não disse nada. Naquele momento suas próprias ideias eram aborrecidas para ele, porque apoiavam os pensamentos de Teresinha, que ele queria combater.

Não disse mais nada. Teresinha também não prosseguiu. De resto, o intervalo terminara e a projeção ia recomeçar.

...

Quando saíam do cinema, havia um grande ajuntamento no Largo da Concórdia.

– Alguma briga?

– Deve ser o Exército da Salvação. Nos domingos eles reúnem gente e tocam música – explicou Francisco.

E os dois se aproximaram. Não era briga, nem era o Exército da Salvação, mas um sujeito que discursava, trepado num caixão de gasolina. O sujeito usava óculos, era calvo, tinha o rosto redondo e falava com extraordinária facilidade, diante de uns quinhentos ouvintes atentos.

Aos ouvidos de Francisco chegavam palavras isoladas, de modo que ele não entendeu coisa alguma do que o homem dizia. Aliás, nem ele, nem Teresinha, estavam de modo algum interessados em escutar e entender o discurso.

Afastaram-se e foram comer uma *pizza mezzo a mezzo* na Padaria Santa Cruz, lá em cima, na esquina da rua Bresser.

...

A noite de domingo reúne os moços do Braz nos passeios da avenida Rangel Pestana, para se verem, para conversarem, para namorarem. Dois grupos se formam, um que passeia desde o largo da Igreja do Braz até as porteiras da São Paulo Railway e vice-versa e outro que começa do outro lado das porteiras e vai até os começos da avenida Celso Garcia, bem para lá da esquina da rua Bresser, e vice-versa, num percurso total que chega quase a dois quilômetros de comprimento.

Quem nunca viu esse espetáculo não pode imaginá-lo. São milhares de jovens dos dois sexos, envergando seus melhores trajes, nem de longe dando a ideia de que se trata de operários, que durante a semana ganham honradamente seu pão, diante dos teares, das fornalhas, dos motores, das polias, dos tornos, das serras, das bombas, das rodas, sujados de graxa, de pó de carvão – sujados de trabalho.

No domingo aquela gente é outra – é gente alegre, bem vestida, elegante mesmo, e bonita. As moças, principalmente, são belas.

Aquela indescritível mistura racial do Braz, que é sozinho uma grande cidade dentro da cidade de São Paulo, brasileiros, italianos, espanhóis, portugueses, sírios, húngaros, lituanos, alemães, austríacos, checos, russos, vindos de todas as partes do mundo, fundidos uns aos outros num grande cadinho de raças, está produzindo um tipo de mulher de perturbadora beleza, que, se é efêmera, o é somente porque não se pode esperar que uma mulher se conserve bela tendo cinco anos de fábrica na mocidade e com cinco anos de casamento, um filho por ano...

...

Foi naquela onda movente de jovens que iam e vinham gozando seu domingo de descanso e de namoro que Francisco e Teresinha desapareceram.

...

A lua, que saíra logo ao pôr do sol, estava velada pela perpétua bruma do céu de São Paulo, essa bruma que é um pouco de mar, misturado com outro pouco de serra e outro pouco de vento, compondo o peculiaríssimo clima de Piratininga.

## V

Quando Francisco e Vicente regressavam à tarde para o jantar encontraram somente Bernardo em casa.

Margarida deixou a janta pronta e fora à casa de um pedreiro, na rua Caetano Pinto. Tem uma mulher doente lá.

– Então vamos jantar, chamou Vicente.

Os três homens rodearam a mesa. Vicente tirou a sopa do caldeirão e trouxe-a numa tigela para a mesa, enquanto Francisco cortava o pão. Depois, Vicente trouxe o resto da refeição.

– Hoje ganhei uns cobrinhos – disse Bernardo. – Consegui fazer uma cobrança e peguei trinta mil réis. Mas não adianta – só de remédios quanto tenho gasto nos últimos tempos!

Vicente comentou:

– O Governo devia dar um jeito em gente velha que não tem recursos.

– Agora tem o Instituto de Aposentadorias – disse Francisco.

– Olhe, Francisco, não tenho muita fé nisso. Só sei é que todos os meses me tiram dinheiro. Diz que é para aposentadoria. Para pobre esse pagamento todos os meses fica pesado.

Bernardo perguntou com ingenuidade:

– Mas será que o Governo precisa desse dinheiro? O Governo então não é rico?

Francisco sintetizou a dúvida dos três:

– Ninguém sabe nada. Mas se o Governo inventou esse Instituto para alguma coisa deve ser. O Governo não precisa tirar esse dinheiro da gente. De certo algum plano bom ele há de ter...

– Seja como for, interrompeu Bernardo, o pior é quando a gente fica velho e tem de viver nas costas dos filhos...

– Francisco ia levando um pedaço de pão à boca. Baixou a mão vivamente e redarguiu:

– Eu nunca me queixei, papai.

– Não queixa, mas sofre o peso. Homem na sua idade precisa ter mulher e você, se não fosse eu, já devia ter casado.

– Não faz mal. Teresinha é nova ainda.

– Não há de ser nova a vida inteira.

Quando estavam acabando de comer chegou D. Margarida. Tirou o casaquinho de tricô e veio sentar-se à mesa com um ar triste. Cortou um pedaço de pão, que começou a comer vagarosamente.

– Coitada da moça!

– Quem é? – perguntou Vicente.

– É uma operária da Companhia de Papéis e de Impressão. Está doente do peito, há tempo, e agora piorou.

– Casada?

– Não, é solteira. Mora com uma família num cortiço da rua Caetano Pinto, numa miséria louca. E o pior é que tem um filho de cinco anos.

– E o pai?

– Quem vai saber? Ela nunca contou, o que a gente sabe é que o homem fez filho nela e nunca apareceu para saber se a criança está ou não passando fome. A coitada tem que trabalhar para ela e para o filho.

É difícil deixar um menino de cinco anos para ir trabalhar. Um dia o menino fica num lugar, outro dia noutra, comendo mal e, às vezes, não comendo. A família onde ela mora também é gente pobre que precisa trabalhar e não pode cuidar da criança. Depois, ela ganha tão pouco! Uma tristeza! O resultado é que os dois são duas varetas de magros. Ela já está mesmo no fim, mas o menino, se tiver tratamento, ainda é capaz de se criar.

– E se a moça morrer?

– Morre mesmo.

– E o menino?

– Deus é que sabe. Alguém tem que tomar conta dele.

– Naquela pobreza da rua Caetano Pinto? Duvido! O que cada um ganha ali mal dá para comer...

Bernardo falou com desânimo:

– Devia haver uma lei obrigando os homens a cuidarem dos filhos que fazem.

– Lei há – disse Vicente. – O difícil é achar o homem que se aproveita das bobinhas, faz uma coisa dessas e depois some.

– As mulheres também têm culpa – disse D. Margarida. – Qualquer sujeito que apareça, bonito e bem vestido, elas vão logo caindo.

Francisco se lembrou de seu Osvaldo. Seu Osvaldo era um desses, bem vestido, que ia aparecendo e as mulheres iam caindo. Quem poderia evitar uma coisa dessas? O Governo? Qual, isso ninguém evita, porque são coisas que estão no sangue das pessoas...

Francisco se levantou, vestiu o paletó, acendeu um cigarro e saiu para a rua, encaminhando-se para a esquina da rua Domingos Paiva, onde ficou esperando Teresinha.

Teresinha chegou logo, vestida com um casaco de malha.

– Vamos à reza? – convidou ela, aproximando-se.

A Igreja do Braz estava cheia. O altar-mor vergava ao peso das flores levadas em procissão pelas crianças, no início da novena. Uma imagem da Virgem Maria se erguia no centro do altar, circundada de margaridas brancas e de alvíssimos crisântemos. A nave, cheia de gente, estava inundada pelo fumo perfumado do incenso e o coro cantava um hino suave, de elevada beleza, dessa beleza com que a Igreja Católica se esmera em todos os cânticos do dulcíssimo mês de maio, para lhe marcar nitidamente a diferença, de mês consagrado à mulher venerada como mãe de um Deus.

Teresinha era religiosa, dessa religião que se contenta com as exterioridades de missas e procissões. Vagamente acreditava em Deus, como uma coisa confusa e inexplicável. Francisco, por seu lado, não tivera tempo de pensar muito profundamente em religião. Na meninice, em Pirassununga, frequentara o catecismo, mas pouco ficara entendendo de todas aquelas coisas misteriosas da igreja e da religião. Realmente, não sentia muita necessidade de praticar atos religiosos, nem de acreditar em nada que seus olhos não pudessem ver.

Ficaram na igreja até o fim da novena. Depois que o padre deu a bênção, sob o toque das campainhas e dos sinos, no alto da torre, eles saíram. Começara a garoar. Um manto espesso de bruma descera do céu e envolvera o Braz naquela nuvem que dava a todas as coisas um aspecto fantástico de sonho.

Não estava frio ainda e Teresinha propôs:

– Vamos à cidade?

Quem mora no Braz e trabalha no Braz não vem à cidade nunca, a não ser a passeio, quando deseja e pode. É que o Braz é uma cidade, com todos os seus órgãos normais e completos, funcionando independentemente do centro da Capital, ao qual ninguém precisa vir para fazer coisa alguma.

Os dois tomaram um bonde defronte do Grupo Escolar Romão Puigari e vieram para o centro. No Parque D. Pedro, vale do Tamanduateí, a garoa era mais forte. As árvores se haviam misturado umas às outras e não se distinguiam os hibiscos, nem as palmeiras. Somente se viam as lâmpadas elétricas clareando ao redor. Às vezes a luz se filtrava através dos ramos e folhas de um choupo ou de um jacarandá. Então a luz passava como o jato cônico de um farol, furando a névoa.

Desceram no largo da Sé, e se encaminharam para a rua Direita. No centro havia uma neblina tênue como se o ar noturno estivesse empoeirado. A nuvem que atingia o Braz, e chegava até a ladeira do Carmo, não alcançava ainda completamente a colina.

Foram caminhando, de braços dados pelo passeio, contemplando as belas vitrinas iluminadas. Ao passarem por uma Loja Americana, Teresinha parou e disse:

– É ali que eu quero trabalhar.

Francisco não disse nada e continuaram caminhando. Nos dois passeios da rua Direita, havia grupos de homens parados, conversando e

fumando. Era assim todas as noites e parecia que eles esperavam alguma coisa, que nunca chegava a acontecer.

Cansados de ir e vir, pela rua Direita, São Bento e Viaduto do Chá, pensaram em voltar. E foram esperar um bonde defronte à Caixa Econômica.

O primeiro bonde que veio era da Penha e tinha como motorneiro seu Antônio, pai de Teresinha.

– Vamos neste.

– E sentaram-se no banco da frente, ao lado do motorneiro. O condutor puxou a cordinha ensebada. A campainha bateu duas vezes, secamente, como quem pinga dois pontos – pim, pim. Seu Antônio acionou o manípulo do motor e o bonde arrancou com um barulho pesado de ferragens. E seguiram conversando.

Quando cruzaram a ponte do Tamanduateí, lá embaixo, um ônibus amarelo alcançou o elétrico. Seu Antônio percebeu aquela aproximação e imprimiu maior velocidade ao bonde. O condutor do ônibus tomou a coisa como desaforo e também acelerou a marcha de seu carro. E então começou uma porfia de velocidade. Teresinha dava gritos de entusiasmo, estimulando o pai a correr mais. E a corrida prosseguia sem vantagens para nenhum dos dois veículos, porque, verdade seja, o ônibus era um ordinaríssimo calhambeque.

Seu Antônio ria de satisfação. Teresinha gritava. Mas os passageiros do bonde e do ônibus começavam a sobressaltar-se com aquela inexplicável correria.

Mas uma simples batida na campainha, uma breve pancada seca de um passageiro, finalizou a corrida. Seu Antônio, contrariado, teve de diminuir a marcha, para deter seu veículo na primeira esquina, que era a da rua Piratininga.

Francisco pensava lá consigo que uma corrida daquelas, mesmo às dez horas da noite, num lugar como a avenida Rangel Pestana, era uma besteira completa. Seu Antônio, como motorneiro de bonde, era um anônimo empregado da Light, apenas conhecido pelo número da chapa, e o condutor do ônibus também era empregado anônimo de uma empresa de viação, igualmente só conhecido pelo número da chapa no boné. Que lucro teria qualquer deles em chegar primeiro, se para os dois veículos havia horários certos? Uma competição de velocidade entre bonde e ônibus não aproveitava a nenhum deles, nem mesmo às



empresas para que trabalhavam. Havia, apenas, perigo, e perigo grande, para todos, condutores, motorneiros, passageiros e principalmente para os que passassem pela rua àquela hora, pois é por semelhantes imprudências que os desastres se verificam. Aquela teima em ganhar a corrida, em chegar primeiro, não era senão a vontade de aparecer, de ganhar, de uns serem mais do que os outros, esse desejo que empolga a humanidade inteira, levando uma parte à conquista de grandes triunfos, mas tantas vezes levando outra parte a tristíssimas catástrofes.

Francisco entendeu, porém, que não valia a pena comentar o caso. Nem seu Antônio, nem Teresinha poderiam compreender-lhe as intenções e o melhor era mesmo calar-se. Limitou-se, pois, somente a falar:

– Que corrida louca!

Teresinha estava corada de excitação.

– Gosto de correr! Se eu fosse rica viveria em cima de um automóvel chispando por aí afora.

Ao chegarem à esquina da rua Correia de Almeida, o bonde parou. Francisco e Teresinha se levantaram e desceram.

– Até logo, pai.

A rua era mal iluminada e na penumbra apareciam como seres fantásticos as pobres árvores esgalhadas que se erguiam num dos passeios. A garoa, cada vez mais forte no Braz, enchia a avenida Rangel Pestana, de fora a fora. Era tão forte que mal se podiam ver as luzinhas verdes e vermelhas pousadas nos trilhos da São Paulo Railway.

...

Francisco deixou Teresinha e foi para casa. Passou pelo Bilhar Universo. Àquela hora, o movimento estava fraquíssimo. Encontrou ali o Caldas, tintureiro, com casa na rua Piratininga e que o convidou para tomar café.

Este Caldas era um amigo velho de Francisco, viera de Itatiba para São Paulo, atraído pela esperança de trabalhar e enriquecer numa cidade grande, que oferece oportunidades a todos os homens ativos. Porém, chegando, não encontrou emprego tão depressa e foi perdendo pouco a pouco a coragem para enfrentar a vida. Ao cabo de alguns meses de quase miséria, apareceu-lhe trabalho numa tinturaria. Não era

o que ele sempre sonhara. Mas a necessidade era bem maior do que suas preferências. Aceitou o emprego. E então a vida, o azar, o destino, quem sabe lá o quê, começou a enrolar no Caldas uma teia terrível de dificuldades, umas sobre outras, e ele, planejando largar a tinturaria na próxima semana, foi ficando, ficando, e quando viu tinha aprendido o ofício e estava sem ânimo de buscar trabalho em outra parte.

Deixou-se ficar, vencido, como tantos jovens que vêm do interior cheios de sonhos para triunfar na Capital e na Capital se apagam irremediavelmente em empregos anônimos, modestos e de parca remuneração. Foi ficando, foi ficando e acabou abrindo uma tinturaria própria, pois que a tinturaria é um estabelecimento que não exige nenhum capital, a não ser o dinheiro para o aluguel da casa e impostos.

Falante, alegre e competente em seu ofício, acabou conquistando certa popularidade no meio operário das imediações da rua Piratininga e ia defendendo como podia a vidinha de homem casado e sem filhos. Contudo, o desejo de aparecer, de ser qualquer coisa, ao menos para mostrar-se aos conterrâneos de Itatiba, permaneceu secretamente no fundo de seu coração, que se recusava terminantemente a aceitar a profissão de tintureiro como solução definitiva para o problema de sua vida.

Enquanto tomavam café, o Caldas, muito falante, ia proseando quase sozinho.

– Você soube do resultado do jogo de domingo no Parque São Jorge?

– Ouvi dizer.

– Pois o Manuel, irmão da sua namorada, fez um bonito jogo. O rapaz joga bem e tem futuro. Jogar futebol hoje é negócio. Pagam muito para os bons jogadores.

– É uma profissão esquisita essa de jogar futebol, não é?

– Que nada! Trabalho é para os “trouxas”, como nós, que não sabemos fazer outra coisa. Mas eu estou treinando a minha voz. Um dia ainda hei de cantar no rádio.

– Deve ser difícil, não?

– Fácil não é. Você ficou torneiro numa semana?

– Bom, quando comecei nem sabia o que era uma escala.

– Então? No outro domingo eu fui cantar na Hora dos Calouros do Elixir da Vida, na Rádio Mundial. A gente se inscreve na véspera, e pode cantar o que quiser.

– E você foi bem?

– Se fui! O *speaker* até apertou a minha mão.

Francisco não acreditou, porque o Caldas, conquanto fosse bom rapaz, sério e trabalhador, era o maior mentiroso do Braz. Aquela história do aperto de mão... Enfim, era uma mentira inocente.

– Você nunca viu um programa de “calouros”?

– Não.

– Um domingo destes vou te levar.

E saíram pela rua embrulhada na garoa. Os bondes rodavam quase vazios com aquele ar sonolento de bonde das onze e meia. Dentro das vagas de neblina, os bondes pareciam veículos estranhos de pesadelo. Suas luzes eram foscas e imprecisas as imagens dos raros passageiros sentados nos bancos. Numa distância de cem metros, já não se via mais nada. Dali, da esquina da rua Piratininga, a própria massa do arranha-céu do outro lado, defronte da Igreja do Braz, estava empastada na névoa espessa.

– Vai esfriar, seu Francisco!

Os dois ergueram a gola do paletó e se encaminharam pela rua Piratininga afora.

...

Quando Francisco entrou, o pai, como ultimamente todas as noites, estava acordado.

– Não está bom, papai?

– Não estou. Amanhã vou pedir um remedinho para o seu Osvaldo, que é um bom farmacêutico. Mas isto é o fim, rapaz!

Francisco virou-se para pendurar o chapéu. Sobre a cadeira estava um pulôver de lã cor de cinza. Tomou-o nas mãos grosseiras de operário e examinou-o. Os fios finíssimos de lã se prendiam nas calosidades e asperezas de seus dedos, trabalhados pelas ferramentas pesadas. Era um belo serviço de tricô, de malha fina e cerrada.

– Foi a Cristina que me deu hoje. Boa menina!

É, sim, era uma boa menina, a filha do Ângelo. Lembrara-se do Bernardo e roubara horas do seu próprio descanso para oferecer ao velho aquele agasalho, preciosíssimo para uma pessoa idosa e doente, que tinha de aguentar o clima duro de São Paulo.

– Boa menina! – repetiu Bernardo, virando-se para fugir à luz da lâmpada elétrica, que Francisco acendera a fim de tirar a roupa.

## VI

O bonde rodava cheio para as fábricas. Em cada parada, havia mais operários esperando condução. Todos eles vestindo roupas velhas e coçadas, com chapéus sujos, de semblantes ainda sonolentos, carregando sob o braço as bolsas de couro barato, onde levavam o almoço magro e pobre.

Eram seis e meia da manhã, mas estava escuro naquele fim de outono. Uma densa neblina cobria compactamente a cidade ainda adormecida. A avenida Rangel Pestana estava quase deserta. Somente trafegavam os bondes, conduzindo operários para as fábricas. As lojas tinham as portas de ferro descidas e as casas de residência estavam fechadas. Nenhuma luz havia mais nas ruas, além das luzes móveis dos bondes, correndo e fendendo o nevoeiro.

Francisco ia sentado junto ao tio Vicente, que fumava com pachorra um cigarro. O bonde não soltava passageiros. Parava somente para recolher outros, que iam espremer os de dentro, já apertados em desconfortável superlotação. Mas ninguém reclama, porque aquele aperto era de todos os dias, assim uma coisa inevitável que fazia parte do ritmo normal da existência.

– O Diego me disse que o plano da modificação do descaroador é bom. A Seção Técnica já está estudando os modelos e fazendo os desenhos.

Francisco acendeu um cigarro. Atirou o palito apagado no soalho e perguntou:

– E que disse o gerente da fábrica?

– Disse, também, que o negócio é bom. O Diego acha que vale um dinheirão.

– Será que eles pagam?

– Isso é o que vamos ver.

Ângelo se aproximou deles, andando dificilmente dentro do bonde que jogava com vigor. Chegou e pediu fogo.

– Hoje é dia de fundição. Acho que o seu fogareiro sai hoje. Ontem não ficou pronta a fôrma porque tivemos que acabar uma peça grande, que vai levar uns dois mil quilos de ferro.

Ao lado deles, os operários conversavam sobre futebol e jogo do bicho. Chegaram ao ponto. Desceram do bonde, caminharam uns quinhentos metros a pé e o edifício da Fundação Jaraguá apareceu diante deles. Era um edifício enorme, de tijolos à vista, construído em pavilhões sucessivos, como um armazém. Aquele gênero de edificação, porém, não fora escolhido livremente por um capricho dos construtores, mas determinado pelas circunstâncias. A Fundação nascera com um único pavilhão. Era uma oficina modestíssima, em que trabalhavam somente quinze operários. No ano seguinte, foi aumentada com outro pavilhão e mais vinte operários. E assim, ano a ano, seguindo o ritmo do crescimento quase fabuloso de São Paulo, a Fundação chegara às suas atuais proporções, com uma área edificada de cinquenta mil metros quadrados, os braços ativos de quinhentos operários trabalhando em suas máquinas e tendências constantes para continuar crescendo e prosperando.

A neblina empastava os contornos dos pavilhões e escondia as pontas das chaminés, que se perdiam no céu. Os portões estavam abertos. As lâmpadas elétricas permaneciam acesas e o vasto edifício ia engolindo pouco a pouco os operários que chegavam e penetravam os portões. Os homens marcavam seus cartões numerados nos relógios de ponto e se encaminhavam para os reservados, que davam portas para o pátio. Ali alguns vestiam seus macacões de zuarte azul sobre a roupa. Outros tiravam a roupa toda para somente vestir o macacão, manchado com largas nódoas negras de óleo e de graxa. E, dali, os operários se distribuíam, para a fundição, para a montagem, para a tornearia, para a modelagem.

Francisco foi para a sua fresa, onde, desde há uma semana, estava acabando uma série de rodas de bronze, com o esmero que punha em todos os seus trabalhos e que fazia dele um operário verdadeiramente qualificado da indústria metalúrgica.

Depois do almoço, Bernardo saiu. Passou pela casa de Ângelo e bateu. D. Maria veio atendê-lo, enxugando as mãos magras num avental de cozinha.

– Bom dia! Como vai, seu Bernardo?

– Não vou bem. Cada dia me aparece uma doença nova.

– Mas que coisa! O que que o senhor está tomando?

– Chá! Uns remedinhos que não adiantam nada. Agora mesmo vou indo à farmácia pedir um remédio ao seu Osvaldo.

– O Osvaldo cura muito bem.

– Eu não tenho mais cura. Quando se chega no fim da vida, é assim mesmo; cada dia arrebenta uma peça...

A mulher ficou olhando Bernardo em silêncio.

– A Cristina está na fábrica?

– Está.

– Eu vim agradecer o colete de malha que ela me fez. Olhe como está bonito!

– Bonito e difícil. Esse ponto é triste para fazer! Ela aprendeu comigo.

– Sua filha é uma boa menina. Quem se lembra hoje de gente velha?

E duas lágrimas da sensibilidade fácil dos velhos vieram umedecer os olhos castanhos de Bernardo. Ele limpou o rosto com as costas das mãos e se despediu:

– Então, muito obrigado e até amanhã.

– Até amanhã.

E quando o velho já havia dado uns passos, ela pediu:

– Seu Bernardo, faça o favor de pedir ao Osvaldo que me mande um papelzinho de bicarbonato.

...

Seu Osvaldo estava falando no telefone, quando Bernardo entrou. Um rapazinho veio do laboratório atendê-lo.

– Eu espero. Quero falar com o seu patrão mesmo.

E sentou-se no banco. O rapaz voltou ao laboratório. E Bernardo, sem interesse de olhar para o movimento tumultuoso da avenida, nem para os anúncios de remédios que enchiam as paredes da farmácia, sem querer, se pôs a ouvir a conversa telefônica. Era assunto particular, mas o telefone estava perto, seu Osvaldo falava alto e Bernardo não podia deixar de ouvir. O farmacêutico dizia, com os lábios perto do bocal:

– Não, ontem, não. Não pôde ser... Ah, mas você deve compreender que é assim mesmo... Então, o que que você quer?... A Fany? Não, quem disse isso? Não, nunca! Ora, tinha graça a Fany dizer uma coisa dessas!... Ah, bom, naquela noite, sim. Mas isso é outra coisa. A Fany disse, apenas, que o seu vestido era de seda artificial... Para mim era seda natural. Eu até discuti com ela por isso. Mas você sabe que ela é teimosa... Hoje? A

que horas?... Sei, vou sim. No lugar de costume... Olhe, você traga aquela bolsa bege. É muito distinta!... Então, combinado. *Gudibai!*

E seu Osvaldo desligou o aparelho e voltou-se com ar radiante para Bernardo. Estava mesmo inteiramente feliz.

O farmacêutico era um sujeito simpático, de muito boa presença e vestido com alguma afetação. Estava de paletó de casimira xadrez e calças cor de havana. Uma gravata vermelha sobressaía na camisa de seda cor de palha. Tinha as unhas polidas e brilhantes. Orçava por uns trinta e cinco anos.

– Então, seu Bernardo!

– Bom dia. Vim aqui fazer uma consultinha.

– O que está doendo?

– Eu tive reumatismo. Agora ando sem fome, quase sem sono, com a boca amargando e azia. Às vezes me dói a bexiga quando vou urinar...

E começou a desfiar um rosário estirado de sofrimentos. Seu Osvaldo, com o mesmo ar radiante, ouviu pacientemente as queixas, escreveu uma fórmula num pedaço de papel manilha, que rasgou da bobina do balcão, mandou aviar no laboratório e cobrou seis mil réis pelo remedinho.

– Olhe, seu Bernardo, esta fórmula é muito boa. Mas por que que o senhor não consulta um médico?

– Médico hoje é coisa cara! Gente pobre nem pode mais ficar doente!

– Por que o senhor não vai à Policlínica? Lá é tudo gratuito. Tenho um amigo, o Dr. Penteado, que dá consultas às quintas-feiras. É um médico ótimo, consciencioso e trata os operários como se fossem clientes que pagassem.

– Vou pensar nisso. Em todo caso, quero beber o remedinho do senhor.

E Bernardo saiu levando a mezinha de seu Osvaldo, o bicarbonato para D. Maria e pensando na Policlínica.

...

Quando Vicente chegou com Francisco, D. Margarida, ao pôr o jantar na mesa, lhes deu a notícia:

– A moça da rua Caetano Pinto morreu.

– Coitada!

– Descansou – murmurou Bernardo, com certa melancolia.

– E agora o menino?

– O menino, não sei. Lá no cortiço estavam falando em levar ele para um orfanato do Ipiranga.

– Orfanato! Hum!...

Francisco entrou para se lavar. Vicente ficou absorto, olhando para a parede caiada de branco da cozinha, onde havia dependurada uma réstia com algumas cabeças de cebola, uma frigideira e um coador negríssimo de pó de café. Bernardo permaneceu sentado no seu lugar, sem falar nada. E D. Margarida ia pondo os pratos.

– Coitadinho do menino! – repetia ela de tempos em tempos.

Começaram a comer, em silêncio. Vicente, servindo o arroz, perguntou:

– Não apareceu ninguém para ficar com essa criança?

– O que é que você quer? Esse pessoal aí dos cortiços é pobre mesmo de verdade.

– Mas que despesa pode dar uma criança de cinco anos?

– Sempre é uma boca para comer... E, depois, ele precisa de tratamento, se não também morre.

Vicente parou de comer e ficou olhando para a réstia de cebolas, cismando com o olhar parado.

– Se eu fosse rica – disse D. Margarida –, bem que gostaria de trazer esse menino para nossa casa.

Vicente baixou o olhar para a esposa. Contemplou-a longamente e disse:

– Acho que podemos criar esse menino... A gente ganha pouco, mas há de dar para mais um...

D. Margarida ergueu os olhos extasiados para o marido. Brilhava neles uma luz estranha e era uma luz de ternura. Ela não se conteve:

– Se você quiser, eu gostava... Não tivemos mesmo filhos, não faz mal criar o filho dos outros...

Bernardo entrou no assunto:

– Mas, Vicente, você já tem idade! Não será besteira pegar uma criança agora?

– Bom, não sou menino. Mas ainda posso trabalhar uns dez anos. Depois, tenho fé em melhorar de ordenado. Daqui a dez anos o



menino terá quinze e já poderá fazer alguma coisa. E além disso, eu ainda alcancei o Instituto de Aposentadoria dos Industriários. Quando eu não puder mais trabalhar, o Instituto tem de me dar uma pensão. O que que acha, Margarida?

– Eu ainda sou forte e sou mais nova. Em todo caso, só tenho medo que o menino seja doente...

– Decerto é fome...

– É mesmo!

– Então?

D. Margarida já estava decidida há muito tempo. Além disso, dentro dela despertavam novamente aquelas mesmas emoções que uma vez, casada há pouco, haviam despertado, quando ela desconfiara que estava grávida. Era uma emoção suave, um como êxtase, a sensação estranha e doce de que se dividia a si mesma e dela se desprendia uma outra vida, que ia viver sozinha. Depois veio o desapontamento, porque fora apenas desconfiança. A natureza lhe havia negado a ventura de embalar no seio um filho gerado pelo amor, em suas próprias entranhas. A boa mulher recalcara naquele mesmo seio todos os seus sonhos de maternidade. E aquela maternidade frustrada renasceu de repente, ali, à beira da mesa de jantar, diante da ideia do menino desamparado e da lembrança do marido de adotá-lo sob o mesmo teto.

– Pois então, que vá e seja o que Deus quiser!

E o jantar, que começara triste, acabou alegremente.

. . .

Eram nove horas quando D. Margarida chegou com o menino. Chamava-se João, era pálido e triste como as crianças enfermiças. Tinha olhos azuis e medrosos, com uma sombra velada de susto. Não entendia nada, nem da vida, nem da morte e respondia com extrema timidez às perguntas de D. Margarida.

E enquanto a pobre mãe jazia estirada em cima de uma cama de ferro, no cortiço da rua Caetano Pinto, entre quatro velas acesas e pingando cera, viajando já nessa eterna viagem de que ninguém volta, esquecida dos amores, dos homens, da malícia, da mentira, do trabalho, da miséria, do sofrimento, Joãozinho se instalava definitivamente na casa do mecânico Vicente.

A noite de junho estava fria. O ar muito fino vinha do fundo

longínquo do céu estrelado e se espalhava sobre a terra. Pelas ruas caminhavam pessoas agasalhadas em capotes, sobretudos e capas de gabardine verde ou cinzenta. Os bondes abertos tinham as cortinas corridas, vedando a entrada do vento álgido, que soprava doidamente das bandas do Ipiranga. De vez em quando um risco de fogo sulcava o céu e um rojão espoucava no ar. Num ou noutro ponto da avenida, surgiam clarões de fogos, vermelhos, verdes e azuis ou em chuveiros de prata. A garotada, mesmo com o frio, corria pelos passeios, soltando bombinhas barulhentas e foguetinhos, que corriam pelo chão, como serpentes salpicadas de fogo. Estavam terminando as festas de São Pedro e a fumaça dos fogos caía sobre a cidade, avermelhando as luzes.

Teresinha mandara avisar que estava resfriada. Francisco saiu então para andar pela avenida. O frio espantara o pessoal de todas as noites, de modo que os passeios estavam quase desertos. Uma ou outra pessoa caminhava apressadamente, para casa, com a gola do capote levantada.

Francisco foi andando até o Bilhar Universo, onde parou. Entrou. Havia muita gente aproveitando o calor da sala abafada e cheia de fumaça. Manuel estava “sapeando” o bilhar. Francisco sentou-se ao lado dele.

– Que frio, hein?

– Puxa! Começou tarde, mas começou brabo mesmo.

E ficaram ali, distraídos, olhando o bilhar e conversando molemente.

– Como vai de futebol?

– Agora estou melhorando o meu jogo. Acho que daqui a pouco posso passar para outro clube melhor.

– Diz que a Fundição vai montar mais uma seção?

– Não ouvi falar nada.

– Decerto é mentira. Para que que eles querem mais dinheiro? Já estão cheios...

Os jogadores passavam giz na ponta dos tacos, debruçavam-se sobre a mesa revestida de feltro verde, mediam com o olhar a distância das bolas e desfechavam a tacada. As bolas, reluzentes, refletindo milagrosamente todas as luzes da sala, rolavam, batiam umas nas outras com um som seco e depois se espalhavam.

– Diz que seu tio está inventando uma máquina?

– É mesmo. Eu até estou ajudando ele.

Às dez e meia, os dois saíram. A noite estava cada vez mais fria e cada vez o vento era mais cortante.

– Noite dura para motorneiro! – falou Francisco, pensando em seu Antônio, que dirigia seu bonde pelos descampados do Tatuapé, em caminho da Penha. Abriu a porta e entrou em casa.

## VII

Era dia de fundição de ferro. Logo na primeira hora de trabalho fora aceso o forno Coubilot e em seguida ligados os dois grandes ventiladores que atiravam no seu interior uma poderosa corrente de ar. Ali pelas nove horas, fora lançada na boca já afogueada do forno a primeira carga de trezentos quilos de ferro-gusa em lingotes quebrados e sucata de ferro. A essa carga seguiu-se uma quantidade de carvão de pedra e duas pás de pedra calcárea em briquetes. E o forno, com esses materiais e o ar violentamente soprado pelos ventiladores, começou a assobiar estridentemente, enquanto labaredas alaranjadas saíam pelo cimo da chaminé.

Ângelo, desde a véspera, tinha já preparadas no chão as fôrmas armadas em terra. Mas os formeiros completavam as que não estavam acabadas ou iniciavam outras para peças pequenas e simples. Os modelos de madeira, sobre os quais as fôrmas eram armadas, já haviam sido retirados e recolhidos ao depósito.

A galga rodava, moendo terra. Um operário, ao seu lado, peneirava terra e areia. E os homens, agachados no chão, iam alisando o interior das fôrmas com pauzinhos polidos e colheres de ferro.

Os ajudantes da fundição preparavam as panelas para transportar o metal fundido. Outros, que trabalhavam no forno, iam tratando de retirar da parte de trás a primeira borra de ferro, que começava a sair com as impurezas apuradas no metal em fusão. De tempo em tempo, abriam a porta com uma longa vara e jorrava por ali um jato barulhento, com milhares de fagulhas, como estrelas de uma peça pirotécnica. Depois dessa descarga, um operário, de grossos óculos pretos protegendo-lhe toda a órbita ocular, manobrava procurando facilitar a saída da escória pela bica. E a escória ia saindo lentamente e pingando no solo um pingo que se alongava, como uma baba de fogo, caindo quebradiça como vidro.

O ambiente nas imediações do forno era um ambiente abrasador. O pessoal trabalhava coberto de suor e um ou outro, mais afogueado, despira a camisa, ostentando o torso nu e reluzente.

O alimentador do forno, colocado numa plataforma na parte superior, traçava a giz num quadro-negro voltado para o pavilhão mais um risco, anotando a terceira carga de gusa e sucata atirada naquela tremenda voragem vermelha de fogo. O ar dos ventiladores esfuziava dentro do forno. E pelo cimo da chaminé escapava-se para o céu uma longa labareda sibilante e cor de laranja.

Ângelo, com um avental de couro e de óculos, se aproximou do forno e introduziu uma longa vara através da bica, atingindo a abertura e empurrando para dentro o batoque de barro que a obturava. Escorreu pelo orifício destampado e desceu pela bica um fio de fogo, do qual se escapava um fumo azulado e tênue. Ângelo falou qualquer coisa com o seu ajudante.

O metal ainda não estava bom. E ele gritou para cima:

– Ponha outra carga!

A escória continuava saindo por detrás do forno empastada como baba vermelha. De quando em quando, o forno expulsava ruidosamente um jato de fagulhas. E aquele fogo, numa temperatura de mil e trezentos graus, alimentado pelo próprio ferro em fusão, e pela corrente de ar atirada pelos ventiladores, que roncava soturnamente, silvava com força e estridor.

Alguns operários que acertavam as fôrmas, com a escassa luz do pavilhão insuficientemente iluminado, manobravam espelhos, projetando uma claridade maior no fundo de terra das fôrmas.

As cargas desciam. O calor junto ao forno era terrível e os operários se empapavam de suor. O ar era uma coisa quente, quase espessa, e difícil de ser aspirado. A escória continuava saindo com fragor, incandescente e repartida em centelhas turbilhonantes, que saltavam para todos os lados.

Ângelo deu volta e observou com atenção a baba viscosa de fogo, que pendia da abertura posterior do forno para o chão, e concluiu que o metal estava puro e em condições de ser fundido. Voltou, gritou uma ordem para os operários, que se juntaram ao lado das painéis, tomou uma vara e sangrou o forno, empurrando com vigor o batoque obturador do orifício de saída.

O forno emitiu um longo e alto chiado. Uma serpente de fogo apontou no orifício e começou a escorrer pela bica, desprendendo fumo azulado, e começou a pingar na primeira panela pousada no chão. Quando o ferro como fogo líquido encheu a panela, borbulhando e soltando fumaça, dois operários levantaram do solo a vasilha presa e uma longa vara com dois galhos e, caminhando pesadamente, se afastaram do forno, a caminho das fôrmas. Outro par de operários veio colocar segunda panela sob a bica.

As panelas eram levadas para as fôrmas. Rapazolas praticantes, com longas pás, de cabos de madeira, remexiam a superfície esbraseada do metal dentro dos recipientes, removendo alguma impureza ainda restante. E os ajudantes, entornando aquelas vasilhas de fogo, vertiam o ferro líquido na abertura da fôrma, até que o orifício do suspiro se enchia, borbulhando pelos gases desprendidos do interior da fôrma.

Os homens se afastavam com as panelas vazias para enchê-las de novo. Os rapazolas vinham cobrir as fôrmas com terra e delas começava a se desprender um fumo branco, pela evaporação da água ainda existente na terra que as revestia.

Por todo o pavilhão agora caminhavam os operários, de dois em dois, transportando panelas com fogo dentro. Aquele fogo era um líquido pesado, que tremia, soltava fumaça e aquecia o ambiente. E pouco a pouco, de toda parte, começavam a se levantar nuvenzinhas brancas de fumo, que se deitavam levemente, hesitantes, e por fim se erguiam para o teto coberto de zinco do pavilhão.

Ângelo gritou para os ajudantes. Entregaram-lhe uma vara comprida com um batoque de barro espetado na ponta. Então, com o batoque, o fundidor obstruiu o orifício do forno, detendo a corrida do ferro pela bica. Consultou o quadro-negro pendurado nas traves da plataforma, no alto, para ver o número de cargas de ferro-gusa e sucata atiradas no ventre incendiado do forno. Os operários reuniram as panelas sob a bica e correram a sentar-se em canos, tubos e tijolos refratários, amontoados pelo pavilhão. Descansavam do esforço e do calor e conversavam sobre coisas simples, futebol, jogo do bicho ou namoro. Um deles veio pôr uma vasilha com café para aquecer numa fôrma recentemente cheia, aproveitando assim o calor do ferro, que ainda levaria horas para esfriar.

Quinze minutos depois, pela saída da escória, na parte posterior do forno, Ângelo julgou oportuno sangrá-lo de novo. Com um grito, ajuntou novamente os ajudantes, os quais aproximaram uma grande caçamba dependurada num guincho que pendia de uma ponte rolante, movida a eletricidade, no alto do pavilhão. Os operários iam lentamente, com cuidado e atenção, manobrando as cordas que comandavam os movimentos da ponte, de forma a colocar o pesadíssimo recipiente sob a bica. No alto da ponte, o motorzinho elétrico roncou soturnamente, as rodas rangeram e as correntes do guincho tilintaram repetidamente.

O ajudante sangrou o forno e o ferro novamente correu em fogo pela bica despenhando-se dentro da caçamba. Quando a caçamba ficou cheia daquele líquido, que bulia em ondas pesadas de fogo, desprendendo fumaça, os homens repetiram as lentas e cuidadosas manobras com as cordas, comandando os movimentos da ponte. O guincho rangeu outra vez e a caçamba começou a subir devagarinho, enquanto avançava lentamente pela ponte, indo para o fundo do pavilhão, onde a fôrma, uma grande peça, esperava o metal liquefeito para ser fundida e constituir mais tarde a base de uma bomba de recalque.

...

Vicente se aproximou e perguntou a Ângelo:

– Já fundiu?

– Está ali!

Vicente foi olhar. A fôrma estava coberta de terra e dela se desprendia um fumozinho branco.

– Deu trabalho, diabo!

Ângelo sorriu e disse:

– Se ficar boa...

Vicente afirmou convencido:

– Você vai ver se fica ou não.

Francisco se aproximou também. Vinha com uma polia de ferro, que estava desbastando. E curioso perguntou:

– Será que presta?

...

Agora o pavilhão inteiro estava sulcado de nuvenzinhas de fumo branco, que se erguiam das fôrmas cheias.

A fundição prosseguia. O quadro-negro pendurado nas traves da plataforma, no alto do forno, marcava já vinte cargas fundidas – seis mil quilos de gusa e sucata, que haviam sido derretidos e agora tinham tomado outro feitio. O ferro, vindo ferro duro e compacto do fundo da terra, na composição do minério, era, pelo engenho do homem, tornado em lingote de gusa e, depois, em outra fundição no Coubilot, se tornava líquido e dócil como água e dele o homem, frágil diante da dureza de um metal formado há milhões de anos, fazia o que queria – roda, biela, mancal, eixo e alavanca...

...

Vicente estava curioso e com pressa. Removeu a terra da fôrma com o pé calçado em grosso sapatão e com um pedaço de madeira levantou a peça fundida e ainda quentíssima. Era uma lingueta acessória do seu invento.

A peça estava ainda áspera e cheia de rebarbas. Sua superfície se enrugava e tinha aspecto inacabado. Muito ainda teriam que trabalhar o esmeril, as plainas limadoras e as fresas para que aquele tosco pedaço de ferro pudesse funcionar dentro de um tubo com o desembaraço de uma peça polida.

Aquela era a primeira peça do novo descaroador que o Vicente imaginara e a Seção Técnica da fábrica estudara e desenhara, de acordo com os planos aprovados pela gerência.

Diego veio chegando e, também, se agachou, interessado em ver a peça nova.

– As nossas, disse Vicente, são mais largas aqui e não têm esta curva. Este é um ponto importante.

Diego considerava silenciosamente a peça. Por fim, disse:

– Si, está bem imaginada.

Francisco pediu:

– O senhor me deixa desbastar e acabar a peça?

...

Os ventiladores continuavam roncando. Os esmeris da rebarbação guinchavam com os gritos que as peças de ferro emitiam, quando tocavam na superfície mordente da pedra. O motor elétrico, que acionava uma transmissão, zunia surdamente. E da Seção de Montagem vinham repetidas e sonoras as batidas de martelos em chapas de ferro.

...

Seu Osvaldo saiu da casa do sogro e subiu a rua Campos Sales; foi até a rua Piratininga, dobrando então para a avenida. Ao chegar à tinturaria do Caldas, parou. O tintureiro tinha o rádio ligado alto e o rádio cantava um tango argentino, dos mais melancólicos.

– Ficou pronto meu terno?

O Caldas estava passando um paletó. Imediatamente interrompeu o serviço, largou o ferro em cima da manga, e veio até a porta.

– Ah, seu Osvaldo, não tive tempo de aprontar o seu terno. Meu sogro teve ontem uma cólica de fígado e quase morreu. Atrasei todo o meu serviço. Mas amanhã fica pronto, sem falta.

– Então, sem falta, hein?

E seu Osvaldo, convencido de que o tintureiro inventara uma desculpa para explicar o atraso, foi saindo. Mas Caldas perguntou-lhe:

– O senhor já soube do boato que está correndo por aí?

– De quê?

– É sobre as porteiras da Inglesa. Diz que o prefeito vai mandar tirar todas elas.

– E como é que vai ficar o cruzamento de trens ali?

– Diz que vão fazer uma rampa. Os bondes e automóveis subirão pela rampa e os trens passarão no mesmo lugar de agora, mas por baixo da rampa.

– Isso é uma ideia velha, que ninguém consegue executar.

– É, mas agora a coisa é diferente. Diz que o Governo está disposto até a desapropriar a Inglesa!...

– Homem, seria bem bom acabar com essa chateação das porteiras.

Um cheiro de pano queimado veio até a porta. Caldas olhou para a mesa e viu uma fumaceira que se levantava do paletó que estivera passando.

– Papagaio! Queimei o paletó do freguês.



E o Caldas precipitou-se para o interior da sala, para ver se ainda acudia o paletó, que se queimava sob o ferro elétrico.

Seu Osvaldo achou graça na coisa e perguntou de fora:

– Queimou muito?

O tintureiro examinava a roupa com atenção.

– Acho que não foi tanto. Ainda se pode dar um jeito...

Seu Osvaldo afastou-se, pensando na mentira do Caldas. E imaginava que é compreensível qualquer mentira quando traz proveito a alguém, ao mentiroso ou a outra pessoa. Mas o Caldas mentia de graça, sem proveito, pelo exclusivo prazer de mentir.

...

Vicente, ao entrar em casa, todos os dias, ia perguntando desde a porta da rua:

– Onde está o Joãozinho?

O menino se tornara uma loucura para o mecânico. Joãozinho era uma criança quieta e obediente. Tinha grandes olhos contemplativos. Era magrinho e frágil e aquele seu aspecto doentio ainda o tornava mais querido, porque era um ente necessitado de amparo, de assistência e de carinho, vivendo agora sozinho no mundo.

Joãozinho, ao ouvir a voz de Vicente, veio ao seu encontro.

– Vem jantar, tio!

– Vem cá, nego!

E tio Vicente ergueu o menino e abraçado com ele foi caminhando para a cozinha, onde já o esperava Bernardo, sentado à mesa.

– Como vai indo a invenção?

– Vai indo bem. Hoje fundimos a primeira peça. O Francisco vai amanhã tirar as rebarbas e dar acabamento nela. Mas a Seção Técnica ainda não terminou os desenhos. Tem dado um trabalhão louco para muita gente.

Bernardo mudou de assunto.

– O que que falam na fábrica do Instituto de Aposentadoria?

– Na fábrica não se fala quase nada disso. Os mais velhos falam na carestia da vida, cada vez maior. Os mais moços falam de futebol e cinema. Parece que o pessoal não acredita muito no Instituto.

Francisco veio chegando. Sentou-se e disse:

– Eu acredito. Acho que o Governo não ia inventar um negócio desses à toa.

– É um pouco pesado para pagar.

– Bom, mas um dia esse dinheiro há de voltar...

D. Margarida trouxe a tigela de feijão.

– O Joãozinho, hoje, me pediu um passarinho. Caiu um filhote de andorinha no quintal e ele me disse que quer um passarinho que cante.

Tio Vicente olhou enternecido para o menino, que já estava comendo com um ar de seriedade, e lhe perguntou:

– Você quer um canarinho, bem?

– Quero um passarinho vermelho, respondeu a criança com a boca cheia.

– Amanhã vou começar a fazer uma gaiola e depois vou arranjar um canarinho para você. Não é vermelho, não; é amarelinho como uma gema de ovo...

...

Francisco encontrou Cristina no passeio da rua Campos Sales.

– Como vai, belezinha?

– Eu vou bem. E você?

Ao lado deles, moços e moças passavam, caminhando lado a lado, indo e vindo, da rua Piratininga à rua Caetano Pinto. Meninos cruzavam com eles, em disparada. Um velho vinha vagarosamente pelo passeio, fumando com pachorra o seu cachimbo fedido de sarro. Um gato saiu correndo esfogueado de um portão aberto.

– Seu pai vai melhor?

– Vai indo...

– E o Joãozinho?

– Tio Vicente agora deu para tonto. O menino pediu um passarinho. Tio Vicente vai fazer uma gaiola e comprar um canário. Se o menino pedir uma estrela, meu tio é capaz de querer arranjar uma.

– Quem nunca teve filhos é assim mesmo.

– É por isso que ele não sabe ter energia. Esse menino vai crescer estragado de tanto mimo.

Acendeu um cigarro e continuou:

– Também, coitadinho, é um pobre largado no mundo!  
Quando chegaram à rua Piratininga, Francisco se despediu:  
– Bom, vou indo.

E Francisco se afastou. Cristina ficou parada na esquina olhando-o ternamente e pensando que ele ia se encontrar com a namorada.

– Que pena! – murmurou ela baixinho. E recomeçou a caminhar vagarosamente no passeio da rua Campos Sales, com o coração pesado.

...

Lá embaixo, no Parque D. Pedro, estavam soldando um trilho de bonde com solda elétrica. E o rutilante pingo de luz azul parecia uma grande estrela caída no chão.

...

Ainda era inverno nessa noite suave de agosto. As árvores do Parque D. Pedro estavam crestadas pelo vento frio que soprava do Ipiranga desde meados de maio. Folhas secas e poeira vermelha recobriam as aleias cimentadas do jardim. Mas havia no ar, no céu, na terra, nas árvores, não se podia dizer onde, um como estremecimento de primavera. Parecia que as plantas sentiam a revolução que vinha vindo do fundo inexplorado do tempo, trazendo verdes novos, perfumes, renovação. E em cada caule principiava já a correr um leve arrepio, e as folhas que caíam mortas no chão e eram levadas pelo vento deviam sentir dolorosamente a morte prematura com a certeza de que, se vissem mais uns dias, veriam a primavera chegar.

E a primavera vinha chegando, devagar, quase presente já no ar daquela noite macia de agosto. Andavam perfumes doces a percorrer o céu – perfumes de magnólia e de flores de laranjeira. A brisa que soprava, levemente, agitava e perturbava os choupos do parque, manchados de ferrugem, e as folhas do choupo tremiam e giravam no eixo dos pecíolos, já tontas com a primeira embriaguez que a primavera trazia através do céu silente e cheio de estrelas, nas dobras de treva perfumada da noite erma, nas asas macias do vento leve que passava...

Daí a dias, seria primavera. Então, que beleza! – árvores em flores, galhos revestidos de rebentos novos, de um verde tenro e tímido, céus azuis e luminosos, arqueados sobre a terra, aves e insetos voejando alegremente,

águas correndo mais ligeiras entre a renda alvinitente de suas espumas, em busca dos grandes rios, que as levam em catadupas para o mar...

Porém, são muito mais doces e ternas as noites pudicas de agosto. Este leve estremecimento de espanto, percorrendo os ares e tocando fundamento os vegetais, tem mais emoção, pois em toda parte ainda há uma hesitação, como a timidez encantadora da noiva que vai para a alcova nupcial, presentindo os beijos, os êxtases, os arroubos, mas vai medrosa, enrubescida e assustada...

Nessa doce noite de agosto, envolvida pelo suave odor das flores de mangueira, vindo de quintais escuros e silenciosos, ainda era inverno. Mas já se percebia a primavera aproximar-se de mansinho, nas asas do vento, que carregavam excitantes perfumes de magnólias e de laranjais em flor.

## VIII

No domingo de setembro, cheio de fumaça que caía pesadamente sobre a cidade, Bernardo se sentara para tomar sol, na curta nesga que havia no quintalzinho da casa. D. Margarida fora à missa, levando Joãozinho. E Vicente aproveitava a folga domingueira para trabalhar na gaiola que estava fabricando com suas próprias mãos para o menino.

A gaiola era de arame grosso, montada em sarrafos de madeira. Vicente, com sua habilidade manual de mecânico, ia assentando as varetas, retorcendo as pontas de arame, com um alicate, acertando as extremidades nos sarrafos.

Bernardo, com um jornal nas mãos, às vezes deixava a leitura para acompanhar com os olhos o paciente trabalho do irmão.

– Está adiantada...

– Podia estar mais, se eu quisesse fazer uma coisa matada. Mas vai indo bem.

O silêncio recaiu sobre os dois. Pombas alvas voavam no céu enfumaçado, às vezes sumindo-se atrás das casas, às vezes reaparecendo no fundo do firmamento. Um vento leve mexia com as folhas de um limoeiro no quintal vizinho. E o limoeiro estava salpicado de flores, que exalavam um aroma delicioso.

– Os tempos andam ruins! Há muitos dias que não faço nada.

– Na fábrica, não. Todos os dias tem novas encomendas. E ontem o Diego me disse que estão querendo ajustar mais três mecânicos, um para a tornearia e dois para a montagem.

– Indústria é coisa que dá muito.

– Se dá! Aquilo é que é ganhar dinheiro! É verdade que precisa um capitalão...

– Bem que podia pagar ordenado maior para você, não?

Vicente demorou a responder, pois estava retorcendo trabalhosa-mente uma ponta de arame. Quando terminou, respondeu:

– Os operários metalúrgicos até que ganham bem. Mas a vida está cara demais. E tudo encareceu de repente. Há quatro anos eu ganhava menos do que hoje e chegava para ir tocando. Hoje, não dá para nada...

– Vocês ainda ganham. E eu? Não presto mais para nada. Só sirvo de estorvo para o Francisco, que tem de me sustentar e nem pode casar. Se eu tivesse uma pensão, mesmo que fosse pequena... Mas no meu tempo ninguém pensava nisso. Ser operário, como eu fui, e chegar no fim da vida, como cheguei, sem ter nada, nem para comer, é duro. Hoje as coisas estão melhores.

– Ontem mesmo se aposentou um operário da Fundação. É um dos primeiros que aproveitam a nova lei. Coitado, está tuberculoso! Ele trabalhava num turno. Ultimamente tossia, que dava dó! E quase não produzia mais nada, por falta de força. No mês passado, foi examinado pelo médico do Instituto e ontem saiu a aposentadoria dele. Foi chamado no escritório e liquidaram as contas. Agora, ele pode viver sem trabalhar.

– Quanto vai receber por mês?

– Não sei. O Diego me disse que é pouco, mas quer dizer que ao menos o pão está garantido até ele morrer.

Bernardo fez um movimento com a cabeça e murmurou:

– Mesmo que seja pouco, é dele. Ninguém pode dizer que é esmola. Não fica devendo obrigação a ninguém...

Uma banda de música começou a tocar na esquina. Espoucaram alguns foguetes no ar. E os sons do dobrado começaram a se aproximar.

– É a abertura da festa de São Vito – disse Vicente. – Vou dar uma esmola.

Largou a gaiola e entrou na cozinha. Atravessou a casa e saiu pela porta da rua. A banda de música se aproximava, acompanhada de um magote de meninos. À frente vinha um grupo de homens transportando

um andor, revestido de pano azul-celeste, no qual estava parafusada a imagem de São Vito, o santo italiano, padroeiro dos pescadores. O andor, ao contrário do costume universal, não estava enfeitado de flores, nem naturais, nem artificiais. Estava recoberto de notas de cinco, dez e vinte mil réis, que os devotos ofertavam e os do bando pregavam no pano com alfinetes.

Quando o grupo fronteu a casa, Vicente foi-lhe ao encontro e entregou a um dos homens uma nota de cinco mil réis. O grupo parou. O homem prendeu a nota, agradeceu, e a companhia continuou a marchar dobrando a esquina.

...

Depois do almoço, Francisco foi se encontrar com Teresinha. Nesse domingo não iriam ao cinema. Haviam combinado ir dançar na vespéral domingueira do Salão Lira, na avenida. Por isso, Francisco pusera a sua roupa mais nova.

Teresinha chegou, também, com o seu melhor vestido. Vinha sorrindo, sorrindo cumprimentou Francisco e ficou olhando para ele.

– O que que você viu hoje?

– Hoje estou contente.

– Por quê?

– Você não zanga se eu contar?

– Não. Pode falar.

– Saí da fábrica!

– Saiu?!

– Terça-feira vou começar a trabalhar numa Loja Americana. Para principiar vou com cento e quarenta mil réis. É um colosso de ordenado!

Francisco recebeu heroicamente o golpe. Sabia já que Teresinha era teimosa e que, quando punha uma coisa na cabeça, nem Cristo a tirava. Sabia que ela havia de fazer tudo para obter o emprego, mas tinha ainda a esperança de que não o conseguisse.

Contudo, havia conseguido. Conseguira deixar a fábrica, empregara-se na cidade, começara, finalmente, a atravessar o Tamanduateí. Muitas ele conhecia que também haviam atravessado o Tamanduateí e nunca mais regressaram aos seus lares pobres e honrados de operárias. Mas o mundo é assim mesmo – ninguém tem o que quer, tem o que tem mesmo...

– Paciência, disse ele baixinho.

– Não faz mal, bobo. O lugar é muito melhor do que na fábrica.

Depois, nós casamos...

Um automóvel corria pela avenida, seguindo a mesma direção que eles levavam. Ao passar por eles diminuiu a marcha e foi-se aproximando da guia do passeio. Adiante de Francisco e Teresinha caminhavam duas mocinhas de roupas domingueiras, conversando, rindo e olhando para os dois moços que iam no automóvel. Quando o carro as alcançou, parou no meio-fio. Um deles disse qualquer coisa às mocinhas que também haviam parado no passeio. A portinhola do automóvel se abriu e as duas mocinhas entraram nele. A portinhola bateu e o automóvel, retomando o meio da rua, readquiriu velocidade e sumiu-se rumo à Penha.

– Que piratas! – exclamou Francisco.

– Ué, a turma está aproveitando!...

...

O salão do clube era amplo, bem iluminado e estava enfeitado com bandeirolas e galhardetes de papel de seda de várias cores. Num estrado existente ao fundo, havia um rádio-vitrola, em que operava um homem de uns cinquenta anos e de cabelos prateados nas têmporas. O recinto estava cheio de pares, dançando um *fox* sentimental. Quando o disco acabava, os dançarinos batiam palmas e o homem pacientemente repetia a música. E aquela multidão de jovens, todos de menos de vinte e cinco anos, passou ali o resto do dia, e foi até a noite, dançando, namorando, abraçando-se, freneticamente se esfregando uns aos outros, enquanto um ou outro mais ousado aproveitava a distração geral para beijar a companheira. E o homem de cabelos prateados nas têmporas mudava disco após disco na vitrola e pacientemente repetia todas as músicas, quando os pares batiam palmas...

...

Quando Francisco foi para casa, já depois de onze horas da noite, passou pelo Bilhar Universo, para comer um pastel e beber um café. O bilhar ainda tinha numerosa freguesia, jogando, comendo, bebendo, terminando alegremente o seu domingo. Um alto-falante de rádio, colocado na parede, enchia a casa com melodias variadas.

Francisco encontrou ali seu Antônio, sentado a uma mesa sozinho, diante de uma garrafa de vinho. Aquele copo de vinho domingueiro era a única farra que o motorneiro fazia em seus dias de folga. O operário também sentou-se à mesma mesa e ficou conversando com o futuro sogro.

– Pois a Teresinha cavou emprego numa Loja Americana – disse seu Antônio.

– Ela me contou.

– O lugar é melhor do que o da fábrica, porque o ordenado é maior e são menos horas de trabalho.

– Também acho. Mas tenho medo...

– De quê?

Francisco teve acanhamento de dizer logo. Mas encheu-se de coragem e explicou:

– Teresinha é uma moça bonita e as Lojas Americana são lugares de muito namoro...

– Ah, mas ela é ajuizada!

– Eu sei que é, mas também é ainda muito nova. Esses piratas da cidade têm lábia, têm dinheiro... Depois, parece que eles gostam mesmo de namorar moças nessas lojas...

Seu Antônio tamborilou nervosamente com os dedos no tampo de ferro da mesinha. Deu um curto suspiro e desabafou:

– A dizer verdade, eu o que preferia era ver a rapariga casada contigo.

– O senhor sabe que ainda não posso casar...

– Sei que sustenta o seu pai e não pode constituir família. Mas o que eu preferia era ver a menina casada... Como isso ainda não é possível, não a proibi de arranjar outro emprego. Afinal, rapaz, eu sou um pobre motorneiro de bonde. Não posso dar nenhum futuro à minha filha. Por que hei de impedi-la de se empregar melhor?

– Bom...

– Que futuro pode esperar uma moça que trabalha como operária numa tecelagem, a indústria que menos paga aos seus empregados? O comércio ao menos paga mais...

Francisco pensou que o comércio melhor não era o que Teresinha procurara. E disse:



- O senhor tem razão em parte.
- E por que não a tenho inteiramente?
- Porque o comércio melhor, que paga mais, não é o dessas lojas.
- Bem sei, mas a loja servirá para a rapariga ir praticando. Com o tempo ela poderá passar para uma casa grande. A questão é começar...

Francisco não disse nada. O rádio continuava tocando. O movimento da avenida havia diminuído e o seu barulho contínuo agora era fraco. O pessoal, que tinha de se levantar cedo na segunda-feira, começava a sair do bilhar, que se ia esvaziando, pouco a pouco.

...

Na manhã seguinte, começaram a florescer os jacarandás do Parque D. Pedro, com os seus grandes cachos de flores sedosas, que despencavam do alto dos ramos esgalhados e borrifavam de roxo as ruas cimentadas.

Junto ao canal do Tamanduateí, mesmo na esquina da avenida do Estado, duas grandes cássias também abriram suas flores douradas. Uma multidão de abelhas, vindas ninguém sabia de onde, compareceram apressadas para saquearem o mel das flores recém-abertas e, nem o sol chegara ainda ao meio do céu, já estava o chão juncado de corolas caídas, como pequeninas estrelas de ouro, salpicando a grama verde nos taludes do canal do Tamanduateí e as ruas cimentadas do jardim.

...

A invenção de Vicente progredia sempre. Francisco, pondo em sua colaboração a maior boa vontade, ia acabando com esmero as peças que eram fundidas. A gerência da Fundação acompanhava com interesse e curiosidade o andamento do trabalho.

E a gaiola, que já não era mais uma simples gaiola, mas quase uma obra de engenharia, também ia saindo das mãos hábeis de Vicente e também crescia um pouquinho em cada domingo, para satisfazer as impaciências de Joãozinho, que desejava ali encarcerar um passarinho vermelho que cantasse.

...

A vida continuava seu ritmo sossegado. De dia, o trabalho nas fábricas, à noite cinema, bilhar, conversas no Largo da Concórdia ou passeios com as namoradas ao longo da avenida Rangel Pestana, no percurso do *footing* domingueiro, que começava no largo da Igreja do Braz, atravessava as porteiras e ia terminar já na avenida Celso Garcia, muito além da esquina da rua Bresser.

...

Manuel conversava no bilhar animadamente com os amigos.

– Estou melhorando meu jogo nos últimos tempos. Tenho esperança de poder jogar logo num clube bom.

O Caldas, que estava presente, falou:

– Eu conheço um rapaz do Belenzinho que começou num clube de bairro como você e hoje é profissional. Ganha mais de seis contos de réis por mês.

– Seis contos! Puxa! Vá mentir no inferno!

Caldas se queimou.

– Mentir por quê? O que é que eu ganho mentindo?

– Homem, não sei. Nunca fiquei sabendo o que que você ganha mentindo do jeito que mente.

Risadas estrugiram em redor. Caldas ficou furioso. Levantou-se e disse com desdém:

– É isso que se ganha, conversando com gatinha...

– Sai, trouxa!

Caldas foi saindo um pouco murcho.

– Seis contos é mentira do Caldas – disse o moço –, mas um profissional pode tirar mais de um conto de réis por mês.

– E não é negócio? – perguntou Manuel, com ar vitorioso.

– Puxa, se é!

...

No céu limpo, a lua cheia vogava tranquilamente, iluminando com sua luz prateada as árvores do Parque D. Pedro, as altas chaminés, o bairro adormecido na fadiga do trabalho.

## IX

Quase debruçado no torno, Francisco acabava um eixo, torneando liso. O ferro estava preso no cabeçote e na espera. As polias giravam com ritmo certo e o operário, guiando a ferramenta, que ia desbastando o metal, estava como que fundido no mesmo bloco, que vivia, estremecia e palpitava. A máquina tinha a energia, a força, a velocidade. Mas o homem é que era o guia, o espírito, a inteligência daquele grupo singular.

As rodas quentes de graxa rodavam. Os eixos polidos pelo atrito reluziam. As correias pulavam, no frenesi de sua atividade, levando o movimento de uma roda que girava a outra roda, que também começava a girar. O operário, como que sentindo a vibração profunda daquela máquina que rodava sob suas mãos e participando da vida misteriosa daquelas rodas e daqueles eixos que a eletricidade movia, ia captando os movimentos e com eles transformando a peça tosca de ferro – uma haste impessoal e negra – num eixo trabalhado e polido, que apresentava medidas certas, relações, equilíbrio e ia servir numa futura máquina para comandar o ritmo das rodas e polias.

Sob o gume afiadíssimo da ferramenta, que ia tirando o excesso do metal, passo por passo, o eixo era torneado e dele se desprendia uma fita negra, que se enrolava sobre si mesma, como se estivesse com raiva e de raiva se quebrava e caía ao solo.

Ao lado de Francisco, o pavilhão tumultuava no fragor do trabalho. As plainas limadoras iam e vinham, em ritmo certo, as furadeiras abriam orifícios em chapas de ferro, as fresas, girando velozmente, iam polindo as superfícies de ferro e de bronze, cortando arestas, mandrilando furos. E rodas e volantes giravam, correias tatalando pulavam, o esmeril rinchava asperamente, espirrando nuvens de limalha de ferro em fogo, enquanto uma retificadora lentamente ia brunindo a superfície já luzidia de um grande êmbolo.

Francisco, de espaço a espaço, parava o seu torno. Apanhava as ferramentas, pousadas sobre o cabeçote, ora a régua, ora o verificador fêmea, ora o compasso, tomava medidas, conferia com o desenho em papel ozalide, fazia avançar o contraponto, de novo ligava a máquina e começava outro passo do desbaste.

Diego se aproximou.

– Tudo marcha bem?

– Vai bem.

Um operário recebera um corte no dedo. E atravessou o pavilhão, segurando o pulso, com o dedo erguido para o ar e pingando sangue. Diego acompanhou-o até o pequeno ambulatório, situado na outra face do pátio, onde foi socorrido e medicado por um enfermeiro com o material de urgência que havia ali para aqueles casos. O pavilhão da tornearia estava cheio pelo rumor confuso das rodas, das polias, das correias e dos motores. E da Seção de Montagem vinham continuamente sonoras batidas de martelos em chapas de ferro.

...

Naquela semana, se realizava a festa de São Vito. A rua da Figueira, desde a avenida Rangel Pestana, até além da rua Santa Rosa, tinha armações de madeira, pintadas de branco, nas quais cintilavam dezenas de lâmpadas elétricas. Da rua Santa Rosa partia daquelas armações outra seção que ia até a igreja, em que se festejava o santo italiano. À noite, tudo aquilo resplandecia de luzes, e quase ficava como se fosse dia.

Os rapazes e as moças, que procuram todos os pretextos para namorar, jantavam e se dirigiam para a festa. Nas imediações da igreja, havia barraquinhas, em que faziam sorteios de papelinhos, pagando-se prêmios de estatuetas, bichos de barro pintado, imagens de santos, copos, jarras e vasos. Duas bandas de música tocavam, desde seis horas da tarde até meia-noite, valsas, dobrados e tangos. E o bairro inteiro durante duas semanas pontualmente comparecia todas as noites para honrar o seu santo.

Dentro da igreja, durante a celebração das novenas, o santo aparecia no altar-mor, circundado de lâmpadas elétricas, que se acendiam durante a festa. E o santo, olhando a multidão composta somente de pobres trabalhadores de fábricas, ostentava, naquele bairro modestíssimo do Braz, uma riqueza perturbadora, pois estava cheio de joias, barretes de ouro, colares, brincos, anéis, numa exibição inexplicável de requintado luxo.

Francisco andava por ali com Teresinha, como por ali andavam o Caldas e o Manuel. Até tio Vicente também viera naquela noite, com

Ângelo. Arriscavam um dinheirinho no jogo, perdiam, davam risadas, julgavam bem perdido o dinheiro, gasto em homenagem ao santo, e continuavam até tarde, comendo amendoins torrados, pipocas e tremoços.

De repente, quando esperavam correr um sorteio, Vicente exclamou:

– Mas que besta que eu sou!

Ângelo assustou-se.

– O que é isso?

– Agora que estou lembrando que o anel do lado de dentro tem de ser igual ao de fora...

– Anel do quê?

– É o negócio do meu descaroador...

...

Bernardo notou que estava com as pernas inchadas. Apertou com um dedo o tornozelo e a carne cedeu. Retirou o dedo e ficou uma depressão profunda.

Aquilo era uma novidade. Andava há tempos sem apetite e sem sono. Ultimamente não podia andar senão muito vagarosamente, porque qualquer esforço lhe tirava todo o fôlego. Tudo aquilo já era desagradável. Mas agora o inchaço era uma novidade das mais aborrecidas.

Porém, não quis confiar em si. Foi procurar D. Margarida, que estava no quintal, e contou-lhe o que descobrira.

D. Margarida observou atentamente a experiência repetida de calcar o dedo no tornozelo e retirá-lo, e confirmou:

– Está mesmo inchado. Não seria bom ir na farmácia pedir um remédio?

Bernardo se alarmou. Arregalou os olhos e perguntou:

– Será doença grave?

– Decerto não é. Mas não custa ouvir a opinião de quem sabe.

Joãozinho veio chegando, puxando uma espiga de milho seco amarrada a um barbante.

– Qué comprá verdura?

...

No domingo, depois do cinema, Francisco vinha voltando para casa com Teresinha. Ao passarem pelo Largo da Concórdia, viram no meio da praça o mesmo ajuntamento de gente num dos cantos.

– Vamos ver o que é? – propôs Teresinha.

Era uma espécie de *meeting*. Um homem estava falando, trepado em cima de um caixão. Era o mesmo que eles já uma vez tinham visto discursando naquele mesmo lugar. E como na outra noite, o homem calvo e de óculos agora também era ouvido com atenção.

– Vamos ouvir?

Aproximaram-se. O homem dizia:

– “... os operários devem compreender que estamos já vivendo os tempos novos. Antigamente o trabalho era como se fosse um castigo, porque os patrões exigiam muito, pagavam pouco e os operários não tinham direitos. Se ficavam velhos, os patrões os despediam e eles que morressem de fome ou fossem viver à custa dos filhos e parentes. (Francisco pensou em seu pai, que não alcançara os benefícios da aposentadoria, e começou a se interessar pelo discurso.) Mas hoje as coisas estão mudando. O patrão não pode mais despedir o empregado sem motivo, se não lhe pagar tantos meses de ordenado quantos sejam os seus anos de serviço na casa. Os trabalhadores têm quinze dias de férias pagas por ano, como antigamente somente os ricos tinham. Porém, o principal benefício que os operários têm hoje é o dos Institutos de Aposentadorias. Hoje nenhum operário doente ou inválido pela idade precisa estender a mão à caridade pública, nem precisa viver à custa dos filhos, pois o Instituto lhe paga uma pensão que lhe garante o pão de cada dia. E esta pensão não tem o aspecto humilhante de esmola, nem de favor; é um juro que cada um recebe pela acumulação do trabalho que, em anos de atividade, como se fosse um capital, para si mesmo acumulou. Essa pensão, que o trabalhador receberá na velhice, é a mesma que eu também receberei e pelo mesmo motivo, porque também pago para mim mesmo uma prestação mensal, descontada do meu ordenado para que eu, quando amanhã for velho e não tiver mais forças para segurar as ferramentas, receba uma restituição do Instituto, que não é meu, não é do Governo, não é dos patrões, não é de ninguém – é de todos nós...”

Francisco disse baixinho para Teresinha

– É mesmo! O que o meu pai não tem eu hei de ter quando for velho...

Teresinha não entendeu:

– O que que você disse?

– Disse que o meu pai não tem aposentadoria porque quando veio a lei ele já não estava mais trabalhando. O homem está dizendo que os operários de hoje, quando ficarem velhos, não precisarão ser sustentados pelos filhos, como são sustentados os operários velhos de antigamente. Isso é uma verdade. Esse homem é um colosso!

O orador prosseguia:

– “A grandeza moral desta lei tão justa e tão humana é que ela estabelece um elevado princípio objetivo de solidariedade, tão necessário aos homens, porque, pelo mecanismo dos Institutos de Aposentadoria que o Brasil possui, cada um contribui para todos e todos contribuem para cada um. Eu pago hoje para todos os aposentados de agora e todos pagarão para mim quando eu já não puder mais produzir nenhum trabalho com as minhas mãos ou com a minha inteligência. É grande esta lei porque veio mostrar que era uma injustiça dolorosa deixar à margem da vida, esquecidos e abandonados, os velhos já incapazes de trabalhar, desprezando-se totalmente a circunstância de que tais velhos, em seu tempo de moços e de atividade, haviam trabalhado e produzido. Era doloroso a um homem saber que, no seu tempo, o seu esforço de trabalho fizera o mundo caminhar, para diante e, uma vez velho, verificar que tudo fora perdido, porque tudo então lhe era negado. O trabalho, na sociedade, acaba sendo um patrimônio comum, porque é de todos e deve também produzir benefícios que alcancem a todos. Quem vive o dia de hoje deve se lembrar de que foram os homens que já morreram que construíram as suas casas. As estradas de ferro, que hoje nos servem, foram abertas por homens que já morreram. As máquinas, com que ganhamos hoje o nosso pão, foram fundidas por homens que já não trabalham mais. E nós, que recebemos do passado o que ele pôde fazer e acumular, temos o dever de construir para o futuro. Nós hoje trabalhamos para o conforto e a riqueza dos nossos filhos e dos nossos netos.

Bem haja o nome daqueles homens que, não sendo operários e não sofrendo junto conosco nossas canseiras e incertezas, mas sentindo com humanidade a justiça das nossas aspirações, criaram estas grandes leis, que outros países, mais velhos, mais ricos e que se orgulham de ser mais adiantados, ainda não possuem...”

– Esse homem é um colosso! – exclamou Francisco, admirado com a verbosidade fácil do orador.

– Vamos indo? – convidou Teresinha, pouco interessada nas ideias que o homem desenvolvia.

– Não, vamos ouvir mais um pouco...

Mas as palavras que haviam despertado a admiração de Francisco eram já o fim da oração. O homem acabara o discurso precisamente quando Francisco e Teresinha falavam, desceu do caixão e se perdeu naquela massa de centenas de pessoas.

...

Seu Osvaldo, depois de ouvir a história que Bernardo lhe contou e de ver-lhe a perna magra, perguntou:

– O senhor às vezes tem falta de ar quando anda um pouco mais depressa?

– Tenho.

– Não sente um zumbido no ouvido?

Bernardo lembrou-se de que às vezes sentia.

– E tonturas?

– Também às vezes sinto.

Seu Osvaldo pensou um pouco e depois disse:

– Olhe, seu Bernardo, eu acho melhor não lhe dar nenhum remédio. É bom o senhor consultar um médico. Na Policlínica dão consultas gratuitas todos os dias, das oito às onze. Amanhã mesmo, o doutor Penteado, que é meu amigo, vai dar consulta. Garanto ao senhor que é um bom médico. Pode contar a ele que fui eu que mandei o senhor.

– Mas o senhor acha que é doença grave?

– Bom, seu Bernardo, é e não é. Toda doença é grave e não é grave. O senhor já tem idade. Da outra vez, eu lhe disse o mesmo. Olhe, vá, é um conselho de amigo. Vá e fale com o médico, que é muito bonzinho.

Bernardo saiu alarmado. Se não fosse nada, seu Osvaldo certamente lhe teria dado um remédio, como de outras vezes. É porque a doença agora decerto era mesmo séria.

...



Depois do almoço começou a ventar. O céu, que estava coberto de fumaça, ficou logo cheio de pesadas nuvens negras, que engrossavam rapidamente. E dentro de minutos desabou um aguaceiro terrível. As grandes nuvens negras se dissolveram no céu que se tornou cor de cinza. Já não havia mais nuvens. Tudo tinha o mesmo aspecto, um aspecto inteiriço de bruma esbranquiçada, que escurecia rapidamente, tanto que foi preciso acender luzes nas casas. Relâmpagos alaranjados e azuis abriam deslumbrantes clarões no firmamento. Trovões retumbantes ecoavam no espaço e repercutiam na terra. E a água caía, caía, cada vez com furor maior, enquanto que um vivíssimo cheiro de ozona impregnava completamente a tempestade.

Era a primeira chuva, depois de quatro meses de seca. A atmosfera estava carregada de eletricidade, que se descarregava em raios e coriscos. O vento aumentava de velocidade, inclinando as cordas da chuva, que caíam das distantes cataratas do céu.

As árvores do Parque D. Pedro, sedentas há quatro meses, sujas pela poeira vermelha e negra, de granito e de asfalto, ali depositada durante todo o inverno, recebiam a chuva com uma aparência de alívio e satisfação.

Os bondes acenderam as luzes internas e os holofotes exteriores, baixaram as cortinas e as rodas iam levantando jatos da água que escorria furiosamente pelos sulcos dos trilhos.

...

A chuva já havia cessado quando Vicente e Francisco regressaram da fábrica. E logo ficou combinado que no dia seguinte pela manhã Bernardo iria à Policlínica consultar o médico indicado pelo farmacêutico.

...

Depois da primeira chuva de setembro, o céu se apresenta lavado de fumaça e fica novamente azul e polido. O sol, também lavado da mesma fumaça, recupera seu velho esplendor de ouro. E o dia posterior ao da chuva parece ser o primeiro dia da primavera.

Bernardo tomou o bonde na rua Piratininga e veio descer na rua do Carmo, diante da Policlínica, onde encontrou uma multidão

esperando a hora de retirar os cartões de consulta. Ao seu lado, só via gente com ar de doença e sofrimento. Mulheres pálidas, com fundas olheiras, crianças enfraquecidas, de perninhas finas, onde sobressaía estranhamente o nó dos joelhos, mostrando mais fome crônica do que doença, velhos como ele mesmo, trôpegos, cheios de reumatismo, com a respiração opressa de asmáticos, os olhos amortecidos do fulgor da vida, errando vagarosamente de um para outro lado, como quem já está olhando os derradeiros olhares de despedida para este mundo...

Quando lhe chegou a vez, Bernardo foi atendido pela mocinha que preenchia os cartões com fastio e conversando sobre cinema com um consulente. O que Bernardo mais admirava no fastio da moça era sua prodigiosa indiferença pela dor e pelo sofrimento de toda aquela gente pobre, que somente vinha procurar o médico depois de acumular dores e padecimentos...

O médico era um moço magrinho, simpático, moreno, de cabelos escorridos. Preencheu uma ficha com o nome do doente, idade e residência. Ouviu atentamente o que Bernardo lhe contou, depois mediu-lhe a pressão arterial, com um aparelho complicado, pediu um pouco de urina, que ali mesmo examinou sob o fogo de um bico de gás. Pegou da pena e começou a escrever uma receita.

– Vou lhe dar dois remedinhos e o senhor com certeza vai melhorar. Mas preste bem atenção: o senhor precisa deixar de comer sal...

– Sal?!

– Sal, sim. Tem que comer comida sem sal nenhum. Nem pão, porque tem sal, nem carne de jeito nenhum. Deve comer frutas, legumes, massas, coisas leves. Pode aviar esses dois remédios em qualquer farmácia. A fórmula é barata. Mas não coma sal nenhum... Tome os remédios e venha me dizer como vai passando daqui a umas duas semanas.

– É grave a doença, doutor?

– Bom, é uma doença séria, mas pode sarar. O senhor veio só?

– Vim.

– Tem família?

– Tenho só um filho.

– Quando voltar daqui a quinze dias, traga o filho também. Quero fazer-lhe uma recomendação.

- Então, Deus lhe pague pela consulta.
  - De nada, meu velho. Tome os remédios direitinho, não coma sal e volte daqui a duas semanas.
- E o doutor bondosamente acompanhou Bernardo até a porta.

...

O casario do Braz se estendia lá embaixo na ampla vargem que fica entre o Tamandateí e o Tietê. Os telhados se confundiam uns com os outros, numa mesma cor, em que predominava o chumbo dos telhados de fábrica. Somente uma ou outra rara construção tinha telhas novas. As chaminés, às centenas, arrojavam para o céu azul nuvens de fumo. De umas o fumo era claro e leve, de outras azul escuro, de outras negro. Mas no interior das fábricas, alimentando as caldeiras e as fornalhas, se queimava, minuto a minuto, a mesma energia humana, no trabalho contínuo, energia que condensava sonhos, aspirações, incertezas...

Do gasômetro, na rua da Figueira, distinguindo-se claramente pela sua vasta armação metálica, abrigando o balão compressor do gás para os encanamentos, saía um fumo alvíssimo, que parecia feito de algodão. Ninguém diria que em suas fornalhas o que se queimava era um negríssimo carvão de pedra.

Um trem da Inglesa, indo da Luz para o Braz, riscou a paisagem urbana com um traço móvel, deixando atrás de si um rolo branco de fumaça.

Na manhã clara de primavera, verdejando nos gramados maciços do Parque D. Pedro II, as magnólias brancas se abriam contentes na folhagem verde negra.

E ao fundo, como vinheta emoldurando a cidade, se erguiam as montanhas azuladas da Serra da Cantareira, desenvolvendo sua cadeia de morros em direção às nascentes do Tietê.

## X

O grande assunto do dia, nas conversas da fábrica, era o sucesso do Manuel, irmão de Teresinha, no último jogo de futebol no campo do Parque São Jorge. Fora mesmo uma coisa louca a agilidade do meia-esquerda do Tatuapé Futebol Clube na disputa do campeonato interbairros.

As edições esportivas dos jornais vinham inteiramente cheias do nome do torneiro, que, de operário desconhecido de uma fundição, inesperadamente pulava para os mais altos lugares do esporte local, conquistando já um começo de fama, que em cem anos de trabalho esforçado e bem feito na fábrica jamais lograria obter.

O que logicamente deveria conquistar glórias, aplausos e agradados à vaidade era o trabalho honesto de todos os dias, porque é realmente esse trabalho que edifica as nações e enriquece os povos. Pois assim não é – a fama e a glória não vêm para os trabalhadores, mas somente para os outros, os que podem fazer alguma coisa que impressione as multidões, embora sejam inúteis na esfera das realizações.

Manuel estava radiante com o seu sucesso e não era para menos. Afinal, seu sucesso era maior e melhor do que o de um homem que houvesse descoberto um mundo, porque os descobridores de mundos morreram na miséria e não puderam saborear os frutos de sua glória, que somente a história consagrou. E para Manuel o sucesso representava uma bela conquista. Era mesmo a materialização do seu sonho de fama e de aspiração por um lugar destacado no mundo. E também era a satisfação da vaidade, compensando o anonimato e a monotonia de sua apagada vida de operário. Por isso, estava embriagado. O torno em que trabalhava naquele dia tinha um ritmo desconhecido. Parecia que também as rodas, os eixos, as correias, tudo tomara um ritmo novo e maravilhoso. E torneando largo uma peça de ferro pensava nos grandes momentos que vivera no gramado, naquela esplêndida tarde de sol e de festa.

Ítalo veio se aproximando, na sua ronda fiscalizadora dos trabalhos da seção. Chegou, olhou a peça que estava sendo desbastada e perguntou:

- Quantas está fazendo por hora?
- Quatro. O ferro está muito igual.
- Esta partida saiu mesmo muito boa.

...

Francisco, torneando liso uma peça, ora pensava em Teresinha, ora pensava na doença do pai, ora pensava no discurso que ouvira no Largo da Concórdia. Aqueles pensamentos eram todos muito diferentes entre si, mas todos diziam muito de perto com os seus interesses.

A doença do pai, pelos modos, parecia ser coisa muito grave. Também ele já tinha bastante idade. E depois vivera toda sua vida sempre trabalhando e trabalhando muito. Seu serviço de tecelão na fábrica de Pirassununga era um lugar de muita responsabilidade e exigia grande esforço. Bernardo sempre levava muito a sério os deveres, para desempenhá-los com rigor. Agora, ali estava padecendo. Parece que o trabalho gasta mesmo as pessoas. Também tivera tantas doenças ultimamente, sendo a pior aquele diabo de reumatismo que tinha há quatro anos.

O operário pensava também em Teresinha. A namorada estava agora trabalhando na cidade. Para ele era como se houvesse começado a perdê-la. Entre a cidade e o Braz, aparentemente apenas há um riozinho, o Tamanduateí, prosaico e barrento correndo num canal. Mas na verdade, entre a cidade e o Braz, há separações mais profundas. É como se fossem duas cidades distintas. Quem vive sua vida no Braz nada sabe da cidade, de suas belezas e de seus confortos. Assim, quem vive na cidade, isto é, do outro lado do Tamanduateí, nada sabe da vida trabalhosa e infatigável do Braz, célula poderosa de trabalho que produz para o consumo da cidade, do Estado, do país e, dentro em breve, de todo o continente, e nada pode saber das necessidades, canseiras e incertezas desses anônimos operários que consomem a mocidade e depois a vida no calor das fornalhas, nas fábricas. Por isso, todo habitante do Braz tem um pouco de orgulho de sua condição, pois sabe que é do trabalho contínuo de suas mãos que se faz grande parcela da riqueza de São Paulo.

A mudança de Teresinha para trabalhar numa loja do centro era como se fosse uma fuga ao trabalho e um acintoso gesto de virar as costas ao Braz.

E desses pensamentos passou a se lembrar das palavras que ouvira no domingo à tarde, no Largo da Concórdia. Francisco era um operário torneiro com a escassa instrução recebida na infância, no grupo escolar do interior, instrução que o curso da Escola Profissional, sendo exclusivamente técnico, não podia ter melhorado. Pouco sabia das coisas que se passavam longe da sua existência e dos seus negócios. Por isso, não poderia jamais ligar as ideias que aquele homem ligara, explicando o significado dos Institutos de Aposentadoria, para os quais todos os operários, havia três ou quatro anos, vinham contribuindo mensalmente.

Mas sabia muito bem que era verdade tudo quanto o homem dissera. Antigamente, os operários não possuíam nenhum direito, nenhuma regalia, nenhuma certeza de nada. Passavam a vida trabalhando e na velhice eram simplesmente jogados à miséria, porque o ordenado de operário nunca chegava para acumular economias. Francisco tinha em casa, como exemplo, seu pai, que trabalhara a vida inteira, como um mouro, e agora se via sem nenhum recurso, porque ao vir a nova lei já estava afastado do trabalho.

Sabia Francisco que sua ignorância não era única. Todos os operários que ele conhecia, a começar pelo tio Vicente, tinham até certa desconfiança do Instituto, pois não podiam entender claramente seus fins. Também, tinham razão! Nunca haviam ouvido falar em tais coisas e agora, quando elas aconteciam, não podiam compreendê-las claramente. Todavia, a verdade era que, esquecidos que haviam sido sempre, e resignados com esse esquecimento, o Governo finalmente se lembrara deles; sem que fosse preciso, como na Europa, fazer revoluções, matar gente, destruir fábricas, para conseguir o reconhecimento daqueles direitos. Haviam obtido uma melhoria sensível e essa conquista não lhes custara nada. A melhoria viera sozinha, espontaneamente, e tinha agora um caráter definitivo, pois ninguém mais no Brasil poderá desmanchar o que ficou feito.

Francisco terminou o acabamento da peça. Deteve o torno, desprendeu a peça do cabeçote e da espera e jogou o ferro no chão. Apanhou outra peça igual, que estava do outro lado do torno, atarraxou-a entre as pontas do cabeçote e da espera, avançou o contraponto, acionou a alavanca de comando, pondo o torno novamente em movimento. E manejando a ferramenta cortante, que começou a desbastar o ferro, recomeçou o trabalho, aquele trabalho sempre igual e monótono do torno.

O barulho das correias e o resfolegar da forja se misturavam ao zumbir confuso dos motores elétricos. E da Seção de Montagem vinham repetidas e sonoras as batidas de martelos em chapas de ferro.

Vicente estava montando um dos conjuntos de que se compunha a sua invenção. Os funileiros na Seção de Montagem batiam zinco e folha de flandres, os carpinteiros martelavam em tábuas. Um meninote colocava parafusos numa armação de madeira. Um outro, com um revólver de ar comprimido, limpava a sua banca, da qual se levantava uma nuvem escura de pó e de limalha de ferro. Ao fundo, acabavam de pintar à tinta de alumínio um grande ciclone para fábrica de óleo.

Vicente, ajudado por dois operários, terminou a montagem do conjunto, que era uma parte do descaroçador de algodão. Acionou com a mão a roda motora da peça. E, cheio de emoção, verificou que a máquina funcionava satisfatoriamente.

Seu rosto, sujo de pó de ferro, grudado pelo suor, se abriu num largo sorriso de felicidade. Os ajudantes também quiseram experimentar com suas próprias mãos, para verem como a coisa andava.

Diego veio chegando.

– Entonces?

– Vai bem. Esta parte está funcionando direitinho.

E Vicente, depois de olhar atentamente a peça, fazendo a roda girar lentamente, completou:

– Mas acho que a biela pode ser um pouco menor. Vou fundir de novo e montar outro conjunto.

Diego, com ar entendido, começou a examinar o maquinismo.

– Vamos chamar o gerente, que é engenheiro, para ver a coisa.

...

Quando saíram do trabalho, caía um aguaceiro formidável. As sarjetas estavam tomadas pelas enxurradas barrentas. Os operários, obrigados a fazer uma caminhada a pé até o primeiro ponto de bondes, erguiam a gola dos palitós, puxavam a aba dos chapéus até os olhos e investiam decididamente contra a chuva. Quem estava de pé, trabalhando desde as sete horas da manhã, não podia ter o luxo de esperar a chuva passar...

...

Vicente, apesar de molhado, estava radiante com o resultado já conseguido. O primeiro conjunto da sua invenção saíra certo, como ele queria e planejara. Por isso, vinha alegremente conversando no bonde com os companheiros do banco, em contraste com os demais operários, silenciosos e aborrecidos, com as roupas molhadas pela chuva inesperada.

Mas ao entrar em casa D. Margarida jogou água fria no entusiasmado marido com uma notícia:

– Joãozinho está doente.

Foi um choque desagradável, pois Vicente, sabendo que a mãe do menino morrera de uma doença do peito, vivia pensando na saúde dele.

– O que que ele tem?

– Está com febre, tossindo e muito manhoso...

– O que que você deu para ele tomar?

– Fui na farmácia e seu Osvaldo deu um xarope e uns papéis.

Francisco também entrou no quarto, para ver o menino doentinho, encolhido na cama, com o semblante murcho.

...

No domingo de manhã, Francisco foi com o Caldas à Rádio Mundial, na Hora dos Calouros, do Elixir da Vida.

O salão do estúdio era na cidade e estava repleto de moças, rapazes e crianças. Os inscritos para cantar se punham de um lado e o *speaker* os ia chamando por uma lista, quando chegava a vez de cada um. O Caldas estava inscrito e foi para o lugar que lhe competia. Francisco ficou de pé, misturado com a numerosa assistência.

Havia um tablado e nele o locutor se instalara, diante do microfone. A um lado, um sujeito estava sentado diante de um piano, com uma cara de fastio inenarrável. E o estranho era que aquela multidão que se comprimia na sala se mantivesse em tão completo e disciplinado silêncio.

O *speaker* chamava um candidato. O chamado saía do grupo e se encaminhava para o tablado.

– Como é seu nome?

O candidato respondia e o *speaker* perguntava novamente:

– O que é que o senhor vai cantar?

A pessoa dava o nome da música. O pianista se preparava para acompanhar, enquanto o candidato se aproximava do microfone.



O *speaker* dava um sinal com a cabeça e o sujeito, quase sempre perfeitamente à vontade, como se nunca tivesse feito outra coisa, abria a boca diante do microfone, acompanhado pelo pianista, que tocava de ouvido. Uns faziam gestos para o aparelho, na ilusão de que aqueles gestos fossem captados pelos receptores através do ar e reproduzidos nos alto-falantes. Outros cantavam hirtos como fantasmas. Alguns cantavam bem e a assistência aplaudia com calor e boa vontade. Outros começavam desafinando. E então a assistência, sem misericórdia, prorrompia a bater com os pés, com as mãos, gritando e assobiando, para demonstrar desagrado, ou então o *speaker*, por iniciativa própria, dava uma pancada no gongo, suspendendo a audição. E às vezes ainda comentava cruelmente o insucesso.

O desventurado candidato, homem ou mulher, às vezes teimava, na insistência de quem não tinha bem noção do que fazia. Mas a assistência promovia viva assuada e o pobre tinha que se afastar do microfone, confuso e com as faces escarlates de vergonha.

Era um espetáculo quase deprimente para a espécie humana, ver uma jovem, às vezes bonita, ou um moço bem apessoado, espontaneamente, sujeitar-se a ser zombado pelo pernosticismo do *speaker* e pelas impiedosas chacotas da assistência irresponsável e insensível, que, como todas as multidões, não levava em conta nenhum respeito, nenhuma atenuante, nenhuma justificativa possível para o malogro. Ou cantava bem e era aplaudido ou era vaiado sem piedade.

Entre uma e outra chamada, o locutor ia fazendo anúncios do Elixir da Vida, o maior, o mais formidável, o definitivo fortificante do Universo.

Quando chegou a vez do Caldas, ele subiu ao estrado, deu o nome do tango e se prontificou a cantar. E começou, com acompanhamento do piano. Mas sua voz não tinha nenhuma educação e ele, depois de alguns compassos, que embaraçaram o próprio pianista, tragicamente falhou. O gongo inexorável soou, a assistência vaiou prolongadamente e o Caldas teve de se afastar cheio de confusão.

Francisco presenciou a cena, com profundíssimo dó do companheiro. Teve pena imensa daquele terrível e irremediável ridículo. E foi com simpatia que acompanhou os passos do outro, ao sair. Alcançou-o já à porta do estúdio.

– Foi o diabo! – explicou Caldas.

– Foi. Você não estava bem ensaiado?

– Estava, mas fiquei nervoso...

– Eu fico é admirado como vocês têm coragem para isso. O pessoal não perdoa nada. E o *speaker* então?

– É duro, rapaz, mas se a gente canta bem, pode acabar arranjando emprego numa estação. Muitos cantores começaram assim. Vale a pena cantar no rádio.

– Eles pagam bem?

– Pagam, sim. Depois, é melhor isto do que a semana inteira lavar roupa, tingir roupa, passar roupa, entregar roupa, lavar roupa, tingir roupa... Vá saindo, se isso é profissão!...

– Pois eu, seu Caldas, não me sujeitaria nunca a uma coisa como aquela.

– Ah! O que que tem? Ninguém conhece a gente!...

E o Caldas ergueu os ombros. Já estava conformado. Mas Francisco se lembrou de que o Caldas lhe contara haver cantado uma vez com tamanho sucesso, que até fora cumprimentado pelo *speaker*.

E convencido da mentira, perguntou, somente para arreliar o outro:

– Mas você não me disse que uma vez cantou muito bem?

Caldas mentiu serenamente:

– Foi mesmo um sucesso! Cantei “Caminito” e bateram tantas palmas que até parecia cair a casa...

. . .

No dia seguinte Bernardo voltou à Policlínica, com D. Margarida, pois Francisco tinha que estar na fábrica. O médico reexaminou o doente, fez-lhe algumas perguntas, escreveu outra receita e, quando iam saindo, reteve D. Margarida:

– A senhora é parenta dele?

– Sou cunhada.

– Pois precisam ter cuidado. Ele está com 26 de pressão arterial. De uma hora para outra poderá ter um derrame cerebral, com perigo de morte. Não deixem que ele viaje só. E principalmente não deve comer sal.

– Mas, doutor, não tem remédio?

– Para curar mesmo, nesse estado, não tem.

– Então, por que que há de o coitado fazer o sacrifício de comer comida sem sal, que é mesmo uma porcaria sem gosto?

O médico sorriu e disse:

– Cada um faz como quer. Mas a obrigação nossa é tentar sempre até o último recurso.

. . .

Vicente entrou em férias. Embora não sentisse fadiga, e não tivesse recursos para sair da cidade, desejava ficar quinze dias em casa com o propósito de mais sossegadamente trabalhar no invento, uma vez que a ele poderia dedicar a totalidade do tempo. E também aproveitaria a ocasião para passar uns dias perto do Joãozinho, que ainda continuava doente.

No quintal havia um velho banco de funileiro, que Vicente aproveitava para o trabalho. Tinha ferramentas e, quando precisasse de qualquer coisa, poderia ir à fábrica, em busca de maiores recursos.

Pela manhã já estava ele trabalhando no banco, limando uma engrenagem. Bernardo viera sentar-se na pequenina área cimentada que constituía o quintalzinho da casa. E, olhando o trabalho do irmão, o enfermo observou com certa amargura:

– No meu tempo de trabalho nunca tive férias... E para mim em Pirassununga umas férias fariam fartura, porque eu poderia pescar bastante. Se você visse como o Mogi tem piracanjubas!...

– Ah, eu também antigamente não tinha férias. Isso não se usava ainda nem em São Paulo. Agora estes quinze dias por ano são sagrados, e os patrões têm que dar.

– Bem diz o ditado, que hora a hora Deus melhora... Mas eu queria ter nascido quando o Francisco nasceu. Quando eu tinha a idade dele, nem sonhava com as coisas de agora. Quando ele tiver a minha idade, o mundo ainda há de ser bem melhor do que hoje para quem trabalha.

Pela tarde, seu Osvaldo vinha vindo pela rua Piratininga em companhia de Mercedes, a esposa do Diego, chefe das oficinas da Fundação Jaraguá.

Seu Osvaldo ia banhado em alegria, ao lado daquela formosíssima dona. Mercedes dava mesmo orgulho a qualquer homem que a acompanhasse, pois era uma mulher maravilhosa. Era alta de corpo esbelto, pele alvíssima, cabelos negros e crespos, boca sensual e uns

grandes olhos, úmidos e doces. De toda a sua pessoa se desprendia uma onda de sedução, aquela irresistível sedução que foi classificada como sendo atração do sexo.

Era espanhola, teria uns vinte e cinco anos e não tivera filhos. O marido, que era operário especializado, ganhava bom ordenado na fábrica e Mercedes se vestia com extraordinário bom gosto, e mesmo algum luxo, sempre um pouco deslocado naquele meio pobre do Braz.

Seu Osvaldo vinha lhe fazendo a corte havia muito tempo, pois Mercedes morava por ali mesmo, na rua Visconde de Parnaíba. Mas Mercedes, por coqueteria ou qualquer outro motivo, vinha resistindo. E seu Osvaldo, habituado a conquistas fáceis de mocinhas inexperientes que não sabiam valorizar a própria entrega, ficou inteiramente inflamado de paixão com aquela inesperada resistência. E levou a peito conquistar a linda e difícilíssima mulher.

As mulheres geralmente são muito sensíveis à insistência dos homens. Não será tanto pela teimosia, mas há de ser muitíssimo mais pela homenagem de paixão que essa tenacidade significa à beleza e sedução delas. E Mercedes, como tantas outras, também acabou entregando os pontos.

Era, pois, a sua magnífica vitória que seu Osvaldo naquela tarde quente estava passeando pela rua Piratininga.

Quando o casal passou pela porta da tinturaria do Caldas, este, que estava repregando uns botões numa calça e conversando com um conhecido, saiu à porta com o trabalho nas mãos.

– Santo Deus! Seu Osvaldo pegou uma mulher do outro mundo!

O outro olhou e observou:

– Conheço ela: é mulher do chefe da Fundição Jaraguá.

– O que que ela é? Será húngara? Só pode ser húngara.

– É espanhola.

– Papagaio! Que andar! Olhe que pernas bem torneadas! O pé é mesmo um pezinho de espanhola, pequenino, bem feito...

– Esse negócio aí é perigoso. Garanto...

– Perigoso? Qual, seu Osvaldo diz que é especialista em mulheres casadas.

– Pode ser, mas eu conheço o marido dela. Eles moram perto da minha casa e ele é uma fera de ciumento. Fazem cada briga por causa de ciúme que dá medo!

- Qual, marido que fala muito não faz nada.
- Diz que é mesmo, mas eu não queria ser esse tal seu Osvaldo, se agora eles se encontrassem com o marido dela...

...

O trabalho da Fundação aos sábados acabava às quatro horas. Os operários tinham tempo de ir para casa, se levarem, jantarem e mais cedo já podiam ir passear na avenida ou ir ao cinema.

Francisco saiu com os outros, veio para casa, lavou-se, vestiu-se, jantou e saiu para o seu encontro com Teresinha. Esperou-a uns quinze minutos na esquina da rua Domingos Paiva e enquanto esperava comeu três rodela de abacaxi que um italiano vendia numa carrocinha ali estacionada.

Teresinha chegou, alegre e bonita, como sempre, e como sempre com os lábios grossamente besuntados de batom. E depois de falarem coisas várias, Francisco lhe disse:

- Você ainda não me contou quase nada da Loja Americana.
  - Ah, é uma vida melhor do que na fábrica. A gente tem de ficar o dia inteiro em pé, mas o trabalho é muito mais leve. E depois é um lugar limpo e se trata com gente bem vestida.
  - Roupas bonitas não são documentos.
  - Às vezes não é. Mas roupas bonitas... é roupas bonitas...
- Pararam diante de uma vitrina. Francisco perguntou:
- Vai muito homem na sua loja?
  - Vai, sim. A minha seção é de perfumaria e vai muito homem comprar sabonete, navalha, pincel de barba. O que que tem isso?

Francisco não respondeu logo. Esteve um instante calado e por fim falou:

- Os homens da cidade não têm o que fazer e são muito sem-vergonhas...

Teresinha riu com gosto.

- Por que que você está rindo?
- Por que gosto de ver você com ciúme de mim...

...

Cristina não fora à fábrica naquele dia. Sua mãe mandara-a à cidade comprar agulhas de certo tipo que não encontrara no Braz. Quando voltava para casa, eram cinco horas. Os bondes já iam tão cheios que a moça desistiu, como às vezes fazia, de ir de bonde. Da Praça da Sé à rua Campos Sales era pequena distância. Demais, a tarde estava agradável para passear, e ela gostava de ir olhando as árvores do Parque D. Pedro.

Cristina foi andando, sem pressa. Logo depois da ponte do Tamandateí, viu um automóvel que se encostava à guia do passeio, ao seu lado. O carro seguia com marcha reduzida, acompanhando o andar da moça. Era uma barata cor de chocolate, cintilando de tão nova e bonita. Nela ia um rapaz, guiando. E o rapaz, com o carro devagar, olhava para Cristina e lhe sorria.

Cristina estava bonita mesmo. Vestia um vestido de seda ramada, justo na cintura, mais acentuando a opulência de formas. Ia sem meias, como se usa no verão, e mostrava as pernas bem feitas.

Quando a moça percebeu que o automóvel a acompanhava, estugou o passo. A barata aumentou também a velocidade para acompanhar Cristina e o moço abriu a portinhola da barata, mesmo em marcha, e convidou:

– Vamos dar um passeio, lindeza?

Cristina nem olhou e continuou andando, cada vez mais depressa. O rapaz insistiu em acompanhá-la. Mas ao chegar à rua da Figueira percebeu que era inútil prosseguir. Fez uma careta de mau humor, fechou com estrondo a portinhola do carro, acelerou a marcha, procurou o centro da avenida e se afastou rapidamente.

Cristina acompanhou com os olhos a barata que corria e comentou em voz baixa, consigo:

– Sujeitinho sem-vergonha!

## XI

A Seção de Montagem estava terminando uma nova máquina de lavar tambores, inteiramente fabricada na Fundição Jaraguá. Batiam-se os últimos rebites e soldavam-se as derradeiras peças.

Vicente viera auxiliar o chefe da seção e, nas derradeiras operações de montagem, Diego também viera. Havia grande expectativa em toda

a seção, a mesma expectativa de sempre, quando ia ser experimentada uma nova máquina. Cada operário tinha curiosidade e interesse de ver se a sua obra era correta, pois o sistema de fabricação em série obriga a participação de quase todos os operários na mesma obra – uns por terem fundido suas peças, outros por terem trabalhado nos modelos, outros por terem dado acabamento às peças mais importantes, eixos, mancais, bielas, rodas e engrenagens, outros por haverem soldado elementos esparsos, outros ainda por haverem juntado as peças na síntese final da montagem. Cada máquina que sai dos portões leva, assim, o esforço da fábrica inteira, perpetuado em seus metais, trabalhados pelas mãos de todos.

Quando ficou pronta a última roda e foi colocado o último parafuso, puseram a máquina no lugar reservado para as experiências e ligaram uma correia a um motor de provas.

– Ligue o motor! – ordenou o mestre da oficina.

O rapaz acionou a chave de cobre. O motor zuniu, as correias se movimentaram e a máquina entrou a funcionar. A maior parte dos operários da Seção de Montagem deixou o seu serviço e veio fazer roda em torno do engenho, que funcionava satisfatoriamente.

– Traga um tambor de ferro vazio – pediu o mestre da montagem.

Num instante um rapazola trouxe o tambor. Pararam a máquina e fixaram o tambor em suas hastes, curvas como duas pinças de caranguejo.

– Ligue outra vez.

O motor zuniu de novo. E a máquina sensacionalmente começou a girar o tambor, num movimento capaz de limpá-lo interiormente, se dentro dele houvesse água.

A prova ia muito bem. Diego, Vicente e o chefe da montagem se aproximaram para observar atentamente o funcionamento da máquina, fazendo comentários entre si. Às vezes desligavam a eletricidade, e o maquinismo, que ainda há pouco girava como se tivesse vida própria, se imobilizava como um estranho ser adormecido. Ligavam de novo. A máquina estremecia e recomeçava a girar.

Os operários, tendo visto que a coisa funcionava a contento, iam se dispersando e retornando cada um ao seu serviço.

Fazia um calor terrível naquela tarde, quando Francisco e Vicente voltavam para casa. Era pelas vésperas do Natal e o verão, mal começado, já pesava.

Em casa havia novidade. Joãozinho piorara. Voltaram-lhe a febre e a tosse. A pobre criança, alheada dos brinquedos, jazia, murchinha e triste, derreada no regaço de D. Margarida. Seus olhos estavam ainda maiores e ardiavam de febre.

– Joãozinho piorou hoje.

– Mas, meu Deus do céu, o que será que esse menino tem?

– É a herança – disse Bernardo, que estava na sala.

– Nem pude cuidar da janta – disse D. Margarida. – Estou com ele no colo desde as três horas e ele não me deixa sair.

– Não faz mal. A gente come qualquer coisa.

– A Cristina passou por aqui e prometeu mandar um prato de comida da casa dela.

– Será bom ir buscar um remédio com o seu Osvaldo?

Bernardo, com o seu pessimismo de doente, exclamou:

– Que, seu Osvaldo! Seu Osvaldo não cura ninguém. O menino precisa é de médico.

– Então vamos amanhã na Policlínica. Eu vou com você.

– E a fábrica?

– Bom, que diabo! Faltarei um dia. Eu nunca falto. E depois o meu serviço não está atrasado. O Francisco explica ao Diego.

Daí a pouco chegou Cristina, com um prato embrulhado num guardanapo e uma tijela, coberta por um pano.

– Como vai o menino?

– Vai na mesma.

– Eu vim trazer uma jantinha. É pouco, mas está quentinho.

Francisco veio de dentro, enxugando as mãos numa toalha. Ao ver Cristina, cumprimentou-a seriamente, ao contrário das outras vezes.

– Boa noite, Cristina.

E a menina foi entrando para a cozinha. Francisco seguiu-a. Longe de D. Margarida, e da sua aflição, o rapaz teve coragem de tomar liberdade:

– Como você está bonita, Cristina!

– Bobo!



– É sério! Desde quando você ficou bonita assim?  
– Sempre fui... Você é que nunca prestou atenção.  
– É mesmo! Onde é que eu estava com a cabeça? Nunca reparei que você era tão linda!

Cristina começou a rir. E enquanto arrumava os pratos na mesa, ia falando, para mudar de assunto:

– Coitada da D. Margarida! Depois que arranjar a mesa, vou pegar o Joãozinho para ela poder vir jantar.

– Mas, Cristina, você está mesmo um pedaço.

Cristina, diante do insistente galanteio, sorriu de novo e seus grandes olhos verdes se umedeceram de ternura e contentamento. Quando acabou de pôr a mesa, foi chamar os outros. E pediu a D. Margarida:

– Agora, a senhora me dá o menino e vá comer um pouco.

– Deixe, Cristina, não tenho fome.

– Não, senhora, precisa ao menos descansar.

– E decididamente foi tomando o doentinho dos braços de D. Margarida.

– Venha comigo, Joãozinho. Vou contar uma história para você.

...

Vicente comeu depressa e foi à farmácia. Encontrou seu Osvaldo falando ao telefone. Vicente estava demais preocupado com a doença do menino para prestar atenção a qualquer coisa que não fossem seus próprios pensamentos.

O empregado veio atender Vicente.

– Quero falar com o seu Osvaldo mesmo.

O farmacêutico terminou a conversa e veio sorridente atender ao freguês.

– Como vai, tio Vicente?

– Eu vou bem, mas o menino piorou.

– É um caso sério essa doença dele... Está com febre outra vez?

– Febre, tosse e abatimento.

Seu Osvaldo abanou a cabeça.

– Acho bom ver um médico.

- Amanhã vamos na Policlínica com ele.
- É melhor. Por hoje, vou dar um xaropinho para ele passar a noite. É uma bronquite terrível a desse menino!

...

Francisco saiu para se encontrar com Teresinha. Foi pela rua Piratininga. Ao passar pela tinturaria do Caldas, encontrou-o trabalhando como sempre.

- Dando murro, hein? – perguntou Francisco, parando à porta.
  - O que que se há de fazer? Quem é pobre é isso mesmo.
  - O que que há de novo?
  - Para dizer verdade, pouca coisa. Ouvei dizer que hoje um operário da Nitro-Química, em São Miguel, caiu dentro de um tanque de ácido sulfúrico e sumiu.
  - Sumiu, como?
  - Derreteu no ácido.
  - Que horror! – esclareceu Francisco involuntariamente, pois percebera que era mais uma invencionice do Caldas.
  - Do dia primeiro de janeiro em diante vai entrar uma lei nova de férias. Vão acabar as férias dos operários.
  - Por que isso?
  - Não me contaram por quê.
- Francisco já estava farto. E disse:
- Você hoje está mesmo triste para mentir...
  - É sério o que estou te contando...
- Francisco foi andando.

...

Teresinha estava radiante. Haviam-lhe aumentado vinte mil réis no ordenado.

- E olhe que eu entrei quase ontem!
- É, mas quando a esmola é demais, o santo desconfia...
- Eu não desconfio.

...

No dia seguinte, cedo, Vicente e D. Margarida levaram o menino à Policlínica. Havia ali aquela interminável espera da dor paciente e resignada de gente pobre. Sentadas, melancólicas, vencidas pelo sofrimento, se apagavam aquelas pessoas na sua insignificância.

O médico não achou bom o estado do menino. Recomendou uma porção de coisas e receitou uns remédios de nomes esquisitos. Abriu uma gaveta da mesa, remexeu demoradamente numas caixas, escolheu finalmente uma, que deu a D. Margarida.

– Aqui está uma caixa de injeções, que recebi como amostra. Infelizmente não tenho o outro remédio, que é muito caro por ser feito no estrangeiro. Mas não há outro meio. O senhor deve comprar numa drogaria da cidade, onde esses preparados são mais baratos. Daqui a uma semana, venha me dizer como vai passando o menino.

...

Depois do almoço, Vicente foi à Drogaria Baruel comprar os remédios. Um deles era preparado e já estava pronto. O outro era uma fórmula, que precisava ser manipulada no laboratório. Vicente falou com um homenzinho baixo, moreno, de óculos levantados na testa, nariz adunco e falinha macia, que lhe deu um papelinho amarelo e lhe disse que pagasse na caixa e trouxesse a nota.

Mas o remédio somente ficaria pronto depois de uma hora.

– Não dá para ficar pronto antes?

O homenzinho, do outro lado do balcão, escrevendo uns algarismos na receita, respondeu amavelmente:

– Não dá mesmo. Em todo caso, atendendo à sua pressa, vou pedir ao laboratório para dar preferência. O senhor venha daqui a uns quarenta minutos.

Vicente simpatizou logo com o homenzinho de óculos levantados na testa. Pagou na caixa e voltou com o cupão amarelo, que o homenzinho pregou na receita com um alfinete. Depois ele se afastou do balcão, colocou a receita num pequeno elevador e bateu com o lápis duas pancadas na vara de ferro, dando um sinal para o laboratório, situado no outro andar.

Vicente, que não tinha aonde ir, foi ficar à porta, esperando o remédio e contemplando o movimento da rua Direita. Era dia vinte e três de dezembro. Corria então a loteria do Natal.

Apesar da chuvinha fina que caía, havia uma enorme multidão estacionada diante da Preferida e do Fasanelo, aguardando o resultado do sorteio do bicho. Era gente de todas as categorias, porém em maior proporção gente pobre e mal vestida. Toda aquela gente estava perdendo o seu dia de trabalho, ali de pé, à chuva, com a alma nos olhos, fitando o quadro negro dependurado à porta dos chalés para ver se neles seriam escritos os números de seus bilhetes.

Eram duas e meia da tarde e o sorteio já começara. Um homem veio de dentro da Preferida e encostou à parede da casa uma escada e começou a pintar números brancos num quadro negro.

Vicente olhava as pessoas. Estavam todas silenciosas e suspensas de emoção. Ninguém falava. Um silêncio sensacional caíra sobre aquele trecho da rua Direita. Percebia-se que a emoção de toda gente era intensa, pois quase todos tinham as orelhas rubras. O guarda-civil de serviço naquele trecho de rua também estava parado, de boca aberta, respiração opressa, contemplando o quadro negro e acompanhando os algarismos que o homem pintava. A massa de gente que cuidava de seus negócios continuava passando e era obrigada a se desviar daquelas pessoas imobilizadas no meio da rua e nos passeios. Pessoas passavam incessantemente. Algumas paravam e também erguiam os olhos para o quadro. Às vezes passava um mais apressado e seguia indiferente, sem se importar nem com as pessoas, nem com o emocionante quadro-negro, muito menos com os algarismos brancos que iam sendo ali pintados, diante da numeração dos prêmios.

Vicente sentiu atrás de si uma respiração forte. Voltou-se. Era o homenzinho moreno, de nariz adunco, que saíra de dentro do balcão e também, com a boca meio aberta, as narinas palpitando ligeiramente e os óculos levantados na testa, olhava fixamente para o quadro-negro. E, ao ver acabarem de escrever um número, não se conteve e comentou para Vicente:

– Que coisa caprichosa! Eu joguei num número que tem os mesmos algarismos...

Vicente não jogava. Sorriu e não achou o que responder ao homenzinho amável da drogaria, que logo depois se afastou e foi atender com grande cordialidade a uma freguesa no balcão. O quadro-negro já

estava cheio de números. Vicente olhou de novo a multidão parada e não viu ninguém fazendo gestos ou demonstrando haver ganho qualquer coisa. Decerto ninguém ganhara... E lentamente, com os rostos murchos de desapontamento, aquelas pessoas foram se dispersando, enquanto alguns ainda permaneciam fazendo rodas e comentando os caprichos da sorte e do azar.

O homenzinho amável do balcão chamou Vicente:

– Olhe, moço, o seu remédio já está pronto.

Vicente se aproximou. O homem conferiu os dizeres do rótulo com os da receita, olhou o vidro de encontro à luz, embrulhou-o e entregou ao freguês. E bondosamente fez algumas recomendações:

– Não dê este remédio junto com o outro. Deixe sempre passar pelo menos meia hora de intervalo. Se o menino não gostar do sabor, ponha numa xícara de água com açúcar. O médico explicou a dieta?

– Já, sim senhor.

– Então é isso mesmo.

Vicente pagara o remédio. Mas sentiu-se devedor ao homenzinho do balcão, pela sua atenciosa bondade. Por isso, ao pegar a droga agradeceu sinceramente:

– Muito obrigado.

E saiu na chuvinha fina, que enlameava a rua Direita e dava à Praça da Sé um ar tristonho.

...

Caiu a noite. A chuva passara. A cidade se enfeitava para as festas de Natal e Ano-Bom. As lojas ficavam abertas até alta noite. Uma multidão enorme vinha de todos os bairros para o centro da cidade contemplar as novidades expostas nas vitrinas. Francisco e Teresinha também vieram à cidade para ver o movimento. Andaram pelas ruas do centro até depois de onze horas, quando regressaram ao Braz.

Na esquina da rua do Carmo com a rua Wenceslau Braz, estava uma turma de operários da Light trabalhando no leito da rua. Havia arrancado os paralelepípedos próximos aos trilhos e o cruzamento se transformara num grande ulceramento, onde apareceram os grossos dormentes de madeira, sobre os quais pousavam os trilhos. Trabalhavam ora com alavancas, ora com malhas. Falavam entre si frases curtas e

sacudidas, que qualquer pessoa ali perto não lograria entender e se admiraria mesmo de que com tão escasso vocabulário o trabalho pudesse continuar.

A dizer verdade, o trabalho quase não continuava, pois de minuto a minuto chegava um bonde, ora indo da cidade para o Braz, Mooca, Belém ou Penha, ora vindo desses bairros para a Praça da Sé. E quando o bonde chegava, os operários pacientemente interrompiam o trabalho e se afastavam dos trilhos, sem dizer palavra. Depois que o bonde passava, eles silenciosa e pacientemente voltavam à sua faina, convencidos de que aquele era o ritmo regular e certo de sua tarefa.

De dentro dos bondes, o motorneiro e os passageiros olhavam aquele serviço repetidamente interrompido. Também vinham ônibus, que subiam bufando a rampa da rua Wenceslau Braz, largando uma grossa fumaceira. E também a passagem dos ônibus interrompia o serviço. Um ou outro automóvel, que subia por ali, igualmente suspendia o trabalho.

Ao lado, fiscalizando o andamento da obra, um feitor, de boné puxado nos olhos, segurava nas mãos uma lanterna de petróleo, dentro da qual ardia uma luz vermelha. O feitor, quando se dirigia a qualquer dos operários, afinal tão operários como ele próprio, era com frases curtas e palavras ríspidas, reveladoras da autoridade de que estava investido. E o feitor também parecia não se importar nada com aquele ritmo irregular de trabalho interrompido constantemente.

De pé, à margem das correntes do trânsito do cruzamento, um guarda-civil, de uniforme verde-oliva de verão, dirigia o tráfego. E o guarda exercia suas funções com exatidão, se bem que com evidentíssima displicência em relação aos que passavam pela rua, de bonde, de ônibus ou a pé. Não olhava sequer a turma de operários que trabalhava. Não erguia os olhos para os passageiros dos bondes iluminados, como não tinha nem um simples relançar de olhos curiosos para o interior escuro dos automóveis que vinham do Braz e que ele fazia parar ali mesmo ao seu lado.

Era o guarda-civil uma perfeita personificação do Estado, vigilante para manter a obediência às leis, mas totalmente indiferente às pessoas que transitam dentro da esfera de sua autoridade, indiferente aos seus sonhos, às suas necessidades, aos seus problemas e aflições...

Quem olhasse o montão de ferramentas e de materiais usados, chapas, pedaços de trilhos, talas, dormentes, parafusos, alavancas, não

saberia dizer se os operários construía, reconstruía, ou destruía. Também, o trabalho prosseguia tão mecanicamente que lhes seria de todo o ponto indiferente pregar trilhos, ou arrancar trilhos, desde que lhes fossem dadas ordens em qualquer sentido e, principalmente, porque ganhavam o seu salário por hora de trabalho.

A igreja do Carmo, escura, pesadona, antiquada em face do progresso que tumultuava ao seu lado, dormia silenciosamente, com suas janelas coloniais fechadas para o mundo, talvez sonhando com as eras tranquilas do passado, quando aquele trecho de cidade era um simples beco de lugarejo pacato e silencioso. As duas casas vizinhas de apartamentos eram massas escuras projetando-se sobre o céu em que havia a luz difusa da eletricidade e do *neon*, com um reflexo alaranjado que subia para o alto. E na massa escura dos arranha-céus se destacavam nitidamente os quadrados de algumas janelas abertas e iluminadas cruamente em vigílias que talvez fossem de amor.

Na ondulação da ladeira do Carmo, surgia a vargem ampla do Tamandateí, que é o bairro do Braz confinando de um lado com a Mooca, de outro com o Pari, e lá no fundo com o Belém. As luzes, em duas fileiras, acompanhavam a rampa, desciam suavemente até a depressão do canal do Tamandateí e lá embaixo se espichavam pela avenida Rangel Pestana afora. Luzes verdes, vermelhas e amarelas de gás *neon* salpicavam a grande artéria, acima dos lados dos globos elétricos. Um anúncio enorme da Válvula Hidra acendia e apagava suas luzes vermelhas sobre o telhado escuro de uma fábrica. Por cima do telhado negríssimo do gasômetro, na rua da Figueira, flutuavam rolos de fumaça branca, subindo e se esgarçando no céu limpo de nuvens e constelado de estrelas. Um rumor confuso e longo de rodas, de bondes, de trens, de ônibus, de fábricas, o rumor do Braz, subia e chegava até o cimo da colina.

## XII

Quem tem doença não tem Natal. Mas mesmo assim Ângelo veio à casa de Vicente para comer umas castanhas e Vicente foi à casa de Ângelo beber um copo de vinho. A doença de Joãozinho, criando despesas extraordinárias com remédios caríssimos, para quem ganhava pouco, trouxe um Natal desconsolado para a família.

Bernardo, esse nem teve festas. Estava fazendo dieta e não podia comer quase nada. Ainda assim, celebrou o seu Natal, comendo umas uvas, que Cristina lhe levou à noite.

...

Francisco foi passar o Natal com Teresinha. Seu Antônio ainda não chegara, pois somente largaria o serviço às dez horas da noite, quando então outro motorneiro entraria e trabalhando passaria a melhor hora do Natal. Enquanto, pois, esperavam pelo dono da casa, Francisco e a namorada ficaram conversando na saleta.

D. Augusta, mãe de Teresinha, veio da cozinha, trazendo pratos, copos e talheres, que ia pondo sobre a mesa, para a consoada. Era uma portuguesa de olhos apagados, num semblante de humildade e tristeza. Teria uns cinquenta anos, mas a vida a envelhecera prematuramente, com os trabalhos, canseiras e desilusões.

– Como vai passando o Joãozinho? – perguntou D. Augusta.

– Vai indo mal. Ontem começou a tomar uns remédios estrangeiros, muito caros. Mas ainda não teve nenhum resultado.

– Que doença é?

– O médico da Policlínica disse que ele sara, mas precisa muito cuidado. Também, a mãe dele morreu tuberculosa...

– É uma obra de caridade que os seus tios estão fazendo, criando esse menino.

– É sim, D. Augusta. Mãe é sempre mãe, mas eu acho que o menino não seria tratado melhor com a mãe do que com minha tia.

– Além do trabalho, de criar alguém, que não há dinheiro que pague, ainda tem a despesa... E hoje com a vida cara como está, é sempre sacrifício ter uma pessoa a mais. Eu vejo aqui em casa, como a gente gasta...

Manuel entrou com um embrulho:

– Mãe, olhe aqui as avelãs. Já cozinhou as castanhas?

– Já, mas rendeu pouco. Este ano as castanhas estão quase todas podres. Decerto é por causa do ano que foi de muita chuva.

Teresinha, que até então se conservava calada, interveio:

– Ano de chuva, nada. As castanhas estão podres porque são baratas. Isso é exploração do comércio, porque na cidade tem muita



castanha boa. É que são muito mais caras do que as do Braz...

D. Augusta olhou medrosamente para a filha e redarguiu:

– Sim, decerto será por isso. Mas nós somos pobres, e não podemos comprar coisas finas. Que havemos de fazer? É a vontade de Deus!

– Que vontade de Deus, nada! – insistiu a jovem. – Deus não sabe nada de riqueza nem de pobreza. Ele põe todos no mundo do mesmo jeito... A diferença é aqui que se faz...

D. Augusta estava por demais familiarizada com as explosões de revolta de Teresinha para responder alguma coisa. Baixou o olhar humildemente e começou a mexer nos talheres sobre a mesa. Francisco entrou na conversa:

– Não fale assim com sua mãe. Hoje é dia de festa e não se deve pensar em coisas tristes.

– Não estou falando por mal. Mas acho que a gente não devia se conformar assim com as coisas, como minha mãe...

Manuel começou a quebrar nozes na mesa e interrompeu a irmã, dirigindo-se para Francisco:

– Vamos dançar hoje?

– Onde?

– No Salão Lira. Hoje tem lá um baile de arromba. A turma toda vai.

– Se a Teresinha quiser, vamos.

Teresinha respondeu com desdém:

– Não sei... No Salão Lira vai muito cafajeste.

Manuel fitou a irmã com raiva:

– Que “pose”, hein! Pois quem vai lá são os rapazes aqui do Braz. Ou você decerto que ir dançar no Esplanada?

– No Esplanada, não, porque não tenho roupa. Mas fique sabendo que as moças que dançam lá são tão boas como eu.

– Não duvido, disse Francisco. Mas é gente rica. E nós somos pobres.

– Eu sei bem que somos. Mas que vai cafajeste dançar no Lira, isso vai mesmo.

D. Augusta, que saíra da saleta, voltou com uma tigela de castanhas, que ofereceu a Francisco:

– Prove uma.

– Eu espero seu Antônio.

– Deixe de luxo. Prove.

Teresinha ofereceu-se:

– Quer que ajude, mãe?

– Não; já está quase tudo pronto.

Quando seu Antônio chegou do trabalho, trazendo umas garrafas de vinho, foram todos para a mesa.

Acabada a ceia, Teresinha resolveu ir dançar. E os três jovens saíram e foram terminar alegremente a noite de Natal dançando no Salão Lira, que estava atulhadíssimo de gente.

Algumas casas de residência permaneciam abertas e iluminadas e pelas janelas se viam lindas árvores de Natal, cintilando de luzes e vergadas ao peso de uma safra maravilhosa de bolas coloridas de aljofre, brinquedos, enfeites e fantasias. Pelas ruas da cidade, durante a noite inteira, perambulavam grupos alegres de rapazes e de moças, rindo e, às vezes, cantando. Em todos os cantos havia bailes e de todos os bailes saíam para a noite quente e festiva sons agudos de pistão e notas graves de saxofone.

...

Era dia 30 de dezembro. Quando Francisco se levantou, notou qualquer novidade no semblante do pai, que ainda estava deitado. Perguntou-lhe:

– O senhor está sentindo alguma coisa?

– Não sei o que é, mas não estou bom. Tenho umas coisas esquisitas...

– O que está doendo?

– Não dói nada. É um mal-estar...

– É melhor o senhor não levantar muito cedo.

E Francisco saiu para a fábrica, com tio Vicente.

Às nove horas, porém, sucedeu uma novidade. D. Margarida estava na cozinha, fazendo um mingau para Joãozinho, quando ouviu barulho do dormitório de Bernardo. Parou o que estava fazendo para escutar. Não ouviu mais nada. Ficou intrigada e foi até o quarto. Bateu à porta e chamou:

– Bernardo!

Não obteve resposta. Repetiu:

– Bernardo! Bernardo!

Pareceu-lhe ouvir um gemido ou um suspiro. Empurrou a porta e deparou com o cunhado caído ao chão, perto do leito, de bruços.

Aproximou-se assustada e abaixou-se. Bernardo respirava com dificuldade e tinha sangue no nariz, provavelmente em virtude da queda, pois estava com a face mesmo encostada ao chão. Chamou-o:

– Bernardo!

O homem não respondeu. D. Margarida tocou-o com as mãos. O corpo aluiu, mas Bernardo não respondeu. Então, D. Margarida correu para chamar algum vizinho. Ia passando um empregado do empório. Ela gritou:

– Faça o favor de pedir ao seu patrão para vir aqui. Meu cunhado está com ataque e eu não tenho força para levantá-lo do chão.

O menino largou em disparada. D. Margarida correu para a casa de Ângelo, onde chegou ofegando de emoção.

– Venha em casa, D. Maria, por favor!

– O que aconteceu, D. Margarida? É o Joãozinho?

– Não, é o Bernardo. Teve um ataque...

O homem do empório veio com dois fregueses que se achavam por ali. Já encontraram as mulheres.

– Pois eu estava na cozinha quando ouvi um barulho. Vim ver e encontrei-o caído aí. Nem responde...

Os homens ergueram Bernardo e o puseram no leito. Ajeitaram-lhe a roupa, que ficara em desalinho, deixando-o quase descomposto. O doente respirava com estertor e não dava acordo de si. Tinha os olhos revirados e um pouco de sangue escorria-lhe das narinas. D. Margarida passou um lenço, limpando-lhe o rosto.

– É bom chamar a Assistência.

– Precisa mandar chamar o Vicente e o Francisco na fábrica.

...

A ambulância da Assistência chegou com escândalo tintilante e pulando no calçamento desigual da rua. O médico entrou com um enfermeiro de avental. Abriu a janela do quarto, enquanto D. Margarida contava o ocorrido.

- Ele estava doente há tempo?
- Há uns seis meses.
- O que que o médico disse que era?
- Disse que ele tinha pressão e que podia morrer de derrame.

O médico acercou-se do doente. Olhou-o demoradamente, espiou-lhe os olhos, tomou-lhe o pulso e disse:

– É um tremendo derrame cerebral. Vou fazer uma sangria, mas creio que não adiantará nada. Nem convém tirá-lo daqui, porque é questão de horas. Em todo caso, peça a opinião do médico que tratava dele.

O enfermeiro foi erguendo a manga da camisa de Bernardo. Depois desinfetou o bisturi que retirara da valise numa chama de algodão embebido em éter. Passou outro algodão com álcool no braço do doente, tudo com rapidez, facilitada pela experiência. O médico palpou o vaso e desferiu um golpe seco. O sangue jorrou em seguida. O enfermeiro enxugava o sangue com punhados de algodão, enquanto o médico tomava o pulso de Bernardo.

Um cheiro ativo de éter impregnou o quarto. Os vizinhos que estavam presentes conversavam baixinho entre si. O médico olhava com atenção para o enfermo estirado no leito. A sangria não fizera nenhum efeito evidente, como aliás fora previsto.

– Bom, por agora não há nada mais a fazer. Mas devem chamar o médico que tratava dele.

E retirou-se com o enfermeiro. A campainha da ambulância tilintou escandalosamente na rua, já agora cheia de curiosos.

...

Francisco chegou logo depois com Vicente e os dois foram entrando diretamente para o quarto. D. Margarida e a mulher de Ângelo estavam cuidando do doente.

Bernardo jazia no leito imobilizado na mesma posição em que o haviam deixado. Tinha os olhos fechados e o único sinal de que ainda vivia eram os movimentos respiratórios. Respirava com um rumor esquisito, como se fizesse muito esforço. D. Margarida tentara já duas vezes dar-lhe um pouco de água, com uma colher. Mas os dentes estavam cerrados e a água se derramou pelo queixo abaixo, molhando-lhe a camisa.

Era uma situação desagradável e opressora. O doutor da Assistência dissera que o caso era perdido, mas convinha ouvir o médico que tratara dele. E se limitara a fazer uma sangria.

Francisco mudou de roupa rapidamente e foi indagar de seu Osvaldo o endereço do médico da Policlínica. E foi para a cidade procurá-lo.

Vicente foi ver o Joãozinho, que já estava quase bom, brincando no fundo do quintalzinho, indiferente às preocupações da família.

...

O médico não pôde vir logo. Mandou que aplicassem sinapismos na perna de Bernardo e prometeu vir às sete horas.

E veio. Confirmou o que o outro dissera. Fez mais uma sangria e disse:

– É um caso perdido. Ele poderá viver assim ainda algumas horas ou alguns dias. Ninguém sabe quanto durará. Mas não é provável que recobre mais a consciência. Na verdade, como está, ele já está morto. A vida que ainda tem é puramente vegetativa, até que o coração pare. Aliás, eu previ isto mesmo...

– O senhor bem disse...

– Mas não se podia evitar. Ele tinha vinte e seis de pressão arterial e era irredutível. Não é possível viver assim. Coitado! Não tem consciência e, por isso, não está sofrendo. Em todo caso, me telefonem amanhã.

O médico saiu levando consigo a última esperança. E então começou a longa espera. Nem melhorava, nem piorava. Respirava, somente, sem se mexer e sem abrir os olhos. Tudo o mais era imóvel. Era impressionante ver como aquela vida se apagava! De chofre havia cessado o funcionamento de uma consciência. Bernardo, que de manhã era uma pessoa que pensava, falava e vivia, era agora apenas um ser que respirava, com estertor, mas já não vivia.

Cristina apareceu depois do jantar.

– Vim ajudar a senhora, disse à D. Margarida. E começou a se mexer, com a sua surpreendente atividade. Lavou panelas, arrumou a cozinha, varreu a sala. Depois veio sentar-se no quarto, com um trabalho de agulha nas mãos.

Os vizinhos vinham de um em um, entravam, perguntavam do doente, diziam três ou quatro palavras convencionais e se retiravam.

– Estimo as melhoras.

Ou então:

– Se precisarem de alguma coisa, me chamem.

Vicente foi comprar pão. Francisco, sentado numa cadeira, perto do leito, contemplava impotente o pai, que respirava com estertor e morria pouco a pouco. Cristina, com trabalho nas mãos, serenamente mexia suas agulhas, esperando para servir quando precisassem dela.

Quando foi meia-noite, D. Margarida veio buscar Cristina para dormir. Os homens ficariam velando para tomar conta do doente, que, aliás, não dava trabalho algum. Pois somente havia a espera...

Estava uma noite quente e abafada de dezembro. A rua, aquela rua onde morava gente do trabalho, já há mais de uma hora quedava em silêncio. Uma ou outra janela tinha luz, a luz que se coava das venezianas ou das frinças das janelas. Eram talvez vigílias de doença ou de amor.

Vicente e Francisco quase não se falavam. Já era esperado o fim de Bernardo, mas ninguém poderia adivinhar que fosse assim, tão estranho – aquela morte silenciosa e lenta, aquele morrer devagarinho imóvel no leito, respirando com estertor...

Entrou a madrugada, que refrescou um pouco o ar. Os galos começaram a cantar nos quintais. Primeiramente foi num quintal vizinho. Depois, outro respondeu em outro quintal. Mais longe, outro cantou depois outro mais longe, e outro ainda mais. E dentro em pouco parecia que todos os galos do Braz, da Mooca, do Belém, do Tatuapé, do Pari repicavam no silêncio amplo da madrugada. Os primeiros bondes começaram a rodar na avenida. Eram quatro horas.

Vicente fez um café, que os dois tomaram com pão. E Bernardo morrendo e respirando de olhos fechados, imóvel no leito.

As estrelas desmaiaram no firmamento. O céu, para as bandas da Penha, começou a clarear. Os primeiros carrinhos de pão e de leite começaram a rodar no calçamento desigual da rua Campos Sales. Os primeiros operários que seguiam para o trabalho começaram a passar na rua, conversando alto e indo para a avenida ou para a rua Piratininga tomar seus bondes, em caminho das fábricas. Por fim, o sol saiu. Era dia.

D. Margarida e Cristina se levantaram e vieram ver o doente.

Vicente estava cochilando e Francisco, sentado no mesmo lugar. Bernardo continuava a morrer, respirando com estertor, imóvel no leito e de olhos fechados.

– Que coisa mais esquisita, meu Deus! – exclamou D. Margarida. E foi saindo para a cozinha.

– Vá dormir um pouco, Francisco, disse Cristina. Eu fico aqui.

– Não, não quero. Leve o tio Vicente.

Cristina despertou tio Vicente que dormitava e levou-o para o quarto.

...

Pelas nove horas, Francisco foi telefonar ao médico e contar-lhe que nada se modificara desde a véspera. O médico então disse que era assim mesmo e que à tarde poderia telefonar para o consultório. Que ainda podia dar alguma injeção, mas tudo seria inútil. Não havia mesmo nada a fazer senão esperar.

Depois do meio-dia Bernardo começou a esfriar. E começou pelos pés e pelas mãos.

– Credo! Está vivo e está ficando frio! – exclamou a mulher de Ângelo, que havia entrado no quarto.

O semblante de Bernardo começava a se desfigurar. O nariz deu de se pronunciar mais no rosto, cujas maçãs aumentavam, porque as faces se cavavam. As órbitas oculares arroxearam, como também as unhas. Mas o ritmo da respiração era sempre o mesmo, igual e rumoroso. E Bernardo jazia imóvel no leito e de olhos fechados...

...

Ao cair da tarde, acentuou-se a palidez do doente. Aquela agonia durava já trinta e seis horas. O doutor dissera que poderia durar dias. Era impressionante ver uma criatura humana acabando tão estranhamente! Por isso, D. Margarida falou:

– Coitado, podia descansar logo de uma vez!

Francisco tinha uma infinita piedade do pai, morrendo daquele jeito, sem um gemido, sem um gesto, inconscientemente. E sentado diante dele, pensava nos tempos em que moravam em Pirassununga e trabalhavam na fábrica. Bernardo era um homem alegre, ativo e trabalhador. Gostava

de danças e de moças. Aos domingos ia sempre pescar no Mogi e voltava tarde da noite, trazendo um saquinho cheio de peixes, que vinha molhado e cheirando. Não aproveitara nada da vida! O que que um operário pode aproveitar com o pouco dinheiro que ganha? E agora ali morria devagarinho, sem um gemido, sem um gesto, inconscientemente...

Teresinha entrou no quarto. Somente naquela hora tivera tido tempo de vir ver o pai do namorado. Entrou, pegou na mão de Francisco, sentou-se à beira da cama e ficou olhando silenciosamente Bernardo, que se afundava pouco a pouco na morte.

...

Finalmente, às onze horas da noite, Bernardo repentinamente parou de respirar. Correram a buscar uma vela, que foi acesa e colocada em suas mãos roxas. Não havia nada mais a iluminar, porque Bernardo estava morto, de olhos fechados, imóvel, no mesmo lugar e na mesma posição em que o haviam colocado na cama.

Então, foi um corre-corre. D. Margarida veio da cozinha. Tio Vicente entrou atropeladamente. Teresinha, que estava sobrando no meio do quarto, de repente, teve um grande medo do morto e saiu precipitadamente para fora. Cristina entrou com uma toalha...

– Francisco, é preciso providenciar o atestado. Amanhã é dia primeiro do ano e pode ser que o médico saia de São Paulo.

– É mesmo!... E eu que estou sem dinheiro... Não posso nem ir pedir na fábrica, porque está fechada...

– Dinheiro se arranja. Vá buscar o atestado.

Francisco foi ao empório da esquina telefonar ao médico e combinou com ele ir buscar imediatamente o atestado. Tinha também de ir logo à empresa funerária tratar do enterro. Voltou para casa. D. Margarida foi buscar dinheiro e deu um rolo de notas a Francisco. Tinha quase duzentos mil réis. Dava e sobrava para um enterro de terceira.

Francisco saiu e foi tomar o bonde na avenida Rangel Pestana. Estava uma algazarra louca na avenida. Bandos de rapazes passavam cantando e gritando. Moças passeavam ainda, apesar da hora. No céu, sem nuvens, as estrelas piscavam. As estrelas são sempre silenciosas.

De repente começou um grande rumor. As sereias das fábricas gemeram longamente, apitos estrugiram, buzinas de automóveis ber-



raram variadamente. Alguns tiros espoucaram e, em todo o comprimento da avenida, os moleques batiam nos postes de telefone e da luz elétrica, num concerto de sons agudos.

Era meia-noite. O ano velho acabara e um ano novo começava, cheio de eterna esperança dos homens, que sofrem, ano após ano, sempre convencidos de que o dia de amanhã será melhor.

Francisco ficou um tempo parado no passeio, escutando os rumores festivos da passagem do ano e pensando no pai, que não quisera esperar o novo ano e resolvera partir pouco antes do ano velho, exatamente para o mesmo lugar desconhecido onde vão se escondendo e acumulando os anos que se acabam.

Uma música alegre soou perto de Francisco. O operário olhou e não viu ninguém tocando instrumentos. Mas os sons vinham se aproximando, dando a impressão de que os sons andavam. Era estranha aquela impressão. Mas a música andava. Francisco procurou melhor com os olhos e só então compreendeu. Era a filarmônica da Light, lotando um bonde, que vinha da cidade, rodando sobre os trilhos e tocando um dobrado alegre.

O bonde passou cheio de sons de pistão, bombardino e clarineta e seguiu pela avenida afora, rumando para a Penha e festejando alegremente a entrada do Ano-Novo.

. . .

Francisco recebeu o atestado do médico e foi à empresa funerária. Dentro do balcão, estava um sujeito de mau humor, atendendo ao público. Do lado de fora, um sujeito amável, oferecendo flores e coroas, com uma insistência irritante. O homem da empresa mostrou os preços a Francisco. E Francisco foi ficando alarmado com o custo de um enterro de terceira classe, o mais barato que havia.

Era uma exploração verdadeiramente revoltante a que se fazia com os enterros, precisamente no momento em que as pessoas estão menos desprevenidas de dinheiro, porque quase sempre a doença já consumiu todos os recursos. Francisco pensava que o Governo devia olhar para aquelas coisas, pois enterrar seus mortos é coisa que toda a gente tem de fazer. E se morre gente rica, também morre gente pobre...

Mas o homem do balcão, insensível à dor, insensível e indiferente às alegações de pobreza, até tratava Francisco com rispidez, naturalmente por estar certo de que ninguém, em semelhante hora, está em condições de reagir. Mas que dava vontade de fazer uma coisa, isso dava...

...

No outro dia, o dia primeiro do Ano-Novo, enterraram o corpo de Bernardo no cemitério da Quarta Parada.

– Descansou! – foi o comentário conciso que fez a mulher de Ângelo, quando o caixão pobre saía da casa, no carro, para o cemitério.

Tio Vicente e Francisco foram até o cemitério, mais o Ângelo, o Caldas e três ou quatro vizinhos; ao todo, dois automóveis.

O dia estava em meio. O sol de janeiro iluminava cruamente a necrópole, derramando-se pelos túmulos, verdejando na folhagem das primaveras e das roseiras floridas. Alguns túmulos tinham canteiros orlados de buxo. E aquela terra, que guardava restos mortais, agora nutria flores frescas e coloridas. No céu azul, onde boiavam grandes nuvens, voavam as andorinhas. Um vento fresco, vindo do Ipiranga, bulia cariciosamente com as folhas das plantas.

E enquanto restituíam à terra o corpo de Bernardo, para voltar a ser o mesmo pó, de onde um dia havia saído, a natureza em torno corria naquele lindo dia de verão, e palpitava de vida, na cor e na fragrância das flores, no voo alegre dos pássaros e dos insetos, no azul profundo do céu e no ouro fulvo do sol, pois que para a natureza não existe morte, nem dor, nem mágoa, mas apenas encerramento e abertura de novos ciclos de existência, fecundação e transformação de matéria...

### XIII

O Ano-Novo começou muito bem para Vicente, porque estava já concluído o terceiro conjunto de peças do seu invento. Agora Francisco ajudava o tio em quase toda a duração do trabalho na fábrica. A coisa requeria tempo, porque se tratava de uma modificação que

eles estavam fazendo, sem nenhuma outra máquina igual para modelo. Tudo tinha que ser primeiramente imaginado, desenhado, modelado, fundido, montado e experimentado. E nem sempre os resultados eram satisfatórios. Às vezes uma peça não dava o que esperavam e era preciso pacientemente começar de novo. Mas Vicente tinha gosto pelo trabalho e coragem para recomençar quantas vezes fossem necessárias.

Francisco, já então excelente torneiro, se revelara também hábil montador. Além disso, demonstrava possuir bons conhecimentos de mecânica, indispensáveis para o desenvolvimento daquele trabalho. Era um gosto vê-lo trabalhar atentamente numa peça, medi-la, acertá-la, até que ela saísse lisa, polida, rebrilhando de suas mãos experimentadas.

. . .

Quando Francisco e Vicente voltaram para o jantar, chovia copiosamente. O asfalto molhado tinha uma superfície lisa e contínua e parecia um grande rio negro, correndo, no qual se espelhavam as luzes da avenida.

Chegaram a casa borrifados de chuva. E D. Margarida contou:

– Houve um desastre de bonde na avenida hoje à tarde.

– Machucou alguém?

– Ouvi dizer que tem um morto e quatro feridos.

– Puxa! Mas o que que foi?

– Foi um bonde da Penha. Dizem que vinha apostando corrida com um caminhão e o motorneiro não viu um ônibus que virou uma esquina e pegou ele, aí perto da rua Piratininga. O ônibus ficou em petição de miséria. O motorneiro fugiu. Mas correu gente para lá, que só vendo!

– Esses motorneiros são imprudentes, comentou Vicente.

– É sim, disse Francisco, mas os choferes não ficam atrás.

E pensou em seu Antônio, lembrando-se da correria desabalada que fizera certa noite, porfiando com um ônibus. Era uma coisa besta correr daquele modo numa rua de movimento, mas havia quem corresse. E Francisco, sem querer, pensou que a gente de seu Antônio era uma gente um pouco diferente das outras. O Manuel andava querendo ser jogador profissional de futebol. Teresinha com suas ideias...

Enfim, foram jantar. A chuva cessara e Francisco saiu. Ao passar pela tinturaria do Caldas, o tintureiro estava ouvindo o rádio. Ao ver o amigo, veio à porta e lhe deu a notícia:

– Eh, rapaz, seu futuro sogro está no vinagre.

– Que aconteceu com ele?

– Pois você não soube do desastre de hoje, na avenida?

Francisco teve um choque. E perguntou angustiado:

– Soube. Foi ele que morreu?

– Não, mas era ele o motorneiro do bonde. Quem morreu foi o chofer do ônibus. Levou uma pancada mesmo na cabeça, que a cabeça dele ficou como mingau...

– E o seu Antônio?

– Pois o bonde dele vinha da cidade, indo para a Penha. Parece que ali na rua da Figueira ele começou a apostar uma corrida com um caminhão e perdeu o controle do bonde. Bateu mesmo em cheio no ônibus. Tem quinze pessoas feridas.

– Quinze?

– É; passageiros do bonde e do ônibus. O condutor foi preso...

– E o seu Antônio?

– Ah, fugiu. Você sabe que a Light manda-os fugir quando acontece um desastre, não?

– Coitado do seu Antônio!...

– Coitado do que morreu! Tem duas moças bem estragadas...

Francisco foi andando. Mesmo descontando as mentiras do Caldas, a coisa fora grave. O que iria acontecer agora ao seu Antônio?

Em vez de ir à rua Domingos Paiva, Francisco se dirigiu diretamente para a casa de Teresinha. Chegou e bateu. Teresinha veio abrir.

– Ué, você por aqui!

– Pensei que você não fosse à esquina...

– Não fui mesmo. Você já soube do que aconteceu?

– Já. Onde está seu pai?

– Ele ficou na estação de bondes junto com o motorneiro do desastre.

– Que motorneiro? Não era o seu pai o motorneiro do bonde?

– Não era, não. Meu pai vinha junto com o motorneiro na frente, mas era outro o que guiava o bonde.

– Ora, veja! Pois o Caldas me afirmou que a coisa foi com seu pai...

– Decerto é porque o bonde era da Penha e meu pai estava junto. Mas eu não duvido que fosse o meu pai que tivesse mandado o outro correr. Ele tem mania de velocidade.

Francisco sentiu um desaforo e uma raiva do Caldas, que lhe passara mais aquela mentira. Mas antes assim. Francisco sentou-se.

– Dizem que o chofer do ônibus morreu?

– Dizem. Coitado!

– E o motorneiro agora?

– Agora, decerto vai ser suspenso por uns quinze dias ou mais.

E depois, o processo na polícia...

– Veja em que dá a imprudência!

...

No domingo, Francisco vinha vindo com Teresinha do cinema. Ao passarem pelo Largo da Concórdia, encontraram novamente um ajuntamento de pessoas, em torno de um homem que falava. Era o mesmo sujeito calvo e de óculos e Francisco teve desejo de ir ouvi-lo.

– Vamos ver o homem?

– É aquele sujeito que faz discursos.

– Pois é por isso mesmo que quero ir ouvi-lo.

– Eu não vou. Estou com fome e vou dar um pulinho até em casa.

Se você quiser, fique aqui me esperando, que volto logo. Está feito?

– Está.

Teresinha se afastou para casa e Francisco se aproximou do ajuntamento. O homem, trepado no caixão, falava:

– “... o trabalho antigamente era todo feito à mão e as fábricas não tinham a mesma organização que têm hoje. Eram pequeninas casas, e nem precisavam ser maiores, porque os operários trabalhavam em suas próprias residências. Por isso, também, a produção era pequena e muito mais barata. Mas, pelos fins do século 18, um homem chamado Edmundo Cartwright inventou o tear mecânico. Essa máquina, que todos nós conhecemos, naqueles princípios era mais simples e elementar do que é hoje, mas para o tempo já era um admirável engenho, que determinou o nascimento de uma nova era na história da humanidade, a Era da Máquina, em que hoje vivemos. É que, também, ao mesmo

tempo, se descobriu novo processo de fundir ferro, com carvão de pedra e o emprego do vapor como fonte de energia, pois antigamente as poucas indústrias existentes eram movidas a água. Depois veio o trem de ferro, o navio a vapor e, por fim, a eletricidade, a mais extraordinária invenção do gênio do homem. De modo que a máquina se multiplicou ao ponto fantástico de nossos dias, contribuindo para a propagação do progresso, o barateamento do conforto, a facilidade dos transportes, a rapidez das comunicações. Errados andam os que pensam que a máquina poderá ser agora inimiga do homem. Na verdade ela é a poderosa escrava do homem, potente organismo de ferro, insensível à dor, alheio à cansaça, realizando o que os músculos do homem jamais poderiam realizar. Inimiga? Não, a máquina é a outra parte do operário, um como prolongamento metálico do seu próprio ser, aquele prolongamento que faz as tarefas mais fatigantes. Acusá-la de estar tirando o trabalho das mãos do operário é um erro. A falta de trabalho vem de outras causas, vem de muitas causas, mas não vem daí. Pois onde quer que se hajam instalado maquinismos novos o trabalho aumenta e maior número de homens são chamados para trabalhar e têm assim meios de existência e de sustento para as suas famílias. A máquina tem sido, na realidade, uma grande criadora e multiplicadora de riquezas e de possibilidades. Por isso, onde houver uma só, com um só homem, haverá dentro em pouco mais máquinas e mais homens... (Francisco pensou na Fundição Jaraguá, que nascera pequenina e crescera tanto em menos de dez anos...) Porque ela está aumentando e alargando o domínio do homem sobre a terra, levando a civilização pelos desertos, florestas e montanhas, e a lugares que a humanidade dos séculos passados jamais sonhou habitar. Esta expansão admirável do progresso e da civilização significa também dilatação do comércio e da indústria, melhora das condições da vida, fundação de novas cidades, fecundação de territórios outrora despovoados e inúteis. E essa expansão está enriquecendo o mundo e criando novas necessidades, que têm de ser supridas por mais produtos, que, por sua vez, só podem ser fabricados pelo trabalho dos operários, aumentando assim as possibilidades de colocação para grande número de trabalhadores. O mundo moderno já não pode dispensar o concurso da máquina e nenhum operário hoje pensa igualmente em trabalhar sem rodas, alavancas e motores que o ajudem. Já verificaram todos,

por si mesmos, que nenhuma indústria pode funcionar sem homens, pois que por detrás de cada máquina pelo menos um homem tem que trabalhar com sua inteligência ou com suas mãos, guiando as rodas, as alavancas e os manípulos...”

...

Francisco estava amolando a ferramenta do torno no esmeril. Encostava-a no disco que girava vertiginosamente. O contato do aço com a superfície granulada do esmeril produzia um som áspero e agudo e uma chuva de fagulhas jorrava no chão. O operário, de quando em quando, examinava o gume da ferramenta. E, ainda não satisfeito inteiramente, insistia, com a paciência dos homens que prezam o próprio trabalho.

Manuel se aproximou de Francisco.

– Vou sair hoje da fábrica.

Francisco voltou-se. Deu com o rapaz, de pé, a sua frente, sorrindo de felicidade, e perguntou:

– Ué! Que aconteceu? Brigou?

– Pois você então não sabe?

Francisco, absorvido habitualmente em seu trabalho, quase não tinha tempo de conversar com os outros.

– Fui contratado como jogador profissional pelo São Paulo.

Francisco esteve um longo instante olhando o outro em silêncio.

Depois perguntou:

– E esse negócio de futebol dá bom dinheiro?

– Me ofereceram seiscentos mil réis por mês, mais cem mil réis por jogo ganho e cinquenta por jogo empatado.

– É bastante dinheiro.

– Na fábrica nunca que eu ganharia tanto!

– E agora?

– Agora estou juntando minhas ferramentas. Já pedi a conta e vou-me embora.

– E quando começa no clube?

– Já comecei. Lá, sim, é que é negócio. Imagine que estou ganhando desde o dia primeiro!

E cheio de felicidade se afastou para arrecadar as ferramentas.

Francisco de novo se inclinou para o esmeril e a chuva de ouro das centelhas de novo jorrou do gume da ferramenta.

Era engraçada aquela gente da família de sua namorada. Teresinha tanto teimou que acabou saindo da fábrica, para trabalhar numa loja da cidade. Agora, era o irmão, deixando o ofício de torneiro pelo de jogador de futebol. Mas que era gente de sorte, era, porque os dois saíram para melhorar. Talvez no futuro tivessem de que se arrepender, porque, afinal de contas, somente o trabalho oferece solidez, garantia e estabilidade ao homem.

E quem sabe? Talvez tivessem razão. Naquele momento o negócio era bom e uma coisa eles tinham com certeza, era a coragem, e este mundo pertence aos corajosos. E Francisco, na dúvida, preferiu, como sempre, refugiar-se no trabalho, que o absorvia completamente. Aproximou o aço do esmeril, que soltou um guincho e do disco negro espirrou outra vez uma chuva de centelhas.

Manuel veio se despedir de Francisco, que estava agora trabalhando numa fresa, abrindo os dentes de engrenagem num disco de ferro. Manuel se aproximou, com a caixa de ferramentas debaixo do braço.

– Olhe, Francisco, aqui estão minhas ferramentas. São poucas, mas você sabe que hoje, pelo menos, o calibre e o graminho custam um dinheirão...

– Estão caros mesmo...

– Pois eu quero te dar como lembrança as minhas ferramentas.

– O que é isso, Manuel? Você não pode dar um presente desses!

– Agora posso. Depois, nós não somos amigos?

– Isso é... Então, muito obrigado!

E Manuel foi-se despedindo de um em um de todos os operários da Seção de Tornearia. Quando apertou a mão do chefe, o operário, de macacão azul, com a cara larga e corada, suja de riscos de carvão, disse:

– Olhe, rapaz, tenha juízo! Aqui na fábrica um operário cada ano que passa ganha mais experiência. Em futebol, cada ano que passa, o jogador vai perdendo...

– Ah! Seu mole, mas um homem pode jogar bem até trinta e cinco anos.

– Trinta e cinco anos é o começo da vida, bobo...

– Qual, o quê!



– Economize com os dentes, para depois comer com as gengivas...

Os outros operários moços ficaram olhando com uma infinita inveja o colega que se retirava. O futebol não significava somente seiscentos mil réis por mês – era o nome nos jornais e no rádio, a torcida nos gramados, a glória, aquelas coisas embriagadoramente deliciosas, que cem anos de fábrica e de trabalho bem feito jamais poderiam dar.

Francisco parou a fresa. Retirou a engrenagem acabada, examinou-a atentamente e, satisfeito com o trabalho realizado, jogou-a ao chão.

Abaixou-se para um caixão e retirou outro disco ainda compacto, para nele abrir dentes de engrenagem. Apertou o disco na morsa, acertou as distâncias no aparelho divisor, puxou a alavanca de comando e recomeçou a fresar, pensando nas ferramentas valiosas que ganhara.

Os motores zumbiam em tom profundo. Os eixos chiavam nos mancais, correias tatalavam, os ventiladores roncavam, e da Seção de Montagem vinham repetidas e sonoras as pancadas de martelos nas chapas de ferro.

#### XIV

Eram cinco horas da tarde. O verão fortíssimo reverdecia a folhagem do Parque D. Pedro II. Os hibiscos ostentavam suas belas flores coloridas. Grandes cachos amarelos pendiam dos galhos das acácias de folhas miudinhas. E um perfume doce de heliotrópio enchia as sombras silenciosas do Jardim.

Seu Osvaldo vinha pelo passeio do parque, na rua da Figueira, andando a pé, ao lado de Mercedes. Regressavam de uma tarde de amor na Cidade. Tinham saltado do bonde, no primeiro ponto depois do Tamanduateí, e vinham a pé até a rua Visconde de Parnaíba, a fim de prolongarem o mais que pudessem aquela deliciosa tarde. Não era prudente caminharem juntos no bairro onde ambos deviam ser conhecidos. Bem, não era. Mas o marido àquela hora estava na fábrica trabalhando. E depois o amor sempre foi muitíssimo imprudente...

E conversando animadamente sobre as coisas boas da vida, foram seguindo pelo passeio do parque, à sombra dos jacarandás e das magnólias brancas. Depois da rua Claudino Pinto, deixaram o passeio e

cruzaram a rua da Figueira, em sentido oblíquo, alcançando o começo da rua Visconde de Parnaíba.

Ao dobrarem a esquina, Mercedes estacou empalidecendo e levando as mãos ao peito:

– Deus do céu, meu marido!

Seu Osvaldo quase não teve tempo nem para compreender bem a situação. Viu apenas Diego avançar para eles. E o homem estava pálido e com o semblante duro, como se fosse de pedra. Mercedes e o companheiro pararam sem saber o que haviam de fazer e o que pensar. Mas Diego, que sabia bem o que queria, não pensava. Continuou a avançar no mesmo passo rápido. E quando chegou a uns dois metros, parou, rapidamente sacou de um revólver e disparou-o.

Seu Osvaldo, aterrorizado, sentiu que Mercedes caía desamparada no chão. E, mais por instinto do que pelo raciocínio, saltou sobre o espanhol e segurou-lhe o braço que empunhava a arma. Um tiro ainda partiu, mas foi para o alto, para onde seu Osvaldo havia conseguido orientar o braço do agressor.

Correu gente de todos os lados e foi fácil subjugar e desarmar Diego, apesar da resistência que ofereceu. O espanhol tinha os olhos muito arregalados e sua boca espumava.

Quando seu Osvaldo se viu livre para mexer-se e sentiu o espanhol preso nas mãos de várias pessoas, procurou Mercedes. A desgraçada, caída por terra, pondo sangue pela boca, com uma larga mancha vermelha tingindo-lhe o vestido de seda na altura do estômago, estertorava. E uma poça de sangue se formava lentamente numa depressão do passeio.

Seu Osvaldo estava completamente atordoado. Não percebia o rumor de gente andando e falando alto em redor. Contemplava bestificado a agonia daquela pobre moça, cujo rosto, sujo de terra e de sangue, fora apenas havia poucos instantes modelo de frescura e de beleza. Aqueles lindos olhos, que há meia hora cintilavam de desejo ou se quebravam nos êxtases do amor, começavam a toldar-se por uma nuvem sombria! E o sangue, golfando pela boca, ia escorrendo no chão, engrossando a poça formada na depressão do passeio.

Diego, aprisionado pelos populares, também contemplava a morte da esposa. Pouco a pouco suas feições iam se modificando. Daquele sem-

blante duro de pedra, do desvario e do ódio apaixonado, passava para uma cólera surda, agora dirigida à pessoa de Osvaldo. Osvaldo sentiu sobre ele o olhar do espanhol. Virou-se e encarou-o. O homem mirava-o duramente, com o olhar fuzilante. O farmacêutico sentiu que, se Diego não estivesse contido nas mãos de uma porção de gente, viria certamente sobre ele.

Mercedes pouco a pouco sossegava. Seus movimentos foram diminuindo, o sangue começou a cessar e por fim ela se imobilizou completamente, deitada de lado, com o torso ligeiramente contraído, numa atitude de sofrimento, as mãos crispadas e as pernas estendidas. E na agonia dolorosa da morte suas roupas leves se levantaram e as coxas alvas e bem torneadas apareciam acima da liga até as rendas das calças cor de rosa, no absoluto abandono da morte.

Haviam dado parte à polícia. Gente e mais gente se juntava, para ver a horrível cena, nessa curiosidade popular, misto de compaixão e de sadismo.

– Eu vi quando ele deu o tiro na mulher...

– Mas ninguém pôde evitar?

– O companheiro dela mal pode agarrar o agressor. Se não, também ele morria.

– É nisso que dá mulher casada andar com outro homem...

– Eu a conhecia. Era uma moça muito bonita.

– É assim mesmo; mulher muito bonita nem sempre é só para o marido.

Uma velhota que ia passando e parara para ver se aproximou. Abaixou-se e puxou os vestidos da morta para baixo dos joelhos.

– Não mexa nela antes da polícia chegar! A senhora não sabe que não se pode mexer em gente que morre assassinada?

– Sei, sim, mas como é que hei de deixar um corpo de mulher descomposto assim no meio da rua, diante de tanto homem?...

...

Quando Francisco chegou com tio Vicente, o bairro estava cheio de novidades e comentários. Toda gente ali conhecia seu Osvaldo e muitos conheciam Diego. Era um escândalo terrível.

Francisco nem quis pensar em ir à casa de Ângelo, àquela hora cheia de gente, que tinha ido bisbilhotar o acontecimento. O abalo

daquela família devia ser muito grande. Todos estavam fartos de saber que seu Osvaldo era um conquistador. Porém, tudo podia passar despercebido, apenas com o sofrimento silencioso dos parentes. Mas agora a coisa tomava aspecto público e irrecusável. O nome de seu Osvaldo apareceria nos jornais e talvez até o seu retrato.

E nem a mulher de Osvaldo, nem Ângelo, nem ninguém da família merecia um desgosto daqueles.

...

No dia seguinte, apareceu um repórter na farmácia de seu Osvaldo. E antes que este pudesse evitar, tirou uma fotografia instantânea do farmacêutico e saiu correndo. Do outro lado da avenida, ainda bateu uma chapa do prédio da farmácia. Na edição da tarde, o jornal, sob o título “A tragédia da rua Visconde de Parnaíba”, estampava o retrato de seu Osvaldo e da farmácia. Um horror de escândalo!...

Vicente comentou:

– O Governo devia proibir os jornais de fazerem essa exploração. Não pelo seu Osvaldo, que tem culpa, mas ao menos pela família, que merece respeito.

...

A gerência da Fundição teve de tomar medidas em virtude do afastamento do Diego, que fora preso. Era um crime de honra, desses que o Júri absolve até de olhos fechados. Mas Diego fora preso em flagrante e teria de esperar preso o julgamento, que levaria no mínimo uns três meses. Quem morreu, morreu, e a fábrica não podia parar.

Então, Ítalo, que era mestre da Tornearia, foi promovido a mestre geral da Fundição e Vicente a chefe da Tornearia.

Para Vicente, a oportunidade era magnífica, porque sendo chefe iria ganhar mais, embora ficasse com obrigações maiores. E para a marcha de seu invento, era, também, vantajosa a promoção, porque teria mais tempo para se dedicar ao seu maquinismo e muito maior liberdade de ação nas outras seções.

...

A Fundação fervilhava de comentários. E todos no íntimo gozavam um pouco do relevo com que a fábrica fora mencionada nos jornais. Um operário, com grossas luvas de couro, com óculos enormes, tapando-lhe um pedaço da cara, e com a máscara protetora nas mãos, soldava uma chapa, auxiliado por um companheiro. E iam comentando o crime, enquanto trabalhavam.

- Eu acho que o Diego sabia da coisa.
  - Diz que ele andava meio triste nos últimos tempos.
  - Mas, se sabia, por que deixou ir tão longe?
  - Quem sabe? Decerto foi só ontem que ele teve certeza.
  - Ele saiu da fábrica mais cedo. O jornal disse que ele não encontrou a mulher em casa e foi esperá-la na esquina.
  - Mas como é que foi esperar no ponto justo em que ela ia passar?
  - Diz que um vizinho contou tudo.
  - Não sei como é que tem gente com coragem para contar uma coisa dessas!
  - Tem, sim. Tem gente que gosta de ver o que acontece...
  - E ainda dizem que são amigos! Vá ser amigo no inferno!
  - Eu acho que, num negócio desses, o melhor é não saber nada.
  - Não sei. A gente nunca sabe o que deve fazer. Nem se sabe o que faz, quando acontece uma coisa assim...
  - Mas que foi pena morrer uma moça tão nova e bonita, isso foi!
- E o operário aproximou à chapa de ferro o bico do maçarico, do qual saía sibilando o fogo azul da solda elétrica.
- A solda chiou, o ferro branqueou e começou a emendar-se.

## XV

Era abril. O sol, vagando num céu azul e puro, descia por detrás da colina que Anchieta escolhera há quatrocentos anos para edificar uma igreja e fundar uma escola. Nesse mesmo lugar em que há quatro séculos havia somente os campos de Piratininga, no outeiro que se ergue aos pés do Tamanduateí, agora se levantam ciclópicos arranha-céus de apartamentos e escritórios. Nuvens tênues ainda vadiavam pelos altos silenciosos do espaço, cortados pelo ronronar dos aeroplanos de

treinamento, que levantavam voo do Campo de Marte e singravam os ares serenamente.

A tarde de outono morria devagar por trás dos altos prédios, enquanto embaixo, na cidade cheia de tumulto, vibrando com os barulhos de sua atividade de veículos correndo de uns para outros pontos, as gentes apressadas, procurando condução para os lares distantes, nem sequer olhavam o céu, nem o sol, nem as nuvens.

A avenida Rangel Pestana estava de ponta a ponta em seu ritmo contínuo de movimento de rodas. Os primeiros anúncios luminosos da noite acendiam suas luzes vermelhas, azuis e roxas.

A luz solar extinguiu-se pouco a pouco na concha azul do céu. Uma claridade cinzenta embrulhava os verdes do Parque D. Pedro II e começava a sombrear o grande compressor do gasômetro.

Por fim, a última luz do dia morreu. No céu acenderam-se as grandes estrelas vespertinas. E na terra o duplo colar de lâmpadas da avenida Rangel Pestana, de um só jato, se iluminou.

...

Cristina vinha vindo da fábrica e parou à porta da casa de Vicente, para conversar com o Joãozinho.

– Como vai, bem?

– Olhe, Cristina, veja o meu livro.

E o menino mostrou a Cristina um livro velho, que encontrara no quarto de Francisco. O livro tinha algumas figuras e o menino se distraía com elas. Cristina pegou o livro e começou a folheá-lo.

– Olhe, Joãozinho, olhe aqui um trem de ferro. Veja que bonito!

– Procure outro, Cristina.

Cristina continuava folheando o livro. De repente, um cartãozinho caiu de suas folhas. A moça abaixou-se e olhou. Era um retrato de Francisco, desses pequeninos, para carteira profissional. Lançou o olhar para Joãozinho e viu que o menino estava distraído. Então, a moça sorratamente enfiou o retrato no seio. E chamou a atenção do menino:

– Joãozinho, olhe, aqui outro trem!

– Quero ver...

. . .

Tio Vicente e Francisco chegaram para o jantar, assim que Cristina saiu. Era aniversário de Francisco e eles haviam saltado defronte do Bilhar Universo, onde compraram cinco mil réis de doces para comemorar a data.

Joãozinho, ainda à porta, tinha agora nas mãos um filhote de andorinha, caído naquele instante no passeio e que ele apanhara.

– Tio Vicente – disse o menino quando eles chegaram –, vou pôr o passarinho na gaiola para ele cantar.

– Bobinho, andorinha não canta.

– Nem na gaiola?

E o menino ficou olhando com seriedade para a pobre avezinha, que tremia assustada entre seus dedos pequeninos.

Enquanto D. Margarida punha o jantar, foi contando a novidade:

– Sabe, Vicente, a mulher do seu Osvaldo largou dele hoje...

– Custou, hein?

– Coitada, teve paciência até não poder mais. Mas agora também passou da conta.

– Bem, o Ângelo me disse que já havia aconselhado a filha a deixar o marido. Ele dizia que, afinal, onde comem quatro, comem cinco e era um desaforo aguentar um marido daquele jeito.

– E depois, a Marta não vai ser pesada para o pai. Ela costura muito bem. Quando era solteira, tirava às vezes quase duzentos mil réis por mês costurando para uma loja da cidade.

– Fez bem, comentou Francisco. Seu Osvaldo pode ser boa pessoa, mas não tem vergonha nenhuma. Por mais que uma mulher queira ser santa, um dia cansa...

– É bem boa gente essa do Ângelo, não, Margarida? Veja a Cristina; quanto ela nos ajudou quando o Joãozinho ficou doente e depois quando o Bernardo morreu!

– Ah, por falar nisso, Francisco, a Cristina esteve aqui hoje cedo e deixou uma coisa para você.

– O que é?

– Diz que é um presente de aniversário.

D. Margarida se levantou e pegou um embrulhinho que estava em cima do guarda-louça. Francisco abriu. Era uma gravata de seda confeccionada em casa. O trabalho devia ser de Cristina, porque estava muito bem feito.

- Que bonita!
- Mais bonita é quem fez a gravata, disse Vicente com malícia.
- Bonita, boa e trabalhadora – concluiu D. Margarida.

. . .

Francisco amarrou a gravata e saiu para se encontrar com Teresinha. Mas no passeio da casa topou Cristina, que, como de costume, estava passeando de um lado para outro, com as mãos para trás. O rapaz viu a moça e se aproximou.

- Como vai, belezinha?
- Vou bem. E você?
- Olhe, obrigado pela lembrança!
- Ora...
- É muito bonita a gravata. Foi você que fez?
- Foi.

- Numa loja não tem assim.

- Não diga isso!

- Bom, pode ter, mas custa uns trinta mil réis.

Cristina não falou nada. E Francisco perguntou:

- Como é que você soube que eu fazia anos hoje?
- D. Margarida me contou um dia destes. Quantos anos?
- Vinte e seis. Estou ficando velho...
- Velho! Que velho nada! Está cada vez mais moço...
- E você cada dia mais bonita!

Cristina sorriu sem dizer nada! Ele continuou:

- Até o tio Vicente já reparou que você está mesmo um pedaço!

Cristina então riu com gosto. E começaram a andar, indo até a rua Piratininga e voltando até Caetano Pinto. Depois de fazerem esse percurso algumas vezes, Francisco se despediu:

- Bom, preciso ir andando.
- Vai ver a namorada?
- Vou...



E foi saindo. Cristina ficou parada na esquina, acompanhando com o olhar triste o rapaz que se afastava, até que ele desapareceu, dobrando a esquina da rua Piratininga.

...

Quando Francisco chegou à rua Domingos Paiva, parou e ficou esperando Teresinha. Enquanto esperava, se distraía contemplando o movimento para ele familiar da avenida Rangel Pestana. De tempos a tempos, tilintava a campainha da cabine da São Paulo Railway e as porteiros se fechavam. Os veículos se detinham de um lado e de outro e em pouco se formava uma extensa fila de bondes, ônibus e automóveis imobilizados pacientemente. Vinha um trem, ora de Santos, ora da Luz. A terra tremia com a aproximação do comboio, a locomotiva apitava e o trem aparecia e passava num rolo de fumaça. Depois, a campainha de novo tilintava, as porteiros vagarosamente se abriam e o movimento de rodas recomeçava a encher a avenida de seu rumor vasto e reboante.

Francisco, no fim de meia hora de espera, surpreendeu-se. Teresinha, que era sempre muito pontual, naquela noite estava demorando inexplicavelmente.

Eles tinham combinado ir comer uma *pizza* no Valentim e beber uma garrafa de vinho para festejar o aniversário. E Teresinha tardava.

Francisco se pôs a fumar, para disfarçar o nervosismo da longa espera. Por fim, pelas nove horas, ele não teve mais dúvidas de que Teresinha não viria. Então, foi à sua casa para saber notícias.

Não havia ninguém em casa. A mãe tinha saído. O pai estava de serviço, em sua linha. Manuel andava certamente pela cidade e de Teresinha nem sinal. Francisco interrogou a vizinha e a mulher contou que vira Teresinha chegar para o jantar e sair depois junto com um moço desconhecido.

Quem seria? Francisco não tinha muito ciúme da namorada. Mas Teresinha se empregara na cidade, ele andava sempre pensando coisas aborrecidas. É que Teresinha trabalhava num lugar cheio de tentações...

E logo no dia do aniversário dele a namorada havia de faltar! Era muita coisa. Enfim, talvez fosse o rapaz alguma pessoa conhecida...

Francisco foi caminhando desconsoladamente. Na avenida, virou e rumou para o Bilhar Universo, onde entrou. Encontrou o Caldas e foi sentar-se com ele numa mesinha.

– Você quer beber alguma coisa? Estou fazendo anos hoje.

– Oh! Bebo sim. Vamos beber cerveja Cascatinha.

E o Caldas começou a falar:

– Então a mulher do seu Osvaldo largou dele, hein?

– Ouvi dizer.

– Bem feito! Já devia ter largado há mais tempo... Coitado do Diego!

– Coitada é a mulher que ele matou...

– Coitada o quê! Ela merecia.

– Se fosse eu, acho que não matava.

– Mas é duro ver a mulher da gente namorando outro.

– Deve ser, sim...

E Francisco levou o copo à boca.

– Então, à nossa!

– À sua!

Caldas, limpando a espuma dos lábios, continuou:

– A primeira pessoa do bairro que viu seu Osvaldo com a mulher do Diego foi eu.

– Ah, foi?

– Foi. Era boa toda a vida aquela espanhola!

– Bonita pra burro!

– Sabe de uma coisa? Esse negócio de mulher é difícil. Será que o Diego tratava bem dela?

– Não sei.

– Tem uma canção mexicana que diz assim: “El que tenga un amor, que lo cuide, que lo cuide...”

– É mesmo.

– Bom, deixa estar que esse seu Osvaldo tem sorte com mulher!

– É, mas escapou por um nada de ir, também, para o vinagre.

– Qual! Vá ver que não acontece nada para ele. E uma coisa é certa – tem pegado cada pedaço de pequena daqui!...

E o Caldas pegou no lóbulo da orelha.

– Mas o que será que as mulheres enxergam nele? Ele não é bonito, não é rico...

– É lábia, rapaz. Aquele sujeito tem uma lábia! E mulher é um bicho bobo; cai à toa.

– Eu conheço outras pessoas de lábia e não arranjam nada...

– Ele é atirado e isso já é um começo. Você pensa? Mulher gosta é de homem que age!

– É capaz mesmo...

E Francisco, sem querer, começou a pensar de repente que Cristina, há mais de um ano, vinha dando mostras de que gostava dele. Um dia, por isso, outro dia por aquilo. Se ele fosse mais atirado, era capaz de ter conseguido alguma coisa. Mas Cristina era uma moça tão séria...

Caldas interrompeu aqueles pensamentos:

– Então o Manuel largou a fábrica, hein?

– Pois é; agora é jogador profissional de futebol. Se isso é profissão!...

– Você sabe que ele até mudou de nome?

– Mudou, como?

– Pois agora ele é Manolo. É um nome de guerra. Manuel é mesmo nome muito sem graça.

– Mudar de nome é o menos. Para mim, o pior em futebol são as brigas. Fazem cada fregre!...

Caldas olhou um instante para Francisco sem dizer nada. Depois perguntou:

– Quanto tempo faz que você não assiste um jogo importante?

– Ah! Faz muito tempo.

– Então é isso.

– Isso o quê?

– Você não conhece mais o futebol de agora. Nos jogos dos grandes clubes, como esse que contratou o Manuel, ninguém briga mais.

– Por quê?

– Ora, porque o futebol virou negócio. Gente que tem interesse em ganhar dinheiro não briga...

Francisco sorriu e disse apenas:

– Deve ser isso mesmo.

Caldas mudou de assunto:

– Domingo vou cantar outra vez no rádio.

– Como naquele dia?

- Como naquele dia. Você sabe que sou especialista em músicas espanholas e vou cantar “En la frontera del México”. É uma bonita canção.
- E se não sair bem?
- Teimo outra vez. Tudo neste mundo precisa teimar.

...

Abril ia em meio. A folhagem do Parque D. Pedro começava a perder aquele verdor que conquistara com a estação das águas. As ervilhas de cheiro, florescidas o ano todo, abriam suas flores variegadas. Os jacarandás estendiam seus galhos com folhas rendilhadas, que, batidas pelo sol, projetavam delicadas sombras no chão. Os biris desabrochavam em flores multicores. E o Tamanduateí, clareado por um mês de chuvas, ia levando docemente suas águas mansas pelo canal, espelhando os ramos dos salgueiros, ternamente inclinados para a correnteza.

...

O trabalho na fábrica seguia seu ritmo normal. A Fundição progredia sempre. Fabricara ela própria e ali mesmo montara mais três fresas, duas plainas limadoras e quatro tornos. Recebera novas encomendas de máquinas, para instalar no norte e nordeste do Brasil. Comprava cada vez maiores quantidades de matéria-prima. Os caminhões carregados com lingotes de ferro-gusa e sucata entravam pelo grande portão da frente. Caminhões carregados de máquinas saíam para a rua, demandando as estações das estradas de ferro. E estava iniciada a edificação de outro pavilhão, para aumentar a área destinada à fundição do metal.

Esse era o ritmo da indústria paulista. E a Fundição constituía um índice expressivo de riqueza, porque uma fundição fabrica máquinas com que outras indústrias vão por sua vez produzir dinheiro. A fundição era, pois, a célula fundamental da indústria e da produção econômica.

...

Francisco se empenhava a fundo na máquina do tio Vicente. A modificação dos descarçadores de algodão, que o mecânico imaginara e na qual vinha trabalhando, ia bem adiantada. Na Seção de Montagem um descarçador era montado pouco a pouco e no qual, peça por peça, se experimentava o funcionamento do invento.

Francisco, naquela altura, já começava a sentir o mesmo entusiasmo do tio pela realização. Já sentia um prazer inexplicável, mas intenso, a encher-lhe toda a alma, quando terminava o acabamento de uma peça que iria fazer parte do novo maquinismo. E enlevado, como criador, na perfeição do ferro, que ia saindo polido e reluzente de suas mãos hábeis, descobria uma beleza indefinível na máquina, na curva perfeita de suas rodas, no luzidio de seus eixos, na macia superfície de seus ferros caprichosamente esmerilhados. E o maquinismo, que ele fazia com suas próprias mãos e com suas próprias mãos ajudava a montar, começava aos seus olhos a vibrar como se tivesse vida, uma vida misteriosa. A máquina era como se fosse um ser vivente, com órgãos escondidos, sob chapas e grades, dentro das quais recebia força e animação dos fluidos invisíveis da eletricidade e com membros externos que giravam, rodavam, moviam-se, como se tivessem consciência do que faziam.

Numa noite de domingo, no Largo da Concórdia, um homem calvo e de óculos, trepado em cima de um caixão, dissera que a máquina não era inimiga do homem. Não podia ser mesmo, e Francisco o verificava com alegria. Pois a máquina, escrava obediente e disciplinada do homem, era também a filha do homem, que, em vez de gerá-la dentro de seu seio, criava-a com o poder de sua inteligência, a força de sua imaginação e a habilidade de suas mãos amestradas. E a máquina, filha do homem, não podia ser a inimiga do homem...

...

Mas Francisco não estava satisfeito intimamente e andava inquieto. Teresinha, desde o dia do aniversário, e em que falhara à entrevista e se desculpava dizendo que tivera de ir ver uma colega doente, começava a parecer-lhe um pouco distante dele e, mesmo nos passeios noturnos pela avenida iluminada, se mostrava muitas vezes distraída.

Lembrava-se mesmo de uma noite, que inexplicavelmente ficara bem gravada em sua memória. Eles iam passando, defronte do Babilônia. Francisco perguntou a Teresinha:

– Faz tempo que a gente não vem ao Babilônia. Teresinha estava olhando para o outro lado da rua e não respondeu.

Francisco insistiu:

– Faz tempo que a gente não vem ao Babilônia.

Então Teresinha ouviu. Mas estava absorta e não entendeu o que ele falava. E perguntou:

– Que é que você disse?

– Você não está prestando atenção...

– Eu estava vendo se conhecia aquela moça...

E não se preocupou em saber o que ele lhe perguntara. Aquilo era estranho, pois Teresinha fora sempre muito atenciosa e viva. O que havia de ser? Seria que o meio da Loja Americana estava parecendo a Teresinha muito melhor do que o meio operário do Braz? Estaria ela convencida de que era superior a um simples torneiro de uma fundição?

Com certa amargura, Francisco dobrou o torno e a ferramenta, chiando, começou a cortar fundamente o ferro do eixo, que ele estava retificando.

Da Seção de Montagem vinham repetidas e sonoras as batidas de martelos nas chapas de ferro.

...

À noite, caiu sobre a cidade a garoa. A avenida Rangel Pestana ficou como se fosse uma estranha avenida de sonho. As luzes se dissolviam no cinzento da bruma e um cheiro ativo, o cheiro característico trazido pela garoa paulistana, enchia a cidade, em que as distâncias haviam desaparecido, as casas tinham perdido os contornos e os vultos sumiam no nevoeiro, mal despontavam...

## XVI

– Precisamos botar o Joãozinho na escola, Margarida.

– Precisamos mesmo. Ele agora já está bom e forte. Mas será que ele pode entrar no meio do ano?

– Não sei. Depois da janta, vou perguntar ali na escola da rua Piratininga.

– Por mim eu punha ele na Escola do Parque D. Pedro. No sábado fui lá com o Joãozinho. Só você vendo que beleza que é a escola! Fica ao ar livre e as crianças usam só um calçãozinho vermelho. Tem uma professora de óculos, muito simpática. Mas ela não ensina muito, não. O mais do tempo é ginástica, jogo e brinquedos. Tem uma porção de balanços e gangorras, um negócio para escorregar...

– E quanto será que precisa pagar?

– Não paga nada: é do Governo.

– Então por que você mesmo não pergunta lá?

– É, vou perguntar. O diabo é que daqui até lá é longe para o menino ir sozinho.

– Acostuma logo. Depois, ele precisa aprender a andar sozinho na cidade, não, nego?

E olhou para o Joãozinho. O menino comia com apetite, com a cara engordurada, e não respondeu. Vicente sorriu um sorriso mole de ternura e ficou contemplando silenciosamente o menino comer. Não sabia por que, mas lhe dava um dó sempre que via alguém comer, principalmente quando era uma criança. O operário não podia analisar a razão daquele dó, mas confusamente sentia que aquela piedade vinha do fato de verificar quanto é frágil uma criatura humana, que precisa comer e beber. E é por isso que todas as pessoas, especialmente as crianças, quando comem, têm um ar tão humilde, tão mesquinho...

Francisco jantou em silêncio. Andava cada vez mais preocupado com Teresinha, que cada dia era mais estranha. Parecia agora que evitava o namorado. Logo agora que ele já podia pensar em casar, porque o que ganhava era somente para si e chegava... Que azar!...

...

Francisco acabou de jantar, vestiu o paletó, acendeu um cigarro e saiu, encaminhando-se para a rua Piratininga, cuja esquina dobrou, rumando para a avenida. Ao passar pela tinturaria do Caldas, o tintureiro estava sentado escutando com recolhimento o rádio cantar. Francisco parou e cumprimentou o outro:

– Como vai, Caldas?

O tintureiro ergueu os olhos e deu com Francisco.

– Oh, diabo! Preciso falar com você.

Francisco entrou na saleta. Caldas desligou o rádio e se aproximou do outro.

– Preciso muito falar com você.

– Você já disse. O que é?

Caldas olhou ao seu redor, para certificar-se de que estavam sós, ou para disfarçar seu enleio. Mas, vencendo-se rapidamente, disse:

– Olhe, Francisco, eu sou seu amigo há muitos anos...

– Eu sei disso. Também sou seu amigo.

– É que a gente tem obrigação de contar aos amigos certas coisas que eles precisam saber... Não quero que você leve a mal o que vou dizer, mas é para o seu bem.

Francisco já estava preocupado com tanta explicação.

– Mas o que aconteceu?

– Aconteceu que eu hoje estive na cidade, à tarde, e vi seu Osvaldo saindo duma leiteria do centro, junto com a Teresinha...

Francisco empalideceu. A notícia era aterradora e significativa, não só porque se tratava de hora escolhida para os encontros amorosos, como porque a companhia de Osvaldo só por si já dizia tudo. Depois, o fato, isoladamente de grande significação, se agravara com a circunstância de Teresinha estar ultimamente fugindo dele. A princípio ele pensara que seria coincidência e aceitara com facilidade as explicações da namorada. Mais tarde, porém, como já estavam sendo frequentes os desencontros, ele começara a desconfiar que era uma esquivança deliberada.

Francisco ficou absorto, olhando feito bobo a cara do Caldas, tingida de vermelho pelo reflexo de um anúncio luminoso que vinha do outro lado da rua. E pensava, e pensava, e pensava...

Caldas começou a sentir-se mal com o silêncio impressionante de Francisco e falou:

– Não foi por mal que eu te contei. Acho que você deve saber, para não fazer papel de “trouxa”...

Francisco não ouvia. Continuava pensando que bem ele prevenira Teresinha para que não fosse trabalhar na Loja Americana. Bem sabia ele que certos empregos são perigosos para moças, principalmente da classe operária... E amargamente considerava que não fora ouvido, nem atendido, e que Teresinha procedera tal como lhe dera na telha e como se fosse inteiramente livre e desobrigada de dar satisfações a ninguém.



Sim, decerto que ela era livre. Uma moça solteira, mesmo que seja noiva, não tem de obedecer a ninguém... Também, o mundo está tão esquisito que hoje não são todas as casadas que dão satisfação aos maridos!...

E agora Francisco se lembrava de fatos acontecidos em épocas diferentes e aos quais ele então não dera nenhuma importância. Por mais de uma vez Teresinha lhe dissera que achava Osvaldo muito simpático. Outra vez, diante do Babilônia, Francisco lhe perguntara qualquer coisa e ela não respondera, pois estava distraidamente olhando alguém do outro lado da rua. Disse que era uma moça que ela procurava reconhecer. Agora, ele se lembrava de que, olhando, também, vira seu Osvaldo, parado diante de uma vitrina, também olhando para Teresinha. E quem sabe se outras vezes que ele não percebera, longe do Braz, na cidade, ou quem sabe onde, e quando, e de que modo?

E se havia qualquer coisa com Osvaldo, também podia haver com outros. Teresinha era jovem, bonita e tinha um belo corpo. Não faltariam homens, e homens ricos, que olhassem para ela e por ela sentissem veementes desejos.

Os homens são todos sempre conquistadores. A questão é acharem mulher disposta a se entregar. E Teresinha já uma vez lhe dissera que um corpo de mulher pobre ou rica é a mesma coisa, desde que seja bonito. Não, não é a mesma coisa; a mulher pobre pode ser mais fácil, porque, às vezes, ela é tentada pelo dinheiro, por joias, vestidos e perfumes. E por falar em vestidos, ele se lembrou também de que, um dia diante de uma vitrina, Teresinha ficara extasiada contemplando umas calças e combinações de *jersey* cor-de-rosa e dissera que para ter aquilo precisaria não ser operária... Também, as vitrinas das lojas estão cheias de roupas tão lindas, tão macias, que são mesmo uma tentação para a cabecinha fraca das mulheres de pouco juízo!...

No Braz, Teresinha estaria mais longe do perigo, porque ali todos eram pobres e todos tinham que trabalhar o dia inteiro, sem tempo para pensar no amor. Mas, no centro da cidade, cheio de homens com dinheiro e sem ocupações, prontos para oferecer um vestido de presente, ou um chá numa confeitaria chique, sempre a dois passos de um hotel, desses que recebem casais, o perigo era mesmo terrível.

A pobreza, decerto, tinha culpa de muita coisa, mas não de tudo. Muitas vezes a pobreza é uma desculpa. Não estava ali a dois passos

de sua casa, naquela mesma rua de operários, a Cristina, tão operária como fora Teresinha e tão formosa como ela, trabalhando seriamente para ajudar a família, mas sem pensar em lojas do centro, calças de seda e outras coisas de mulher rica?

Francisco, de repente, porém, se lembrou de que o Caldas era o sujeito mais mentiroso do Braz. Não seria uma mentira? Teve um alento de esperança e perguntou ao outro cruamente:

– Isso não é mentira sua, Caldas?

Caldas sentiu um alívio imenso com o rompimento do silêncio, ainda que a pergunta fosse um tanto ofensiva. E respondeu com desafogo:

– Não é. Juro por Deus que não é mentira!

– Você prova?

– Provar, não provo, porque eu estava sozinho. Mas juro que vi, com estes dois olhos...

Francisco recaiu em suas amargas reflexões. Era duro, se fosse verdade. Podia ser e decerto era verdade, porque o mentiroso nem sempre mente... Era uma dor, a tal dor que devem sentir os maridos enganados...

– Caldas, você me faz um favor?

– Faça. Qual é?

– Não conte para nenhum conhecido que você viu a Teresinha com seu Osvaldo.

– Juro que não contarei.

E Francisco foi andando num desalento horrível ao longo da rua Piratininga. Ia devagar, com passos pesados, sentindo, acompanhá-lo, o olhar do Caldas, que podia ser de piedade, mas também podia ser de troça... Foi andando, foi andando e chegou à avenida. Na esquina, havia um bar. E o rádio, dentro do bar, cantava aquela canção em espanhol citada pelo Caldas quando Diego matou a mulher: “El que tenga un amor, que lo cuide, que lo cuide...”

Francisco ouviu o conselho da canção e sentiu um gosto amargo na boca. Lembrou-se do Diego, de Mercedes e de seu Osvaldo. Sempre aquele homem haveria de se meter entre os casais. Que bandido!

Francisco foi andando. Cruzou a rua Piratininga. O Grupo Escolar Romão Puiggari tinha as janelas do andar térreo iluminadas. Funcionava ali um curso noturno. E ele pensou que os alunos do curso

estavam diante de seus livros e cadernos, serenamente aplicados no estudo sem pensar em amor, traição e ciúme.

Foi andando, até a esquina da rua Domingos Paiva e parou, como sempre à espera de Teresinha. Mas naquela noite a espera era diferente. A esquina lhe parecia um deserto. Gente que passava, ele não a via. Veículos, se rodavam por ali, ele não os percebia. Até os trens da Inglesa, que vinham bufando de Santos ou da Luz, também ele não os via. Ao redor, parecia que havia gelo, frieza, solidão, uma coisa inexplicável, que lhe pesava insuportavelmente no fundo da alma.

O relógio iluminado da Estação do Norte apontava tranquilamente oito horas e quinze minutos. E o relógio parecia ser a cara de um ser estranho, que não era gente, mas era malicioso como gente, pois tinha um aspecto sardônico.

Francisco olhava a avenida, no seu movimento e no seu rumor de todas as noites. Rapazes passavam rindo, fumando e conversando. Moças, às duas e às três, ou casaizinhos apaixonados, iam e vinham pelo passeio largo, cruzavam a via férrea, passavam do outro lado e se confundiam no movimento de gente para lá do largo da Concórdia. O rapaz olhava o relógio da Estação. Oito e meia, oito e três quartos, nove horas.

Teresinha não viria mais. Não havia motivo para continuar esperando. Francisco então, sem refletir muito bem no que fazia, encaminhou-se para a casa da namorada.

A porta estava entreaberta e a sala escura. A sombra de uma árvore do passeio se projetava na parede da casa e trepava até o beiral. Francisco teve um lampejo de esperança. Talvez Teresinha estivesse lá dentro enferma ou com alguma companheira. Bateu nervosamente com os nós dos dedos.

Um andar pesado veio do fundo da casa, e apareceu na penumbra da sala um vulto de homem com o uniforme azul-marinho da Light. O homem parou, ergueu os braços para a lâmpada elétrica, pendente no centro do aposento, moveu a chave do soquete, que deu um estalido seco. A sala se iluminou e seu Antônio reconheceu Francisco.

– Entra, rapaz.

Francisco perguntou de fora:

– Teresinha está?

O português não respondeu logo. Puxou duas cadeiras, que rodeavam uma mesa no canto da sala e repetiu.

– Entra, Francisco.

Francisco entrou.

– Sente-se.

– A Teresinha...

– A Teresinha não está. Nunca mais estará...

– Como?

– Digo-lhe que nunca mais estará nesta casa...

– Por quê?

– Porque fugiu. Abandonou-nos, quando alcançou um emprego melhor. Imitou o exemplo do vadio do irmão, que também nos deixou por essas coisas de futebol.

– Mas, a Teresinha então...

– Mandou-me apenas um recado que ia morar num apartamento da avenida São João.

– Mas o emprego dá para isso?

– Lá isso é que não sei. Ela se arranjou de algum modo...

Francisco teve um ódio surdo daquele pai que falava coisas assim de sua própria filha, com tamanha indiferença. E então para ver como era a cara que ele fazia, levantou a cabeça e fitou o homem.

O português tinha os olhos inundados de lágrimas e o olhar fixamente voltado para um ponto invisível. Francisco quis dizer qualquer coisa, mas também não pôde, pois um nó doloroso se fizera em sua garganta. E os dois homens, atingidos pelo mesmo golpe, se bem que em diferentes sentimentos, ali ficaram largo tempo calados, um ao lado do outro.

Foi seu Antônio quem cortou o silêncio:

– Pois é assim, Francisco. Um homem cria os seus filhos com amor e carinho e quando eles crescem esquecem a casa dos pais e fogem. Manuel no ano passado, para o futebol, Teresinha, agora, não sei para onde...

– Mas que coisa! – murmurou Francisco estupidamente.

– Eu me acho com alguma culpa. Afinal, não devia ter deixado Teresinha largar a fábrica. Se ela estivesse cá na Tecelagem, haveria menos ocasiões para essas coisas. Mas, também, eu vim para enriquecer no Brasil, como tantos patrícios de sorte, e em aqui chegando não consegui passar de motorneiro de bonde, uma profissão que mal dá para

comer. Achei que a minha filha, moça, bonita e esperta, merecia mais do que ser operária de fábrica de tecidos e deixei-a ir para a cidade... Agora, não há mais remédio.

O silêncio de novo caiu sobre os dois. Ouviu-se de longe o rumor confuso da avenida, ainda naquela hora, cheia do seu grande movimento de rodas. Trens da Inglesa passavam ali perto e cada comboio fazia estremecer a casa com a sua passagem e abalava os vidros com o apito agudo das locomotivas.

– Não sei o que Teresinha pensava de ti...

– Creio que ela gostava de mim.

– Eu pensava que tu serias um bom marido. Tu não bebes, não jogas, não perdes dia de trabalho. E tens futuro na fábrica, que eu sei. Pois ela não quis nada disso...

– É que decerto não gostava de mim, como eu pensava.

– Olhe, Francisco, o mundo de hoje está difícil para os pobres. Não pela vida cara, porque a vida foi sempre cara e difícil para quem ganha pouco. Mas é que a indústria fabrica hoje tanta coisa bonita!... Mulher moça gosta de coisas bonitas e os homens de dinheiro bem sabem disso. E pelo luxo, pelo gosto de vestir bem, elas vão trocando sua vida...

Francisco não disse nada. E seu Antônio continuou:

– Eu não sei se isto está certo ou errado. Mas parece-me que o Governo devia proibir o luxo, porque assim as raparigas pobres não teriam pelo que cair. Porque se isto continuar assim, daqui a uns tempos os ricos, só com bobagens vistosas, nos tomarão todas as mulheres, as melhores e as mais formosas...

Francisco voltou a pensar em Cristina pela segunda vez naquele dia. Aquela era das boas, era das melhores e das mais formosas. E ninguém a tinha seduzido ainda. Não seria a coisa, talvez, um sinal de fraqueza de algumas? Não seria que essas que se entregavam por calcinhas de *jersey*, por perfumes e sedas, também se entregariam por nada?

Seu Antônio continuava se queixando:

– Com o rapaz, foi a mesma coisa. Ele ia indo tão bem na Fundação! Já estava ganhando oitocentos réis por hora... Para a idade dele, servia. É assim que se começa. Depois estava numa boa fábrica e com muito futuro. Poderia fazer carreira, por que é inteligente. Entretanto, esses vagabundos do futebol o tiraram de lá... Eu compreendo que o futebol é mais bonito e atraente do que trabalhar numa oficina, sujo de pó de ferro,

de carvão e de graxa. Mas jogar futebol então é meio de vida? E quando ele estiver velho e cansado que não possa mais correr atrás de bolas? Essa gente que aos domingos vai aplaudi-lo no campo, esses homens de jornal e de rádio que hoje publicam retratos dele e pedem entrevistas e vêm dizendo e escrevendo que ele é um grande jogador, virão aqui para lhe perguntar se precisa de dinheiro? O operário hoje tem garantias. O Instituto de Aposentadoria lhe paga uma pensão quando não puder mais trabalhar. E o futebol?

Francisco ainda somente pensava em Teresinha. Mas para o pai a perda dos dois era igualmente dolorosa, porque ambos os filhos estavam irremediavelmente sacrificando o próprio futuro.

– Para Manuel eu disse tudo isso, mas ele não me ouviu. Nem Teresinha, tampouco. É uma desgraça pensar que ninguém neste mundo aprende com a experiência dos outros. O que adianta aos pais aprenderem duramente com a vida, se eles não podem fazer com que seus próprios filhos aproveitem as lições que colheram?... Aqui estou agora tal como comecei com minha mulher. De novo estamos sozinhos nós dois...

E o português se pôs a chorar com ruído. Francisco viu que nada mais tinha a fazer ali, senão aumentar sua própria aflição e fazer mais fundamente pesar o sofrimento do pobre homem. Levantou-se e despediu-se:

– Então, seu Antônio, adeus!

O motorneiro se levantou e abraçou Francisco.

– Adeus, meu rapaz. Não me queira mal, nunca. Não serei teu sogro, mas não por falta de vontade minha...

Francisco, sem querer falar com a mulher do motorneiro, saiu e foi andando vagarosamente para a avenida. Lembrava-se da noite do seu aniversário, quando viera ali procurar Teresinha e, pela primeira vez, não a encontrara. Decerto já então ela andava pela cidade... Naquela noite, ele tivera um triste pressentimento a apertar-lhe o coração, mas não pensara que seria tão grande sua desgraça, nem que seria tão cedo...

O barulho ia se aproximando. Bondes passavam rapidamente na avenida, que constituía o fundo da rua. E o passeio já estava deserto às nove e meia da noite, porque no bairro operário toda a gente se deita cedo para desde cedo começar a trabalhar. Tarde somente se deita quem pode se levantar tarde. Por isso é que os apartamentos da avenida São João têm janelas abertas, em vigílias de amor, até madrugada alta...

Estava começando a garoa. Já a avenida para os lados do Parque D. Pedro quase não se podia ver. As casas estavam empastadas e as luzes se dissolviam em halos cor de cinza, como se fossem luzes de sonho. Lá embaixo, onde a bruma era mais forte, corria mansamente o Tamanduateí, dentro do seu canal de cimento, espelhando os ramos verdes dos salgueiros, ternamente pendidos sobre a superfície da corrente. Era o Tamanduateí, o riozinho que dividia a cidade e o Braz em dois mundos diferentes, que Teresinha acabara de atravessar. E atravessara-o definitivamente.

## XVII

Agosto novamente voltara nas flores de ipê, que surgiam como ramalhetes de ouro cintilando sobre a folhagem verde do Parque D. Pedro. Alguns plátanos estavam ainda despídos de folhas. Os choupos tinham as folhas sardentas de ferrugem. E no céu o fumo azul das queimadas de roças no interior escondia o firmamento e o sol.

Joãozinho estava matriculado na Escola do Parque D. Pedro e andava agora garridamente vestido com um calçãozinho vermelho. D. Margarida, nos primeiros dias, ia levá-lo à escola, até que o menino aprendeu bem o caminho, perdeu o medo e começou a ir por conta e risco de sua própria cabecinha, que começava a se encher de letras e algarismos.

...

Francisco, sentindo o coração ainda ulcerado pelo golpe, se refugiou decididamente no trabalho da fábrica.

O invento de Vicente estava no fim. Faltavam somente três ou quatro peças que fora necessário fundir de novo, porque se descobrira que em seu primitivo feitio não funcionavam bem. E o descarçador modificado, semana a semana, se ia completando num canto do pavilhão de montagem.

A fábrica concluía seu novo pavilhão. Duas das novas fresas já estavam funcionando. E os caminhões abarrotados de lingotes de ferro-gusa, sucata, cantoneiras, eixos e chapas cada dia entravam em maior quantidade pelos portões da fábrica, e pelos mesmos portões, dia após

dia, saíam mais caminhões levando para entregar novas encomendas – descaroadores, turbinas, prensas, bombas, máquinas que em outra parte, na Capital, no interior do Estado e em rincões longínquos do país, iam ser montadas e, por sua vez, produzir utilidades e criar riquezas.

As marteladas sonoras em chapas de ferro continuavam a reboar dentro do pavilhão da Seção de Montagem. O forno Coubillot, duas vezes por semana, reduzia cargas e mais cargas de ferro-gusa e sucata a um líquido vermelho, que era vertido em fôrmas e, no dia seguinte, das fôrmas saía em feitio de rodas, cabeçotes, polias, anéis, mancais, tambores, êmbolos, eixos, que se encaminhavam para a rebarbação, depois para a tornearia e por fim eram coordenados em máquinas completas na Seção de Montagem. A galga continuava moendo terra para as fôrmas, com as duas rodas perpetuamente correndo uma atrás da outra sem jamais se alcançarem. E os soldados prosseguiram costurando chapas de ferro, com seus esguichos de fogo azul, que saíam sibilando da boca incendiada dos maçaricos.

...

Francisco estava ocupado em retificar um êmbolo de prensa e acompanhava o lento movimento do torno que ia vagarosamente desbastando o ferro. De tempo em tempo, parava a máquina, tomava medidas, acertava a ferramenta e começava o passo seguinte do desbaste. E o torno, como se fosse um ser pensante, ia executando disciplinadamente o seu trabalho.

O torneiro, embevecido na sua obra, com o pensamento pouco a pouco se libertando da recordação de Teresinha, começou a perceber que havia uma ligação entre a pessoa dele e a máquina, que funcionava ao comando de suas mãos. Somente então começou a reparar que as máquinas, uma vez parada a oficina, no fim da jornada, pareciam simples ferragens negras, cobertas de limalha, jazendo em seus lugares, sem expressão e sem vida. Mas aquelas mesmas máquinas, quando acionadas pela eletricidade e guiadas pelas mãos do homem, se transformavam. As plainas limadoras estremeciam, as fresas tinham estranhos gemidos que pareciam vir do ferro ao ser cortado pelo gume de aço dos mandris. As chapas estremeciam à penetração das brocas das perfuradoras, que



iam fazendo buraquinhos no metal. Os tornos murmuravam uma espécie de cantilena monótona, enquanto a ferramenta ia cortando o metal excedente das medidas. E os esmeris, jorrando estilhas de ferro incendiadas como centelhas, positivamente davam verdadeiros gritos como se fossem de dor e sofrimento.

E Francisco, enquanto esperava pacientemente terminar o passo da ferramenta, se pôs a contemplar os companheiros da Seção de Tornearia.

Um deles cortava os lados de um parafuso. Outro retificava um eixo, molhando-o de tempo em tempo com o líquido esbranquiçado do óleo misturado com água. Outro limava uma superfície, tirando do metal verdadeiros guinchos. Outro cavava roscas numa arruela. Finalmente ainda outro abria dentes de engrenagem num disco de ferro. E então começou Francisco a reparar que cada operário com sua máquina constituía um só organismo, estranhamente composto de carne, osso, pano e ferro, e que aquele organismo tinha membros e seus membros harmoniosamente se moviam. Os movimentos das rodas, das alavancas, dos eixos, das bielas, das engrenagens, eram intimamente coordenados com os movimentos das mãos do operário, soltando as alavancas, dobrando os tornos, acionando os manípulos, empurrando as ferramentas, guiando as brocas.

E notou mais. Notou, nos outros, aquilo que já havia reparado em si mesmo – que o operário, ao terminar uma peça, contemplava-a com atenção, com enlevo, quase com amor. Conferia suas medidas, verificava-lhe todas as características e tinha no semblante um rápido estremecimento de orgulho. Aquele pedaço de ferro, que viera tosco e imperfeito da rebarbação, se transformara numa peça para máquina, numa peça que iria garantir o funcionamento de um maquinismo, montado para produzir riqueza ou conforto. E o operário tinha um gesto de orgulho ao ver concluída pelas suas mãos, que captavam a força formidável da máquina, a peça, que era uma criação sua, da habilidade de seus dedos, da inteligência de seu cérebro. Cada peça terminada mostrava ao operário que ele era um criador, que realizava todas as suas obras no ferro duro e negro.

Aquele trabalho de tornearia era a fusão do homem com a máquina. O homem fazia sozinho tudo aquilo, mas em que tempo e com que esforço! No passado, fizera-o com os seus músculos, mas o passado,

felizmente, passara! Com a máquina, acionada pela eletricidade, o trabalho, embora sujo e requerendo atenção concentrada, não consumia totalmente as forças físicas do homem.

Sim, a máquina era a escrava do operário, como dissera aquele homem, numa certa noite, trepado num caixão, no largo da Concórdia. A máquina era a escrava do operário, sua companheira, a outra parte do seu próprio ser, a parte inconsciente e que realizava as tarefas mais pesadas.

E Francisco só então claramente percebeu por que motivo muitos operários relutavam tanto em mudar de máquina. Cada um tinha a sua fresa, o seu torno, a sua plaina favorita. É que com o correr dos dias e a realização de tarefas, mais ou menos difíceis, cada um ia se identificando com a sua máquina, compreendendo-lhe todas as peculiaridades, querendo-lhe bem, quase tanto como se quer bem à esposa ou à amante...

...

Os ventiladores roncavam surdamente em seu cubículo reservado. Caminhões pesados entravam no pátio e saíam dos portões largos da fábrica. As correias tatalavam continuamente, os foles que alimentavam as forjas resfolegavam com um ritmo de asma sufocante. Os motores zumbiam em cima de seus pedestais de cimento. Polias giravam e os volantes pesadamente rodavam, marcando o compasso da velocidade. A solda, aquela chamazinha de fogo azul, saindo do bico esbranquiçado dos maçaricos, esfuziava sobre as chapas de ferro. E da Seção de Montagem vinham repetidas e sonoras as batidas de martelos nas chapas de ferro.

...

– Francisco, amanhã vamos fundir a última peça do conjunto – disse Vicente, aproximando-se.

– Vai muito bem a coisa, não?

– O Ítalo me disse que, se o negócio der certo, a gerência da Fundição vai dar um prêmio a nós dois.

Francisco pensou amargamente que há três meses antes um prêmio lhe traria contentamento, pois significava dinheiro acumulado para casar. Mas agora...

Estavam quase no fim do dia. Já havia luz elétrica acesa nos pavilhões. Os operários se preparavam para deixar o trabalho. Muitos varriam os pés de suas máquinas, amontoando as sobras de metal caído nas operações de desbaste, para que no dia seguinte os homens da Turma de Carregamento viessem arrecadá-las em carrinhos de ferro, para serem fundidas de novo. Com longas mangueiras de borracha, terminadas em revólveres de ar comprimido, limpavam as máquinas do pó de ferro ali depositado pelo trabalho do dia. Prendiam-se nas paredes as pontas de corrente dos guinchos para transporte das peças pesadas. O homem da forja apagava suas brasas. Uma ou outra máquina parava. Os operários, com estopa embebida em gasolina, iam vagarosamente limpando a sujeira dos braços, ali grudada com óleo e graxa.

Um silvo prolongado anunciou, finalmente, a terminação da jornada. Os operários foram parando suas máquinas e desligando os motores. As rodas que giravam e as correias que pulavam freneticamente foram pouco a pouco se imobilizando. Os homens, com ar fatigado, iam abandonando o pavilhão, em busca de seus paletós e bolsas de couro em que traziam o almoço.

Finalmente, polias paradas, rodas imóveis, correias tranquilas, pendendo molemente das transmissões, um amplo silêncio caiu sobre a fábrica deserta. E as máquinas, que até há pouco eram como seres viventes, pareciam inexpressivos blocos negros de ferro, com suas estranhas rodas paradas, alavancas imóveis, engrenagens travadas. É que lhes faltava agora a mão hábil e inteligente do operário para fazê-las viver a sua estranha e intensa existência.

...

A noite tinha a ternura macia das noites de agosto. A fumaça das queimadas de matas no interior descera até o Braz e azulava a luz das lâmpadas elétricas. Do recesso escuro dos quintais, saía o perfume caricioso das flores de mangueira, que embalsamava toda a cidade.

No jantar Vicente contou:

- O Ítalo vai se aposentar na semana que vem.
- Já?! - exclamou D. Margarida. - Quantos anos tem ele?
- Não brinca; tem bastante! Mas não é pela idade - é por doença.

– Coitado! Que ele tem?

– O médico da fábrica disse que é do peito.

– E vai receber bastante por mês?

– Não sei não. Ele já foi no Instituto, mas parece que a moça não explicou bem, ou ele entendeu mal. Ele falou que vai tirar uns duzentos mil réis por mês.

– É pouco...

– Pouco é, mas são muitas pessoas na casa trabalhando. Os filhos estão todos empregados. Um é tecelão, outro trabalha na Metalúrgica. O mais novo trabalha numa loja de calçados na cidade. É o que ganha menos, mas, em todo caso, está num serviço mais limpo e mais leve. As filhas também trabalham. De maneira que a pensão é só para ele. Olha que já é uma grande coisa essa pensão! Quando é que a gente antigamente havia de sonhar com uma coisa assim?

– Se o Bernardo tivesse tido uma pensão... – disse D. Margarida, cortando um pedaço de pão para o Joãozinho. E não completou a frase.

– Eu tinha casado há muito tempo – disse Francisco, que até ali se mantivera calado, pensando coisas.

– É mesmo. Mas quem sabe se não tinha feito uma burrada... Afinal aquela sua namorada não tinha muito juízo...

– Quem sabe? Se tivesse casado, podia ser que ela não fizesse o que fez.

– Qual! Pau que nasce torto...

E Vicente interrompeu a frase. Acabou de beber a xícara de café e prosseguiu:

– Quem sabe se a sua sorte não será casar com a Cristina?

Francisco ficou pensando, com o olhar vago. D. Margarida disse:

– Seria uma boa coisa! É uma moça séria, trabalhadora...

– E bonita, como o diabo! – exclamou Vicente.

Francisco sorriu e se levantou sem dizer nada.

...

Vestindo o paletó, Francisco acendeu o cigarro e saiu. Agora, depois da fuga de Teresinha, não tinha mais lugar certo para passear. Saía depois do jantar e, às vezes, ia ao Bilhar Universo, “sapear” o jogo, outras vezes ia trocar pernas à toa na avenida. Aos sábados, ia ao cinema.

Naquela noite não tinha nenhum plano e saiu indeciso. Ao chegar à esquina da rua Piratininga, topou inesperadamente com seu Osvaldo, que ia indo para a avenida. Francisco não se encontrara com o farmacêutico desde a fuga de Teresinha. Não pensara sequer em procurá-lo para um ajuste de contas. Aquilo tudo era tão sujo!... Mas, encontrando-o assim de chofre, o sangue subiu-lhe à cabeça rapidamente e o rapaz começou a enxergar tudo turvo em torno dele.

Do fundo de seu ser, subiu uma coisa inexprimível, que era como se fosse um ódio tremendo contra aquele homem, que andara passeando com a sua namorada.

Aquela coisa tapou-lhe a garganta e a inteligência. E Francisco passou a não ser mais responsável pelos seus atos.

Lembrou-se de que um dia um guarda-civil lhe dissera que, se tivesse de brigar com alguém, desse o primeiro golpe com a mão fechada, na ponta do nariz do adversário, para fazer dor de verdade. Francisco avançou rapidamente para o farmacêutico, fechou o punho direito e, antes que Osvaldo pudesse se defender, atirou-lhe um violentíssimo soco no lugar que o guarda indicara.

Osvaldo tonteou e caiu redondamente no chão, com a cara suja de sangue. Alguns homens acudiram e seguraram Francisco. Osvaldo levantou-se, com o auxílio dos outros, e teve um gesto de quem queria se atirar contra o operário. Mas seguraram-no e o foram levando para os lados da avenida.

Francisco ficou parado no mesmo lugar, rodeado de gente, que comentava o caso. E o operário não ouvia o que diziam. Mas sentia dentro de si um alívio imenso, assim como se houvessem retirado um peso de cima do seu peito. Era um contentamento íntimo, tão grande, que até a própria recordação de Teresinha também foi subitamente varrida de sua memória e ele se viu outro homem, sem compromissos com o passado, sem remorsos e, também, sem saudades.

E como que envolvido numa espécie de êxtase, sem prestar atenção ao ajuntamento que se formara, foi andando, andando, até que chegou à tinturaria do Caldas. Parou à porta. O tintureiro estava trabalhando, dentro da sala, com o rádio ligado.

– Ué, como vai, Francisco?

Francisco olhou demoradamente o amigo, puxou uma cadeira e sentou-se. Só então foi que falou:

– Sabe quem encontrei agora?  
 – Quem?  
 – Seu Osvaldo.  
 – E ele falou com você?  
 – Falou nada! Nem teve tempo...  
 – O que você fez?  
 – Assentei-lhe um soco em cheio na ponta do nariz, que voou sangue. Ele não aguentou e caiu...  
 – Papagaio! Que coisa bem feita!  
 – Foi um guarda-civil que me ensinou isso. E eu ensino a você. Um murro com a mão fechada na ponta do nariz é quase como um tiro. Não há quem fique em pé...

Caldas então começou a mentir!

– Um dia, em Bragança, eu briguei com um sujeito. Dei-lhe um soco no olho...

Francisco, aliviado e já sem nenhuma excitação da briga, não escutava a mentira do Caldas. Prestava ouvidos ao rádio, que tocava por acaso aquela valsa que diz assim: “Tres cosas valem en la vida: amor, salud e diñero...”

...

Passava de oito horas, quando Francisco saiu da tinturaria e rumou para a avenida. Logo depois da casa do Caldas, encontrou Cristina, que passeava sozinha, devagar, gozando a suavidade da noite.

– Boa noite, belezinha!

Cristina não gostou da liberdade. E respondeu seriamente:

– Como vai, Francisco?

O rapaz percebeu o desagrado.

– Zangou?

– Não gosto de muita liberdade comigo...

Era a primeira vez que Cristina lhe falava daquele modo tão brusco. O que seria?

– Ué, gente, então não somos amigos?

– Somos, mas...

– Deixa de chiqué!

Cristina sorriu da expressão que não esperava. Estava desarmada. Francisco tornou:

- Que você está fazendo?
- Passeando...
- Posso passear junto?

Ela respondeu, sorrindo, mas com leve amargura no tom da voz:

- Agora que você não tem mais namorada, quer passear comigo...

Francisco ficou sem graça e sem assunto. Cristina, caridosamente socorreu-o:

- Não foi por mal; eu estou brincando com você. Vamos passear juntos...

Dobram a esquina e ficaram andando na avenida, da rua Piratininga até a porteira da Inglesa. E Francisco, ao chegar à esquina da rua Domingos Paiva, já não sentia nenhuma saudade, porque em verdade começara a esquecer Teresinha.

...

No dia em que o Ítalo deixou de ir à Fundição, correu também a notícia de que Diego fora absolvido pelo Júri, tinha ido embora para a Argentina. Eram, pois, dois chefes que se afastavam da fábrica e por isso havia curiosidade em saber quem os substituiria.

Logo pela manhã, Vicente foi chamado ao escritório. E na Seção de Tornearia ficaram todos imaginando as novidades. Daí a pouco Vicente regressou ao pavilhão e anunciou:

- De hoje em diante, o mestre geral da oficina sou eu. O chefe da Tornearia será o Estevam.

O húngaro, que trabalhava num torno, arregalou os olhos cor de cinza com aquela notícia para ele inesperada. E saiu voando para o escritório. Vicente chegou perto de Francisco e lhe disse, encostando-se no cabeçote do torno próximo:

- Agora passei a ganhar setecentos e cinquenta mil réis por mês e gratificação no fim do ano. E você foi aumentado para dois mil réis por hora.

- Não diga, tio!
- Agora você já pode casar.

- Casar com quem?
- Ora, com quem! Com a Cristina...

E Vicente saiu rindo. Francisco ficou absorto com suas ideias e esqueceu de mudar a ferramenta para novo passo. E a plaina ficou funcionando em seco, indo e vindo sobre o mesmo lugar, inutilmente.

### XVIII

Na Seção de Montagem, sonora pelo reboio das pancadas de martelos batidas em chapas de ferro, estavam dando as últimas marteladas no descaroçador do Vicente. Faltava, apenas, acabar de soldar uma peça para completar o conjunto. Já haviam puxado uma transmissão para ligar uma correia à roda motora da máquina, a fim de experimentá-la.

Um operário, de luvas enormes e de óculos, com a máscara de couro defendendo-lhe o rosto, ia soldando a peça com a solda elétrica. Aquela chamazinha azul e sibilante ia costurando o metal, fazendo saltar chispas que vinham bater de encontro à máscara. E o operário, impassível, sem pressa e com a atenção concentrada naquela luzinha azul, ia completando conscienciosamente o seu trabalho.

Vicente e Francisco estavam na Seção de Montagem ajudando as últimas demãos na máquina, que por ser de experiência ainda não tinha pintura. Apareciam suas madeiras sem disfarces e as chapas de ferro e de zinco tinham a sua cor natural.

Ângelo pedira que queria ser avisado da hora da experiência. A hora se aproximava e Vicente estava excitadíssimo. Francisco também estava nervoso. Ambos tinham agora situações de grande responsabilidade na fábrica e um possível malogro sempre acarretaria uma diminuição de prestígio. É verdade que as máquinas nem sempre saem como desejam seus idealizadores. Aquele conjunto mesmo por tantas vezes tivera de ser modificado que, afinal, se viesse a falhar, não seria vergonha. Mas, afinal, um fracasso é um fracasso.

O gerente da fábrica, que muitas vezes durante o dia percorria todos os pavilhões, olhando o serviço, queria ser avisado da experiência. Mas Vicente primeiramente desejava experimentar com o pessoal da seção, para depois mandar chamá-lo.



Finalmente, soldou-se a última peça e apertou-se o derradeiro parafuso. Estava pronta a máquina para funcionar. Vicente mandou chamar Ângelo. E os operários da Montagem largaram seu trabalho e começaram a se juntar nas proximidades, todos eles cheios de curiosidade para ver como a coisa funcionaria. Até um operário, que sofrera um acidente, ainda com um braço envolvido em gaze com cheiro de remédio, pousado numa tipóia de pano branco, e que viera fazer curativos no ambulatório da Fundação, também veio ver.

Quando tudo ficou pronto, Vicente mandou ligar a eletricidade. Foi Francisco quem puxou a chave provisória instalada numa tábua de peroba em meio de fios negros. O motor zuniu, a correia mexeu-se, a máquina estremeceu ligeiramente e começou a funcionar, com um barulho enorme da engrenagem, pés e serras.

Funcionou bem. Vicente desligou para olhar melhor. Mandou ligar de novo, para ver de perto. Os operários também se aproximaram e entre si trocavam comentários de entendidos.

Vicente desligou e mandou jogar no descarçador alguns sacos de algodão em rama que havia para aquele fim. Ligou novamente a máquina, a qual, trabalhando agora com material, começou a funcionar com rumor mais alto. Uma poeira branca e fina se levantava do maquinismo barulhento. E o algodão em pluma começou a descer numa faixa larga, tênue e alva, caindo como se fosse uma catarata, caindo, caindo, caindo.

Vicente, Ângelo, Francisco e os outros operários de maior categoria se aproximaram para examinar a pluma, que caía da máquina como se fosse uma baba de penugem. E o exame lhes demonstrou que o maquinismo funcionava satisfatoriamente, como se esperava.

Francisco foi buscar os caroços que a máquina expulsava do outro lado, com violência. E trouxe um punhado deles. Vicente e Ângelo examinaram com atenção os caroços com finíssimos fiapos de línter ainda neles grudados.

– É isto – disse Vicente. – O que eu queria era isto mesmo, deixar menos línter que fosse possível no caroço, porque o que fica nele é perdido... Não sei quanto representa o lucro que o descarçador vai trazer para os maquinismos de algodão. Mas o gerente falou que é muito grande. Agora, preciso chamar o gerente.

E Vicente saiu em pessoa, rumo ao escritório. O descaroador continuava funcionando, a pluma de algodão caía, caía, com baba, enquanto os caroços iam sendo violentamente expulsos.

O gerente chegou com o Vicente e ficou parado olhando a máquina.

– Aqui está o caroço, doutor.

O engenheiro, conhecedor do problema, pôs-se a olhar atentamente. Depois disse:

– Agora temos que medir a porcentagem de línter que ficou e comparar com a dos outros descaroadores. Parece que vai dar resultado...

Os operários começaram a dispersar-se lentamente. Dentro em pouco, a Seção de Montagem voltara a funcionar normalmente, com cada um diante de sua tarefa. Voltaram a reboar as sonoras pancadas de martelos batidas em chapas de ferro.

– Precisamos botar nome no descaroador, Vicente.

– É mesmo. Que nome será, doutor?

– Não sei, mas penso que Jaraguá é um bonito nome...

– É mesmo muito bonito.

– Concorda?

– Sim, senhor...

– Então, está batizado o Descaroador Jaraguá, invenção do nosso mestre Vicente.

E o gerente, sorrindo, estendeu a mão a Vicente:

– Toque aqui, meu velho! Com esta máquina creio que iremos longe.

Vicente sorriu acanhado. Limpou a mão calosa e negra de pó de ferro e graxa no macacão de zuarte azul e apertou a mão do engenheiro.

– Obrigado, doutor.

E os olhos de Vicente se umedeceram de emoção, mais por aquele aperto de mão do que pela própria e esplêndida façanha de haver aperfeiçoado uma máquina.

...

No jantar, Vicente convidou o Ângelo e beberam ruidosamente três garrafas de vinho toscano e comeram um quilo de nozes que haviam comprado na avenida.

Vicente estava contentíssimo. Chegara ao lugar mais alto da Fundação e ainda melhorara uma invenção mecânica. Agora ganhava mais. E para completar-lhe a felicidade, Joãozinho, que ele havia adotado num momento de piedade e sem muita esperança de criá-lo, estava um menino forte, corado e bonito.

Francisco jantou, bebeu vinho, vestiu o paletó, acendeu o cigarro e apressadamente foi saindo.

– Onde vai, rapaz? – perguntou Vicente.

– Vou ao cinema...

– Você precisa é casar, para ficar sossegado...

Francisco parou e olhou para Ângelo. Este olhava, também, para ele e sorria com simpatia. Francisco criou coragem e disse:

– Estou mesmo tratando disso...

E foi saindo.

– Genro simpático você vai arranjar, Ângelo – disse Vicente, pois o vinho já lhe amolecera a língua.

Ângelo, que, pelo mesmo vinho, também estava com a língua solta, falou:

– Eu gosto bem do Francisco. E principalmente por causa da Cristina, que gosta dele nem sei há quanto tempo. Mas ele tinha namorada e a coitada vivia chorando que dava dó... Descobri que eles estavam namorando porque a Cristina agora passa o tempo que está em casa cantando. E se não fosse pela Marta, coitada, que está separada do marido, eu podia me considerar um homem satisfeito da vida...

– Ora, Ângelo, deixa a Cristina que seja feliz. O destino da outra era diferente. A vida é mesmo assim. Cada um nasceu para uma coisa... Outro copo de vinho pelo casamento?

– Que vá!

E fizeram D. Margarida beber mais, e Vicente ainda deu ao Joãozinho um pouco de vinho com açúcar e água.

Francisco saiu e foi diretamente para a casa de Ângelo. Cristina estava à porta, pronta e à espera do rapaz, para irem ao cinema.

– Como vai, belezinha?

– Vou bem, Tarzan...

– Está pronta?

E Francisco pegou na mãozinha morena de Cristina e se encostou ao seu corpo morno.

– Que pele macia você tem, Cristina!

Ela olhou para ele com ternura e perguntou:

– Você gosta?

Ele apertou-lhe a mão.

– A que cinema vamos?

– Vamos ao Universo.

E quando iam indo, Francisco disse:

– Cristina, escuta.

E parou. Ela parou, também.

– O invento de tio Vicente deu bom resultado. Eu vou, também, ganhar um prêmio na fábrica. Você sabe que já estou ganhando mais do que no ano passado.

– Eu sei.

– Pois então...

E Francisco estava tão emocionado que não podia falar. Cristina, com seus grandes olhos verdes, sorria para ele e o animava a falar.

– Então, o quê?

– Eu pensei que você... Quem sabe se você...

– Que tem eu?

Francisco ficava cada vez mais engasgado. Cristina gozava aquele embaraço com malícia. Afinal, Francisco se decidiu e desembulhou:

– Você sabe que eu gosto de você... Sempre gostei...

– Eu também gosto de você.

– Então, o que falta?

– Para quê?

Ela riu e ele riu.

...

Quando passavam pelo largo da Concórdia, havia um ajuntamento.

– Vamos ver?

E os dois se aproximaram. Era o mesmo homem calvo e de óculos, que discursava, trepado num caixão.

– Ué! – exclamou Francisco –, esse homem sempre falava aqui aos domingos. Por que será que está falando hoje?

Cristina nunca vira o homem e permaneceu indiferente.

– Vamos ouvir, Cristina? Esse homem fala umas coisas bonitas.

Aproximaram-se. O homem já estava no fim do discurso. Mas os dois ainda puderam ouvir o resto da oração. Ele dizia:

– “... os operários brasileiros vêm obtendo regalias e direitos com que nossos pais nunca sonharam. A situação dos trabalhadores no Brasil era antigamente de completo abandono. Ninguém se lembrava de que era com o trabalho de suas mãos e o suor de seu rosto que o país caminhava. Não havia limite de horas de trabalho, nem salário mínimo e menos ainda estabilidade no emprego. Os operários trabalhavam quanto os patrões exigiam e ganhavam o que os patrões lhes queriam pagar. Nesse regime, era impossível melhorar as condições de vida do operariado, porque nenhum patrão, por mais generoso e amigo de seus empregados que fosse, poderia modificar a situação. O problema era daqueles que somente o Governo conseguiria resolver, porque teria de fazer uma reforma impessoal, abrangendo todos os trabalhadores coletivamente...”

Francisco apoiou seu braço contra o seio de Cristina e encostou-se mais ao corpo dela. A jovem ergueu os olhos para o companheiro e sorriu enlevada. Ele sorriu, também, e disse baixinho:

– Vamos escutar mais.

O homem continuava:

– “... desde que o problema atingiu a milhares de pessoas, toda e qualquer medida isolada seria inútil. A reforma devia ser geral e completa, como veio, dando iguais e definidos direitos a todos. Isto, afinal, é apenas o começo. Ainda há um longo caminho a percorrer, pois muito falta fazer pela educação dos operários, que muitíssimo têm que aprender. Felizmente, estamos na boa direção e, desde que o Governo já reconhece o direito dos que trabalham, iremos ainda mais longe, na conquista da justiça social. Mas isto que no Brasil é uma esplêndida

realidade, em muitas partes do mundo nem sequer existe. Nações mais velhas, civilizadas e ricas não compreenderam a necessidade de amparar seus trabalhadores, procurando elevar seu espírito e melhorar as condições de sua existência, por uma melhor e mais justa distribuição dos bens da terra. E é por isso que nações possuidoras de riquezas suficientes para serem repartidas por todos estão agora sofrendo o sobressalto, a inquietação, a dolorosa angústia dos problemas sociais, que elas não sabem como resolver, sem perda de sangue e sacrifício de vidas. É porque nesses países a pobreza gerou o descontentamento, o descontentamento gerou o ódio e o ódio está levando os homens a lutarem uns contra os outros. Entre nós, no Brasil, os operários já se sentem integrados na sociedade, com direitos líquidos e certos, para si e suas famílias, e por isso vivem contentes com o dia de hoje e tranquilos sobre o dia de amanhã. Bendita seja, pois, esta paz, que é propícia ao progresso da nação, à fraternidade entre os homens e à felicidade de todos.”

O homem acabou de falar e desceu do caixão. Os ouvintes foram se dispersando lentamente pelo largo. Francisco voltou-se para Cristina e sorriu. Ela sorriu para ele e olhou o relógio da Estação do Norte.

– Há tempo ainda de alcançarmos o começo da primeira fita.

...

Chovera na véspera. O céu estava claro e limpo. Uma lua redonda e branca iluminava a cidade, envolvendo-a em doçura. A avenida Rangel Pestana tumultuava em seu contínuo movimento de rodas. Bondes carregados de gente iam para a cidade ou voltavam da cidade. Grandes caminhões cobertos com encerados corriam velozmente nos dois sentidos.

Era setembro e no Parque D. Pedro um perfume indefinível, que vinha de certo da mistura do perfume de todas as flores desabrochadas, envolvia o jardim adormecido e se derramava pelas suas áreas desertas. Os hibiscos tinham flores variegadas pintalgando os maciços verdes. Os jacarandás juncavam os passeios de flores roxas. Os guapuruvus, também florescidos, eram grandes árvores salpicadas de estrelinhas douradas.

O Tamanduateí, correndo mansamente em seu canal de cimento, ia espelhando os ramos verdes dos salgueiros, ternamente debruçados

sobre a superfície da água corrente que a lua prateava. E o Tamanduateí, fluindo silenciosamente, separava a colina em que Anchieta, há quatrocentos anos, edificou uma igreja e abriu uma escola do Braz pardacento, que arrojava para os céus brancos de luar o fumo de suas fábricas, trabalhando noite e dia, no ritmo incansável de sua atividade, fecunda criadora de riqueza...

. . .

Quando eles passaram pela tinturaria do Caldas, o rádio estava tocando. E uma voz cheia, de homem, cantava em espanhol: “Ai, caramba, quanta felicidade!”.

Cristina ergueu os olhos para Francisco e disse:

– Até parece que é para nós que ele está cantando...

O rapaz recordou outras canções que ouvira daquele rádio em momentos de agonia. Mas, agora, caramba, quanta felicidade a vida lhe oferecia! Olhou para Cristina, sorriu e apertou-lhe carinhosamente o braço.

E os dois continuaram andando e entraram no tumulto incessante da avenida Rangel Pestana.

*FIM*

# **ANEXOS**



## Anexo 1

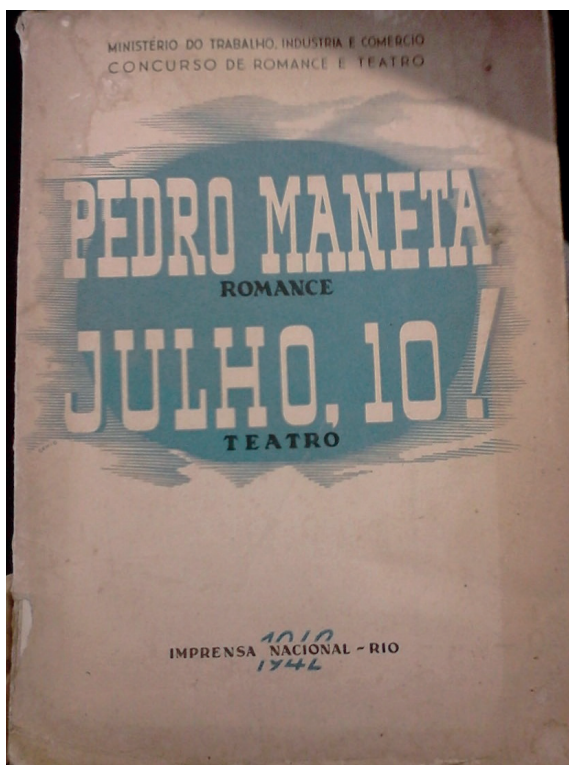
Capa original do romance *Fundição*



Fonte: arquivo do organizador.

## Anexo 2

Capa original do romance *Pedro Maneta* e da peça de teatro *Julho, 10!*



Fonte: arquivo do organizador.

# **SOBRE O ORGANIZADOR**

Adriano Luiz Duarte é professor de História do Brasil e História Contemporânea na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É autor dos livros *Cidadania e exclusão: Brasil 1937-1945* e *O direito à cidade: trabalhadores e cidadãos em São Paulo (1942-1953)* e de diversos artigos publicados no Brasil e no exterior que problematizam as décadas de 1930 a 1960 e têm como eixo temas relacionados ao mundo do trabalho e aos direitos de cidadania.

Este livro foi editorado com as fontes Minion Pro e Roboto.  
Publicado *on-line*: <[editora.ufsc.br/estante-aberta](http://editora.ufsc.br/estante-aberta)>

Em 1942, percebendo que a ditadura do Estado Novo estava com seus dias contados, o governo brasileiro inicia uma série de operações de aproximação com os trabalhadores, preparando as condições para o retorno das disputas eleitorais. Os concursos literários promovidos pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC), em 1942 e 1944, foram o primeiro ato dessa aproximação. Esperava-se que as obras refletissem o projeto de criação do homem novo, do homem do Estado nacional. A questão é: a literatura e o teatro respondem mansamente aos projetos políticos que tentam manipulá-los?

"O ESTADO DE S. PAULO"

— A situação dos exércitos aliados  
no Oriente Próximo e as perspectivas  
de uma guerra na península italiana

A situação dos exércitos aliados  
no Oriente Próximo e as perspectivas  
de uma guerra na península italiana



9 788532 808370